

Diego Andrade



A ORDEM

O limiar de um pesadelo



ARQUÉTIPO
EDITORA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

Parte 1

Terror

Capítulo 1

Garantias

Capítulo 2

Sangue

Sexta-feira, 17

Sábado

Domingo

Capítulo 3

Glenn Marshall

Capítulo 4

Incógnito convite

Capítulo 5

Teste

Capítulo 6

Sono e analgésicos

Capítulo 7

Iniciação

Capítulo 8

Informações

Capítulo 9

Pela culatra

Um plano em mente

Capítulo 10

Trabalho maldito

Capítulo 11

Jogada de mestre

Capítulo 12

Irmãos

Capítulo 13

Ternos e histórias

Capítulo 14

En passant

Capítulo 15

Azar de principiante

Capítulo 16

Forja

Parte 2

Conspiração

Capítulo 17

Palavras perigosas

Capítulo 18

Quem é você?

Capítulo 19

Choque de realidade

Capítulo 20

Excesso de confiança, falta de confiança

Capítulo 21

Mudança de hábito

Capítulo 22

Fome e sono

Capítulo 23

Incômodo

Capítulo 24

Confidencial

Capítulo 25

Pecados infames

Tateando no escuro

Capítulo 26

Culpa e inocência

Parte 3

Peões

Capítulo 27

Voo de risco

Capítulo 28

Reunindo-se

Capítulo 29

The case is a lie

Capítulo 30

Jogo de ladrões

Aplausos mortais

Pesadelo

Capítulo 31

A Chave

Capítulo 32

Encontro

Capítulo 33

Dados fracos

Capítulo 34

Redenção

Capítulo 35

Dois nomes e um segredo

Capítulo 36
Sobre trilhos

Parte 4

Profundo

Capítulo 37

Elisa

Capítulo 38

No inferno

Capítulo 39

Conflito

Capítulo 40

Homem de ferro

Capítulo 41

Quem procura, acha

Capítulo 42

Corra, Michael, corra!

Capítulo 43

Oásis em Nova York

Capítulo 44

O bom samaritano

Capítulo 45

Persuasão

Capítulo 46

Susto

Parte 5

Pandora

Capítulo 47

Try more deep

Capítulo 48

De um ponto a outro

Capítulo 49

O lado oculto

Capítulo 50

Mente brilhante

Capítulo 51

Expectativa

Capítulo 52

Desperta tu que dormes

Capítulo 53

Iguais

Capítulo 54

Mensagens subliminares

Capítulo 55

[Melodias dissonantes](#)

[Capítulo 56](#)

[Ligações perdidas](#)

[Capítulo 57](#)

[Médico e monstro](#)

[Parte 6](#)

[Decisões](#)

[Capítulo 58](#)

[Coincidências](#)

[Capítulo 59](#)

[Mãos vazias](#)

[Capítulo 60](#)

[Nada agora](#)

[Capítulo 61](#)

[Eu sei](#)

[Capítulo 62](#)

[Grandes e Pequenos](#)

[Capítulo 63](#)

[Desculpas inaudíveis](#)

[Capítulo 64](#)

[Inesperado](#)

[Capítulo 65](#)

[Consequências](#)

[A utopia de um fim](#)

[Apêndice](#)

[Stanford, Califórnia – 1946](#)

[Estados Unidos, 1946](#)

[Estados Unidos, 1952](#)

[Virgínia, 1957](#)

[Mais uma vez Virgínia, 1961](#)

[Inferno, Virgínia](#)

[Inferno que me aprisiona, 1965.](#)

[Hades, Inferno, 1969](#)

[Virgínia, 1974](#)

[Novas instalações da Virgínia, 1978](#)

[Islamabad, Paquistão, 1978](#)

[Virgínia, DARPA, 1978](#)

[Virgínia, DARPA, 1981](#)

[DARPA, 1981](#)

[DARPA, 1982](#)

[Considerações do autor](#)

A Ordem

O limiar de um pesadelo

Livro 1

Diego Andrade



www.arquetipoeditora.com

Dedico este primeiro trabalho à minha família, base de tudo o que sou e serei.

Agradeço
a Juliana, por seu apoio aos meus sonhos loucos;
ao Rafael, por crer em mim mesmo antes de mim.

O mundo é uma tragédia teatral,
só sabe a real verdade
quem está nos seus bastidores.

Parte 1

Terror

Antes de sentar-se, John ligou a TV. Refestelou-se no sofá com os braços abertos por cima do recosto, descansando os pés sobre a mesinha de centro, mesmo sabendo que sua esposa iria reclamar. O controle remoto já estava a postos em sua mão.

O canal sintonizado exibia um documentário sobre os muçulmanos e a vida no Iraque. “Bullshit!” reclamou, mudando para o próximo.

A primeira cena que apareceu era de pessoas usando roupas de banho discutindo numa cozinha. “Maldito Big Brother!” e pulou para outro canal.

Neste seguinte, via-se crianças pobres africanas, todas contando suas histórias de como os pais morreram e a dificuldade que passavam, até que o bom milionário dos Estados Unidos apareceu para ajuda-las. “Finalmente alguma coisa boa...” pensou, e continuou assistindo. Na cena seguinte, aparecia o bom homem, sendo entrevistado. “...e então eu entendi porque havia ganho o meu dinheiro. Agora estou satisfeito pelo que fiz a essas dez crianças.” O entrevistador perguntou-lhe: é verdade que você pretende se candidatar na próxima...” Zap! Próximo canal...

Um outro documentário mostrava os países mais afetados pelo terrorismo. “Não pode ser...!” exclamou. Próximo canal.

Um apresentador mostrava diversos produtos revolucionários inúteis em um canal de vendas. “Isto é fantástico!” dizia a mulher ao lado do apresentador. O dedo dele já nem saía do botão que mudava os canais.

Após tantas trocas, sua esposa falou lá do quarto:

-Vocês homens não conseguem assistir nada quietos, não é?

Irritado, ele nada falou, apenas pensou consigo mesmo: na verdade eu acho é que nós estamos sofrendo uma lenta lavagem cerebral...

Levantou-se e foi para os fundos, um bom treino marcial seria mais interessante.

Capítulo 1

Garantias

-Boa noite. É com imenso pesar que venho hoje oferecer minhas condolências às famílias das vítimas destes crimes hediondos que abalaram nossa nação nos últimos dias. Quando falo de minha dor, não falo como presidente deste país, mas como um cidadão americano, como pai, como filho, como irmão. Quero deixar claro que essas famílias terão toda assistência necessária neste período difícil. Nesta noite, Marta e eu faremos o que todas as famílias americanas certamente farão, nos abraçaremos e diremos “eu te amo”. Mas graças a esta tragédia, há aqueles que não poderão dizer isto. Há aqueles que não poderão ouvir isto. Sei que palavras não vão aliviar sua dor, mas quero dizer-lhes: vocês não estão sozinhos. Os responsáveis por estes atentados tentaram intimidar, abalar e aterrorizar os valores que fazem dos norte-americanos aquilo que são. É claro que escolheram o povo errado para atacar. Não aqui. Não contra nós. E como povo forte que somos, estou certo que Nova York perseverará face à esta tragédia. É um monstro que precisamos e vamos derrotar. Admito que fomos atingidos mais uma vez por um de seus tentáculos. É possível lembrar do onze de setembro sem nos emocionarmos? Não há como. Mas aquele foi um exemplo de nossa capacidade de nos reerguermos e reconstruirmos, e dessa vez não será diferente. Como presidente, estou encarando isto de forma pessoal. Quero lhes garantir que as investigações estão em andamento e os suspeitos serão encontrados. Nada será esquecido, ninguém será abandonado, nenhum culpado sairá impune. Nos próximos dias vocês verão grandes mudanças acontecerem. Cada passo que daremos será um passo avante ao fim desta guerra. Eu, Richard Voight, vou lutar com todas as forças para garantir a paz e a liberdade do povo americano. Cortar este mal pela raiz, a partir de hoje, será meu principal objetivo. A todos, muito obrigado.

Pronunciamento do presidente Richard Voight, noite de domingo, 19.

Capítulo 2

Sangue

Sexta-feira, 17

A manhã de sexta-feira tinha um ar diferente das demais. Ela lembrava que aquele era o último dia de trabalho da semana. As pessoas circulavam mais animadas, ansiosas pela despedida de fim de expediente.

Nova York ficava agitada.

As rádios de música e noticiário aliviavam a tensão de quem estava preso no trânsito nova-iorquino, a parte mais aflitiva do dia de trabalho. Os radialistas comunicavam alegres as notícias matutinas, previsões de tempo e lembravam que o descanso estava próximo. Mas mesmo o trânsito caótico da cidade, nas sextas-feiras, era menos cruciante. Mas naquela sexta, porém, as coisas seriam diferentes.

Uma van parou próximo à entrada de um prédio comercial. Um homem uniformizado desceu rapidamente e caminhou até à recepção.

-Bom dia, senhor. – disse ele ao porteiro, que respondeu o mesmo. – Preciso entregar este material no quinto andar, o senhor pode me informar a entrada de entregas?

-Sim, sim, é por ali. – disse ele, apontando o caminho a seguir para a entrada de entregas.

-Obrigado.

O entregador voltou ao veículo e tirou do ponto morto para acelerar, iria utilizar a entrada correta. Após isso, tudo foi pelos ares.

A van subiu dois metros com a explosão e caiu aos pedaços. Toda a fachada em vidro do prédio foi destruída ao longo de cinco andares. O tremor foi sentido por muitos em todo o quarteirão e o som trovejante se estendeu por quilômetros.

O sangue se misturava ao material da entrega, revelando os corpos mortos e feridos. As pessoas que estavam próximas tentavam auxiliar, mas não tinham condições de prestar o socorro necessário a todos. Em poucos minutos havia toda uma equipe de resgate e policiais em torno daquele lugar.

Após as medidas mais urgentes, foi feita a contagem de nove mortos e dezessete feridos.

O choro e a revolta marcaram aquela sexta-feira.

Sábado

Já ecoava pelo mundo aquela notícia triste. Inúmeros canais televisivos faziam coberturas sobre o caso em seus plantões de notícias. O FBI ainda mantinha-se calado sobre a possibilidade de aquilo ter sido um ataque terrorista. Estranhamente, nenhuma célula ou família havia se pronunciado para assumir a autoria do caso. Cogitava-se a possibilidade de algum material explosivo ou inflamável presente no carregamento da van, unido à infelicidade de alguma falha no sistema elétrico terem sido os causadores. Peritos do governo estudavam a cena e os destroços, à procura de qualquer pista que pudesse direcionar as investigações, e dar alguma informação que atenuasse a pressão pública.

Os telejornais noticiavam que o presidente Richard Voight não se posicionaria até que tudo fosse confirmado.

Domingo

Mesmo com o clima tenso após o estranho acontecimento da sexta-feira, a maratona foi mantida para o domingo. O governo não queria deixar esmorecer o ânimo do povo e o evento era importante.

Embora ressabiadas, as pessoas compareceram em peso para assistir à grande corrida. Certa alegria tomava, como sempre, o clima do evento, as pessoas conseguiam esquecer-se um pouco dos problemas ao participarem da torcida.

Uma verdadeira multidão cercava as ruas que compunham o circuito. Fotógrafos profissionais tentavam competir com as lentes dos smartphones pelos melhores ângulos dos competidores. Balões de todas as cores e demais adereços enfeitavam cada canto da competição. Era mais uma festa do que um evento esportivo.

Foi dada a largada. Os corredores profissionais saíram na frente, seguidos pelos amadores que tentavam alcançá-los e, bem depois, pelos outros que apenas queriam participar e acenar para as câmeras. Rapidamente foram se espalhando pelas ruas, trilhando o caminho que levava à chegada.

Havia já meia hora que o evento iniciara. Os prediletos do mundo já haviam progredido boa parte do percurso e agora visitavam novos grupos de fotógrafos e admiradores nas ruas seguintes. Os principais corredores faziam um filão, numa competição acirrada pela vitória. Viraram uma esquina cuidadosamente para não perder o ritmo e tomaram fôlego para continuar. Eram aclamados pelos fãs que acenavam alegres por detrás das faixas, mas não houve salvação, o impacto da explosão também os alcançou.

Uma bomba explodiu na calçada, no momento em que os líderes da competição estavam passando. Os gritos que antes eram de festa e ânimo aos maratonistas foram trocados por

choro e desespero.

Atônitos, os que estavam em condições se levantavam para ajudar os outros ou puxar as grades de contenção que delimitavam os espectadores. Alguns fotógrafos e cinegrafistas menos humanos insistiam em registrar a tragédia enquanto se prestava socorro aos feridos. Aquele trecho da rua se tornou vermelho.

Ambulâncias chegaram sem demora para o socorro, muitas já estavam a postos no local. Mais uma vez o mundo via a tragédia americana do terror.

Horas depois, terminada a contagem dos atendimentos, foi noticiado pelos jornais o total de cinco óbitos e cerca de duzentos e oitenta feridos. Pessoas de todas as idades tornaram-se vítimas.

As autoridades se viam enlouquecidas. Instaurou-se o inferno.

Capítulo 3

Glenn Marshall

-Mais café, Anna, mais café!

Dizia Glenn à sua secretária, enquanto remexia a papelada em sua mesa.

O jovem agente loiro, beirando os trinta anos e com barba por fazer, com seu jeito hiperativo, acabava por não passar muita confiança aos olhos julgadores de um desconhecido. A mesa sempre imersa em montes de documentos e com manchas de café não era a impressão mais adequada que um dos agentes mais perspicazes da divisão de investigação criminal do FBI deveria causar, mas a realidade era que, mesmo com toda sua indiferença a organização, ainda assim ele conseguia ir longe em cada caso que assumia desde que foi admitido pelo Bureau.

Anna era secretária. A negra esbelta e simpática estava ali pelo menos quinze anos antes de ele chegar ao bureau. Tendo passado sua carreira ao lado de um dos melhores agentes do FBI, Morgan Sheppard, após vê-lo falecer, foi designada a auxiliar o recém-chegado Glenn Marshall. No início considerou uma ofensa ser submetida a trabalhar para um agente sem nenhuma experiência, não simpatizava com o jovem, mas após alguns anos de trabalho, já o havia adotado como se fosse um filho.

Glenn conquistou-a por sua autenticidade, uma característica que para um agente, na verdade era muito mais um defeito. Ela mesma percebia o mal que aquele detalhe poderia causar à carreira do jovem, o que a motivava a sempre lhe dizer “desconfie mais dos detalhes, confie menos nas pessoas”. Esse era um dos jargões prediletos do falecido agente Sheppard, que repetia para ela vez ou outra no passado.

Anna sustentava, porém, uma imensa curiosidade sobre alguns fatos da vida do rapaz. Embora fosse alguém sincero, Glenn insistia em manter-se ignoto sobre algumas coisas ao próprio respeito. Ela sempre lhe perguntava sobre sua família, por que vivia sozinho, por que não o via viver nada além de trabalho. Ele deixava suas perguntas no ar, mas à vezes não conseguia evitar transparecer certa tristeza no olhar, quando se tratava de assuntos familiares. Muitas vezes fugia do assunto pedindo-lhe café, seu principal consumo desde que entrara para o Bureau. Desta vez, porém, era diferente, o café era algo essencial para mantê-lo minimamente acordado, após tanto tempo sem descanso:

-Não acha que é hora de parar, homem? Você virou a noite aqui, Glenn, precisa dormir um pouco. Descansar a mente, sabe? Vai trabalhar melhor depois...

-Não até eu conseguir organizar isso tudo... – disse ele, atento ao seu ofício.

-Ou até ficar igual a um panda... – ela respondeu, zombando de suas fortes olheiras.

Anna parou ao seu lado, bem próximo dele, apoiando-se em seu ombro e disse-lhe, com carinho:

-Menino, você trabalha para viver, não vive para trabalhar.

-Eu sei, Anna, eu sei...

-Olhe só, - e pôs a xícara sobre sua mesa. – até quando você vai ficar imerso nesse monte de trabalho e deixar a tua vida congelada assim? Você precisa voltar a viver, Glenn, se desprender daquelas coisas lá atrás, procurar um pouco de diversão... Namore, menino! Se eu fosse uns vinte anos mais jovem, não te perdoaria! – e saiu rindo, de volta à sua mesa.

-Acho melhor arrumar essa mesa, parceiro, - disse um de seus companheiros, Bob, chegando-se a ele. – o Inspetor Geral está vindo para cá.

-Merda... já não basta o excesso de trabalho, agora teremos vigilância redobrada...

Havia anos que o Bureau de Nova York não ficava tão agitado. E não era à toa, na manhã anterior acontecera o ataque na maratona, enquanto eles ainda tentavam confirmar se o caso da van era realmente terrorismo.

Glenn estava à beira de um colapso nervoso, não dormia direito desde que iniciara a investigação sobre a van e isso já tardava três dias. Ninguém conseguia informações contundentes sobre o caso, só passaram a crer que era terrorismo quando o ataque da maratona aconteceu. Essa falta de informações o deixava desesperado.

Com a vinda iminente do diretor, correu para organizar sua mesa, deixa-la apresentável, mas não houve tempo, alguém passou no corredor e avisou: Reunião no auditório!

Todo o pessoal se dirigia para lá. Aparentemente o diretor, Peter Morrison, já havia chegado. Glenn e Bob seguiram o fluxo e se dirigiram para a tal reunião. Ao chegar na enorme sala de apresentações, o burburinho cessou, havia um clima de reverência ao severo homem que ocupava a liderança do FBI. Lá na frente estava o Sr. Morrison, cinquenta anos, um homem alto e forte, com sua cabeça raspada e vestindo um terno fino, cerzido no mesmo nível do cargo que ocupava.

Alguns ainda procuravam lugar para sentar-se quando ele iniciou:

-Senhores, não vamos perder tempo com apresentações, estou aqui para acompanhar de perto as investigações que faremos em diante. Não há mais dúvidas que estamos diante de uma operação terrorista e nosso objetivo primário é descobrir os responsáveis pela detonação do explosivo, bem como a qual família eles pertenciam. O país adotará uma nova política interna para estrangeiros. Nenhum muçulmano entrará em nossas fronteiras por tempo indefinido. Temos ordens para deportar todo indivíduo que tenha qualquer tipo de ligação com os

responsáveis pelo atentado, seja ela qual for...

Enquanto Peter Morrison falava, Bob resmungou ao pé do ouvido de Glenn:

-Esses caras de D.C... Estão tão acostumados a ficar preenchendo relatórios que não sabem seguir uma pista sequer...

Glenn limitava-se a coçar o queixo disfarçadamente. Peter continuou:

-No momento não temos nenhuma informação que possa nos levar aos suspeitos. A não ser que algum grupo assuma a autoria dos atos, nosso único ponto de partida serão as gravações das câmeras de segurança e dos presentes no local. Quero todo o Bureau voltado para isto a partir de agora, nenhuma investigação paralela está autorizada até segunda ordem.

A reunião continuou tediosa por mais alguns minutos, até que Peter liberou a todos para suas tarefas.

Retornando à sua sala, Glenn sentou-se em sua mesa e voltou ao trabalho, pretendia sanar todas as dúvidas antes que tornasse a fechar os olhos para descansar.

Milhares de fotos produzidas pelas pessoas presentes no evento e da cobertura jornalística local da maratona, assim como horas de gravações de câmeras pessoais e de segurança formavam o maior quebra-cabeças que ele já havia visto em sua carreira. Interligar tantas peças era algo terrível, e até agora muito frustrante. Como encontrar um desconhecido em meio a tantos outros tão incógnitos quanto ele? Aquelas pessoas tão ímpares, únicas... Como definir aquele que seria o correto? Aos olhos distantes de um observador todas eram, mesmo com suas singularidades, iguais, pois para ele, todos eram apenas desconhecidos.

Buscar alguém, encontrar o outro. Era essa a tarefa que estava ocupando sua mente nas últimas vinte e quatro horas. Apenas olhar fotos e vídeos à procura de um estranho não iria adiantar, ele precisava ser perspicaz, sagaz. E Glenn era assim, o tipo de pessoa que sempre pensa em como otimizar seu trabalho, das maneiras mais loucas possíveis. Sua necessidade de aproveitar o tempo, por exemplo, era tão grande que a primeira coisa que fazia quando estava em sua sala era ligar o computador e só depois acendia as luzes, colocava as coisas que trazia sobre a mesa e pegava o café, simplesmente para não precisar aguardar os segundos de boot da máquina sentado à sua frente, sem fazer nada.

Estava aflito, pois por muitas horas trabalhara naquele problema e não conseguia chegar a uma solução. Foi quando sentou-se à frente da mesa repleta de material e fechou os olhos, cuidando para não cochilar. Como reduzir as possibilidades? Que tipo de pessoa carregaria uma bomba? Como ela se comportaria se o fizesse? Como seria a bomba? Pronto! Era isso! Rapidamente abriu os olhos e desfez a cara amarrada.

O explosivo seria o primeiro passo para resolver o enigma. Ele precisava saber como era a bomba e como ela poderia ser transportada.

-Bob! Onde está o relatório do pessoal antibombas?

-Err, está aqui. – entregou-lhe.

Glenn começou a analisar o relatório do grupo antibombas. Havia recebido, horas antes, uma prévia do mesmo relatório, então resolveu compara-las. O resultado o intrigou bastante. No primeiro documento, a leitura do pós explosão revelou uma fraca presença de vapores produzidos por um agente químico que é inserido em explosivos como Semtex e C4 propositalmente depois de 1991, para facilitar sua identificação, pois o composto havia sido associado ao uso terrorista, perdendo participação no mercado. No segundo documento, porém, a mesma equipe concluiu que o explosivo fora montado com pólvora e pregos, semelhante a um encontrado anos antes numa esquina da Times Square.

A disparidade deixou o agente atônito. Como uma equipe especialista muda sua hipótese tão drasticamente assim? Perguntou-se.

A papelada dizia que o material estava contido numa pequena panela de pressão ou algo similar. Dessa forma, Glenn concluiu, o terrorista teria de usar uma mochila ou bolsa com tamanho suficiente para leva-la.

Estava quase certo que não lidava com um homem bomba, até porque, segundo o relatório que lera descrevendo a situação das vítimas, havia pessoas que perderam membros do corpo, mas nenhuma foi despedaçada como aconteceria a um suicida daqueles. No entanto, o sujeito poderia ter apenas deixado o pacote no lugar a saído antes de detona-lo.

Voltou então ao montante de fotos e vídeos. Precisava marcar cada um que carregasse algum tipo de bolsa ou mochila consigo. Seu ponto de partida era, logicamente, a zona onde ocorreu a explosão. A pessoa responsável teria estado ali em algum momento, mesmo que fosse somente para deixar o material.

-Ei, Bob, preciso da sua ajuda. – disse ele, concentrado com as fotos.

Bob levantou de sua mesa e veio até ele.

-Do que você precisa? – perguntou, não muito animado.

Glenn pegou uma caneta vermelha e lhe entregou.

-Quero que me ajude a marcar todas as pessoas que estão com bolsas grandes ou mochilas. Vamos nos concentrar nessa esquina, onde a bomba explodiu.

Mesmo com certa relutância de Bob, os dois começaram a olhar, foto por foto, marcando todos que coincidissem com o padrão num raio de aproximadamente vinte metros. Horas depois, a quantidade de fotos caiu extraordinariamente, resumindo bastante o trabalho dos dois. Após isso, com as pessoas marcadas, eles iniciaram uma busca cuidadosa nos vídeos. Todo vídeo de câmeras de segurança e filmadoras pessoais que exibisse o local da explosão

foi assistido pelos dois nas horas que se seguiram. Seus olhares mantinham-se naqueles que estavam marcados nas fotografias.

-Olhe essa mulher, - disse Bob. – ela vem andando desde a esquina com essa bolsa, mas quando aparece aqui, não consigo ver a bolsa.

-Vamos procurar ela no vídeo dessa outra câmera... aqui. – respondeu Glenn, ansioso. - Vamos ver...

-Ali, ela está ali, está com a bolsa.

-É, realmente ela passou direto.

Muitos falsos sinais apareceram...

Dessa mesma forma os dois seguiram, persistentes, observando cada pessoa até esgotarem as possibilidades de que alguém deixasse a bomba ali e saísse. Todos os que passavam continuavam com seus pertences. A hipótese de o terrorista sair do local estava quase sendo abandonada, Glenn não queria pensar assim, mas já estava sendo levado a investigar a possibilidade de o tal ter permanecido com o explosivo e ser um dos cinco mortos com a explosão.

-Bob, vamos partir para os que estavam ali mesmo.

-Você acha que o cara se suicidou?

-Não sei... é difícil de acreditar. Mas é o que restou para nós agora.

Eles se concentraram então naqueles que estavam no local, dentro do raio da explosão. Havia ali pelo menos nove pessoas com mochilas ou bolsas suficientemente grandes para o transporte do explosivo, exatamente três rapazes com mochilas, dois homens com malas executivas grandes e quatro mulheres com suas bolsas, dos que apareciam nas gravações e fotografias.

As duas mulheres não pareciam ter a menor chance de serem o suspeito. Uma delas figurava inegavelmente uma dona de casa, carregava uma enorme bolsa que parecia levar coisas do bebê que estava em seus braços, um recém-nascido, talvez com cinco ou seis meses de vida no máximo. Nenhum ser humano, mesmo um suicida louco, teria coragem de fazer isso levando consigo seu próprio filho bebê... A outra mulher também foi riscada, pois, além de ser claramente americana, durante um trecho da gravação ele acenava para a pista e gravava com sua câmera, eles puderam perceber que um dos corredores era seu companheiro, pois passou respondendo a ela também com acenos e gestos carinhosos.

Os homens que carregavam malas não foram exatamente descartados, mas ambos tinham a aparência exata de empresários americanos. Trajavam ternos caros e possuíam itens ainda mais valiosos, como relógios, anéis dourados e smartphones de última geração, inclusive um

deles não parava de falar ao telefone.

O que chamou a atenção de Glenn e Bob foram os rapazes. Três jovens assistiam ao evento exatamente no local da explosão. Dois deles pareciam ser amigos, pois estavam próximos e se falaram algumas vezes, o outro estava um pouco mais distante. Mas o que mais chamou a atenção de Glenn foi um dos amigos, um jovem que aparentava idade próxima ao vinte anos, com casaco, boné, uma imensa mochila nas costas e feições claramente muçulmanas.

-Olhe esse aqui, Bob! – exclamou Glenn, apontando para a tela do computador.

-Uuuu... estereótipos sempre ajudam. – comentou Bob, em tom debochado.

-Sei que parece isso, mas observe esta cena.

Ao falar isso, Glenn mostrou a cena segundos antes de acontecer a explosão.

As imagens eram registro de uma câmera de segurança próxima, que acompanhou de perto todo o acontecimento. Nas imagens, o jovem aparecia atrás de outras pessoas, observando a maratona. Sorria contidamente, olhava à volta e falava às vezes com o amigo. Depois de um tempo, parecia um pouco incomodado com algo, mexeu os ombros e tirou a mochila das costas, mas era complicado entender, pois pela filmagem Glenn só conseguia enxergar acima dos ombros do rapaz, então não pôde ver exatamente o que houve. Porém, pela sua movimentação, o jovem pareceu abri-la e mexer dentro dela, logo após, ele demonstrou grande nervosismo e falou com o amigo ao lado, que também olhou para dentro da mochila e teve a mesma reação. Eles se entreolharam e ficaram sérios, olharam bem à volta e falaram novamente algo. Foi quando o jovem pareceu deixar a mochila no chão e virou-se com o amigo para sair do local, mas nesse momento aconteceu a explosão, arremetendo-se também aos dois rapazes.

-Nossa! – exclamou Bob, estupefato. – É isso! Você encontrou!

-Calma, - disse Glenn, preocupado. – ainda não estamos certos...

-Como não! Está tudo aí!

Os outros agentes que ouviram as exclamações vieram até eles para saber do que se tratava.

-Temos que descobrir quem são eles primeiro. – especulava Glenn, meticuloso como sempre.

-Tudo bem, Glenn, mas a prova é essa, o resto é somente complemento. – disse Bob, com a concordância de outros que ali estavam.

Logo uma grande equipe do bureau se uniu aos dois na investigação das identidades dos rapazes. Após algum tempo de pesquisas e ligações para contatos em outros órgãos do governo, descobriram sobre os jovens. O rapaz que portava a mochila era Behruz Kabiri, iraniano, cuja família estava no país havia cinco anos e seu amigo era Amir Nazari, de mesma

nacionalidade, porém havia chegado ao país dois anos depois.

A notícia do achado logo chegou a Peter Morrison, que em poucos minutos já estava na sala de Glenn, conferindo os dados e requerendo o relatório.

-Bom trabalho agente Marshall, - disse Peter Morrison. – o mesmo para você, agente Ayers. Passarei essa notícia ao presidente neste momento.

-Sim, senhor. – respondeu Glenn, satisfeito. – Estamos investigando seus endereços e vamos descobrir o que está por trás deles.

Peter Morrison mantinha um olhar sério. Apertou sua mão parabenizando-o pelo trabalho, enquanto os outros à volta olhavam reverentes. Seguiu à porta da sala, mas antes de sair, virou-se a disse-lhe:

-Faça isso, agente Marshall, mas antes tire pelo menos doze horas de descanso. Seu semblante está horrível.

Após a saída de Peter Morrison, Anna, que chegava ali na hora com ainda mais café, ria dele e lhe disse:

-Não há mais desculpa! Vá dormir agora, homem!

Com sensação de dever cumprido, Glenn deixou o prédio e foi para sua casa, finalmente iria descansar. Os outros agentes continuavam as pesquisas sobre endereços, famílias, atuação no país e orientações religiosas dos rapazes.

Glenn não fazia ideia do que iria encontrar pela frente.

Capítulo 4

Incógnito convite

Era uma bela manhã, daquelas quais se espera um céu nublado e clima frio, mas surpreendem com um singelo raiar do sol entre as nuvens e o afago de uma brisa aconchegante. Não chegam a ser tão belas quanto as manhãs ensolaradas, mas muito melhores do que se esperava, e sua beleza acaba sendo o inesperado.

O café da manhã daquela lanchonete era comum, mas o velho Michael Reese já havia assumido o hábito diário de degusta-lo como um fiel religioso. Certamente era melhor do que o que ele fazia em sua casa, dizia John, para embirrar o seu mentor:

-Pior que esse, só o café que você faz... – comentou o jovem, sem ver a garçonete ao seu lado, olhando-o com reprovação.

-Você só diz isso porque tem sua mulher fazendo o teu! – respondeu Reese, mal humorado. – A propósito, não vai pedir nada? – perguntou apontando para a garçonete, que estava parada ouvindo a conversa.

John virou-se e só então percebeu a presença da mulher, deduzindo que ouvira seu comentário infame. Constrangido, fez o seu pedido:

-Bom dia... Bacon e ovos, por favor. Coca-Cola também.

-Só isso? – perguntou a mulher, indiferente.

-Sim, obrigado.

A garçonete saiu para fazer o pedido.

-Não se preocupe, eles não são de estragar a comida. Pelo menos, não de forma que você perceba. – disse o velho, rindo dele, enquanto consumia o seu prato.

-Estou correndo esse risco...

Michael parou de comer e fitou-o, sério, enquanto terminava de mastigar o bacon matinal e limpava o canto da boca com um guardanapo. Disse-lhe então:

-Filho, a vida possui muitas regras não escritas. Quer um conselho? Comece por esta.

-Diga-me. – respondeu John, decifrando se havia seriedade no que o velho dizia.

-Leve sempre isto em consideração: nunca chateie quem vai servir o teu prato. É uma lição para toda a vida!

-Faz sentido... Mas eu nunca tive problemas com isso.

Tornando a comer, Reese lhe respondeu entre as garfadas:

-Aí que está a grande questão, garoto. Na maioria das vezes você nem percebe. Para eles, é um tipo de vingança silenciosa, que eles saboreiam sem precisar revelar. Basta verem você comer o prato que batizaram com algum tipo de coisa nojenta e se darão por satisfeitos.

-Um tipo de vingança tão medíocre quanto quem a comete. – observou o jovem, falando baixo.

-Tem toda razão, mas diga-me, não é uma arma fatal? Quando você se dá conta dessa possibilidade, a simples desconfiança de que pode acontecer com você se torna um fardo que vai carregar sempre! E eu vou dizer, permanecer na dúvida é pior do que saber a triste verdade...

John fechou a cara, incomodado com a situação que se encontrava:

-Está querendo me deixar mal!

-Apenas estou falando a realidade, garoto! – divertia-se o velho, que já terminava sua refeição matinal.

-Tudo bem, você virou o jogo... Não criticarei o teu café outra vez.

Limpendo novamente os lábios com o guardanapo, na tentativa de demonstrar alguma classe, Michael Reese tomou a palavra:

-Vamos falar de algo mais importante. Há uma oportunidade surgindo, uma vaga disponível, coisa boa. Quero que você assuma.

-Do que se trata?

-Conversei com o Mason e ele resolveu te conhecer. Está precisando de alguém para assumir o lugar do Daniel.

Mason Fontane era um chefe de Nova York. Um homem perspicaz, qualidade que o levava à liderança de um império submerso no crime rapidamente. Elevou a organização robusta que herdara de seu pai, Elias Fontane, ao topo da pirâmide poucos anos após assumir o seu lugar. De todos os princípios que seu pai lhe ensinou, o único que mantinha era a máxima: Drogas não servem, seja para usar, seja para vender. Todos os outros princípios, hábitos e métodos, com o tempo, foram mudados, atitude que lhe proporcionou maior sucesso nos negócios que seus antecessores da família. A realidade era que mexer com drogas significava estar no topo da lista de todos os inimigos, que se dividiam em rivais criminosos, governantes honestos e

governantes interessados em conseguir abocanhar a mamata. Os últimos, inclusive, eram os mais perigosos, pois como o próprio Mason dizia: sua arma era o Estado e suas balas eram as leis. No fim, o crime era um jogo que ele sabia jogar, e realizava seus movimentos na hora certa, sempre à frente de seus adversários.

-Daniel? – Indagou John, surpreso. - Ele era o braço direito de Fontane. O que houve?

-Ele não está mais entre nós. – respondeu o velho, com um ar soturno.

John Moore recostou-se na cadeira, pensativo. Perguntava-se se iria assumir o posto de alguém que morreu ou de alguém que foi morto. Não conhecia muito ainda sobre a Família, tudo era visto de longe e com bastante curiosidade por ele. No fim da cadeia de comandos, fazendo pequenos trabalhos para Michael e recebendo seus ensinamentos, mais práticos que teóricos, John nem ao menos existia para Fontane. Era um ninguém. E como o ninguém que era, ainda não obtivera experiência alguma que lhe desse propriedade para dizer se a máfia era realmente romântica como via nos filmes de Hollywood.

Seu relacionamento com a máfia era, na verdade, movido por consequência da inércia que mantivera em toda sua vida. Sem futuro algum, nenhuma perspectiva de vida que lhe desse condições de cuidar de Cathelin, sua jovem esposa, e menos ainda ensinamentos que fossem capazes de lhe permitir prever o seu futuro, quanto pesar a consciência a respeito do que iria ter de fazer, a porta de entrada para a Família Fontane era, aos seus olhos, nada mais que uma chamada para um emprego melhor remunerado.

O velho Reese continuou:

-Falei sobre você. Comentei que tenho lhe acompanhado e que você aprende rápido. Ele se interessou e quer ver como você se sai no trabalho.

-Sim, bem, vamos então... – disse John, ameaçando levantar-se e partir.

-Não precisa ter pressa, vou leva-lo lá, hoje ainda! Esta é a tua chance, filho, você tem potencial, não a desperdice. – O velho abriu um sorriso e fitou-o com um olhar de prazer, recostando-se em seu assento. – Agora aproveite o teu café da manhã, garoto esperto!

A garçonete trouxe o pedido de John. Tudo arrumado, as fatias de bacon tostadas e dois ovos fritos. Também o refrigerante. O jovem ficou atônito, observando o prato, envolto em um misto de desconfiança e raiva.

Rindo, Reese comentou:

-A dúvida é uma merda, não?

John apenas olhou para o velho e abriu um pequeno sorriso de canto. Michael Reese sorriu novamente, com um ar de satisfação, soltou um suspiro e lhe disse:

-Poucos tiveram a chance de crescer tão rápido na família. Você está tendo esse privilégio, assim como eu tive. A grande maioria levou anos limpando sujeira até tornarem-se alguém. Outros morreram antes mesmo disso. Posso até lembrar de como eram difíceis as coisas no início, quando comecei. E você, que não tinha nada em mente quando te conheci. Quem diria que um garoto de entregas poderia subir assim..?

John Moore era novo, um jovem que Reese encontrara durante um trabalho de rua por acaso, anos antes. Trabalhava fazendo entregas para uma empresa do setor contábil, que por sua vez, cuidava dos serviços financeiros das empresas laranjas da organização de Mason Fontane. Além de armas contrabandeadas, Mason Fontane ganhava dinheiro de formas diversas, e sua principal atividade era a lavagem do próprio. Numa articulada cadeia de interesses, sua mão se estendia desde os contrabandistas estrangeiros, passando por policiais corruptos e alguns políticos locais, tendo como ponto final empresas que resolvessem o “problema” do dinheiro. Os funcionários não precisavam saber o que ocorria nos balanços finais e divisões de lucros, apenas faziam seu trabalho honesto, o que evitava riscos de exposição às autoridades. A Organização estava consolidada em Nova York.

Certa vez, enquanto Reese visitava uma dessas empresas, deparou-se com o jovem entregador que estava na portaria, com um malote de documentos nas mãos, pronto para mais uma entrega. Tudo estava tranquilo e nada o faria ter qualquer tipo de diálogo com o jovem, pois sua experiência não só na máfia, mas também de sua vida antes dela o ensinara a ser um homem introspectivo. Não se conheceriam, se não fossem surpreendidos por um anúncio de assalto.

O bandido, algum tipo de drogado em desespero, fosse por abstinência ou problema de dívidas com traficantes, apontava sua arma enferrujada para qualquer lado e gritava coisas sem muito sentido, tremendo visivelmente suas mãos suadas e seu dedo no gatilho. Reese, como sempre, estava armado, mas entre o pensamento e o instinto, resolveu manter-se recuado como uma vítima dentre as outras, para evitar problemas. Se tomasse qualquer medida contra o criminoso, estaria exposto a uma série de procedimentos posteriores com a polícia, devendo explicações e comprovações sobre si mesmo. Principalmente porque seus métodos eram pouco sutis, não hesitaria decidir pela vida do estranho assaltante. Apenas observava tudo, quieto.

O drogado caminhava pelo local afim de chegar a uma espécie de caixa que havia no recinto. Ao aproximar-se do caixa, passou por John, que estava parado, recostado na bancada de atendimento. Não houve tempo para reação, o jovem entregador esperou que o bandido passasse por ele e desferiu-lhe com o pé um golpe certo, bem na nuca, derrubando o meliante de primeira. Todos olhavam, embasbacados, a rápida ação do mero entregador de papéis, que pegava o revólver caído e entregava ao gerente, dizendo, com um sorriso:

-É melhor ficar com o senhor até a polícia chegar.

Após o momento tenso, as pessoas tentavam se ajudar e acalmar umas às outras até a chegada dos policiais. John apenas seguiu até ao atendente para realizar a entrega a que viera. Antes de ir embora, porém, Reese o cercou na saída, puxando assunto:

-Devo dizer que estou surpreso.

-Não é algo tão comum, não é? – perguntava o jovem, lisonjeado.

-Nunca esperamos que alguém encerre um assalto dessa forma. Devo dar-lhe os parabéns.

-Obrigado. – respondeu o jovem, tentando ser educado ao forçar o término da conversa.

John já subia na moto de entregas para ir embora, quando Reese lhe interrompeu a fuga social:

-Você tem potencial para fazer mais do que entregas. O que acha de mudar de emprego?

-Bem, se pagarem melhor... – disse ele, pensativo.

Essa era a resposta que Reese mais desejava ouvir. A mente que traz como primeiro fator de importância o dinheiro a receber é mais suscetível aos moldes morais que os trabalhos exigem na máfia. Embora o interesse financeiro estivesse separado da traição por uma linha fina e tênue chamada honra, ainda assim era um fator diferencial para Fontane, e Michael Reese sabia disso. Mason aprendera com seu pai: mande fazer e pague bem por isso, a honra virá logo após a satisfação.

Desde então, John passou a realizar pequenos trabalhos com ele, que a cada passo ensinava os procedimentos e responsabilidades que a família exigia.

Michael Reese era a principal peça no tabuleiro de Mason. Dispensado jovem das forças armadas, em um encerramento de carreira problemático, decepcionado com acontecimentos de sua vida, tornou-se então um soldado das ruas, sem pena, sem vida, mas com as mesmas seriedade e disciplina que sustentava nas forças armadas. O homem de cabelos grisalhos e humor ríspido já passava dos sessenta anos, mas sua idade não parecia fazer diferença para ele. Mesmo após tantos anos ele ainda gostava do trabalho de rua, não era como os outros que queriam apenas estar atrás de uma mesa dando ordens a subalternos.

Embora seu humor não fosse dos melhores, estava sempre preocupado em dar seus ensinamentos e conselhos a John, que agora tinha a oportunidade de entrar para a Organização, podendo se tornar um dos membros mais jovens da Família.

Capítulo 5

Teste

-Nervoso, filho? – perguntou Michael Reese, após tirar o cigarro da boca, expelindo uma longa baforada de fumaça para o alto.

-Não, creio que não... – respondeu o novato.

-Você é bom, aprende rápido. Com as motivações certas será capaz de grandes feitos!

-Vamos logo. – disse ele, para demonstrar coragem ao seu mentor.

Reese riu de canto, fitou-o e disse:

-Não se apresse, garoto... algumas coisas merecem ser refletidas ao máximo antes de pormos em prática.

-Por que você está dizendo isso? – indagou, curioso.

Reese deu uma sacudidela no cigarro, para livrar-se guimba que lhe incomodava. Voltou-o à boca e deu um novo trago, pensativo. John observava pacientemente o gesto vicioso do velho. Após pensar um pouco, Michael lhe segurou pelo ombro, fitando-o diretamente, e disse:

-Ouça bem, filho. Este caminho, o que você está prestes a trilhar, não é como uma via paralela, da qual você pode desistir e voltar ao que seguia antes. É um novo sentido, outra direção, um caminho que você poderá até sair, mas ele nunca mais sairá de você. Então pense bem. Está certo de que deseja segui-lo?

John estava um tanto decepcionado pelo que ouvira. Logo no momento em que seria apresentado ao chefe, seu próprio companheiro lhe bombardeava com aquele questionamento. Hesitou por um momento, mas respondeu:

-Estou pronto.

Reese deu seu último trago e jogou fora o cigarro. Enquanto caminhavam para a entrada do clube, disse-lhe:

-Se é assim, nada de remorsos daqui pra frente. Vamos.

Os dois estavam entrando em um clube de tiro da cidade. Mason já os aguardava. Fascinado por armas, o Fontane herdeiro gostava de treinar tiro naquele clube, e John chegou a desconfiar que fosse uma das empresas de fachada que o chefe usava para movimentar

armamentos e dinheiro. Devia ser...

Nos últimos meses, Michael Reese o havia treinado a usar armas de fogo. Ensinava como ninguém. A disciplina do velho, era certo que viera de seu tempo de militar, mas o mal humor, John não tinha certeza se era desse mesmo passado ou de sua idade avançada. A realidade era que o velho sabia como poucos as manhas para se tornar um bom atirador. Era apaixonado pelos seus Colt Anaconda prateados, revólveres que Elias Fontane, o pai de Mason, havia lhe presenteado muitos anos atrás.

Sempre que terminavam os treinos, fazia questão de limpar e guardar as armas com todo cuidado, repetindo para John: Essas belezinhas são como mulheres, você tem que tratar com carinho, cuidar bem delas, senão ficam emperradas e uma hora vão trair você! John apenas ria de seus argumentos e fazia o pesaroso ritual de limpeza das peças.

Ao entrarem no local, passaram pela recepção rapidamente, Reese apenas precisava cumprimentar o recepcionista, já era figura da casa. Logo cruzaram o salão e foram à área de treinos. Lá encontraram Mason, em uma das baias, apontando seu rifle de longo alcance para o alvo distante. Dois homens estavam sentados no fim do corredor, vestidos de terno, claramente seus capangas. Reese conduziu John até ele, usando seus protetores de ouvido e parando ao seu lado.

Alguns tiros depois, o chefe virou-se e percebeu sua presença:

-Oh! Vejo que já chegaram! – com seu jeito excêntrico de falar.

-Trouxe o garoto. – disse Reese, satisfeito.

Mason olhou para John com parcimônia e disse:

-Lembro de tê-lo visto antes. A propósito, - e levantou a mão para cumprimentar o jovem. – um prazer recebe-lo aqui.

-Um prazer, senhor. – disse John.

-Esse rapaz não tem cara de quem lide com nosso tipo de trabalho. – disse Mason, recarregando a arma.

-O que houve, Mason? – indagou Reese, irritado. – Perdeu a confiança em mim?

-Olhe a cara desse rapaz! O tipo que devia estar trabalhando, casando, tendo filhos. Você tem filhos, garoto? – perguntou, olhando para John, que não sabia o que responder, nervoso. – Tem mulher? Não me diga que a mulher da tua vida é a tua mãe! Michael, o que vão pensar quando me virem chegando com ele numa reunião?

-O que vão pensar, Mason? – perguntou Reese, extremamente irritado.

-Vão pensar que o garoto é meu filho! Ele não tem cara de alguém do nosso naipe. É do tipo que tem que sentar atrás de uma mesa, preencher documentos, tomar café e ir embora. Por Deus!

John se via profundamente arrependido de ter aceito estar ali. Já se imaginava indo embora, rejeitado pelo chefão pela simples aparência pouco convincente. Reese insistiu:

-Você também era assim! Não me venha com esse papo! Se não fosse por mim, você estaria dando tiros no próprio pé até hoje!

Mason ria num tremendo sarcasmo, enquanto ouvia as exclamações de seu capanga mais antigo. Tomou um fuzil de assalto e lhe entregou, dizendo:

-Então vamos ver do que ele é capaz! Mostre que você é melhor nisso do que punheta, moleque...

John, pegou a arma, sem dizer nenhuma palavra, ajeitou o protetor de ouvido, posicionou-se na baia e mirou. Um tiro, dois tiros, três tiros.

-Está bom! – disse Mason. – Deixe-me ver...

Quando conferiram, as três balas estavam num excelente raio do centro, embora nenhuma tivesse atingido o ponto central.

-Boa pontaria... – disse Mason, satisfeito.

-Acha que eu não sei ensinar? – perguntou Reese, falsamente ofendido.

-Bom. Parabéns, garoto. – respondeu o chefão.

John lhe entregou o fuzil, mas puxou sua pistola Glock. Podia ver o riso de desprezo no rosto de Mason ao ver o pequeno armamento de curto alcance em suas mãos. Talvez ele estivesse pensando que era uma piada, uma brincadeira do candidato a novato.

O rapaz apontou sua pistola para o alvo, um pouco mais para o alto, e disparou mais três vezes. Após isso, o chefe conferiu novamente o resultado. Lá estavam, mais três balas bem próximas às dantes desferidas no alvo. John pôde ouvir um murmúrio bem baixo nos lábios de Mason: impressionante...

-Bem, - disse Mason, sorrindo. – vejo que você aprendeu bem com o velho!

Michael Reese soltou um breve sorriso de orgulho e John sentiu-se novamente seguro com o feito. Mas antes que o jovem ficasse cheio de si com o resultado, Mason lhe disse:

-Já atirou em alguém?

A pergunta quebrou toda sua defesa. Surpreso, John arregalou os olhos e disse:

-Não, senhor.

Mason soltou uma gargalhada e respondeu:

-O teu olhar já me respondeu!

-Ele vai se sair bem, estou certo disso. – defendia Michael Reese.

-Isto eu só poderei dizer quando tiver visto. Há uma diferença muito grande entre um disparo e uma morte. Alvejar aquela placa à nossa frente é motivo de orgulho pela pontaria. Ser o responsável por mandar alguém pro inferno é algo psicologicamente aterrador. Os dedos tremem, a saliva seca e o coração dispara de adrenalina só de pensar. – enquanto falava, Mason olhava friamente para o jovem. – É um fato que, após tantas vezes que o fazemos, o incômodo já não é tão grande no momento fatídico, pois o fardo já estará impregnado em nossas mentes dia após dia. No fim, uma morte torna-se apenas mais uma em nossa carreira. De qualquer forma, tudo tem uma primeira vez. E você certamente terá a tua. Por isso eu te pergunto: Está pronto para isso?

Após engolir seco todo aquele terror, John respondeu com cuidado:

-Sim, senhor...

Mason abriu bem os olhos e olhou para Reese, exaltado:

-Eu tenho cara de militar por acaso, Michael? Este garoto só fala “sim, senhor”, “não, senhor”! Diga alguma coisa diferente, garoto!

-Estou pronto... – respondeu o jovem, intrigado com a personalidade que conhecia naquele momento.

Mason Fontane pôs a arma sobre um balcão e, enquanto a desmontava, lhe disse:

-Então na hora certa, vou leva-lo conosco. Se demonstrar que é capaz, estou precisando de alguém novo comigo. Os tempos são diferentes, Michael! As pessoas se vão rápido, só os mesmo poucos permanecem...

John respirava fundo, louco para ir embora. Havia se saído bem, pensava, mas sentia que estava à beira de uma ladeira bem íngreme. Aquele fora apenas o primeiro teste.

Capítulo 6

Sono e analgésicos

Descanso não parecia mais ser algo tão fácil para Glenn Marshall. Após quase quarenta e oito horas sem dormir, montando o imenso quebra-cabeças em seu escritório no FBI, finalmente conseguia chegar no fim da tarde em sua casa para repousar e, quando fechava os olhos, tudo o que sua mente fazia era continuar mostrando-lhe fotos e mais fotos, num ciclo vicioso em que parecia se encontrar. Tomou um bom analgésico para aliviar a dor de cabeça e tentou um banho quente para ver se ajudava no processo. Já anoitecia quando conseguiu deitar-se na cama e dormir.

Sonhos não lhe eram muito comuns, mas desta vez, fruto do cansaço ou não, ele saboreava um delicioso clima de natureza. Estava recostado à beira de uma enorme sacada de madeira, de frente para um imenso mar de uma baía, cuja orla era desenhada por longas palmeiras e coqueiros inclinados por ventos de muitos anos. O crepúsculo deixava o cenário com tons avermelhados e o restante de luz que ainda chegava até ele incidia de forma belíssima, compondo uma pintura quase surreal.

Parecia estar ali a horas, recebendo as carícias de uma brisa aconchegante. Assim que o sol se pôs, virou-se para entrar no aparente hotel praiano e pôde ouvir seu celular tocando. Andou pelo corredor até chegar ao seu quarto e abriu a porta. Tudo o que viu foi um par de sapatos pretos, de um homem que vestia um terno de mesma cor, frente a frente com ele. Quando subiu o olhar para ver quem era, deu de cara com uma pistola apontada entre seus olhos e, antes que pudesse reconhecer o indivíduo, ela disparou.

Glenn acordou com um salto, mal conseguiu retomar o fôlego. Percebeu que o celular realmente tocava, ao seu lado, na cabeceira da cama. Ao pegar o aparelho, viu o nome de Bob na tela de chamada e ainda eram nove horas da noite, ele quase não havia descansado.

-Ei, Glenn! – gritava Bob no telefone. – Ligue a TV, rápido!

-O que foi? Por que você tá me acordando assim? – resmungou, sonolento.

-Depois você fala, ligue logo!

Glenn ligou a televisão que ficava de frente para sua cama, nem precisou mudar de canal, ela normalmente ficava sintonizada na CNN. Uma mulher bem arrumada fazia a âncora do telejornal e noticiava:

“...já possuem informações sobre os suspeitos. As famílias dos dois jovens foram encontradas em suas casas e estão detidas para responder aos interrogatórios. Segundo declaração

policial, um notebook encontrado no quarto do jovem Behruz Kabiri pode conter informações sobre o planejamento do ataque e pistas que levem à célula terrorista que o recrutou, que até então não se pronunciou. O Procurador Geral de Justiça, Stephen Stuhlbarg, diz estar confiante sobre as investigações e espera que as informações no computador portátil de Behruz tragam grandes avanços à investigação. O FBI não descarta a possibilidade de haver um forte recrutamento de jovens terroristas em território nacional. Não é de hoje que se fala em uma grande movimentação terrorista sendo planejada para o país, vamos falar agora com o especialista...”

Glenn desligou a TV. Não tinha mais paciência para especulações e teorias sobre a ameaça terrorista, assunto extremamente repetitivo em certos meios nos tempos recentes. Há muito tempo a televisão estava impregnada com o tema, numa espiral crescente e esgotante. Perguntou-se se o rumo tomado pela História demonstrava um certo poder profético por parte da mídia em prever e antecipar-se aos acontecimentos, colocando em voga uma enxurrada de informações no intuito de preparar seus espectadores para os fatos. Para o jovem agente, sempre fora visível a crescente sobre um assunto, até que um importante evento ocorria na sociedade a respeito dele. De certa forma, as pessoas não eram pegadas totalmente de surpresa. Aquela agenda de discussões pareciam prepara-las para suportar psicologicamente as notícias vindouras. Funcionavam quase como um atenuante psíquico a certos efeitos reacionários. Ele preferia pensar que tudo isso fazia parte da torrente social, que fosse algo natural à sociedade humana, sem maiores conspirações.

O que mais lhe chamou a atenção na notícia, porém, foi a especulação sobre o recrutamento de jovens cidadãos americanos às causas terroristas. Certamente era um absurdo, mas decerto provável. Não ensinam nada além de doutrinas nessas escolas de merda... Pensou, engolindo seco seu próprio conformismo.

Glenn sabia o poder revolucionário que recaía sobre os jovens. Mais suscetíveis a mudanças de pensamento e doutrinação de todos os tipos, as gerações mais globalizadas e conectadas eram cada vez menos patrióticas que as anteriores. Crescendo sob circunstâncias menos familiares, em um regime que tirava o ensino moral e individual das mãos dos pais e o punha sob as cartilhas escolares internacionais, a juventude passava a enxergar sua rebeldia, antes contra as regras domésticas, agora de forma política e social. Após receber ensinamentos sabia-se lá de onde através de conexões com qualquer lugar o mundo, aqueles inocentes perdiam o senso de pertencimento social e podiam transformar-se por simples rebeldia juvenil em inimigos do Estado. O simples fato de pensar num cidadão americano tornando-se seguidor de ideais como aqueles muito lhe assustava, e o pior: era bem possível.

Lembrou-se que seu amigo ainda o estava aguardando na ligação ao ouvir o ruído de seus gritos no telefone:

-OuvIU, Glenn? Estamos no caminho certo! Você achou o cara!

-É... deve ser... – dizia ele silabicamente, entre o sono e a surpresa da notícia.

-Vá descansar, cara, amanhã teremos muito o que fazer.

-Eles estão no Bureau?

-Quem? Os familiares? Não me diga que você quer ir para lá agora?

-Eles estão lá?

-Bem, eu soube que estavam na delegacia local, ainda não houve nenhuma prova de que eles estavam envolvidos. Mas creio que se algo aparecer, eles serão levados para a cadeia do FBI em Washington...

-Não! Eu quero falar com eles...

-Espere! Vá dormir um pouco, homem!

Bob percebeu que não adiantava mais falar, ele já havia desligado.

Glenn vestiu o que podia e lavou o rosto com água fria, na tentativa de amenizar o pesar do forte sono que sentia. Antes de sair, tomou mais um analgésico e guardou o frasco no bolso. Pode ser que precise...

Em pouco tempo estava na delegacia, procurando por aquelas pessoas. Ao chegar, logo viu a imensa manada de jornalistas que rodeava o prédio, famintos por algum furo de notícia. Ao passar por aquela massa, encontrou alguns agentes do bureau e também os policiais locais. Com as credenciais em mãos, teve acesso ao local onde o interrogatório acontecia.

A equipe que estava responsável não abriu passagem para ele, que resolveu ficar apenas observando o que era falado. Ali estava apenas a família do Behruz Kabiri, os familiares de seu amigo já haviam sido liberados.

Os pais eram já de certa idade, um senhor com pouco cabelo e corpo atarracado e uma senhora magra, com nariz afilado e longo, que se protegia atrás de sua burca, frente aos estranhos. Havia também o irmão mais novo do rapaz, que devia ter uns nove anos apenas. Glenn ficou indignado por ver uma criança sendo exposta àquela situação, mas se conteve em nada falar. Os três mostravam grande aflição, e não era à toa, pois mesmo que estivessem complacentes com os ideais radicais, ver o filho morrer não deveria ser tão fácil. E agora ainda se viam sob tamanha pressão pública.

A mulher insistia em falar persa, chorar e fazer orações. O menino não falava uma palavra, apenas olhava, sem entender o que acontecia. Somente o pai se comunicava, em um inglês péssimo e de poucas palavras, com os agentes. Ele repetia: inocente! É isso! Vocês não entendem? Não faria isso! Bode expiatório!

Não havia um tradutor da língua persa no local, o que dificultava muito a comunicação com a mulher.

Glenn observou aquela situação por alguns minutos. Estava afoito pelo desenrolar dificultoso que tudo tomara, até que um dos agentes responsáveis pelo trabalho conseguiu arrancar algumas informações do homem:

-Vamos nos acalmar, apenas responda às minhas perguntas. – disse o agente.

-Sim, sim. É o que estou dizendo! – respondeu o velho, confuso. – Expiatório!

-Há quanto tempo vocês estão residindo aqui? Fale pausadamente.

-Cinco anos, cin-co a-nos....

-Por que vocês decidiram vir para o país?

-Para os meninos, errrr, pa-ra os me-ni-nos es-tu-da-rem.

-Eu disse para falar pausadamente, não para falar em sílabas. Apenas fique calmo, ok?

-Não! Não fico calmo com isso! Querem incriminar...

-Então você disse que vieram para cá por causa de estudo?

-Sim, para as crianças estudarem.

O agente parecia não levar muito a sério as respostas do velho muçulmano.

-Vocês são islâmicos?

-Sim, somos, mas nunca fomos radicais. Longe de nós, longe de nós....

-Seu filho, Behruz, nunca deu nenhum sinal de que havia se radicalizado?

-Não, ele nunca falou sobre fazer tal coisa.

-Vocês frequentam alguma mesquita?

-Sim, sempre fomos à masjid, lá em nossa terra também.

Enquanto o agente se preparava para continuar as perguntas, um outro, provavelmente seu superior, veio até ele e falou-lhe:

-Pode liberá-los. Não vai adiantar continuar isto aqui.

Glenn prestava total atenção nos dois, viu a feição de alívio do interrogador ao ouvir aquilo. Após isso, os dois trocaram algumas informações em sussurros e ele retornou, liberando a família:

-Estamos liberando vocês no momento, mas permaneçam na cidade, preferencialmente em sua casa, e não deixem de comparecer se forem chamados novamente.

Meneando a cabeça, o homem iraniano logo puxou sua esposa e filho e saiu, de cabeça baixa, pela porta da delegacia, sendo pressionado pela multidão enfurecida de fotógrafos e jornalistas. Quando passou por Glenn, foi possível notar um aparente esforço no rosto do velho homem. Piscava demasiado e sua musculatura facial parecia se contorcer, como se estivesse contendo lágrimas. Um carro do FBI os levou embora.

Glenn achou estranha a forma como o interrogatório foi feito, mais ainda como terminou. Foi tudo muito raso, principalmente pela enormidade do caso.

O homem iraniano, no entanto, lhe deixou intrigado. Já havia acompanhado outros casos de jovens que haviam morrido pela causa terrorista, o que permitia levantar certos padrões na lembrança. Um deles era da aceitação da família. Os pais de homens-bomba falecidos nunca demonstravam tristeza pelas mortes dos filhos. Orgulhavam-se pelos feitos e normalmente respondiam a perguntas citando as recompensas que os jovens receberiam na eternidade. Não este pai.

Insatisfeito com o desfecho de sua viagem e arrependido por perder tempo com aquilo, desanimado, retornou à sua casa para tentar descansar mais um pouco.

Após engolir mais uma pílula para dor de cabeça, deitou-se amortecido e dormiu.

Capítulo 7

Iniciação

O jovem John Moore passou mais alguns dias aguardando o que sucederia. Mason tinha fama de ser uma caixa de surpresas, a imprevisibilidade dele era uma maldição para seus inimigos, mais ainda para seus subalternos. A espera acabou numa noite seguinte, quando recebeu um telefonema.

Já tardava a noite e John cochilava na cama com sua esposa, Cathelin, quando ouviu o ruído irritante do telefone. Era Reese, animoso, chamando-o finalmente para um novo trabalho:

-Ei garoto! Está pronto para mostrar a que veio?

-Estou só aguardando vocês. – respondeu, um pouco embargado pelo sono.

-Então vista as calças e nos encontre em vinte minutos. Vamos ver se tem mesmo as bolas no saco!

Cathelin tinha sono pesado e já dormia profundamente, mal se mexeu quando o barulho da ligação interrompeu a noite. Soltou apenas um murmúrio e virou-se para o outro lado, sonâmbula. O jovem vestiu-se rapidamente e saiu ao encontro de seus superiores, não fazia ideia do que encontraria pela frente.

No horário marcado, o novato se encontrava com o grupo. Mason e Reese o esperavam sentados em uma mesa de uma boate no centro da cidade. Assim que o jovem chegou, sem delongas, o assunto foi iniciado:

-Sente-se aqui, garoto! – disse Mason Fontane, sorrindo. – Hoje vamos saber do que você é capaz! – Reese o cumprimentou.

-O que preciso fazer? – perguntou John, ainda curioso pelo chamado repentino.

-Todo grupo que se preze tem um ritual de iniciação, - continuou Mason. – nós não poderíamos ser diferentes. Está vendo aquelas putas ali?

Mason apontou para as dançarinas da boate, o que deixou o jovem de olhos arregalados, temeroso do que teria de fazer, qual seria a tal “missão”. Para seu alívio, Reese logo interrompeu:

-Ah! Deixe disso! Não faça isso com o garoto! Fale pra ele qual é o serviço e deixe-o ir!

-Não estrague minha diversão, Michael! – retrucou Mason. – Eu queria ver a cara desse

moleque e o que ele iria fazer...

-Chega de confusão aqui, você lembra o que aconteceu com o Denny, não lembra?

-Tudo bem, vou deixar passar essa!

Aos risos, Mason introduziu a situação:

-É o seguinte, a três quarteirões daqui fica o prédio de trabalhos do McKinley. Esse safado está pensando que não sei da movimentação que ele está fazendo lá dentro. Pensa que vai passar com tantas peças pela cidade e eu não vou descobrir, mas o tempo dele acabou. Aquilo é como um formigueiro, não tem um cérebro ali que saiba fazer alguma coisa sozinho, então, matando a rainha, tudo desmorona. Esse é o teu trabalho para hoje.

John sentiu um calafrio diferente, desconhecido até então. Por um instante desejou saber se havia chance de voltar ao assunto anterior. Matar o homem? Era isso que ele queria? John nunca havia feito algo assim, não era um assassino... Suas mãos tremeram. Só então ele percebeu realmente para que se tratava todo o seu esforço de treinamento e aprendizagem com Reese. Sempre entendeu que estava trabalhando para um chefão, mas nunca havia observado o quanto isso o envolveria, qual seria sua relação com o seu novo trabalho. Condenou-se por sua imaturidade, por não ter pesado todas as situações.

-Eu devo mata-lo? – perguntou o jovem, lutando para não gaguejar. John não podia passar insegurança, menos ainda dizer que nunca havia matado alguém. Recuar seria imperdoável, fecharia a porta que estava aberta diante dele, seria certamente o fracasso.

-O que acha que eu estou dizendo?! – indagou Mason. – Ele é peixe pequeno, não consegue fazer nada mais do que explorar mulheres e drogados, ou mulheres drogadas. Um inútil que já passou do tempo na minha sola. E pra você é como um ingresso fácil na organização. Acha que pode fazer isso, garoto? – perguntou em tom grave.

-Sim, sim, eu posso. – respondeu o jovem, ressabiado.

-Então vou explicar melhor o que você vai fazer hoje...

Mason e Reese lhe contaram tudo sobre o tal McKinley, sobre como era o prédio, quanto homens deviam estar lá, tudo o que pudesse ser relevante. A maneira de executar a missão era a parte de John, eles apenas lhe explicaram o que queriam.

Na organização de Mason, todos os tabus e tradições da máfia haviam sido quebrados, senão o único ensinamento que ainda restava: não mexa com drogas. Um a um, cada costume era abandonado, conforme o italiano sem pátria resolvia fazer de seu jeito. Começou aceitando não-italos na organização em cargos importantes. Seu consigliere, Vito Falcone, já no posto havia décadas, reprovava suas atitudes desrespeitosas à tradição da família. O homem que ocupava o cargo de confiança de seu pai desde quando Mason ainda era adolescente, tornou-se um fardo nos negócios, por sempre se opor à política inovadora de sua gestão, como ele

mesmo dizia. Até que um dia, Vito Falcone apareceu morto em sua própria casa. Após isto, o modelo de hierarquia foi abandonado por desinteresse, não mais cargos desnecessários, não mais Consiglieris, Capos e Soldattos, sem mais nomes em italiano. As origens eram esquecidas da mesma forma com que sua própria identidade. O marco da transformação foi quando o jovem Luca Fontane passou a chamar-se Mason Fontane, abandonando o último traço de seu passado com a máfia original. Tornou-se um gangster.

Por outro lado, nada de ligações pessoais ou de favores, apenas quem fosse realmente capaz era aceito. Todos os que entravam para a organização passavam por alguma espécie de teste, cumprindo uma ordem dada na hora, que viesse ao encontro dos interesses de Mason. E somente quem mostrasse lealdade e perspicácia por muitos anos, finalmente estaria apto a fazer parte da nova família.

Ainda melindrado, o novato aceitou a missão, levantou-se da mesa e, mesmo sem conseguir esconder o nervosismo, partiu para cumpri-la. Enquanto via o atônito rapaz sair por entre os bêbados e prostitutas que ali estavam, o chefe e seu capataz conversavam:

-Está certo que quer mandar este rapaz para lá, Michael? – perguntou Mason, um pouco mais sério. – Está claro no olhar dele que nunca fez algo parecido...

-A certeza é um luxo que não podemos ter sempre... – respondeu o velho, pensativo.

-Ele é apenas um garoto travesso, e você sabe que na nossa vida o castigo está sempre setes palmos abaixo do chão...

-E você vem querer falar isso agora? – resmungou o velho. - Já é tarde, o que podemos fazer? Dizer-lhe: deixa pra lá, largue essa vida e vá fritar hambúrgueres?

-A decisão é tua. Não terei pena se algo acontecer com ele... McKinley não é homem pra se meter comigo, mas acha que é homem pra matar crianças como ele. – disse Mason, observando os últimos vislumbres do carro desaparecendo na escuridão.

Reese ajeitou um cigarro no canto da boca e disse-lhe:

-Ele tem potencial, Mason, você verá.

John se dirigiu até o prédio de McKinley. Sua mente vagueava na certeza incontornável de que teria de matar alguém ou seria morto por alguém. Na emoção virginal de experimentar algo tão grave pela primeira vez, ele sentia a adrenalina fluir em suas veias como sangue. A moral parecia digladiar com a expectativa e tudo se confundia no turbilhão de pensamentos que se misturavam em sua mente. Era radical, mas ao mesmo tempo agonizante.

Após ensaiar inúmeras vezes o quealaria nas diversas situações que conjecturara enquanto fazia o trajeto até ali, finalmente se via frente à entrada do prédio, deixando o carro parado depois da virada da esquina.

John vestia calça jeans e camisa social com paletó, combinando com os sapatos pretos brilhantes que gostava. Na boate, havia se apossado do chapéu Fedora que Reese tinha consigo e recebera um pequeno revólver calibre 22 das mãos de Mason.

Sentiu o sereno no rosto ao olhar cada um dos quatro andares do prédio antigo que agora servia de prostíbulo e comércio de drogas, cujo dono iniciava novos tipos de atividades ilegais, que incomodavam os negócios de Mason. O guarda parado na pequena porta com iluminação vermelha chamou-lhe a atenção quando o viu parado, olhando tudo.

-O que que tá pegando, cara?

John tomou um imenso susto com aquilo, mas segurou o nervosismo na garganta e respondeu grave:

-Quero falar com McKinley.

-E eu posso saber quem você é? – disse o enorme troglodita, abaixando a cabeça sobre John, num tom de desprezo.

-Você por acaso é o McKinley? – desafiou-lhe. – Não tenho nada pra falar com você.

O forte guarda da porta urrou de raiva e ameaçou agarrá-lo, mas ele sabiamente continuou a falar:

-Eu venho em nome de Mason Fontane, o que vim tratar é com o McKinley e somente ele pode me atender.

O homem congelou-se, sabia quem era o tal Mason Fontane. Logo contatou alguém de dentro e perguntou sobre o que fazer, segundos depois, John era autorizado a entrar no prédio.

Quando o segurança abriu a porta para John, logo apareceu um outro para introduzi-lo no prédio, uma figura suja, esguia e mal vestida, com barba longa e aparência de cafetão. John o cumprimentou, levantando levemente o chapéu. O guarda da porta o revistou, pés, pernas, cintura, dorso e braços. Surpreso, meneou a cabeça para o cafetão, claramente seu superior, dizendo que não achara nada com o jovem. Este, sem falar nada, respondeu também com a cabeça para que John o seguisse.

Os dois caminharam pelos estreitos corredores de pura penumbra, passando pelas dezenas de quartos que ali haviam. O lugar era mal cheiroso, fedia a suor e drogas e não inspirava nenhuma limpeza. Realmente algo deprimente, que passava a ideia do tipo de pessoa que seria McKinley. John tentava justificar a si mesmo, procurando todo argumento que pudesse encontrar que tornasse McKinley um homem pior. Talvez a ideia de matar um humano torpe e sórdido o fizesse sentir-se menos culpável por fazê-lo.

Observou as mulheres que ali estavam. De todas as etnias e idades, atendendo a todos os tipos imundos de homens que a cidade criava, só tinham uma coisa em comum: o olhar de

infelicidade que não conseguiam esconder. No meio delas, John encontrou uma que quase o fez sentir-se bem em eliminar o sujeito McKinley. A pequena menina loira parecia ter pouco mais de quinze anos.

Explorando uma menina! Farei bem em expulsá-lo deste mundo, McKinley!

Mesmo com tantas evidências da tamanha torpeza daquele que enfrentaria, John não conseguia acostumar-se com a ideia de tirar-lhe a vida. Não pelo homem que merecia morrer, mas John via a si mesmo enquanto fazia aquilo. Quem ele se tornaria depois de cometer o ato?

Não havia mais como voltar, era esse o seu destino. Entre os corredores e escadas mal iluminados daquele lugar tenebroso, John caminhava para sua maturação criminal.

Após subir dois andares, no fim de um corredor enfeitado por algumas goteiras, ele chegou a uma porta guardada por um homem armado. O indivíduo examinou novamente se ele trazia alguma arma e, não encontrando, mandou que esperasse ali, junto com o que o trouxera. Abriu a porta e perguntou se o chefe estava disposto a recebê-lo. Dada a autorização, John pôde entrar.

O coração do rapaz palpitava ao entrar naquela sala. Suas mãos tremeram quando avistou o homem atarracado, velho e com aparência tão vil, jogado atrás da enorme mesa cheia de papéis embolados com comidas velhas e álcool de todos os tipos. O seu segurança manteve-se ao seu lado, de pé, olhando-o por todo o tempo, mesmo após sentar-se para falar com McKinley.

-O que o Fontane quer comigo? – perguntou McKinley, enquanto devorava algum tipo de massa gordurosa.

John olhou rapidamente a janela, imaginando que opções de fuga teria. Logo olhou para o segurança ao seu lado e falou:

-O que vim falar, só cabe a mim e a você. – e voltou o olhar para McKinley.

-Este aí é meu braço direito, não tenho nada a esconder dele. – disse o glutão, enchendo um copo sujo com uísque. – Se a conversa for amigável, encho um copo para você.

-Não, obrigado... – respondeu, vendo a sujeira que estava em tudo à sua volta.

-Então fale logo, - disse, entre os goles na bebida. - meu tempo não é lixo pra jogar fora assim!

-Eu já disse, - insistiu John. – vim falar contigo. Estou certo que você não vai querer que outros ouçam o que eu tenho para falar-lhe...

Como todas as pistas mostravam, aquele homem certamente portava muitas pequenas culpas vergonhosas, o que serviu de argumento nos lábios de John.

McKinley ficou desconfiado. Entortou as sobrancelhas e puxou um revólver da gaveta, deixando-o em cima da mesa, entre a sua sujeira. Acenou para que o homem deixasse a sala, tal que, resistente à ideia, saiu e fechou-a.

-Muito bem, - disse o homem. – espero que seja algo muito importante pra você estar fazendo isso tudo... ou vou responder ao Fontane usando a tua pele pra escrever. – jogou então o copo sobre a mesa e pôs-se a observar o jovem que o fitava sem conseguir esconder o nervosismo. – Gostei desse chapéu...

John tirou o chapéu e segurou sobre a cintura.

-Vamos, diga! – insistiu McKinley.

-Mason está sabendo das movimentações que estão acontecendo aqui. Devo dizer que ele não está satisfeito...

-Ah ah! E mandou você aqui para quê? Para me fazer pedir permissão? Eu nem sei o teu nome, moleque!

-É John Moore. Mas isto não importa...

-E por que não? – disse o homem enquanto ria dele.

-Porque você não vai estar vivo pra lembrar!

Enquanto falava isso, John enfiou a mão no chapéu e puxou o pequenino revólver 22, que estava preso à sua copa. O gordo tentou pegar sua arma, mas atrapalhou-se, derrubando o uísque sobre a mesa. Antes que ele tivesse tempo de reagir, John acertou-lhe o meio da testa. O homem caiu morto na cadeira presidente em que estava.

Mesmo muito nervoso, John não deixou-se perder tempo. Punha-se de pé no instante posterior ao disparo. Sabia que o segurança ouvira o som do disparo e puxou sua cadeira até a porta, usando-a como tranca para a tal. Foi na hora certa, a maçaneta já virava, pois ele já tentava abri-la pelo outro lado.

Inexperiente, John queria ter toda certeza de não falhar, mirou o pequeno revólver para o defunto à sua frente e disparou até acabarem-se as balas. Foi então que ele se deu conta que o segurança já estava quase derrubando a porta atrás dele.

Desesperado, enfiou a arma sem balas no bolso e correu até a janela, procurando por uma escada de emergência. Merda! Não havia nenhuma ali! Ainda ouvindo os fortes golpes que o homem infringia contra a porta de madeira, procurou por alguma opção de sair sem enfrentá-lo. Não senhor, Bickle, você não morre! Dizia para si mesmo ao correr com o olhar para fora do prédio.

Finalmente, encontrou uma tubulação que descia até próximo ao chão, vinda do telhado e

presa à parede, como uma calha de água da chuva. Alvorçado, pulou e agarrou o cano, que renhiu com o seu peso, descendo aos trancos, tentando deslizar até abaixo. Não obteve êxito em fazer uma perfeita performance, pois metros antes de chegar, caiu de costas no chão. Sem tempo para ruminar o acontecido, levantou-se e correu pelo beco escuro que circundava o prédio. Sentiu os tiros passarem próximo a si e acertarem o chão e o lixo que enchia o lugar, disparados pelo homem enfurecido que chegara à janela. Poucos metros à frente, já podia ver o carro. Antes que o restante do prédio pudesse ser avisado, ele já estaria partindo dali. Dada a partida, uma só palavra veio à sua mente: vitória!

O capanga só pôde ouvir da janela o cantar dos pneus, percebendo a derrota para o novato invasor.

Capítulo 8

Informações

Os raios de sol serviram para acordá-lo. Sem ouvir o rádio despertador, seu sono só foi interrompido pelo forte incômodo que a luz da manhã causava, pois havia esquecido de fechar as cortinas na noite passada, devido ao insuportável cansaço que sentia. Dormira profundamente.

Levantou aos bocejos, ainda sem muito equilíbrio, mas estava descansado e pronto para uma nova trilha de investigações. Só precisava de um bom banho para despertar...

Antes de ir para o chuveiro, ligou a TV, já em seu canal habitual, a CNN, e num volume bem alto. Era costume seu banhar-se ouvindo ao noticiário.

“...e ele promete que fará deste um importante esporte olímpico! Será que o Bulletball um dia estará entre os jogos? E agora, novas informações sobre o atentado da maratona. – Glenn quase deixou o sabão escorrer para os olhos, estava atento ao que ouvia. – O caso de Behruz Kabiri, o rapaz acusado pelo ato terrorista da manhã de domingo, conseguiu avanços nesta madrugada. Após um longo interrogatório com a sua família e o cruzamento das informações encontradas em seu computador pessoal, o FBI declarou que a acusação está quase comprovada. Segundo as informações, Behruz Kabiri havia se radicalizado há dois anos, após se unir a um grupo islâmico que vem atuando no recrutamento de jovens pelos países. Há poucas informações sobre a origem desse grupo e a qual família pertence, mas de acordo com a CIA, o movimento já vem sendo investigado desde o início do ano. O relatório mostra que a família não conhecia as intenções do jovem, mas apoiava a posição radical do filho. Segundo sua mãe, Zareen Kabiri, a família tinha conhecimento de sua posição mais radical, mas não sabia que o filho tomava atitudes tão extremistas. De acordo com as informações, as duas famílias devem voltar para o Irã dentro de algumas semanas. O presidente Richard Voight fará um novo pronunciamento hoje, às vinte horas.”

Glenn quase caiu no banho pelo pulo que deu. Que informações eram estas? Quando que a mãe do rapaz havia dito qualquer coisa que não fosse lástimas e orações em língua persa? Isso estava cada vez mais estranho...

Terminou de se aprontar e logo seguiu o mais rápido que podia para o Bureau, tinha muitas questões em mente.

-Bom dia, Glenn! – disse Anna ao vê-lo chegar.

-Bom dia, querida. – respondeu, enquanto andava apressadamente para sua mesa.

-Nossa! Pra que tanta pressa?

-Dúvidas, Anna. Dúvidas!

O detetive logo encontrou seu amigo, Bob, e perguntou:

-Você está sabendo de algo sobre as notícias de hoje de manhã?

-Eu, não... O que foi?

-Que história é essa de o cara ser radical e a CIA já investigar a família e a mãe... a mãe nem fala nossa língua!

Bob não estava compreendendo o que ele dizia, apenas fitava-o, assustado. Glenn continuou:

-Ontem eu estive lá durante o interrogatório, nada daquilo foi falado. E eu vi quando a família foi embora. Tudo está cheirando muito estranho...

-Bem, o que vou dizer... você é quem esteve lá, eu não tenho como lhe ajudar, amigo. – respondeu Bob, em voz suave e compassiva.

-E o computador! Ainda não tivemos nada em mãos que mostre o que tinha nele!

-Isso é verdade... – matutou o seu parceiro.

-Nós estamos no centro da investigação e nada disso nos foi passado!

Enquanto Glenn falava, sem que ninguém esperasse, Peter Morrison surgiu na porta. Todos se calaram imediatamente. Após ele, um outro homem entrou, um pouco mais velho, era ninguém menos que Stephen Stuhlbarg, o Procurador Geral de Justiça do país.

Todos tremeram diante da autoridade presente.

-Senhores, - disse Morrison. – este é o Procurador Geral Stephen Stuhlbarg.

O homem entrou com seu semblante sério e observou cada um dos presentes. Como se alimentasse do clima reverente na sala, disse:

-Bom dia a todos.

Ninguém hesitou em responder.

-Senhor, este é o agente Glenn Marshall, principal responsável por nosso sucesso com as investigações. – disse Peter Morrison, gesticulando com a mão.

O homem caminhou até ele e apertou sua mão, dizendo:

-Parabéns, meu jovem. Você nos proporcionou um grande avanço nas investigações.

-Com prazer, senhor. – respondeu, constrangido.

-Estarei de olho em você. – disse o homem, em um tom um pouco humorado.

Todos riram, mais por constrangimento que por partilhar algum humor com a situação. Glenn tentou aproveitar a oportunidade para garantir acesso às informações que estavam obscuras:

-Senhor, estamos trabalhando com afinco nesta investigação, mas poderíamos obter maior sucesso se algumas políticas fossem alteradas. Gostaríamos de ter maior acesso às evidências e informações disponíveis sobre o caso.

Stephen ficou pensativo, mas antes de falar qualquer coisa, Peter Morrison se adiantou:

-Podem ficar mais tranquilos, vocês terão acesso a todas as informações, eu mesmo estarei providenciando isto.

Glenn não se contentava em pedir, precisava ser incisivo, não só solicitava, mas certas horas, cometia o abuso de provocar as autoridades:

-Eu gostaria de investigar o computador do rapaz, mas como já verifiquei, não está entre as evidências. – instigou o jovem.

-Ele está em D.C. – respondeu Peter Morrison, claramente aborrecido com os questionamentos do jovem agente.

-Entendo...

Stephen saiu da sala, seguido por Peter Morrison. Todos respiraram aliviados.

-O que foi isto?! – perguntou Anna, estupefata. – Não percebeu a irritação do Sr. Morrison?!

-Não sabia que ele estava aqui... – disse Bob, referindo-se ao Procurador Geral.

-Eu sei... Anna. – respondeu Glenn. - Mas algo está muito estranho nessa história toda...

Capítulo 9

Pela culatra

O sucesso de John em seu trabalho rendeu para ele a entrada oficial à organização Fontane. Mas para Mason, rendeu algo inesperado.

No dia seguinte ao assassinio de McKinley, o gangster abdicado de suas raízes conversava com Michael Reese em seu escritório.

-Não posso acreditar! – exclamava o chefe. – Como eu iria esperar uma situação como esta?

-Uma bala que acertou mais de uma cabeça... – disse Reese suavemente, sentado de frente para a mesa de seu superior, enquanto acendia um cigarro.

-Quem poderia imaginar que o McKinley trabalhava para o Palermo? – esbravejava, andando de um lado a outro da sala.

-Às vezes os pequenos vermes alimentam bichos bem maiores... – disse o velho, durante um trago. – E vou dizer, ele devia ser uma espécie de disfarce, uma empresa de fachada. Quem diria... – disse em tom tranquilo. - terceirização de mafiosos... – e ria.

-Ele vai responder, certamente. – Mason pegava uma xícara de cappuccino que estava em sua mesa, consternado. - Há tempos viemos tendo problemas, mas nenhum dos lados passou do limite. Resta saber de que forma será sua resposta.

-Já fiz minha investigação. – disse Reese, expirando toda fumaça que tinha em seus pulmões.

Mason ficou surpreso, quão ávido fora seu velho parceiro. Indagou:

-Então fale-me! Descobriu alguma coisa?

-Parece que haverá um encontro hoje à noite no cais velho. Um informante disse ter ouvido conversas sobre isso.

-Um encontro? Mas é certo que isso tem relação conosco?

-Não posso garantir, mas ao que parece, muita gente está envolvida nisso.

-É bom averiguar...

-Farei isto.

-Na verdade, - disse Mason em um tom de esperteza. – isto pode nos ser muito útil...

Um plano em mente

Cathelin acordou. O abrir de seus olhos naquela manhã foram mais alumiados que os anteriores. Faltava a face de John, sonolento, deitado à sua frente, aliviando a contraluz que vinha da janela, como era todos os dias. Ele não estava ali.

Ela estranhou, sempre levantava antes dele para trabalhar. De sono pesado, ele dificilmente acordava com os barulhos que ela fazia enquanto se arrumava. Poucas vezes a via sair, pois dificilmente despertava cedo. Todas as manhãs ele encontrava a mesa de café, posta por ela com carinho, antes de sair, o que tornara-se uma piada comum entre eles. Sempre que o via levantar, nas poucas vezes que isso acontecia, ela reclamava – embora com um sorriso no rosto: a única coisa capaz de te acordar é o cheiro do café da manhã... Nem a tua esposa, toda gostosa e cheirosa, deitada ao teu lado consegue isso!

John sabia que era provocação de sua esposa, mas respondia:

-Ah! Drama! Passo a noite toda ao teu lado, e você ainda vem reclamar comigo!

Naquela manhã ele não estava ali. Cathelin levantou, foi até ao corredor e olhou no banheiro, depois seguiu até à cozinha e nenhum sinal de seu esposo. Ao aproximar-se da sala, um ruído surgiu, bem baixinho, era a televisão. Ao chegar, viu-o deitado no sofá com os pés para o alto, olhando a TV sem muita atenção, sem assistir nada. Percebeu a expressão soturna em seu olhar e perguntou:

-O que houve, amor?

John apenas virou o olhar para ela.

-Você não está bem. O que houve ontem? – insistia. – Nunca vejo você levantar assim...

John não demonstrava nenhuma vontade de lhe responder nada, não queria falar, não queria que lhe falasse nada. Forçou-se a dar uma resposta por educação:

-Só estou sem sono.

Cathelin fechou a cara, não gostava de receber respostas fajutas, embora vivesse usando-as em seus momentos de raiva. Voltou, calada, para o quarto e foi se aprontar. Fez também o café, com os ovos e bacon tradicionais, deixando-os já arrumados para ele comer. Voltou à sala:

-Fiz do jeito que você gosta, coma, antes que esfrie...

Como ele nada respondia, ela insistiu:

-Você não me engana, Jonny! Assim eu vou ficar preocupada com você. Vamos, me diga...

-Vá trabalhar. – respondeu, seco.

O modo que a resposta veio surpreendeu Cathelin. Ele nunca lhe respondia com rispidez ou de forma tão seca como agora. Havia algo de muito errado acontecendo. Tudo por causa daquele maldito trabalho! Se tivesse como ela arrancar dele suas dúvidas...

Como já estava vestida e maquiada, terminou de prender o cabelo, pegou a bolsa e as chaves na mesa com certa rigidez e saiu, sem se despedir, muito aborrecida. Ele apenas ficou ali, com o olhar vago e feição preocupada.

John passara o resto da noite em claro. Embora a adrenalina do que vivera naquele momento fosse um forte impedimento ao sono, a causa de seu despertar noturno fora de aspecto moral. Em sua mente repetia-se constante a imagem do velho McKinley sobre a cadeira, boquiaberto, com olhar arregalado e enraivecido que o deixavam com uma expressão simiesca, dadas suas grossas sobrancelhas cerradas sob a testa franzida, molhada pelo suor. Não parava de pensar no sangue que escorria pelos furos em sua roupa e dizer para si mesmo que aquilo fora feito por ele. Mesmo que tivesse nas mangas inúmeros motivos racionais para justificar-se, não sentia paz alguma por ter sido seu executor. Havia se tornado um assassino. Não era como aqueles psicopatas malignos que procuram vítimas pela cidade, pensava consigo mesmo, havia matado um criminoso, mas no fundo, os psicopatas e ele podiam agora ser contidos numa mesma palavra: assassino.

Passou a manhã morgado no sofá, assistindo TV com a mais amortecida expressão no olhar. Ficou assim até ouvir o toque de seu telefone. Quase que não atendeu. Ao encostar o fone no ouvido, aguardou para saber quem era. Reese falava:

-John? É você? Alô?

-Sou eu... – respondeu, desanimado.

-Está bem, filho?

-Sou membro oficial agora, não sou?

-Não disfarce, sei que há algo errado.

John nada falou.

-Olhe, rapaz, sei o que você está passando. Também passei por essa crise, duas vezes. Não se deixe afundar com isso, não vale a pena. Eu... vamos fazer o seguinte! Me encontre lá na

Betty's e vamos conversar.

John desligou. Pensou em continuar ali, vendo a mesma porcaria de sempre na TV, mas resolveu buscar algum ânimo no encontro de seu amigo. Tempo depois, chegou à lanchonete onde Reese sempre passava as manhãs, já era hora do almoço, mas ele estava lá, aguardando sua chegada.

-Ei, vingador! Sente-se aqui, vamos conversar! – disse Michael Reese, ao vê-lo chegando.

Após o jovem sentar-se à mesa, ele continuou:

-Bom que você veio. Temia que fizesse um moicano e saísse matando gigolôs pela cidade afora... – disse em tom bem humorado. John não demonstrava grande reação às suas brincadeiras.

-Você disse duas vezes. – respondeu o jovem.

Reese ficou surpreso, mas tomou a palavra:

-Sim. Quando eu tinha a tua idade, estive no Vietnã. Foi a primeira vez que uma bala minha não acertou um alvo de madeira. Eu sabia que estava numa guerra, e que aqueles homens eram inimigos e me matariam na menor chance que tivessem, mas quando você tira uma vida... Já não bastasse o inferno que vivi lá, ainda carreguei esse fardo por muito tempo, até que já havia feito aquilo tantas vezes que eu já não sentia mais. Era como uma ferida que ainda está aberta, mas já não causa dor. No fim, eu e meus companheiros passamos longos dias na boca do inferno, vivendo nossas crises pessoais e, poucos que conseguimos sobreviver, quando voltamos, éramos desprezados pelo nosso próprio povo. Enterrei vários amigos meus aqui, após se suicidarem. Comecei a me perguntar se valia a pena ter passado por aquilo tudo...

Reese percebeu que a expressão no rosto de John havia mudado um pouco, agora que conhecia mais sobre ele. Nesse momento, a garçonete chegou com dois pratos recém preparados, ele havia pedido o almoço para os dois. Enquanto comia, continuou:

-Mas ainda passei por isso mais uma vez. Sabe, quando eu voltei para cá, passei anos buscando uma vida decente, mas não conseguia nada. E eu era um dos poucos que não havia retornado da guerra viciado em drogas, os que vieram assim terminaram suas vidas muito piores do que eu estava. Mas a questão é que as pessoas nunca compreendem o que não está à frente de seus olhos. Para elas, eu era um derrotado, alcoólatra e assassino, pois era o que elas viam aqui. Ninguém se importava com o que eu vivi lá, até que conheci Elias Fontane. Ele também via em mim a mesma coisa que todos, mas decidiu acreditar que eu poderia ser mais que aquilo. Eu comecei a trabalhar para a família, fazendo pequenos trabalhos e vigilância, até o dia do inevitável. Um encontro inesperado com um grupo rival nos fez entrar em choque. Perdemos dois homens naquela noite, mas matamos todos eles. Eu havia feito boa parte do trabalho. Mas aquilo não era a guerra, aqueles eram civis. E isso me fez recair naquela mesma crise. Na guerra eu era um soldado assassino, ali eu era apenas um assassino.

-O que te fez mudar de ideia? – finalmente perguntou John.

-Bem, gosto de pensar que aquilo foi inevitável. Se eu não os matasse, eles nos matariam. E digamos que eu não sou muito bom em morrer...

John não ficou muito satisfeito com a resposta, mas entendeu o que ele quis dizer. Terminou sua refeição antes de Reese e ia levantar-se, mas o velho o interpelou:

-Por que está indo?

-Não sei, exatamente.

O velho se irritou:

-Vai continuar e agir como uma menininha?! Você decidiu aceitar meu convite! Você disse que estava pronto! Então encare os fatos e aja como o homem que diz ser! – Os dois se entreolharam, um silêncio pairou por algum tempo, até que Reese apontou para o assento à frente e continuou. - Tenho algo para você. Sente-se.

John sentou-se novamente. Reese:

-Descobrimos que há uma reunião importante hoje à noite. Ao que parece, estão se unindo. Mason desconfia que seja contra nós e isso é inadmissível. Vamos agir antes deles. Enforcar o cachorro na coleira antes que ele morda sua mão, entende?

-E qual é o plano?

-Mason queria fazer um cerco no local, mas isso chamaria atenção demais e poderia ser problemático. Enfrentar todos eles em um tiroteio poderia causar muitas baixas e a bagunça também deixaria a polícia em nosso encalço. Eu o convenci a seguir um plano que tenho em mente...

Capítulo 10

Trabalho maldito

Glenn estava decidido a seguir seus instintos, investigar aquelas suspeitas, mesmo que não contasse com o apoio de seus superiores. Nada o deixava mais exaltado do que um mistério em sua mente, especialmente algo de tamanha estranheza. Dadas as circunstâncias, concluiu que a investigação teria de ser conduzida em sigilo, o que tornaria tudo mais complicado, pois nunca havia feito nada em segredo no escritório.

Sentou-se em sua mesa e se pôs a pensar coisas mirabolantes que pudessem trazer alguma explicação à incongruência dos fatos. Enquanto matutava teorias das mais incríveis, um cheiro delicioso lhe veio ao encontro, tomando sua atenção por completo.

-Um cafezinho recém passado! – disse Anna, trazendo uma xícara sedutora de café fervente.

-Oh! Anna, se eu sobreviver a este caso, lhe peço em casamento! – respondeu ele, estendendo a mão para receber a bebida.

Ela fez que ia entregar, mas voltou o braço para trás, dizendo:

-Desculpe Glenn, mas eu quero um casamento e não um filho adotivo...

Glenn era como uma criança para Anna, o jovem loiro de trinta anos era visto pela mulher negra prestes a se aposentar como um filho, e o seu relacionamento era quase maternal, mesmo dentro daquela insípida agência. Ambos solitários, completaram-se durante suas carreiras e viam-se como grandes companheiros.

-O que eu seria sem você... – disse ele sorrindo carinhosamente para ela.

Após receber seu ópio negro, voltou-se a sua mesa, à procura de um meio reservado para trabalhar. Levantou a tela de seu notebook e o ligou. Por onde começaria?

Iniciou a pesquisa conectando-se ao sistema do próprio Bureau. Acessando algo semelhante a uma Intranet avançada, tentou identificar os agentes do FBI que haviam feito o interrogatório dos pais do jovem Behruz. Nada encontrava a respeito deles, nenhum registro, data de entrada ou qualquer informação que levasse a um dos supostos agentes.

Esses caras são do serviço secreto... Pensava.

Passou quase uma hora em cliques, enters e anotações, até que cogitou a ideia de tentar um contato com a família Kabiri. Muito sabiamente, disfarçou que precisava fazer algo na rua e saiu. Tinha em mãos o endereço dos iranianos, então seguiu às redondezas de sua residência,

no lado mais sujo do Bronx.

Com certeza tem alguém de olho, imaginava enquanto dirigia. Glenn não era tolo, sabia muito bem como funcionavam as coisas em casos sérios como este. Nenhuma suspeita passaria em branco. O governo que monitora seus próprios cidadãos jamais deixaria um suspeito longe de seus olhares.

Precisava ser sagaz. Andar até a porta da casa, tocar a campainha e pedir para entrar não seria uma boa ideia. Seria o mesmo que pedir aos vigilantes para incluir seu próprio nome na lista de vigiados. Estacionou a uma considerável distância e ficou observando cada canto do lugar. Não demorou muito para perceber que próximo à residência havia um carro parado, com um homem dentro, lendo jornal.

Só falta a melancia na cabeça.... Zombou do péssimo disfarce do outro agente.

Ver o homem estranho parado no carro lhe provocou a lembrança de um jargão antigo: Os pacientes vigiam, os inteligentes descobrem. Certamente não havia nada mais tedioso e improdutivo do que trabalho de vigilância. Glenn ficou pensando em um jeito melhor de entrar sem ser percebido, até que resolveu, entraria pelos fundos.

A família residia num bairro de casas muito simples. Cuidadoso, deu a volta no quarteirão e entrou por um outro quintal, tentando encontrar a direção certa. O local era perigoso, ele não sabia se teria problemas ao passar por algum quintal de traficante ou algo parecido. Um morador chegou a gritar com ele, mas ao mostrar suas credenciais, o homem ficou intimidado. “Shhh! Silêncio! Só estou passando!”. Atravessou alguns corredores, pulou cercas e alambrados e finalmente chegou a um quintal que parecia ser daquela casa.

Ainda do outro lado da mureta, Glenn pôde ver um homem, americano, vestido como um agente do FBI ou detetive da polícia, com sua arma no coldre, caminhando nos fundos do quintal. Surpreso, o jovem buscou esconderijo o mais rápido que fosse, para não ser visto pelo estranho que rondava o lugar.

Droga!

Se fosse visto pelo vigia, certamente seria reconhecido como um agente e inquirido a responder o que fazia ali sem ordens superiores, o que o transformaria num suspeito interno, se todo aquele caso tivesse a profundidade que mensurava ter. O ruído de seus passos apressados em esconder-se chamou a atenção do homem, que voltou-se para sua direção, buscando ver por cima da mureta o que estava acontecendo. Para sua sorte, Glenn saiu de vista a tempo. Após olhar com certa má vontade, o homem decidiu que nada havia de suspeito e retornou a seus passos mórbidos naquele fundo de quintal sujo.

Não acredito, você vai ficar aí por muito tempo?!?! Resmungava em seu abrigo, temeroso em sair e ser visto.

O homem desanimado, após alguns minutos de letargia, despertou de sua inércia e caminhou

para o corredor lateral da casa, dando sinal de que seguiria para a rua. Talvez fosse fazer uma troca de turno com o companheiro que aguardava no carro, ou apenas conversar para ajudar a passar o tempo. Glenn viu ali a sua oportunidade.

Com cuidado, esgueirou-se pelo chão sujo de terra batida até chegar à varanda. Observou pelo canto da janela e viu uma senhora, com aparência e vestes muçulmanas, na cozinha. Ainda não tinha certeza se era Zareen Kabiri, a mãe de Behruz, pois ela havia usado burca todo tempo em que esteve fora de casa. Sua dúvida, porém, se desfez quando viu um menino surgir de uma porta que parecia levar à sala e vir até ela, falando provável língua persa. Glenn o reconheceu, era certamente o irmão mais novo do jovem Behruz!

O agente aproximou-se da porta dos fundos, levantou-se e bateu duas vezes, bem baixinho, para tentar ser o mais discreto possível. Após algum tempo e duas olhadas através da persiana na porta, a maçaneta girou e ela se abriu, mantida ainda presa a uma tranca de corrente.

Olhos assustados e bem arregalados o fitavam, cheios de confusão e curiosidade, aguardando uma resposta. Ela começou a falar exasperadamente em persa e ele já estava nervoso, sem saber o que fazer. Tentou gesticular algo para mostrar que suas intenções eram boas, mas ela não entendia. A confusão se manteve até que o menino a chamou e tomou seu lugar na fresta da porta, com seus olhos grandes e inocentes de criança.

-Oi amigão, – disse Glenn, com um sorriso amarelo. – eu vim aqui para conversar com seu pai. Quero ajudar vocês.

-Meu pai não está. – respondeu o menino, com um inglês regular.

-E você sabe onde ele está?

-Me disseram que meu irmão morreu.

-Teu irmão?

-Meu pai disse pra não acreditar em ninguém. Ele foi pro céu?

-Seu pai disse? – indagou ele, pensativo. – Bem, ouça o que seu pai diz...

A mãe, sem entender o desenrolar da conversa tornou a gritar com o garoto novamente, mui desconfiada. Ele respondeu algumas coisas a ela, que lhe respondeu com algo semelhante a uma ordem.

-Moço, o que o senhor quer? – disse o menino, retomando a conversa.

-Sua mãe que perguntou?

-É...

-Diga a ela que eu não acredito no que aconteceu e quero saber o que vocês têm a dizer.

O menino voltou-se para sua mãe e conversou com ela. Glenn ficou inseguro se a criança reproduziria de forma aceitável a longa frase que ele havia dito. Além de muitas palavras, ainda era necessário traduzi-las para o persa. De qualquer forma, o pequenino demonstrava ser bastante ávido e inteligente.

De repente, a porta bateu. Glenn ficou estatelado, duvidoso se aquilo seria um sinal positivo ou uma expulsão, mas logo ouviu o ruído da corrente e a porta se abriu novamente, desse vez sem a tranca.

Zareen disse algumas coisas em persa que ele interpretou ser um convite a entrar. Após uma troca de olhares, o agente adentrou e foi conduzido por ela até à sala, onde sentou-se no sofá. A mulher foi até a cozinha e depois voltou com um copo d'água na mão, esticando o braço até ele e falando insistentemente em sua língua natal. Tentando interpretar sua fala pelo tom de voz, ele apenas acenava com a cabeça, em concordância a tudo o que ela dizia. Desconfiado, ele sentia uma estranha forma de medo com aquela situação constrangedora. Mesmo temendo o que haveria naquela água, sem saber o que fazer, pegou o copo e o segurou consigo, coagido. Após resmungar mais algumas coisas, ela retornou à cozinha e continuou seus afazeres.

O menino via televisão. Por um longo tempo, tudo o que Glenn tinha em sua mente eram o copo d'água que segurava, o cheiro da comida que era preparada, a companhia do menino e o dinossauro rosa que cantava na televisão. Desejou profundamente estar no lugar do homem que os vigiava no carro, lendo indefinidamente o mesmo jornal.

Os minutos passaram lentamente, até que a porta da sala se abriu e Bashar Kabiri, o pai, entrou. Glenn pôde ver sua expressão mudar quando o encontrou, sentado em sua sala. O homem vociferava locuções iradas em persa, soltando saliva para todos os lados, as veias saltavam em sua testa. Quando estava prestes a voar em cima do jovem, Zareen surgiu entre eles e iniciou uma estranha discussão com seu esposo. Após tudo aquilo, Glenn Marshall surpreendia-se com o fato de que ela havia realmente compreendido suas intenções com a visita. O mais espantoso era a capacidade do menino permanecer imóvel diante da situação, atento ao programa infantil como se nada acontecesse às suas costas.

Após uma troca de frases ininteligíveis, a discussão acabou e Bashar voltou-se para o jovem agente.

-O que você veio fazer aqui? – perguntou ele, ainda nervoso, agora falando em seu péssimo inglês.

-Me perdoe a invasão, senhor. Estou aqui para conversar.

-Você é o quê?!

-Eu sou do FBI, agente...

-Vá embora, não há mais nada para falar! Eu já disse tudo a vocês! – tornou a gritar, consternado.

-Senhor Kabiri, estou aqui para te ouvir. Quero saber a tua versão dos fatos.

-Para quê? – indagou o homem, tentando prender suas emoções ao engolir seco enquanto falava. – Quem vai dar ouvidos a um muçulmano na terra dos americanos!?

-Estou aqui para isso. – Glenn tentava apaziguá-lo.

-Nós vamos embora daqui! Já está decidido!

-Apenas me conte, senhor Bashar, eu só quero ajuda-los. Não acredito no que se diz por aí...

Ao ouvir isto, Bashar calou-se, pensativo. Resmungou palavras persas em monocórdio e, por fim, resolveu sentar-se e conversar melhor:

-O Behruz não era mal. – disse ele, tristemente, apoiando os braços sobre os joelhos e olhando para o tapete esticado no centro da sala. - Um bom menino, bom menino... Era muito estudioso, sempre com boas notas na escola, um jovem especial... Ele me ensinou o inglês, quando viemos para estas terras... – seus olhos se enchiam de lágrimas ao falar do garoto, Glenn percebeu certa sinceridade no olhar do pai. – Maldito dia que decidi vir para este lugar! Futuro... queria um futuro para eles, uma faculdade, estudos, e voltar para nossa terra depois. Me diga, meu jovem, onde está o futuro dele agora?

Glenn muito se apiedou do garoto ao ouvir aquilo. Se a história do pai era verdadeira, Behruz jamais se disporia a trocar a vida por uma causa. Mesmo não sendo um exímio conhecedor do mundo radical, ele estava certo disso. Terroristas não sonham com coisas mundanas. Arriscou ir mais a fundo com o soturno Bashar, precisava esclarecer algumas questões:

-Eu ouvi o senhor usar o termo “bode expiatório” durante o interrogatório de antes. Por que disse aquilo?

Bashar Kabiri levou a mão ao nariz, apertando com força os entremeios dos olhos, para que não descessem as lágrimas já à vista. Suspirou com tristeza e balançou a cabeça repetidamente, enquanto parecia enxergar à sua frente as lembranças de seu filho mais velho.

-Meu garoto não faria uma coisa daquelas, ele não era assim, não era um radical. Sonhava ser médico, estudar a ciência aqui, voltar para nosso país e trabalhar num hospital em Teerã... Não trocaria isso assim, de repente... – a esta altura, já não se importava com as lágrimas. Após uma pausa para respirar, continuou, olhando seu filho mais novo que ainda assistia à TV. - Ele disse que tinha recebido um correio eletrônico, é e-mail que se fala? Um e-mail da escola, na noite anterior, marcando um trabalho em grupo no local da maratona. Tirar fotos, vídeos... não entendo muito desses trabalhos estranhos dos americanos. Estudar é livro, LIVRO, entende? No meu tempo líamos livros... Eles deveriam se encontrar e fazer o trabalho lá mesmo. Até o próprio Behruz estranhou isso, pois nunca havia feito nenhum trabalho assim

naquela escola. Seu amigo, o Amir, ahh... pobre Amir... ele não recebeu esse aviso, mas resolveu ir com ele. Minutos antes de acontecer tudo, quando chegaram ao local marcado, eles me ligaram, disseram que lá não havia ninguém da escola, que não entendiam o que havia acontecido...

Glenn ficou surpreso com a história. Um trabalho marcado em cima da hora não era o perfil de uma escola organizada. Um fato que lhe chamou a atenção dizia respeito ao seu colega Amir. Somente Behruz fora convocado para o trabalho. Por que isto?

Para ganhar tempo, perguntou ao pai:

- E o senhor sabe quem enviou o e-mail?

-Ele disse ter sido a educação física, que esse era um trabalho especial.

-Entendo... E qual é a escola em que eles estudavam?

Bashar lhe contou sobre a escola. Era uma highschool de Nova York, onde Behruz estaria fazendo o último ano. Este seria o próximo destino de Glenn.

Capítulo 11

Jogada de mestre

Era um grande momento. Reese olhou para John e sorriu, com aquele sorriso sádico de um matador, voltou o cigarro à boca, olhou para o cadáver do vigia caído ao seu lado e disse dificultosamente em meio ao trago: Está pronto, filho?

Do outro lado da porta estavam os líderes das principais gangues e famílias de Nova York, talvez estivessem apenas discutindo transações, jogando pôquer ou poderiam estar, como Reese desconfiava, unindo forças para derrubar Fontane, no momento um dos principais contrabandistas de armas da cidade, dentre outras coisas.

Famílias antigas, sobreviventes dos tempos de ouro da máfia italiana, e gangues de negros surgidas do gueto se encaravam numa estranha reunião. Eram como cães grandes e pequenos discutindo como iriam abocanhar uns aos outros. Todo esse alvoroço entre eles poderia ser normal, uma vez que inúmeros ataques terroristas acontecendo no país voltariam toda a atenção da segurança nacional para si, deixando o caminho livre para simples “problemas internos” como eles. Mas algo cheirava mal e Reese podia jurar que sabia o motivo...

Se fosse por causa do incidente com McKinley, o Palermo resolveria tudo diretamente com ele, mas por que reunir tantos grupos diferentes? Por que tentariam esconder tamanha movimentação dele? Isso eles iriam descobrir, e seria naquele momento.

Michael Reese tirou novamente o cigarro da boca e o jogou no chão, soprou o hálito esfumaçado da nicotina para o alto e disse ao jovem aprendiz:

-Você vai primeiro, é melhor de papo que eu. Eu te cubro.

-Ok. – respondeu o sucinto jovem esguio e de cabelos negros esvoaçados.

O local era um velho cais, composto por enormes armazéns construídos com tijolos de barro das décadas do vapor, cuidadosamente mantido com aparência de abandonado. Cauteloso, John abriu a pesada porta de ferro da sala que o finado homem vigiava e deu alguns passos adentro, olhando cada um dos homens que usavam ternos mais caros que seu salário em todo um ano poderia comprar, Reese o seguia.

A fumaça dos cigarros e charutos formava algo como uma neblina no local e parecia abraçar as espessas vigas de tijolos vermelhos que erguiam a construção, dando ao covil um ar ainda mais desconfortável ao jovem insano que desvairava à morte na frágil incursão mal planejada. Um murmúrio de vozes baixas soava junto ao tilintar dos copos de uísque e parecia confirmar a suspeita do velho cão de guerra de que havia algo conspirador.

Após o ranger da velha porta se abrindo e alguns poucos passos dos dois intrusos, um coro de armas sendo empunhadas se juntou ao som ambiente, cada armamento de fogo que houvesse, em poucos segundos tinha sua mira voltada para eles.

Reese empunhava suas velhas Colt Anaconda prateadas, o jovem John apenas seguia à frente com as mãos nos bolsos de seu paletó barato, como se adentrasse numa festa de amigos.

-Boa noite, senhores. – disse John, numa profunda mistura de seriedade e sarcasmo – Me perdoem a deselegância da interrupção, sinto como se atrapalhasse uma comemoração importante.

-Quem é você? - Perguntou um dos velhos criminosos assentados à grande mesa rústica suja de guimbas de cigarro e com a madeira coberta por manchas causadas pelo álcool das bebidas. Após grunhir um forte pigarro, resmungou – O tempos mudaram mesmo, agora qualquer moleque com o rabo fedendo a leite acha que pode entrar aqui, no meio da reunião, fazer piadas e sair como se nada tivesse acontecido!

Um dos capangas que estavam à volta da mesa, chegou-se até o velhote e comentou:

-O de trás é Michael Reese, cachorro velho do Fontane, esse da frente deve ser uma cria...

O velho olhou para o alto, deu uma alta gargalhada e disse “o cão e sua cria!”, após isso, pôs seu revólver dourado sobre a mesa e acenou para seus capangas permanecerem onde estavam. Os outros mafiosos riam-se e zombavam da situação controversa.

-Agora eu fiquei curioso,- continuou o velhote em tom jocoso - deixem ele falar, eu quero ouvi-lo. – então gritou para John. - Você, garoto, fale antes que eu te acerte um tiro no rabo!

Reese não estava apenas seguindo John, enquanto a conversa desenrolava, contava avidamente quantos homens armados havia no local. Era um número considerável. Terminada a contagem, cochichou baixo o suficiente para que somente John ouvisse: Não dou conta sozinho, é melhor você começar...

-Como dizia, tenho a impressão de que os senhores estão em uma reunião importante, – disse John. – viemos aqui para saber do que se trata, pois se o assunto é motivo de comemoração, o Mason Fontane também tem algo muito bom para comemorar.

-O Fontane? – gritou um outro homem que também estava à mesa, chefe de outra organização, com feições russas. – E o que ele espera mandando vocês dois aqui, um convitinho para a festa do chá?

Todos gargalharam copiosamente, o desprezo pelo nome Fontane não era algo comum até então. Tal fato mostrava que pareciam realmente possuir um plano elaborado para acabar com os trabalhos da organização. O homem, contendo-se dos risos, continuou:

-Agora me diga, o que tem de tão bom para ele comemorar, que precise vir nos contar?

John fitou-o de longe, sorriu e respondeu:

-A morte de vocês.

Foi quando ele tirou suas mãos do paletó e uma delas trazia consigo uma granada, já com o pino solto, caindo ao chão. O silêncio naquele momento era tão dominador que foi possível ouvir o toque do pino no velho chão de cimento úmido. As expressões daqueles homens mudaram para uma só: olhos arregalados e testas franzidas. Boquiabertos, eles mal sabiam o que fazer.

Reese não conseguia se conter, mesmo nervoso, divertia-se com essas situações. O jovem gostava de confundir seus adversários e simplesmente largou o explosivo aos seus pés. Ao primeiro quique da bomba no chão, com um chute, arremessou-a para o alto, voando bem no meio deles.

A cena parecia acontecer em câmera lenta, onde cada olhar amedrontado e expressões de pavor compunham uma poesia de terror e desespero. Alguns caíam de suas cadeiras tentando fugir, outros derrubavam seus companheiros enquanto se esgueiravam desesperadamente, consumidos pelo medo. Enquanto isso, John pulou atrás de uma viga para se proteger e sacou suas pistolas de calibre nove milímetros. Como aprendiz de Reese, ele estava se tornando um atirador de duas armas.

O explosivo alcançou o aterrorizado grupo e, como já havia passado tempo suficiente, explodiu ainda no alto, destruindo tudo que podia alcançar com imensa violência. Os poucos que escaparam da investida foram alvejados pelas balas de Reese e, se alguém sobrevivera, John o derrubou com as suas. Uma jogada de mestre.

Capítulo 12

Irmãos

Sempre que completava missões, como as chamava, John evitava se expor. Sair às ruas então, não era o programa ideal para ele. Se não houvesse algo realmente necessário a ser feito, apenas relaxava, comia algo, assistia TV e passava um tempo com sua mulher, Cathelin. Quando podia, frequentava treinos de tiro, às vezes um pouco de artes marciais. “Nada muito impossível, só quero ficar como o Bruce”, dizia ele a cada treino. Cathelin apenas resmungava, contrariada pelos gostos do marido, e respondia: você tem que parar de ver esses filmes!

John não era tão bom de conversa quanto Cathelin. Frases curtas e normalmente diretas eram sua forma de falar com ela no dia a dia. Nada o impedia, no entanto, de manter boas e longas conversas, com humor e às vezes um certo romantismo, bem de surpresa. Ele não era de fazer declarações eloquentes e armar situações belas para conquistar sua amada, como se via nos filmes. Esperar um encontro em um restaurante caro, seguido de um Chardonnay e adornado por um belo buquê de rosas vermelhas dado por ele seria no mínimo frustrante. Mas entre suas conversas normalmente cômicas e descontraídas, às vezes surgia uma palavra ou frase marcante, corajosa e sincera, sempre direta, que ficava na mente da jovem por dias, como o sabor de um doce que ainda está na boca. Declarações singelas, mas verdadeiras, que a fizeram, entre tantos risos e sorrisos, apaixonar-se por ele aos poucos.

No trabalho, porém, assumia um tom mais sarcástico e debochado. Com expressões negativas até para as respostas boas, ele era capaz de reclamar das coisas mais simples da vida com um sorriso no canto da boca. Certamente se tornava mais parecido com seu mentor, Michael Reese, a cada dia que passava.

Os dois mundos não se misturavam em sua mente. Sempre que Cathelin perguntava como fora o dia de trabalho, ele apenas respirava fundo e dizia “foi bom”, “foi difícil” ou “poderia ter um emprego melhor”. Ela desconfiava sobre o que ele fazia, mas evitava perguntar e ele não falava para não expor sua mulher ao desnecessário. Era um homem inteligente, mas despreocupado demais com o mundo. Vivia cada dia de uma vez e conseguia flutuar nas situações mais controversas com o humor de uma criança.

Cathelin era um pouco mais romântica. Carregava consigo valores morais fortes e olhava mais para fora de si do que seu jovem esposo. Bibliotecária apaixonada, sempre andava com livros aonde ia, mas nunca conseguia terminar de ler os que estavam na cabeceira da cama. Em suas conversas, para provoca-lo, às vezes usava palavras mais complexas que o uso comum, afim de confundi-lo e divertir-se com sua expressão desentendida. Após rir comedida, dizia-lhe: Você é uma graça, John! Conscientes de suas diferenças, no fim de tudo, os dois se completavam e se aceitavam, mesmo tendo estilos de vida tão díspares.

Na manhã seguinte àquele perigoso trabalho, inesperadamente, Michael Reese surgiu na porta de sua casa.

-Bom dia senhor Reese! – Disse Cathelin, ao abrir a porta.

-Qualquer dia que fique de pé é um bom dia para um velho... – respondeu-lhe num tom de lamentação, quase um charme de conversa que ele costumava fazer todas as vezes. Logo após isso, sempre vinha com um pouco de humor. - Não precisa me chamar de senhor, minha senhora nunca quis ficar comigo, fugiu com outro marinheiro.

-Ah, que isso! – disse ela, sorrindo. - É só fazer a barba e dar um bom sorriso que eu arrumo várias bibliotecárias solteiras pro senhor conhecer!

Depois de algumas risadas, ele respondeu: Só você pra me alegrar de vez em quando! Olha que qualquer dia eu aceito, mas por favor, esqueça a barba!

Reese era quase como um pai para John, embora estivessem juntos poucos anos. Mantinham-se unidos mesmo fora das ruas.

-Entre, velho! – disse John, vindo do banheiro, ainda com a toalha de banho em mãos.

-Esse velho aqui ainda pode te dar uma surra se quiser, moleque! – respondeu Reese à sua provocação.

-Então vamos conferir! – John jogou a toalha no ombro e gesticulava como se preparasse para um embate.

Reese apenas sentou-se no sofá, suspirou cansaço e finalizou a brincadeira:

-É melhor não, não preciso provar nada a você, minha vontade já passou há muitos anos!

Após o café e uma boa conversa sobre armas da segunda guerra, assunto que Michael Reese sempre tentava puxar, o velho capanga de Fontane finalmente revelou o motivo de sua vinda:

-Filho, - disse, sério, mas com uma expressão confiante. - o Mason quer te ver.

John ficou surpreso, Mason raramente desejava se encontrar com capangas menos importantes, só os chamava em trabalhos que exigissem a participação dos tais. Para John, isto soava como uma afirmação de superioridade, um meio de tornar-se não só respeitado, mas temido e reverenciado.

-Aconteceu alguma coisa? – indagou, com as sobrancelhas levantadas. – Algum serviço urgente?

-Ele ainda busca alguém para ocupar o lugar do Daniel, lembra-se?

Michael se esticou no sofá e relaxou o corpo. Olhou para a altura de seus joelhos, com olhos cansados e tristes, ajustou o imenso relógio prateado no pulso e tornou a falar:

-E não é só sobre ele que temos que pensar. Estou velho, e perto de me aposentar, filho. Quando você não pode mais correr algumas jardas sem sentir o coração clamar por socorro, é certo que sua hora de parar está chegando. E estes dois cargos não podem ficar vagos por muito tempo...

-Cargos, sei... – John pôde ouvir o sussurro de Cathelin, enquanto ela retirava a mesa de café.

-Não estava planejando fazer nada agora, não é? – indagou Reese.

-Não. Ficaria por aqui mesmo. – disse o jovem.

-Então termine de se arrumar, vamos encontra-lo hoje – continuou Reese, dessa vez com um leve e orgulhoso sorriso no rosto.

Antes de tudo, John precisava levar Cathelin ao trabalho, qual foi o destino primário dos três. Após despedir-se de sua esposa em frente à imensa biblioteca nova-iorquina, ele e seu mentor foram à casa do chefão, que ficava do outro lado da cidade.

Mason gostava de usar lugares diferentes para encontrar seus subordinados, às vezes nas docas, outras vezes cafés, já chegou a marcar encontros durante jogos de baseball ou o Super Bowl, tudo para não se tornar previsível e possível vítima de um ataque inimigo. O que trazia surpresa dessa vez era o fato de o encontro ser marcado em sua casa, algo diferente estava acontecendo a John, provavelmente Reese falava sério sobre seu posto ser passado adiante.

Chegaram à mansão onde o italiano renegado morava, um enorme aglomerado de estátuas e peças de arte compunha o caminho de entrada, com seus belos jardins e o pequeno lago. O casarão moderno com toques de estilo clássico trazia um romantismo único em época de primavera, quando ficava rodeado por uma bela combinação de rosas e flores de todas as cores e aromas. Contrastando com o clima de paz que a casa guardava ao seu redor, seguranças andavam armados pelos cantos e cães bravos presos a grossas correntes de aço inspiravam medo a qualquer estranho que entrasse no lugar. Após a morte do pai, Mason tornou-se muito cuidadoso com sua segurança, tornando o excesso de cuidados quase uma psicose.

Os dois caminharam da entrada de jardins, onde deixaram o carro, até à varanda que dava para o lago, um belo caminho, repleto de natureza, misturada à sutileza das peças que Mason comprava em leilões de arte. Na varanda o encontraram, assentado em sua mesa de sol, sobre a qual um esplêndido café da manhã estava posto.

Ao vê-los, ele iniciou a conversa:

-Ciao fratelli! Buongiorno!

-Sabe que nunca entendo essa sua língua... – resmungou Reese, enquanto se aproximava da mesa, com as sobrancelhas franzidas sobre um olhar insatisfeito.

Mason deu-lhe boas risadas. Enquanto saboreava seu aromático café, disse-lhes, agora em inglês:

-Bom dia irmãos!

-Assim fica melhor. – Respondeu Reese, sorrindo. – Enfim algo que eu possa entender... Bom dia.

John também respondeu aos cumprimentos, embora muito intimidado diante do chefe.

-Sentem-se, sentem-se! – disse Mason, erguendo sua xícara a eles. – Nada como um bom cappuccino pra deixar minhas manhãs melhores. – trouxe a bebida para perto do nariz e inspirou com ânimo seu odor - Os grãos do café e um toque bem leve de canela deixam um aroma perfeito pra manter a mente acesa. E como eu disse, isso deixa minhas manhãs melhores, mas essa está repleta de boas notícias! – completou suas palavras com um largo sorriso, acenando para que sentassem.

Os dois sentaram-se à mesa e Michael Reese indagou, surpreso com sua enorme alegria:

-Há tantas novidades assim?

-Excelentes, meu caro! Veja este jornal.

Mason mostrou um exemplar sobre a mesa, que chegara naquela manhã. No jornal, o caso fora noticiado na página policial, mas sem muito destaque, devido ao caos que se encontrava o país com a história de terrorismo. Para melhorar, a matéria, intitulada “Guerra de criminosos termina sem vitoriosos”, dizia que a polícia suspeitava ser briga de gangues, onde um explosivo acabou matando a todos os presentes, apontava uma das próprias vítimas como suspeita de causar o conflito. Nenhum suspeito de fora, nenhum foco da mídia no caso, nada que pudesse incrimina-los. Tudo saía perfeito para eles.

-A polícia, sempre buscando as respostas que lhe evitem ter mais trabalho... – disse Reese, desconfiado.

-Prefiro crer que eles realmente pensam assim. – redarguiu Mason. – Além do mais, isto significa que vocês fizeram um bom trabalho, não acha?

-Seria redundância dizer... – Reese soltou-lhe um sorriso canalha.

-Eles mesmos não desconfiam de nossa visita à reunião, - continuou Mason. - acham que algo estranho aconteceu, que foi uma trama de um deles para eliminar os outros que deu errado. Um informante me confirmou tudo hoje, antes de chegar o jornal.

-Perfeito. – disse Reese.

Mason virou-se para o calado John e fitou-o, um pouco mais sério.

-E você, sabe por que você está em minha casa, John?

Ele apenas aguardou, calado, a resposta.

-Eu gostei do que você fez ontem, poucos teriam a coragem, ou loucura talvez, de fazer o mesmo pela família. Vejo que você tem potencial. Gosto de você! E quem tem potencial não fica no meio dos outros, mas eu gosto de tê-los mais perto. E os cães que ficam mais próximos de seus donos ganham mais migalhas de suas mãos... Você está aqui porque eu quero convidá-lo para finalmente fazer parte dos melhores, meu jovem. Eu gosto de você!

-Obrigado – respondeu o jovem, ainda deslocado.

-O Michael me contou como você fez as coisas. Gostei da granada... e como tudo aconteceu também. Você é ousado e eu preciso de gente assim. Se não fossem aqueles malditos talibãs, seu trabalho estaria na primeira capa, fosse isso bom ou ruim! – e tomou o último gole do café - Mas agora eu vou querer mais de você, garoto, por isso eu estou te convidando para ser meu companheiro, meu guarda-costas. Você vai me acompanhar em minhas saídas e viagens. Eu sei que os Zampella e aqueles pretos, sabe, estão desconfiando que eu mandei vocês lá. Por isso quero gente boa comigo. Você acha que é capaz disso, filho?

Reese apenas observava tudo, analisando as expressões de seu aprendiz.

-Creio que sim – respondeu John.

-Você seria capaz de fazer o que fosse necessário pela organização?

-Sempre que precisar.

-Esse é um divisor de águas, John, você não será mais um simples empregado, não será apenas parte de uma organização, mas de uma família. Não receberá apenas ordens, mas participará dos acontecimentos e conhecerá coisas que poucos conhecem. Não receberá mais um salário comum, mas a paga merecida. Mas há uma questão importante e te dou um dia para pensar sobre ela: uma vez dentro, você estará marcado. Será visto como um de nós, terá nome e conhecerão teu nome. Não haverá saída, pois teu nome será lembrado, assim como você não vai esquecer das coisas que conhecerá. Por isso estou te dando um dia para cogitar sobre isso, amanhã você me dará tua resposta.

John ouviu tudo aquilo, todas as instruções e ponderações sobre a decisão que tomaria, e o prazo que teria para decidir-se. Respondeu: amanhã, sem falta.

Satisfeito com a conversa, Mason terminou com um incentivo ao jovem:

-Sei que ainda não está decidido, amanhã me dará a resposta, mas como incentivo, quero que se vista ao nível de seu futuro cargo, se aceita-lo, é claro. Reese o levará pra comprar novas roupas e amanhã, se a resposta for positiva, você poderá escolher as armas que quiser em meu arsenal. Espero que pense sabiamente...

Ao fim da conversa e após despedirem-se de Mason, os dois se retiraram e seguiram até o carro, que estava na entrada da propriedade. John não esperava dar tamanho salto na confiança do mafioso tão rapidamente, uma vez que ele chefiava uma das famílias mais antigas da cidade, e mais difíceis de se engajar internamente. A verdade era que Reese estava formando seu substituto. Antes que os dois chegassem à saída da varanda, Mason recostou-se em sua cadeira de descanso e falou:

-Se fosse em nossa era de ouro, John, eu diria que você era quase um homem feito!

John entendeu a mensagem, apenas acenou a cabeça num gesto grato e saiu. Aquele era um momento importante, ele recebera a oportunidade de passar de um simples faz-tudo de rua e assumir o posto de guarda-costas do maioral. Um caminho muito longo estava sendo trilhado em pouco tempo, tamanho o voto de confiança de Mason, não só no jovem rapaz, mas também na experiência de seu mentor.

Reese sentia-se responsável e orgulhoso, via seu aprendiz trilhar o mesmo caminho que ele. Os dois iam, no entanto, ao passar do tempo, separar-se.

A dupla seguiu para o centro da cidade, para comprar alguns ternos melhores para John. Ambos sentiam novos ventos soprarem.

Capítulo 13

Ternos e histórias

John e Reese passaram o dia organizando as coisas para o novo posto que o jovem iria assumir. Ao sair da mansão de Mason, foram ao centro da cidade e visitaram algumas grifes de roupas masculinas a procura de ternos novos e de melhor qualidade. Não levavam o menor jeito para roupas, fazer aquilo era quase um desafio...

-Há três coisas que desisti de tentar fazer... - resmungou Reese, segurando camisas e gravatas enquanto John entrava em um provador para experimentar as novas roupas.

-E o que seriam? – perguntou John, atrapalhado em ajeitar o nó da gravata em frente ao espelho.

-Aprender a cozinhar, ter paciência para escolher roupas e saber o que uma mulher pensa, pelo menos uma vez na vida... – respondeu, risonho.

O jovem olhou-o de canto e subiu uma sobrancelha, franzindo a testa.

-Eu pretendo somente uma, - e apertou o nó da gravata, que ficou perceptivelmente torta em sua gola. - fazer minha mulher feliz. E essas coisas eu deixo pra ela!

Reese soltou uma gargalhada, até um pouco constrangedora para o ambiente de loja elegante em que estavam. Sorriu e respondeu:

-E o garoto quer começar logo pelo mais difícil!

-É... eu sei, eu sei...

-Eu já tentei uma vez... – disse Michael, resfolegando vagorosamente, enquanto passeava os olhos pelo piso do lugar, procurando algo para fixa-los. - Queria agradar a Sharon, ainda éramos apenas namorados, jovens, e eu estava apenas começando com o Elias na organização, Mason era um garoto de mamadeiras. Eu era como você. Íamos completar o primeiro ano de namoro, e dois dias antes ela me perguntou o que faríamos. Disse que queria algo muito especial. Eu resolvi fazer o melhor que podia, consegui um dinheiro com Elias, comprei um terno novo, pedi à minha irmã, Janet, para me ajudar a escolher um anel, o mais bonito, com uma pedra no centro, tinindo como um chafariz de luz. Também lhe comprei um belo buquê de rosas vermelhas. Na época isso deixaria qualquer mulher com inveja, a própria Janet ficou chateada e quase não foi me ajudar, disse que eu era louco de gastar todo aquele dinheiro com apenas uma noite. Morria de ciúmes da Sharon comigo. No dia de nossa comemoração, a levei ao melhor restaurante da cidade na época, o New York Pallace, e pedi uma mesa próxima ao

jardim de inverno. Só isso me custou dois meses de trabalho a pão e água... Após o jantar, pus a pequena caixa preta sobre a mesa, à frente dela, e abri lentamente, peguei o anel, pus em seu dedo com todo cuidado, olhando em seus olhos, e disse: por um ano de felicidade...

-E o que aconteceu? – indagou John, curioso.

-Quando olhei nos olhos dela, ela estava me encarando com a testa franzida, parecia querer me matar, deu-me um belo tapa no rosto e gritou: como você faz isso comigo? Daquele momento em diante ela ficou furiosa, passou dias sem ao menos falar comigo ou me receber em sua casa. Eu batia na porta dela todos os dias. Quando resolveu me deixar entrar, eu perguntei o que havia de errado.

-E o que era?

-Ela disse que eu dei a entender que iria pedi-la em casamento. – finalizou, como se contasse uma piada.

Os dois deram algumas gargalhadas, mas John precisou conter-se, pois percebia que no fundo havia um pesar nostálgico na narrativa de seu amigo. Ele havia perdido a mulher de sua vida, o final da história John já havia ouvido anteriormente. Aquela mulher fora uma tragédia em sua vida. Pensava que Michael fosse um grande homem da máfia, alguém com dinheiro e poder. Permaneceu com ele por dois anos, até perceber que sua conta corrente nunca teria a quantidade de algarismos que ela desejava. Um dia ele soube que ela havia partido, sem nenhuma despedida, sem nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpas. Enquanto se amargurava nos bares da cidade nos tempos livres e durante o trabalho, descobriu que ela o havia trocado por um marinheiro, talvez alguém de alta patente, que pudesse lhe proporcionar o estilo de vida desejado.

Desde que ela se foi, nunca se soube de outra mulher com a qual ele tivesse se envolvido.

-Acho que alguém deve tê-la pedido finalmente... – completou Michael, em tom soleno.

John tentou amenizar a tristeza que a conversa havia tropeçado:

-Acho que vou ter que concordar com você, talvez seja mais fácil aprender a cozinhar e pagar um bom alfaiate...

-Mas eu vejo que você e a Cathelin se dão muito bem. – Reese lhe respondeu, dando-lhe um paletó para vestir.

-Sim, não sei o que ela viu em mim, mas sinto que ela gosta.

-Não desperdice, filho, não desperdice...

A conversa estava boa e ajudava a passar o tempo da tarefa tediosa que era escolher roupas. Após uma longa tarde, conseguiram encomendar os ternos adequados ao trabalho.

Capítulo 14

En passant

A escola estava de luto. Em sua entrada, dezenas de fotografias estavam arrumadas, cercadas por flores de todas as cores, em homenagem aos alunos e seus familiares que foram mortos na tragédia. Glenn procurou pelas fotografias de Behruz e Amir, mas não as encontrou, afinal, ninguém duvidava que eles eram os causadores daquilo tudo.

Entrou no prédio, evitando mostrar que era um agente, mas ao chegar à secretaria, foi obrigado a mostrar as credenciais, senão o diretor não o atenderia. Após forçar a barra, o Sr. Jacobson resolveu atendê-lo.

-O que o senhor deseja? – perguntou o diretor, avesso ao detetive.

-Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre o caso do atentado.

-Por favor! Você vai me perguntar novamente sobre o comportamento do rapaz? – disse o senhor, virando-se em sua cadeira de escritório. - Já estou farto de falar a mesma coisa a todos.

-Na verdade, - respondeu Glenn, arrastando a cadeira de visitantes para sentar-se, o que incomodou ao diretor, que fitava-o de canto. - quero saber sobre trabalhos extracurriculares que a escola tenha solicitado aos alunos.

O homem mal humorado se assustou, levantou as grossas sobrancelhas e respondeu:

-Trabalhos? Não estou entendendo o viés de tua investigação...

-A escola passou algum exercício, trabalho ou atividade para o local da maratona?

-Não... – disse Jacobson, pensativo. – não temos este costume. Por quê?

-Vocês nunca passaram nenhum tipo de trabalho que acontecesse em eventos como este?

-Não, nunca utilizamos esta metodologia. Mas me diga, por que estas perguntas?

Satisfeito com o que ouvira, embora ainda mais preocupado, Glenn levantou da cadeira e apertou a mão do diretor, dizendo-lhe:

-Obrigado, já tive a resposta que precisava.

-Me explique, por que esta pergunta? – insistiu o diretor.

-O senhor não pediu que fizesse perguntas diferentes? – retrucou Glenn, desafiando-o. Dito isto, saiu da sala e da escola, mergulhado em suas questões.

Algo lhe intrigava naquilo tudo. Se a escola não havia passado nenhum trabalho, então quem enviou aquele e-mail ao garoto? A teoria de Bashar aparentava ser muito lúcida então... Se a escola não foi responsável pelo convite para estar na maratona, então alguém tramou para que o menino estivesse ali. Isso explicava porque seu amigo, Amir, não havia recebido nenhum aviso. Behruz fora chamado ali com o propósito específico, e ele descobriria por quem!

O notebook apreendido seria de grande utilidade agora...

O curioso agente sentia que estava mexendo em um vespeiro. Quanto mais desvendava o problema, percebia o quão maior era sua dimensão. Retornou ao escritório pensando em como poderia descobrir a origem daquele e-mail e quem o havia enviado...

Glenn Marshall sabia que a NSA mantém vigilância constante sobre todo e qualquer pessoa com potencial suspeita. Talvez tivesse os registros de sua conta de e-mail....

Retornou ao Bureau, inquieto consigo mesmo. Ao chegar, Bob puxou assunto:

-E aí, conseguiu alguma informação?

-Bem, - disse ele. – ouvi algumas coisas, mas nada que pudesse ser comprovado...

-Como o quê?

Glenn resolveu não abrir o jogo com seu amigo, precisava ser cuidadoso com as informações, embora confiasse no parceiro.

-Fui à escola onde ele estudava, ninguém disse nada além de “era um rapaz estranho” ou “era introspectivo”, enfim, coisas assim. – disfarçou.

-E desde quando um suicida é normal? – disse o seu amigo, enquanto acessava alguns dados no computador, tomando um achocolatado de caixa.

-Bem...

Enquanto os dois conversavam, Glenn reparou que a webcam de seu notebook acendeu a luz. Fitou atônito o fato e aguardou para ver se permaneceria.

-O que foi? – perguntou Bob, curioso com sua distração.

-O led da câmera acendeu sozinho...

-Essas coisas novas realmente não prestam, veja se está na garantia.

-Sim... – disse ele, sem prestar muita atenção no que seu amigo havia falado. – é...

Passados alguns segundos, a luz se apagou.

Glenn tinha certeza que não era um defeito, esse led acendia somente se a câmera estivesse ligada. Era um sinal de que algo a fez funcionar por alguns segundos, mas o que seria?

Começou a procurar uma possível atividade estranha no computador, um software malicioso ou algum sinal de invasão. O antivírus nada identificou... Nada no firewall também... Investigava um tanto perdido, até que ouviu o som de seu smartphone, avisando a chegada de um e-mail novo. Resolveu então conferir o que seria.

Abriu o navegador no notebook e checkou sua sempre lotada caixa de entrada. Dentre tantas mensagens por ler, spams e avisos de seus superiores, ali estava, cintilando aos seus olhos, um e-mail diferente, cujo título era: Sabe jogar? O remetente tinha um endereço estranho, desconhecido. De início pensou “malditos spams!”, mas percebeu que aquele em especial fugia do padrão. Resolveu conferir.

Quando abriu, viu que não havia muita coisa no conteúdo, apenas a frase “Junte as peças.” e um link de endereço longo, criptografado. Envolto pela curiosidade, o detetive abriu o link, precisava ver sobre o que se tratava aquilo...

Uma nova janela se abriu no navegador e, rapidamente, um vídeo começou a ser carregado, sem áudio, apenas imagem quase que em preto e branco. Nele, era mostrado um corredor, onde havia duas portas que pareciam ser de sanitários, era um lugar público. Ele supôs ser uma câmera de segurança, pois no canto da tela havia uma data, na verdade, era a exata data da explosão terrorista que investigava. Além da estranheza de receber um e-mail com um vídeo desses, até então nada o surpreendia.

Alguns segundos depois, no vídeo, um jovem vinha caminhando abaixo da câmera, que parecia ser presa ao teto, trajava um grande casaco e carregava nas costas uma mochila, assim como um boné na mão. Ele andava normalmente e, num determinado momento, olhou para trás, parecendo falar com alguém que estava longe. Sorria. Deve ser um amigo, pensou. O jovem então, entrou no sanitário masculino.

Passados alguns segundos, Glenn ainda não entendia o que significava aquele vídeo, mas começou a suspeitar quando dois indivíduos brancos, fortes e com postura séria, trajando ternos pretos, vieram da mesma direção que o jovem e também entraram no local. Um deles, o mais alto e mais corpulento, aparentava ter cabelos muito claros e era dono de um queixo largo e grossas sobrancelhas. O outro, não muito menor que o parceiro, tinha cabeça raspada lisa, feição mais esguia e uma orelha com formatos peculiares, similar às orelhas de certos lutadores.

O que eles vão fazer? Perguntava-se ele, será que fizeram algo com o rapaz? Pouco tempo depois, o jovem saiu, ajeitando o boné na cabeça, e retornou para a direção de que viera.

Glenn pausou o vídeo. Observou as vestimentas do garoto e depois sua feição. Era ele, sim, Behruz Kabiri, o terrorista!

Intrigado, Glenn deu prosseguimento ao vídeo. Mais ou menos um minuto depois de Behruz ir embora, os dois homens também saíram do sanitário, porém, foram para o outro lado do corredor. Mas algo chamou a atenção dele, um dos homens segurava uma bolsa preta, em forma retangular e estreita. Aquilo parecia ser um notebook dentro de sua capa.

Atento, Glenn Marshall voltou até o momento em que a dupla chegava ao sanitário e prestou-se mais aos detalhes. Quando chegaram, eles não seguravam o notebook, mas um deles tinha consigo um malote, que carregava com cuidado.

O que é isso?! Perguntou-se em voz baixa...

A cabeça de Glenn parecia explodir! O que isso poderia significar? Será que aqueles homens entregaram aquilo a ele? Ou o rapaz fora sabotado? Supostamente era o explosivo, o que confirmava mais uma vez que o jovem Behruz era o suposto terrorista, mas e sobre o notebook?

Ele continuou o vídeo, embora não cresse que haveria mais nada de importante, mesmo assim queria ver até o fim. O vídeo terminava com um fundo preto e uma legenda em letras brancas, no centro da tela, que dizia: en passant.

No início o jovem detetive não compreendeu o termo, mas, astuto como era, após pensar bem, lembrou-se de quando apreciava jogar xadrez com seus tios e avós. Aquele termo designava um movimento, onde um peão capturava o outro enquanto estava de passagem. Mesmo compreendendo a analogia, ainda tinha dúvidas sobre o que aquilo queria dizer.

Tomou um gole de café frio.

De passagem, de passagem... o que é isso?

De repente, algo fez sentido. O e-mail, o convite para ir à maratona, o encontro com aqueles homens. Se era inocente como seu pai dizia, certamente o garoto foi envolvido apenas ao passar por ali. Aquilo estava tramado? O rapaz era um peão? Para quem?

Esquecendo-se até mesmo de averiguar quem teria enviado aquele importante e-mail, Glenn começou a pensar na teoria de uma célula terrorista que estivesse procurando e usando muçulmanos dessa forma no país, mas isso não fazia sentido. Radicais sempre aparecem, não importa quantos se matem... Não seria necessário esse tipo de trama. Talvez a chave de tudo realmente estivesse naquele computador...

Capítulo 15

Azar de principiante

Ao fim do entardecer era hora de buscar Cathelin na Biblioteca e ir para casa. Dados os fatos, agora sendo tão próximo a Mason, John precisaria dedicar mais tempo ao trabalho e teria de se esforçar mais para que ela não sentisse o peso da mudança.

Resolveu agradá-la e a levou para jantar em um de seus lugares prediletos, o Cult Burger, uma lanchonete com ar cult, daquelas cheias de referências a filmes antigos e com paredes e mesas de madeira. Marilyn Monroe enfeitava uma parede ao lado de Jonny Depp, que ladeava Marlon Brando e estes eram seguidos por centenas de outros artistas, através das fotos que enfeitavam cada canto do lugar, ora em estilo nostálgico, alegre ou noir. Os cardápios e os nomes dos sanduíches representavam filmes famosos. Era o clima que ela mais gostava, nada muito luxuoso, apenas divertido. Dadas raras variações, seu pedido sempre era o famoso “Pride and Prejudice”, um lanche que era formado por um sanduíche de frango e salada com um molho agri-doce, acompanhado por pequenas torradas e uma manteiga especial. Sempre pedia suco.

John implicava com ela, dizendo que só pedia o lanche por causa do nome. Ele mesmo, porém, gostava de pedir “The Godfather”, mas pelo seu tamanho. Um enorme hambúrguer com pão especial, duas carnes expessas, bacon, presunto, pickles, muito queijo, um toque de orégano e um molho que ninguém sabia de que era feito. Talvez fosse um dos maiores lanches dali, o que era bom para a fome que sempre lhe acompanhava. Cathelin respondia às suas provocações, dizendo: homens e seu gosto pela máfia...

Esta era uma noite agradável para eles. Os dois se identificavam muito por sua espontaneidade, não havia protocolos a seguir, apenas procuravam agradar um ao outro quando podiam e tinham liberdade quando precisavam.

Ao anoitecer chegaram à sua casa.

-Estou precisando muito de um banho... – disse Cathelin, jogando a bolsa sobre o sofá e seguindo em direção ao banheiro. – a restauração está uma loucura, estou toda empoeirada...

John deixou as compras numa mesa ao canto da sala e também se dirigiu ao banheiro.

Após relaxarem no chuveiro, finalmente deitaram-se. A luz do luar quase pairava por entre as cortinas que pareciam derrama-la sobre os lençóis da cama. Os tons de azul deixavam o ambiente imerso num clima de ternura que parecia ser proposital da natureza, misturado ao som do vento acariciando as folhagens lá fora, um presente para o casal nas noites de luar.

Ele apenas olhava sua esposa envolta entre os lençóis, com sua pele alva, o cabelo negro emoldurando seu rosto e descendo curvilineamente pelo seu pescoço até desaparecer nas sombras que a noite formava nela. As palavras que havia conversado com Reese horas antes lhe visitavam a mente, e tudo fazia ainda mais sentido nesse momento, o peso da responsabilidade que John agora iria carregar parecia afastá-lo de sua amada, mesmo que estivessem tão perto, e ele sentia como se fosse a última vez que a veria daquele jeito. Deitado ao seu lado e apoiando a cabeça sobre o braço esquerdo, começou a acariciá-la levemente, passando os dedos pelos seus cabelos até o pescoço e tornando a subi-los à sua orelha. Ela se ajeitou calmamente, talvez em resposta às suas carícias, mas disse: Estou sentindo que esse passeio de hoje foi por algum motivo... não é, namorado? Um breve sorriso veio ao seu rosto inebriado pelo sono.

John apenas sorriu, mesmo que ela não visse. Nada falou, apenas continuou a acariciá-la suavemente.

-Você me perdoa se eu dormir? – disse ela, quase que suspirando imersa em sonolência. – Eu passei um dia cheio hoje, você nem imagina...

Suas palavras esvaíam-se junto aos suspiros de sono e ela falava cada vez mais devagar. John não reclamou, contentou-se em apreciar sua bela mulher e aguardar o sono chegar, mas um ruído vinha da sala, era o telefone tocando...

-John, é o Mason, preciso de você em dez minutos, já chego aí.

-Ok. – respondeu ele, suspirando decepcionado com o desfecho de sua noite.

Rapidamente se aprontou, não tinha muito o que fazer a não ser se vestir e ajeitar o cabelo, que raramente ficava arrumado. Antes de Mason chegar, resolveu fazer algo que nunca fizera, escrever para Cathelin. Numa folha que encontrou em um canto da sala, dissertou algumas palavras simples, posto que escrever não era seu forte, dobrou-a e a pôs dentro de um dos livros que estava em sua cabeceira, dos que ela sempre dizia que precisava terminar de ler. Tudo com muito cuidado para não acordá-la.

Pontualmente, Mason chegou à sua porta, apressado, mas não aparentava nervosismo, o que era um bom sinal, pois John outrora preocupava-se de haver problemas.

-Vamos garoto, quero ver se você é bom mesmo ou se é história do Reese.

Logo que John entrou na incrível BMW de Mason, Tony, o seu motorista, arrancou apressadamente dali.

-Boa noite. – disse John a Mason e Tony, educadamente.

-Olá John! – respondeu Tony.

-Seu primeiro dia começou antes do esperado, não é? – brincou Mason, com seu sorriso de

gangster.

-Confesso que me pegou de surpresa, mas costumo estar preparado... Aconteceu alguma coisa?

-Estou com uma notícia quente, um informante me disse que os irlandeses estão fechando um negócio com um grupo da China que é do nosso interesse. Parece que estão querendo concorrer conosco em Nova York...

-Concorrer conosco? – indagou Tony, atento à conversa, mesmo dirigindo com tanta cautela. - Eles não trabalham com drogas?

-Parece que agora estão querendo mudar um pouco as coisas... Segundo o informante, é armamento do bom, coisa de qualidade. Preciso falar com ele pessoalmente, sua casa é a poucos quarteirões daqui.

-Estranho ele marcar em sua própria casa. – sugeriu John, pensativo. Queria mostrar-se atento aos fatos. - Ele é de confiança?

-Até agora não vacilou, todas as informações eram fiéis. Foi através dele que descobrimos sobre a festinha de ontem. Não pretendo demorar, apenas vamos ouvir as informações e sair, eu disse a ele que não faço visitas, mas ele disse que o negócio era “grande” demais pra falar no telefone. Ele se intitula B. Boy.

John não inspirou confiança no suposto informante. Como alguém que se intitula B. Boy poderia ter crédito como agente? Também soava estranho o fato de surgir algo tão grandioso logo após o golpe letal que ele e Reese haviam aplicado nos maiores grupos criminosos da cidade. Seus principais líderes estavam mortos, eles ainda deveriam estar se recuperando de tais perdas, não fazendo movimentações de tamanha ousadia.

-Você não acha que está muito cedo pra eles fazerem estas negociações? – indagou John, enquanto conferia os pentes de suas pistolas.

-Nesse meio os dias passam rápido, garoto. – Respondeu Mason, resolutivo.

-Digo, ainda deveriam estar enterrando seus mortos...

-Meu pai sempre dizia: não se meta com drogas, nunca use drogas, não as venda... – murmurava Mason, indignado com a estranha mudança do grupo rival. - ...agora eles vêm e querem mexer comigo! John! – clamou ele, em alta voz. – Vamos acabar com isso!

Na chegada ao local, o chefe e o novato se encontraram com Michael Reese, que já os aguardava na entrada do velho prédio, como um cachorro velho aguarda seu dono na porta de casa.

Passava da meia noite e a madrugada trazia consigo uma garoa fina, gélida, e um vento cortante de inverno. O lugar era horrível, um conglomerado de prédios velhos, carentes de

reforma e cercados por árvores sem vida, o pior exemplo de um gueto sujo e abandonado. Somente famílias americanas paupérrimas, imigrantes e ladrões morariam ali.

O B. Boy morava no andar subterrâneo do prédio, o que era ainda mais terrível. O trio precisaria adentrar o recinto através de um modesto hall, seguido de um pequeno corredor que levava a uma escada para os andares superiores ou a um corredor que permitia virar à esquerda ou direita e descer aos apartamentos subterrâneos, ou porões.

-Sempre pontual. – disse Mason ao descer do carro, vendo Reese à sua espera. – Ainda conspiro sobre sua descendência europeia!

-Pode pensar o que quiser, ou talvez você possa tentar assistir TV e entender porque eu prefiro sair de casa. – respondeu o velho, mal-humorado.

-Sim, somente malditas propagandas e terrorismo , uma merda sem tamanho...

Após se cumprimentarem, Mason continuou o assunto:

-Meu caro, - dizia ele a Michael Reese. – farei uma rápida reunião com o rapaz. Acho que é uma boa oportunidade para saber como o nosso jovem se comporta. – Mason se referia a John, olhando para ele com um tom humorado. – Você pode aguardar na entrada enquanto eu e o garoto vamos descer, certifique-se que nada aconteça aqui fora. O Tony vai deixar o carro ligado.

-Qual o nível desse cara? Digo, ele é perigoso? – perguntou John, talvez um pouco atropalhado.

-É um nada, um projeto de mercenário, nunca ofereceu perigo para ninguém. Mas de forma incrível, possui muitos contatos. – respondeu Mason.

-E deve ter dívidas com todos eles... – brincou Reese.

-Certamente... – disse Mason. - E é do tipo que faz qualquer coisa por dinheiro.

-Trabalha? – perguntou Reese.

-Creio que não.

-Então não diga que faz tudo por dinheiro.

-Deixe de piadas! Vamos entrar! – Mason lhe respondeu, rindo-se da piada infame de seu velho parceiro.

Os três adentraram o prédio malcheiroso, viraram à direita e seguiram até a escada que dava no subterrâneo. Reese não desceu, ficou ao lado dela, encostado na parede, tentando parecer um viciado qualquer, enquanto John e seu chefe desceram ao deprimente apartamento do

suposto informante.

Os corredores eram muito escuros, isso ajudava Reese a ficar disfarçado e esconder sua arma, por outro lado, qualquer criminoso poderia também se beneficiar nas sombras. Apenas duas batidas na porta e o homem negro, jovem, vestido como um rapper e com uma bandana na cabeça logo apareceu, abrindo-a cuidadosamente e dizendo melodicamente:

-Chegou rápido, man!

-Apenas no horário marcado. – respondeu Mason, sem muita paciência.

A realidade era que Mason detestava tipos como ele. Sem nenhuma organização ou objetivo, acabavam tornando-se, por sua incompetência, pedras de tropeço no caminho de quem trilhava com seriedade. B. Boy, no entanto, aparentava ser o centro de uma teia de contatos com potencial para Mason fazer o seu jogo. Negociar informações com ele, como costumava dizer, era um mal necessário.

B. Boy viu Reese no alto da escada e perguntou em voz baixa:

-E aquele ali, está contigo?

-Ele não vai entrar. – disse Mason, em monocórdio.

John entrou primeiro, posicionando-se num lugar onde podia ver cada canto do apartamento, como um cão de guarda. Mason o seguiu. O cheiro de mofo e a umidade incomodavam, mas não tanto quando o do fumo, que parecia fazer parte das paredes. O homem era mais um drogado do que um bandido, não serviria para fazer parte do grupo de Mason em hipótese alguma.

Enquanto os dois entravam no desconfortável apartamento, Reese procurava algum cigarro perdido no bolso, recostado numa parede sob a escuridão. Cuidava em deixar suas armas bem guardadas abaixo do paletó.

Lá embaixo, a conversa iniciava-se:

-Tem mais alguém aqui? – perguntou John, ameaçando olhar os outros cômodos.

-Fique tranquilo, irmão. Só eu estou aqui, mas isso é raro, sempre trago umas minas pra curtir um pouco! – respondeu o homem, risonho, em meio a gestos inspirados em cliques musicais.

-Por acaso eu pareço teu irmão? – perguntou-lhe John, num tom ameaçador, deixando-o recuado e cauteloso.

-Ei, debaixo da terra todo mundo fica igual, man!

-Você traz mulheres aqui nesse lixo? – indagou Mason, incomodado com a sujeira do lugar. –

Um motel seria uma opção inigualável...

-Vocês vieram aqui para me ouvir ou para me humilhar?! É humilde, mas é a minha casa, “tão” entendendo? – respondeu B.Boy, aborrecido. E soltou, num sussurro: Branquelos...

Mason logo tomou a palavra:

-Vamos direto ao ponto, já fiz muito em ter vindo aqui. O que você tem de tão importante que me fez vir ouvi-lo pessoalmente?

-O negócio é... é o seguinte, eu fiquei sabendo de um carregamento que vai chegar na sexta, um, um negócio grande, eles estão querendo pegar pesado! Parece que eles fecharam com um pessoal lá de... Hong Kong pra mexer com tudo aqui.

-E onde esse carregamento chega? – perguntou Mason.

-Pois é, está vindo um container pra cá lotado das peças, é... é isso.

John observou que o estranho estava gaguejando demais, aparentava certo nervosismo ao falar sobre o assunto. Embora não o conhecesse, suspeitou que aquilo não era normal.

-Tá nervoso por que, B. Boy? – interrompeu-o.

-Que isso irmão, tranquilidade... – respondeu o homem, claramente confuso.

-Deve ser efeito do fumo... – disse Mason, com desprezo.

Enquanto a reunião acontecia, Reese permanecia atento em seu posto, como cães treinados que nunca perdem sua atenção. Alegrava-se de ter encontrado um último maço de cigarros em seu paletó e agora apalpava os bolsos em busca de um isqueiro, até que ouviu um barulho estranho, junto ao som das crianças brincando e gritando em espanhol e os diversos televisores transmitindo programas de auditório noturnos. Parecia um disparo, e ele sabia como ninguém reconhecer um, mas era muito fino e abafado. Talvez fosse um silenciador, pensou. Junto ao ruído, também alguns murmúrios baixos. Prontamente, sacou um de seus estimados Colt e esgueirou-se pelas paredes até chegar à quina do corredor que mostrava a saída do prédio. Para o seu susto, deu de cara com um homem armado! Num estímulo quase instintivo, ambos se alvejaram, mas Reese foi mais veloz, disparou ainda enquanto subia a mira, acertando-o à queima-roupa no abdômen. Rapidamente retornou, protegendo-se de volta na quina do corredor. O homem disparou tardiamente, acertando a parede enquanto caía.

Reese ouviu o gemido do inimigo que agora estava no chão e alguns passos logo após ele. Seriam um, dois, três outros comparsas, calculou. Era uma emboscada, só podia ser!

Sacou então o irmão gêmeo de seu revólver e preparou-se para o embate. A escuridão do corredor o beneficiava, a iluminação era praticamente apenas os facho de luz que vinham da rua, o que era uma vantagem para ele, uma vez que poderia ver as sombras de seus inimigos e

eles não conseguiriam saber onde ele estava.

Percebendo que suas sombras se aproximavam das paredes, concluiu que eles estavam tentando proteger-se, embora fosse inútil fazê-lo ali. Sem medo, curvou-se pela quina até alcançar o outro corredor e fez alguns disparos; mais um caiu. Os bandidos tentavam não denunciar onde estavam, evitando barulho, mas o lugar tornou-se silencioso após os primeiros disparos, as crianças pararam de gritar e os televisores diminuíram seus volumes. Nervosos com a situação, eles respiravam ofegantes e os agora dois atingidos ainda gemiam, caídos no chão. Mesmo assim, a situação ainda era difícil para Reese, sozinho e encurralado. Chegou até a lembrar-se de John lançando a granada em direção aos mafiosos na noite anterior e a pensar em como aquilo seria útil naquele momento.

Ouvindo os disparos, Mason e John logo se encostaram na parede, ao lado da porta de entrada, ambos com armas em mãos. John mantinha sua mira no B. Boy, que sem saber o que fazer, apenas levantava os braços para não ser alvejado. Mason apontava para a porta, para o caso de algum estranho entrar.

-O que foi isso, ô moleque?! – perguntou Mason a B. Boy, nervoso.

-Não sei chefia, eu não sei! – respondia o bandido, trêmulo.

-Você armou pra gente, não foi? Seu merda! – gritava John para o possível inimigo.

-Não sei de nada, irmão, sério!

-Fale logo antes que eu troque esse seu dente de ouro por uma bala nessa sua boca de merda! – John ameaçava-o com a arma na mira.

-Veja se tem mais alguém lá dentro! – disse Mason.

John investigou rapidamente os cômodos do apartamento e retornou até a sala, onde estavam.

-Não tem ninguém mesmo.

-A gente não pode ficar aqui, vamos ter que dar um jeito de sair...

-Só dá pra sair por essa porta. – disse B. Boy.

-Então você vai na frente. – disse John, segurando-o pelo pescoço e arremessando-o em direção à porta. – Ande!

Lá fora, Reese já sentia o peso da idade cair sobre suas costas, mas ainda precisava ser ágil nessas situações complicadas. Pensou rápido, recuou alguns passos, respirou fundo e correu reto, em direção ao outro lado do corredor em que estava, atravessando o lugar onde os inimigos estavam. Atirou o mais rápido que a arma permitiu, acertando mais um dos que restavam no peito, com três tiros. Esse provavelmente estava morto e restava apenas um de pé,

conferiu.

Os homens disparavam aleatoriamente, tentando suprimi-lo, mas estavam tão desorientados pelo errático plano a que deram curso, que não conseguiram mais do que acertar seu braço de raspão. Rapidamente, ele repôs as balas apenas em um dos revólveres e preparou-se para o último adversário. Esperou até que houvesse um intervalo nos disparos e percebeu que o tempo foi longo. Possivelmente eles estavam somente com a bala na agulha e precisariam recarregar. Não pensou outra vez, saltou com sua arma em punhos e fez dois disparos certos, um no peito e outro na cabeça do último inimigo. Os outros já não tinham condições de participar trocando tiros, devido aos ferimentos que eram graves. Levantando-se do chão, caminhou até os corpos dos estranhos para conferir a situação. Um deles estava desacordado, banhado em sangue sobre a barriga. Devia ser o primeiro que Reese enfrentou. O seguinte já estava morto, com os olhos arregalados, voltados para o teto. Três marcas denunciavam os locais por onde a morte lhe entrou. O terceiro homem também já havia encontrado a morte. Com ferimentos no peito e na barriga, exauria sua vida pelo chão daquele lugar sombrio. Quando seguia para ver o último, Reese podia ouvir os cliques desesperados de sua arma. Com sangue no peito, o homem não tinha forças para se arrastar e respirava agonizante, o que sugeria ter o pulmão perfurado. Aproveitando o que lhe restava de consciência e força nos dedos, apertava o gatilho da pistola já sem balas, num ato exasperado de sobrevivência.

Reese ajeitou o cigarro no canto da boca enquanto observava a cena.

-Um belo fim pra uma vida de merda, não?

Pôde sentir o esforço de respiração que sua vítima fazia nos últimos momentos de vida, enquanto via apontado o cano de sua Colt para si. Das quatro balas restantes, apenas uma foi o suficiente para concluir o ato.

Após um longo suspiro, esfregou as mãos para tirar a poeira da calça e do paletó, muniu novamente seus dois revólveres e sentou-se para fumar. Sussurava:

-Deixem que o cigarro se encarregue de mim...

B. Boy abriu vagarosamente a porta encardida de seu apartamento, olhou quase que em desespero para o alto da escada e nada viu, mas precisou de um forte empurrão para que seguisse andando. John segurava seu pescoço e apontava a arma para sua cabeça. Se os inimigos estivessem ali, o homem seria seu escudo ou, se possível, objeto de negociação. Preocupava-se por Michael. Ao perceber que não mais se efetuavam disparos, temia encontrar seu grande amigo morto pelas mãos de alguém.

-Vai com calma aí, garoto. – disse Mason para ele.

-O Reese não está ali. – respondeu.

Subiram pelas sombras até que, virando para o corredor, encontraram lá à frente o velho, assentado nos degraus da escada que levava ao andar superior, dando longos tragos em seu

vício de morte.

-Vocês vão para o chá das seis e me deixam com o trabalho pesado, não é? – disse o velho fumante, zombando do atraso de seus parceiros.

-Os idosos são mais experientes – respondeu John, brincando.

-Não associe experiência a velhice, menino!

-Como está lá fora? – perguntou Mason, interrompendo as brincadeiras inoportunas.

-Não sei, - respondeu Reese, jogando o cigarro fora e levantando-se. – tive que parar para descansar as costas.

-O Tony estava nos aguardando. – disse Mason seguindo à frente deles.

Saíram rapidamente, a fim de ver o que acontecera ao parceiro Tony. Ao chegarem ao carro, encontraram nada mais que o cadáver do homem, caído ao lado do veículo, em decúbito frontal, com a marca de um tiro na cabeça e sangue à sua volta.

-Não acredito! – exclamou Mason, enfurecido, enquanto se ajoelhava e virava o cadáver para ver seu rosto. – Era para ser uma noite tranquila! Olhe isso! O que eu vou dizer para a Margie?

Aqui se faz, aqui se paga, pensava John, refletindo sobre os acontecimentos dos últimos dias. Mesmo sendo uma perda irreparável, o preço ainda era baixo, diante do que eles mesmos havia feito.

-Deixe-me pegá-lo. – disse Reese, levantando o corpo de Tony em seu ombro.

-E esse aqui? – perguntou John, segurando o duvidoso informante.

-Esse vem com a gente. – Mason respondeu, em tom grave.

B. Boy tentou retrucar, mas foi jogado na mala por John, que também ajudava Reese com o corpo de Tony.

-Esse aqui não vai na mala com esse pedaço de merda, filho, - disse Reese. – é um dos nossos.

John buscava compreender os valores da família. Sem dúvida aquela seria uma atitude respeitosa. Como ouvira de Reese tempos antes, nunca se misturava o sangue de família ao sangue de estranhos. Valores herdados do saudoso Elias.

Reese abriu a porta traseira do carro para assentar o cadáver de Tony, mas foi interrompido por Mason, com voz amarga:

-Ainda há espaço na mala!

Michael Reese fitou-o, tentando ler o seu olhar, inepto a crer no que ouvira.

-Vamos, Michael! Quer que apareçam outros aqui? – insistia Mason. John apenas observava tudo e podia sentir a decepção que emanava do olhar de seu velho mentor.

-Isto seria desrespeitoso para com o Tony; - disse-lhe Reese, com voz grave. - deixa-lo com alguém imundo. Lembre-se das nossas tradições...

-As tradições morrem com os velhos. – respondeu-lhe Mason, desgostoso. – Vamos, não temos tempo!

Reese carregou seu velho companheiro até o porta-malas e deixou-o, contrariado, junto de B. Boy, que clamava por socorro.

O som das sirenes policiais já tornava-se audível, não podiam demorar ali.

Com todos dentro do carro e o B. Boy na mala, John seguiu dirigindo até um dos armazéns de Mason. O primeiro dia, ou noite, em seu novo cargo estava apenas começando...

Capítulo 16

Forja

-Então vamos ver as notícias...

Já era noite e Glenn permanecia, como a maioria dos agentes, a todo vapor no árduo trabalho investigativo daqueles últimos dias. Não tirava as questões sobre o notebook de Behruz da cabeça. Visitou os sites dos principais jornais do país, queria analisar o que era veiculado pela mídia sobre a questão do computador.

Ali estava a solução para o estranho quebra-cabeças que o vídeo trazia. As notícias de capa dos jornais eram quase as mesmas, todas tratavam do caso Behruz Kabiri e seu plano hediondo. As manchetes tinham títulos como “Encontrado notebook com informações sobre o atentado!” ou “Computador pessoal pode revelar fatos sobre as operações terroristas no país”.

Nas manchetes, dizia-se que os agentes responsáveis pelo caso haviam localizado as residências dos dois jovens e realizaram uma operação para buscar provas e pistas, bem como investigar as famílias. Segundo as notícias, somente naquele momento foi encontrado o notebook de Behruz, onde descobriram informações de como ele planejou tudo, o material que usou e possivelmente pistas de quem o havia aliciado para o crime. Ainda especulavam ser possível dismantelar toda uma rede terrorista que se montava nos Estados Unidos. Agora tudo se encaixava para Glenn, esse era o notebook da notícia!

O jovem não teria entregue a ninguém um computador onde dizia que iria cometer um crime terrorista, isso era óbvio, tanto quanto a falsidade das notícias que diziam o eletrônico ter sido encontrado em sua casa dias depois, pensava Glenn Marshall. As questões tornavam-se bem diferentes do que ele imaginara, a partir daquele momento. Quem eram esses agentes? O jovem realmente sabia o que estava para acontecer? Quem estaria por trás dessas falsas notícias?

Enquanto pensava em todas essas perguntas, uma outra lhe veio à mente: quem era este que enviara o vídeo?

Usando seus métodos, salvou o vídeo em uma pasta escusa e rapidamente fechou o notebook, guardando-o em sua mochila e despedindo-se de todos apressadamente. Não podia deixar que Bob visse aquilo. Não porque nutrisse alguma desconfiança a seu respeito, mas porque percebera que as informações que tinha em mãos eram perigosas demais.

Um círculo de artimanhas havia se formado e ele precisava saber quem estava envolvido antes que acabasse por vazar informações para as pessoas erradas. Diante de tal revelação, todos a sua volta se tornaram dúvidas, tudo o que investigava era incerto, e se alguma certeza ele

tinha, era essa: ele estava à beira de uma grande conspiração.

Parte 2

Conspiração

A limusine corria pela cidade, o horário já estava avançado para o evento iniciar e as coisas dependiam dele.

Devastado após um dia inteiro de discussões calorosas com lideranças, Richard sentia a adrenalina pulsar seu coração. Pensava consigo mesmo: fique calmo aí, infarto agora não!

-Senhor, - disse seu assessor, sentado à sua frente no veículo. – recebi dados atualizados e temo que a situação tenha piorado agora a noite...

-Chega disso! – irrompeu, com suas veias dilatando na testa. – Não quero nem mais uma palavra sobre esse assunto esta noite! Eles estão querendo briga, é isto que vão ter! Mas não agora, não agora!

O carro blindado de luxo chegou ao seu destino, parou em frente à entrada lotada por uma imensa multidão de todos os tipos de pessoas, desde cidadãos comuns, imprensa e blogueiros, até inimigos partidários e possíveis espiões.

Antes que a porta da limusine abrisse, ajeitou o caríssimo terno, secou o suor que surgia perante aquele nervosismo e abriu o sorriso que deveria durar todo o tempo de estadia no evento.

Ao abrirem a porta, saiu sorrindo, acenando para a multidão e posando para as centenas de fotos que tornavam o lugar brilhante pelos flashes. Cumprimentava desde pessoas comuns até figurões da política e da mídia. A inauguração daquele trabalho seria um sucesso para ele, mas no fundo só pensava: mantenha a calma, isso será resolvido, não infarte, meu amigo...

Capítulo 17

Palavras perigosas

-E agora, assista ao pronunciamento ao vivo do Presidente Richard Voight. – dizia a âncora do telejornal da noite.

A cena mudou do estúdio televisivo para o salão oval da Casa Branca, onde se via Richard em sua mesa, com as grandes janelas que davam para o jardim sul e uma bandeira dos Estados Unidos hasteada próxima a ele.

-Boa noite. – disse o presidente, com sua forma paciente e pausada de falar. – Como governante deste país, venho comunicar-lhes mensagens importantes nesse momento crítico. Junto ao FBI e através de seu trabalho sério, estou considerando este um ataque de terrorismo, não mais um problema doméstico, causado por um indivíduo. Uma vez que se utiliza uma bomba, somos levados a pensar assim. Estamos nos esforçando para descobrir quem foi o responsável por ferir nosso povo, mas também sabemos que o povo americano é forte e se recusa a ser aterrorizado. Prova disso, o que vimos naquele momento não foi somente um ato terrorista, mas também gestos de amor e solidariedade daqueles que se esforçaram para ajudar os feridos, levaram as vítimas aos hospitais e doaram sangue. Homens e mulheres que também estão tratando dessas pessoas nos hospitais. Acentuo as pessoas de Nova York, que não se permitiram ficar abalados por este ataque, mas estão dando continuidade à vida normal e mostrando o que nós somos, o que a América é. Combateremos o mal com nossa compaixão e sem medo. Quero pedir que, se vocês virem algo suspeito, não deixem de avisar às autoridades, as agências têm trabalhado por nossa segurança, buscando soluções para enfrentar esta ameaça, e precisam de toda ajuda possível. Também quero dizer que estou contente com as lideranças locais, o prefeito Thomas Reinalds e o governador de Nova York, John Rogers, que têm sido corajosos e fortes nesse momento crítico. Venho lhes comunicar agora minha posição em relação a esta situação terrível. Enquanto trabalhamos internamente para descobrir as respostas, iniciarei uma campanha externa em busca das soluções. Soluções definitivas. Não vamos mais tolerar o terror e permitir que este mal permaneça vivo. Portanto, com a união das principais lideranças mundiais, pretendo criar o Cerco ao Terrorismo, um trabalho sem fronteiras, sejam elas de raça, cultura ou religião. Com nossas forças associadas, faremos finalmente um combate severo ao terror. Conto com o apoio de cada cidadão americano e de cada cidadão consciente no mundo que esteja me ouvindo. Grandes mudanças só acontecem com grande atitudes. Este trabalho será uma delas. Quando lhes perguntarem em algum momento se podemos, sendo tão diferentes, nos unirmos para um único fim, quando lhes perguntarem se podemos realmente acabar com o terror ou mudar o mundo de forma tão impactante, quando lhes perguntarem estas coisas, apenas diga: sim, nós podemos. Muito obrigado por sua atenção, tenham uma boa noite.

-Este foi o pronunciamento do Presidente Richard Voight, em resposta aos ataques terroristas acontecidos em Nova York. – disse o âncora de outro telejornal.

Cada canal de televisão que possuísse qualquer tipo de linha jornalística comentava o discurso do presidente. Após o inesperado anúncio, o mundo ficou em polvorosa. “O Cerco ao Terrorismo, o que será este novo projeto do presidente Richard Voight?”, dizia um. “O pronunciamento veio com uma surpresa: um projeto mundial foi anunciado pelo presidente nesta noite.”, dizia outro. “O que podemos esperar deste novo anúncio? Será uma nova ONU?”, especulava um terceiro. “Isto é uma fagulha para incitar a Terceira Guerra!”, diziam os mais nervosos.

Cada meio informativo levantava seu próprio ponto de vista sobre o caso. Este era o assunto da vez para o mundo. Alguns líderes mundiais já se posicionavam, a favor ou contra, mas ninguém ousava ignorar a questão.

Richard estava apenas iniciando seu plano.

Capítulo 18

Quem é você?

Richard Voight era muito respeitado pela população, e, por sua posição como presidente dos Estados Unidos, também por cada outro governante no mundo. Fora eleito com grande maioria de votos em quase todos os estados e em pouco mais de um ano terminaria seu primeiro mandato, já sendo apontado como forte candidato à reeleição.

A revista Time o classificou como um dos presidentes mais influentes de todos os tempos, e não era por pouco. Sua boa fama se apoiava, dentre outros fatores, à sua mão firme no projeto de reestruturação econômica mundial e à forma como lidava com os debates nos conselhos mundiais. No entanto, poucos dias atrás surgira seu agora maior desafio a lidar: o terrorismo que atingia fortemente o país.

Com o pronunciamento que acabara de fazer em rede nacional e acompanhado por todo o mundo, esperava ganhar tempo e preparar o terreno nas negociações na ONU com os países dos quais pretendia solicitar apoio. Buscava aceitação para seu novo projeto chamado “Cerco ao Terrorismo”. A situação terrível de insegurança no país tornava aquele o melhor momento para iniciar suas táticas políticas.

Ainda afrouxava sua gravata no colarinho quando seu assessor já trazia enxurradas de resultados de opinião popular.

-Senhor – dizia o assessor – as pesquisas estão apontando que setenta e oito por cento da população está a favor de ações no estrangeiro, houve um impressionante crescimento de vinte por cento de opinião popular nessa noite, nos meios online, após seu pronunciamento!

-Divulgue esses dados na mídia, sem arredondar dessa vez, para não parecer falso. – respondeu, satisfeito.

-Sim, Senhor. Também conseguimos a reunião emergencial com o conselho de segurança da ONU para a próxima quinta-feira, em Londres.

-Na quinta-feira? Eu esperava isso para amanhã! – retrucou, remexendo-se em sua cadeira máster.

-Infelizmente não foi possível. – observou o assessor, com receios.

-Tudo bem. Eles estão tentando ganhar tempo para conseguir uma contraproposta forte o suficiente para me parar. Mas esses ataques são uma moeda muito mais forte, envie um ofício para o Departamento de Defesa e mande iniciar os preparativos para as ofensivas externas.

Richard sabia que seria difícil a ONU apresentar uma solução tão rapidamente que fosse suficientemente boa a fim de impedi-lo nas incursões aos países muçulmanos. Ele tinha um plano ousado: o controle militar de toda a região iraniana, de onde eram os grupos terroristas apontados como responsáveis pelos recentes ataques ao país.

A guerra na região estava resistente e fazia a cada dia mais e mais vítimas. Com esse contexto, havia motivos fortes o suficiente para agregar aliados ao seu plano de contingência, onde a França, Alemanha, Inglaterra e mais três países já se posicionavam a seu favor, enquanto outros apresentavam a mesma tendência. Bastava então um primeiro lance, algo que mudasse o viés das relações diplomáticas. Uma vez iniciada, o jogo teria seus peões já posicionados.

Poucos minutos após o fim de seu pronunciamento, uma multidão de pessoas aglomerava-se ao seu redor com notícias, colocações e decisões a tomar e Richard tentava manter-se focado nos vários assuntos tratados. Um verdadeiro pandemônio mental. Após a saída daquelas pessoas, finalmente pôde sentar-se à sua mesa e descansar em paz.

Mesmo após quase todo um mandato, todas as vezes que precisava fazer uma declaração para a televisão, punha-se extremamente nervoso e a tensão só passava após ver tudo terminado.

Puxou a gravata, já desatada, e a pôs sobre a mesa, esticando bem as pernas para tentar relaxar um pouco, o dia fora cansativo, seus pés doíam nos sapatos de couro e ele sentia seus músculos contorcerem-se após tanta tensão. Foi surpreendido, porém, por seu assessor novamente:

-Senhor, temos mais um problema aconte...

-Não Steve! Não mais! Por favor, me dê pelo menos alguns minutos de paz hoje! Estou há horas sem ao menos poder comer por causa desse maldito pronunciamento!

-Mas parece que há um novo vídeo nas redes sociais...

-Por favor, só alguns minutos, sim?

-Perdão, senhor.

Steve retirou-se e o deixou só.

As pessoas mais próximas agora eram seus incontáveis seguranças ao redor de cada parede da enorme sala repleta de figuras e objetos presidenciais. Finalmente o presidente podia esticar os braços, deitar-se em sua cadeira máster e suspirar por alguns momentos o alívio de ser somente ele mesmo. O momento de paz durou alguns segundos, até que o telefone tocou...

-Oh! Por Deus!... – resmungou ele, forçando-se a olhar qual o número aparecia na tela do aparelho.

O toque se repetia sem parar. Richard finalmente olhou para confirmar e viu que não vinha do

ramal de sua secretária, mas a chamada era informada como “sem número”. Quem seria? Ele já conhecia todos os números que poderiam ter acesso àquela linha, apenas os departamentos mais importantes do país, seus assessores e secretários e sua família, mas todos eles eram números já conhecidos. Finalmente, após muito hesitar, vendo que o toque não cessava, resolveu puxar o aparelho para si e atender à ligação.

-Sr. Presidente, – falava-lhe uma voz masculina, um pouco abafada e prejudicada pelo forte chiado que atrapalhava a ligação, com um falar brando e pausado, talvez de um homem de certa idade pelo jeito de falar – você sabe jogar?

Richard muito se assustou com aquela pergunta imprópria e instigadora. Confuso e surpreso, indagou:

-Quem está falando?

Ninguém respondeu.

-Quem está falando? Que história de jogo é esta? Voltou a perguntar.

A voz respondeu então:

-Conheço seus movimentos, vejo seus peões se movendo... eu também tenho minhas jogadas...

-Eu deveria decretar prisão a você por desrespeitar minha autoridade desta forma! Como você ousa falar assim com o presidente dos Est...

-Acha que não conheço meus adversários? – perguntou a voz estranha, em um tom desafiador. – Sei muito bem quem você é. Não sou covarde, dou-lhe uma dica sobre minha pessoa. Por favor, responda, o que constrói a nação americana?

Richard se calou, não adiantaria gritar, chegou a pensar em desligar, mas, movido por tamanha curiosidade que era a sua e admirado pela corajosa empreitada que o desconhecido fizera ao conseguir ligar para ele, conteve-se e entrou em seu jogo:

-Você invadiu o sistema de segurança do principal governo do mundo, entrou na rede particular do presidente e conseguiu falar com ele diretamente. Tem seu mérito com isso, não pelo ato criminoso, mas pela habilidade ao fazê-lo. Por esse motivo, te dou minhas palavras.

-Obrigado, é bom saber que não serei subestimado. Assim o desafio fica mais saboroso! – respondeu a voz de um jeito quase didático. – Mas... por favor, dê-me o prazer de tua resposta.

-O que constrói esta nação? – retomou Richard, pensativo. - Centenas de anos de história poderiam contar muitas coisas, um forte governo, à frente do mundo e primando o desenvolvimento, nosso patriotismo...

-Loucura! O senhor fala, mas parece não conhecer o significado de suas próprias palavras! Ou me atreveria dizer, não sabe a que fora eleito...

Maior do que a surpresa de uma resposta tão desrespeitosa a alguém de tamanho vislumbre político como ele foi a sua ira diante de tal ato. Tomado por um forte rompante, começou a esbravejar e se impor na conversa:

-Como ousa falar assim comigo?! Quem é você afinal? Zombando de minha pessoa e me dando lições de política... Como você tem a audácia de cometer tamanho desrespeito com o presidente?!

A voz apenas continuou, com seu falar brando e silábico:

-O que construiu algo é aquilo que está ali desde o início, não aponte o resultado como aquilo que a si mesmo gerou. Nada disso existia, mas uma coisa estava ali desde sempre...

Richard quase desligou, por impulso, o telefone, mas como em todos os momentos de sua próspera carreira, não foi capaz de resistir ao zelo de vencer um desafio.

-Apenas responda logo, antes que eu desligue!

-Quero dar-lhe apenas a resposta que você precisa, faço parte do que existe desde o início. Eu sou o povo.

Enfurecido com a brincadeira de mal gosto e seu desfecho sem sentido, Richard se preparou para desligar, mas antes que o fizesse, a ligação foi finalizada pelo próprio invasor.

Uma descontrolada raiva tomou sua mente, não conseguia acreditar em tamanha ofensa. Como alguém teria colhões para fazer isso com o presidente dos Estados Unidos? E quem seria capaz de ter acesso direto ao seu gabinete? Estaria ele perante um novo inimigo ou seria apenas um hacker querendo passar um trote em alguém importante?

A situação tinha potencial para se tornar um novo problema em seu governo, mas as chances de toda essa conversa ser real eram ínfimas e, de qualquer forma, Richard tinha problemas maiores para resolver. Por ser aquela uma linha privada, ninguém teria monitorado aquela vergonhosa conversa e ele resolveu que o episódio deveria permanecer em sigilo.

Capítulo 19

Choque de realidade

Os três chegaram ao local, um armazém antigo de Mason, muito utilizado nos tempos de glória das máfias na lei seca por seu pai, Elias. Agora não passava de um local abandonado, quase não havia nada no prédio além de coisas velhas e inúteis.

A construção era grande e dividida, talvez tenha sido de uma grande empresa de épocas anteriores, na era do vapor. Fora desde sempre o lugar preferido de Mason para interrogatórios, dificilmente alguém ouviria algo do lado de fora.

Reese abriu a imensa porta de correr para o carro entrar e, ao fechar, como sempre, olhou atentamente para cada lugar que pudesse, à procura de possíveis curiosos, policiais ou criminosos buscando um lugar isolado para seus afazeres. Nada à vista, pelo menos não que a escuridão permitisse enxergar.

Mason saiu rapidamente do carro, indignado com o acontecido e a perda de seu amigo antigo, o velho Tony, e John seguiu até a mala para ajudá-lo com o prisioneiro. Reese acendia algumas luzes no quadro elétrico enferrujado no canto do galpão onde estavam.

Ao abrir o porta-malas, lá estava B. Boy, amedrontado, com os olhos imensamente arregalados e suando copiosamente, dividindo o pequeno espaço com o corpo de Tony e inevitavelmente sujo de seu sangue. Mason nem deu a vez a John, com um forte puxão, arrancou o homem do carro e o derrubou no chão.

-Que história foi essa?! – gritava Mason enlouquecido, chutando o pobre coitado no abdômen. – O que foi que você armou pra mim, hein, seu preto de merda?! Estava achando que ia me cercar lá e chamar aqueles cães pra me pegar? Você está acabado! Agora você e aqueles moleques vão ver no que se meteram!

O homem mal conseguia se levantar do chão com tantos golpes que levava no abdômen e no peito. John observava a situação, incomodado com a violência, não mais do que com as insinuações que Mason fazia à cor do meliante. Percebia também um forte incômodo no olhar de Michael Reese.

Vendo a situação, Reese tentou acalmá-lo:

-Mason, não vai dar tempo de ouvir nada dele se você não parar, o cara vai morrer antes de soltar qualquer coisa!

-Isso se eu não meter logo uma bala no meio da bunda desse canalha! – gritava Mason,

enfurecido. John começava a perceber a natureza de seu chefe. Embora aparentemente culto, estava demonstrando-se extremamente violento e descontrolado. O tipo que atira antes de saber se deve. Preocupou-se então pelo seu futuro na família.

-Ponha a cabeça no lugar, deixe comigo que eu tento descobrir algo. – insistiu Reese, tentando tomar o controle da situação.

Após grunhir um pouco, Mason respirou fundo, olhou para as mãos sujas do sangue de Tony e respondeu: Está bem, acho que vou lavar as mãos e tomar um ar. Veja o que você consegue descobrir antes de eu meter um cano pelo pescoço desse safado...

Enquanto Mason saía, B. Boy estava tentando levantar-se, mas John segurou-o pela gola da camisa, forçando-o a ficar de joelhos enquanto Reese se aproximava deles.

-E aí, o que vai ser? – perguntou Reese, calmamente. – Vai nos dizer e salvar essa tua cara de trombadinha ou vai ter que tomar um no rabo pra começar a dizer?

-Ehr... eu não sei de nada cara... – gaguejou B. Boy, já cuspiendo sangue após levar tantos golpes. – eu...

Reese olhou em seus olhos, cara a cara, e forçou uma resposta, como um pai faz com o filho desobediente: Você...?

-Eu não fazia i...

Um belo murro foi o que Reese lhe deu.

-Você.....?

-Eu não pude evitar! – respondeu B. Boy, começando a chorar, já estava em desespero com a situação inesperada. – Eles me obrigaram a fazer isso, ou iriam me matar, irmão, iam me matar!

-Eles já sabiam de tudo desde o começo? – continuou Reese numa calma intrigante. Seu modo de continuar falando calmamente entre golpes violentos e perguntas difíceis era incrivelmente assustador, fazia parecer que aquilo era natural para ele, talvez até prazeroso. Continuou: – Todas aquelas informações que você passou eram combinadas?

-Não irmão, não! – respondeu B. Boy. - Eu estava ajudando de verdade, meu...

Enquanto ele tentava falar, Reese, que se mantinha face a face, puxou um de seus revólveres, o segurou pelo cano e pôs o seu cabo bem perto do rosto do homem, dizendo quase que didaticamente:

-A cada “não” que você falar agora esse cabo vai parar na tua cara, está me ouvindo?

O Homem engoliu seco o que falava, arregalou ainda mais os olhos e respondeu: Sim...

-Então me responda: eles já sabiam desde o começo?

-Er... foi ideia deles, mas eu não queria...

Reese voou com o cabo da arma no rosto dele, o golpe foi tão forte que John se atrapalhou para segurá-lo. Após um grito, B. Boy protestou:

-Mas eu estou falando! Eu estou falando!

-Fale de uma vez por todas, seu merda! – gritou Mason enquanto voltava do sanitário, com suas mãos lavadas, já assistindo ao que acontecia. - Estava achando que ia mexer comigo desse jeito e sair ileso? Eu vou te mostrar como eu gosto de brincar agora!

Vendo B. Boy no chão, John sugeriu:

-Vou amarrá-lo numa cadeira, é melhor para interroga-lo, e ele não foge...

-Amarrar? – disse Mason, parando ao lado dele. – Isso não é necessário, garoto. – então puxou sua pistola e acertou um tiro num dos joelhos no homem, atravessando a rótula e ferindo o tendão patelar. B. Boy gritou em alta voz, tamanha a dor. – Vamos ver se assim ele foge...

-Que merda, Mason! Agora ele vai ficar gritando e não vai conseguir falar... – resmungou Reese, irritado.

-Faça do seu jeito que eu faço do meu! – respondeu Mason, já se irritando também com Reese.

-Você está muito nervoso, Mason, assim vai acabar matando o cara antes de conseguir alguma coisa, como na maioria das vezes.

-Se depois disso ele não falar é porque não tem mais nada a dizer!

-Se ele desmaiar de dor é que não vai poder dizer mais nada!

Enquanto os dois discutiam, John apenas observava a briga, que muito lhe assustava. Via seus superiores discutirem entre si coisas banais, enquanto torturavam aquele homem, sem nenhuma piedade. Já havia visto coisas assim em filmes, e havia aprendido nos últimos dias o peso de carregar mortes na consciência, mas quando via aquela cena diante dele, sentia sua humanidade se consumindo a cada ato cometido pelos dois companheiros. Matara antes por sobrevivência, ou pelo menos era a justificativa que encontrara, mas nunca por prazer, não como algo vil.

Começou a pensar em sua própria pessoa, na enorme mudança de paradigmas que vivera naquele dia. Na mesma noite, num momento estava deitado com sua amada, num outro estava em um tiroteio com pessoas perigosas e agora torturava um estranho para conseguir possíveis

informações que nem tinha certeza se existiam.

Nesse momento, estranhamente, ele começou a questionar-se se aquilo realmente era a vida que queria levar. Viu-se encurralado em sua própria consciência, cercado de um lado pela culpa do erro que cometera ao fazer parte daquilo e do outro lado pela responsabilidade que se via diante de sua esposa. Será que valeria a pena? Aquilo permitiria que ele vivesse com Cathelin? Ela precisava saber de tudo. Pelo menos ter o direito de decidir de aceitaria aquilo. Ou talvez já fosse tarde demais para reparar sua péssima decisão...

O vácuo de seus pensamentos foi interrompido pelos gritos de Mason, o que acabou lhe dando a oportunidade de mostrar serviço. Puxou sua pistola, apontou-a no meio da testa de B. Boy, que rapidamente parou de chorar e tentava se esgueirar pelo chão, embora não conseguisse parar de gemer pela dor que sentia.

-Você vai falar ou não?

-Eu, eu...

John puxou o cão da arma para destrava-la, fazendo o estalo mais assustador da vida daquele pobre coitado. Reese e Mason, vendo a atitude dele, calaram-se e observaram.

-Sabia que o buraco atrás fica maior que o da frente? – perguntou John, friamente, instigando a reação de B. Boy.

-Tudo bem cara, eu falo, eu falo, mas abaixe a arma por favor...

John abaixou lentamente a pistola, deslizando-a pela testa dele até a ponta do nariz e depois trazendo-a para si.

-Olha irmão, - disse B. Boy, em meio a gemidos e respirações ofegantes – eu não sei de muita...

Antes que ele terminasse a frase, John levantou novamente a arma, apertando o cano na testa dele.

-Po... por que você levantou a arma cara? – questionou o meliante desesperado.

-Eu sou meio impaciente. – respondeu ele, apertando levemente o gatilho. B. Boy olhava entre os olhos, já vesgo, seu dedo pressionando a haste de metal da arma que faria o disparo fatal.

-Tá, tá! – gritou B. Boy – Eu falo, eu falo cara! Eles queriam pegar ele – dizia isso tirando a mão do joelho ensanguentado e apontando para Mason – e tira-lo da jogada! Eles queriam pegar o lugar dele na cidade. Estavam trazendo as armas sim, coisa boa, muita coisa militar, mas queriam mesmo era assumir a sua parte nos negócios de dinheiro, ou algo assim. Já haviam planejado tudo! O chefe lá, vocês sabem quem, me disse que se eu fizesse direito, não deveria mais nada a eles, aí eu não tive pra onde correr, entende? Se não fizesse, eles me

matariam... Eu juro, não tive pra onde correr. Não tive cara!

-Onde eles estão? – perguntou John, apertando um pouco mais o gatilho.

-Calma cara! Calma! Eu conto tudo! Eles ficam a dois quarteirões da minha casa, toda noite, num bar com mulheres, se é que vocês me entendem... É lá que eu sempre encontrei com eles, não sei onde fica mais nada, só lá. Aí tem um cara chamado Mad, ele que manda lá na área, foi ele que tratou tudo comigo. É tudo que eu sei...

Satisfeito com as respostas, John levantou-se e virou para seus dois superiores, dizendo:

-Acho que é isso...

Mason deu um passo à frente, apontou sua arma e acertou um tiro no meio da testa de B. Boy, que caiu morto na mesma hora.

-É sim, - respondeu. – bom trabalho, garoto.

John se assustou, não esperava aquilo, tão fria e impiedosamente. Engoliu seco seu temor e apenas permaneceu calado, aguardando por novas ordens.

-O garoto é bom, não disse? – brincou Reese.

-É sim, - respondeu Mason – você que está ficando enferrujado.

-Farei vir o Simon, ele fará a limpeza nessa bagunça. – disse Reese, descontente com a resposta do chefe.

-Faça isto por favor, estou exausto. – disse Mason, enquanto secava o suor do rosto - Agora tenho que pensar num jeito de falar com a Margie... Já era hora de ele ter parado! Quarenta anos dirigindo, você acredita? Depois de quarenta anos!

-Vá embora, nós iremos com o Simon depois. – disse Reese, apontando-lhe o carro.

-Ok, amanhã conversaremos. – Mason jogou o paletó sobre o ombro e caminhou até o veículo.

Simon era um prestador de serviços autossuficiente da máfia. Um carniceiro, responsável por limpar a sujeira que faziam em seus embustes. Conhecia profundamente todos os meios de sumir com os mortos e também com as evidências. Não tinha lado, não tinha rixas, trabalhava para qualquer um que lhe pagasse, e ninguém ousava toca-lo, pois se o fizessem, perderiam uma peça importante na hora de livrar-se de seus próprios erros. Ninguém sabia o que ele fazia ou como fazia, mas era certo que não falharia.

Michael e John tiraram o corpo de Tony do porta-malas e o puseram deitado, com cuidado, sobre uma mesa do lugar. Seria lhe dado um velório com as honrarias tradicionais da máfia.

Após a ida de Mason, Reese contatou o especialista em limpeza e contratou seus serviços. Ao desligar, ele e John puxaram duas cadeiras que estavam no fundo do galpão, onde sentaram-se para aguardar sua chegada.

Reese tirou seu paletó e pôs-se a observar o ferimento em seu braço. Nada profundo, apenas uma carícia feita por uma bala inimiga. O sangramento já havia estancado, então não devia se preocupar. Para ajudar a resistir ao cansaço e aliviar o tédio, o velho apalpou por alguns instantes os bolsos do paletó sobre as suas pernas, até que puxou seu maço de cigarros, já se acabando, tamanho era seu vício.

O novato apenas olhava o cadáver, queto, ainda quente, banhado em escarlate.

Após acender o isqueiro e queimar a extremidade do fumo, o senhor deu um longo sorvo, deixando o fogo consumir o máximo que podia daquele veneno e logo soltou sua fumaça. Após cumprir o velho hábito quase ritualístico, puxou assunto:

-Melhor ir se acostumando, garoto. Nada de coisas previsíveis a partir de agora...

-É, estou vendo... – respondeu o jovem, com um olhar sóbrio ante os cadáveres a sua frente.

-Você foi bem, filho, se virou do teu jeito, contudo. Não é qualquer um que entra na família, e é por isso. Não é como nos filmes, talvez não como todos. – o último trago consumiu o cigarro até a metade. John pensou que o velho estivesse tenso por fumar tão avidamente. - Não há roteiros, jornadas, e boa parte dos casos não chegam a finais felizes. Apenas histórias vividas em tons de cinza.

Michael Reese soltou alguns acessos de tosse. John observou:

-Isso ainda vai acabar te matando...

-Há trinta anos venho tentando e ainda não consegui! – resmungou o velho, recuperando o fôlego.

-Isso mata vinte vezes mais que o crime, todos os anos. – disse o jovem, em tom moralista.

-Onde você viu isto? Na escola? – redarguiu Michael Reese, levando o fumo novamente à boca.

-Vi na TV.

-História...! Estou farto dessas ladainhas! Proíbem drogas, mas fazem vista grossa com o cigarro... Combatem os criminosos, mas permitem o fumo! Isso não faz sentido. Maconha é pior, essa sim devia ser proibida, - disse ele, apontando para o defunto ensanguentado no chão. - olhe só o B. Boy como está agora!

B. Boy era o retrato típico do drogado mais imerso no vício. Embora ouvir Michael zombetear

tão friamente de sua morte incomodasse John, no fundo o velho tinha razão. Ele estava ali, morto, por ter se envolvido demais com o crime. Havia se envolvido com o crime, por dever demais aos traficantes. Devia aos traficantes, por ter-se entregue demais ao vício. No fim de sua história, a maconha o matou com um tiro na cabeça. E no fim da história, crime, maconha e os cigarros de Reese eram a mesma coisa.

-É... – John suspirou, triste, observando o seu cadáver. - Nem todo mundo tem a mesma sorte...

Reese concordou, balançando a cabeça.

-Sabe, filho, há trinta anos eu ponho um cigarro na boca todos os dias e assumo o risco de morrer por isso, mas se eu realmente quisesse, se realmente quisesse, poderia parar. Estou há trinta e cinco anos na família, o tempo passou... – e resmungou ao constatar o avanço do tempo. - Passa rápido. Mas desde a primeira vez que tirei a vida de um homem, entendi que havia entrado em um caminho sem volta. Posso deixar de ser um fumante, mas poderia deixar de ser um assassino?

John se absteve, pensativo. Reese continuou:

-O primeiro tiro é como um abismo... e você só compreende isso quando já está em queda. Uma vez assassino, mesmo que não mais o faça, você é um assassino.

-Já sentiu medo de morrer? – indagou John, pensativo.

-Se for para morrer, que seja de forma rápida e numa única dose de morte...

John riu com a resposta de seu mentor. Após um sorriso de canto, respondeu:

-É irônico você falar isto, se está se matando aos poucos...

-Me diga uma coisa apenas que não seja irônica nessa vida...

John não encontrou algo que pudesse responder. Na verdade, não se deu ao trabalho de pensar em nada. Michael Reese pigarreou algumas vezes e, após um novo trago de seu vício, continuou:

-Eu sou uma vítima do destino! Era o que eu pensava no início, pensava que a vida me tornara assim. Mas isso não funcionou... Não me livrava da culpa. Depois comecei a pensar que essa era minha missão, tirar outros canalhas como eu do mundo. Até ajuda às vezes, ter um objetivo maior, uma missão dada por mim mesmo. Até que um dia um filho da mãe com a pontaria melhor vai chegar e será a minha vez... Já pensei até em Deus... Um cara lá em cima que me fez viver essa vida, ou se teria outro modo, ou se ele teria outra vida pra mim, não sei, talvez me sentisse diferente...

John jogou o corpo pra frente e apoiou os braços sobre os joelhos, entrelaçando os dedos das mãos:

-Eu soube de um matador que terminou numa igreja. Dizia que um milagre o salvou. Morreu tocando órgão, alvejado por um outro louco...

-Ironia, não? – perguntou Reese, sorrindo.

-Bem, ele morreu de qualquer forma...

-E música? – riu-se. – Não tenho talentos. Por isso vivo o que vivo, atirar não é talento, é pontaria!

John apenas sorriu.

-Vou te dizer uma coisa, garoto. – Michael Reese continuou. – Essa vida é um grande e longo jogo. As cartas já estão marcadas, nós só precisamos continuar jogando...

-Não sei, - refletiu o jovem. - quando penso na Cathelin, não consigo pensar que ela seja como eu ou você. Acho que não é assim...

-Bem, vai ver estamos em jogos diferentes...

A conversa continuou por alguns minutos, até que Simon apareceu, batendo à porta. Reese abriu-a até a metade e ele entrou, apressadamente, olhando para todos os cantos do local.

-É só esse? – perguntou, enquanto bocejava e olhava para o corpo de B. Boy.

-Sim, - respondeu Reese. – O Tony nós vamos velar amanhã, falta o Mason dar a notícia à Maggie.

-O Tony? Nossa! – exclamou Simon, ao ver de longe o corpo do motorista sobre a mesa. - E eu achando que iria envelhecer como ele... Como foi?

-Na cabeça, caixão fechado.

-Triste meu amigo, muito triste. – então se virou para John e disse: Ei moleque, me ajude com essa peça aqui, tem um saco só pra ele no porta-malas.

John o auxiliou a levantar e carregar o corpo até o porta-malas, onde o ensacaram, para não sujar o seu carro.

-Vê se dá um jeito dele sumir rápido. – disse Reese.

-Se eu trabalho com isso até hoje, é porque nunca alguém encontrou. – respondeu Simon, irritado.

-Você é o melhor, Simon!

-Fazia tempo que eu não tinha serviço de Mason, - ele observou, levantando as sobrancelhas. -

as coisas estão ficando agitadas novamente?

-Não que ele quisesse... – Reese, suspirou.

-Nós nunca queremos...

-Escuta, você pode nos deixar em algum lugar próximo às nossas casas? – perguntou Michael Reese.

O quarentão careca e de humor seco titubeou até ver que não encontrava opções, respondendo em seguinte:

-Tudo bem, tudo bem... Então Mason agora quer eu carregue vivos também?

-Eu, vivo? Nem tanto, - respondeu Reese, rindo. – mas nesse aí ainda deve estar nascendo pelos! – apontava para John. – Eu hoje não sou mais do que pólvora e nicotina, meu caro!

Rindo um riso abatido, os três partiram dali. Cada um foi levado até alguma esquina próxima à sua casa e Simon foi embora dar cabo do finado.

John caminhou até sua casa nas pontas dos pés e, silenciosamente, abriu a porta. Para seu conforto Cathelin ainda estava na cama, aparentemente não havia percebido sua saída. Precisava então tomar um bom banho para limpar de si as marcas de sangue de Tony e B. Boy e pôr suas roupas de molho, para que ela não visse nada além do costureiro.

Após fazê-lo e tomar o seu banho quente, chegou ao quarto e deitou-se para dormir, a madrugada já estava terminando e o cansaço pesava sobre ele.

-Noite difícil, amor? – perguntou ela, mesmo sem abrir os olhos, com a voz embargada pelo sono.

John se assustou, não esperava isso, mas respondeu:

-É, alguns problemas para resolver de última hora.

Ela quase dormiu novamente, mas ainda conseguiu dizer:

-Espero que isso não atrapalhe nossas vidas, amor... – e tornou a respirar como quem dorme.

Ao vê-la entregue ao sono, John se acalmou, deitou-se ao seu lado com cuidado e adormeceu.

Já não saía, porém, de sua cabeça a nova fase que entrava em sua vida.

Capítulo 20

Excesso de confiança, falta de confiança

Era manhã bem cedo e Richard, mais uma vez, estampava a primeira capa de cada jornal no país e no mundo. O insólito discurso da noite anterior deixara a mídia mundial inflamada, especulações surgiam de todas as fontes sobre o que seria o novo projeto do presidente, que levava sobre si o chamativo nome “Cerco ao Terrorismo”.

Ao longo de sua carreira política, Richard fez-se mestre em instigar as pessoas. Suas perorações eram como contos de mistério, deflagravam curiosidade e suspense na mente de seus espectadores, deixando sempre uma ponta solta que seria fechada num momento futuro. Isso lhe dava tempo de analisar o resultado do discurso na reação popular e a chance de planejar melhor qualquer tipo de conclusão em suas propostas políticas. Sabia que nesses momentos decisórios e estreitos, a ambiguidade era a melhor saída para um político com tantas responsabilidades ganhar tempo em suas decisões.

Os assuntos políticos já não cabiam mais somente na mídia especializada, todo tipo de programa agora abordava a situação do país e possíveis decisões do presidente. O sentimento de indignação com os denotados terroristas era geral e a população sôfrega de insegurança clamava pelo presidente que iria restaurar a paz no país.

Comentaristas e repórteres sedentos extrapolavam em apontar vários caminhos que ele poderia seguir na política de segurança nacional, como a implementação de um Homeland 2.0 por exemplo, mas a maior dúvida era sobre a sua posição em relação ao exterior. Como a mídia ainda não conhecia os nomes dos responsáveis, ou se seria possível identifica-los, além de questionar qual postura Richard tomaria na política internacional, já se levantava até a ideia de uma ação militar investigativa nos países que pudessem abrigar as células responsáveis pelos atentados e, como consequência disso, enfrentamentos e confrontos diplomáticos que poderiam culminar em uma guerra cega e meramente especulativa. Após o seu pronunciamento, percebia-se que a iminência dessa guerra era mais preocupante do que a própria segurança nacional, em alguns meios de informação.

Alguns repórteres mais sagazes traziam à memória trechos de discursos do presidente do Irã, Akram Ahmad Zadeh, onde ele acusava os Estados Unidos de manipulação do ambiente político e de possuir intenções de controle dos poços petrolíferos da região, sendo a situação construída por suas ambições econômicas. Outros montavam enormes documentários sobre a evolução da ameaça terrorista e a força de doutrinação muçulmana na Europa e América do Norte. Programas de auditório e redes sociais tornaram-se um imenso palco de discussão sobre o assunto, e as bancadas se dividiam nas opiniões, digladiando ferozmente no debate.

Nesse dia, após o evento da manhã, o caminho de combate ao terror seria definido. Porém,

dois obstáculos se colocavam à frente de Richard. O primeiro era o Corpo de Estado-Maior, que, devido à falta de informações disponibilizadas pela CIA e outros órgãos de inteligência, posicionava-se contra qualquer operação fora do território nacional. Os líderes queriam saber com o que lidariam lá fora, o que ainda era motivo de indagações relevantes. Este não era o maior problema, no entanto; o segundo exigiria ainda mais negociação. A ONU não aceitaria que os Estados Unidos descumprissem seu papel no plano de organização mundial logo em um momento tão importante, após décadas de trabalho. Richard precisaria fazer uma intensa manobra para convencê-los.

Após o rápido café da manhã presidencial, reuniu-se com diversos assessores, militares e conselheiros e todo o corpo do Estado-Maior. A reunião foi feita em um grande salão da Casa Branca, com todos assentados numa longa mesa de madeira maciça lustrada, em cadeiras rústicas muito bem acolchoadas.

Richard chegou pontualmente e não precisou esperar para iniciar, todos já estavam presentes. Ao sentar-se em seu lugar, em silêncio passou com o olhar sobre todo o plenário que o recebia reverente. Após isso, fez o seu exórdio:

-Senhores, bom dia a todos. Eu os convoquei, pois em dois dias teremos a chance de definir um novo futuro ao nosso país e precisaremos de um extenso plano militar para isso. Creio que todos já sabem de meu anúncio e receberam os memorandos sobre o plano Cerco ao Terrorismo, como assim o chamaremos. Esta será a maior operação militar já realizada de todos os tempos, o dia D para o terrorismo, e meu maior trunfo no combate contra o Eixo do mal. Vou explicar-lhes o método da operação: - ao dizer-lhes isto, em uma enorme tela presa na parede atrás de seu assento surgiu um gráfico, que mostrava as regiões de território muçulmano, todo em tons de cinza. Richard continuou. – estão vendo este gráfico? Há muitos anos fazemos pequenas operações e incursões aleatoriamente nessa região, com objetivos específicos e pontuais, pequenas picadas no contingente total de combatentes e radicais inimigos. – Enquanto dizia isto, pequenos pontos vermelhos apareciam espalhados na tela, simbolizando as operações militares até então. – Não faremos mais assim. O objetivo do Cerco ao Terrorismo é realizar um trabalho hipodérmico, que se estenderá por cada canto, cada lugar onde possa haver um radical inimigo. – dito isto, um pequeno ponto vermelho surgiu no centro do gráfico e começou a crescer, se espalhando em toda a tela. – Vamos fazer uma total varredura, extirpar o mal.

Ao ouvirem isso, os ouvintes se puseram agitados, o silêncio reverente foi quebrado por um falatório nervoso. Um dos militares, o Almirante Warnock, se pronunciou:

-O senhor quer dizer que o Cerco ao Terrorismo será uma varredura total do território muçulmano? Não seria esforço desperdiçado, posto que os combatentes podem fugir e após o término da operação, retornar aos seus lugares?

Richard respondeu com diligência:

-Não será apenas uma varredura, será uma ocupação militar.

Após isto, os ânimos se exaltaram, os murmúrios se tornaram mais entoantes, o fio da meada quase se perdeu. Um outro militar perguntou:

-E a operação teria início em qual ponto do mapa?

Richard prosseguiu:

-Nosso serviço de inteligência acredita que a possível localização da célula terrorista que promoveu esses ataques está entre Kashan, oeste do Irã, e Kandahar, sul do Afeganistão. Este será o ponto de partida para nossa operação.

-É impossível realizar uma operação de tamanho vulto sem causar vilipêndio às soberanias e reações de igual força! Isto será um crise diplomática inconcebível! – disse um outro ao fim da mesa.

-Nossos diplomatas farão as negociações iniciais dentro em pouco. – disse Richard. - Se houver qualquer tipo de resistência, no início da operação nossas embaixadas já estarão vazias, ninguém ficará naqueles países. Não estou preocupado com diplomacia. Uma vez com o apoio necessário no exterior, seremos mais fortes do que qualquer crise diplomática. Na próxima quinta-feira eu farei uma reunião com a cúpula da ONU para discutirmos uma mudança nas políticas exteriores, onde clamarei por apoio ao Cerco. O objetivo da operação será encontrar e exterminar toda e qualquer força terrorista encontrada na região, e se for necessário, o controle militar de pontos estratégicos. Para isso, eu preciso de um plano estratégico completo e os números que temos para envio de tropas assim que tudo for aprovado.

O Almirante Warnock interpelou:

-Isto é uma loucura! Todos sabemos que a ONU não aceitará uma operação desse volume! Como pretende conseguir isso?

Richard levou o olhar a todos, como no início da reunião, de pé, apoiou as mãos sobre a mesa, com os dedos esticados, esperou que os comentários cessassem e então falou:

-Senhores, a raiz do significado é o contexto. Não há melhor momento para requerer este apoio do que o que estamos vivendo.

-Nos leve logo ao ponto, senhor presidente. – retrucou o almirante, indignado.

Richard franziu as sobrancelhas, ante o desafio de autoridade do almirante:

-Durante muitos anos, nós conquistamos respeito e temor através de políticas e poder bélico, mas o que ganhamos com o onze de setembro, senhores?

Todos na sala observavam, centrados, ninguém nada ousava dizer.

-Naquele dia, em apenas um dia, nós ganhamos comoção!

Por quase um minuto, todos permaneceram em silêncio, até que, polidamente, o Almirante Warnock decidiu falar:

-Senhor presidente, me perdoe a insistência em discordar, mas ainda não conseguimos resolver nossa política de segurança interna, apenas temos um suspeito de ter sido o responsável pelo segundo ataque e não vimos as informações que o senhor declarou possuir sobre a célula terrorista e muito menos sua localização. Não temos nada palpável que nos leve ao grupo por detrás disto e carecemos de melhor investigação. Como vamos gastar recursos fora do país?

-Permita-me trazer outra questão ao nosso debate, - interrompeu o cauteloso General Don Murphy, direcionando-se a Richard. – mas não está claro para nós o sentido desse planejamento militar tão pretencioso. Qual seria o real objetivo de invadir territórios estrangeiros tão extensos e realizar uma busca às cegas por facções terroristas? Precisamos de seu esclarecimento quanto ao que estaremos realmente fazendo ao enviar nossos soldados para lá. E mais, nossos soldados se tornarão uma polícia? Temos em mãos memorandos com planos da CIA para inúmeras ações dentro e fora do país e fomos convocados aqui para decidir nossa participação nisto tudo, mas não temos em mente o objetivo final dessas operações. Qual será o resultado pretendido?

O ponto levantado pelo general gerou novos murmúrios e comentários na plenária. Realmente a falta de clareza nos objetivos das missões deixava os líderes nacionais inseguros sobre as decisões do presidente. Richard se incomodou com a colocação e resolveu perguntar:

-Sobre o que o senhor está em dúvida, general?

Com falar calmo e condizente com sua avançada idade, o homem respondeu:

-Até hoje não temos nenhuma ideia concreta de quem realmente executou esses eventos, que informações são as que o senhor tem em mãos? O que a agência conseguiu de relevante que ainda não vimos e possa dar propriedade às nossas decisões, senhor presidente?

-Temos hoje uma excelente biblioteca de dados recebidos de informantes do Irã, Afeganistão, Paquistão e Arábia Saudita, com nomes e possíveis localizações dos três primeiros nomes da Al-Qaeda após a queda de Osama Bin Laden e mais os principais integrantes de oito células que estão trabalhando com subsídio da organização somente no território iraniano. Estou trazendo hoje para vocês um plano de ataque sincronizado em todos os pontos destacados pela agência dentro desse perímetro que lhes falei.

-Meus Deus! – exclamou o general Murphy com forte ar de preocupação. – Estamos à beira de outra operação Lança de Netuno? Como o senhor presume que executar tamanha operação em território iraniano sem aviso prévio não vai culminar com um enorme incidente diplomático? O Paquistão apoiava a caça a Bin Laden, mas por Deus, Arábia Saudita, Irã?

A colocação alarmista do general incendiou os demais, em certo Richard podia jurar ter ouvido alguns o chamarem de louco em voz baixa. Mas ele insistia em sua posição:

-O governo do Irã estará de mãos atadas, se conseguirmos apoio da ONU e apresentarmos provas de que a origem das células está em seu território, não terão condições de investigar e combater tantos focos em pouco tempo. E o país possui a maior concentração de terroristas que conhecemos!

-Mas nós não temos nenhuma evidência de que haja alguma ligação entre os grupos terroristas iranianos e os acontecimentos recentes, - retrucou o almirante Warnock. - apenas vídeos em redes sociais de grupos islâmicos até então desconhecidos que brigam por sua autoria. Isso não nos dá uma prova concreta o suficiente para realizar operações militares em território estrangeiro. Não posso compactuar com tamanha sandice!

Nesse momento todos se exaltaram e muitos comentários tornavam o ambiente tenso. Richard recompôs sua calma, respirou e respondeu:

-Almirante Warnock, o que precisamos é do apoio do conselho para realizar as incursões e reunir as provas necessárias, nesse momento temos diversas operações ocorrendo nesses territórios com os Deltas e a DEVGRU. Estamos em negociação com a embaixada árabe e pedimos para que abram guarda a nosso pessoal como uma parceria nas investigações. Já tivemos o apoio da cúpula da OTAN após o onze de setembro pela convocação do artigo quinto e basta que provemos que o governo iraniano não tem condições de lidar com a situação para conseguirmos isso novamente. Senhor O'Neill, por favor, exponha nosso plano.

O secretário de estado Michael O'Neill, então, tomou a palavra. Começou a explicar o plano que a CIA havia apresentado e a estratégia militar que necessitavam, porém, muitos ainda não concordavam com as ações apresentadas por Richard e iam contra toda proposição feita por O'Neill.

-Isso é um plano louco! – esbravejou o general Murphy – O país está à beira de um colapso econômico e ficaremos Tateando às cegas até encontrar um possível culpado disso tudo? Com que verba você pretende fazer isso? Retiramos quase quarenta por cento dos soldados acampados no Iraque para reduzir os custos das operações e você quer enviar ainda mais tropas numa missão descabida como esta?!

Muitos corresponderam às colocações do general Don Murphy e mostravam repensar as questões financeiras.

-Senhores, Senhores! – disse Richard, em voz alta, para retomar o controle da situação. – Temos em mãos muitas informações da inteligência e agora provas apontando para os responsáveis pelos atentados. Não demorará até que tenhamos informações palpáveis sobre a célula terrorista real e sua possível localização. Precisamos porém, de apoio militar para as investigações, por isso o envio das tropas nas operações. Somente a CIA não será suficiente para prosseguir tendo resultados. Sei que estamos em uma situação econômica incabível à

realização de mais missões militares, mas posso conseguir a verba necessária para as operações através de um acordo com a OTAN e talvez com a ONU, tudo depende do rumo das negociações. Preciso do apoio dos senhores para apresentar uma boa defesa na próxima reunião com o conselho, para isso, quero todo o plano estratégico e disponibilidade de tropas para as primeiras incursões investigativas e possível ocupação. Os senhores podem fazê-lo?

Richard sabia lidar com situações adversas muito bem, contornava as contrariedades com eloquência, tornando a sua oratória uma arma mais forte que a própria argumentação.

A reunião continuou e, mesmo resistentes, os secretários e chefes de estado despediram-se cedendo aos pedidos dele. No final, quando todos caminhavam para a saída da sala, um deles vinha a passos lentos e com um olhar sentencioso. O general Murphy ainda se apresentava muito insatisfeito com a situação, ao passar por Richard, que se despedia dos demais, voltou-se para e disse-lhe:

-Passei oito anos em campo de batalha e vinte e sete comandando soldados e tropas, senhor presidente. Mas foram aqueles oito anos que me ensinaram o que carrego para a vida inteira. As lições mais importantes são as que aprendemos de maneira mais dolorosa, poupe-se disso ouvindo o que eu tenho a dizer: O excesso de confiança apenas prevê a iminência de nossa derrota...

Richard apenas olhava em seus olhos cansados. O homem negro e já com o fardo da idade sobre si talvez ainda fosse o mais lúcido de todos os que ali estiveram, sentiu.

Sem apertar-lhe a mão, o velho virou-se e seguiu até a saída.

Satisfeito, Richard caminhou pelos corredores até ao salão oval. Após entrar em seu escritório, enquanto acomodava-se em seu assento, teve um breve momento de divagação, trazendo à mente as palavras do general, mas foi interrompido por uma chamada repentina do telefone. Steve, seu principal assessor, também entrara na sala e foi em direção ao aparelho para atender, mas Richard resolveu fazê-lo e tomou a vez, atendendo-o.

Uma voz muito grave e abafada, disse lentamente:

-Você sabe os riscos do que pretende fazer?

Richard ameaçou solicitar o rastreamento da ligação, mas lembrou-se que a linha era privada, reservada às suas conversas pessoais e não dava nenhum acesso a terceiros. Sua única saída, e pensada bem rapidamente, foi usar o próprio aparelho telefônico para tentar gravar a conversa. Tentou prolongar o assunto:

-Quem é você?

A voz apenas continuou, dizendo:

-Faça esta pergunta a si mesmo, presidente. Quem é você? Eles vão pagar pelos teus pecados?

Eu sei o que pretende fazer, eu sei. Quer aproveitar-se do contexto? O contexto é a raiz do pecado. Não esqueça de mim, Richard, não esqueça do povo...

Antes que Richard pudesse dizer algo, a ligação foi finalizada. Exaltado, bateu com força o aparelho telefônico e suspirou de agonia.

Só agora ele percebia a gravidade da situação, só então ele percebeu que tinha um real adversário diante dele.

“Contexto, raiz do pecado... Contexto, raiz do...”

Lembrou-se então de uma frase que havia dito durante a reunião, “a raiz do significado é o contexto”. Não podia ser! Ele realmente acompanhou a reunião? Richard se punha embasbacado com sua suspeita. Essa pessoa não era qualquer uma, não se tratava apenas de um hacker ou qualquer outro tipo de louco querendo assustá-lo, se ele sabia sobre a reunião, poderia ser alguém com habilidades e também princípios muito maiores do que imaginara. Teria ele realmente acompanhado o que foi discutido? Tais pensamentos lhe geravam grande temor.

-Senhor, o que foi isso? Quem ligou? – indagou Steve, confuso pela expressão de Richard ao longo da conversa.

-Por favor, me ligue ao Dr. Morrison rapidamente!

Steve logo ligou para Peter Morrison e entregou o telefone a Richard.

-Sim, senhor Presidente. – disse Morrison ao atende-lo.

-Sr. Morrison, temos um problema.

Richard explicou a situação ao Morrison, falou-lhe sobre as duas ligações e que havia gravado a última. Ele então respondeu:

-Peço que me envie essa gravação, estarei investigando isso de perto a partir de agora.

-Senhor Morrison, - disse Richard – a partir de agora creio que precisemos efetuar uma drástica mudança no quadro de operações do FBI. Peço que direcione uma equipe especialmente para este caso, não podemos deixar um hacker louco por em risco tudo o que estamos fazendo.

Peter Morrison pensou por um instante e respondeu:

-Estarei alocando pessoal para isso e vou enviar um dos meus melhores agentes, particularmente o responsável pela nossa descoberta nas investigações sobre o caso da maratona.

-É essencial que tomemos essa medida. A propósito, segundo suas palavras, pude entender que ele sabia sobre a reunião que tivemos agora de manhã. Se isso for verdade, estamos correndo um grande risco de segurança. Preciso que haja uma investigação sobre a reunião e como ele poderia ter acesso a isso.

-Sim, senhor.

-Sr. Morrison, confio em teu trabalho.

-Se ele sabia da reunião de cúpula, alguém o auxiliou.

-Temos de saber quem poderia ser...

-Poderia ser qualquer um presente ali.

-Sim, é verdade. Sr. Morrison, a partir de agora todos os que estavam presentes aqui serão tratados como suspeitos. Se essa pessoa acompanhou o andar da reunião, ou ela possuía algum tipo de escuta ou estava presente no local.

-É necessário também investigar todo o pessoal que possui acesso às salas e ao gabinete. Assim ficaremos atentos a todos os tipos de suspeita.

Era a primeira vez que todo o corpo de Estado Maior se tornava suspeito de alguma ação criminosa. Richard estava agora diante de uma situação melindrosa, algo que talvez nenhum governante tenha passado antes dele. Se todo o corpo sob sua liderança tornava-se suspeito, em quem confiaria?

Capítulo 21

Mudança de hábito

Intrigado, neste estado Glenn Marshall permanecera por toda a noite, cogitando cada tipo de pensamento sobre o computador do jovem iraniano. O sono tornou-se um amigo distante, não o visitara em nenhum momento.

Mal-humorado, chegou ao Bureau pouco depois do amanhecer, na expectativa de aproveitar o período solitário para investigar mais tranquilamente sobre sua nova descoberta. Normalmente o pessoal só chegava às sete horas.

Através do vídeo que recebera, tentava conseguir uma imagem dos rostos dos dois agentes que abordaram o jovem Behruz com qualidade suficiente para conseguir um reconhecimento facial. Infelizmente, os resultados não eram tão bons como costumavam ser nos filmes policiais.

Maldita resolução...!

A manhã passou sem sucesso. Por fim, os demais agentes chegaram e Glenn precisou disfarçar suas tarefas, sendo impedido de prosseguir com o que fazia.

No fim da manhã, alguns já se preparavam para o almoço e Glenn aguardava ansiosamente por mais um momento de privacidade que lhe permitisse procurar mais ou inventar uma boa desculpa e sair do prédio mais cedo. Bob se aproximou, puxando assunto:

-Ei Sherlock, descobri um restaurante novo, quero dizer, ele é antigo, mas eu descobri agora, bem..., não é muito longe daqui e tem umas almôndegas excelentes se formos logo almoçar...

-Você e teu péssimo gosto gastronômico, Bob... – disse Glenn, apoiado sobre sua mesa com as mãos na testa.

-Ah, cara, assim você me magoa!

-Você ainda está me devendo o dinheiro daquele restaurante tailandês, não vou esquecer! E também o dos remédios!

-Como eu iria saber que você é fraco com aquela comida? Se duvidar, não aguenta as tailandesas também! Vamos, eu pago o de hoje então...

Enquanto eles conversavam, o celular tocou e Glenn pegou para atender. Ouviu um forte estalo, seguido de dois bipes curtos, o que significava uma ligação feita por uma linha à prova de grampos.

-Sr. Marshall?

Glenn reconheceu a voz de Peter Morrison e o sotaque conciso em sua fala. Sem pestanejar, respondeu:

-Sim, sou eu.

-Novamente, parabéns pelo teu empenho. – disse Peter Morrison, solícito, embora sério o suficiente para não deixar esquecer que aquela era uma conversa de assuntos governamentais.
- Como já deve saber, fizemos grandes avanços no caso e estamos a caminho de sua resolução.

-Acabei de saber algumas coisas sobre isso. – completou Glenn Marshall, num tom sarcástico o suficiente para não ser percebido.

-Quero que arrume suas coisas, você vai para Washington. – disse Peter, sem rodeios.

-Vamos concentrar a investigação na sede? – perguntou, surpreso.

-Não, você vai assumir outro caso.

Glenn ficou confuso, outro caso? O que seria de maior importância no momento, senão o ataque terrorista em que todo o país trabalhava? Provavelmente ele não saberia todos os segredos nacionais, pensou.

-Não entendi, senhor. Do que se trata?

-Sua viagem será durante a madrugada, a investigação terá início de manhã cedo. Você terá acesso às informações durante o voo. Por hora, não posso passar mais informações.

-Entendido. Aconteceu algo na sede do Bureau?

-O seu caso será na Casa Branca.

Capítulo 22

Fome e sono

Os raios de sol já conseguiam traspasar as cortinas mal fechadas e, como se fossem mãos de uma criança querendo brincar, tocavam o rosto de John, que em vão tentava dormir. Mudava sua posição na cama tentando repor a noite de descanso que perdeu com todos aqueles problemas, cobria-se sob a sombra de seu cobertor para esconder-se da luz, precisava descansar de alguma forma. Mas sua tentativa foi frustrada de uma vez por todas quando Cathelin o chamou para levantar. Tinha de leva-la ao trabalho naquele dia.

-Amor, se você não levantar logo eu vou me atrasar! Lembra que prometeu me ajudar a levar o peso? Preciso que me leve lá, tenho que carregar todo aquele material e o metrô deve estar lotado!

-Se arruma que eu levanto pra te levar... – resmungou com a boca no travesseiro.

-Já me arrumei, já fiz o café e tomei sozinha! – respondeu ela, grave. - Agora temos que ir...

-Por que você não aprende a dirigir logo?

-Vamos! Preciso chegar cedo hoje. – ela pegou sua bolsa e apontou para uma enorme caixa, cheia de livros e documentos antigos.

Nem foi possível tomar um banho para despertar, cambaleou até o banheiro apenas para lavar o rosto e disfarçar o embaraço do cabelo. Quem dera uma simples borrifada pudesse esconder tamanhas olheiras...

Cathelin trabalhava na New York Public Library, situada na Quinta Avenida. Não era tão longe, em pouco mais de uma hora ele a levaria e retornaria ao seu descanso.

Ela costumava ir de metrô, somente às vezes ele a lavava de carro, mas nos últimos dias estava envolvida com os trabalhos de restauração e sempre acabava trazendo algumas coisas para casa, por isso, havia combinado com John levar tudo de uma só vez.

Após vencer o terrível trânsito de Nova York, os dois chegaram ao local. Tudo estava tumultuado e quase não deu para estacionar próximo ao prédio, devido à tamanha movimentação que acontecia ali. Uma equipe enorme montava a imensa estrutura que tomava toda a frente da biblioteca, o lugar mais espaçoso da avenida. Preparavam tudo para o evento do dia seguinte, um pronunciamento do presidente sobre os atentados e as homenagens aos mortos dessas tragédias.

John levou as caixas mais pesadas até a sala de Cathelin, livros e documentos antigos, trabalho que ela, dedicada, restaurou em casa, durante noites e noites seguidas, em seu pequeno ateliê pessoal. O jovem correu com tudo, tentava ir embora antes que os outros funcionários e frequentadores pudessem chegar e flagra-lo vagando pelos corredores do prédio como um notívago perdido no dia. Antes que ele saísse da sala, Cathelin se aproximou, deu-lhe um forte abraço e um beijo adolescente.

-Obrigado amor. – disse ela, sorrindo.

-Não foi nada... – respondeu sonolento.

-Quando precisar, ajudarei você no teu trabalho!

John desceu o olhar ao chão, constrangido.

-Está bem... – disse ele. – Obrigado.

-É, pelo visto você está morrendo de sono... – disse ela, chateada com a reação desmotivada do esposo ante sua oferta de ajuda.

-Só um pouco! – tentou disfarçar.

-Espero que o teu dia seja melhor! – disse Cathelin, enquanto ele saía.

Um pouco mal-humorado, ele apenas acenou para ela e seguiu caminho para a saída do prédio. Embora não tivessem falado sobre o assunto, ambos se conheciam o suficiente para saber que ali mesmo houve uma conversa através de olhares. John não esboçou reação ao perceber que sua esposa notara seu semblante entristecido, não tinha forças para disfarçar. Cathelin havia percebido que algo de ruim acontecera, ele não era assim, nem quando portava más notícias. Ela viu em seus olhos uma aflição que não conhecia, não antes o visitara. Em sua mente, pela primeira vez temeu convicta sobre as decisões do marido. Algo sério demais o havia atingido, e isso não poderia se repetir...

O aprendiz de mafioso dirigiu de volta à sua casa. O rádio tocava Gimme All Your Lovin e John aumentava o volume, como num ardor de adolescência. Não que o alto rock o deixasse acordado, mas tornava mais interessante o caminho a trilhar.

Dois ovos fritos, bacon e suco de laranja envasado foram sua refeição assim que chegou ao seu lar, era o máximo que sabia fazer na cozinha. Uma vez livre da fome, dormiria melhor e por mais tempo e o cansaço finalmente o deixaria.

Com as cortinas bem fechadas, o quarto se tornou novamente acolhedor e ele pôde voltar a dormir como desejava.

Capítulo 23

Incômodo

Descansar, para Richard, era algo muito raro. Seus dias como presidente eram tão cheios quanto os dias das campanhas eleitorais, não havia brechas, horas vagas ou momentos para distrações, cada dia possuía seu calendário marcado. Somente motivos de saúde, isso se fossem urgentes ou sérios o suficiente para comprometer sua carreira, poderiam interromper a intensa agenda que mantinha.

Após assumir o mandato presidencial, seu casamento com Marta tornou-se mais formal do que familiar, não lhes faltava o amor, mas os compromissos os afogavam. Não apenas ele, mas sua esposa também carregava consigo inúmeros compromissos diários e em lugares tão distantes quanto os dele.

Marta atingia todo o público que ele talvez não pudesse. Instituições de caridade, escolas, grupos feministas ou em favor da mulher e até causas humanitárias ao longo do mundo faziam parte do leque de eventos que ela atendia como primeira dama. A frase “Esses serão anos difíceis, mas muito importantes para nós” já havia se tornado um bordão, um lugar comum das conversas dos dois, pois Richard sempre a repetia em seus encontros. Ela compreendia, sabia da importância de tudo o que faziam e, assim como ele, era uma pessoa política.

Governar para Marta não era falta de opção por ter-se tornado a primeira dama, ou uma obrigação de sua posição social, mas também um gosto pessoal e ético. Uma mulher bonita, alcançando os quarenta anos de idade, deveras inteligente e engajada em tantos projetos que conseguiu notoriedade rapidamente com a mídia mundial. Se Richard era respeitado, ela era amada.

Após um longo dia de muitos afazeres, findado o crepúsculo, finalmente os dois puderam se encontrar. Com todo o rebuliço a respeito do terror e tantas tragédias agora se espalhando pelo país, eles sempre optavam por separarem-se, a fim de contemplar mais eventos e compromissos em lugares diferentes. Richard se punha sentado em sua mesa no salão oval, lendo os memorandos que Steve fizera para os militares quando Marta chegou. Ela adentrou o salão e andou até ele, com a calma que sempre levava consigo. Ao aproximar-se, apoiou-se sobre a beira da mesa e o beijou, inclinando-se até seu rosto.

-Boa noite, meu amor. – disse-lhe Richard, afagando-lhe os cabelos.

-Finalmente posso dizer isso, - respondeu Marta, respirando fundo. – boa noite...

-O dia foi difícil, não é?

-Tenho me perguntado o que vamos fazer após ver essas coisas acontecendo. Hoje pude me encontrar com algumas vítimas do primeiro atentado. Às vezes pensamos que vemos tudo numa tela de televisão, mas nada pode ser tão chocante quanto ver a realidade ali, bem na nossa frente. – Ela fechou os olhos, meneando a cabeça e suspirou, triste. - Ah, aquela menininha...

Richard se emudeceu. Sua feição conspícua tornou-se triste e sôfrega, com pensamentos saltando-lhe o olhar de forma a denunciar seu sentimento de culpa. Ela percebeu sua tristeza e tentou aliviar sua consciência, dizendo-lhe:

-Não se culpe, meu amor. Você não pode proteger a todos o tempo todo. – e fitou-lhe com um olhar caridoso.

-Talvez não possa mesmo... – e virou o olhar para o chão.

-Os extremos sempre atrapalham. Não quero que se sinta também incapaz, você é o melhor para este país, tenho certeza disso.

-Você é suspeita de falar, não? – Richard respondeu, com uma feição mais aliviada.

-Posso ser, mas nunca pensei que faria esta declaração a alguém com tanta certeza que faço a você.

-Você é meu alicerce aqui. – ele disse, afagando sua mão lentamente. – Consegue ser tão boa como primeira dama, e ainda melhor como esposa. – refletiu por um momento, mas voltou a falar. - Acho que isso está te fazendo mal, não seria melhor evitar esse tipo de compromissos, meu amor?

-É claro que não, - disse ela, assentando-se próxima a ele. – hoje eu pude mostrar àquelas pessoas que estou junto delas verdadeiramente. Mas no fundo, bem, no fundo acho que acabei por mostrar a mim mesma quem eu devo ser. Vendo aquelas pessoas feridas, aqueles olhares... foi assim que eu percebi como a situação está crítica. Eu senti medo, Rick. Medo, muito medo. Retornei pensando: O que nos espera daqui para frente?

-Meu bem, - disse ele, levantando-se de sua mesa e caminhando até ela, pois havia se assentado em um sofá. – isso não vai continuar... – ao chegar, abraçou-a suavemente, recostando a cabeça dela em seu peito. – Estamos resolvendo essa situação, hoje tive grande progresso com a reunião da manhã. Consegui convencer o corpo de Estado e vamos iniciar oficialmente as operações para investigar os responsáveis.

-Rick, estou sentindo tua falta... – ela sussurrou entre os seus braços, bem baixinho.

-Eu sei, eu sei... – respondeu ele, compassivo.

-Estou, não sei... não sei se é por todo esse clima, pelas coisas que tenho visto, mas estou me sentindo sozinha...

Richard soltou-a de seus braços e abaixou-se, até ficar face a face com sua esposa, então disse-lhe:

-Vamos fazer o seguinte, em três dias acontecerá a reunião importante, com o conselho de segurança da ONU. Logo após ela, vamos reservar um dia só para nós. O que acha?

Marta deixou aparecer um breve sorriso no canto da boca, fitando seus olhos de promessas fáceis.

-Não faça promessas que não possa cumprir, Rick. – disse ela, sustentando o pequeno sorriso, enquanto ajeitava a cabeça entre os braços de Richard. – Assim vou pensar duas vezes antes de votar em você na próxima eleição...

Ele apenas riu um pouco, mas logo lembrou-se do misterioso inimigo que agora tornara-se para ele mais preocupante que o próprio terror no país. Sentia-se como um cowboy que marca um duelo. Ou derrubaria seu desafiante, ou seria o fim.

Após acariciar por um tempo os cabelos de sua esposa, apenas disse-lhe:

-Filha, só preciso resolver mais um probleminha e encontro você na cama...

-Pelo jeito só vou vê-lo amanhã quando acordar... – disse ela murmurando.

-Só alguns minutos, prometo! – então, para provoca-la, insinuou em seu ouvido, com sussurros... - Tire essas roupas sérias, apronte um banho bem quentinho e me aguarde, hoje eu vou te lembrar porque casou comigo...

-Ah! Preciso lembrar mesmo, essa vida está me fazendo esquecer de como era!

Após algumas risadas de desdém, talvez para provoca-lo, Marta caminhou calmamente até a saída do salão, indo para a suíte do casal.

Richard permaneceu ali, em sua trama de pensamentos. A lembrança do estranho diálogo com o invasor agora o atormentava. O que fazer? Talvez a pergunta mais correta fosse: o que esse homem poderia fazer? Era certo de que haveria uma carta na manga, o homem era sagaz, não teria feito todo esse terror psicológico se não tivesse nada em seus planos.

Sentia os peões se movendo, mas não fazia ideia de qual seria a jogada de seu adversário. Pela primeira vez naqueles anos, o presidente do país se sentia impotente diante de um único homem... Uma coisa, porém, Richard certamente esperava: ele não tardaria em dar as caras.

Os minutos passavam e Marta o aguardava. O melhor a fazer era passar um tempo com ela, depois poderia pensar melhor, uma vez que não tinha certeza se conseguiria dormir com tantas coisas na cabeça.

Capítulo 24

Confidencial

Glenn seguiu as instruções de Peter Morrison. Por volta das quatro horas chegou ao aeroporto de LaGuardia para a viagem. O breu da alta madrugada era ofuscado pelos luzeiros do aeroporto, mas o clima era de calmaria.

Peter o aguardava na área de embarque, para surpresa de Glenn. Inusitadamente, o presidente da Agência viajaria com ele em um voo civil.

Caminhou até o homem turrão, de sobretudo preto e com o jornal da manhã seguinte nas mãos. Sentou-se ao seu lado e, criteriosamente, manteve-se calado. Peter apenas esboçou um “bom dia” no canto da boca e permaneceu em sua leitura, como se fossem estranhos. E na verdade, eram. Após responder à saudação, Glenn continuou calado. Enquanto não decolaram, nenhum outro comentário foi feito, os dois mantinham-se indiferentes diante das pessoas que transitavam, desatentas, no aeroporto.

Dado o tempo de embarque e devidamente assentados em seus lugares, finalmente Peter Morrison puxou assunto:

-Alguém soube desta viagem?

-Não, senhor.

-Tudo o que vou lhe falar é confidencial, é de suma importância que nenhum dado de sua investigação saia dela, todas as informações obtidas serão passadas diretamente a mim. Entendido?

Glenn achou tudo muito estranho, ainda não compreendia o fato de ambos viajarem num voo civil em plena madrugada. Pensava o que seria tão importante a ponto de excluir a própria equipe do FBI da qual fazia parte. Mesmo assim, sua única opção era aceitar a tarefa:

-Sim, senhor. Em que consiste o caso?

-Há dois dias a linha de comunicação privada do presidente foi invadida. Essa linha é totalmente fechada mesmo a agentes internos, nem a NSA conseguiria acesso a ela.

-Me perdoe, senhor, mas não estou entendendo como eu seria apto a investigar isso? Isto não seria para a Divisão de Crimes Cibernéticos? É um assunto totalmente técnico...

-O caso não se resume a isso. O invasor conseguiu comunicar-se com o presidente Richard Voight em duas ocasiões. A primeira foi há dois dias e a segunda, ontem, logo após uma

importante reunião de corpo de Estado. Segundo o relatório do presidente, o indivíduo conhecia os assuntos tratados na reunião, o que significa que acompanhou seu transcorrer em tempo real. A perícia não encontrou nenhum vestígio de escutas ou invasões ao sistema de monitoramento do prédio. Nossa principal teoria é de que o responsável possui acesso livre aos setores da Casa Branca.

-Agora estou compreendendo... – disse Glenn, surpreso.

-Esta investigação é ultrassecreta, qualquer um pode ser o suspeito, então ninguém pode ter conhecimento do que estamos fazendo. Você tem se destacado nos procedimentos e nas investigações como um ótimo caçador de evidências, por isso o chamei. Precisamos resolver isto, antes que o caso vaze para o Estado-Maior ou, por Deus..., a mídia!

Um incrível peso de responsabilidade recaía sobre seus ombros naquele momento, mas Glenn procurou manter-se calmo diante dos fatos, não poderia demonstrar insegurança ao seu superior.

-Entendido, senhor.

-Agora aproveite os próximos minutos para descansar, agente Marshall, você terá muito trabalho à frente...

Capítulo 25

Pecados infames

Entre conversas e carícias, finalmente Richard conseguiu passar um tempo com Marta, sua esposa. Após boas horas de amor na luxuosa suíte presidencial, romantismo e lembranças saborosas de suas primeiras experiências juntos, os dois puderam satisfazer-se de sua companhia. Até mesmo ele se via livre dos pensamentos que antes tanto o afligiam, e nada parecia poder destruir aquele momento.

No fim de tudo os dois terminaram em sua cama, já cansados, mas sentindo-se como jovens amantes.

-Ah...! Acho que tua esposa se tornou adolescente de novo... – disse Marta, suspirando enquanto se acomodava ao lado de Richard.

-Quem conhece somente a primeira dama jamais pode imaginar alguém assim nos bastidores! – respondeu ele, com ar lisonjeiro.

-É, você também não perdeu o jeito, amor, realmente foi como nos tempos da universidade!

Richard correspondeu com algumas risadas e disse, enquanto afagava os cabelos de sua esposa:

-Isso nunca muda!

Conversaram até vir o sono. Marta já adormecia e Richard podia sentir o peso letárgico chegando aos olhos quando lembrou-se do problema em que se encontrava antes daqueles momentos. Saiu cuidadosamente dos braços de sua esposa e escorregou com habilidade até a beira da cama para não acordá-la. Rapidamente vestiu suas roupas e retornou ao salão oval.

Andou em círculos por longo tempo, sua mente divagava, à procura de uma solução plausível. Pensou em tudo o que poderia fazer, mas nenhuma resposta com o mínimo de sobriedade visitava sua mente exaurida. Só se deu conta do tempo que andejou pelos cantos do salão quando viu que o dia estava raiando.

Sentou-se em sua confortável cadeira, com uma xícara de café forte que havia recebido em mãos por uma camareira. Ligou seu notebook para conferir as notícias que corriam na mídia e atualizar-se da situação.

A tela inicial do sistema apareceu, mas no centro havia uma contagem regressiva que partia do número 5, diminuindo a cada segundo. Richard se assustou e, de chofre, se jogou para trás

com a cadeira, afastando-se da mesa, pois temia ser algum tipo de explosivo ou reagente danoso.

A contagem terminou. De repente, após a tela ficar preta, surgiram inúmeras imagens e vídeos dramáticos de cenas de guerra, com pessoas mortas, mutiladas, soldados sofrendo e até crianças em estado de calamidade. Todas as imagens eram de má qualidade e pareciam ter sido compiladas com auxílio de vídeos encontrados na internet. Alternavam entre si de maneira brusca e grosseira, dando ao vídeo um ar psicótico e aterrador. Após um curto tempo, junto do vídeo surgiu uma legenda, bem no meio da tela, onde, palavra por palavra, era construída a frase: Eles pagarão pelos teus pecados? Richard olhava para aquilo com os olhos arregalados, tamanho medo que sentia por sua fragilidade diante da situação.

A frase desapareceu, foi substituída por uma data, 11/09, logo após por 12/09, e após 03/10, e as datas iam mudando cada vez mais rápido, alternando entre as cenas de pessoas feridas, veículos de guerra e pobreza. Por fim, tudo terminou quando apareceu escrito “todos os dias...” no centro da tela. Após isso, tudo ficou negro. Ele então reparou que todas as luzes do notebook piscavam freneticamente e, quando se deu conta, um forte cheiro de queimado se espalhou e uma leve fumaça saiu do aparelho. O computador estava destruído.

Tremendo, lançou as mãos sobre o telefone e rapidamente discou o número do encarregado de segurança da Casa Branca, Tyrese Mann, para chamar-lhe.

-Bom dia Sr. Presidente, já está de pé tão...

-Rápido, venha aqui!

Atrapalhado com a impolidez de Richard, ele apenas respondeu:

-Já estou a caminho.

Em pouco mais de um minuto, o encarregado já estava ali, com uma equipe completa de seguranças armados. Richard não podia se conter, tamanho nervosismo com o acontecido:

-Vinte e sete câmeras pelos corredores e trinta funcionários separados somente para vigilância e mesmo assim não conseguem impedir um louco que põe em risco a segurança do presidente? Continue assim, Sr. Tyrese, e logo terei outro responsável pelo teu trabalho!

-Aconteceu algo, senhor? – perguntava o homem, assustado e sem entender nada.

-Olhe o meu computador!

O encarregado aproximou-se e viu o estado do aparelho, totalmente danificado e impossibilitado de ser investigado. Esboçou claramente um grande nervosismo, mas não se permitiu tocar no aparelho. Respondeu com cautela:

-Como isto aconteceu?

-Eu liguei para usar e um vídeo começou a passar, com frases estranhas, cenas de violência, até que tudo queimou...

-O senhor cogita a possibilidade de ter sido um vírus?

-Um simples vírus de computador não teria mensagens direcionadas a mim! Tampouco creio que seria capaz de queimar completamente um computador em poucos segundos, como aconteceu.

-Tomarei as providências necessárias, senhor. O inspetor geral Peter Morrison estará chegando com seu melhor investigador em poucos minutos.

-Enfim uma boa notícia. Traga-os aqui assim que chegarem.

-Sim senhor.

Tateando no escuro

Minutos depois, Peter e Glenn chegaram à Casa Branca. Um clima desconfortoso os envolveu logo no portão, quando foram recebidos por dois seguranças, um deles acompanhado por um cão nada amigável. Mesmo sabendo que era Peter Morrison, os homens não facilitaram. Somente após verificações exímias de identidade e pertences, seguindo um protocolo extremamente rígido, os portões se abriram e os dois puderam entrar com o carro.

Atravessaram os jardins e deixaram o carro no lugar apropriado. Ao chegar no prédio, assim que adentraram o vestíbulo, perceberam o ambiente tenso em que o local se encontrava. A recepção, embora educada, não era muito calorosa por parte dos seguranças e funcionários com ares de preocupação. Suas armas foram deixadas na recepção, onde passaram por um detector de metais, e a cada novo grupo de seguranças que encontravam, as credenciais precisavam ser novamente conferidas. Um verdadeiro cerco de vigilância que deixava Glenn extremamente curioso sobre a seriedade do que iria encontrar.

Guiados por uma equipe de quatro homens armados e rígidos, foram conduzidos pelos corredores. Peter era respeitado e conhecido ali pelo cargo que ocupava e caminhava mais confortável, mas Glenn estava muito incomodado com os agentes que seguravam seu braço por todo o percurso, guiando-o a pequenos empurrões rumo ao destino desejado.

Enfim chegaram ao gabinete do presidente Richard. Ele estava assentado em um sofá, longe de sua mesa, onde se via o computador.

-Bom dia Sr. Presidente. – disse Peter, educadamente.

-Bom dia Sr. Morrison. Enfim estão aqui, aguardava-os com certa ansiedade. – respondeu Richard, levantando-se e cumprimentando-os.

-Este é o agente Glenn Marshall, um de meus melhores investigadores, – Peter introduziu-o. – o agente responsável pela descoberta das identidades dos suspeitos do último atentado e pela solução do caso Fischer, devo acrescentar.

-Um dos? Pensei que traria o melhor... – indagou Richard, insatisfeito. Ao ouvir isso, o coração de Glenn disparou.

-Perdão, senhor, isto significa apenas que no FBI o topo não é um lugar ocupado por apenas um nome. – Peter Morrison se consertou. – Ele foi o responsável por grande parte dos avanços que tivemos nas investigações sobre os ataques recentes.

-Entendo... O caso Fischer, ahn? – disse Richard, admirado pelo feito citado como currículo do jovem agente, um caso antigo do FBI. – Não duvido de sua competência, apenas queria me certificar de que o devido cuidado será tomado ao longo desta investigação.

Richard manteve o olhar fixo em Glenn e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

-Agente Glenn Marshall, Divisão de Investigação Criminal de Nova York. – disse Glenn, nervoso por estar cumprimentando o presidente.

-Senhores, - disse Richard, apontando para o computador queimado. – as coisas pioraram desde que solicitei essa investigação, como podem ver.

Ambos miraram o aparelho adornado por manchas negras e marcas de derretimento.

-O que houve com o computador? – perguntou Peter.

-Por um instante pensei que fosse um atentado a bomba. – disse Richard, resfolegando insatisfação.

Glenn se aproximou do aparelho e viu que estava totalmente queimado, mas não havia vestígios de nenhum tipo de material corrosivo ou explosivo.

-Como aconteceu? – perguntou ao presidente.

-Bem, - disse Richard. – eu o liguei nesta manhã e antes de começar a usá-lo, imagens apareceram na tela, algumas palavras também. Quando a exibição terminou, tudo começou a piscar e ele queimou...

-Então as luzes piscavam antes de queimar? Sobrecarga total dos componentes. – disse ele, enquanto mexia. – Serviço extremamente profissional.

-O que você quer dizer? – perguntou Richard. – Não foi trabalho manual?

-Não necessariamente, o ataque pode ter sido feito por algum usuário remoto, desabilitando o controlador que regula a carga da bateria e dos componentes. Ou algum tipo de vírus foi implantado no sistema para concluir a tarefa em um determinado momento. Ele sobrecarrega cada componente do computador e vai queimando um a um, até que não sobre nada ileso.

-Mas não vamos abandonar nenhuma possibilidade, devemos ter certeza de que não houve invasão ao recinto. – sustentou Peter, cauteloso.

-Sim, todo tipo de risco deve ser investigado. – concordou Richard, surpreso com o rápido diagnóstico feito por Glenn. – Os senhores trabalharão com Tyrese Mann, encarregado de segurança da Casa Branca, ele lhes dará todo suporte necessário à investigação. Como já devem saber, e isto é uma ordem, nenhuma informação deve ser transmitida a ninguém. Restrinja todo diálogo ao senhor Tyrese e a mim.

-Sim, senhor. – disse Peter, com a concordância de Glenn.

Richard se retirou, precisava preparar-se, pois iria cumprir alguns compromissos durante aquele dia. Peter iria acompanhá-lo durante suas saídas, gerenciando as ações do FBI. Por hora, queria ver como Glenn administraria a investigação. O encarregado Tyrese assumiu a recepção a partir daquele momento:

-Senhores, vou levá-los a um lugar mais apropriado para trabalharmos. Por favor, sigam-me.

Eles se retiraram do gabinete presidencial e seguiram por alguns corredores até chegarem a uma sala diferente, com uma placa na porta, cujo nome estava escrito: sala de gerenciamento de crises. Dentro dela havia, no centro, uma mesa de reuniões, e nas paredes, inúmeras telas e monitores, um complexo equipamento de auxílio em investigações e análises de situações adversas. Ao chegarem, Tyrese continuou:

-Digam-me o que necessitam e estará disponível o mais rápido possível.

-Bem, - disse Peter Morrison. – como as ligações privadas são impassíveis de análise e o laptop do presidente Richard está totalmente danificado, creio que o único caminho que temos a seguir é investigar como o invasor acompanhou a reunião de Estado de ontem.

-Concordo. – respondeu Tyrese.

Glenn iniciou então sua proposição:

-Precisamos levantar as hipóteses das possíveis formas que ele teria de acompanhar o decorrer da reunião, creio que isso nos dê o caminho mais fácil para investigar.

-E o que você pode levantar? – perguntou Peter Morrison.

-Senhor Tyrese, a sala de reunião possui algum sistema de som ou câmera de segurança com áudio e vídeo?

-Não há nenhum, essa é uma sala de assuntos sigilosos, o ambiente é totalmente vedado com forração acústica para que nada que aconteça ali seja gravado de forma alguma.

-Então isso elimina a possibilidade de uma espionagem feita através de hacking. Restam duas hipóteses: implantação de escutas ou espionagem humana.

-O que você está sugerindo é muito sério, agente Marshall. Você quer acreditar que algum dos chefes do Corpo de Estado Maior possam ser espiões contra o governo? – indagou Peter, desconfortável com a sugestão, parecia não concordar com a possibilidade de isso acontecer.

-Além do mais, todos os presentes foram devidamente revistados e expostos a todos os procedimentos de segurança da Casa Branca. Se um deles ousasse trazer uma escuta, seria pego, ou se fosse o autor das ameaças feitas ao presidente, no momento em que a última ligação foi feita, ainda estaria no prédio. Isto seria vagamente concebível. – acrescentou Tyrese Mann.

-Estou apenas estudando possibilidades. – respondeu Glenn.

-Receio que mais uma hipótese precise ser descartada senhores, - disse Tyrese. - fizemos uma varredura completa no local e nada foi encontrado. É impossível que haja algum tipo de escuta, câmara ou qualquer tipo de equipamento na sala.

-Se descartarmos essa hipótese, teremos de concentrar a investigação em uma possível ação de espionagem humana, - disse Glenn, para irritação de Peter. – mas ainda há um caminho que podemos seguir. Deixe-me perguntar, Sr. Tyrese, consta que a reunião ocorreu durante a manhã, correto? A que horas ela se encerrou?

-Antes do meio dia.

-E a que horas foi feita a investigação no recinto?

-Ao fim da tarde, por volta das dezessete horas.

-Então podemos supor que houve tempo hábil para essa escuta ser retirada... – concluiu Peter Morrison, a par do raciocínio proposto por Glenn.

-Exatamente. – disse Glenn.

-Sr. Tyrese, - continuou Peter Morrison. – queremos a lista de todas as pessoas que tiveram acesso ao prédio nas últimas quarenta e oito horas. Quero a descrição completa dessas pessoas, seus cargos e responsabilidades.

-Precisamos também do acesso aos vídeos de segurança. – disse Glenn.

O velho encarregado pela segurança da Casa Branca entortou as sobrancelhas, não contendo-se em seu mal humor. Após um suspiro de reservada indiferença, respondeu-lhes:

-Vou providenciar o quanto antes.

E veneno em nossos cafés. Pensou Glenn Marshall, vendo sua clara infelicidade.

Tyrese não se mostrava satisfeito com dois agentes externos, por melhores que fossem, interferindo nas investigações da Casa Branca que estavam sob sua responsabilidade. Como encarregado de segurança, era ele quem comandava toda e qualquer ação e coordenação do local e, com esses estranhos acontecimentos se acumulando, sua competência no cargo estava sendo questionada, o que era ainda mais agravado com a presença de terceiros para conduzir a investigação de seu trabalho.

Para sua infelicidade, Richard exigiu que nada lhes fosse negado e permitiu total acesso aos arquivos, relatórios e informações, desde que nada saísse do recinto. Suas mãos estavam atadas.

Aproximadamente meia hora depois, Tyrese retornava com o relatório de entradas e saídas da Casa Branca, em um documento extremamente detalhado e cheio de dados, até desnecessários, como informações pessoais dos funcionários que chegavam ao ponto de citar uso de drogas no passado, preferências sexuais e histórico familiar. Também lhes deu acesso aos vídeos das câmeras de segurança através das telas que haviam na sala.

Tomando em mãos o conteúdo, Glenn logo traçou um plano.

-Se realmente foram usadas escutas no decorrer da reunião e nada foi encontrado na revista, obrigatoriamente elas foram retiradas no período intermitente a esses dois momentos. Esta é a teoria que mais acredito.

-Esta é a única crível. Não é possível conceber um dos presentes na reunião como espião de outro país, como um inimigo do governo. Todos eles têm histórico de honra e importância nacional. – disse Peter Morrison.

-Mas ainda há a possibilidade de a escuta ter sido implantada em um deles, se cogitarmos algo de maior complexidade. De qualquer forma, prefiro iniciar pela primeira possibilidade.

Peter Morrison e Tyrese Mann estavam estupefatos com tantas afirmações difíceis de se acreditar. Glenn continuou:

-Custo a acreditar que pessoas diferentes tenham assumido o papel de implantar e retirar os equipamentos. O mais provável é que um único indivíduo seja o responsável por tudo, por uma questão de redução de riscos.

-Então isto nos indica um início para a investigação. – sugeriu Peter Morrison. – Veremos quem esteve ali antes e depois do encontro.

-Na verdade, o ponto de partida mais rápido é saber quem teve acesso à sala após a cúpula. Uma vez encontrada a pessoa, observaremos seus passos anteriores.

Decididos assim, logo começaram a assistir as gravações do corredor onde ficava a sala de reuniões, no período que postergava a reunião. Como havia múltiplas telas no reduto onde estavam, aproveitaram para acompanhar todas simultaneamente, economizando tempo.

Às onze e meia da manhã os chefes do corpo de Estado Maior começaram a sair da sala de reuniões. Os militares, políticos e outros homens de importância caminharam pelos corredores até a saída do local, uns com expressões contidas, outros claramente irritados e ainda uns poucos aparentemente satisfeitos.

Após o curto período de movimentação, seguiu-se um longo tempo de monotonia nos corredores. Os investigadores permaneciam atentos, aguardando que alguém aparecesse no vídeo. Foi somente após muito tempo de nenhuma novidade que algo aconteceu. Sim, lá estava ela! Uma mulher retornava, ao aproximar do meio dia, à referida sala. Glenn quase pulou da cadeira quando a viu. A mulher de cabelos loiros trajava um uniforme de limpeza e empurrava um carrinho com equipamentos próprios do seu ofício. Ficou na sala pouco mais de um minutos e logo saiu, novamente com seu carrinho cheio de produtos de limpeza.

-Quem é esta? – perguntou Glenn ao Tyrese, que também acompanhava a gravação.

-Não sei... A limpeza não ocorre neste horário, é feita no período noturno até à madrugada.

-Vamos averiguar quem pode ser. – respondeu Glenn, afagando o queixo de barba feita durante o voo.

Os três pegaram os documentos trazidos pelo encarregado Tyrese e começaram a vasculhar as folhas, buscando pelos funcionários escalados para limpeza no momento anterior à reunião. A sala em questão fora visitada por três funcionários de limpeza na madrugada anterior, duas mulheres e um homem. De acordo com os registros, as duas mulheres presentes tinham cabelos diferentes, tendo uma cabelos negros e outra, loiros.

-Temos nosso primeiro suspeito! – exclamou Peter Morrison.

-Ainda não podemos confirmar nada, a funcionária temporã pode ser outra pessoa disfarçada... Mas, como isto é tudo o que temos em mãos, é melhor seguir esta linha. – disse Glenn.

-Esta é Jane Johnston. – disse Tyrese Mann. – Segundo os registros, seu expediente terminou às oito das manhã.

-Ela realmente saiu no horário correto?

Tyrese passeou os olhos pelos documentos em mãos por um instante e respondeu:

-Creio que isto fará dela nosso principal suspeito! Consta sua saída às doze e vinte e três.

-Então estamos no caminho certo! – comemorou Peter Morrison.

Ou talvez caindo em uma armadilha... Pensou Glenn Marshall, que disse:

-Vamos interroga-la.

Minutos depois, dois agentes batiam na porta da casa de Jane Johnston, num outro lado da cidade. Vendo os dois homens vestidos idênticos de preto em sua porta, ela perguntava:

-Em que posso ajuda-los?

-Senhorita, - respondeu um deles, calmo, mas resolutivo. - precisamos que venha conosco, temos algumas questões a esclarecer.

Capítulo 26

Culpa e inocência

Jane Johnston chorava copiosamente. Sua reação era tão natural que Glenn e os outros tinham dificuldade de crer que ela pudesse ter feito algo real, mesmo depois de reunirem registros tão contundentes sobre ela nas gravações.

Quando chegou à sala, demonstrou uma surpresa inegável ao ver o polígrafo sobre a mesa. O equipamento moderno acompanhava toda reação da pobre mulher, que cada vez mais convencia os investigadores de sua inocência, pois se mostrava totalmente fragilizada e parecia não fazer ideia do que estava lhe acontecendo.

Pneumógrafos cercavam seu corpo para verificar sua respiração, junto com um aferidor de pressão em seu braço e um conjunto de galvanômetros presos aos seus dedos, que mediam a umidade de sua pele. Tudo isso terminava em um computador que analisava e sincronizava todos os dados, apontando os momentos em que ela reagia com maior nervosismo aos questionamentos que lhe faziam.

Acompanhado por um examinador especialista, Glenn fazia as perguntas à faxineira, que tentava responder em meio aos prantos. Peter e Tyrese assistiam do outro lado da parede de vidro e tudo era gravado.

Com perguntas rápidas e sem intervalos, o agente tentava arrancar alguma prova de que ela soubesse de algo:

-Qual o seu nome?

-J.. Jane Johnston...

-Você estava aqui na madrugada de ontem?

-Sim, eu estava...

-Você implantou escutas na sala da reunião?!

-N-não! Eu n...

-Você tomou café da manhã, Jane?

-Sim.

-Já teve um caso com seu colega de trabalho?

-Não! Nunca ti...

-Quantas escutas você pôs na sala?

-Nenhuma...

-Você tem filhos?

-Sim, tenho dois.

-Diga seu nome completo.

-Jane A. Johnston...

-Já sentiu atração por alguém casado, Jane?

-Não, não!

-Quem te mandou implantar as escutas?

-Eu não....

-Quantos filhos você tem?

-D-dois!

-Já traiu seu marido, Jane?

-Não!! Nunca!

-Trabalha aqui há quantos anos?

-Oito.

-Por que você voltou à sala depois da reunião?

Ela não aguentou a pressão de tantas perguntas contundentes e desabou em prantos, com as mãos cobrindo a face, mesmo envolvidas por tantos apetrechos de análise. Glenn não pôde continuar, sentia-se apiedado por ela. No fundo, considerava o que estava fazendo algo terrivelmente constrangedor e abusivo, mas era necessário. Fosse ela inocente, um simples pedido de desculpas não apagaria o trauma pelo qual havia passado, fosse ela culpada, talvez nem mesmo aquilo seria capaz de acusa-la, mas era a carta que tinha nas mãos. E o jogo precisava continuar.

Enquanto assistiam ao interrogatório, Peter e Tyrese conversavam:

-Mande ele parar com isso, homem! – disse Tyrese. – Essa mulher não sabe de nada...

-Estou começando a concordar. – respondeu Peter Morrison, vagamente sensibilizado.

-E ela trabalha aqui há muitos anos, uma funcionária exemplar, não foi ela, não pode ser... – disse Tyrese, resfolegando sua insatisfação.

Glenn saiu da sala para respirar por um tempo antes de retornar ao interrogatório, queria dar oportunidade da mulher se recompor. Vendo-o, Peter então falou:

-Agente Glenn, confio em seu trabalho, mas essa mulher não apresenta nenhum sinal de culpa.

-Sou obrigado a crer que sim, - respondeu ele. – as perguntas de controle estão gerando reações muito maiores, realmente ela não sabe do que falamos.

-Libere-a.

Meneando a cabeça, Glenn pôs-se a pensar por um instante. Não queria deixar uma oportunidade de encontrar o culpado passar por mera negligência. Após matutar, respondeu:

-Dê-me mais uma chance, ainda há algo que preciso averiguar.

-O que você quer saber? – indagou Peter Morrison, franzindo a testa lisa.

-Há uma pequena probabilidade, e isto apontando para um dia de reunião tão importante como essa, quando se faz uma segurança mais intensa, de a pessoa que implantou as escutas tê-las escondido em algum lugar para retirar depois, quando o cerco for menor. Mesmo com resultados tão contraditórios, ainda não podemos declará-la inocente, o que ainda a deixa sob suspeita. Pensando nessa possibilidade, eu gostaria de investigar o lugar onde ela possa guardar seus pertences e objetos de trabalho.

-A segurança da Casa Branca não é algo esporádico, agente. – respondeu Tyrese, ofendido e fragilizado.

-Não estou questionando isto. – disse-lhe Glenn Marshall.

-Todos os dias lembramos de quem fazemos a guarda, não há um momento sequer que não haja vigilância a tudo e todos. – completou Tyrese, encarando-o.

-Sem querer ofende-lo, senhor Tyrese, mas todo sistema tem uma falha. E creio que toda falha poderia ser chamada por um só nome: fator humano.

-Cada corredor deste prédio é protegido pelos melhores equipamentos que já foram feitos, ninguém entra armado ou portando qualquer instrumento suspeito.

-Mas ainda assim o senhor tem funcionários.

-Senhor Tyrese, - disse Peter Morrison. – precisamos analisar todas as possibilidades. Se

algo é improvável, precisa ser nossa maior suspeita.

Tyrese Mann punha-se muito contrariado, mas não logrou usar de novos argumentos. Respondeu-lhes com certo rancor:

-Vamos fazer logo isto.

-É apenas uma possibilidade, mas quero ter certeza. – disse Glenn.

Tyrese o conduziu até o setor onde os funcionários se organizavam. Chegaram até um local onde havia armários com as identificações de cada empregado de limpeza e afins. Queriam investigar os pertences de Jane e averiguar todas as possibilidades que surgissem, se nada houvesse ali, a própria ausência ajudaria a ratificar sua inocência no caso.

Abriram o armário dela e começaram a mexer nos objetos. Havia livros, fotos dos filhos, algumas peças de roupas e um estojo escolar. Logo abriram o estojo, mas nada havia ali senão alguns lápis e canetas. Glenn pegou as peças de roupas para olhar e começou a verificar os seus bolsos, até que, mexendo em uma calça do uniforme, sentiu um pequeno volume em seu bolso. Puxou para ver e ali estava! Um dispositivo de escuta ambiental muito fino, parecido com um grampo, mas um pouco maior.

-Isto estava em alguma planta, algum vaso na sala.

-Como você sabe? – perguntou Tyrese.

-Uma das extremidades está manchada, opaca, aparentemente suja de terra.

-Então finalmente encontramos a prova... – comentou Tyrese, sem demonstrar alegria ou tristeza perante a constatação. Para ele seria um grande alívio terminar tudo o mais rápido possível e ser ver livre da investigação, segundo Glenn desconfiava. O encarregado não fazia questão de disfarçar seu incômodo com a presença dos dois.

Glenn refreou, olhou para o pequeno aparelho em sua mão e perguntou:

-Me diga, Sr. Tyrese, a que horas o presidente recebeu a ligação do invasor?

-Poucos minutos após o término da reunião, segundo seu próprio relatório.

-E qual foi a duração desse encontro?

-O senhor está querendo saber demais, agente Marshall. Não posso divulgar tantas informações confidenciais.

A resistência de Tyrese Mann era contraditória, posto que toda e qualquer informação sobre o caso deveria ser entregue aos investigadores. Mesmo assim, o homem insistia em contrariar. A essa altura, Glenn começou a se exaltar com o encarregado:

-Preciso saber sobre tudo o que for necessário à investigação!

Ainda resistente, Tyrese ordenou um pouco os pensamentos e lhe respondeu:

-A cúpula conversou aproximadamente duas horas.

-Isso nos revela um dado importante... – disse o jovem, pensativo. – Se a cúpula se estendeu por duas horas e o invasor demorou apenas minutos para entrar em contato, isto significa que ele estava ouvindo em tempo real...

-Isso é improvável, no mínimo teoricamente impraticável.

-Por que motivos? – perguntou Glenn, embora já desconfiasse do que ouviria.

-Para que o invasor ouvisse tudo em tempo real distante do prédio, a transferência teria de ser feita com transmissão de rádio de ondas fortes, mas com certeza essas ondas seriam detectadas com facilidade pelo nosso sistema de segurança.

Glenn mostrou-lhe o aparelho em sua mão e disse:

-Este transmissor não parece ter o tamanho de algo que emita ondas fortes, concorda?

-Creio que sim. – respondeu-lhe Tyrese, com uma sobrancelha levantada.

-Imagino que isto seja um aparelho de ondas bem fracas, com a finalidade de não ser detectado. Mas isso exigiria que o receptor estivesse muito próximo dele, talvez numa sala ao lado...

-O senhor está sugerindo que receptor seria alguém de dentro da Casa Branca? – indagou Tyrese Mann. – Isto não faria sentido! Por que alguém se daria ao trabalho de montar tamanha estrutura a fim de espiar uma sala ao lado?

-Como dizia um autor antigo, após eliminardes o impossível, aquilo que lhe resta, mesmo sendo improvável, deve ser verdade...

-Não faz sentido! – Tyrese negava, exaltado.

Enquanto o velho encarregado contendia consigo, Glenn continuou escarafunchando os pertences da mulher. Terminou com as demais roupas e começou a pegar os livros, folheando-os.

Os títulos eram tipicamente femininos, como romances açucarados e também literatura juvenil, mas seu tato aguçou quando ele puxou um livro extremamente grosso, com capa dura e intitulado Guerra e Paz. Num ato quase subitâneo, abriu-o e começou a folheá-lo, tendo uma grande surpresa logo após isso. Ao virar algumas folhas, chegou a um trecho onde havia um buraco no meio do livro, feito cortando as folhas, que guardava um outro aparelho.

Glenn pegou o apetrecho e começou a examina-lo. Era pequenino, com poucos centímetros e tinha uma entrada com um pequeno cartão. Ao puxar o cartão, ele pôde perceber que se tratava de um chip telefônico. O que estava em suas mãos era um transmissor GSM, que utilizava a rede telefônica celular para a escuta! Era surpreendente tamanha engenhosidade.

-O que significa isto, agente Marshall? – perguntou Tyrese.

-Significa que o nosso suspeito é mais inteligente do que nós...

-Não estou compreendendo aonde quer chegar... – indagou, ofendido.

-Ele pôs um transmissor de ondas curtas na sala com sinal fraco o suficiente para ser indetectável pelo seu sistema. Porém, isso exigiria uma proximidade extrema do aparelho, foi então que ele usou esse receptor e transmissor GSM em minhas mãos. Basicamente, o transmissor de rádio enviava as informações para esse receptor, que por sua vez, repassava tudo via sinal celular para ele.

-Então, com isso ele poderia estar em qualquer lugar e seria indetectável... – concluiu Tyrese, espantado.

-Exatamente!

Após a espantosa conclusão, a dupla retornou à sala de interrogatório, levando os apetrechos em mãos. Jane Johnston ainda estava lá, presa ao polígrafo, recuperando-se de seus prantos, enquanto Peter Morrison analisava os dados do interrogatório com o operador do maquinário.

O jovem investigador entrou no recinto e caminhou em direção à mesa onde ela estava, batendo fortemente com a mão sobre o móvel e dizendo em bom som:

-Chega de mentiras! Você é uma boa atriz, mas não pode desmentir os fatos!

-Oh Deus... – suspirava ela, voltando a chorar. – Por favor, não sei de nada, eu juro!

-Nós encontramos tudo! Acabou! A escuta que você foi buscar na sala da reunião, o transmissor, temos todas as provas. A questão é para quem você fez isso.

-O que eu fiz? Já disse, eu não sei de nada! – dizia ela, desesperadamente.

-Acaso você não consegue se lembrar disso? – gritou ele, jogando os aparelhos sobre a mesa e fitando-a, sem ao menos piscar, para ver sua reação.

Ela voltou seus olhos arregalados àqueles objetos, como quem vê uma ferida que acabou de se abrir. Ao vê-los, sua expressão de piedade começou a mudar e tornou-se séria. Suas mãos começaram a tremer e os galvanômetros detectavam grande quantidade de suor em sua pele, sua pressão subiu rapidamente e a respiração tornou-se ofegante. Parecia estar à beira de um ataque epilético, se não fosse o seu olhar centrado nas coisas sobre a mesa.

Glenn avançou para segura-la, mas ela se contorceu de tal forma que fez virar a cadeira e caiu ao chão, derrubando quase toda a parafernália do polígrafo. Numa cena mórbida, se esgueirou atrapalhada até o canto da sala, repuxando os fios e coisas presas ao seu corpo e se recostou à parede, em posição fetal, olhando para a mesa com um olhar tenebroso, que parecia trazer para fora a grande batalha que sua mente enfrentava.

Nenhum deles entendia aquela reação, todos eles observavam assombrados a mudança de comportamento da mulher e perguntavam-se o que aquilo significava.

-Meu Deus, o que é isso? – perguntava Glenn, assustado.

Ela apenas olhava, sem piscar, para os objetos sobre a mesa, de uma forma aparentemente psicótica.

-O que eu fiz? Por favor, me diga... – perguntou ela vagarosamente, com a voz falha e trêmula. Glenn percebeu que dessa vez ela falava de um jeito diferente, já não afirmava ser inocente, mas desejava saber da situação, e sua pergunta sobre o que fizera parecia ser sincera. Glenn resolveu falar:

-Temos gravações da segurança que mostram você saindo do local após a reunião de cúpula da manhã passada e encontramos essas escutas em seus pertences, minutos atrás.

Ela tirava os cabelos suados do rosto, atrapalhada com tantos fios e outras coisas presas a si mesma, seus gestos estavam diferentes e ela disse, com a mão sobre o rosto, olhando por entre os dedos:

-Eu, eu... Não me lembro de nada... só... algumas imagens em minha mente...

-Como o quê? – indagou Glenn.

-Coisas confusas. Não sei... só... guardava algo em meu bolso. Um vaso... um vaso de planta... Meu filho, ele ficou até mais tarde na escola... ele... O meu armário... um livro... um livro que não era meu...

-Guerra e paz?

Quando Glenn falou o nome do livro, ela arregalou ainda mais os olhos, fitando-o de forma assustadora. Seu olhar era indecifrável e os músculos de sua face contraíam-se, ora mostrando raiva, ora mostrando estar assustada, não parecia ser ela mesma. Começou a mexer os lábios, balbuciando coisas sem sentido, rangendo os dentes e, num vulto repentino, saltou sobre a mesa, agarrando as escutas e gritando:

-Retirar! – gritou ela. – Eu tenho que tirar!!!

-Retirar o quê? – perguntava-se Glenn, assim como os outros no local.

Ela voltou ao canto da sala, andando de forma simiesca e não largava os apetrechos, repetindo, entre grunhidos, apenas a mesma palavra: retirar! Continuou por alguns segundos, até que perdeu o fôlego e seus olhos reviraram-se; ela sofreu um desmaio, caindo no chão.

Glenn correu para acudi-la, segurando-a em seus braços. Peter Morrison gritou “chamem um médico!” e Tyrese saiu para providenciar atendimento. Os dois continuaram confabulando sobre o caso:

-O que você acha disso, agente Marshall? – indagou o Sr. Morrison.

-Não consigo compreender essa reação tão repentina... – respondeu o jovem, enquanto tentava auxiliar a mulher.

-Podemos levar em consideração algo patológico? Esquizofrenia, dupla personalidade, algo dessa origem?

-Há uma pequena probabilidade, mas não julgo considerar isto. Poderia ser também uma saída estratégica de alguém muito bem treinada, para nos confundir. – Glenn sugeriu, enquanto afrouxava as roupas de Jane Johnston, para acudi-la do desmaio.

-É uma boa hipótese. – disse Peter Morrison, de pé, assistindo a ação de Glenn e dos que chegavam na sala.

-Mesmo assim, ainda não consigo crer nem nesta ou aquela...

-E o que você pensa?

-Foi uma mudança muito repentina, ela estava emocionada, mas extremamente lúcida, demonstrava interesse em cooperar e nem os aparelhos eram capazes de rastrear qualquer sinal de dissimulação vindo dela. De repente o seu comportamento mudou, ficou fora de si. Creio que mesmo se fingisse algum descontrole psicológico ela não seria tão contundente.

-Sou obrigado a concordar. – disse Peter, reflexivo. - Mas qual a tua percepção sobre isto?

-Ainda não sei... Tive brevemente a impressão de que algo ativou este comportamento repentino, como um botão, uma chave...

Peter Morrison mostrou certo espanto com a afirmação do jovem. Franziu a testa, mas manteve o foco da análise que ouvia:

-Um botão? O que significa isto?

-Seria como um sinal para sua mente, não sei, pode ter sido algo que falei ou que ela viu. Somente quero dizer que isto foi resposta a algum estímulo, não faz parte do estado em que ela se encontrava...

-Podemos analisar as gravações, se este é o caso de tua dúvida.

Glenn gostou da ideia, havia esquecido que tudo aquilo era gravado. Assim que chegaram as pessoas para atender à moça, os dois se puseram ao lado da câmera que estava na sala e voltaram a reprodução ao momento anterior ao ataque de Jane.

“-Coisas confusas. Não sei... só... guardava algo em meu bolso. Um vaso... um vaso de planta... Meu filho, ele ficou até mais tarde na escola... ele... O meu armário... um livro... um livro que não era meu...

-Guerra e paz?”

Ali Glenn relacionou os fatos. Foi exatamente após ouvi-lo citar o título do livro que ela sofreu tão fortes mudanças. O que significava aquele título para ela? Fosse o que fosse, aquilo parecia ser a origem do problema. O livro, inclusive, era exatamente onde estava escondido o aparelho transmissor, Glenn lembrou-se.

-Parece que foi o título do livro... – observou a seu chefe.

-Isto pode ser verdade, - disse Peter Morrison. – mas que sentido faz? Ela ouviu o título do livro e foi possesa por um descontrole absurdo. Podemos sugerir este fato, mas o que isto diz para nós?

-É aí que está o mistério... – Glenn afagava o queixo em meio a seus pensamentos.

Enquanto os dois conversavam, Tyrese Mann retornou à sala e disse-lhes, com um pequeno sorriso de canto de boca:

-Senhores, vim comunicar-lhes novas ordens presidenciais. O presidente Richard solicitou sua companhia durante sua viagem desta tarde.

-Não pode ser! Estamos em meio a esta investigação importante! – exclamou Peter Morrison.

-Ele teme que possa ocorrer nova tentativa de invasão ou ataque durante seus momentos em Nova York e considera própria a presença dos senhores para averiguar. – respondeu Tyrese.

Os dois pensaram por um momento sobre aquilo. A decisão de Richard fazia sentido, pois se algo novo ocorresse, os investigadores estariam presentes.

-Creio que seja interessante, embora atrapalhe nosso caso aqui. – disse Glenn.

-Faz sentido. – acrescentou Morrison. – Se houver algo novo, certamente será onde o presidente estiver, então melhor o acompanharmos.

-O voo não demorará a sair, - Tyrese prosseguiu. - o presidente partirá em poucas horas para o aeroporto. Devem certificar-se de que seus pertences estão com vocês. A senhorita ficara

sob detenção até que o caso seja encerrado. Os senhores, queiram me acompanhar...

Conduzidos pelo encarregado, Glenn e Peter pegaram seus pertences e evidências que poderiam levar consigo e partiram para o comboio que levaria Richard ao aeroporto. Glenn muito se incomodava com tantos entremeios e sem-fins que fora envolvido. Pensava na triste Jane Johnston. O que, ou quem, teria feito aquilo a ela?

Parte 3

Peões

Mais uma tarde na New York Public Library. Cathelin amava sua profissão, apaixonadamente, mas detestava alguns longos períodos de monótona rotina que enfrentava certas épocas. O período calmo às vezes era bom para aproveitar e realizar trabalhos mais reflexivos, mas havia tempos que nada acontecia, e ela estava em um desses.

Tudo mudou, porém, quando um juvenzinho, adolescente, entrou pelo saguão e aproximou-se dela, com uma lista de títulos que desejava explorar.

-Moça, preciso destes aqui.

-São para algum trabalho escolar? – perguntou ela.

-Na verdade só alguns, mas meu professor me indicou também a leitura destes, pra entender mais sobre política.

Cathelin examinou a breve lista de livros indicada pelo professor e preocupou-se. Conhecia a maioria deles e percebeu o intento doutrinador daquele mestre. Sentiu pena do menino e sua fragilidade mediante o tácito esquema ideológico que a escola exercia sobre ele. Sua alma ferveu numa dialética interna entre cumprir sua função e entregar-lhe os instrumentos de doutrina listados ou ensinar-lhe algo para vacina-lo contra aquele contágio. O que era seu real dever?

-Moça? – perguntou o garoto, impaciente.

-Oi! Sim, sim, vou ver isto para você!

Alguns minutos depois, ela retornou com alguns dos livros listados, outros, porém, da lista não vieram.

-Olhe, consegui todos os que você precisa para o trabalho, mas estes aqui que ele recomendou não estão disponíveis. Você aceita minhas sugestões?

-Bem, - respondeu o inocente. – acho que sim...

-Então, - disse ela, mostrando-lhe os livros que trouxera - estes aqui que eu trouxe, leia com calma, vão ajudá-lo a entender melhor sobre o assunto. Ok?

Pensativo, ele respondeu:

-Ok. Obrigado.

-Conte comigo, sempre! – disse ela, com um sorriso no rosto.

Ao vê-lo partir, uma sensação de dever cumprido veio ao seu coração, acalmando sua inquietude quanto ao que havia feito.

Imaginou o futuro daquele infante, no que se tornaria um dia, aquilo assustou-a. O potencial daquele jovem era misterioso, poderia tornar-se qualquer coisa, viver qualquer estilo de vida, seguir qualquer carreira... Mas de uma coisa ela estava certa: o que ele viesse a ser, fosse vendedor, músico ou presidente da nação, sofreria reflexos de seu pequeno ato minutos atrás. Um presidente poderia governar o país em algumas décadas sendo fruto de sua influência naquele tão curto e passageiro momento de sensatez. Ou um novo professor seria formador de toda uma geração de alunos pensantes, ou um músico comporia canções que trariam reflexão às pessoas, enfim, num futuro próximo, haveria alguém dando continuidade à torrente de transformação que ela havia iniciado.

Percebendo-se em seu próprio gesto, concluiu seu pensamento e soltou em voz baixa algumas palavras para si mesma: todos têm o poder de mudar algo em algum momento...

Capítulo 27

Voo de risco

O grupo estava reunido para a viagem. Dois helicópteros Sea King aguardavam apenas que a comitiva estivesse completa para partir. Quando Glenn Marshall e Peter Morrison chegaram, o embarque já acontecia.

Richard havia reduzido consideravelmente sua agenda de compromissos, devido à expectativa e ao medo de sofrer alguma emboscada de seu estranho ofensor. Quando eles entraram na aeronave, o presidente discutia com seu assessor, Steve, que tentava convencê-lo a desistir do compromisso ao qual seguiam:

-Não adianta, Steve, não vou recuar como um cão medroso apenas porque alguém me ameaçou! Já cancelei muitos compromissos e este não será descartado, não vou manchar minha imagem pública por causa de alguém que nem sei se realmente é quem diz ser!

-Mas, senhor! Este evento é justamente o mais arriscado de todos! O senhor estará em um lugar extremamente exposto!

-Já chega! Está acabado, esta decisão é minha!

A comitiva, formada por inúmeros agentes do serviço secreto, assessores e outros, foi levada ao aeroporto Dulles, de onde seguiriam no voo presidencial a Nova York, local do evento vespertino. Apesar das divergências entre presidente e assessor e sua discussão inicial, partiram sob um clima de tranquilidade.

Desde a invasão ao computador de Richard, nenhum novo incidente ocorreu, o que significava tranquilidade para alguns e expectativa para outros. A grande novidade era a notícia da descoberta sobre a suspeita pelo implante das escutas, Jane Johnston, fato que trazia sempre um elogio ao trabalho de Glenn Marshall, nos lábios de quem comentava.

Durante o voo, Peter Morrison e o presidente Richard conversavam assuntos de Estado. Glenn estava sentado próximo à mesa onde os dois debatiam e, ao mesmo tempo em que ouvia a conversa de seu chefe com o presidente, também observava os agentes e oficiais que estavam com eles. Percebeu que, mesmo dentro do avião presidencial, vários agentes se mantinham extremamente atentos, pois sabiam do estado de alerta interno e da possibilidade de qualquer um ser um traidor.

Peter Morrison coadunava os argumentos de Steve sobre a presença do presidente Richard em um evento aberto e, assim como o assessor, também tentava convencê-lo:

-Sr. Presidente, insisto, participar de um evento em público de tamanha exposição é algo muito perigoso no momento, por favor, reconsidere esta decisão.

-Não posso me dar ao luxo de desaparecer agora, Sr. Morrison. – respondeu Richard, em posse de uma atraente xícara de café, exalando seu cheiro por toda proximidade. – Um rei governa pelo poder, um presidente, pela opinião. Eu preciso da opinião pública mais do que nunca para o que pretendo fazer, o senhor compreende bem o que quero dizer. Estamos em um momento crucial para o sucesso do projeto.

Peter Morrison pegou também sua xícara, e recostou-se em seu sofá, cruzando uma perna sobre outra. Insistia no assunto:

-O vice-presidente não poderia substituí-lo nas aparições públicas?

Richard ergueu as sobrancelhas e meneou a cabeça, resfolegando educadamente seu sarcasmo:

-Paul Kushner? O senhor está me decepcionando, Sr. Morrison. Sabe muito bem quem ele representa no plano de poder, não me iludo pensar que ele ignoraria quaisquer oportunidades, a situação é delicada, eu estou sozinho...

-Compreendo o que quer dizer. – respondeu Peter Morrison, grave.

-Além do mais, ele está fora do país para uma sequência de reuniões importantes sobre o plano econômico mundial, não vou trazê-lo de volta e pedir para dar a cara a tapas em meu lugar. Não só me tornaria fraco, mas também destruiria a credibilidade da segurança nacional diante da opinião pública. O jogo já começou, Sr. Morrison!

-Ainda creio que possa haver uma outra maneira de...

-Não vou perder o mínimo da credibilidade que conquistei por causa de uma ameaça aparentemente inócua, isto não é uma opção para mim. – disse Richard, resolutivo. Após alguns goles do café, pôs novamente a xícara sobre a mesa.

-Entendo... – disse Peter Morrison, ainda não convencido, mas sem argumentos.

Glenn ouvia discretamente a conversa dos dois, procurando interpretar aqueles significados que se escondiam entre suas inferências. Sua singela espionagem foi interrompida quando sentiu um forte pisão em seu pé e, voltando-se para olhar, um agente tentava equilibrar-se, com a mão em seu ombro. O homem quase caiu sobre ele, havia perdido o equilíbrio, suas mãos tremiam, e ele suava demasiadamente.

-Está tudo bem, agente... – procurou o nome em sua credencial, presa no bolso do paletó. – Jenkins?

-Não estou me sentindo muito bem, - respondeu o homem, com um falar pesado. - mas nada que comprometa meu serviço.

-Procure um medicamento. – disse Glenn, ajudando-o a levantar e se recompor.

-Vou ficar bem, obrigado.

O agente continuou caminhando e sentou-se em uma poltrona próxima a Glenn, talvez estivesse tentando respirar um pouco e retomar o equilíbrio.

Enquanto isso, a conversa entra Richard e Peter continuava:

-Sr. Morrison, por favor, me explique o andamento da investigação. Soube que vocês obtiveram avanços importantes. – perguntava Richard, discretamente.

-Sim, temos alguns dados, mas ainda estamos no princípio de tudo. Confirmamos a hipótese de que foram implantadas escutas na sala onde ocorreu a cúpula.

-Mas de que forma? – indagou Richard Voight, curioso. - O serviço secreto investigou exaustivamente o local ontem, após o caso, e nada encontrou.

-Descobrimos que elas foram retiradas antes da revista e as encontramos ainda nos pertences da pessoa suspeita, uma funcionária antiga de limpeza.

-Não é possível! Um plano astuto, no mínimo! – Richard se punha muito surpreso com o método usado pelo inimigo.

-Sim, estamos diante de alguém sagaz. – Peter se mostrava insatisfeito.

-Esta pessoa, vocês creem que seria ela a responsável pelo ato? Digo, uma cabeça neste intento...

-Não, ela é apenas uma peça pequena, um peão...

Ao ouvir isto, Richard se estremeceu. Lembrou-se de sua conversa com o invasor, quando ele usou a mesma metáfora para descrever seus planos. Ela era apenas um de seus peões, quantos mais teria...? Guardando a lembrança consigo, continuou a conversa:

-Peço que se dedique mais a isso, este assunto não pode ser exposto de forma alguma a qualquer tipo de mídia. Sei que compreende a seriedade do que estamos lidando, Sr. Morrison, um imprevisto dessa magnitude seria desastroso.

-Creio que a situação esteja relativamente sob controle. Minha maior preocupação era a possibilidade, embora breve, de alguém ter facilitado isto dentro da Casa Branca, alguém de dentro, grande, da cúpula. Mas esta teoria já foi rechaçada quando descobrimos as primeiras pistas. Se ele necessitou fazer todo esse plano para as escutas, é provável que seja alguém externo...

-Não deixe que esta sensação possa enganá-lo, ele não é qualquer um, certamente. – Richard

lembrou-se também das palavras do general Don Murphy, antes de sair daquela reunião. - O excesso de confiança apenas prevê a iminência de nossa derrota, Sr. Morrison.

Peter Morrison levantou as sobrancelhas, denunciando seus olhos surpresos com a frase destacada na fala do presidente. Terminou de saborear o café e pôs a xícara em seu lugar na bandeja. Ajeitou-se em seu assento e perguntou:

-Diga-me, o que realmente este invasor... bem, o que ele disse durante sua conversa?

Richard ia responde-lo, chegou a balbuciar as palavras que organizava em sua mente, mas a conversa foi interrompida pelo telefone do avião. Nenhuma ligação era esperada, o que os deixou em alerta. Peter se adiantou, foi quem pegou o aparelho e disse a Richard:

-Presidente Richard, o senhor vai atender e estou colocando no viva voz. Seja cauteloso no que vai falar e procure prolongar a conversa, quero registrar isso e tentar triangular a ligação.

-Sim, tentarei. – respondeu Richard, que atendeu à chamada.

-Uma boa tarde a todos. – disse a voz ao telefone, antes mesmo que o presidente soltasse uma palavra. Todos, estarrecidos, ouviam atentamente o que era dito. Richard, reconhecendo a mesma voz abafada de antes, confirmava a todos com gestos: é ele!

O homem continuou:

-Senhor presidente, um bom jogador sabe do que são capazes as suas peças, não é verdade?! Mede-se a sabedoria de um estrategista pela atenção que dá aos simples peões.

-O que você quer dizer com isto?

-Apenas lembrar-lhe que o jogo não acabou.

-Pare de metáforas, seu louco! – disse Richard, em tom grave.

-Metáforas? – respondeu-lhe a voz, com risos. - Não, não, certamente não... Vou mostrar-lhe que isto é bem real, senhor presidente!

Um silêncio torturante tomou conta do avião, todos queriam saber o que sucederia aquele momento. Os segundos passavam como horas no ambiente tenebroso que envolveu os presentes. Richard sentia o colarinho apertar seu pescoço, nervoso, Peter Morrison procurava enlouquecidamente uma forma de rastrear aquilo e Glenn não sabia se levantava ou permanecia sentado, confuso.

Com os acenos que recebeu de Peter Morrison, Richard se afastou do aparelho telefônico, dando passos para trás, pois desconfiavam que pudesse haver explosivos ou algo perigoso plantado ali. Finalmente, após os mais longos segundos, o homem voltou a falar, num tom jocoso que beirava a malícia:

-Peões, Richard, esteja atento aos peões! Xeque!

Logo após sua sentença, todos se entreolharam assustados. De repente, vindos de trás deles, gemidos foram ouvidos junto a uma forte respiração, e, quando viraram-se para ver, o agente Jenkins estava no meio do corredor, forçando-se a ficar de pé como se carregasse um enorme fardo, suava copiosamente e empunhava sua pistola em suas mãos trêmulas. Após secar o suor que escorria pelas sobrancelhas, tornou a mão à arma e mirou na direção de Richard. Seu gemidos tornavam-se cada vez mais fortes, até que externou um alto grito, raivoso e animalesco. Por não mais resistir à loucura, disparou.

O forte tremor de suas mãos, porém, prejudicava sua precisão. O tiro resvalou da arma e atravessou o peito de Steve, seu assessor, que estava próximo ao presidente. Richard apenas pôde ver o companheiro caindo ao seu lado, enfraquecido e amortecendo pela rápida perda de sangue, não tinha tempo de reagir ou lugar para se proteger, assim como todos os que ali se encontravam.

Glenn era o mais próximo ao assassino. Estava a pouco mais de um metro dele, à sua frente, mas de costas para o tal. O disparo foi feito quando ele ainda se virava para ver o que acontecia. Ao virar-se, Jenkins estava ao seu lado, saltando vorazmente em direção a Richard, com arma em mãos, visivelmente transtornado. Não pensou, jogou-se à sua frente e o agarrou, caindo ao chão, sobre ele.

Numa reação assustada e sob os golpes de Glenn, Jenkins efetuou outros disparos aleatórios, que atingiram móveis, o teto e outros objetos do lugar, até que Glenn arrancou-lhe a arma com um forte soco em seu pulso, que fizeram as veias dilatarem.

Os gentes rapidamente cuidaram de retirar Richard de linha de frente, levando-o a outro local da aeronave, enquanto outros tentavam atender Steve, que agonizava, caído no chão, em meio ao sangue que jorrava. Os que tentavam acudir a luta, com suas armas em mãos, não conseguiam um bom ângulo para fazê-lo, e temiam que um tiro errado perfurasse a fuselagem do avião.

Glenn estava de joelhos no chão, mas sentado sobre o abdômen do agente Jenkins, prendendo-o como numa armadilha. Dava-lhe fortes golpes na face e tentava imobiliza-lo, mas seu rival era por demais forte e parecia ter entrado em um estado bestial, que o deixava ainda mais destrutivo. Com grande força, conseguiu libertar-se de sua prisão, lançando Glenn para a parede e arremetendo-se contra os outros dois agentes, que tentavam imobiliza-lo.

Um deles não mais hesitou, disparando contra o homem bestializado antes que este pudesse dirigir-se até o presidente. Após ser alvejado pelas pistolas de seus próprios companheiros, ele caiu, morto, no chão.

Com a ajuda de um dos homens, Glenn se pôs de pé, recuperando o fôlego, por ter recebido forte golpe do agente Jenkins.

-Você está bem? – perguntou um dos homens. – Este é o tipo de situação que nenhum

treinamento prepara...

-Sim, creio que sim... – respondeu Glenn, ainda recompondo-se.

-Jenkins... nunca poderia imaginar que ele fosse capaz de algo assim... – disse o outro, que examinava o cadáver do amigo.

-Talvez ele não fosse. – respondeu Glenn.

Os homens olharam assustados e um deles disse:

-O que você quer dizer?

-Ele não parecia estar normal, mesmo para mim, que não o conhecia. Durante a viagem, pude observá-lo, após o momento em que ele esbarrou em mim. Percebi que estava desorientado, suando demasiadamente, não conseguia manter o equilíbrio e suas mãos tremiam.

-Mas isso não explica o porquê dele tentar assassinar o presidente. – retrucou um deles.

-Vai ver ele estava nervoso pelo que iria fazer. – o outro acrescentou.

-Na verdade explica mais do que pode parecer. – continuou Glenn. – Um homem treinado como vocês, me corrijam se estiver errado, em meio a uma missão de assassinio, jamais deixaria transparecer tal intenção. – os homens fizeram expressão de concordar. – Se ele tivesse aquilo em mente, faria o esforço necessário para esconder ao máximo sua real intenção. Na verdade, ele parecia transtornado, como se sofresse de algum mal psicológico...

-Como um bug? – perguntou um dos agentes, que parecia escarnecer de sua suposição.

-Por que um bug? Não entendi tua comparação. – indagou Glenn, surpreso.

-Antes de isto tudo acontecer, tive uma breve conversa com ele e o achei bem estranho. – observou o homem. - Seu modo de falar estava diferente e ele não terminava assuntos, deixava frases ao meio, não mantinha nenhum raciocínio que surgisse até o fim. Em alguns momentos tinha até dificuldades para falar...

-Então você acha que um problema na mente dele pode ter sido o propulsor para sua tentativa de assassinar o presidente? Quanta asneira! – zombava o outro agente, incrédulo.

Glenn ficou estarrecido com as informações. Será que aquilo tudo tinha a ver com o que acontecera a Jane Johnston? Num instante, sua mente parecia interligar os fatos e semelhanças. Disse:

-Isto faz muito sentido!

-Faz sentido com o quê? – indagavam os homens.

-Estávamos acompanhando a conversa entre o presidente e o criminoso. Por acaso vocês notaram que o agente Jenkins reagiu exatamente após ter ouvido a última palavra do homem ao telefone?

Os dois agentes olhavam estatelados. Glenn continuou:

-Ele estava falando algo sobre peões... algo que remetia a jogo, e para o presidente Richard estar atento! Durante a conversa, nada aconteceu, tudo ocorreu após ter dito “Xeque”!

-Você está sugerindo que aquilo foi um comando para o agente? – indagou um deles.

-Isso! Ele só agiu após ouvir aquilo!

-Então na tua teoria, o agente Jenkins era cúmplice deste criminoso e aguardava somente a ordem para agir em uma missão suicida? – o homem dizia, com forte sarcasmo.

-Não, não exatamente! O agente Jenkins era o peão, o peão desta jogada! O presidente foi posto em xeque! Compreende?!

Um dos homens murmurou um “cara, você está louco” e o outro não conseguia compreender o que Glenn dizia.

-Como Jenkins era um peão? O que o levou a obedecê-lo?

-Estou investigando um caso anterior. – disse Glenn. – Uma mulher chamada...

-Vejo que está formando teorias, agente Marshall. – ouviu-se Peter Morrison dizer, interrompendo-o. Ele vinha em sua direção, de onde levara o presidente. – Guarde-as para você neste momento.

-Sim, senhor. – respondeu o jovem, constrangido. Peter continuou:

-O presidente está bem, mas vamos mantê-lo isolado por segurança, no momento. Não sabemos se há outros traidores entre nós.

-O que faremos com os mortos, senhor? – perguntou um dos agentes.

-Ponham-nos em um local mais apropriado.

Os homens foram cuidar do cadáver de Steve, deixando Glenn e Peter, que aproximou-se dele e disse-lhe:

-Não esqueça que está lidando com uma investigação extraoficial! Já temos problemas demais para lidar no momento!

-Sim, senhor. – Glenn respondeu, confirmando com a cabeça.

Peter retornou à sala onde o presidente Richard se encontrava, Glenn tentou vê-lo, mas a porta foi fechada rapidamente. Voltou até o agente Jenkins e se pôs de frente para seu cadáver, com os olhos esgazeados e a boca aberta, uma expressão de agonia poucas vezes vista pelo investigador.

Xeque...

Já havia matado antes, poucas vezes. Sabia o que era carregar o peso de uma vida tirada. Mas nunca o ato o chocara de tal forma.

Xeque...

Havia medo no olhar de Jenkins, mesmo depois de morto. O que um olhar de medo poderia traduzir na face de um facínora à beira de cometer seu delito? Alguém que fosse enviado para tal coisa já estaria previamente preparado para o ato... Muitos teriam raiva, maldade, os mais psicóticos talvez desprezo ou até prazer... mas, medo? Havia algo errado...

Xeque...

A última palavra do estranho no telefone ecoava em sua mente, “xeque”, “xeque”... Havia uma incomum relação entre essa palavra e o salto do agente Jenkins em direção à loucura, disto Glenn estava certo. Mas qual seria essa relação? Seria realmente esta palavra um comando?

O voo chegou ao seu destino, Nova York. Uma multidão de pessoas lotava o saguão de entrada do aeroporto LaGuardia à espera de Richard. Dezenas de repórteres dividiam o espaço com cinegrafistas e seguranças em busca de um furo de reportagem. Para não expor o caso à mídia, deixaram os corpos na aeronave e mantiveram segredo, simulando que o presidente apenas não se sentia bem após a viagem.

Após passar por aquela situação frenética, toda medida de segurança foi redobrada pela equipe. Nenhuma entrevista foi dada, nenhuma pose para fotografias, nenhum aperto de mão, o presidente seguiu direto para a limusine presidencial, que o levaria a um hotel importante da região.

Richard precisava se recompor para o evento que aconteceria em pouco mais de uma hora. Na televisão os telejornais já mostravam a massa que se aglomerava para vê-lo. Ele sabia mais que ninguém que aquele seria o marco para pôr o seu plano em prática. O país e o mundo esperavam saber o destino que as coisas iriam tomar...

Antes de partirem, Peter Morrison veio até Glenn e disse-lhe:

-Quero que você continue a investigação no Bureau. Você poderá acompanhar o evento e eu vou atualiza-lo em tempo real sobre os acontecimentos. Não podemos perder tempo, temos que descobrir quem é este homem, antes que ele consiga transformar tudo em um inferno! Entendido?

-Sim, senhor. – respondeu o jovem.

Peter seguiu com Richard e os agentes do serviço secreto para o hotel, cuidaria pessoalmente da segurança presidencial no evento seguinte e também nos próximos dias, Glenn foi para o Bureau. O jovem agente ainda tentava entender como, de repente, todo o peso da segurança nacional recaía unicamente sobre ele. Investigar um caso de invasão e ameaça ao presidente e de forma confidencial e solitária. Por que Peter Morrison queria manter as coisas assim?

Acho que está na hora de mudar de emprego...

Capítulo 28

Reunindo-se

John dormiu profundamente até à tarde. Ainda dormiria mais, se o telefone não voltasse a tocar. Recusou-se a atender, aguardou que parasse, mas a pessoa insistia em repetir.

Finalmente, após tanto barulho, não teve escolha. Resmungando coisas sem sentido, pegou o celular e espantou-se com a hora, o relógio alcançava 14h45 e ele estava dormindo desde cedo. Forçou a visão embaçada sobre a tela do aparelho e percebeu que o número era de Reese.

-Errr... Precisando de mim? – disse, com a voz embargada, ao atender.

-Se prepare, hoje as coisas serão movimentadas também. – respondeu o velho, em tom grave.

-O que aconteceu?

-Teremos alguns encontros.

-Discussão de relacionamento? – indagou o jovem, em seu tom jocoso.

-Alguns grupos estão desconfiando que fomos nós que acabamos com aquela festinha do velho armazém...

-E quem nós vamos ver hoje?

-Ah, Kalashnikov alguma coisa, não sei... Um desconhecido que assumiu o lugar daquele russo que matamos. Por algum motivo eles desconfiam de nós...

-E agora vamos nos encontrar e matar mais alguns... – resmungou John, irritado.

-As coisas não são assim tão simples, garoto. – respondeu-lhe Michael Reese.

-Simples... – John resfolegou desesperança. – Nunca foram simples, e não espero que sejam. Mas desde que entrei para a família, morte foi tudo o que eu vi.

-Não teremos mortes, garanto, apenas precisamos contornar a situação. Conversar, convencer, fazer as coisas um pouco mais diplomáticas.

-Como Mason fez com B. Boy? – inquiriu o jovem, duro em seu falar.

-O que você quer, John?! – Reese demonstrava estar profundamente irritado com a situação. –

Quer que eu crie uma lei que proíba disputas e traições e seja seguida por criminosos? Eu vou te dar uma sugestão, vamos chamar todos eles para um café e dizer que somos todos amigos. Ahn?! O que acha? – Reese já estava quase aos gritos. – Não haverá mais brigas, nem mortes, nem derrotas ou prisões, seremos todos bons companheiros, que trabalham juntos no crime organizado. Ahn?! Diga!

-Não foi isso que eu quis...

-Você precisa entender uma coisa, moleque, mesmo os criminosos possuem suas leis. Todos temos regras, John, sejamos cidadãos comuns ou criminosos vis. A diferença está até que limites as seguimos. E para muitos de nós, o limite está muito além de dar uns tapas num vagabundo traidor, além até mesmo que a morte! Mas não quer dizer que não haja limites.

-Eu não entrei nisso para me tornar um assassino... – John tentou desabafar.

-Não seja infantil! – Reese bronqueava com ele, alterado. – Você sabia disso desde o início, sabia que iria ser assim, sabia a que situações estaria exposto! Se não sabia, deveria saber. Eu te mostrei tudo! E sabe qual é a realidade?! Você aceitou, John. Teve tuas chances de voltar atrás, mas não hesitou. E sabe por quê?! Porque você é um assassino! Aceitou meu convite para aprender, aceitou meus ensinamentos, aceitou matar aqueles homens para que fosse aceito pelo grupo. Não tornou-se um assassino quando disparou a primeira vez em alguém, mas sim quando a chance de ser um de nós revelou-se atraente a você. Encare a realidade, garoto! Pare de lamentos e seja homem!

John olhava o teto de seu quarto, ouvindo aquelas duras palavras. Seriam elas tão verdadeiras quanto pareciam ser? O que Michael dizia refletia um momento de fúria apenas, ou era o que realmente ele pensava sobre ambos? Reese fez uma pequena pausa, enquanto parecia organizar os pensamentos. Voltou a falar, um pouco mais calmo:

- Eu disse a mesma coisa que você, para meu comandante, quando retornei de minha primeira missão no Vietnã. Ele me perguntou quantas vidas eu havia tirado naquela noite. – John abriu bem os olhos enquanto ouvia aquilo, deitado em sua cama, atento. – Respondi, três. Ele me perguntou então o que eu achava que era. Disse-lhe que não me sentia um soldado, mas um assassino, aquelas pessoas não eram nada mais que civis com armas nas mãos. Ele me respondeu: Deserte agora e seja apenas um assassino, enfrente esta guerra e talvez um dia se torne um soldado.

Um silêncio pairou por um breve período, até que John lhe perguntou:

-Conseguiu tornar-se um soldado?

Reese soltou um suspiro longo, audível pelo telefone.

-Acho que você sabe o fim da história, garoto. Fui até o fim daquela maldita guerra, e no final, quando retornei, fui reconhecido como um assassino.

-Por que está me dizendo isto?

-Porque no fim, eu vi quem realmente era. E você também precisa ver. Precisa ver o que reconheci em você assim que o vi, garoto.

John pegou-se pensativo sobre o que ouvira. Michael Reese não estava ajudando com aquela conversa. Divagou sobre si mesmo, até que a voz de Reese o despertou novamente:

-As coisas serão mais seguras desta vez, pode ter certeza, John. Mason os convenceu a encontra-lo num lugar público, algo bem movimentado. Por sorte, hoje temos aquele evento, a homenagem aos mortos no atentado, na Biblioteca...

John não gostou do que ouviu, teria que se encontrar com criminosos à luz do dia em um lugar público e num evento que aconteceria no local de trabalho de Cathelin. Preocupou-se muito com isso, a situação alcançava todos os limites para dar errado...

-Fugir das aranhas indo para o meio das cobras... – John comentou em monocórdio.

-Pode acreditar, é o mais seguro no momento. – afirmou Reese, convicto de sua estratégia. - Você deve se encontrar com ele na esquina da Quinta com a Leste quarenta e três, em frente ao banco, às quatro da tarde.

John soltou um suspiro de desânimo, usando um velho jargão militar que conhecia:

-Não há dia fácil...

-Vá se acostumando, isso é só o começo, filho, só o começo! Por outro lado, chega uma hora em que as coisas mudam...

Finda a conversa com Reese, rapidamente John procurou se aprontar, Mason era muito pontual e detestava esperar. Como cozinhar não era seu forte, comeu qualquer coisa que encontrou na cozinha e foi arrumar-se.

Ainda tinha dúvidas de que ocasiões pediam ternos finos ou roupas mais comuns. Precisava habituar-se ao estilo de vida mafioso. Na dúvida, pôs um dos ternos que havia comprado, arrumou bem a gravata e calçou um sapato novo. Assim que se viu pronto, saiu rumo ao seu destino.

Seguiu avidamente ao ponto de encontro, deixou o carro em um estacionamento próximo e andou até o local. Ao chegar, logo viu Mason à sua espera, olhando o brilhante relógio dourado que pendia de seu pulso, enquanto outros três vigiavam o lugar à sua volta. Quando o viu chegar, o mafioso começou a zombar de sua vestimenta extremamente alinhada, dizendo:

-O que é isso? Temos um noivo entre nós?

-Achei que fosse apropriado... – respondeu-lhe, meio sem jeito.

-Aqui temos que ser discretos, garoto! Os tempos mudaram, não estamos naquela época de ouro que você vê nos livros do Puzo! A não ser que estejamos com bíblias na mão, um grupo de homens vestidos como você está iria se destacar no meio de uma multidão. Nós queremos isto?

-Não, não... – respondeu John, constrangido.

-Não, nós queremos ser discretos. Leve tua bíblia, reverendo, e pregue a palavra de Deus àquele russo desgraçado antes que eu o mande para o inferno!

-Eu posso tentar...

-Não tente nada! – disse Mason, agarrando sua gravata e dando-lhe um belo tapa de mão virada na testa. Então afrouxou a gravata e começou a tira-la de seu colarinho. – Tire isto! Esse é o mínimo a se fazer. Já foi o tempo que podíamos andar tranquilos onde quiséssemos, agora não há mais respeito... – após tirar sua gravata, deu-lhe outro tapa na testa. – Pronto! Fique próximo e não abra a boca! Quero ver o que aquele safado vai querer comigo.

Após o grupo reunido, caminharam para a esquina da biblioteca, na Quinta Avenida, onde aconteceria o evento.

O trânsito para o bairro estava complicado até para pedestres, uma enorme massa se deslocava para lá, ninguém queria deixar de assistir ao pronunciamento do presidente ao vivo, mesmo sob a assombração terrorista que tomava o país.

Todos ficaram surpresos com o tamanho da estrutura que estava sendo montada para o evento, em plena avenida, em tão pouco tempo. A equipe de sonorização testava o equipamento e as pessoas da decoração trabalhavam ansiosas para concluí-la. Muitas equipes jornalísticas, no entanto, já acompanhavam o trabalho e faziam pequenas gravações para plantões jornalísticos.

Parar a Quinta Avenida era algo incomum, mas Richard decidiu fazê-lo para homenagear as vítimas do primeiro incidente terrorista, que aconteceu ali, quando a van explodiu, matando nove pessoas e ferindo outras dezessete, dando início ao período de terror que assombrava o país.

O comércio local já estava fechando por causa do evento, exceto aqueles que poderiam ganhar dinheiro com a presença da multidão, como fast foods, lojas de conveniência e outros. Uma equipe de segurança realmente digna de um presidente cercava o perímetro. Cada esquina, beco, canto ou telhado de prédio abrigava um agente federal preparado para qualquer situação.

Enquanto caminhavam, Michael Reese os encontrou, unindo-se ao grupo. Vendo-o chegar, Mason iniciou seu planejamento:

-Não quero nenhuma arma à vista, - disse aos três capangas e a John. – deixem-nas preparadas, mas ninguém pode ver que vocês estão armados. Isso acontecer aqui seria

problema certo para nós...

Reese puxou um maço de cigarros de seu paletó e disse, enquanto acendia o isqueiro:

-Você sabe que não gosto muito de conversinhas, não é?

-Certo Reese, fique de longe, mas não se distancie muito, - respondeu Mason. – posso precisar de você.

-Não tão perto, não tão longe... – resmungou o velho. – Eu sei me virar.

Cada vez mais pessoas chegavam e se aglomeravam no meio da avenida, tentando conseguir um lugar mais próximo do palco. O espaço entre eles ficava mais apertado e era dificultoso movimentar-se, o que complicava para o caso de haver uma discussão mais acalorada com o russo e seus homens.

Todos percorriam cada canto com o olhar, tentando saber de onde viria o adversário, mas nem eles, nem qualquer pessoa que ali estava, poderia imaginar o que os aguardava nas próximas horas.

Capítulo 29

The case is a lie

Glenn chegou ao Bureau. Claramente percebia os olhares curiosos que recaíam sobre si, vindos de seus companheiros de trabalho. Alguns denotavam apenas curiosidade, outros pareciam carregar um amargor de inveja por ter sido ele o enviado a D.C, nada o preocupava, porém, além do fato de que precisava manter total sigilo sobre tudo. Procurou permanecer calado, restringindo-se a cumprimentos e curtos diálogos com os demais.

Antes de separarem-se, Peter Morrison lhe entregara um pendrive, que dizia ter a gravação de voz feita no avião, durante a fatídica ligação do terrorista. “Descubra quem, é, não importa como.” Ele apenas pegou o drive e despediu-se, pensando em como teria êxito nessa estranha investigação.

Não havia praticamente nada que pudesse fazer para prosseguir, senão analisar a gravação recebida do Sr. Morrison, posto que não fora possível rastrear o número. Se não havia nenhum dado que levasse ao sujeito, pelo menos a voz poderia ser um bom início para conhecer sua identidade.

Abriu seu software de edição e tratamento de áudio e começou a trabalhar. Não era um mestre no trabalho sonoro, mas sabia o suficiente para fazer a análise necessária. A voz do homem estava muito modificada, fortes chiados acabavam com a qualidade do som e, mesmo após utilizar seus recursos para filtrar a gravação e limpar seus ruídos, Glenn pôde perceber que além de processos digitais para alterar seu espectro vocal, ele falava através de algum objeto, alterando também fisicamente qualquer possibilidade de ser reconhecido.

Merda! Que cara irritante! Desabafava mentalmente, enquanto se esforçava para arrancar algo dali. No fundo, porém, certa admiração surgia pela sagacidade de seu oponente.

Uma forte aflição o torturava, nada parecia sair do zero, nada parecia surgir que o ajudasse a alcançar um possível suspeito.

Deveria ter ficado em Washington! Pensou. Interromperam:

-E aí, o que aconteceu? – era Bob, perguntando disfarçadamente, de sua mesa. – Estão comentando que você foi resolver algo na Casa Branca. É verdade?

-Washington não se resume ao presidente. – redarguiu cautelosamente.

-Sei, mas é o que estão dizendo. – respondeu seu amigo. – Esse é o problema das más línguas, ora são falsas, ora verdadeiras... E me diga, o que poderia ser tão sério que fizesse o Inspetor

Geral Peter Morrison abandonar a investigação dos ataques terroristas e correr para lá tão de repente?

-Se eu te contar, terei de te matar... – Glenn resolveu usar a saída do bom humor.

Bob soltou um sorriso de canto enquanto digitava, e prosseguiu:

-Sei, sei, e vai me dizer onde estão a Arca e o Graal também, Indiana? Vamos lá, meu amigo, desabafe!

-Eu sei que você sentiu minha falta, Bob, mas não precisa demonstrar tanto assim, fica estranho, sabe? – brincava.

-Um dia você vai corresponder. – disse rindo.

Bob não insistiu mais. Glenn ficou aliviado, não queria ter de mentir para seu amigo. Fechou o programa de áudio, pois concluiu que nada mais sairia dali. Meu Deus! Ainda há algo que eu não vi?? Perguntava-se, aflito. Por alguns minutos, desesperou-se por não encontrar saída, olhava documentos, vídeos, fotos, beliscava-se, resgatava velhas anotações e, claro, tomava mais café.

Sua trilha de agonia permaneceu até que o celular tocou. Era uma mensagem de texto. Glenn abriu para ler e não entendeu nada do que havia ali.

The case is a lie! Peons moving! D5-E2-A5-A1-B3-E5-C5-C3-B4-A5-B3-D4-C3-A2-E5-D3-B4-B4-A5-E2-E4-A2 Capture all.

-Mas que merda é essa?! - Dizia consigo mesmo. – O caso é uma mentira? Peões avançando? Capture todos? Novamente essa história de peões?

Glenn ficou afoito com aquela mensagem. O uso da analogia com peões não era novidade, certamente era uma forma de o escritor dizer sutilmente ser parte da trama. Seria esta a mesma pessoa das ligações? Ou um terceiro? De qualquer forma, aquilo significava algo importante, mas que código era aquele?

Ele se via numa situação complicada, não tinha permissão de revelar nada a ninguém, mas precisava de ajuda para resolver o caso.

Ah! Que se dane! Melhor o sucesso sem permissão que o fracasso sob regras! Vou ligar pro Mahoney...

Brad Mahoney era um contato que Glenn possuía dentro da CIA. Conhecera o homem anos atrás, numa missão de campo. O trabalho foi um fracasso, devido a decisões superiores que sempre atrasavam as ações e culminaram em derrocadas vergonhosas. Mesmo assim, embora todo esforço inútil, ele saiu de lá com um contato interessante. O homem era uma águia, conseguia qualquer tipo de informação e era dono de um conhecimento incrível em

criptografia, códigos, linguagens e toda aquela baboseira que Glenn não compreendia. Se havia alguém no mundo que poderia ajuda-lo, esse alguém era Mahoney.

-Sargento Mahoney falando. – disse uma voz forçadamente séria.

-Olá Brad, aqui é o Glenn. – respondeu amistosamente.

-Glenn? – o homem parecia não se lembrar.

-Glenn Marshall, trabalhei com você em uns casos tempos atrás.

-Ah, sim! Como vai, meu parceiro! Diga-me, precisa de algo? Você não está me ligando pra dizer que tem saudades.

-Preciso de tua ajuda, parceiro, tenho um enigma pra desvendar...

-Apenas se for supersecreto, não me faça perder tempo com pesquisas do google. – e riu-se.

Glenn enviou a mensagem para ele.

-Vou analisar isto e te digo quando descobrir... – disse Mahoney.

-Obrigado, meu caro. Será de grande ajuda...

Finda a ligação, Glenn permaneceu com a mente no problema, tentava ainda desvendar aquele mistério. Peões? Xeque? Será que todo o caso era como um enorme jogo de xadrez? Se fosse, bastava descobrir quem eram os reis e teria a solução para o embate. Desconfiava que o presidente Richard era um deles, o rei alvo, talvez, a vítima, aquele a quem precisava defender. A grande questão era: quem seria o rei negro...

Capítulo 30

Jogo de ladrões

John estava tenso, não sentia-se experiente o suficiente para aquela amálgama de situações tão diferentes. Percebia também grande tensão no comportamento de Mason, o que o preocupava ainda mais. Se o chefe estava assim, significava que as coisas não estavam boas.

Problemático... problemático! Repetia em pensamento tantas e tantas vezes.

O fluxo da multidão que se comprimia era tão grande que quase o impedia de permanecer próximo a Mason. Eufóricas e impacientes, as pessoas simplesmente procuravam o melhor lugar para ficar e participar do importante evento.

Os homens com quem se encontrariam tardavam, numa demora que o fazia pensar que não mais viriam. Mason já ameaçava ir embora, irritado, quando finalmente avistou um deles. Embora estivessem no meio de tamanha multidão, John e os demais podiam perceber a chegada de cada um dos russos que se emaranhavam por entre as pessoas, espalhando-se como um vírus em meio ao corpo sólido que aquela multidão se tornara. O que mais surpreendeu a todos foi a chegada de um americano, conhecido como Ward, que aproximou-se de Mason, fitando-o com um péssimo olhar.

Ward também era chamado de “o louco”. Diziam ser pelo seu costume de matar os inimigos de formas hediondas, normalmente usando facas. Deixava suas vítimas esfaqueadas em locais abertos ao sol por dias, até morrerem. Seu comportamento era violento e se lhe houvesse alguma fagulha de caráter, provavelmente ainda assim gritaria em seu íntimo por dinheiro. Era um mercenário. Iniciou-se com os russos como informante, ajudando a derrubar um grupo checheno para o qual realizara alguns trabalhos. Quem pagava melhor tinha o que queria, e os russos davam-lhe melhor paga. Após alguns sucessos, resolveram chama-lo para trabalhar no grupo e, no fim de tudo, tornou-se realmente um deles. Agradou-os de tal forma nas empreitadas a que se submeteu que agora, após a morte de seu líder regional, Vladimir Kernovsk, acabou por liderar os trabalhos deles no Estado de Nova York.

O esguio e descarnado americano, usando calças jeans acinzentadas, jaqueta de couro sobre uma camisa de malha branca e cabelo penteado para o alto, parecia não preocupar-se com uma vestimenta que denotasse o seu poder no círculo criminoso.

-Gostaria de saber o que significa isto. – Ward zombou, ao encontrar-se com Mason, frente a frente. – Um encontro marcado em meio a uma multidão...

Mason fitou-o, calado.

-Você me intriga, Mason. – continuou o louco, que parecia tentar aborrecer-lo. – Eu vejo isto como uma estratégia covarde, sabe, falta de colhões de encarar alguém de frente. Mas isto não é o que eu ouço falar sobre você, não é o que conheço do teu tipo. – dito isto, abriu um breve sorriso maldoso de canto. – Me faz parecer que lhe falta outra coisa... digamos... bem, esta é uma saída de quem está sem opções...

Mason não gostou de seu jeito arrogante, o mataria certamente se não fosse a situação em que ambos se encontravam. Devido às circunstâncias, procurou manter-se pacífico e demonstrar-se receoso quanto ao que havia ocorrido aos seus rivais, procurando despistar-se das suspeitas pelo que havia feito. Talvez o convencesse de não ter sido o responsável por aquilo. Respondeu-lhe:

-Apenas cautela. Não poderia me dar ao luxo de correr riscos após o que aconteceu no cais, afinal, eu poderia ser o próximo. – após isto, usou de um tom jocoso para com seu inimigo - Além do mais, não gostaria de ficar a sós com você, não faz meu tipo.

O psicopata franziu a testa e uniu as sobrancelhas erguidas numa expressão ameaçadora. Pôs-se face a face com ele e disse, numa voz grave e fria:

-Ficar a sós comigo poderia ser um tanto doloroso para você...

Pessoas a volta pareciam perceber a estranha conversa que os dois iniciaram e demonstravam incomodar-se, procurando outros lugares para estar. No entanto, dada a compressão que a multidão fazia contra quem estava naquele meio, não podiam escolher lugares tão facilmente. Ward ajustou a postura e voltou a falar, dessa vez com tom menos macabro:

-Mas hoje eu confesso que estou satisfeito! – disse-lhe, pondo as mãos em seus ombros, como se o cumprimentasse em gratidão. Solto um grande sorriso digno de um desequilibrado mental, enquanto fitava-o com seu olhar perturbador. - O que fizeram no cais, no fim das contas, não poderia dizer que me prejudicou, ao contrário, apenas acelerou minha promoção ao lugar de Vladimir. Ele era um babaca, não tinha mais pulso com ninguém, estava mesmo na hora de parar... E você sabe bem, nós somos como alcateias leoninas, os mais fortes lutam pela liderança do grupo. Às vezes, um leão de fora pode aparecer e derrotar aquele que assumiu as fêmeas, e isso às vezes é uma questão de tempo. Em algum momento eu e Vladimir nos enfrentaríamos. Quem fez aquilo no cais apenas adiantou o inevitável, me poupou trabalho, eu diria...

-E qual o motivo de procurar por mim? – perguntou Mason.

Ward aproximou-se novamente de Mason, levando a boca para próximo de seu ouvido, sussurrou para ele, novamente naquele tom macabro:

-Meus companheiros estão infelizes com a forma que tudo aconteceu. Um ato covarde como esse não pode passar sem ser vingado. E eu espero que esta pessoa saiba que temos contas a acertar... Não vou deixar barato para quem fez aquilo com nossos homens que estavam lá, naquela noite.

-Está me acusando, louco?! – respondeu Mason, afastando-se dos sussurros de Ward. - Tome cuidado com o que você está falando, antes que eu corte a tua língua e o faça engolir ela e as suas palavras! Você não está falando com um qualquer, está se metendo com um Fontane!

-Como diria o espírito viking: bons nomes não significam bons homens! – Ward sorria como um lunático.

Mason livrou-se das mãos de Ward em seus ombros com dois tapas de dentro para fora. Enfurecido, apontou um dedo no peito magro de seu adversário, percebendo logo dois homens que se punham em alerta a poucos metros deles.

-Está muito enganado se pensa que sou como os antigos, que só comem canelone, guardam dinheiro enrolado nos bolsos e andam em carros longos! Você não me conhece, seu puto! O que te dá certeza de que fiz aquilo?!

-Interesses... E eu diria que confio bastante em minha intuição. Não se faça de tolo, nós dois sabemos o que motivou aquele encontro. Não finja não saber que era sobre você! Não sou nenhum idiota! E eu lhe dou os parabéns, Fontane, fez jus à sua fama, mais uma vez estava à frente de todos eles!

-Em nosso estilo de vida isso significa sobreviver, não é?

-Concordo, - Ward abriu novamente seu inconfundível sorriso. - e uma pergunta pode dar muitas respostas de uma vez...

Ward levou sua mão próximo à cintura, dando a entender que procurava a arma, olhando-o de forma intimidadora, mas Mason não o temia, sabia que sua loucura não era tão grande a ponto de fazer algo ali.

-Um gesto também pode falar muitas coisas. – disse-lhe Mason, com os olhos fitos na mão de Ward. – Você não seria louco de fazer algo aqui.

-Ah... Você não sabe o que diz... – respondeu Ward. – Não é à toa que me chamam do que me chamam... Mas vim apenas te dar um aviso, não vou esquecer a morte de Vladimir. Lembre-se disso, Mason Fontane: não ande nas sombras, não vire esquinas e não fique sozinho. Minha lâmina está sedenta, mal posso imaginar por onde começar....

-Se tivesse alguma bola no saco você já teria feito isso e não estaria aqui me dando avisos! – redarguiu Mason, atroz – Não tenho tempo para conversas como esta! Você ousou vir me ameaçar, mas vou lhe dizer qual é a nossa realidade: Vence o mais inteligente, sobrevive quem atira mais rápido, e é assim que vemos quem são os melhores. – Mason quase rosnava, expelindo o ódio patológico que carregava dentro de si. As pessoas à volta demonstravam ainda mais perceberem do que se tratava, algo aconteceria ali se os dois não terminassem logo a discussão. – Não perca tempo com palavras, Ward, se quer fazer algo, faça!

Mason punha-se pronto para vociferar ainda mais seu estampido de raiva, mas foi interrompido pelo alto som do lugar. Um apresentador iniciava o evento:

-Cidadãos de Nova York! É muito gratificante vê-los todos unidos, ver um povo que não deixa as circunstâncias o abalarem. Quero convidar-lhes a participar agora desse importante debate, onde discutiremos os fatos que cercam nosso país e nosso futuro. Logo teremos aqui o presidente Richard Voight conosco. Para abrir a discussão, convido ao palco o prefeito Thomas Reinalds.

O povo, que ouvia calado ao orador do evento, levantou forte ovação ao prefeito Thomas, que veio até o microfone.

-Compartilho do mesmo sentimento de meu amigo, - disse o prefeito – hoje, mais do que nunca, sinto um forte orgulho por ser o prefeito desta cidade. Ver vocês, unidos, reforça nosso sentimento de amor pela nação que tanto lutamos para construir. Que todos vocês, assim como eu, mantenham esse mesmo pensamento: este pesadelo será apenas mais uma vitória que contaremos aos nossos filhos e netos um dia. Estamos aqui hoje para tratar de nosso futuro e não sairemos daqui sem ele no coração.

Mais uma vez, uma forte salva de palmas deu resposta calorosa ao discurso do prefeito Reinalds. O apresentador convidou o governador, John Rogers, a assumir o palco desta vez. Recebido também calorosamente, ele fez seu breve discurso de apresentação:

-Boa tarde cidadãos americanos. Nós estamos aqui para mostrar a importância de vocês como parte dessa nação e encorajá-los a seguir em frente. Não temam, pois se o temor fosse ouvido no início, nosso povo hoje não seria independente, se a dúvida ganhasse lugar ao lado de nossos avós, nossa nação não teria alcançado tamanha grandeza. Apenas sigam em frente conosco, com coragem, e essa batalha terá seu fim brevemente.

Ao fim da apresentação, o governador sentou-se em seu lugar no palco e o apresentador continuou:

-O presidente Richard Voight está a caminho e chegará em poucos minutos para o debate. Vamos iniciar nossa conversa enquanto aguardamos sua chegada.

O debate iniciou-se com a lembrança do primeiro atentado, que aconteceu exatamente naquele lugar, e também do segundo, poucos dias antes do evento. A enorme tela exibia uma homenagem às vítimas dos atos terroristas e os políticos presentes prestaram também suas condolências. Após a cerimônia deu-se início ao debate, onde discutiam a situação de descontrole do Islã e a ameaça que oferecia à cultura ocidental.

Os gângsteres digladiavam-se no meio da multidão, trocavam farpas e faziam perguntas que nunca seriam respondidas, estavam quase esquecendo-se do ambiente em que estavam. John nadou em meio à correnteza de pessoas e conseguiu aproximar-se dos dois, que ainda discutiam. Logo que parou, percebeu um homem que se movimentava de forma suspeita bem próximo a Mason, atento à conversa que ambos travavam. Logo percebeu sua aparência dura,

feições e pele que só poderiam ser de um russo, sim, ele era um dos inimigos!

Assim que identificou o homem, soube que sua chegada reservada por detrás de seu chefe tinha um propósito, algo de malicioso, reptício. Percebeu que havia um plano já tramado entre os inimigos. Rapidamente, jogou-se para frente, empurrando as pessoas à volta, até que se pôs entre Mason e o homem, interrompendo até a discussão dos dois chefes, que perceberam sua chegada repentina.

O russo deu de cara com ele e parou, surpreso com sua percepção do ato, mas manteve seu olhar ameaçador. John olhou em suas mãos e pôde ver o brilho de uma lâmina, refletindo a luz do sol, Ward realmente planejava matar Mason, ali mesmo, em meio à multidão! Era o Louco, e trazia consigo os seguidores de sua loucura.

John meneou a cabeça para o russo e pôs a mão próxima ao cabo de sua pistola, que estava coberta pela jaqueta. Isso fez o homem se conter, mas continuava ali, pronto para bote. A situação não era nada favorável, os dois, cercados por loucos que não temiam matar alguém em meio a um evento coberto pela segurança nacional, precisavam sair dali rapidamente. Mas como?

Aplausos mortais

Richard definitivamente não estava bem, os fortes acontecimentos do avião haviam mexido com ele. Responsabilidades, situações difíceis e jogos de poder já faziam parte de seu dia a dia, mas adrenalina e risco de morte eram algo nunca antes vivido tão perto.

Vomitou no avião, após ver a morte de Steve, por uma bala que sabia ser para si, enquanto era levado pelos agentes a um local seguro da aeronave. O mesmo aconteceu quando chegou ao hotel, sôfrego de enjoos e tonturas. Necessitou de alguns medicamentos para voltar a si e recuperar-se do choque da morte de seu assessor, um companheiro importante em sua carreira de presidente.

É meu amigo, não poderei prestar-lhe minhas condolências... Refletia após chegar ao seu quarto, enquanto era amparado por toda uma equipe de assistentes, enfermeiros e demais acompanhantes presidenciais, além dos inúmeros agentes especiais do serviço secreto e FBI, que faziam sua guarda por toda volta.

Sentou-se em uma poltrona, num lugar seguro do quarto, livre da visão das janelas, com sua gravata afrouxada, os botões da camisa soltos, colarinho aberto e o gosto amargo de vômito e remédios na boca.

-Água por favor. – pediu, sem olhar a quem se dirigia.

O pedido foi rapidamente atendido por alguém que ele também não viu.

Divagava em meio a questionamentos pelos quais nunca pensara ser visitado. Jamais havia cogitado, quando tornou-se o presidente, passar por situações como a última. Jamais havia pensado ter um inimigo tão sagaz. Era ele o mais esperto, desde sempre. Era ele o vencedor, desde as primeiras disputas colegiais, e agora detinha em suas mãos o poder de um presidente, do presidente dos Estados Unidos. O poder realmente tem muitas formas... punha-se em devaneios, quieto.

A lembrança do compromisso interrompeu sua perplexidade e o fez retomar o foco, primeiro da mente, depois da visão. Foi somente então que percebeu-se no quarto reservado daquele hotel, notou as pessoas que o rondavam, e tornou-se a pensar no que viera fazer em Nova York. O que Steve, e depois Peter Morrison, insistiam, fazia agora muito mais sentido para ele. Talvez devesse desistir, cancelar, recuar... Recuar... Recuar... Não, não poderia. Não era uma opção, pelo menos não uma que servisse para ele, Richard Voight. Ávido e resoluto, voltou a pensar no discurso que faria e como manteria a postura com tantas coisas passando em sua cabeça. Relembrou palavras que ensaiara antes da viagem e reorganizou tudo em sua mente, não seria um covarde.

-Estou indo me preparar, - disse a um de seus assistentes, que foi pego de surpresa pela ordem. – avise que saio em dez minutos. – Acrescentou após olhar o relógio.

Seguiu ao banheiro, onde tomou uma forte ducha quente que restaurou suas energias. Vestiu o terno que alguém havia separado para a aparição pública e penteou o cabelo, de seu jeito, como a muito tempo não fazia. Enfrentou-se diante do espelho, com olhar encorajador, dando a si mesmo o que precisava receber naquele momento.

-Você é maior que isso, Richard. É maior que eles.

Ao sair do banheiro, recusou com um gesto a multidão de maquiadores que o cercava e procurou seus pertences.

-Estou pronto.

Na partida, encontrou Peter Morrison, que o acompanharia todos os passos até o evento, sempre ao seu lado, na enorme comitiva de segurança, tão numerosa que era capaz de dar a impressão de que nada mais poderia acontecer.

-Sr. Presidente, - disse Peter Morrison, ainda na limusine presidencial. – se não se considerar apto a participar do evento, por favor, cancele este compromisso. Já tivemos sinais suficientes de que tipo de riscos podem cerca-lo. Recuar um pouco neste momento não será tão prejudicial...

-Não vou recuar, Sr. Morrison! Não posso, muito menos deveria...

Desistente de qualquer chance de convencimento, Peter Morrison decidiu encoraja-lo,

demonstrar apoio:

-Então esteja certo que uma excelente equipe de segurança já está no local, pronta para quaisquer surpresas. Nada vai acontecer.

-Não tente me acalmar usando este discurso, a poucas palavras atrás o senhor contendia comigo sobre minha participação neste evento. Nada vai acontecer? Nada aconteceria no avião também, Sr. Morrison.

O carro chegou ao local do evento. Estacionou próximo à entrada dos bastidores do palco, o lugar mais guardado e cercado naquele momento. Civis não tinham nenhum acesso àquela parte, a menos que fossem participantes internos ou técnicos de algum sistema.

Richard respirou fundo, repetiu uma série de pensamentos que havia preparado para ajuda-lo mentalmente e levantou-se do confortável assento de couro, rumo ao inesperado e temido momento que o aguardava. Por instantes, desejou profundamente permanecer ali, confortável naquele carro de luxo e seguro atrás daquela blindagem.

Marta, você saberia as palavras certas a me dizer...

Fisicamente estava preparado, graças ao coquetel de remédios que experimentara no avião e no hotel, mas seu espírito não estava bem.

E agora o show...

A multidão de repente silenciou, o apresentador retomou a palavra e anunciou:

-E vamos receber agora o excelentíssimo presidente dos Estados Unidos da América, Richard Voight!

Como em muitas outras vezes acontecera, uma forte emoção o tomou ao ouvir os aplausos. Sentia algo diferente sempre que era recebido de maneira tão calorosa pelas pessoas, mas dessa vez foi especial. Ao subir a pequena escada que levava ao enorme palco montado na Quinta Avenida, quando viu a aglomeração de milhares de pessoas que o recebiam com tão grande ovação, o misto de emoções e sentimentos que já rondavam seu coração cresceram dentro dele. Talvez fosse uma reação previsível, ante a amálgama que se fazia em seu coração devido aquilo tudo que experimentara. Uma longa salva de palmas, mesclada com assovios e bandeiras americanas hasteadas quase não o permitia falar, e isso aliviava, mesmo que momentaneamente, a tensão da perda de Steve e a falta que sentia de Marta ao seu lado para acalmá-lo.

Caminhou até o púlpito no centro do palco, olhou cada canto da grande avenida coberta de pessoas, inspirou e segurou a respiração por um instante.

-Alguns me disseram ser loucura, em meio ao momento conturbado que estamos presenciando, me expor a um ato público como este. – iniciou, com suas palavras pausadas e a voz tenra, tão

conhecida de seus discursos. - Mas não poderia deixá-los desamparados em um momento tão importante de união. Então, se me perguntarem outra vez, responderei: sim, sou louco. – dito isto, o povo novamente o aplaudiu. – Estar com vocês agora, para mim significa responsabilidade, significa mostrar a vocês que eu me importo, que seu governo faz parte de vocês. E o que dizer após tantos acontecimentos difíceis? Esta pergunta eu fiz a mim mesmo. O que dizer a uma nação, nossa nação, quando alguém a surpreende e, impiedosamente, a ameaça e fere? Estamos feridos. E não é somente uma ferida de sangue, do sangue que foi derramado por essas pessoas das quais nos despedimos nos últimos dois meses. É também uma ferida em nosso orgulho, uma ferida que custou a cicatrizar após o onze de setembro e hoje está novamente aberta. Após fazer essa pergunta a mim mesmo, vi que a resposta é simples e quero compartilhar com vocês. Nós vamos curar esta ferida de uma vez por todas! Assim como foram as feridas que impediram que os soldados de George Washington morressem doentes e ainda os fortaleceram para vitória, da mesma forma nós, descendentes daqueles valentes, vamos nos levantar, adquirir forças e combater esse mal, extirpá-lo e elimina-lo de uma vez por todas não só do país, mas de onde ele for encontrado! – nesse momento a multidão deu um forte brado e aplaudiu animosamente, Richard aguardou o ímpeto passar – Quero lhes dizer que estamos trabalhando incansavelmente para garantir que nada fique escondido, nada seja esquecido, ninguém seja injustiçado. A democracia americana não será abalada. Nossas forças armadas são fortes e nosso povo ainda mais. Os terroristas que promoveram esses ataques serão encontrados e capturados e hoje posso dizer que já temos informações importantes sobre o caso. Deixo aqui, também, minha gratidão aos líderes mundiais pelo apoio que temos recebido desde então e o meu pedido de união. É o que precisamos para combater este mal que tanto nos aflige. A América, mais do que nunca, seguirá em frente, defendendo a liberdade e combatendo a injustiça no mundo. A todos vocês, muito obrigado.

Ao terminar seu pronunciamento, Richard abandonou o púlpito e seguiu até o assento reservado a ele no palco, entre os outros políticos participantes do debate. O povo aplaudia intensamente seu discurso, demonstrando total apoio ao presidente.

Até mesmo Mason e Ward, em sua estranha confusão, estavam atentos ao que ele falava.

-Isso vai dar merda... – disse John, enquanto ouvia o discurso de Richard.

Richard Voight sentou-se, pronto para a discussão que se iniciava. Possuía todas as câmeras sobre si. O mediador da conversa ameaçou tomar a palavra para inicia-la, mas algo estranho aconteceu.

Um forte ruído tomou todas as caixas de som, incomodando até os mais distraídos, que tentavam com as mãos abafar os ouvidos. O barulho, que misturava um forte chiado e muita microfonia, permaneceu por alguns segundos, até que uma música começou a ser executada. Era uma sinfonia antiga, sombria e triste.

Richard se assustou muito, mas como ainda não compreendia o que estava acontecendo, assim como Peter Morrison, que estava nos bastidores, e toda a equipe de segurança, pensava ser

uma falha dos responsáveis pela sonorização. Todos permaneceram atônitos, cuidando que a melodia fosse parte da programação do evento. O momento insólito perdurou até que a valsa deu lugar a um orador invisível e inesperado:

-Os loucos pensam que são Deus, os tolos pensam que são melhores do que eles... Frase de minha autoria.

O povo se assustou, embora não fizesse ideia do que estava acontecendo. Richard sentiu calafrios. Era ele, o seu algoz desconhecido! Morrison reconheceu a voz do que falava e rapidamente subiu ao palco com um grupo de seguranças para retirar o presidente dali, mas quando ele se virou para ir, a voz falou:

-Por que não fica, senhor presidente?

Todos na multidão, que olhavam perdidamente, procurando por quem estaria falando, logo voltaram sua atenção para Richard, que não sabia o que fazer. Peter deu um puxão em seu braço, mas ele resistiu e permaneceu de pé, olhando para o povo. A equipe de segurança se espalhou pelo palco, cercando o presidente.

-Creio que o senhor concordará comigo, quando digo que a iminência da morte é o sentimento mais desesperador que podemos sentir. Não é verdade? – continuou o misterioso terrorista.

-Senhor! – gritava Peter Morrison, tentando evadi-lo. – Vamos agora! Não há tempo!

Peter Morrison nesse momento pegou o rádio e falou com o chefe de segurança do evento: Rápido! Cortem toda transmissão de televisão!

-Estamos rastreando a origem do sinal, se cortarmos tudo, isso não será possível. – respondeu o oficial responsável pelo sistema técnico do evento.

-Somente o sinal de televisão, - insistiu Peter. – quero saber se ele está aqui!

-Ok, vou providenciar.

Com a ordem do oficial, todos os repórteres ou representantes de canais televisivos rapidamente obedeceram e toda e qualquer transmissão televisiva foi cortada. As câmeras de reportagem, porém, bem como muitos celulares, continuaram gravando tudo o que acontecia.

Richard estava em conflito, se permanecesse, estaria correndo risco de sofrer um novo ataque, se saísse, destruiria qualquer credibilidade que tivesse com o povo, expondo medo diante de um invasor desconhecido. Andou cuidadosamente até o púlpito onde havia feito o discurso, passeando o olhar por todos os cantos onde houvesse alguém. Os outros políticos que estavam assentados à volta para o debate começaram a se retirar, com medo, e eram escoltados por agentes e policiais, somente ele se manteve ali. Mais uma vez respirou fundo, segurou o nervosismo, levou os lábios ao microfone e respondeu:

-Estou aqui.

-Posso vê-lo, presidente Richard, que bom que permaneceu. – disse o terrorista.

Richard, sagaz como era, instigou o adversário, na tentativa de enfraquece-lo:

-Se deseja um confronto público, por que não se apresenta?

-Não preciso de apresentação, eu sou aquele que você governa, eu estou diante de você agora, você tem meu nome e endereço, mas não sabe quem eu sou, sou todos e não sou ninguém, Sr. Presidente, eu sou o povo.

Peter Morrison, vendo que a conversa não foi comprometida com o corte da transmissão, percebeu então que o adversário não dependia da televisão para ver o que acontecia, então concluiu: Ele está tendo contato visual conosco, ele está aqui! Rapidamente puxou o seu transmissor e deu ordens à segurança: Rápido! Ele está aqui! Vasculhem tudo! Cada janela, cada esquina, veículo ou qualquer pessoa que esteja usando algum aparelho com possibilidade de comunicação!

A enorme equipe de segurança começou a se movimentar, investigavam qualquer possibilidade que pudesse levar ao estranho inimigo.

O povo encetou a perceber que o que assistiam não era algo planejado. Iniciou-se então um grande tumulto, pessoas tentavam a todo custo fugir dali. Desesperadamente, comprimiam umas às outras, empurrando-se e abrindo caminho de maneira brutal. O medo foi instaurado.

Os investigadores tentavam descobrir como o homem foi capaz de invadir o sistema e usar o som, buscavam acessá-lo, mas sem sucesso, pois tudo estava bloqueado.

-O acesso está bloqueado! – dizia um dos operadores.

-Isso é uma muralha, não há como invadir! Não há uma fonte única de acesso, há pacotes de roteamento paralelo de vários países! Ele é um mestre! - dizia outro hacker, passeando os dedos no teclado de seu computador. – Vou precisar de muito mais tempo pra descobrir a origem!

-Apenas descubra! – gritou o oficial, nervoso enquanto coordenava a força tarefa do evento.

Peter ouvia as conversas pelo rádio, estupefato, nunca na história do país alguém oferecia tanto risco à segurança como seu atual inimigo. Matar o presidente, se fosse essa a real intenção do terrorista, parecia ser para ele uma tarefa simples. Ele não queria isso, não era esse seu objetivo, pensava, ele queria humilhar o governo, envergonhar a soberania do país.

Mason, John e os outros estavam temerosos, homens como eles poderiam ser facilmente descobertos e considerados altamente perigosos naquela situação, até mesmo Ward se mostrava abalado com a surpresa.

Richard engoliu seco enquanto ouvia a apresentação performática de seu rival. Trêmulo, procurou apoio sobre o púlpito e olhou a multidão estarrecida à sua frente. O controle da situação não estava mais em suas mãos. Procurou saliva para umedecer a língua e inspirou o máximo que podia, antes de retomar a palavra:

-Se você é o que se diz ser, então por que o povo que vejo a minha frente está respondendo com tanto temor?

-Essas pessoas temem aquilo que não conhecem. – respondeu a voz.

-Essas pessoas temem o terrorista que você é! Elas temem o terror que você causa! Elas temem ser vítimas da tua insanidade!

-Essas pessoas são vítimas de sua própria consciência!

Ao ouvir isto, Richard se calou. Muitos voltaram novamente sua atenção à conversa. O terrorista continuou:

-O ser humano é uma besta fera, inebriada por seu próprio ego, dotada de numerosos desejos e satisfações, mas torturada por sua consciência. Procura avidamente por formas legais de permitir sua desgraça, transformar seus apetites em direitos, para que sua consciência não o torture durante a transgressão. Já dizia Goebbels, propagandista de uma das maiores corrupções da consciência humana, “uma mentira repetida muitas vezes torna-se uma verdade”. E seguimos em busca das mentiras que mais nos satisfaçam, afim de que um dia elas se tornem verdades que acaltem nossa própria futilidade. Eu poderia trazer à tona e lhes mostrar a verdade, mas estão tão apegadas à sua autocomiseração que não veriam mais do que sombras na parede de suas cavernas. E dentro dessas cavernas, elas só sentem a necessidade de estar satisfeitas consigo mesmas. Milhões passam fome no mundo e elas apenas comentam isto em suas redes sociais, não por crerem que mudarão algo, mas tão simplesmente aliviando sua própria culpa de serem tão inertes. Veem notícias de dor e sofrimento todos os dias, mas só pensam nisso quando seus ídolos falam sobre o assunto. Doam roupas velhas e esmolas para caridade, mas continuam com seu próprio estilo de vida destrutivo, anestesiadas pela ideia de que seu pequeno remendo de bondade cobrirá o imenso rasgo de egoísmo que aumentam a cada dia. Culpa delas? Não ouse acusa-las de sua própria ignorância! A ignorância é uma bênção, nos permite usar nossos próprios conceitos para julgar o que está à nossa volta! Puro esquecimento ideológico que as infecta. Elas apenas aceitam a ignorância que vocês lhes propõem, lhe ensinam desde suas primeiras palavras. Não há mais valores, não mais princípios, são apenas peões ideológicos movendo-se conforme o jogo do poder. Por isso estou aqui, trazendo as amarras da consciência a quem realmente pode usa-las para fazer os movimentos corretos. Você, presidente Richard. Não vou mais permitir sermos um povo à mercê de estímulos autoritários, incapaz de abrir os olhos para enxergar o próprio mal que causa...

Não suportando mais tamanha afronta, Richard irrompeu com furor o discurso do invasor:

-Quem você pensa que é para fazer tamanha afronta ao governo soberano deste país?! Não passa de um lunático, um insano! Um louco!

-Não seja tolo, Richard... – disse a voz. – ou sucumbirá no próximo ato! A partir de agora o farei enxergar pelo ponto de vista daqueles que você oprime. Chega de pequenos avisos, esta é a última vez que falarei! Eu sou o povo, Sr. Presidente, e o povo não está mais com você!

Dito isto, uma sinfonia começou a tocar, num volume muito alto, mas o som era barulhento, um ruído muito forte atrapalhava até o entendimento da melodia, que misturava vozes, barulhos estranhos, naturais e sintéticos. Muitas pessoas começaram a sentir-se mal, algumas chegavam a desmaiar ou ter sangramentos pelo nariz e ouvidos.

Richard estava tão assustado e impotente diante do que acontecera que não sabia mais o que fazer. Dava passos lentos para trás naquele imenso tablado, pensando no que iria suceder dali para frente. Sentia-se tonto, sem noção do espaço à sua volta e da altura do chão, via tudo girar ao seu redor, quase perdendo totalmente o equilíbrio enquanto tentava vagarosamente fugir. Seu cérebro parecia latejar dentro de seu crânio e o ruído ecoava em sua mente, vultos passeavam à sua volta, como numa dança macabra de espíritos, mas ele sabia que eram irreais, alucinógenos produzidos pelo som que ouvia.

No meio do rebuliço, John tentava manter-se próximo a Mason para protegê-lo. Já haviam perdido de vista Reese e os demais, e Ward poderia estar próximo, no iminente risco de um ataque surpresa, caso decidisse aproveitar a confusão para a vingança. Mesmo afoito pela situação em que se via, tentando proteger seu chefe, o jovem lembrou-se que sua esposa Cathelin ainda estava na biblioteca e sairia ali, no meio de toda aquela confusão, ou, mesmo se ficasse no prédio, correria o risco de uma invasão de pessoas desesperadas... Sua cabeça começava a doer, e sentia perder, aos poucos, a noção do espaço à volta. Segurou Mason pelo braço enquanto nadavam pelo mar de pessoas e gritou, em meio ao barulho irritante que ressoava por todo lado:

-Rápido! Temos que voltar!

Mason fitou-o rapidamente por cima do ombro, enquanto repelia de si as pessoas que corriam descontroladas e respondeu:

-Está louco? Olhe o inferno que isso tudo virou!

-Minha mulher está lá, na biblioteca!

-Se ficarmos aqui, ela será viúva tão logo!

-Não posso deixá-la sair no meio dessa confusão, é minha esposa!

-Então esse é um bom momento para um divórcio!

Os dois se entreolharam por um segundo. Mason tinha um olhar desafiador, frio, que parecia

cobrar-lhe o juramento de fidelidade à família, antes de sua própria família. Desapontado, John largou seu braço e parou, lançando também um olhar de desprezo ante ao seu egoísmo.

-Saluti! – Mason virou novamente para a direção que seguia e continuou sua fuga em meio à multidão.

O jovem entristeceu-se com isso. Onde estava a honra daquele que ele havia jurado proteger? Lembrou-se de uma frase que ouvia quando criança: honra a quem tem honra. Parou onde estava, observou seu chefe abandonando-o e o desprezou com todas as forças. Mas antes que pudesse seguir ao encontro de Cathelin, pôde ver uma sombra aparecer na torrente de pessoas, frente a Mason, como um predador que surge para abocanhar sua presa. Era Ward, cumprindo o que havia prometido, antes mesmo do que imaginava. Por um segundo, John sucumbiu à reação de tentar protegê-lo, quase sacou sua arma, mas seu orgulho foi capaz de manter suas mãos inertes e, resistindo, não o fez.

Mason bateu de frente com ele, não houve tempo de reagir, o cano da arma de Ward já despontava em seu abdômen. Como um soco no estomago, a bala o tocou. Ele apenas teve tempo de olhar em seus olhos, como um garoto olha outro maior que vai espancá-lo. Dois tiros atravessaram seu corpo em lugares diferentes, como saíssem do inferno em direção ao céu, orvalhando sangue no ar à sua volta. Ele caiu.

John nem teve tempo de culpar-se, mesmo que desejasse, não teria conseguido fazer nada. Tudo foi tão rápido que ele apenas viu o olhar facínora de Ward fitando-o de longe, vitorioso, enquanto seu chefe caía entre eles dois, desfalecido.

A uma certa distância, Reese estava lutava contra a multidão para alcançar seus parceiros desde que a balburdia se iniciou. Mordia o cigarro na boca enquanto empurrava ferozmente quem se punha em seu caminho. O fumo lhe caiu dos lábios quando viu a aproximação de Ward e o perigo que Mason Fontane corria. Não é possível! Jogou-se para frente o máximo que conseguia e puxou a arma para tentar o tiro, após ver John abandona-lo e Mason deparar-se com Ward, frente a frente. Mas era tarde. Pôde ouvir os dois disparos e assistir a queda de seu chefe, de joelhos, naquele chão de asfalto. Porém, antes que fizesse tinir o brilho de sua colt prateada por cima da turba, um atirador de elite no alto de um prédio, vendo o que estava acontecendo, disparou um tiro certeiro, bem na cabeça de Ward. O assassino caía, morto, sobre o corpo de sua própria vítima. O velho cão de guarda viu os outros do grupo russo desaparecerem dali rapidamente, após testemunharem a morte de seu tão breve líder. Guardou a arma debaixo do paletó, antes que se tornasse o próximo alvo dos vigilantes.

John tentava decidir o que fazer, um misto de pensamentos e sentimentos embaralhava sua cabeça, mas somente um nome ecoava repetidamente: Cathelin. Após os primeiros passos, errantes no mar de pessoas que o empurravam, já se via correndo habilmente por cada brecha que se abria, rumo ao lugar onde encontraria sua amada. Recebeu alguns pisões, tapas e esbarrões dos demais que também buscavam fuga, a dor de cabeça crescia e o coração palpitava forte, numa inundação de adrenalina dentro de si. Como ela se veria diante daquilo tudo? Onde ela estaria?

Sob o olhar de Reese, o jovem traidor abandonava o chefe à beira da morte.

Pesadelo

Richard se viu numa situação ímpar, um incógnito solitário conseguia tirar tudo do controle e fazer todo aquele sistema milionário de segurança falhar em frente ao povo, numa transmissão de alcance mundial e em tempo real.

Cada passo que dava para trás se tornava mais difícil, suas pálpebras pesavam e ouvidos zuniam dolorosamente, seu corpo tremia e o barulho alto que se misturava à sinfonia o deixava cada vez mais tonto. Quando seus pés tropegavam a ponto de perder o equilíbrio, um agente especial chegou até ele e o segurou, puxando-o em direção à saída dos bastidores. Outros seguranças os auxiliavam.

-Está bem, senhor?

-Sim, creio que estou.

-Vamos leva-lo daqui...

-Vamos! Vamos logo!

Correram até a descida do palco o mais rápido que conseguiam, em direção à limusine presidencial. A fuga seria bem-sucedida, se não fosse algo ainda mais inesperado. Alguns seguranças que o guardavam começaram a perder o equilíbrio, da mesma forma que Richard. Tremiam e pareciam sentir fortes dores de cabeça, desesperando-se de aflição. Parte deles gemia e murmurava e outros perguntavam-se: o que está havendo?

O ressoar do barulho não terminava.

Peter Morrison, que comandava os homens, também sentia-se mal. O cérebro parecia ter-se tornado maior que a caixa craniana e ele respirava o odor metálico do sangue que escorria pelas narinas. Tentou ordenar que desligassem os aparatos de som, mas quando viu de longe, percebeu que os operadores estavam desmaiados, provavelmente sob efeito daquele ruído maldito. Ordenou que um dos homens fosse ao local e tentasse desativar tudo.

De repente, um dos agentes caiu ao chão, e outro, e mais um! Todos eram, aos poucos, tomados por um efeito estranho, assim como as demais pessoas da multidão, espalhadas pelos arredores e principalmente do outro lado do palco. Ele mesmo titubeou, buscando equilibrar-se em um corrimão, enquanto pensava em quais decisões seriam mais seguras quanto ao presidente.

Richard tentava se reestabelecer, mantendo-se de pé. Seus tímpanos já demonstravam não mais resistir ao som alto que se propagava pelo ataque do terrorista, e sentia seus músculos sofrendo espasmos que nunca haviam sofrido. Não tinha controle perfeito do corpo, como se o cérebro não fosse capaz de dar as ordens corretas a si mesmo.

Enquanto ele ainda tentava entender a situação, foi surpreendido por um dos seu próprios seguranças. O homem pulou em sua direção, jogando-se por cima dele e derrubando-o no chão. Tentava enforca-lo, e ele mal podia se defender, posto que o adversário era mais forte e muito bem treinado. Porém, antes que o último resquício de ar pudesse fugir de seus pulmões, o presidente viu uma bala traspasar a cabeça de seu algoz, seu sangue espargir sobre si, e o homem cair para o lado, morto. Peter Morrison havia disparado.

-Levante-se, senhor. – disse Peter, puxando-o pelo braço. – Não podemos ficar aqui nem mais um segundo!

-Está sangrando, Sr. Morrison!

Peter secou as narinas.

-Vamos em frente, não outro caminho no momento!

Richard mal se punha de pé com a ajuda de Peter Morrison, quando um outro dos agentes de segurança, tão surpreendentemente, sacou sua arma e, tremendo, apontou para ele. Não demorou para que fosse também morto pelas balas de Peter e os outros agentes que ainda mantinham sua consciência.

-O que é isso, Morrison? – Indagava Richard, desesperado.

-Eu não faço ideia, senhor, nunca vi algo assim antes. – respondeu, puxando-o em direção à limusine presidencial. O extenso carro blindado era a melhor opção para eles, os protegeria de ataques e permitia a fuga imediata do lugar.

Deram os primeiros passos em direção ao veículo, ansiosos por alcança-lo, mas só então puderam ver o que os cercava e se deram conta da realidade em que estavam. Pessoas vinham de todos os lados em sua direção, algumas corriam como bestas, de forma animal e violenta, com aparente ausência de sanidade. Outras caíam desmaiadas e eram pisoteadas pela turba e ainda havia aquelas que pareciam simplesmente vaguear sem direção. As poucas que se mostravam sãs tentavam de algum jeito fugir ou ajudar seus próximos a recobrar a consciência, desesperadas e sem compreender o que lhes ocorria.

Peter vasculhou, sagaz que era, todos os cantos e procurou pelas opções mais favoráveis de proteção.

-Rápido! - disse ele. – Para a Biblioteca!

O pequeno grupo de agentes que protegia Richard pôs-se em direção à Biblioteca, correndo

pelos cantos da enorme estrutura que fora montada para o evento. A limusine já se havia perdido em meio à massa de pessoas enlouquecidas. Algumas alcançavam os agentes que tardavam, saltavam sobre eles agarravam-se em suas costas, tentando derrubá-los e ultrapassá-los, buscando o presidente Richard. Alguns dos agentes foram derrubados e engolidos pela turba, pisoteados violentamente. Os agentes que percebiam a chegada do loucos sacaram suas armas e, mesmo enquanto corriam na escolta do presidente, disparavam contra quem quer que se aproximasse, para não sofrer o mesmo destino de seus amigos que caíram.

A situação era insana, Peter e os homens já não hesitavam em matar qualquer civil que aparecesse em seu caminho. Após tantos fatos inexplicáveis, haviam percebido que era inevitável.

O prédio da Biblioteca estava a poucos metros, mas parecia de certa forma inalcançável, principalmente porque todos estavam sofrendo cada vez mais os efeitos do misterioso ataque sonoro. Peter começava a duvidar de sua própria sanidade e temia se realmente conseguiria tirar o presidente em segurança dali.

Reese correu em direção a Mason, nadando contra a correnteza humana que o pressionava. As pessoas que passavam desesperadas o impediam de seguir mais rápido, ele empurrava e até derrubava algumas, apenas para chegar logo e prestar socorro ao seu chefe. Alguém que corria de modo enlouquecido acertou-lhe um duro golpe na costela, tirando-lhe o fôlego. Outro passou aos gritos, como um animal, arranhando seu pescoço a unhas, enquanto içava-se para frente, em direção ao palco do evento.

-Mas que loucura é essa?! – indagou a si mesmo, enquanto afagava a ferida no pescoço, vendo o louco seguir caminho à frente.

Finalmente atravessou o imenso mar de pessoas ensandecidas. Com dificuldade, pois o peso da idade já começava a ser tornar um obstáculo, tirou o corpo de Ward de cima de seu amigo e verificou sua pulsação. Ele parecia não respirar, mas ainda tinha pulso.

-Seu veado que não morre! - Exclamou feliz, ao ver que Mason ainda tinha vida.

Os ferimentos sangravam muito, não adiantaria fazer nada à moda antiga, como deita-lo numa cama e tratar ele mesmo dos ferimentos. Sem um urgente auxílio médico ele não conseguiria socorrer Mason. Olhou à sua volta e procurou uma ambulância que pudesse atender ao moribundo. Viu as luzes piscarem num ponto não muito distante da Quinta Avenida e decidiu que era lá. Levantou Mason sobre seus ombros e pôs-se a esgueirar em direção a ela. Tem que dar tempo, tem que dar!

As pessoas que corriam esbarravam nele, quase impedindo seu avanço salvífico. O grande esforço que fazia aumentava ainda mais a dor de cabeça gerada pelo forte barulho, a ponto de Michael Reese tropeçar algumas vezes sobre os próprios pés, pois algo estava mexendo com

seu senso de espaço e uma tonteira estranha parecia ir e vir. O coração estava a mil e o velho chegou a pensar em infarto. Que hora ruim seria aquela! O vermelho que escorria de suas narinas desaparecia ao pingar em suas mãos, já lavadas pelo sangue de seu companheiro. Lembrou-se dos dias da guerra. Em meio à tonteira, podia ouvir os sons dos morteiros e os gritos à sua volta tornavam-se tão desesperançosos quanto as lamúrias dos vietnamitas naqueles dias. As pessoas que ainda corriam à sua volta pareciam-se muito com os altos matagais que atravessara décadas atrás, e uma mina explodiu sob si. Tudo ficou negro.

Quando abriu os olhos, percebeu o asfalto que esquentava seu rosto. Ele ainda estava ali, na Quinta Avenida, com Mason caído ao seu lado, desmaiado. Seu senso de emergência injetou-lhe adrenalina no sangue e, num salto, pulou de pé e puxou o amigo novamente para o ombro. Viu algumas poucas pessoas correrem ou vagarem sem direção à sua frente, e muitas chorarem ou tentarem auxiliar as mais próximas, aflitas. Curioso, olhou para trás e viu que a turba se encontrava próxima ao palco, ainda muitos, subindo no tablado como animais que tentam fugir de um curral, atropelando a si mesmas, numa cena inexplicável sob qualquer teoria existente. Seu objetivo era salvar Mason, lembrou-se, puxando-o como um ferido de guerra.

No fim, mesmo com tantos obstáculos, alcançou os poucos paramédicos que resistiam à insanidade em nome da missão e, mesmo sob as mesmas circunstâncias que todos, insistiam em atender aos feridos. Muitos eram atendidos ao redor das unidades médicas, assentados no chão ou sobre o que quer que fosse possível sentarem-se. Os piores estavam nas macas.

Puseram o corpo de Mason sobre uma maca e iniciaram o procedimento com heroica presteza. A situação era tão emergencial que pouco lhe perguntaram antes de atendê-lo.

Reese apenas puxou outro cigarro e tentava encontrar um isqueiro no paletó lavado de sangue, enquanto observava a ação dos médicos. Por que sempre o isqueiro? Indignava-se. Um dos homens de Mason apareceu.

-O que foi tudo isso que aconteceu? – perguntou o capanga. - Perdi vocês de vista e estive procurando até agora!

-Apenas tudo o que não podia. – respondeu.

-Esse é o Mason? – indagou o capanga, vendo o moribundo sobre a maca, na ambulância.

-Eu estaria aqui se fosse outro? – zombou Reese.

-N-não, não é isso, apenas quero entender o que houve...

-Olha rapaz, fique aqui e acompanhe ele até o hospital. – disse Reese, finalmente encontrando o isqueiro num de seus bolsos. – Certifique-se de que ele seja atendido e esteja protegido, não quero quebrar a promessa que fiz a Elias.

-E o senhor vai fazer o quê?

-Este SENHOR aqui lhe dá uns bons chutes nesse traseiro magro, seu moleque! Estou indo, tenho uma questão importante para resolver antes que termine o dia...

Reese tirou o paletó, olhou seu estado decrépito, sujo de asfalto e coberto de sangue que já começava a ressecar, e o largou ali mesmo.

Droga, não planejava comprar outro agora...

Virou-se e saiu andando no meio da multidão, dizendo para o confuso capanga:

-É melhor não sumir de novo... melhor...

Enquanto isso, hackers investigavam a origem do sinal que havia tomado o controle do sistema, a busca corria afoita até que um deles disse ao oficial responsável:

-Senhor, acho que consegui encontrar a origem do sinal, mas não faz sentido!

-De onde vem esse maldito ruído? – gritou o oficial.

-Encontrei conexões em mais de vinte países diferentes, que davam em outras e outras, numa rede enorme de ligações, mas a fonte está aqui mesmo, a poucos metros de nós.

-Você está falando sério?

Poucos segundos depois uma enorme equipe avançava adentro um prédio comercial na esquina da Quinta com a Quadragésima Segunda. Os agentes faziam uma varredura em cada andar e cada sala à procura de um suspeito. Poucos homens e mulheres trabalhavam no local e alguns deles, que foram alcançados pelo som alto, já sofriam os distúrbios do estranho ataque.

Subindo andar por andar, finalmente chegaram a uma sala de servidores, onde havia um laptop no chão, próximo a uma janela que tinha vista para o evento. Do computador saíam dois cabos, um seguia até um servidor local e outro até o lado de fora da janela, onde os agentes encontraram uma câmera fotográfica profissional DSLR, que focava exatamente no palco onde Richard estivera, através de uma enorme lente muito bem posicionada. Um dos agentes avisou ao oficial de segurança:

-Senhor, encontramos o equipamento. O suspeito não estava aqui, era só mais uma ponte.

-Desgraçado! – gritava o oficial ensandecido.

Todos os pacotes de roteamento que passavam por vários pontos do mundo remetiam àquela localização, mas tudo era apenas um obstáculo para chegar ao invasor, que controlava aquela máquina remotamente, e não sua localização real. Um dos homens que encontrou o equipamento verificou que o terrível ruído era executado naquele laptop e conseguiu pará-lo,

enquanto outros desconectavam todos os cabos que podiam apressadamente. A música infernal cessou.

Parte do mistério fora resolvida, mas suspeito não estava nem perto de ser encontrado.

John corria bem, mesmo em meio àquela turba, era leve e desviava-se das pessoas com facilidade, embora a dor de cabeça forte e o zunido no ouvido atrapalhassem bastante. Apressado, atravessou o aglomerado de loucos e chegou ao outro lado da avenida, pulou as cercas de contenção que demarcavam a divisão de território entre o evento e a Biblioteca e avançou em sua empreitada de salvamento. Alguns agentes federais estavam de guarda próximos à escadaria de entrada do prédio, mas com todo o tumulto, mal perceberam John se esgueirando pelos cantos até uma das portas.

Das três portas frontais, apenas a do meio estava entreaberta, as outras duas foram trancadas antes do início do evento, quando a Biblioteca fechou. Ele correu e entrou em segurança. Atravessou o vestíbulo e seguiu pelo hall principal até os corredores que levavam à sala de Cathelin.

-Cat! – gritava repetidamente, à procura de sua esposa.

Havia algumas pessoas lá dentro, funcionários da biblioteca e outras que tentavam refugiar-se do acontecido. Ele apenas olhava de longe cada uma delas, procurando por Cathelin, mas ela não estava ali. Deve estar ainda na sala dela...

Correu até lá, nervoso, chamando-a aos berros. Ao chegar, encontrou somente a sala vazia, mas as coisas dela ainda estavam lá. Cat! Seu coração desesperou-se ainda mais por ver seus pertences e não encontra-la, mas antes que virasse as costas para correr desvairado em sua busca, foi contido por um fraco chamado:

-John? – vinha uma voz fina e fraca vinda de trás da enorme mesa rústica levantou uma lamúria.

-Cat! Sou eu! – disse ele, indo encontrá-la.

Ao aproximar-se, encontrou-a abaixada por detrás da mesa, escondendo-se do desconhecido. Chorava de nervosismo e tremia fortemente.

-Está tudo bem agora. – disse ele, tentando reconfortá-la.

Viu que suas pupilas estavam dilatadas, mesmo no ambiente claro que se encontravam. Ela parecia olhar sem exatidão para ele, buscando-o em várias direções.

Que coisa maldita esse barulho! Pensou ele.

-John, está tudo estranho, estou me sentindo muito mal... a Lilian, ela perdeu a consciência e começou a fazer coisas sem sentido e a Angie... Angie desmaiou e...

-Calma, calma. Vamos para casa logo, as coisas estão bem ruins lá fora.

Ele a levantou e pôs sentada por um instante, para se recuperar. Catou suas coisas espalhadas e guardou-as na bolsa, que estava caída no chão.

-Vamos, amor. Vamos pra casa.

O som infernal havia parado, mas eles não sabiam o que encontrariam à frente. Cada pessoa parecia reagir de uma forma diferente àquilo. Com extrema cautela, seguiram de volta pelo corredor, rumo à saída. O que mais desejavam era conseguir fugir daquele inferno...

A comitiva de agentes seguiu até as escadas da Biblioteca, sentiam-se caçados por uma manada de bestas insanas. Richard ficava no meio com Peter, os outros homens permaneciam à volta deles, protegendo-os. Os agentes que faziam guarda na enorme escadaria, ao verem que o presidente se aproximava, uniram-se ao grupo, que logo alcançou a porta do prédio. Todos entraram rapidamente e a fecharam, trancando-a para que ninguém pudesse invadir.

Lá dentro podiam ouvir o som das pessoas batendo à porta, ensandecidas, tentando provavelmente capturar o presidente por algum motivo que eles não entendiam.

Peter e Richard sentiram o alívio de terem chegado ali, mas a situação ainda não estava sob controle, pois dentro da biblioteca havia muitas pessoas. Os agentes eram obrigados a continuar mantendo a guarda, com suas armas em punhos e observando todos que ali se encontravam. Ainda no vestíbulo, passaram por algumas pessoas caídas ao chão, que se sentiam mal, e também pelas outras que apenas refugiavam-se, e alguns bibliotecários que não haviam se encorajado a sair. Seguiram até o saguão, onde havia outras pessoas.

O grupo sentia-se mais tranquilo, vendo que nada de inexplicável encontraram ali. O prédio parecia naquele momento ser como um castelo que os protegia dos monstros que lá fora se encontravam. Baixando a guarda, alguns já se viam capazes de respirar e retomar o fôlego com calma.

No segundo saguão, porém, encontraram mais algumas pessoas, com olhares inusitados, incomuns a pessoas normais. Dentre elas, uma mulher, ao ver a chegada de Richard, começou a agir de forma estranha. Não se mostrava capaz de falar, gemendo e grunhindo assustadoramente. Contorcia-se como se sofresse um ataque de nervos e pôs-se de pé, com o olhar fixo no presidente. Os agentes retomaram suas armas e voltaram suas miras todas para ela, atentos ao que pudesse ocorrer.

-Sente-se novamente. – disse um deles, em bom som.

A mulher grunhiu algo ininteligível e deu um passo à frente.

-Sente-se, ou vou ter de atirar! – gritou o agente.

Ela olhou rapidamente para ele, mas tornou a encarar Richard, parecendo não dar importância, ou mesmo não compreender o que ele dizia. As outras pessoas atrás dela, que ainda mantinham a consciência, começavam a desesperar-se sem nada entender. A mulher parou de gemer, respirou fundo por um momento e, de súbito, soltou um forte grito e saltou em direção a Richard, como num ataque felino. Sem dó, os homens abateram-na, para grande espanto das outras pessoas, que gritavam e choravam de medo.

-Vocês estão vendo, homens, - disse Peter Morrison, olhando para os agentes e depois para as pessoas. – ainda não sabemos o que quer dizer isto, mas a segurança do presidente é fundamental. Não hesitem matar se for necessário, mesmo que seja um de nós.

Todos gesticulavam ter entendido as ordens.

Não seguiram à frente, por não saber o que encontrariam. Ainda no saguão, Peter, organizou suas ações:

-Temos que encontrar um meio de retirar o presidente daqui, - dizia a todos. – veículos terrestres podem colocar sua segurança em risco no momento da exfiltração, devido à exposição e proximidade das pessoas lá fora. Trazer reforços para escolta-lo seria também arriscado e demorado demais, não sabemos o que poderia acontecer aos agentes que viessem, ainda não conhecemos o inimigo e muito menos sabemos o que ele é capaz de fazer. Creio que o meio mais seguro de fazer a exfiltração seja pelo ar. Vamos contatar a central e solicitar um helicóptero. O prédio deve ter espaço suficiente para isso no telhado.

Peter olhou para alguns dos agentes que ali estavam, num total de sete homens, acenou para três deles e disse:

-Vocês três, quero que façam o reconhecimento do local e nos atualizem sobre a situação, para levarmos o presidente em segurança até os andares superiores.

Ordens recebidas, os homens saíram a frente para averiguar a situação do prédio, cada um seguiu um caminho. Peter, Richard e os restantes permaneceram ali, aguardando notícias.

Richard sentia-se sobremaneira indisposto. O efeito dos analgésicos e demais remédios que havia tomado parecia passar e seu corpo se punha muito dolorido, as mãos tremiam e alguns músculos de seu corpo não correspondiam muito bem ao que ele desejava. Os ouvidos apitavam e sentia uma forte pressão na cabeça, que, sabia ele, eram efeitos daquele barulho infernal que soou na avenida. Que tipo de ataque era aquele?

-Senhores, creio que todos estão sofrendo algum efeito do disparo sonoro, estou correto? – perguntou Richard a todos.

-Sim, senhor presidente, - respondeu Peter, sob a confirmação dos demais homens. – todos fomos afetados de alguma forma. Eu mesmo sinto alguns efeitos negativos, como dor de cabeça e ainda recupero-me da falta de equilíbrio. Me parece, porém, que grande parte das pessoas sofreu efeitos psíquicos. A grande massa reagiu de forma diferente de nós, vide as que estão lá fora.

-Também observei isto, uma perda de consciência. Elas foram totalmente afetadas, pareciam ter recebido uma lavagem cerebral, sofrendo uma animalização...

-Isto me preocupa, não conhecemos esse tipo de ciência ou tecnologia, seja o que for...

-Inicie uma investigação, Sr. Morrison, deve haver algum registro desse tipo de pesquisa em nossos anais.

Nesse momento, Peter Morrison recebeu um chamado pelo rádio, era Glenn que o contatava.

-Aqui é Peter Morrison.

-Agente Glenn Marshall, senhor.

-Nos encontramos em uma situação hostil, agente Marshall, estamos sob um ataque terrorista altamente tecnológico e o presidente Richard encontra-se com sua segurança em risco, então presumo que seu contato traga algo importante para nós.

-Certamente. Estou ligando, pois tenho uma possível teoria sobre o caso.

Capítulo 31

A Chave

Glenn via-se alucinado com tantas questões que sobrevoavam sua cabeça. O que significavam todos esses fatos? Que conspiração seria essa? Seria contra o presidente? Ou seria o próprio governo o corruptor? Nem mesmo todo o cansaço físico e mental em que se encontrava conseguiria fazê-lo parar de trabalhar como uma máquina.

Em seu celular, tentou descobrir o número que enviara a mensagem, mas não havia nenhum dado ou número telefônico. Lembrou-se do e-mail que recebera antes. Provavelmente seria da mesma pessoa! Isso porque as informações que recebera pareciam estar interligadas. Tentou rastrear o IP do e-mail recebido pelo informante desconhecido, mas a informação parecia ter sido implantada em sua caixa de entrada, e não enviada por um sistema, o homem era um mestre.

Enquanto tentava inutilmente investigar a origem das mensagens que recebera, iniciou-se a transmissão ao vivo do evento em que o presidente estaria, assim como o Sr. Morrison, em sua guarda. O grande pronunciamento sobre os ataques terroristas e o importante debate que o povo tanto aguardava. Discursos e distrações..., pensou. O Bureau estava intensamente movimentado, mas no momento do evento todos estariam acompanhando, na medida do possível, os acontecimentos. E assim foi.

Com uma televisão à vista sintonizada na CNN, Glenn trabalhava em suas pesquisas e assistia ao evento de relance. Os políticos já conversavam alguns assuntos relevantes e a chegada do presidente era anunciada pelo anfitrião.

Bob, que também assistia, puxou assunto:

-Você sabe sobre esse notebook que eles falaram?

-Não entendi, - respondeu Glenn, cauteloso. – o que você quer saber?

-É que não recebemos quaisquer informações sobre a operação realizada na casa do garoto e menos ainda do que havia no notebook do muçulmano.

-Esse Bureau já não tem o mínimo da organização de anos atrás. – disfarçou.

-Isso é estranho...

Glenn não desejava conversar sobre o assunto, mas a pergunta de Bob foi bem-vinda, pois já permitia riscá-lo da lista de pessoas que poderiam estar envolvidas; se ele fizesse parte de

alguma trama, não estaria indagando essas coisas...

-É, isso é bem estranho... – respondeu Glenn.

-Nós estamos investigando exatamente isto e nenhuma informação chegou até nós, já se foi o tempo que o Bureau era organizado... Pensei que você pudesse ter visto algo em Washington. – continuou seu amigo.

-Não, eu estive auxiliando em coisas um pouco mais... internas, diria.

-Entendo... – Bob franzia a testa, com as sobrancelhas erguidas, numa expressão de aversão à sua resposta resumida.

Finda a conversa dos dois, ambos voltaram suas atenções ao evento que acontecia. A forte ovação era ouvida bem alto na televisão quando Richard apareceu. Gruas voavam por cima da multidão carismática que aplaudia ao presidente e mostravam um ponto de vista espetacular do evento político mais assistido do mundo. Era impossível contar ou estimar quantas pessoas estariam ali naquele momento.

Um cenário perfeito para um ataque terrorista... Qual será o próximo passo daquele safado? Glenn perguntava-se sobre o homem que assombrava a Casa Branca com suas invasões.

A chegada de Richard e seu discurso de apresentação fez todos no Bureau pausarem suas tarefas e assistirem reverentes. Ao término de suas palavras, o ousado presidente caminhou ao seu assento e as câmeras focavam agora a multidão que aplaudia.

-Esse cara fala bem demais... Sei lá, não confio em pessoas que falam bem assim... – murmurava Bob, mexendo em arquivos da investigação.

Foi nesse momento que as coisas mudaram, a paz que parecia perene naquele evento foi interrompida por um forte fragor que atrapalhou a transmissão.

-Ih! Plena era digital e ainda acontece isso?! – brincou Anna, que adentrava a sala.

Alguém ameaçou diminuir o volume da televisão, mas Glenn, atento, pediu que não o fizesse, o ruído não era da transmissão, mas acontecia no local.

-Esperem! – disse ele, afoito.

-O que foi? – indagou Bob. – Quando melhorar a gente aumenta de novo.

-Esse barulho não é da transmissão, é de lá!

-E o que isso quer dizer?

Glenn não queria mostrar que sabia de algo, precisava manter total segredo de sua importante

missão.

-Não sei, mas quero ouvir bem o que está acontecendo...

-Acho que você precisa é dormir... – resmungou Bob, irritado em ter que manter o volume.

O ruído se desfez em um silêncio que tomava até a multidão outrora festiva. Uma voz diferente se fez ouvir naquele show de surpresas. Era ele, sim, o mesmo homem que tanto levou terror a Richard e seus agentes, começou a falar. Todos na sala se assustaram, não compreendiam os fatos, porém Glenn, mais do que eles, se apavorou ao reconhecer a voz, sabia exatamente o que significaria aquilo.

O diálogo se estendia entre Richard e seu algoz e todos os que ouviam e viam perturbavam-se tentando decifrar a situação. Glenn voltou-se para o canto da sala e tentou chamar Peter pelo comunicador, cheio de perguntas, mas ele não respondia, devia estar resolvendo grandes problemas no momento, presumiu.

Na tela era possível ver Richard tentando se retirar, mas a voz o inquiriu para continuar a conversa, constrangendo-o a permanecer no local. Começaram a falar, mas de repente a transmissão foi interrompida, o que fez crescer o temor no jovem agente, pois não sabia o que acontecera para causar aquela interrupção.

Que merda! Responda Peter, responda!

Quando se deu conta, todos na sala olhavam-no, surpresos e inquisidores a respeito daquele comunicador e de seu contato tão próximo ao Inspetor Geral.

Com o insucesso das tentativas de entrar em contato com seu superior, correu para o computador e escarafunchou suas anotações desesperadamente, na tentativa de decifrar os métodos do homem e prever o que poderia suceder aquilo tudo. Foi então que Bob lhe avisou:

-Olhe! Glenn! O sinal voltou!

Quando olhou, viu que a transmissão fora reestabelecida, mas havia algo de errado nela. A imagem que não era a mesma, parecia ser uma transmissão amadora, do alto de um prédio, mais exatamente de uma sacada, que focava no palco e mostrava Richard em estado de choque no púlpito, a ouvir o estranho discurso de seu adversário.

-Olha, não estou entendendo nada... – resmungava Anna, aflita.

-Isso não está certo! – dizia Bob, já percebendo algo estranho no ar. – Vou ligar pra alguém da equipe que esteja lá!

Quando o som se estabeleceu novamente, a conversa já instava em outra altura, o indivíduo desconhecido dizia: Eu sou o povo, Sr. Presidente, e o povo não está mais com você!

Dito isto, o ruído voltou a soar em alto volume e, mesmo com a má qualidade da transmissão, era possível ouvir tudo o que se passava lá. Segundos de aflição depois, Glenn notou que alguns na sala demonstravam-se incomodados em demasia. Uns começaram a reclamar de dor repentina de cabeça, outros sentiam tontura. Ele mesmo precisou apoiar-se em sua mesa, pois sua visão distorcia tudo a sua frente como ondas no mar e suas pernas estavam enfraquecidas, quase não permitindo-lhe ficar de pé. Seu cérebro parecia implodir de dor e ele sentiu uma leve gota de sangue escorrer pelo seu nariz, dado que seu tato estava em pleno êxtase naquele momento. Seu cérebro parecia descontrolar o corpo.

A situação o deixava enlouquecido. Não conseguia parar de pensar em Jane Johnston, a mulher que implantou as escutas na Casa Branca, aquilo de alguma forma tinha a ver com ela...

Na transmissão, era possível ver a multidão tornando-se uma massa enfurecida, uma turba de insanos. Pessoas tentavam subir no palco como animais e Richard era amparado por seguranças, após perder o equilíbrio enquanto caminhava para trás. Enquanto tentava pensar em algo, Glenn distraiu-se quando Anna perdeu o equilíbrio e caiu, sofrendo um princípio de desmaio. Ele e Bob, com auxílio dos outros que ali estavam, ajudaram-na a levantar e sentar-se, porém, enquanto faziam isso, se mostravam trêmulos, numa clara reação em conjunto a algum estranho estímulo momentâneo.

Isso tem a ver com o som... Especulava Glenn, astuto, em pensamento. Lembrava-se de Jane Johnston... ela gritava “retirar, retirar de lá...” o tempo todo quando teve aquele surto repentino na sala de interrogatório...

Sua mente finalmente produzia algum sentido naquilo tudo. Será que ela havia recebido ordens de um mandante ou fora induzida a fazer aquilo de forma artificial?

Aquele forte ruído que era transmitido na Quinta Avenida tinha um propósito, não era somente para causar tumulto, pensava ele. A reação que eles mesmos estavam experimentando naquela distante sala do Bureau, somente por ouvir pela TV, já mostrava o poder que o homem possuía com a técnica desconhecida.

Existe alguma influência desse som em nossas mentes... alguma espécie de chave mental que responde a todo esse barulho...

Nesse momento, pelo que se via na televisão através da única câmera que gravava o acontecido, a confusão se instaurou no evento. Os políticos fugiram e as pessoas sofriam de uma loucura incipiente.

Glenn recorreu ao seu notebook, enquanto os demais cuidavam da Anna. Acessou uma ferramenta de pesquisas na internet e começou a procurar por artigos sobre som e música, sobre suas influências na mente humana. Era difícil encontrar o que realmente desejava, não havia nada que fosse palpável sobre o assunto. Encontrou diversos trabalhos sobre cura através da música, neurônios espelho, tratamentos fisioterápicos e outros, mas nada que pudesse claramente explicar a possibilidade investigada. No entanto, algumas das teorias

encontradas em blogs de interessados no assunto diziam que sim, havia a possibilidade de o som influenciar grandemente o desenvolvimento mental, até mesmo o estado psicológico de alguém. Embora não passassem de meras especulações, sua intuição o inquiria a contar com essa teoria.

Voltou a insistir no rádio, chamando Peter. Ele tinha de responder, tinha de ouvir o que Glenn tinha a dizer. Após algumas tentativas, finalmente obteve resultado:

-Aqui é Peter Morrison.

-Agente Glenn Marshall, senhor.

- Nos encontramos em uma situação hostil, agente Marshall, estamos sob um ataque terrorista altamente tecnológico e o presidente Richard encontra-se com sua segurança em risco, então presumo que seu contato traga algo importante para nós.

-Certamente. Estou ligando, pois tenho uma possível teoria sobre o caso.

-Então fale, agente Marshall, temos poucos minutos aqui.

-Pude acompanhar os últimos minutos do que aconteceu aí na Quinta Avenida. Unindo os fatos, tenho a impressão de que nossa investigação sobre as escutas está diretamente ligada a esse caso.

-Fale algo relevante, Sr. Marshall, ou serei obrigado a desligar...

-A funcionária que implantou as escutas na sala da reunião de cúpula demonstrou uma reação repentina quando usei um termo... queria lembrar... um termo em especial...

-Prossiga.

-O fato é que eu creio que o método usado pelo nosso terrorista nesse momento é o mesmo que foi empregado para com ela. Quando disse a palavra a ela, percebi uma ativação instantânea de reações em seu subconsciente, algo parecido com o que o senhor presenciou neste momento.

-O que você quer dizer com isso?

-Quero dizer que ele usou uma espécie de comando mental, uma chave, algo para controlar as reações das pessoas, tanto quanto para dar ordens à senhorita Johnston dias antes.

Peter não teve bom aceite da ideia louca de Glenn, algo daquela amplitude seria impossível.

-Isso não faz sentido! Não há nenhuma tecnologia no mundo que permita alguém realizar uma inserção mental tão precisa assim!

-Creio que seja verdade, - retrucou Glenn. – mas não há teoria alguma que ofereça melhor explicação para esse caso. E para fortalecer minha ideia, quero lembrar do agente Jenkins, que atacou o presidente coincidentemente após ouvir a última palavra do terrorista ao telefone! E se estivermos diante de um cientista de borda?

-Creio que estejamos longe disso, agente Marshall, o único experimento real nesse sentido que conheço foi o projeto Elisa, um experimento antigo que nunca obteve sucesso, nem ao menos esteve próximo disso...

Glenn rapidamente fez algumas anotações sobre o que Peter Morrison falara, tinha em mente a nova direção que seguiria. Respondeu ao seu chefe:

-Se não há outras alternativas, esta é a melhor que temos.

-Isso é perda de tempo, agente Marshall, há problemas mais urgentes para resolvermos. Eu quero você trabalhando exclusivamente para descobrir a identidade do terrorista, isso é uma ordem.

-Estou trabalhando nisso, senhor.

Peter desligou. Glenn não aceitou o que ele disse, não via caminho melhor para prosseguir a investigação do que esse, o único jeito seria fazer à moda antiga, era mais fácil pedir desculpas do que pedir permissão.

Me desculpe Sr. Morrison, mas o teu nome ainda está em minha lista...

Capítulo 32

Encontro

John mantinha sua Glock G17 em mãos e a outra na cintura, caso precisasse. Caminhava cuidadosamente pelo prédio, com passos silenciosos e mãos firmes à frente, preparadas para disparar contra quem quer que fosse, e Cathelin vinha logo após ele. Após tudo que vira lá fora, situações e reações inexplicáveis sob qualquer ponto de vista, era um mistério o que encontrariam quando saíssem. Tudo parecia ser um pesadelo que não estava perto de acabar...

Seguiram pelo corredor até um ponto onde o caminho dobrava à direita. A iluminação dentro do prédio era difusa, mesmo sob a luz mais forte da tarde, poucas luzes se encontravam acesas e não havia janelas no lugar, apenas portas das muitas salas daquela ala. John parou próximo à quina da parede, antes da virada, para averiguar se havia perigo, mas antes mesmo pudesse mirar, em meio ao contrastante silêncio sepulcral que agora dominava o espaço da biblioteca, ambos ouviram o som de uma porta abrindo, o estalo da fechadura seguido pelo som do movimento de suas dobradiças.

Sem hesitar, John encostou suas costas na parede, puxando Cathelin para a mesma posição, e aguardou, bem na virada, tentando ouvir os passos de quem quer que fosse. O leve som de tacos batendo sobre o piso revelava uma sola de sapato masculino, confirmado pelo ritmo enrijecido do caminhar. O suposto homem parecia andejar com cuidado, a passos estudados e cautelosos, incomuns a um civil qualquer. O marchar do estranho revelava a possível procura por algo, um estudo de território, próprio de militares e outros tipos de pessoas treinadas, levando o jovem a deduzir perigo. Os passos baixíssimos aproximavam-se, lentamente, da virada do corredor.

Quando John percebeu o encontro, não pensou duas vezes, arremeteu-se para cima do estranho que virava a esquina, com violência, jogando-o contra a outra parede. Um cano de metal assoviou próximo ao seu rosto durante o ímpeto, revelando que seu adversário também estava armado. Procurou desmantela-lo, mas não teve sucesso.

Ambos começaram a golpear-se, enfurecidos, com socos e cotoveladas, mas John levava vantagem, pressionando o homem contra a parede. O enfrentamento seguiu até que John o segurou pelo pescoço com uma das mãos, frente a frente, encostando o cano da arma em sua testa. O homem imprensava o cano de sua pistola entre as costelas de John.

Cathelin gemia de aflição, nada podia fazer, principalmente porque ainda sofria fortemente os efeitos estranhos do som, equilibrando-se na parede para manter-se de pé.

-Quem é você?! – perguntou John, nervoso. – Fale!

-Eu que te faço essa pergunta! – respondeu o homem, com rancor.

John percebeu que ele também trajava um terno e usava uma espécie de aparelho auditivo no ouvido, com um fio espiral que descia até o seu colarinho. Um perfil como tal, de alguém trajando terno negro, portando uma pistola e com aquele tipo de apetrecho só poderia ser traduzido como um agente federal, jamais seria um capanga como ele.

-Não importa onde a sua bala vai me furar, ainda terei tempo de apertar o gatilho contra tua cabeça! – disse John.

O homem, sem ter muitas opções, devido à sua posição desprivilegiada na situação, continuou a conversa:

-Agente especial Jerry Hines, FBI.

-John Moore, ... Moore, John Moore. – respondeu, atrapalhado, por não ter uma descrição aceitável a dar de si mesmo.

-Acho que podemos abaixar as armas... – sugeriu o agente Hines.

-Não, você vai abaixar a sua, apertar a trava e entrega-la a mim. Depois eu tiro a minha da tua testa.

-E o que garante que você não vai me matar depois disso? – o agente o desafiou.

-Bem, ainda não te matei, encare isso como uma garantia...

O homem resolveu ouvi-lo, travou a arma e a entregou a John, que guardou-a presa em seu cinto, junto da outra.

-Quantos estão com você? – perguntou John.

-Somente eu.

-Não brinque comigo, vocês nunca andam sozinhos...

-Você sabe bem as coisas... Há uma equipe comigo, acho que você não teria sucesso contra todos eles.

John respirou fundo, um tanto aborrecido com a defluência dos fatos. Quando as coisas não pareciam poder piorar, superaram qualquer negativa expectativa.

-Escute, - continuou John, irritado. – eu vim buscar minha esposa e só quero sair daqui com ela em segurança. O problema é que lá fora as coisas estão bem estranhas e ficar perdendo tempo aqui com você não vai adiantar muita coisa. Eu quero que me leve até a saída em segurança e me deixe ir, assim ninguém se fere.

O homem levou o olhar a Cathelin e perguntou:

-Você é realmente a esposa dele?

-Sim, sim! – respondeu ela, nervosa.

-Tudo bem, tudo bem... – respondeu o agente, desanimado. – Mas acho mais fácil guardar sua arma e irmos calmamente.

-Prefiro o jeito difícil, nesse momento é o que me dá mais garantias. – respondeu John.

Os três seguiram pelo prédio até retornar ao hall de entrada. O agente Jerry ia na frente, após ele vinha John, sempre segurando seu ombro e com a pistola apontada em suas costas e, por último, Cathelin os seguia.

-Por que você não faz do jeito dele??? – cochichava ela em seu ouvido, durante o percurso.

-Não confio nele.. – respondia John no mesmo tom de voz.

Ao chegar no saguão da recepção, onde estavam Richard, Peter e os demais, uma nova confusão se instaurou. Ao vê-los, os agentes logo perceberam que Jerry era refém de John e apontaram suas armas para eles, Peter protegia Richard.

-Largue a arma! – gritava um dos agentes.

-Não quero problemas, só estou com minha esposa aqui e quero sair desse lugar! – gritou John. – Só abram a porta e nos deixem sair!

-Ninguém vai abrir aquela porta! – gritou Peter Morrison, ciente do perigo que se encontrava no exterior do prédio.

Cathelin apareceu por detrás dele, para que os homens a vissem. Olhou bem o lugar, temerosa, e quando percebeu, muito se espantou ao ver Richard no centro do grupo. Aproximou-se de seu esposo e lhe falou ao pé do ouvido:

-Olhe amor, aquele é o presidente!

Só então John se deu conta de quem estava à sua frente. Sim, era ele...

Mas que merda! Como que isso foi acontecer? Agora que a gente morre mesmo... Reclamava consigo mesmo em pensamento.

-Não quero nenhum estranho armado aqui! – Peter Morrison já sinalizava para que os agentes o abatessem.

Os agentes continuaram gritando para que ele largasse sua arma. Com cuidado, John levantou a mão que segurava e soltou o ombro do agente Jerry. Logo veio um dos companheiros e

tomou sua pistola das mãos. Outro o revistava, assim como a Cathelin.

-Eu... só quero sair daqui! – disse John. – Apenas nos deixem ir!

-Você tem sorte de permanecer vivo! – respondeu um dos agentes, que o revistava. – As coisas não estão fáceis hoje...

-Algemem ele. – disse Peter, aproximando-se.

-Isso não é necessário, - retrucava John, tentando negociar com seu jeito maroto, mesmo com repreensões constantes de Cathelin. – basta abrir aquela porta ali e nós dois vamos embora.

-Ninguém vai abrir essas portas, eu já disse! – gritou Peter, aborrecido. – Muitos já morreram até chegarmos aqui, não vou permitir que o presidente corra esse risco!

Ao voltar sua atenção à porta, John percebeu que pessoas batiam e forçavam entrada, grunhindo sons animalescos e palavras sem sentido. Foi aí que ele percebeu a seriedade da situação. A biblioteca na verdade tornou-se um refúgio, um lugar seguro do mal que assombrava seu exterior. Nem mesmo o presidente estaria seguro lá fora. Observando melhor o local, ele viu também rastros de sangue no meio do saguão e, seguindo-os com o olhar, encontrou recostado num canto da parede o cadáver da mulher, morta a tiros pelos agentes, minutos antes de ele chegar ali.

-O que vai acontecer, Johnny? – perguntava Cathelin, novamente aos prantos.

-Não sei, Cat, não sei...

Os outros dois agentes que investigavam o perímetro avisavam pelos comunicadores, estava “tudo limpo”.

-Muito bem, - disse Peter. – vamos seguir adiante e procurar um caminho que leve ao telhado, é nossa melhor chance.

-Já solicitei extração aérea, senhor. – disse um dos agentes.

-Ótimo, seguiremos acima.

O grupo começou a deslocar-se. Levaram os dois como prisioneiros, temerosos que um deles pudesse abrir as portas e por todo o grupo em perigo. Cathelin seguia livre, mas John era mantido algemado, pois temiam que eles fossem algum tipo de ameaça.

Enquanto caminhavam pelos corredores, Cathelin prestava atenção nas conversas e tentava decifrar a situação, saber por que estavam no prédio e o que pretendiam fazer. Ouvia os agentes perguntarem-se por onde passariam para chegar ao telhado. Perguntou, bem baixinho, a John:

-Eles querem chegar ao telhado, eu posso ajuda-los.

-Não se meta com eles, Cat, - respondeu, azedo. – você não sabe o que podem fazer.

-Se ajudarmos, eles podem ver que não somos problema.

-Veja, Cat, estou algemado! Eles não vão confiar em nós!

Mesmo sob protestos de John, ela decidiu falar:

-Com licença. – disse atrapalhada. - Eu trabalho aqui, conheço o prédio.

Os homens olharam-na desconfiados. Peter respondeu:

-E por acaso deseja nos ajudar? Não vou deixar que uma estranha nos leve a um local de risco.

Richard, porém, argumentou:

-Senhor Morrison, esta mulher estava aqui, parece realmente ser funcionária do local, deixe-a nos ajudar. Afinal, não podemos perder tempo e correr riscos desnecessários. Penso que ir direto ao ponto seja melhor para nós.

-Então me diga por onde devemos ir. – Peter Morrison respondeu à jovem, contrariado.

-Permitam-me ir à frente, eu guio os senhores. – Cathelin se mostrava satisfeita.

Mesmo com certa relutância de Peter Morrison, sob o aval superior do presidente, eles assim permitiram. Cathelin seguia na frente, junto de dois agentes, e os demais os acompanhavam. Subiram até o outro andar e ela os mostrou o acesso ao telhado, faltava pouco para chegarem.

O grupo já alcançava a última escada e avançava os primeiros degraus, quando um dos agentes, mais precisamente o que vinha na retaguarda, cuidando de vigiar John, sacou sua arma. O jovem tratou de observa-lo com maior atenção. Percebeu que suor descia copiosamente pelo seu rosto e, trêmulo, demonstrava um olhar perdido e nervoso. John olhou para os demais que estavam à frente do caminho e viu que não se punham atentos. Agitou as algemas para chamar-lhes a atenção, mas não adiantou. Ofegante, o agente parecia crescer em seu nervosismo e balbuciava algumas palavras sem que lhe saísse voz. De repente, apontou a mira de sua arma para o companheiro ao lado e disparou, atravessando-lhe o peito. O homem caiu morto.

Após ouvir o disparo, todos olharam para ver do que se tratava e, quando perceberam, ele já estava disparando contra outro agente, que também caiu morto. Porém, antes que pudesse acertar mais alguém, John, que estava ao seu lado, saltou sobre ele, jogando-o contra a parede. As algemas lhe impediam de usar os braços plenamente, tudo o que poderia fazer ali era ganhar alguns segundos para que os outros agentes tivessem tempo de reagir. Acertou-lhe o

rosto com a testa, posto que suas armas agora eram a cabeça e as pernas, e tentava evitar-lhe a arma, para que não fosse também atingido. Vendo-o atordoado após receber o ataque, acertou-lhe um golpe baixo com o joelho, fazendo-o reagir à dor e cair sobre os joelhos.

O homem aparentava sofrer da mesma alucinação que as outras pessoas, mas não se comportava de forma bestial como elas. Ainda caído de joelhos, levantou a mira na direção de John, que se via sem fuga e temeu por sua vida. Quando o jovem já podia ver seu dedo apertando o gatilho, uma chuva de balas alvejou o agente alucinado, findando sua vida e agonia. Um segundo a mais e John teria sido o próximo.

-Não acredito! – gritava Richard. – Isso não vai acabar?!

-Senhor, - respondia Peter. – vamos manter o controle, para que não prejudique sua saída daqui.

-Como pode isso acontecer agora, tempo depois? Será que o efeito retardou em sua mente? – indagava Richard.

-É possível, senhor. É a explicação mais provável...

Os agentes revistaram os cadáveres e pegaram munição e armas, ou qualquer coisa importante que houvesse com eles. Três baixas deixaram o grupo ainda mais fraco. Enquanto um deles buscava algo no paletó de um companheiro morto, fitou John brevemente e falou grave: Obrigado.

-Tudo pela pátria, não é? – John respondeu, sarcasticamente, enquanto ajeitava as algemas nos pulsos.

Agora restavam apenas quatro dos agentes que acompanhavam o presidente. A situação se complicada cada vez mais, e eles compreenderam que ainda eram suscetíveis a perder o controle de si mesmos, devido ao distúrbio causado por aquele som. Embora numa intensidade menor, todos ainda sentiam algum tipo de efeito colateral daquele ruído maldito, fosse dor de cabeça, tonteira ou alucinações. A única opção, porém, era continuar seguindo em frente.

Chegaram ao telhado. No horizonte que se via por entre os enormes prédios nova-iorquinos, uma sombra vindoura mostrava que o helicóptero já se aproximava do local. Estudavam onde seria melhor para o pouso, pois havia muitos tubos de ventilação e exaustores que atrapalhariam o procedimento. Mesmo assim, Peter, Richard e os agentes animaram-se muito, por finalmente encerrarem aquele episódio terrível.

Enquanto preparavam-se, John resolveu se pronunciar:

-Hei! Acho que já podem tirar essas algemas!

Os homens o ignoravam explicitamente.

-Isso, ignorem, mas salvei vocês lá embaixo! – protestava com seu jeito canastrão, mas sem êxito em convencê-los.

Que problemático! Resmungava ele.

Cathelin apenas lhe fazia companhia, quieta, tentando absorver os acontecimentos que presenciara. Não havia visto toda a história, pois não estava no evento no momento em que o ataque aconteceu, apenas ouviu de sua sala o forte ruído produzido pelo ataque e as pessoas cedendo às alucinações e outros efeitos. Ver que até o presidente Richard naquele estado crítico a deixava absorta em temor e terror.

Um helicóptero militar aproximou-se do prédio. Após um breve momento de rodeios para tentar fazer o pouso, com habilidade o piloto posicionou a aeronave, no pequeno espaço disponível. Um homem de terno, alto e corpulento, com queixo largo e cabelos muito claros, acenava da porta, chamando-os para o embarque, com um dos pés no esquí.

-Venha, Sr. Presidente! – disse Peter Morrison, puxando-o para conduzi-lo até o veículo.

Ambos se direcionavam para a aeronave, com a escolta de dois agentes, passando por entre os muitos exaustores e tubos que desenhavam um caminho pelo telhado. Ao lado do homem que acenava, dois outros homens, fardados, acompanhavam tudo em posição de vigilância, com seus fuzis automáticos leves em mãos.

Peter seguiu à frente, trazendo Richard logo após ele, e os agentes os acompanhavam pelas laterais. Poucos metros antes de alcançarem o pássaro, ele pôde ouvir um estranho diálogo entre os soldados pelos seus comunicadores:

“É ele mesmo?”

“Reconhecimento positivo, senhor.”

“Permissão para executar.”

“Positivo.”

Peter Morrison segurou seus passos e fitou bem um dos soldados. Assim que olhou, viu um deles levantar a mira de seu rifle de assalto em direção a eles. Isso é uma armadilha! Rapidamente, empurrou Richard para o chão, jogando-o atrás de um dos enormes exaustores que havia ali. Deitou-se também, para proteger-se do que viria.

Uma rajada de metal fez ressoar como chuva o telhado. Os soldados começaram a disparar sobre tudo e todos que ali estavam. Dos dois homens que escoltavam o presidente, um foi pego por total surpresa, sendo atingido antes mesmo de reagir, e o outro ainda tentou esconder-se, mas não houve tempo. Os outros dois que estavam na retaguarda perceberam o que viria e conseguiram proteger-se.

John abraçou Cathelin, passando o braço sobre ela puxando-a para si, encostados atrás de um duto de ventilação.

-Que merda é essa?! – gritava apavorado.

As balas faziam um sonoro ato de destruição, os agentes mal conseguiam retribuir com suas pistolas, à ofensiva de “fogo amigo”. Algemado e desarmado, John não podia fazer nada, senão tentar proteger Cathelin das balas. Enquanto pensava num jeito de salvar sua esposa, ele foi surpreendido por um dos agentes que ainda viviam, que lhe jogou as chaves da algema, embora caída na linha de tiro dos militares. Com cuidado, esgueirou-se e esticou ambas as mãos até alcança-la e traze-la para si. Gritou para o agente:

-Obrigado, bom homem! A tua compaixão me emociona...

Cathelin chorava e gemia de pavor perante a situação ímpar em sua vida, repetindo a pergunta: Como saímos daqui, amor? Como saímos?!

Virando-se para ela, já sem as incômodas algemas, John afagou seu rosto rubro com as duas mãos, encostou a testa na dela, fitando-a olhar a olhar e lhe disse:

-Querida, olhe para mim. Vai ficar tudo bem, apenas fique aqui e não se mexa de forma alguma, a menos que eu te chame. Entendeu?

Cat deteve-se a mexer a cabeça, angustiada. Suas lágrimas umedeciam os dedos brutos de seu esposo. Com a resposta positiva de sua esposa, ele começou a pensar no que poderia fazer para sair daquela situação.

Se ao menos eu tivesse uma arma....

O helicóptero iniciou voo, já levantava o nariz para subir a sobrevoar o local, o que deixaria todos ali desprotegidos e alvos fáceis da artimanha feita para pegá-los. John se esgueirou pela lateral do exaustor até o outro, que estava mais à frente, onde um agente se protegia, tentando atingir os inimigos com seus ínfimos tiros de pistola.

-Com licença... – disse ele, puxando uma de suas pistolas Glock do terno do agente, que antes a havia apreendido.

Atento à situação, percebeu que os soldados estavam concentrados em suprimir os agentes pelo corredor livre que havia no centro do local, o que lhe dava a chance de seguir pelo flanco lateral, escondendo-se atrás dos dutos e exaustores.

Esgueirou-se para o lado que dava, passando por detrás de vários dutos, até que tivesse uma visão quase lateral da situação toda. Deitou-se por trás de um exaustor, escondendo o corpo e expondo apenas cabeça e braços, o suficiente para ver os inimigos e mirar em sua direção. Atirar deitado, ainda mais virado de lado, era bem difícil, mas ele apenas mirava com muita calma, qualidade tão preponderante quanto seu sarcasmo, em momentos de perigo. Um tiro

certeiro e um deles caiu, tombando da porta e batendo no esquí, pendurado pela alça de náilon das costas do colete tático. O outro atirador, que disparava rajadas sobre o grupo, percebeu sua posição privilegiada e voltou-se para ele, que tentou esconder-se em desespero. Os dois agentes do presidente perceberam a brecha e abriram fogo contra o helicóptero, conseguindo sucesso em derrubar o último fardado. O estranho homem de terno puxou sua pistola e tentou atirar para suprimi-los, acenando para o piloto subir.

O helicóptero, com os dois militares feridos pendurados, rapidamente levantou voo e partiu dali, deixando-os atônitos, por observarem seu resgate tornar-se em uma ofensiva contra eles mesmos. O salvamento tornava-se um atentado. Eles estavam sem saída.

Com a partida do helicóptero, os sobreviventes puseram-se de pé, intrigados com o que tinha visto. Richard tentava estabelecer-se de pé, pois passava muito mal, e Peter Morrison, conferindo a arma que levava consigo, auxiliava também o presidente.

-Você está mal de amigos hein! – gritou John, em seu tom jocoso e irritante, enquanto se levantava e tentava limpar a poeira de seu paletó.

Ao vê-lo aproximar-se, Peter Morrison, irritadíssimo, avançou sobre John e apontou a arma para a sua testa. Surpreso, John ergueu as mãos em rendição.

-Me dê um motivo para não me livrar de você agora mesmo! – disse Peter Morrison.

-Você não quer ser um assassino? – perguntou John, desafiando-o.

-Senhor, não faça isso! - interrompeu um dos agentes. – Ele tem sido útil. Na verdade, foi graças a ele que sobrevivemos agora... – o outro agente concordou, meneando a cabeça.

Peter manteve-se inerte por algum tempo, exalando ódio em seu olhar, indignado com a postura do jovem, mas acabou cedendo ao intermédio dos homens e baixou sua arma.

-Ora Sr. Morrison, - disse Richard, recompondo-se e ajeitando seu terno. – estamos em grande necessidade agora para cometer um delito deste tipo. Confesso que estou surpreso, mas ele se mostrou confiável e parece que de todos nós é o que demonstra ser menos suscetível a esse ardil maligno. Não vejo nele esboço de reação alguma ao ataque sonoro que sofremos. O senhor vê?

-Fico temeroso por tua segurança, senhor presidente. – respondeu Peter, decepcionado.

-Teu temor tem sido inútil em evitar incidentes, sejamos francos. E além do mais, este rapaz é um dos motivos de eu não ter sido morto até agora. Vamos parar de dissidências e nos apropriar do que é mais importante no momento.

Richard então virou-se para John e continuou:

-Você rapaz, faz parte agora deste grupo, a segurança do país precisa de seus serviços. Creio

que será útil em nossa missão.

John possuía um jeito próprio de lidar com essas situações, orgulhoso, não conseguia demonstrar uma postura que fosse diferente do tratamento recebido por eles. Esse era seu jeito de tratar as pessoas, lhes retribuía exatamente o que recebia dos outros, sem falsidades, mas também sem o menor esforço em agradar ninguém. Enquanto Richard falava com ele, não olhava para o presidente, apenas manjava sua pistola, conferindo peça por peça e contando a munição que ainda restava no pente.

-Você está ouvindo? – protestou Peter Morrison, ao ver a indiferença do rapaz. – O presidente Richard está falando com você!

-Veja bem, - respondeu John. – só quero sair daqui e levar minha esposa para longe deste inferno. Se bem me recordo, vocês me ameaçaram, me algemaram, me trataram como um prisioneiro e até tentaram me matar. Não tenho motivos para continuar aqui.

Peter Morrison arregalou os olhos ante sua resposta, mas calou-se, sem encontrar argumentos para dissuadi-lo.

Cathelin se continha a cochichar em seu ouvido: Amor! É o nosso presidente! Não seja tão petulante! John puxou-a pelo braço e se dirigiu até a escada, para ir embora dali. Richard, sabiamente, retrucou:

-Você prestará um grande serviço ao país, rapaz. Não ignore o dever...

-Esse discurso não me convence. – respondeu o jovem, de costas, enquanto ia-se com suas esposa.

-Você poderia sair daqui preso por desacato à autoridade presidencial, rapaz! – disse Peter Morrison, em alta voz.

John caminhou, puxando Cathelin, até que ela segurou seu pulso com firmeza e exclamou, rígida:

-Amor, ouça bem! Nunca te questionei sobre o que você faz para viver, não queria me atrever a descobrir algo que não pudesse suportar, que não pudesse compreender... Esta é a primeira vez que exijo uma posição tua. Me mostre, John, me prove que você é aquele que eu tenho me esforçado para imaginar todos esses dias. Pela primeira vez, me dê o conforto de uma certeza!

John fitou-a surpreso. Nunca havia pensado sobre o ponto de vista de sua mulher. Não sabia que tipos de dúvidas ela carregava consigo, até que ouviu de seus próprios lábios. As palavras custaram para lhe sair à boca.

-V-você... nunca... questionou...

-Me prove, John, que você é esse por quem me apaixonei! – lágrimas lhe visitavam os olhos.

-Eu... eu só queria proteger você...

-Hoje? Ou por todo esse tempo que vivemos juntos?

-Só queria o melhor para nós dois.

-Talvez o melhor para nós dois não seja o melhor para você...

-O que quer que eu faça, Cat?

-Só me mostre que você não é esse adulto irresponsável. Me faça ver que você tem valores, que você tem princípios maiores que a sobrevivência. Não pense que sou tola, John, compreendo mais do que você pensa que posso ver. Mas eu preciso.... eu preciso ver que você é mais do que isso!

-Quer que eu vá com eles?

-Isso! Mostre que você consegue assumir responsabilidades além desse mundo em que vive! Prove isso pra mim, pelo menos dessa vez!

Ambos pararam ali, na porta, à beira da escada que levava ao interior do prédio. John levantou seu olhar do chão para o alto daquele céu nublado. Refletia sobre as palavras inesperadas de sua esposa.

-E que tipo de homem você me imagina? – perguntou ele.

-O tipo que se importa com alguém.

Tudo o que importava para ele era Cathelin, e ela estava pedindo para que ele fizesse exatamente o contrário do que ele pensava em fazer. Virou-se novamente, voltando o olhar para Richard e os demais, e disse:

-De que vocês precisam?

Richard deu um breve sorriso. Não que ele pensasse algo positivo a respeito do jovem, mas, naquela situação terrível, mesmo um nada como ele seria de grande ajuda ao grupo enfraquecido. E o rapaz parecia ser, entre todos ali presentes, o único que não sofria nenhuma consequência do som. Isso poderia fazer toda diferença em momentos importantes.

-Temos que sair daqui. – disse Peter Morrison. – E pelo jeito não será pelo céu...

O grupo agora voltava à estaca zero no plano de fuga, num estado pior que o primeiro, pois o enorme grupo de agentes que protegiam Richard havia sido reduzido a Peter Morrison, dois homens treinados e um estranho armado com sua esposa prescindível.

Embora a multidão estivesse dissipando-se aos poucos, um grande número de cadáveres se

misturava às pessoas que ainda vagueavam enlouquecidas pelas ruas ou choravam pelos parentes mortos. Expor o presidente às ruas novamente seria arriscado, mas parecia ser para eles a única opção.

Capítulo 33

Dados fracos

O Bureau entrou em um estado de frenesi. Glenn podia ouvir os passos pesados e frenéticos das pessoas pelos corredores, as lamúrias e gemidos de aflição. Fosse pelos efeitos do estranho ataque sonoro ou pelo nervosismo da situação nunca antes vivida, todos estavam exaltados no local.

Anna estava na enfermaria, pois muito sofria dos efeitos colaterais do ataque, tonturas e enjoos abalavam quase todos os que assistiam à transmissão do evento. Na sala de Glenn permaneceram apenas ele e Bob, que fazia e recebia inúmeras ligações de companheiros do FBI.

Mesmo com fortes dores de cabeça, tentava analisar o que havia assistido naquela transmissão improvisada. Hum, multidão reunida. Dois, presidente chegou. Três, o maluco começou a falar com ele. Quatro, tocou o som. Cinco, as pessoas ficaram loucas e a multidão correu para... Foi quando ele se deu conta de algo: vendo pelo ângulo que a TV mostrava, ele percebeu que a multidão se concentrou em correr numa única direção, embora fosse perceptível que havia pessoas em rumos diferentes. A grande massa corria em direção ao palco, onde estava o... presidente!

-Aqueles pessoas foram induzidas a isso...! – exclamou consigo mesmo, involuntariamente.

-O que foi? – indagou Bob, do outro lado da sala.

-Nada importante. – disfarçou. – Só falando comigo mesmo...

Mais uma vez as evidências sinalizavam a possibilidade de uma indução, de um sinal mental que fosse registrado à força no inconsciente daquelas pessoas. E, de acordo com o que se viu na Quinta Avenida, isso aconteceu através do som. Era isso!

Se a sua teoria estivesse correta, isto significava que Jane Johnston também havia sofrido algum tipo de indução como aquele. Talvez exposta ao som em algum momento, gravando as ordens a cumprir futuramente. Por isso ela exclamava “retirar! Retirar de lá!” inconscientemente durante o interrogatório. Finalmente ela via sentido naquela história toda!

Precisava confirmar sua teoria de alguma forma, analisar mais abertamente os fatos, mas ali no Bureau isto seria impossível. O que fazer? Sair do lugar justamente em meio a todos aqueles acontecimentos soaria muito estranho diante de seus companheiros.

Pense, Glenn! Pense!

Olhou para seu companheiro e para a porta, viu as pessoas passando, nervosas, de um lado a outro. Virou-se para Bob e disse:

-Hei, Bob!

Seu amigo, que finalizava uma ligação, ao desligar o telefone, respondeu:

-O que foi, parceiro?

-Sabe desobedecer ordens?

Bob não compreendeu muito bem sobre o que seria, mas respondeu, sorrindo:

-Desde a primeira que recebi.

Glenn levantou-se e fechou a porta, voltou até o computador e abriu o vídeo do interrogatório da Casa Branca.

-Está vendo esta mulher? – disse para seu amigo. – Vou lhe explicar tudo...

Bob se mostrava extremamente curioso sobre tudo, assim que bateu os olhos nos arquivos. Em poucos minutos a história foi contada e a teoria louca de Glenn, explanada a seu companheiro, que tentava compreender a realidade de tudo.

-Que história é essa? – indagou Bob, atônito.

-Ainda tento compreender também. – respondeu Glenn.

-É difícil de acreditar num caso bizarro desses....

-E você me diz isto depois de tudo o que aconteceu na Quinta Avenida?

-É verdade... Está tudo surreal hoje.

-Você pode me ajudar com isso?

-Bem, você havia dito antes que se eu soubesse, teria de me matar. Se já estou morto mesmo... – respondeu com seu tom sempre humorado.

Com a ausência de Anna, que ainda recebia cuidados médicos, Glenn arriscou mexer na cafeteira e fez o café mais forte que podia. Encheu sua caneca da bebida e pôs o mínimo de açúcar, o trabalho seria longo. Após as inevitáveis explicações, os dois começaram a analisar o vídeo, juntos:

-Eu já tenho a minha teoria, - disse Glenn. – apenas quero confirma-la para seguir com as investigações sobre ela.

-Vamos analisar tudo então. – respondeu Bob, aparentemente animado com as novidades da investigação.

Sentados frente à mesma máquina, os dois iniciaram sua análise do conteúdo que os vídeos apresentavam. Onde está você? Onde...? Glenn repetia como se estivesse chamando a solução enquanto assistia tudo.

Persistiu no labor até perceber que bebera todo o café que havia feito, o restinho da xícara estava gelido e extremamente adocicado. O esforço continuou até que chegou ao momento, no vídeo, em que ele jogava sobre a mesa as fotos que mostravam Jane executando a operação e também de alguns objetos que foram encontrados em seu armário. Bob e ele observavam cada gesto, cada fala e olhar da moça, que aparentava estar extremamente assustada com aquilo tudo, na gravação.

-Até aqui ela está apresentando um comportamento normal. Ainda não perdeu a consciência. – Glenn observou.

-Sim, e você já mostrou fotos e outras coisas para ela... – respondeu Bob.

-O que significa que ver as coisas não disparou nada em sua mente, embora ela esteja aqui muito abalada psicologicamente.

-Exato.

Glenn tentava organizar as coisas fazendo anotações em um papel qualquer:

1. Não reagiu ao ver as imagens, comportamento normal. Sem perda de consciência. Lembrança fraca.

Após isto, continuaram até o momento em que ela tentava lembrar-se do que havia acontecido. No vídeo, ele fazia perguntas e citava dados e fatos de sua investigação, até que lhe disse o título do livro onde encontrara o equipamento de comunicação escondido, que era Guerra e Paz. Foi nesse momento que ela perdeu o controle e começou a gritar insanamente coisas sem sentido.

-Foi aqui! – exclamou Bob.

-Acho que encontramos nossa prova! – disse Glenn.

-Foi somente após ouvir você falar essas coisas, que ela se descontrolou... Mas será que não foi o excesso, o acúmulo de emoções e informações em sua mente?

Glenn pensou um pouco, voltou um trecho do vídeo e assistiu novamente. Finalmente, respondeu:

-Observe bem. – e executou o trecho onde ela perdia a sanidade. – Parece que ela mudou

instantaneamente! Sua feição, gestos e poderia dizer que até os sentidos mudaram de um momento para o outro.

-Ficou possessa, cara...

-Creio que se o transtorno fosse causado por alguma progressão de incitações ele seria gradual...

-Isso pode estar certo. Mas então, qual seria o disparo para isto?

-Ela parece ter perdido a cabeça quando eu disse o nome do livro... Hei! É isso! Foi exatamente o nome do livro onde estavam guardados os equipamentos, Guerra e Paz! Isto era a chave para o caso dela!

-Será? – indagava Bob, ainda descrente. Glenn insistiu:

-Assim como o agente Jenkins sofreu a mudança no avião quando ouviu a palavra Xeque! Ambos reagiram após determinadas palavras!

Glenn lançou então nova nota em seu papel:

2. Guerra e Paz. Perdeu a consciência e repetia “retirar de lá”. Foi por que ouviu? Era a ordem recebida?

Glenn já comemorava a certeza de sua teoria, quando Bob trouxe outra dúvida:

-Me perdoe duvidar assim, mas e no caso da Quinta Avenida?

-O que você quer dizer? – indagou Glenn, meio estressado.

-Nestes dois casos houve uma palavra chave, teoricamente, que disparou o descontrole nas duas pessoas. Na Quinta Avenida, porém, não houve isto, o terrorista terminou de falar suas loucuras e soltou aquele barulho maldito no ouvido de todos...

-Está certo, é verdade... – disse Glenn, decepcionado.

-Qual seria a palavra chave ali então?

Glenn recostou-se sobre a cadeira, apoiando os cotovelos nos braços da mesma e premindo uma mão na outra, numa pose detetivesca de décadas passadas. Franziu as sobancelhas sobre os olhos centrados na tela e murmurou algumas coisas para si mesmo. Ficou assim por quase um minuto, até que, num súbito rompante, exclamou:

-Espere! Temos aí uma diferença! Jane Johnston já havia recebido os equipamentos que implantaria no salão da cúpula. Arrisco a dizer que o agente Jenkins também já havia recebido os comandos para o que faria, mas as pessoas da Quinta Avenida não.

-O que você está sugerindo? Que Jane e o agente foram programados antes?

-Sim. Eles podem ter sido expostos à indução antes, aguardando apenas o comando certo para cumpri-las. Na Avenida as coisas aconteceram na hora!

-Então aqueles barulhos eram uma espécie de programação mental? – disse Bob, tentando compreender tal raciocínio.

-Algo semelhante... – respondeu Glenn, afagando o queixo com o polegar e o indicador. - Talvez não fosse necessário uma palavra chave para causar o efeito.

Bob arregalou os olhos, afoito com aquilo, e disse:

-Então, o que causava tudo era na verdade esse som. E no caso do agente e da faxineira, era necessário uma chave para disparar no momento certo, algo que não era necessário na Quinta Avenida!

-Esse é o ponto!

-Glenn, ou você é louco, ou é um gênio!

Tudo fez sentido para os dois agentes, era uma chave! Uma chave cerebral! Uma chave sonora!

Glenn mal podia conter-se em meio a tantos pensamentos, já havia levantado de seu assento e andava em círculos na sala, afagando o queixo e passando as mãos na cabeça incontrolavelmente. Um pequeno vislumbre de compreensão dos fatos pairava sobre sua cabeça, misturando-se com fagulhas de admiração pela engenhosidade de seu astuto inimigo. Nunca enfrentara algo tão sinistro e ao mesmo tempo instigador quanto este caso.

Já compreendia, mesmo que de maneira elementar, o método que o terrorista usava, lembrou-se então das palavras de Peter Morrison sobre o tal do Projeto Elisa. Será que tem algo a ver com isso? Perguntava-se.

O próximo passo era descobrir o que era esse projeto a que Peter referiu-se. Sentou-se de frente para o computador e abriu seu navegador, fazendo uma rápida pesquisa sobre ele. Não havia praticamente nenhuma informação. Tudo o que encontrou foram alguns poucos textos de curiosos e sites de conspirações, onde se relatavam informações soltas sobre algum projeto secreto do governo, como sempre.

Leu tudo o que encontrou, chegou a divertir-se com as loucas histórias e teorias que eram relatadas, cujo espectro narrativo absorvia desde experiências macabras que teriam sido promovidas por cientistas malignos até a intenção do governo americano gerar um exército de zumbis para controlar o mundo. Os mais insanos conspiravam que os experimentos teriam a intenção de controlar as mentes das pessoas, gerar supersoldados extremamente obedientes e sem humanidade e outras coisas ainda mais absurdas. Glenn não era capaz de levar nada do

que via a sério, aquele tipo de assunto era demais para ele.

Bob também fazia suas pesquisas em outro lugar, mas tinha tão pouco sucesso quanto seu parceiro. Passaram algumas horas assim. A investigação, porém, seguia lenta, e o desânimo começava aparecer, pois nenhuma informação encontrada era satisfatória. No entanto, quando a desistência tornava-se tentadora, surgiu-lhe um trunfo! Em um site totalmente desconhecido, após inúmeros parágrafos de textos desmiolados sobre um projeto homônimo, havia uma imagem antiga, em preto e branco e com baixa resolução, de cientistas posando para fotografar em um laboratório estranho, que mais lembrava os antigos laboratórios de filmes de ficção. Na legenda da foto, lia-se o texto: “Foto tirada supostamente em 1942, mas especula-se que tenha sido na verdade em 1948. Da esquerda para a direita: Dr. Alfred Monroe, General Leslie R. Groves, Dr. Harold Moshower e o jovem cientista Robert Parker, sabido ser reconhecido como neurocientista, décadas depois. Oficialmente, a foto é da época do projeto Manhattan, dirigido pelo General Groves, mas há teorias de que o ano correto é 1948, último ano de serviço oficial do general, por causa do Dr. Robert Parker, que em 1942 teria somente onze anos. Todos já morreram”.

Bingo! Gritou ele, num tom esperançoso. A foto era totalmente dúbia, poderia ser qualquer outra coisa, mas na total ausência de dados e caminhos a seguir, encontrar qualquer indício de informação real dava a sensação encontrar ouro no leito de um rio turvo.

Fez novas pesquisas, procurando saber o paradeiro de cada um dos presentes na fotografia, mas nada foi encontrado, senão dados sobre o General Groves, nome conhecido na história, cujo serviço realmente, ou apenas oficialmente, desconfiou, havia terminado em 1948.

Não é possível, tem que haver algo...

Foi quando o telefone tocou, era Mahoney:

-Hei, meu parceiro! – disse Mahoney, num tom alegre.

-Alguma novidade, Brad?

-Não ligo à toa, meu caro! Escute bem... Sobre o que você me pediu, já jogou xadrez por coordenadas?

-Nunca cheguei a fazer isso, mas conheço o método.

-Aquilo nada mais é do que um pequeno tabuleiro, seis colunas, cinco linhas, de A a Z. Monte e você terá a resposta!

Glenn imediatamente pegou um papel e começou a riscar e escrever aquilo, para descobrir o que queria dizer.

-Seu puto inteligente! Como você descobre essas coisas?! – dizia Glenn para Mahoney.

-Gente como você não entenderia! – debochava Brad Mahoney, rindo.

Ao concluir os rabiscos, Glenn pôde visualizar bem o que ele queria dizer. Bob observava, sem fazer qualquer ideia do que resultaria aquilo:

	A	B	C	D	E	F
5	A	B	C	D	E	F
4	G	H	I	J	K	L
3	M	N	O	P	Q	R
2	S	T	U	V	W	X
1	Y	Z				

-Eu cruzei aqueles dados e descobri dois nomes, mas é melhor não falar por telefone, outros poderiam ouvir. Faça você mesmo e descubra. – disse Mahoney.

-Certamente eu farei!

-Boa sorte, amigo. Espero ter sido de alguma ajuda...

-Espere! – disse Glenn, afoito.

-Ainda tenho um pedido a lhe fazer...

Glenn pôde ouvir um leve suspiro de Brad no telefone. Não o culpou ou julgou, sabia que as informações que lhe pedia eram extremamente perigosas e qualquer favor que Mahoney lhe fizesse seria suficiente para se expor a riscos. Mesmo assim, o homem não lhe negava ajuda.

-Diga-me logo, homem, desde que valha minha hora extra!

-Preciso de tudo o que você puder conseguir sobre um chamado Projeto Elisa. Nomes, lugares, o que eles pesquisavam, enfim, tudo o que estiver ao teu alcance.

-Projeto Elisa... – respondeu o homem, pensativo. – já ouvi esse nome. Bem, vou ver o que consigo...

-Também tenho alguns nomes que gostaria de saber mais. Já estou investigando e procurando por documentos sobre eles, mas usar o teu dom de encontrar coisas que não existem sempre me é útil. Veja o que consegue sobre o Dr. Alfred Monroe, General Leslie R. Groves, Dr. Harold Moshower e Robert Parker.

-General Groves? Isso é coisa da antiga, rapaz!

-Quanto tempo eu terei que aguardar?

-Não sei... te ligo assim que conseguir algo.

-Obrigado, meu amigo.

-Isto fica feliz em ser útil! – brincou o homem sagaz.

Finalizada a conversa, Glenn logo voltou sua atenção aos rabiscos no papel. Olhou novamente o texto da mensagem recebida:

The case is a lie! Peons moving! D5-E2-A5-A1-B3-E5-C5-C3-B4-A5-B3-D4-C3-A2-E5-D3-B4-B4-A5-E2-E4-A2 Capture all.

Vendo aquilo, começou a cruzar as duplas de dígitos e formar algo:

D5 = D

E2 = W

A5 = A

A1 = Y

B3 = N

E5 = E

Dwayne! É isso então, nomes a investigar!

Bob acompanhava, atônito, o esforço de seu amigo em desvendar o enigma. As palavras continuaram a se formar: C-O-H-A-N-J-O-S-E-P-H-H-A-W-K-E-S

-O que são esses nomes? – perguntou Bob.

-Bem, sei tanto quanto você. – respondeu-lhe Glenn, curioso.

-Parecem ser dois...

-Acho que sim, Dwayne Cohan e Joseph Hawkes...

O que seriam esses dois nomes? Duas vítimas? Dois terroristas? A dúvida desesperava Glenn. Por onde começaria?

Chegava o ocaso e as cores do crepúsculo começavam a insurgir pelas frestas das persianas. Seu olhar pesava demasiadamente naquele fim de tarde, o sono de dois dias era profundo, mas continuar atento era um esforço necessário.

A televisão mantinha-se sintonizada na CNN, para que acompanhassem as notícias em tempo real. Durante a cobertura do caso, os âncoras discutiam sobre um novo nível de terrorismo e, preocupadíssimos, tentavam levantar teorias sobre o futuro da segurança nacional e internacional. Já se falava sobre “terrorismo tecnológico”, algo inédito no palco de discussões jornalísticas, ou até do imaginário popular. Era aterrorizante pensar que os terroristas que antes usavam métodos milenares em suas táticas de guerra agora estivessem anos à frente do melhor que o mundo conhecia em tecnologia... O resultado poderia ser catastrófico.

Capítulo 34

Redenção

-Central, aqui é Peter Morrison. Podem me ouvir? Central, aqui é Peter Morrison, inspetor geral do FBI. Preciso de um retorno...

-Ninguém vai responder, Sr. Morrison. – interrompeu Richard, em um tom resignado.

Todo sinal de telefone, rádio ou qualquer tipo de comunicação havia sido desativado no local onde eles estavam, ou talvez até em toda a cidade. Não sabiam se por algum colapso ou se fora proposital, parte da trama...

-Algo aconteceu no sistema, é possível que seja parte de um plano, não creio que toda essa cadência de eventos seja acidental... – continuou Peter Morrison.

-Há de se ver pelo resgate que nos foi enviado. – acrescentou Richard.

-Exatamente. Precisamos evacuar este lugar de uma vez por todas, podemos estar sob um golpe militar... Aqueles soldados não estavam aqui antes, quando tudo aconteceu. Se as pessoas ficaram imersas em algum efeito ou estado mental por causa daqueles sinais sonoros, eles não deveriam estar...

-O Sr. supõe que foi um ataque planejado? – indagou Richard. Calafrios encheram o presidente de temor. Estaria sob um golpe tão engenhoso? Sabia que possuía inimigos poderosíssimos, mas esperava disputas mais politizadas, sem imaginar que pudessem se dispor a algo tão vil como tudo se mostrava.

-Creio que sim. – Peter Morrison lhe respondeu.

-Então, talvez possamos ser vítimas de novos ataques... – disse Richard, temeroso.

-É iminente, senhor.

-Estamos chegando ao fim da tarde. – interrompeu John. – Podemos esperar a noite cair.

-Para quê? – perguntou Peter, ainda hostil a John. – Para tudo se tornar mais perigoso?

-A escuridão é a melhor camuflagem. – respondeu o jovem, confiante.

A teoria de John fazia sentido, mas ainda faltava mais de uma hora para que o sol se escondesse no horizonte. Tanto tempo de espera poderia ser fatal.

Cathelin tomou coragem para falar algo, embora ainda estivesse muito hesitante:

-Além do mais, as ruas já devem estar mais vazias, muitos já devem ter se retirado...

-Isso é verdade. – Richard concordou. – Não vou me arriscar a contar com outro resgate e ficar exposto ao que presenciamos aqui novamente. Não sabemos o que está acontecendo, e não temos nem ao menos comunicação telefônica.

-Uma situação na qual não há protocolos a seguir... – Peter falava consigo mesmo.

-Precisamos de um carro, - disse John. – qualquer lugar é mais seguro que esse.

-Só é seguro enquanto não souberem onde estamos. - Retrucou Peter Morrison. – No momento, devem achar que fugimos daqui, mas é provável que enviem alguém para ratificar a hipótese. O que significa que sair daqui é a nossa melhor opção.

O grupo desceu novamente até o hall de entrada da Biblioteca. As portas estavam abertas e já não havia mais ninguém no local, apenas o cadáver da mulher que antes havia enlouquecido. Não havia o menor vestígio de trabalho policial ou médico, tamanho o caos que ali imperava. As ambulâncias que prestavam serviço ao evento, talvez após atenderem os últimos feridos, já haviam partido.

-É melhor permanecermos aqui, guardando o presidente Richard, enquanto o rapaz procura o carro. – disse Peter Morrison.

-Pode me chamar de John. – John guardava sua pistola na roupa.

-Isso não importa, - respondeu Peter. – apenas vá e traga o carro.

-Não me dê ordens como se fosse meu superior, não sou soldado ou seja lá o que pensa.

-Nós ficaremos com a tua esposa enquanto você estiver lá.

John olhou-o face a face e disse:

-Isto é uma ameaça? Ela será uma refém aqui?

Peter Morrison franziu a testa, apertando as sobrancelhas e cerrando os dentes, fitando-o raivosamente.

-Ela será protegida por nós enquanto você presta serviço ao governo do teu país neste momento inoportuno. – interrompeu Richard.

John se afastou de Peter Morrison e olhou para Cathelin, dizendo:

-Você vai ficar bem?

-Sim. – respondeu a moça.

Um dos agentes, enquanto observava da porta a situação exterior, virou-se e disse:

-A limusine presidencial está próxima à escada do palco, procure por ela.

Ele respondeu meneando a cabeça ao passar pela porta.

John não discordou de sair para esta missão, o presidente precisava de segurança e tinha apenas dois agentes para protegê-lo; ele, no entanto, só possuía um objetivo que ecoava em sua mente: livrar Cathelin do perigo.

-Volto logo, Cat. – disse antes de sair.

Deixou o grupo na Biblioteca e seguiu, cauteloso, à procura do veículo presidencial. Temendo ser atacado por algum daqueles andantes que vagueavam pelas ruas, tentava se locomover silenciosamente e percorrer locais mais escusos.

Chegando próximo ao enorme palco ali montado, procurou, inutilmente, pela limusine dantes falada. Havia diversos carros no local, mas nenhum parecia ser o do presidente. Talvez o motorista tivesse recobrado os sentidos e fugido do local ao se dar conta da situação, ou alguém poderia ter fugido com o veículo no momento da enorme confusão. Covardes! Para comportar a todos, John precisava encontrar um veículo grande, com mais lugares, um simples carro de passeio não permitiria isso.

Droga!

Concentrado, iniciou uma busca por um veículo que correspondesse à sua necessidade. Seguiu pelos cantos, sempre se escondendo onde pudesse e evitando proximidade com quem quer que fosse. O cenário era catastrófico, pessoas vagavam sem direção por entre os inúmeros cadáveres que estavam espalhados por todo o local, na sua grande maioria de outros que foram pisoteados durante a confusão. O silêncio sepulcral só dava lugar aos grunhidos estranhos daqueles que andavam e ao som do fogo que consumia alguns dos carros destruídos. A situação parecia estar se degradando e não havia o menor sinal de ajuda médica ou policial se aproximando dali. No fundo, ele mesmo não sabia se poderia confiar em quem quer que fosse, após os eventos ocorridos com o presidente.

Enquanto seguia seu tortuoso caminho, John avistou uma van de reportagem parada próxima a uma esquina. Com as portas abertas, o veículo parecia ter sido abandonado no momento de desespero geral. Caminhou até ela e verificou se havia alguém ali. Nada encontrou, senão equipamentos de transmissão ainda ligados e algumas câmeras, microfones e cabos. Fechou a porta lateral do carro e entrou na cabine do motorista pelo lado do carona.

Deslizou até o banco do motorista e abaixou-se para fazer uma ligação direta nos fios da van, coisa que sabia fazer muito bem. Enquanto iniciava seu trabalho, foi surpreendido por uma batida fraca na porta ao seu lado, um som baixo, como alguém tentando chama-lo. Olhou para

atender ao chamado e viu uma mulher, bem vestida, parecendo ser a repórter, que estava próxima ao carro e ele não havia visto. Ela olhou para ele por poucos segundos, mas com um olhar distante, logo virou o olhar para outro lado e deu um passo à frente, batendo com a cabeça na porta do carro novamente.

-Mas que merda é essa?! – exclamou John, surpreso.

Foi então que ele percebeu seu real estado. A mulher estava inconsciente, irracional, mal possuía controle sobre si. Boquiaberta, sua saliva escorria pelo queixo até a roupa e seu olhar mudava constantemente de direção, sem objetivo ou foco. Tudo levou a crer que ela estava presa a seu estado mental do momento em que foi atingida pelo ataque sonoro, que devia ser o desejo de retornar à van e sair dali.

O pavor fez visita verdadeiramente quando John observou à volta com mais atenção e viu tantos outros que comportavam-se da mesma forma que aquela mulher, desnorteados, sem consciência, talvez não sendo mais eles mesmos. Percebeu que poderia ter se tornado um daqueles e estar ali, vagando, preso mentalmente a um mero momento. Momento este que poderia ser desesperador. E Cathelin poderia se ver em apuros e nunca mais vê-lo...

Voltando a si, John olhou novamente a mulher que recalcitrava em bater repetidamente com o rosto na lataria do carro e desceu. Revistou-a, no intuito de encontrar as chaves, mas não estavam com ela. Retornou ao veículo e puxou seu canivete, que escondera bem por detrás de fivela do cinto, para cortar os fios. No entanto, foi surpreendido com uma parte do para-brisas sendo esmagalhada por um projétil que resvalou.

Pelo próprio reflexo, John se abaixou, deixando a faca cair e puxando sua pistola que estava presa à calça. Olhou rapidamente para fora, mas não conseguiu identificar de onde viera o projétil, pois havia muitas pessoas vagueando no local.

Só me faltava essa!

Ouviu então alguém falar:

-Até que enfim te encontrei!

Era a voz de Reese! Mas isso deixou John sobremodo confuso. Por que Michael Reese, seu mentor, estaria disparando contra ele?

-O que foi isto, coroa? – perguntou John, ainda abaixado no veículo, dando um breve vislumbre sobre o capô, dentro da cabine.

-Esta pergunta é minha! – respondeu Reese, de forma agressiva.

-Não estou entendendo...

-Eu te criei, John. Eu ensinei tudo o que você sabe!

Um novo disparo atingiu o carro, acertando o retrovisor central, que caiu sobre John. Ele olhou novamente e então conseguiu vê-lo, andando diretamente em sua direção, por entre os loucos vagantes. Alguns chegavam a correr com o som dos tiros, outros apenas olhavam, confusos, ou reagiam de formas inusitadas.

-O que você está dizendo, Michael?

-Não se faça de inocente, moleque! Eu vi o que você fez com o Mason! Nem um criminoso da pior espécie seria capaz de cometer uma traição dessas!

-Não pude fazer nada, Michael!

-Já matei membros da família por traições menores, mas você? Você era como meu filho! Pude vê-lo crescer e se tornar um homem, mas agora eu vejo que estava enganado...

-Você não conhece o Mason!

-O pior disso tudo é que a culpa é minha! Fui eu que o convenci a aceitar você! Eu que te chamei! Eu que te levei até ele! Eu que te registrei! Eu que falhei!

O terceiro tiro atravessou a lataria, perfurando o estofado do banco, próximo ao rosto de John. Reese estava cada vez mais próximo e certo.

-O Mason é o único traidor nesta história! – gritou. - Ele nunca se importou com você, Reese! Você nunca significou mais do que um peão nas mãos dele!

-Eu sempre soube disso, John. Você acha que sou o quê, uma mulher traída?

John permaneceu calado, tentava compreender o que ele dizia. Reese continuou:

-Eu fui para Elias o que você era para mim. Ele é o motivo de eu estar aqui hoje. O Mason, para mim, é uma promessa de morte, uma promessa que fiz ao Elias antes de ele morrer em meus braços. Prometi guarda-lo, fazê-lo crescer e infelizmente esta é uma falha que tenho que carregar. O fiz crescer, mas não o fiz um homem.

John não hesitou, pegou novamente o canivete que estava no fundo do carro e começou a fazer a ligação direta.

-Veja só, que contraditório... – continuou Reese. – Sou um homem honrado, cumprio cada promessa que fiz, mas toda a minha honra só acabou me aprisionando a alguém como Mason...

-Se você é capaz de aceitar alguém como ele, porque está fazendo isto comigo? – disse John, tentando ganhar tempo. Não desejava ter de enfrentar seu amigo querido, sabia que ele estava fora de si.

Reese soltou um leve riso, conhecia o lado canastrão de John.

-Você eu não prometi a ninguém...

Dito isto, Reese, já bem próximo ao carro, puxou seu outro revólver reluzente em cromo e começou a disparar, lentamente, em sua direção. Seus tiros, porém, não correspondiam à sua pontaria rotineira, eram como palavras soltas ao ar por lábios desanimados.

John conseguiu fazer a ligação e dar a partida no carro. Sem hesitar, fez a curva, acelerou o máximo que podia aquela van desajeitada e fugiu dali, ainda sob os disparos de Reese. Pelo retrovisor, enquanto fugia, pôde ver de relance o seu mentor recarregando suas armas e andando calmamente em outra direção.

Conhecendo sua habilidade, não conseguia entender quais eram suas reais intenções, pois se ele desejasse verdadeiramente, o teria atingido desde o início. O momento, porém, era de retornar ao grupo e garantir a segurança de Cathelin... e do presidente.

Peter Morrison aguardava impaciente próximo à porta da Biblioteca, Richard se mantinha sentado na recepção não menos ansioso, guardado pelos dois agentes, que ainda vigiavam um ao outro, temendo cederem aos efeitos retardados do ataque recebido mais cedo.

Richard sentia a passagem do tempo como uma forma de tortura. O deslizar dos ponteiros em seu rolex dourado era como agulhas que lhe picavam a pele de forma de segundos. Para tentar abster-se das preocupações, ousou puxar assunto com a jovem Cathelin, que sentara-se próxima a ele, contendo diligentemente seu nervosismo quanto à saída de seu esposo.

-Minha jovem, não pude deixar de notar sua preocupação. O rapaz é teu esposo?

Cathelin tomou um susto ao ouvir o presidente convidando-a a conversar. Inevitavelmente, respondeu:

-Err... sim, sim, é o meu esposo.

-Parece ser um jovem muito sagaz, expressivo... Eu tinha um temperamento muito parecido com o dele em minha juventude. As pessoas não imaginam como a política nos muda profundamente... Me pus muito intrigado com sua desenvoltura nesses momentos, digamos... tensos, que presenciamos agora há pouco.

Ainda receosa sobre a medida de suas próprias palavras para com o presidente, ela respondeu:

-John é uma pessoa única, um livro de muitas interpretações, eu poderia dizer. A cada dia vivo com uma página diferente dele. – enquanto a ouvia, Richard percebia seu ar levemente apaixonado no falar.

-O achei extremamente hábil com armas, mas minha observação não foi suficiente para definir o que ele faz para viver... Qual seria sua profissão?

A pergunta de Richard veio como uma flecha no peito de Cathelin. Ela não conseguia esconder o nervosismo que lhe sobreveio ao ouvi-la, tentava rapidamente pensar o que diria a seu presidente. Essa era uma resposta que não havia dado nem a si mesma.

Percebendo a situação em que a jovem se encontrava, tão claramente atrapalhada, ele mudou o foco da conversa:

-E você? Lembro-me de ouvi-la dizer que trabalhava aqui. Qual a sua especialidade?

Suspirando o alívio do escape recebido, mas ainda envergonhada pela dificuldade com o assunto, ela respondeu:

-Bem, meu trabalho aqui, na maior parte do tempo se resume a catalogar e fazer pedidos de novos volumes, mas sou apaixonada por restauração. Sabe, pode ser apenas algo de minha mente, mas soa com um romantismo tão íntimo...

-Não se preocupe em parecer assim, é esse tipo de sentimento que faz surgirem os melhores profissionais. – disse Richard. Cathelin não conseguia deixar de enxergar um certo tom político nas palavras do presidente. Perguntava para si mesma se era pelo fato de conhece-lo como tal, ou se havia realmente aquele tom no que dizia.

-É verdade...

Enquanto a conversa seguia, John apareceu na beira da escada. Ao ver a van, Peter exclamou decepcionado:

-Onde está a limusine blindada? Como esse incompetente retorna com isto?!

Sem tempo para hesitar, os agentes escoltaram Richard até o veículo e todos entraram.

-Uma van? – reclamou Peter Morrison ao entrar no carro.

-Foi o melhor que consegui, meu amigo. – respondeu John.

-E a limusine? Ela estava próxima ao palco!

-Não está mais...

-O que importa é sairmos logo daqui. – disse Richard. – Depois discutiremos isto. Além do mais, a limusine nos deixaria muito expostos, melhor um carro como este para nos camuflar. Embora o para-brisas destruído e inúmeras marcas de bala em sua lataria não ajudem muito...

-É melhor sairmos antes que o exército chegue. – completou Peter Morrison. – Não sabemos o que pode acontecer! Até que tenhamos certeza do que é seguro para o presidente, teremos de nos esconder, e certamente em pouco tempo teremos militares vasculhando cada canto desse perímetro. Não sabemos quem é ou não inimigo...

A van partiu. Era dificultoso desviar de tantos obstáculos que havia no caminho, pior ainda passar por entre tantas pessoas deslocadas do mundo real que se espalharam pelas ruas. John dirigiu em direção à Madison, onde encontraria pista mais livre de obstáculos, para depois chegar à 34th e seguir por um caminho que os distanciasse rapidamente das redondezas. O foco era distanciar-se daquele território perigoso.

-Ei, olhem isto. – disse John a todos, que logo voltaram suas atenções a ele. – Estão notando algo de estranho aqui?

Todos observaram a Avenida Madison, uma importante via da cidade. Estava quase vazia, poucos veículos transitavam e as pessoas que ainda estavam por ali procuravam um meio de partir, exceto as que ainda sofriam os efeitos do ataque e vagueavam perdidas.

-As pessoas estão fugindo... – disse Peter Morrison, intrigado. – creio que a proporção de nosso problema é maior do que pensávamos.

-Parece que está havendo uma grande evasão da cidade. – completou Richard.

-Isto está ficando cada vez pior! – disse Peter, já nervoso. – Vocês dois, conhecem este tipo de equipamento? – referia-se ao equipamento da van, usado para transmissão. – Há alguma possibilidade de usarmos isto para conseguir comunicação?

-Conheço um pouco, senhor. – respondeu um dos agentes, observando o equipamento.

Ambos os agentes procuraram meios de operar o complexo maquinário de transmissão em vão, nada funcionava. Richard observava-os com ar decepcionado.

-Tanta tecnologia para pessoas cada vez mais inúteis... – dizia bem baixo.

-Temos que seguir até o aeroporto, - observou Peter. – o presidente estará mais seguro em D.C.

John deu uma rápida olhadela para responder-lhe, mas antes que falasse, algo bateu forte na lateral do carro, com força, fazendo-o perder o rumo. Assustado, enquanto forçava para manter o controle da direção, ele olhou pelo retrovisor e viu um carro de passeio viajando ao lado da van. Reese estava na direção.

Antes que John pudesse pensar em algo, seu antigo mentor desferiu outra investida contra ele, quase provocando a total perda de controle do carro. A situação era complicada. Conforme tomavam distância do local do ataque, as vias tornavam-se mais populosas, embora fosse perceptível a evasão geral. A presença crescente de pessoas ao longo do caminho tornava a direção mais difícil e cheia de obstáculos.

O velho perdeu mesmo a cabeça...! pensava John.

-O que é isto? – perguntavam todos no carro.

-Problemas pessoais, eu acho... – disse John. – Segurem-se por favor!

John entendeu que apenas fugir não seria possível, pois a van era muito lenta para isso. Resolveu então contra ataca-lo usando o peso do carro. Aguardou até que Reese emparelhasse ao seu lado e jogou o veículo para cima dele. O carro de passeio não foi capaz de responder à altura e sucumbiu ao peso maior, sendo jogado para a calçada, aos trancos, raspando em paredes.

Reese, porém, tinha vantagem de se locomover mais fácil, por causa do tipo de carro em que estava. Jogou a direção para a esquerda e logo voltou à pista, indo para o outro lado da van. Recomeçava o jogo de batidas.

Indignado, John não pensou duas vezes, pressionou seu adversário contra a calçada novamente, mas ele foi ágil e freou, recuando antes que fosse jogado para fora da avenida outra vez. Aproveitando que Reese estava atrás dele, John pisou fundo no freio, numa armadilha inesperada para Reese.

Ao ver a traseira da van crescendo rapidamente à sua frente, Reese tentou frear, mas perdeu o controle do carro e acabou rodopiando e parando. A van virou numa rua qualquer, quase colidindo com outros veículos que por ali passavam.

John pensava mais uma vez se ver livre de Michael Reese, mas foi surpreendido ao vê-lo aparecer novamente, bramando, fosse por vingança ou alguma explicação, mas aproximando-se de forma voraz.

Ao olhar adiante, John percebeu que um prédio à esquerda estava sofrendo manutenção de sua fachada e tinha a calçada toda coberta por andaimes, coisa comum de se ver naquela parte da cidade. Muito esperto, manteve o carro na faixa da direita, enquanto Reese o alcançava. Quando percebeu que o sedan estava ao seu lado, aguardou paciente, até estarem próximos à estrutura. No momento em que se viu apto a fazê-lo, de forma arriscada, virou a van o máximo que podia para cima dele, arrastando-o para dentro da armação de andaimes sem dó. Os dois carros avançaram, a van segurando o sedan em cima da calçada, que por sua vez varria os tubos metálicos dos andaimes, numa imensa destruição, que derrubava andares daquela estrutura de reformas. Como uma torre desabando, os pedaços de aço caíam sobre si e sobre o asfalto, ressoando um coral estridente de aflição em todos que viajavam com John e não podiam ver bem o que acontecia.

Com as batidas na estrutura de reforma, Reese teve seu carro danificado e foi todo aparado pelos airbags que inflaram à sua volta, vendo-se sem movimentos por um instante. John ainda seguiu mais alguns metros, derrubando quantas estacas e estruturas estivessem à frente, até que a inércia do pesado veículo fosse compensada e ele pudesse frear em segurança.

-Saíam rápido! – gritou John.

Todos saíram rapidamente do carro, ainda confusos e muito aflitos, após a ordem do jovem John, no entanto, estava preso em seu assento e não conseguia abrir as portas, devido aos

tubos de metal que atravessavam a cabine da van.

-Está tudo bem, amor? – perguntou Cathelin, já em prantos.

-Sim, sim, - respondeu. – só não estou conseguindo abrir esta porcaria!

Peter mantinha-se concentrado em proteger o presidente. Olhava tudo à volta e pensava no que poderia fazer para retirá-lo daquela zona de perigo. Percebeu que havia pessoas caminhando próximas a eles, muito assustadas com a perseguição dos veículos, e aguardou para ver sua reação ao depararem-se com o presidente, pois não sabia se estariam afetadas pelo ataque anterior.

John olhou pelo retrovisor e pôde ver Michael Reese já desperto do impacto que sofrera, tentando se livrar de toda aquela parafernália inflável que o envolvia. Viu também, enquanto tentava desvencilhar-se de sua prisão, os dois agentes que auxiliavam Peter Morrison cercando o sedan onde Michael estava, prontos para atirar a qualquer momento, se fosse necessário. Temeu então pela vida de seu antigo amigo e, mesmo ainda preso na van, gritou para eles:

-Ei! Não percam tempo, saiam daqui! Levem o presidente a um lugar mais seguro!

Peter observou que algumas pessoas demonstravam reações estranhas ao verem o presidente. Ouviu John gritando para saírem o mais rápido possível dali. Era o que devia fazer! Vendo que estranhos aproximavam-se, chamou Richard:

-Senhor, vamos logo! Venha!

-Devemos usar as armas, senhor? – perguntou um dos agentes, a respeito das pessoas que se aproximavam.

-Não, - respondeu ele. – evitem gastar demasiadamente, não temos munição suficiente para desperdícios. Não sabemos o que há pela frente... Vamos, vamos sair daqui!

Os três homens correram em direção a outra rua, levando Richard sob sua proteção, para procurar uma saída. Cathelin permaneceu próxima à van, tentando ajudar seu esposo, mas sem saber o que fazer. Não era o tipo de pessoa para aquelas situações.

John preocupava-se com o que Reese faria. Não sabia até que ponto ele havia perdido a cabeça. Não queria arriscar deixar Cathelin exposta aos delírios de seu antigo amigo. Era melhor que ela fosse com os outros. Vendo-a por entre as barras, gritou:

-Vá com eles, Cat! Rápido!

-Não, amor! Vou te ajudar! Deixe-me apenas... puxar, isso.... aqui! – dizia ela, enquanto tentava, sem sucesso, livrá-lo de sua armadilha. Ela puxava com toda força que tinha, enquanto tentava segurar as lágrimas que insistiam descer, até que sentiu a mão de seu marido

agarrar seu pulso, enquanto lhe dizia:

-Eu me viro, vou alcançar vocês, apenas vá logo! Ficar aqui é pior para você, confie em mim!

Ainda hesitante a concordar com ele, ela acabou indo.

John, vendo que não conseguiria abrir nenhuma das portas, teve a ideia de pular pelo parapeitos, aproveitando que já estava quebrado. Com a coronha de sua arma, acertou os restos do vidro que o impedia de sair, até que se abriu uma fenda maior, suficiente para sua passagem. Lutou contra as barras presas por todo lado, até que abriu caminho mais largo, pulando e saindo por entre as ferragens. Ao levantar-se, Reese já estava à sua frente, fitando-o.

Ambos sacaram suas armas e apontaram para a face do outro, destravando-as e encarando-se.

-Eu sabia que você era um velho difícil, mas por Deus, você perdeu totalmente a cabeça! – disse John.

-Eu a perdi há muitos anos... por que você acha que foi agora?

John soltou uma risada, olhando para o velho com seu desprezo rebelde de sempre.

-Tudo isso acontecendo e você querendo vir atrás de mim. Eu diria que a idade já lhe pesa a sanidade. Mas mesmo assim, sei que a tua pontaria permanece a mesma de sempre. Por que não me matou ainda?

-Pois quero dar uma chance a mim mesmo. – respondeu o velho resolutivo.

-Você sabe que eu nunca o trairia...

-Às vezes é preciso duvidar de nossas certezas mais fortes pra sabermos se elas funcionam.

-Funcionou pra você?

-Bem, se falhasse eu estaria morto pelas tuas balas agora, certo?

John resfolegou, triste, seu olhar desceu ao chão enquanto pensava, mas a arma mantinha-se na mesma mira.

-Eu não tive como salva-lo, ele mesmo buscou aquilo para si. Você sabe disso! E Cathelin precisava de mim...

-Não discordo de você, garoto, o Mason era uma carta marcada há muito tempo...

-E a Cat é o motivo de eu continuar jogando...

John abaixou sua arma e sorriu para Reese, guardando-a consigo e estendendo-lhe a mão direita. O velho passou algum tempo entre seus próprios pensamentos, bufou, como se

deixasse algo sair de si e depois baixou seu revólver, correspondendo ao aperto de mão. Não se contando, puxou John com certa brutalidade e o abraçou, dizendo:

-A vida é irônica, nos faz duvidar das pessoas que mais importam para nós.

A expressão mais enfática que John sentia-se apto a demonstrar eram alguns tapinhas nas costas de seu velho amigo, que mesmo assim entendeu o que aquilo significava.

-Venha comigo, você seria de grande ajuda agora. – disse John, sorrindo de canto.

O velho resmungou baixo, enquanto coçava de leve a cabeça.

-Mason está vivo, a essa altura está em algum hospital. Preciso encontra-lo.

John arregalou os olhos com a notícia e pôs a mão sobre o ombro de seu amigo.

-Sobre a sua promessa a Elias, quem sabe você não falhou ainda...

Suas palavras deram um significado diferente ao olhar do velho resmungão. Sem despedirem-se, viraram em direções opostas e cada um seguiu seu caminho. Ambos certos de sua amizade.

John correu o máximo que pôde para alcançar Cathelin e os demais. Virou a esquina e deu de cara com algumas pessoas que desciam pela entrada do metrô. Os remanescentes daquela área que não possuíam veículos tentavam partir dali do jeito que podiam, e a única opção restante era pelo subterrâneo. Ônibus e táxis já não mais transitavam por ali, e talvez nem em outros lugares, uma ordem de evacuação parecia ter sido dada a quem pudesse ouvir.

Ao aproximar-se dos estranhos, percebeu que alguns demonstravam-se bastante tensos, e não conseguia ver nenhum sinal da presença de Cathelin e os outros ao longo da via. Certamente haviam descido ao subterrâneo. Sua lógica estava em choque. Se o grupo pretendia manter o presidente a salvo, isso significava afastá-lo de qualquer presença estranha. Que tipo de fuga levaria alguém aos trilhos do metrô?

Capítulo 35

Dois nomes e um segredo

Glenn sentia fortemente o pulsar de seu coração, espalhando a adrenalina da urgência, graças à ansiedade que alimentava em relação aos tantos fatos a desvendar. O trabalho e a vida, para ele, já não eram mais palavras de significados diferentes, já não sabia diferenciar onde um terminava e outro começava. Nos últimos anos, os pontos mais altos de sua vida foram os casos de maior importância que pegou. Não havia histórias amorosas, viagens, aventuras em lugares desconhecidos ou mesmo sustos que a vida lhe tivesse dado, nada mais, nada que não fosse relacionado ao Bureau. E agora via-se diante do caso mais importante, e talvez mais difícil que enfrentaria na carreira. O que lhe assustava era que a dimensão da realidade poderia ser tão grande quanto era em sua mente sempre tão imaginativa. Percebia que estava cada vez mais perto de ligar os pontos, mas ainda carecia de informações importantes para continuar a avançar. Afinal, quem eram Dwayne Cohan e Joseph Hawkes?

-Bob! Eles são a chave para avançarmos nisso! Temos que descobrir quem são eles! Alguma ideia de onde começar?

-Bem, - respondeu seu amigo. – realmente não faço ideia de quem seriam esses caras... Policiais? Políticos? Não sei... Não creio que sejam civis, se eles estão envolvidos em algo desse tipo...

-E o que importa, se forem fantasmas...? – dizia Glenn, matutando algo.

-Só para fazer uma lista dos problemas não resolvidos: até agora temos o atentado, o suspeito muçulmano, esse caso da Casa Branca e o tal do terrorista que ameaçou o presidente. Se conseguirmos ligar tudo isso, temos a cereja do bolo. – Bob falava isso quando deu um estalo e se esticou na cadeira em que estava sentado. - A propósito, quem está enviando essas informações pra você?

-Esta é uma questão que abandonei querer desvendar. – respondeu, unindo uma mão na outra pelos dedos.

-Está me dizendo que recebe informações de extrema importância vindas de alguém que você nem faz ideia de quem é?

-Sim.

-Isso é loucura! Alguém pode estar fazendo você de peão, Glenn! Pode te levar para uma armadilha! Como você pode confiar se é verdade ou não?

Glenn fitou-o, com olhos reprovadores.

-Olhe para todos estes fatos que estamos unindo e me diga uma única verdade que você tenha em mãos.

Bob ficou pensativo, sem saber onde ele queria chegar com aquilo.

-A realidade é que as melhores informações que recebi até agora vieram de um estranho. – Glenn esmurrou o punho esquerdo sobre a mesa, num surto repentino de raiva. Baixou a cabeça, passando as mãos nos cabelos bagunçados enquanto apoiava-se em seus cotovelos. – Não sei quem ele é, mas também não sei quem são esses dois nomes, quem é o terrorista, ou mesmo quem é verdadeiramente o presidente...

Bob olhou-o de soslaio, após ouvir a última citação. O que Glenn falava era verdade, embora fosse um viés de pensamento completamente arriscado.

-Recebi outras informações que não encontraria em nenhum lugar anteriormente, por isso confio de certa forma...

Ao falar isso, Glenn lembrou-se do vídeo que recebera por e-mail. Deu um salto de sua cadeira e quase jogou a caneca de café para o chão. De súbito, finalmente ligava os primeiros pontos daquela imensa teia de dados confusos. O vídeo! A resposta estava ali!

Chamou Bob para assisti-lo e então falou:

-Agentes! São dois agentes! Só podem ser!

-Não estou te entendendo, como você pode ter tanta certeza? – indagava Bob, confuso.

-Veja neste vídeo. Está vendo esse garoto entrando ali? É o nosso querido Behruz Kabiri. Logo depois aparecem estes dois homens aqui e também entram no mesmo local. Veja! – dizia, apontando para a tela enquanto as coisas aconteciam no vídeo.

-Sim, mas o que tem isso? – indagava Bob, desentendido.

-Veja! Minutos depois os dois homens saem sem a caixa que levavam e o que está em suas mãos é claramente o notebook do iraniano. É o notebook que dizem ter encontrado na casa dele! Compreende?!

-Não posso acreditar! – Bob exclamava, atônito, com os olhos fitos sobre a tela do computador. – Não é possível que isso seja verdade!

-A mesma pessoa que me enviou a mensagem com os dois nomes, havia enviado este vídeo antes. Por isso, mesmo sem saber quem é, nesse momento é a pessoa em quem eu mais confio em toda essa história...

-O vídeo data minutos antes do atentado ocorrer... – Bob observou o canto da gravação, que mostrava data e hora.

-Isso mesmo. E digo, meu amigo, ali houve uma troca, sabendo o menino ou não.

-Parece ter sido... Se isto nas mãos deles é o notebook, então significa que o pacote que trouxeram é a bomba?

-Tudo leva a crer que sim.

-Então havia mais alguém trabalhando com o garoto além de uma célula terrorista muçulmana...

-Ou o Behruz nem sabia do que carregava em sua mochila!

-Não posso crer... - dizia Bob, pasmo com tudo aquilo. – Você está sugerindo que o garoto foi vítima?

-Eu vi a reação dele antes da bomba explodir, ele estava assustado quando abriu a mochila. Quando recebi este vídeo, percebi a verdade, Behruz não era o terrorista. A bomba foi plantada, o notebook foi roubado, a versão dos jornais é falsa! Esse garoto foi um bode expiatório de alguém! Alguém muito grande está por trás disso...

-Por que você não me mostrou isto antes?!

-Não podia me dar ao luxo de vazar esta informação para as pessoas erradas, então decidi não revelar a ninguém. Nada pessoal, meu amigo. Mas com o decorrer dos fatos e tantas novas informações surgindo, temo não conseguir resolver todas as questões sozinho...

Glenn sentou-se novamente e pôs-se a pensar. Bob permanecia assistindo o vídeo inúmeras vezes, voltando e voltando, para que pudesse acreditar naquilo que via. Em determinado momento, perguntou a Glenn:

-E quem seria a organização que está por detrás disso? Digo, se eles são agentes, qual é a agência?

-É isto que estou tentando desvendar...

-Estereótipos à parte, dois homens altos, brancos, fortes e de terno... que seriam eles? CIA? NSA?

-Ou FBI... – resmungou Glenn, desanimado. – Bem, poderiam ser qualquer coisa... O pior é que não há uma lista de nomes das agências para que possamos investigar se estão entre eles...

-E pesquisar nomes assim em sistemas monitorados de banco de dados poderia revelar à espionagem que estamos atrás deles. – disse Bob, que já começava a digitar seus nomes no

sistema, ao constatar a realidade da situação. Ao perceber isto, parou imediatamente de realizar sua pesquisa.

-Isto seria muito perigoso... – concordou Glenn.

Enquanto conversavam, Anna retornou à sala. Demonstrava ainda certa fragilidade, lenta recuperação. Ao entrar, falava brandamente:

-O que estou perdendo, rapazes?

-Até o momento, não muito. – disse Glenn, tentando disfarçar os assuntos que conversavam. Bob entendeu e disse-lhe:

-Você não está bem, Anna, por que não vai para tua casa?

Com a mão na cabeça e uma expressão de grande esforço para manter-se ali, talvez pelas dores que sentia, ela respondeu:

-Não posso abandonar o Bureau numa situação como esta. Eu não seria tão irresponsável!

Anna tinha razão, ainda se via muitas pessoas correndo de um lado para outro no prédio e muitos estavam nas ruas, tentando investigar os acontecimentos. Ela não se daria ao luxo de ser a única a descansar naquele momento.

-Tudo bem, - respondeu-lhe Glenn, conformado. – fique aqui, mas não faça muito esforço, não queremos ter mais problemas agora que tudo está de cabeça para baixo.

-Sim, sim, - disse ela. – e como está a situação da Quinta Ave....

-Anna, estamos de saída. – interrompeu-a Glenn, levantando-se já com seus pertences em mãos. – Temos de averiguar algumas coisas e já nos aprontávamos quando você chegou. Acompanhe as notícias pela televisão e, novamente, evite se esforçar muito!

Os dois jovens agentes do FBI saíram rapidamente da sala, deixando sua parceira sem nada entender sobre o caso. Enquanto caminhavam pelos corredores, Bob perguntou:

-E agora, Sherlock, o que vamos fazer?

-Não sei, mas tínhamos que sair de lá antes que ela acabasse descobrindo algo... Na verdade, tenho uma ideia de onde começar!

Os dois se dirigiram até outro andar, mais precisamente a uma sala específica, uma espécie de RH, onde se mantinham os dados dos agentes do Bureau. Ao chegarem à porta, Glenn virou-se para Bob e disse-lhe:

-Fique aqui fora e enrole o máximo com ele, até eu sair.

-Mas o que eu...?

Sem esperar que Bob terminasse sua questão, Glenn entrou na sala. O técnico responsável era Walton Jennings, e somente ele podia ter acesso àqueles dados sobre pessoal. Para completar, a linha de telefone de sua sala era protegida contra grampos, o que permitia Glenn usar a estratégia em sua mente.

-Boa tarde Walton. – disse ele ao agente.

-Em que posso ajuda-lo, Sr. Marshall? – respondeu o homem, frigidamente. O relacionamento dos dois nunca fora muito amigável. Desde a entrada de Glenn ao Bureau, Jennings demonstrou-se uma pedra em seu sapato.

-As coisas estão loucas aí fora, está sabendo?

-Sim, sei de tudo que está acontecendo. Mas creio que o senhor não veio aqui só para me informar sobre isso... – respondeu o homem, cruzando os braços enquanto recostava-se em seu assento.

-Sei que você não precisa disso. Na verdade, eu estou aqui por uma grande necessidade. Esta é uma das poucas linhas seguras que temos no Bureau e eu preciso fazer uma ligação importante urgentemente. Você me permitiria?

-Você precisa de permissão prévia para o uso de linha privada de outros agentes, Sr. Marshall. Solicite previamente e então traga o protocolo até minha mesa.

Glenn apoiou a mão sobre a mesa de Jennings e fitou-o bem sério, dizendo:

-Enquanto estamos aqui conversando, o presidente Richard está em algum lugar sob risco de novos ataques. Posso me dar ao trabalho de solicitar esta permissão, mas se algo acontecer enquanto enfrento a burocracia, ambos seremos responsáveis por isso. Você gostaria?

O homem arregalou os olhos mortos de peixe de sua flácida face, retrato de um homem sôfrego de graves problemas de tireoide. Pensou por alguns segundos e então respondeu:

-Está bem, Sr. Marshall, vou permitir desta vez, mas saiba que isso não ocorrerá novamente.

-Obrigado, meu amigo.

Os dois permaneceram entreolhando-se, até que Glenn levantou as sobrancelhas e disse, pegando o telefone e levando ao ouvido:

-Se me dá licença...

Claramente irritado com a situação, Walton levantou-se de sua cadeira e saiu da sala, dando-lhe privacidade para o uso da linha. Ao ver a porta fechada, Glenn largou o telefone e

começou, afoito, a procurar onde poderiam estar os documentos que desejava.

Iniciou pelo computador. O sistema já estava aberto, pois Walton fazia pesquisas sobre agentes constantemente, o que o deixaria de certa forma livre de grandes suspeitas por parte de quem estivesse por trás de toda aquela conspiração. Para disfarçar, Glenn pesquisou um ou dois nomes aleatórios e depois foi direto aos agentes que desejava.

Bingo!

Ambos os nomes constavam nos registros do FBI, com suas entradas em datas muito anteriores à atual. Para maior surpresa de Glenn, um deles era daquela unidade. Como eu não o conheço? Mesmo estando poucos anos no Bureau, Glenn certamente conheceria o agente Joseph Hawkes, o que não havia acontecido. O agente Dwayne Cohan era de Washington. Mais alguns nomes aleatórios e Glenn abandonou o computador. O próximo passo era por papel.

Glenn viu um armário-arquivo grande no canto da sala e, silenciosamente, abriu suas gavetas e iniciou a busca. Ali estavam inúmeros arquivos de centenas de agentes do FBI, o jovem ia passando rapidamente as pastas, olhando os nomes o mais rápido que podia à procura de Hawkes.

Haley, Harris... Hawkes!

A pasta com certeza traria informações interessantes! Glenn, porém, ficou decepcionado quando abriu o documento. Nada havia ali, nem ao menos informações básicas sobre o agente, seu histórico e outras coisas. Os poucos papéis com texto estavam sobrescritos com espessas tarjas negras em quase sua totalidade. Alguém tinha feito uma limpeza ali!

Isso não é boa coisa...!

Com pressa, guardou a pasta e fechou o arquivo, certo de que também não haveria nada sobre o agente Cohan naquela unidade do Bureau, além do risco de ser surpreendido pelo retorno do agente Jennings, que logo entraria para ver o que estava acontecendo.

Do outro lado, Bob tentava distrair o homem mal humorado:

-E então eu disse a ele: O cristianismo prometeu acabar com o mal, o pecado e os fracos, e Odin prometeu acabar com os gigantes de gelo. Bem, eu não vejo nenhum gigante de gelo por aí... – e ria, constrangido, ao ver a insatisfação pintada no rosto do irritado Walton.

O homem atarracado virou seu olhar zangado para a porta e disse:

-Acho que ele está demorando demais com isso.

-Fique calmo, meu caro, – disse Bob, - certamente está tratando de informações importantes!

-E com certeza melhores que suas histórias... – respondeu o tedioso agente, abrindo a porta.

Ao abri-la, Jennings se deparou com Glenn parado, falando ao telefone e terminando a conversa:

-Oh sim! Muito obrigado! Espero ter sido de alguma ajuda!

Ao dizer essas palavras, devolveu o telefone ao gancho e andou até à porta, sorrindo para o adverso agente.

-Obrigado, agente Jennings! Tua confiança em mim prestou um importante serviço ao país.

-Acredito. – respondeu ele, internamente agastado.

Glenn saiu, triunfante.

Capítulo 36

Sobre trilhos

Não restavam dúvidas, era para lá, o metrô, que John precisava seguir. Enfiou-se no meio do confuso grupo e jogou-se pelas escadas, correndo, atrapalhado por entre as pessoas que procuravam nos trilhos um escape daquela situação. Não aceitava perder Cathelin àquela altura dos acontecimentos.

Tem que ser aqui, tem que ser...!

Enquanto descia, descuidado, os degraus que levavam à estação, ouviu gritos e sons abafados como disparos. A agitação veio feita uma torrente, trazendo pessoas aflitas, correndo na contramão de todos os que desciam as escadas. Ao ver as divergentes, o desespero bateu-lhe o peito, Cat devia estar lá embaixo, em meio àquilo...

Cat! Gritou ele, abrindo caminho aos empurrões por entre as pessoas que estavam à sua frente. Quando imergiu na escuridão subterrânea, compreendeu a realidade do problema. Um enorme grupo engalfinhava-se na estação, como se um confronto de jovens rebeldes insurgisse após um resultado mal visto num evento esportivo ou algo assim. Em meio à confusão, do outro lado, John vislumbrou o presidente. Estava explicado. Dezenas de pessoas que aguardavam a vinda último trem, ao deparar-se com o presidente, demonstraram-se sôfregas da mesma insanidade e tornaram-se hostis ao pequeno grupo que o protegia. Descontroladas, comprimiam-nos com seus ataques, tentando alcançar seu alvo, Richard Voight.

O presidente, assim como Cathelin e os demais, estava encurralado em um canto da estação, e John, que estava do outro lado, próximo às escadas, precisava atravessar a multidão de loucos que se colocava entre eles, grasnando como animais e buscando traga-los em sua loucura.

O jovem mal dera-se conta da situação, não houve tempo para pensamentos, um disparo feito por um dos agentes presidenciais resvalou no peito de um homem que estava ao seu lado, jorrando escarlata no ar à sua frente. Ele abaixou-se, para proteger-se de outros disparos e tentar esgueirar-se por entre a multidão em segurança. Logo viu o amontoado de cadáveres que jazia sob os pés dos loucos alvoroçados pelo encontro com o presidente. Os bestiais amontoavam-se sobre eles mesmos, tentando atacar Richard, como uma matilha de lobos enfurecidos em busca de um cordeiro. Os agentes, Peter Morrison, e até mesmo ele, defendiam-se de todas as maneiras, com socos e pontapés, além dos tiros remediados que denunciavam escassez de balas.

Alguns dos dementes chegavam a cair nos trilhos e mal demonstravam consciência do risco que corriam, sendo claramente perceptível o estado de transe que se encontravam.

John esgueirou-se por entre a turba e contornou a beira da marquise, sob duros golpes e arranhões, até aproximar-se dos sitiados no canto, onde estava sua esposa. Não se ateve de usar violência contra aqueles zumbis alvoroçados que punham Cathelin em perigo, era necessário, iminente. Viu a situação deprimente que os tais se encontravam, sendo derrotados pela multidão de descerebrados, Peter e os dois homens próximos ao seu limite físico e mental, Richard vivendo talvez o momento mais desesperador de toda sua vida, onde nenhum discurso ou saída retórica seria útil para o que quer que fosse, e Cathelin aos prantos, imprensada numa parede. Com golpes marciais e o auxílio da coroa de sua arma, ele abriu o caminho que ainda restava e chegou-se aos parceiros. Um dos agentes o confundiu com um doente e desferiu-lhe um golpe, mas John desviou-se a tempo e acenou-lhe da maneira que pôde, até ser reconhecido.

-Ei homem! Onde você andou? Precisamos sair daqui! – gritou o agente quando o viu.

-Tive problemas! – perguntou John, enquanto se livrava de pessoas que o agarravam tentando chegar até o presidente.

-Não estou entendendo, - gritou um dos agentes. – tudo estava normal, mas quando nos aproximamos as pessoas começaram a enlouquecer...

-Estou ficando sem balas! – gritou o outro.

Peter Morrison estava mais concentrado, pensando numa forma de evadir quando o metrô chegasse. Ao perceber a chegada de John, gritou:

-Temos que aguentar até o trem chegar, guardem suas balas para o momento certo!

Embora o inspetor geral do FBI estivesse certo, imersos em desigual tumulto como estavam, era impossível resistir aos ataques sem disparar contra os civis, e um dos homens já havia esgotado seu cartucho. Para sua sorte, o som metálico da frenagem dos vagões era audível, anunciando a chegada do metrô.

John observou um extintor preso a uma parede e puxou-o, entregando-o ao agente que se via sem munição. Enquanto evitava arranhões e golpes dos loucos que os cercavam, gritou para o companheiro:

-Quando o trem parar, vamos correr! Você usa isto!

Não muitos segundos após seu anúncio sonoro, o metrô alcançou a estação e parou, abrindo suas portas, mas ninguém saía, ninguém queria estar ali. Toda mente sã desejava ir para longe daquele terror tão terrível quanto incrível.

Peter Morrison puxou Richard e correu pelos cantos, em direção à primeira porta que poderia alcançar. Cathelin os seguia como lhe era possível. John e os agentes lutavam como podiam contra a horda de afetados, tentando golpeá-los ou apenas derruba-los e impedir que a perseguição prosseguisse. Mas somente o chumbo das balas oferecia solução real para o

insano conflito.

O agente que portava o extintor ia por último e, enquanto todos adentravam o veículo, virou-se para os bestiais e soltou sobre eles seus jatos químicos, impedindo seu progresso e fornecendo grande ajuda na fuga.

Dentro do vagão, a luta permaneceu intensa para o grupo. As pessoas ensandecidas que haviam entrado tentavam de toda forma aproximar-se de Richard para atacá-lo, mas os agentes, John Moore e Peter Morrison as impeliavam, fosse com empurrões e pontapés, ou consumindo as balas que lhes restavam.

Enfim as portas se fecharam. Peter Morrison pôde ver através dos vidros quando o agente percebeu estar só lá fora, virar-se para tentar entrar e a turba de enlouquecidos saltar sobre ele, encobrindo-o como um cardume de piranhas num rio selvático. Alguns dos mais ágeis buscavam entrada através dos vidros, caindo ao redor do trem e sendo esmagados por seu movimento.

O metrô voltou a locomover-se e acelerava rapidamente. A luta, porém, continuava a assombra-los, pois muitas pessoas vinham de outros vagões, fossem as ensandecidas ou as que delas fugiam. Restava uma solução: alcançar a cabine do maquinista e trancar-se, protegidos.

Já sem balas, os agentes só podiam contar com a força para impedir o avanço da horda. Peter Morrison também via-se com os dentes vazios, assim como sua esperança. John, astuto como sempre, deixou umas poucas balas para algum momento mais crítico, se aquele já não fosse o suficiente.

Chegaram à porta do maquinista e começaram a bater com toda força que podiam.

-Abra! Rápido! – gritava Richard, Cathelin também repetia.

Os outros três trocavam forças com a turba que invadia o vagão. Era um momento intenso, os defensores recebiam fortes golpes, assim como arranhões e mordidas, daqueles que perderam-se em suas mentes.

A porta da cabine se abriu e, antes que o maquinista pudesse ver de que se tratava, Richard e Cathelin caíram para dentro do refúgio. Peter veio logo atrás, seguido por John e o agente remanescente. Fecharam a porta, mas algumas pessoas quase conseguiram entrar, forçando-a contra eles, que lutavam desesperadamente para fechá-la. Alguns disparos de John serviram para detê-las. Finalmente a tranca estava no lugar.

-O que é isto? – gritava o maquinista, um senhor barbudo e de voz rouca, enquanto tirava de si seus fones de ouvido. – Me perdoem, não estava ouvindo vocês chamarem, o rádio estava alto...

As pessoas batiam enlouquecidamente na porta, grunhindo e gritando em desespero, numa sinfonia perturbadora. Enquanto ajudava Richard e Cathelin a levantar-se, Peter foi

respondendo:

-Estamos sob circunstâncias hostis, não tivemos outra opção, senão entrar aqui. Esta porta é segura?

-Sim, - respondeu o velho, pensativo. – acho que sim... Bem, nunca presenciei uma situação como esta. Mas quem são vocês? O que houve?

Nesse momento, já de pé, Richard lhe respondeu:

-Estamos sob ataque e a segurança nacional corre risco, precisamos conter...

Foi somente quando Richard se levantou e começou a falar que o maquinista percebeu de quem se tratava. Somente ali ele o reconheceu. Sua expressão rapidamente mudou, seu respirar tornou-se ofegante, suas pupilas dilataram-se e seu olhar revelava grande tensão. Grunhindo e gemendo, de um salto o velho avançou sobre Richard, na apertada cabine, agarrando seu pescoço como um animal. Todos avidamente reagiram, segurando-o até que o soltasse, mas o velho se debatia e tentava desferir golpes em direção a Richard de toda forma. Em meio à agitação, acertou alguns controles do painel do trem.

-Pare com isto, senhor! – gritou Peter Morrison. – Pare ou vamos ter que reagir.

O senhor já não falava mais palavras, apenas fazia ruídos e gritava o que suas roucas cordas vocais permitiam. De tanto que esperneava, tentando até morder as mãos dos que o seguravam, o agente desferiu-lhe um forte golpe na cabeça, deixando-o desmaiado.

-Não o matem, não há motivos para isso! – dizia Richard.

-Não, senhor, apenas o desacordei. – respondeu o agente.

John virou-se para Cathelin, que o abraçou, aflita pelo momento, mas aliviada por estar com ele. Tudo bem... Disse ele baixinho em seu ouvido. Era possível sentir seu coração batendo forte durante o abraço, mas ela nada falou, apenas o apertava mais e mais, puxando as dobras de sua camisa.

-Está bem, senhor presidente? – perguntou Peter Morrison.

-Sim. – respondeu Richard.

-E aí, o que vamos fazer? – perguntou John, com seu jeito deseducado.

-Infelizmente, não temos boas opções. – respondeu Peter Morrison.

-Na verdade, vocês não têm nenhuma. – continuou o jovem nervoso.

Cathelin não falou nada para repreende-lo pelo comportamento, mas o beliscou forte.

-Senhores, - disse Peter Morrison. – quanto temos de munição?

-Estou sem nada. – respondeu o agente.

-E você? – perguntou ele a John.

-Devo ter uma ou duas balas, perdi a conta quando entramos aqui.

Peter apoiou-se sobre o painel e respirou fundo, fechando os olhos e pensando numa solução, que muito provavelmente não existiria. Sem munição... sem saída.... trancados aqui... o que mais...? Abriu o olhar e viu o velocímetro. Notou que os números estavam subindo lenta e continuamente.

-Estranho... – disse ele. – Estamos acelerando.

-Não compreendo, – indagou Richard – o que quer dizer? Isto não é o normal?

-Percebi que o maquinista esbarrou em alguns controles. – disse o agente.

-Alguém aqui sabe operar isto? – perguntou Peter, preocupado.

Ninguém respondeu.

-Alguém sabe operar isto? – perguntou novamente, mais alto.

O silêncio continuou e, para piorar, um alarme iniciou, uma luz começou a piscar sobre o painel. Havia algo realmente errado ali. A desesperação veio quando todos viram muitas luzes nos trilhos, acabavam de passar por uma estação.

-Não acredito! – gritou Peter Morrison, já fora de si. – Esta merda está sem controle! Rápido, alguém tem alguma ideia do que fazer aqui?

O metrô estava em altíssima velocidade, acima do normal. Alguns sentiam o fastio da aceleração anormal e percebiam os sintomas do ataque sonoro retornarem a si. A cabine começou a vibrar, tremer, e logo sacolejava fortemente, demonstrando a irregularidade da situação.

John agarrou Cathelin, tentando segurar-se em alguma coisa e os outros tentavam equilibrar-se, exceto o velho, que permanecia desmaiado.

-Rápido! – gritou Peter. - Acordem esse velho!

O agente segurou-o, agitou-o, tapeou-lhe, mas ele não demonstrava reação.

A cabine começou a dar solavancos e cada vez mais acelerava. Já se ouvia um som agudo altíssimo, de metal tinindo sob eles, um barulho infernal, não apenas pelo incômodo sonoro, mas pelo significado de morte que trazia consigo. Não havia mais o que fazer, tudo girou.

Parte 4

Profundo

Reese havia conseguido mais uma vez. Encontrara o homem que Elias por tantos anos desejou matar. Ele certamente ficaria muito satisfeito.

Encontra-lo não foi tão difícil quanto entrar naquele restaurante supra sumo da cidade. Mais difícil ainda seria sair dali como estava naquele momento, com seu revólver apontado no meio das costelas do infeliz que viera capturar, sem ser percebido.

-É melhor que não faça escândalos. – Reese sussurrou, enquanto sentava-se na cadeira que puxou, ao lado do homem que interrompera a refeição. – Para um homem como eu, é mais vantajoso ir preso por mata-lo do que deixa-lo fugir. Você não quer seus miolos sendo retirados desse carpete, quer?

-Não, não vamos chegar a esse ponto... – respondeu-lhe o homem, tremendo de bater as sílabas nos dentes.

-Vou guardar a minha arma e sairemos pelos fundos. Não vou fazer valer o salário que você paga aos seus dois seguranças parados lá fora.

-Não sei do que você está dizendo... – o homem tentou disfarçar.

Os dois levantaram. O homem, sob o maligno olhar de Reese, deixou o dinheiro da conta com uma imensa gorjeta sobre a mesa e começou a caminhar em direção à cozinha. Reese acompanhava cada passo seu.

Enquanto andavam, ele perguntou à sua vítima:

-Você tem isqueiro? Acho que perdi o meu...

-Sim, tenho. Mas você deve saber que é proibido fumar aqui.

-Sim, eu sei.

-Então porque está perguntando por um?

Michael Reese aproximou-se do pé de seu ouvido e cochichou vigorosamente:

-É porque eu detesto procurar coisas em cadáveres...

Capítulo 37

Elisa

-E aí, o que você descobriu lá dentro? – perguntava Bob, intrigado.

-Esses caras são dois fantasmas. – Glenn respondeu, andando rapidamente pelos corredores do prédio. – Eles são agentes do FBI, um de Washington e o outro daqui.

-Como assim daqui?

-O Joseph Hawkes é de nossa unidade.

-Mas nós nunca o vimos por aqui... – dizia seu amigo, cada vez mais confuso.

-Eu não tenho certeza, mas acredito que ele devia ser daqui há muitos anos, até ser retirado para outro tipo de serviço.

-Faz sentido... Então tudo leva a crer que eles são do serviço secreto.

-É o que estou imaginando...

O espinho na carne de Glenn naquele momento era conseguir relacionar dois possíveis agentes do serviço secreto ao curso de um atentado ao próprio presidente. Seriam eles participantes de um golpe de Estado?

Sua conversa - e pensamentos - foi interrompida pelo toque do telefone. Glenn atendeu:

-Olá, Brad.

-Hey, Glenn! Tenho boas notícias! Sabe aquele carro que eu te falei? Consegui um bom preço nele. Venha vê-lo! Naquela esquina em duas horas!

Antes de Glenn responder, Mahoney desligou. A ligação parecia confusa, mas ele entendeu o que significava. Ver seu amigo falar em códigos mostrava que ele estava sob algum tipo de vigilância, e isto significava que as informações em sua posse deviam ser importantes. O local que ele chamava de esquina era um antigo ponto de encontro onde trocavam informações nos tempos antigos, um lugar mais reservado do Central Park. Era para lá que ele iria.

-Alguma informação nova? – perguntou Bob, ao vê-lo desligar.

Glenn olhou para Bob por um instante e pensou sobre envolvê-lo no encontro com seu informante. Talvez não fosse uma sábia decisão. Talvez fosse melhor deixá-lo de fora dessa

vez. As coisas seriam mais simples.

-Bem, não, nada novo, apenas um aviso pessoal. – respondeu.

-Ah, sim... – disse Bob, absorto no caso que ruminava em sua mente. - Estou incrivelmente tenso com isso tudo! Serviço secreto?! É difícil de pensar em algo que faça sentido nisso... Você não acha melhor procurarmos mais informações sobre esses dois?

A ideia pareceu muito boa aos ouvidos de Glenn. Seguir tal sugestão permitiria ocupar Bob com a própria ideia e liberar o caminho para encontrar-se com Mahoney, e prosseguir com a investigação de forma mais privada, pelo menos por enquanto. Não soava bem aos seus ouvidos revelar a Bob tantos segredos, além de desnecessário, poria seu companheiro em um risco ainda não mensurável. Glenn não tinha família com que se preocupar, mas Bob...

-Acho que esse é o caminho, Bob. – respondeu, cauteloso. - Se você conseguir mais dados, históricos e possíveis paradeiros... Bem, isto seria fantástico! Enquanto você pesquisa por isto, darei prosseguimento à investigação de uma questão que pretendo resolver.

-Ok, parceiro.

-Não revele isto a ninguém, você sabe.

-Fique tranquilo. – respondeu Bob, com ar confiante.

-Estou indo à minha casa, vou estudar alguns fatos e tentar descansar um pouco. Se conseguir algo, não hesite em me ligar.

Bob fitou-o com certa surpresa, um pouco desconfiado. Glenn Marshall dizendo que iria descansar? Foi uma péssima desculpa, pensou Glenn, mas foi a que conseguiu. Logo seu amigo desfez a expressão estranha e respondeu com um sorriso:

-O mesmo, amigo, me ligue se precisar!

Os dois separaram-se. Glenn não sabia como Bob conduziria a investigação, mas sabia exatamente qual seria o próximo passo que daria: encontrar Brad Mahoney.

Com duas horas de antecedência até o encontro, havia tempo hábil para uma ida à sua casa. Tomar um bom banho e fazer uma refeição decente certamente aliviaria o cansaço e o estresse. Assim o fez o jovem agente do FBI.

Ao chegar em casa, como sempre, ligou a TV na CNN em um volume que fosse audível, mesmo durante o banho, e procurou por roupas limpas no closet. Um bom jato de água quente realmente foi revigorante após tanto tempo enfurnado no Bureau.

A comida pré-pronta não era tão saborosa, mas supria sua necessidade de matar a fome. E Glenn já se considerava um expert em micro-ondas e comida congelada, sabia todos os

tempos e temperaturas exatas para dar o seu toque de mestre a cada iguaria que o capitalismo urgente lhe permitia comprar e guardar em um freezer.

Três minutos a mais e as bordas ficam crocantes!

O plantão noticiava a crise terrorista que atingia o país e aconselhava a todos evitarem as ruas. “Os transportes estarão fora de uso em Nova York. Os últimos trens, metrô e ônibus já se retiram de circulação. É de extrema importância que todos deixem seus postos de trabalho sem demora...” Dizia o âncora do telejornal.

Pelo jeito já estamos em nível vermelho. Pensava ele enquanto assistia a notícia e devorava a massa que acabara de assar. A NSA já havia elevado o nível de ameaça ao transporte público de laranja para vermelho, a partir de agora, somente pedestres ou carros com motoristas corajosos circulariam pela cidade. Poucas vezes na história o país vivera um momento como este.

A noite já era plena e a hora do encontro chegava. O relógio beirava as vinte horas. Glenn catou as chaves do carro e alguns outros itens que gostava de carregar. Guardou a pistola no coldre e partiu para o incógnito encontro que não demoraria mais.

A tempo e discretamente, chegou ao local combinado. Um banco e um poste com iluminação bem fraca completavam a decoração soturna das muitas folhagens que cercavam o caminho. Das trevas, surgiu um homem caminhando. Com sobretudo, cabelos compridos grisalhos e uma barba respeitável, Mahoney deixava no ar uma forte ambiguidade entre a aparência de um homem sábio e experiente e o louco que ele realmente era.

-Não podemos demorar aqui... – disse Mahoney, passeando seus olhos arregalados por todos os cantos.

-As coisas estão ruins na agência? – indagou Glenn.

-Todos nós estamos sendo vigiados. Não tem pra ninguém, FBI, CIA, NSA, não importa, há olhos e ouvidos sobre todos nós. – cochichou Mahoney. – Alguma coisa muito grande está acontecendo, meu caro...

-Pensei que a NSA fosse o “Grande Irmão”. Se não são eles, então quem é?

-Há gente mais alta na cadeia alimentar, meu irmão. Não sei exatamente quem são, mas posso te garantir que eles estão de olho... – disse ele, acariciando sua barba viciosamente. - Bem, sejamos breves. Não tenho certeza, mas suspeito que alguém esteja me seguindo. Creio que despistei, mas todo cuidado é pouco! Aqueles babacas...

-Então vamos ao que interessa. – Glenn adiantou a conversa, temeroso.

-É coisa quente, meu parceiro, quase fui pego fuçando esse material... Mais fundo do que eu fui, só perguntando ao Oráculo da Matrix! – e ria, contendo-se.

-Diga-me o que conseguiu.

-Esse tal de projeto Elisa, acho que descobri o que era. Encontrei uns documentos que datam entre 1945 e 1948, e têm a mão do general Groves, como você mesmo relacionou.

-Mas ele não era responsável pelo projeto Manhattan?

-Pois é, aí é que entra minha suspeita. Estou começando a acreditar que na verdade o nosso governo foi muito bem sucedido em esconder o que realmente interessava. Ao que me parece, o Elisa era um braço supersecreto desse projeto, pois nem a própria equipe do Manhattan tinha acesso a ele, somente quem realmente estava dentro do negócio. O Reino Unido e o Canadá nunca tiveram conhecimento desse braço. Acho que era coisa séria, mais tecnológica, ou mais poderosa...

-Mais do que armas nucleares? – exclamou o jovem. - Não consigo imaginar o que seria isto...

Mahoney soltou uma risada, virando a face para o céu e balançando os ombros. Era realmente um homem caricato. Terminando seu salto de humor, voltou a palestrar:

-Há muitas coisas mais terríveis e sinistras que o perigo nuclear nesse mundo, meu amigo! Pena não termos tempo para lhe contar algumas de minhas descobertas mais medonhas...

-Quem sabe quando tudo isso acabar... – respondeu Glenn, sorrindo.

-Confesso que essa nossa última descoberta foi uma das mais difíceis que investiguei. É como procurar um cão preto na escuridão da noite, do tipo que nem os Rosemberg conseguiriam descobrir e passar pros soviéticos. Não sei, man, por um momento tive até a impressão de que o Manhattan era uma fachada para ocultar o mais importante, o Elisa.

-Isso é muito sério... Não consigo imaginar uma realidade onde um projeto de armas nucleares fosse somente uma fachada para algo maior. Mas afinal, do que se trata?

Mahoney ajeitou-se dentro do sobretudo e, gesticulando de forma curiosa como só ele fazia, começou a explicação:

-Aparentemente, somente o presidente Roosevelt e o General Groves tinham conhecimento disso, ninguém mais. E de acordo com os documentos, a equipe era só aqueles caras, o Dr. Alfred Monroe, Dr. Harold Moshower e o Dr. Robert Parker. Não havia mais nenhum nome, nenhuma ligação com qualquer órgão do Estado ou o que quer que fosse.

-Mas como três pessoas iriam desenvolver algo mais letal que uma arma nuclear?

-É aí que está, o Dr. Monroe era um físico louco, man, tipo Einstein, alguém assim, desses que dão língua pra foto. Creio que ele seria o líder da equipe. O Dr. Moshower era um monte de coisas, não sei exatamente qual era a sua participação na equipe, mas havia na sua descrição dos documentos, uma citação ao USS Eldridge, algo como “importante contribuição para o

avanço das pesquisas na Philadelphia”.

-Incrível! E como nunca ouvimos falar deles? – dizia Glenn, espantado com tudo.

-O que se guarda de verdade é o que se esconde... – respondeu Brad, elevando as sobrancelhas - O mais impressionante era o Dr. Parker. Esse parece ter sido um geniozinho que o governo encontrou por aí. Desses de QI alto demais e algum documento que comprove sua sanidade. Ele foi incorporado à equipe dois anos após a sua criação e, nesse momento, tinha apenas dezesseis anos! Pelo que li, era especialista em neurociência mesmo antes de inventarem o termo, na década de setenta.

-Mas o que um neurocientista estaria fazendo em um projeto como este?

-Esse é o mistério, man! Esse é o mistério...! Isso é ciência de fronteira, cara, é coisa avançada!

Glenn pensou um pouco em qual dos sujeitos seria encontrado mais facilmente. Então sugeriu:

-Esse Dr. Parker, pela idade dele, talvez ainda esteja vivo. Você conseguiu alguma informação sobre o seu paradeiro?

-Nenhuma. Depois desse projeto, nada mais existe sobre ele nos arquivos do governo, não há endereços, contas bancárias, nenhum tipo de documento. Não faço ideia do que pode ter acontecido, pois o projeto foi descontinuado em 1948, segundo os documentos, por “insucesso”.

-Histórias mal contadas são as que mais oferecem perigo... – resmungava Glenn, com a mão no queixo sujo pela barba sem fazer.

O jovem percebeu que Mahoney estava muito nervoso, ele realmente devia ter passado apertos para conseguir informações tão significativas. O homem continuou, enquanto procurava algo em seus bolsos:

-Olha, não posso mais ficar aqui, estão realmente atrás de mim. E nesse ramo eles costumam estar atrás de você por apenas dois motivos: ou querem os seus serviços, ou você é o serviço deles... E eu não creio que seja a primeira opção. Não tive tempo de ver tudo, mas copieei as coisas que encontrei para te dar.

O agente puxou um pendrive do bolso de seu sobretudo e entregou-o a Glenn.

-Não sei com o que você está mexendo e nem o porquê, meu amigo, mas estou certo de que não é coisa boa... – disse ele a Glenn, arregalando ainda mais os olhos. – Pense até onde vale arriscar a vida nisso!

Glenn guardou o objeto consigo, riu-se e respondeu:

-Você sabe muito bem como é nosso trabalho. As coisas nunca são boas, apenas mudam suas proporções...

Mahoney respondeu com um singelo sorriso. Após isso, com ar de alívio, virou-se para ir embora, mas Glenn continuou:

-Uma boa bebida quando tudo isso acabar e deixo você contar suas histórias!

O cauteloso homem olhou por cima do ombro e respondeu:

-Então faça com que isso acabe logo!

Brad Mahoney se foi. Enquanto via seu velho parceiro vanescer pelas sombras, Glenn nada disse, mas repetia consigo mesmo em pensamento: obrigado, meu amigo.

Finalmente o jovem sentia que as várias trilhas de migalhas que farejava poderiam mostrar algum caminho a seguir. Estava mais confiante, e um tanto mais assustado. Valeu a pena não ignorar os fatos. Seu senso de dever digladiava com a sua cautela. Até que lembrou-se dos versos de Maiakovsk:

Na primeira noite, eles se aproximam e colhem uma flor de nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem, pisam as flores, matam nosso cão. E não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles, entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a lua, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada.

Poderia perder a vida por fazer aquilo, mas a perderia também, de outra forma, se deixasse tudo acontecer...

Incauto, não quis esperar chegar em casa para saber o que havia naquele pendrive. Assim que chegou ao carro, procurou seu notebook no banco traseiro, sentou-se no assento do motorista e o ligou. Parecia levar séculos para que o sistema ligasse por completo, tamanho nervosismo e ansiedade em que ele se encontrava.

Uma vez que tudo estava funcionando, plugou o dispositivo no computador e abriu a pasta de arquivos que ali estava. Não havia muita coisa, apenas arquivos de imagem dos documentos que foram digitalizados, algumas fotos dos cientistas e uma pasta, cujo título era relatórios. Ele logo pensou:

Então foi isto que ele não conseguiu ver...

Glenn era muito cauteloso com arquivos, sagaz, e antes de ver o conteúdo do que recebera, copiou tudo o que podia para um outro pendrive, que sempre levava de reserva no carro. Assim, poderia explorar tudo sem medo de perder ou danificar qualquer documento.

Abriu a pasta e viu que havia muitos arquivos de texto e inclusive alguns vídeos, o que o

surpreendeu. Um dos vídeos foi o primeiro arquivo a ser aberto.

O vídeo em cores, mas sem som, mostrava uma sala, onde havia uma mesa no centro com uma cadeira e uma mulher branca, loira, aparentemente americana e na idade de uns trinta e cinco anos aproximadamente, sentada nela. Sobre a mesa havia apenas uma caneta ou algo parecido com um hidrocor. O local parecia ser uma sala de interrogatórios, cuja parede era de vidro e a câmera estava do lado de fora dela, focada na direção da mesa. De repente, uma legenda feita em papel aparecia na frente da tela, onde estava escrito “teste 33”, e depois desaparecia. Após isto, a mulher parecia estar incomodada com algo, olhava à volta, procurando alguma coisa. Seu incômodo crescia, e ela parecia se desesperar, até que se pôs de joelhos, com as mãos nos ouvidos, gritando algo que ele não podia ouvir. Glenn tentou ler seus lábios naquele vídeo de má qualidade, mas era impossível ter alguma certeza. Ao esforçar-se para traduzi-la, creu que ela falava algo como “pare! Por favor, pare!”.

A cena aterrorizante se prolongou por alguns minutos, até que ela parou de gritar e caiu no chão, desmaiada. A cena terminou e tudo ficou preto, mas logo após esta, outra se iniciou. Nela, a mesma mulher estava de pé, caminhando pela sala de forma aleatória e vagante. Olhava para o chão enquanto passeava, até que bateu com a cabeça em uma das paredes e, sem reação, continuava andando e batendo mais e mais vezes.

Começou então outra tomada, desta vez, um homem, asiático, por volta dos trinta anos, estava nessa mesma sala. A legenda novamente apareceu e se lia “teste 41”. O procedimento parecia ser o mesmo, o homem tapava os ouvidos desesperadamente até não aguentar mais. Após isso, ele caiu no chão, mas ainda acordado, arrastando-se para um dos cantos da sala e olhando à sua volta, amedrontado, numa expressão de puro terror.

Glenn logo lembrou-se da mulher da Casa Branca, Jane Johnston, pois tivera a mesma reação diante dele. Foi aí que ele percebeu a real ligação daquilo com o seu caso.

Pelo olhar e a forma de agir, o homem asiático parecia ver pessoas à sua volta, como quem está sentado na beira de uma calçada olhando as pessoas passarem. Mas a sala estava vazia, fazendo Glenn sugerir que aquilo era ilusão da mente daquela vítima.

A quarta cena que o vídeo mostrava tinha a legenda “teste 68”. Nesse momento, Glenn ficou fortemente comovido, pensou em todas as pessoas que estavam sendo usadas nesses testes e como aquilo era desumano. No teste 68, a vítima era um outro homem, negro, de prováveis quarenta ou cinquenta anos. Da mesma forma que os demais, sofria os fortes incômodos sonoros e gritava desesperadamente. Mas desta vez houve algo diferente, minutos após o procedimento, ele pegou a caneta que estava sobre a mesa, tirou a tampa e, segurando-a como uma criança, começou a riscar a si mesmo, a mesa e o chão.

O que é isso, meu Deus??? Exclamava Glenn, dentro de seu carro.

O vídeo já estava chegando ao final, mas havia uma última cena. Nela, a legenda dizia “teste 121”. Uma mulher, com aparência de uns vinte e cinco anos no máximo, cabelos pretos e

feições latinas, estava sentada à mesa desta vez. Não parecia desconfiar o que viria adiante, pois mantinha-se contida e atenta. Minutos passaram e todo o procedimento foi repetido também com ela, mas parecia ter se aprimorado, pois ela já não gritava desesperadamente como os outros, apenas ficava olhando à sua volta, como se estranhasse o que estava ouvindo. Seu comportamento, porém, foi mudando. Ao final de tudo, ela se movia de forma robótica, meio abobada, e não mostrava a mesma atenção de antes. Pegou a caneta que estava à sua frente, levantou-se da cadeira e andou em direção à câmera, parando exatamente de frente para o vidro que servia de parede e proteção a quem observava do outro lado. Passou quase um minuto olhando para a parede, até que tirou a tampa da caneta e começou a escrever no vidro, no início riscos sem nexos. Mas conforme prosseguia, os garranchos formaram, de forma espelhada, a palavra “sucesso”.

Nesse momento Glenn quase pulou dentro do carro. Estava pasmo com o que havia visto. Esse era o projeto Elisa? Será que isso era o que estava sendo usado pelo terrorista na Quinta Avenida? Ele quase podia ter certeza, estava tudo muito parecido, e tanto mais assustador. Um experimento com tamanho poder, nas mãos erradas, era inimaginavelmente ameaçador.

Assim que o vídeo terminou, ele abriu um dos relatórios digitalizados e começou a ler:

“Vinte e dois de fevereiro de 1948, teste #33. A cobaia, mulher americana, 36, aparentemente saudável. Demonstrou resistência forte à inserção, reação negativa aos sinais. Estado final: lobotomia parcial e perda de consciência. Capacidade de locomoção mantida, mas houve perda de tato. Possíveis causas: sinais imprecisos, procedimento longo, som alto demais, provável incompatibilidade da vítima ao sistema. Resultado: falhou.”

Todas aquelas informações eram assustadoras e desumanas. Glenn nunca imaginou que haveria tal tipo de experimentos nos corredores escusos do governo. Que tipos de pessoas foram os governantes que estiveram à frente do povo todos aqueles anos?

Chegou a abrir o segundo relatório e iniciar a leitura, mas foi interrompido de forma brusca. Um tiro resvalou pelo vidro da sua janela e saiu pelo para-brisas, quase acertando sua cabeça. Ele logo jogou o notebook no chão do carro, deitando-se para o lado, sobre o banco do carona. Outros tiros foram disparados na mesma direção, deixando sua janela quase destruída. Os estilhaços caíam sobre si e lhe arranhavam a pele.

Com cuidado, ele esticou um braço e girou a chave do carro, para dar a partida e tentar fugir e, com o outro, tentava puxar a arma no coldre, mas na posição em que estava era difícil pegá-la.

De repente, uma forte mão quebrou o que restava do vidro da janela, entrando e puxando a trava da porta, abrindo-a. Um homem grande e bruto apareceu, de cabelos muito claros, um queixo largo e grossas sobrancelhas, puxando Glenn para fora do carro, naquela rua escura de Nova York, à beira do parque. Com força, o estranho o jogou sobre o capô do veículo, segurando seu pescoço com uma das mãos e com a outra, dava-lhe murros e tapas. Glenn se contorcia e tentava soltar-se de toda forma, mas era inútil competir contra um agigantado

daquele.

A mão enorme do homem espremia seu pescoço e deixava-o sem ar, tornando a situação ainda mais difícil. Não havia opção de fuga, era necessário matar o adversário, ou seria ele a morrer. Foi então que tentou novamente puxar a arma no coldre, mesmo atrapalhado pelos murros que levava. Quando conseguiu segura-la, logo puxou-a e soltou a trava, disparou duas vezes da forma que pôde contra o indivíduo, acertando-o no joelho direito.

O homem não gritou ou esboçou alguma reação ao ferimento, mas soltou-lhe o pescoço e acertou-lhe um forte golpe na mão, que derrubou sua arma no chão, e deu alguns passos para trás, apalpando o ferimento.

Glenn caiu no chão, em frente ao carro, quase esmorecido pela falta de ar. Arfava em agonia, enquanto recobrava o equilíbrio para levantar-se. Olhou para o homem que conferia a situação do joelho após rasgar a calça social, parado dois metros à sua frente, era ele!

-Dwayne Cohan ou Joseph Hawkes? – indagou entre expirações.

O homem enorme levantou a cabeça e olhou-o, surpreso.

-Agora eu entendo por que me deram você como prioridade... – disse ele, com sua voz grave.

O comentário do homem despertou enorme ódio no jovem agente. Ele era a missão daquele homem. Alguém superior o havia enviado, não era improvisado, mas um alvo real. O homem continuou:

-Você é inteligente, mas não é esperto o suficiente pra ficar quieto.

-Diga-me, - respondeu-lhe Glenn, de pé, apoiando-se no capô do carro, recuperando o fôlego. – você colocou a bomba na mochila do garoto?

O homem riu.

-Você está frente à morte e ainda faz perguntas?

-Se morrer, pelo menos tenho de fazer valer a pena.

-Hawkes... Já fui chamado assim. – disse o agente, jogando um retalho da calça para o lado e pondo-se ereto. A treva noturna tornava seu rosto obscuro, como um Golias vindo do inferno para trazer a morte ao jovem e imaturo Glenn. A resposta do homem o assustou, concluiu que seu caminho estava realmente certo, e as pistas eram verdadeiras. Percebeu que a confirmação dos fatos era muito mais aterradora que a suspeita.

-Diga! – exclamou, com raiva. - Você matou aquele garoto?!

-Seria ele ou qualquer outro. Você não compreende, eu apenas fiz o que fui enviado a fazer.

-Covardes... – respondeu em monocórdio, grave e silábico. Cuspia sua ira diante tais afirmações.

Joseph Hawkes começou a vir em sua direção, Glenn seguiu pela lateral do carro e procurava sua arma no chão, antes que fosse alcançado. Jamais venceria aquele homem pela força.

-Ele foi um sacrifício em prol de nosso país, assim como eu sacrifiquei minha vida por esta causa. – disse Hawkes, erguendo as mãos para agarrar Glenn.

-Sacrifício em prol de que causa, agente Hawkes?! – disse Glenn, enquanto se jogava para agarrar sua arma.

Quando Glenn agarrou a pistola, sentiu a força do pé direito de Joseph Hawkes. Um forte pontapé acertou-lhe o abdômen, enquanto estava abaixado, jogando-o contra a lateral do veículo. Mesmo após receber um tiro no joelho, o bruto homem ainda possuía grande força naquela perna. Gemendo e arfando ao cair sentado no chão, Glenn só teve tempo de defender-se de um novo chute em sua direção. Pôs os dois braços na frente, e a pressão do golpe parecia que quebraria seus ossos. Quando veio o terceiro, prendendo a respiração, o jovem jogou-se para o lado, escapando, ainda que atrapalhado, de ser atingido por seu algoz.

O brutamontes atingiu a lataria do carro, que balançou após receber o golpe. Uma forte dor tomou seu joelho após o impacto do pontapé, fazendo-o parar, com a mão no joelho.

Glenn sentia-se sem forças após o duro golpe que recebera no início, sua visão girava e o equilíbrio era mínimo. Não seria capaz de usar a arma com precisão, e não desejava arriscar permanecer ali, sob o risco de outros inimigos aparecerem. Jogou-se para dentro do carro, que estava com a porta do motorista aberta, fechou-a e puxou o freio mecânico, logo após girar a chave e ligar o motor.

Antes de pisar no pedal, porém, sentiu novamente as mãos do homem lhe envolvendo e comprimindo-o. Era desesperador! O agigantado grunhia de ódio e fissura por terminar o serviço de forma braçal. Glenn se debatia no banco, enquanto tentava novamente alcançar a arma que estava ao seu lado, sem ao menos conseguir olhar para ela. Alguns segundos de luta e ele a pegou, mas quando levou a mira na direção do homem, ele segurou sua mão, apertando-a a ponto de quase quebra-la. Na luta, acabou dando disparos no teto do carro.

Glenn conseguiu levar os pés aos pedais e começar a acelerar o carro, deixando o inimigo, que o agarrava pelo lado de fora, numa situação ruim. Com o carro se movendo, o homem soltou sua mão e agarrou o vidro quebrado da janela, arrancando-lhe um pedaço. Glenn virou a arma para ele e disparou, exatamente no momento que sentia o homem cravando-lhe o caco no abdômen, desesperadamente.

Finalmente o assassino o soltou, por não conseguir mais acompanhar o carro e também porque o tiro lhe resvalou o peito, deixando-o enfraquecido. Glenn acelerou tudo o que podia para fugir dali. O forte cheiro metálico do sangue que jorrava em sua barriga alcançava suas narinas e a cada movimento que fazia, sentia o vidro lhe cortando mais e mais a ferida.

Enquanto fugia, via pelo retrovisor o enorme homem de terno exaurindo suas forças e caindo no chão. Mas para considerar-se vitorioso, precisava sobreviver.

Mentalmente, procurou pelo hospital mais próximo e pôs-se a caminho. O ronco do motor acelerado aos poucos foi diminuindo o volume em seus ouvidos e a noite ficava mais densa, escura. Conseguiu trilhar quase o caminho completo para o socorro que necessitava, porém, não mais podia se ver chegando ao lugar, pois tudo se apagou.

Capítulo 38

No inferno

Trevas. Muito escuro. Um negrume profundo era tudo o que John conseguia ver quando acordou, suas pupilas tentavam a todo custo adaptar-se à ausência de iluminação. Uma dor aguda o incomodava no abdômen, próximo à cintura, e ele não conseguia saber o que era. Mas isso era menos importante do que saber onde estava Cathelin. Tentou balbuciar um chamado, mas não conseguia, não tinha forças para falar.

Só ouvia som de chamas e, às vezes, ranger de metais, em som bem abafado, como se seus tímpanos tivessem muito algodão. Um zunido fino também atrapalhava a audição.

De repente, percebeu algo escorrendo sobre seu peito, um líquido quente. Se assustou com aquilo, pois o cheiro de sangue era forte. Quem seria?

Cat?

Aos poucos começava a enxergar coisas, ainda indefinidas, mas sentia que suas pupilas custavam para se adaptar às sombras. Bem ao fundo, via um luz muito fraca piscando, como faíscas de um fio desencapado. Aos poucos, as coisas indefinidas foram tomando forma, criando tons pouco saturados, cores fracas, e quando ele percebeu, estava diante da face do agente que o acompanhava, na verdade, estava debaixo do cadáver do homem.

Com os olhos arregalados e boca aberta, a expressão de pavor do morto não passava sinal de boas notícias. Seu corpo sofrido era o que derramava sangue sobre o peito de John.

Começou a tatear, pois era a única coisa que conseguia fazer naquele momento. Passou o braço à volta do defunto para tentar empurra-lo e desvencilhar-se dele, foi assim que percebeu a causa de sua morte. Havia ferragens entrando em suas costas, metais retorcidos o haviam perfurado e quase teriam alcançado o peito de John, não fosse sua presença desafortunada à frente dele.

Obrigado, man.

Após algumas tentativas, conseguiu arrastar-se para o lado, livrando-se do cadáver de sobre si. Percebeu que não estava mais na cabine quando sentiu a barra de metal que formava o trilho. Se tivesse tocado no trilho errado, estaria morto agora, muitos amperes depois. Com cuidado, foi retomando o equilíbrio até conseguir levantar-se, havia muitas ferragens à volta e tudo oferecia risco. Seu abdômen doía terrivelmente a cada movimento que fazia ao levantar.

Então é isso, saímos dos trilhos...

Quando se pôs ereto, uma dor tão forte tomou seu abdômen que ele quase caiu novamente. Apalpou a barriga e foi procurando, até que percebeu um pedaço de ferro retorcido enfiado do lado, na altura do oblíquo externo. Por sorte, não era tão grave, sua pistola impediu que o ferro entrasse mais, mas lhe causava muita dor.

Deu alguns passos à frente, procurando por Cathelin. Estava muito apreensivo por ela, mas não tinha forças para fazer mais do que aquilo. Por estar mais adaptado à escuridão, agora conseguia ver melhor o que estava à sua volta e localizou a cabine do metrô. Seguiu até lá a passos lânguidos e viu que não restava muito da frente do veículo, mas, em meio àquelas ferragens, poderia haver alguém.

Cat! Chamou, tentando gritar, mas mal lhe saía voz. Cat! Repetia.

Em seu grande esforço, puxou alguns metais e conseguiu entrar na cabine, lá estava ela. Imóvel, seu cadáver repousava sobre uma chapa de metal que antes era uma parede da cabine. De joelhos, ele virou o rosto dela para si e não percebeu sua respiração. Já em lágrimas, apertou seu pulso, para ter certeza de que havia partido. Ainda havia pulsação!

Desesperado, tentou reanima-la. Forçava sua respiração boca a boca, e fazia de tudo para acordá-la.

Malditas aulas, porque não assisti...

Mesmo com sua falta de jeito para acudi-la, após um suspiro repentino, ela acordou.

-John... – forçou dizer, tossindo, mesmo antes de abrir os olhos.

-Cat! Pensei que tinha...

-Que dor, John!

Foi então que ele viu seu braço. Ela estava presa pelo braço direito, um metal o havia perfurado. Ele pôs uma das mãos sobre o braço dela e com a outra segurou o metal, tinha de tira-la dali o mais rápido possível.

-Agente mais um pouco, amor. Vai doer mais, ok?

-Não John, não faça...

Um puxão, foi o que ele deu. Uma dor forte e rápida é melhor que qualquer dor prolongada, pensava. Após um grito agudo e lágrimas que lhe saltaram os olhos, ela virou-se para o lado, mas ele a puxou para si e a abraçou. O sangue de seu braço se misturava ao sangue do agente morto, no peito de John.

-Pronto, amor, vou tira-la daqui.

O ferimento no lado doía mais do que nunca, mas ele precisava carrega-la, tira-la das ferragens e repousa-la num lugar mais seguro. Não era possível enxergar onde estaria a próxima estação, havia apenas trilhos à frente e destruição atrás. Parecia estar no inferno. Quando não mais conseguia carrega-la, deitou-a em um canto e sentou-se ao seu lado. Pensava em como teria forças para arrancar aquele metal de si. Quando se trata de seu próprio corpo, a dor acaba lhe tirando as forças para terminar o serviço. Não é uma fraqueza, mas um revés natural de ser humano.

Os minutos estavam passando e nenhuma solução lhe vinha à mente. Cathelin também precisava de atenção, perdia muito sangue e isso era arriscado. Ele olhou para a manga comprida de sua camisa social e, aproveitando um rasgo que já havia surgido durante o acidente, puxou, abrindo-o e arrancando-a de si. Enrolou com força o braço ferido de sua esposa para tentar parar o sangramento e recostou-se novamente na lateral do túnel, por causa das dores.

A falta de opções lhe irritava, embora seu senso de humor fosse inexplicavelmente adaptável a quase toda situação, ver sua esposa padecer e não conseguir solução certamente era o limite exato para o seu estado de espírito. Porém, antes que a irritação se tornasse desespero, viu uma silhueta caminhando em sua direção. Logo percebeu que era Peter Morrison.

-Ainda está vivo? – perguntou o inspetor geral ao vê-lo.

-Não muito.

-Pode andar?

-Acho que sim.

-Então preciso que venha comigo, o presidente está ainda em risco maior.

John foi acometido de uma raiva imanente, ante à indiferença de Peter Morrison quanto a eles, ele parecia somente pensar no presidente em tudo o que fazia. Após pensar mil coisas odiosas, viu também seus ferimentos e como ele os ignorava. Percebeu tamanha dedicação que aquele homem sisudo mantinha em sua missão. Seu foco era cumpri-la qualquer fosse o custo, qualquer fosse a situação. Inferiu só poder compreendê-lo por esse viés.

-Não sei o que eu poderia fazer, - disse John, apontando para o metal em seu abdômen. – não estou no melhor da minha condição física.

-Vamos tirar isso daí, mas temos que resgata-lo primeiro.

Com um pouco de esforço, John se levantou e andou em direção a Peter, conferindo antes de ir, o estado de Cathelin, e se ali poderia deixá-la.

-Onde ele está?

-Está cercado por ferro e fogo, não consegui tirar sozinho a barreira no caminho. Se ele permanecer lá por muito tempo, vai acabar morrendo por asfixia...

-Sim, vamos.

Os dois seguiram até o ponto onde Richard se encontrava e conseguiram empurrar uma chapa que se mantinha no caminho. A fumaça era muito forte ali e até eles já sentiam falta de ar no pouco tempo que permaneceram.

Richard estava caído sob alguns tubos retorcidos, desmaiado. Peter, que estava também ferido, não conseguia remover todas as barreiras sozinho, mas com a ajuda de John, pôde puxar e empurrar o que foi necessário e salva-lo, arrastando-o para fora daquele círculo de destruição.

Após ser puxado para longe da fumaça mais forte, Richard despertou e começou a tossir muito, estava tremendamente comprometido pela fumaça.

-Por Deus! Que situação é esta? – reclamava Peter, virando-se para todos os lados, indignado com toda aquela carreira de acontecimentos.

-Não está fácil pra ninguém. – respondeu John.

-Não dá para acreditar em como viemos parar aqui, parece um thriller maldito! – exclamou Peter Morrison.

-Eu que o diga, vocês são do governo, estão acostumados a esse tipo de coisa, conspirações, tiroteios, missões. – John ousava devanear. - Eu só queria buscar minha mulher...

Richard se contorcia, ainda deitado no chão, uma forte dor de cabeça o deixava terrivelmente abalado. Enquanto tossia, indagou:

-O que ... foi isso?

-Senhor Presidente, - disse Peter, enquanto o acudia. – deixe-me auxilia-lo.

-Temos que sair daqui logo. – disse John, apontando para as chamas, que cresciam.

-Você viu o agente Robinson? – perguntou Peter.

-Ele... – John ameaçou dizer o desfecho do agente.

-Se morrermos à procura dele, sua própria morte será em vão... – disse Peter Morrison, impaciente, interrompendo o jovem.

O local estava sendo tomado pela fumaça, o metal ainda rangia e o calor aumentava pelo fogo crescente. Os três começaram a caminhar, mesmo com dificuldades, para longe daquela

tragédia, iriam buscar a próxima estação.

John andou até Cathelin e verificou o ferimento. O sangramento não mais preocupava. Levantou-a e conduzia seus passos, com ela apoiada em seu ombro. Precisava ser forte por sua esposa.

-Está doendo muito? – perguntou ela, olhando seu ferimento na barriga.

-Hum, um pouco... – disse, disfarçando sua agonia com a dor.

-Não precisa se fazer de forte, Jonny, já tenho provas suficientes disso... – brincou.

John olhava à frente enquanto andavam, mas Cathelin percebia seu olhar distante, pensativo. Ele percebeu que ela o observava e fitou-a, com certa tristeza.

-Eu só queria te levar pra casa, Cat... – resfolegou em seu desânimo.

-Não se preocupe com isto, vamos chegar lá... vivos.

Ela ainda falava quando John foi acometido de uma dor insuportável, incapaz de permanecer de pé, e caiu, de joelhos, inclinando-se quase em posição fetal. O metal continuava cortando sua carne.

-Socorro! – gritou Cathelin. – Me ajudem!

Peter Morrison, que auxiliava Richard, ao vê-lo no chão, correu para ajudá-lo. Sabia de sua importância nesses momentos de inexplicável tormenta.

-Vamos tirar esse ferro daí. – disse ele, tentando acudir o jovem.

-Mas e o sangramento? – perguntou Cathelin, já em prantos.

-Não sei, realmente não sei, mas temos que remover esse metal, antes que a laceração aumente e ele entre em choque pela dor.

-E se usarmos pólvora? – perguntou John, curioso, mesmo com dificuldades para falar por causa da dor.

-Pólvora?! – indagou Peter. – Você quer fazer o quê, jogar pólvora aí dentro e queimar? Isto não é um filme, rapaz! Heróis e sua própria ciência... – resmungava.

Richard se mantinha de longe, apenas olhava a situação. Além de não sentir-se bem, tinha sérios problemas para lidar com sangue.

-Vamos ter que puxar isto. – disse Peter Morrison. – Logo após, fazer pressão sobre a ferida, para auxiliar com o sangramento. Espero que não tenha atingido nenhum órgão...

John tentava preparar-se para a dor, mas inútil. Quando Peter puxou o metal, a sensação foi tão intensa que, após um forte urro, desmaiou.

-John! – gritava Cathelin.

-Não fique aflita, - respondeu Peter. – é normal acontecer isto. O que temos que nos preocupar é com este sangramento.

Com retalhos sua própria camisa, Peter pressionava a ferida, até que tudo era sangue. A escuridão do túnel não permitia enxergar perfeitamente a situação, mas em algum momento ele creu que havia conseguido resolver a emergência.

-Acho que conseguimos. – disse Peter Morrison.

-Boa notícia. – completou Richard, ainda tossindo muito.

-Pelo resultado, creio que o ferimento foi apenas muscular, não atingiu nenhum órgão, nada vital. Ele ficará bem para seguir.

Fizeram uma pequena pausa, para aguardar o restabelecimento do rapaz. Enquanto conversavam, John voltou a si, gemendo um pouco, mas estável. Para a surpresa de todos, ainda mantinha seu incômodo senso de humor: Uma xícara de café e um pouco de morfina seria muito bom...

-Anime-se e levante, - respondeu Peter. – temos que sair daqui logo, ou morreremos por asfixia.

Com muito esforço e ajuda dos demais, John conseguiu se pôr de pé. Mesmo com grande dificuldade, o grupo iniciou sua caminhada em direção à próxima estação. Enquanto andavam pelos trilhos, o silêncio parecia ser uma pessoa ao lado deles. O cansaço que sentiam após tudo aquilo era tão forte, que meras palavras se tornavam pesadas aos lábios. Pelos longos minutos em que caminharam imersos na escuridão dos túneis, mesmo com tantos pensamentos, nada falaram, nada expressaram, tudo que se ouvia eram os sons dos túneis, dos passos rastejantes e das respirações pesadas que forçavam em seus peitos.

Andaram por um bom tempo, suficiente para crer que estavam próximos à estação seguinte. O túnel se tornava um tanto iluminado mais à frente, o que os animou. Porém, as luzes começaram a se mover, até perceberem que se tratavam de lanternas.

-Quietos! – cochichou Peter Morrison, embora todos já pensassem o mesmo.

-Parece que estão vindo em nossa direção... – replicou John.

-Sim, sim, devem ser policiais. – acrescentou Peter.

As luzes cresciam à medida que se aproximavam, percorriam toda a parte, mostrando que seus

portadores estavam investigando o lugar.

-Senhor presidente, - disse Peter. – fique atrás, não queremos que o vejam.

Richard retornou um pouco e procurou alguma forma de se esconder.

-O que faremos? – perguntou John.

-Não tenho certeza, parecem ser policiais... Mas mesmo que sejam, não podemos confiar neles. – respondeu Peter.

-Vamos embosca-los. – sugeriu John.

-Como? Não há como nos escondermos aqui...

-Sei como fazer...

John, Peter e Cathelin caminharam vagarosamente em direção aos estranhos, sem armas em mãos. Quando a luz das lanternas os alcançaram, um deles logo gritou, de longe:

-Mãos ao alto! Estamos armados!

-Quem são vocês? – perguntou outro, mirando lanterna e arma na direção dos três.

-Comandante Peter Morrison, FBI, e dois companheiros civis. – respondeu Peter Morrison, com as mãos para o alto, segurando suas credenciais. John e Cathelin permaneceram calados.

Os homens se aproximaram mais, para melhor vê-los, eram três seguranças. Ao enxergarem as credenciais de Peter Morrison, se acalmaram e abaixaram suas armas.

-Detectamos que houve um acidente na linha, provavelmente um descarrilamento, e viemos investigar. – disse um deles.

-Pelo seu estado, os senhores estão vindo de lá, não é? – perguntou outro, já infeliz com a constatação.

-Sim, - respondeu Peter Morrison. – conseguimos escapar com vida. Viemos chamar o resgate.

-Alguém mais sobreviveu? – indagou o primeiro.

-Receio que não... – continuou Peter Morrison. – Preciso usar algum aparelho de comunicação, os senhores podem me emprestar algum?

-Infelizmente não. Nada está funcionando.

-O que houve?

-Não sabemos, toda comunicação parou de funcionar, tentamos realizar chamado de emergência para cá e não conseguimos...

Enquanto eles conversavam, John continuou caminhando, lentamente, até ter passado por eles. Os homens, sem perceberem sua intenção, continuaram conversando com Peter. Ao ver que eles estavam desatentos, puxou sua pistola, mirou em sua direção e disse:

-Mãos ao alto!

Ouvindo o aviso de John, eles ameaçaram reagir, mas desistiram de fazê-lo ao ouvir o clique da trava de sua pistola, que já estava apoiada na nuca de um deles.

-Vocês ouviram? Mãos ao alto! – gritou John.

Peter também puxou a sua e mirou para eles. John logo se encarregou de tomar suas armas e procurar pela munição. Enquanto os revistava, encontrou além das armas que procurava, algemas.

Isto deve ajudar...

Algemou cada um deles, como prisioneiros, embora essa não fosse sua intenção.

-Seus canalhas! – gritou um deles. – Olhem à nossa volta! Vocês perderam a cabeça?

-Fique quieto. – respondeu Peter Morrison. – Você não entenderia...

Ele ameaçou continuar seu manifesto, mas Peter o repreendeu.

-Cale-se! Ou terei eu mesmo que fazer isto! Você não vai entender nossos motivos, não podemos correr riscos.

Após o chamado de Peter Morrison, Richard surgiu, vindo da escuridão. Surpreendidos e espantados ao vê-lo, os três homens logo mostraram-se perigosos. Um deles, ao reconhecer o presidente, tornou-se tenso, respirando ofegante e alternando o olhar entre Richard e o chão. Era impossível saber o que faria se estivesse sem as algemas, e pior, com armas em mãos. Outro caiu de joelhos, rosnava como um cão que sente o perigo e olhava para Richard sem ao menos piscar. O terceiro demonstrou certa perda de equilíbrio, mas mantinha-se consciente, reclamando apenas de dor de cabeça.

Vendo a situação, Richard disse:

-Creio que daqui pra frente não poderemos confiar em ninguém... Isto confirma a teoria de que as pessoas estão todas sob efeito desse ataque.

-Esses homens certamente não estavam na Quinta Avenida no momento do incidente. Será isto um ataque coordenado de maior alcance? – indagava Peter a si mesmo, soltando um suspiro

que mais parecia um desabafo, após a péssima constatação.

-Bem, ao menos temos munição agora. – disse John, distribuindo os espólios.

Tomando posse das armas daqueles seguranças, John distribuiu a munição e entregou uma a Peter e outra a Richard.

-Não quero isto. – disse Richard, ao receber a arma.

-Acho que é melhor você aceitar... – respondeu John.

-Eu não faria bom uso dela...

-De qualquer forma, - interrompeu Peter Morrison. – pegue-a, senhor. Não sabemos o que nos espera daqui pra frente.

Richard resolveu aceitar a arma. Ainda resistente, guardou-a, prendendo-a em seu cinto.

-Nunca me imaginei disparando em alguém... – disse Richard. – Sou um homem de palavras, não de violência...

-São duas coisas que jamais voltam. – disse John, ajeitando armas e munição em suas vestes sujas.

-O que quer dizer? – indagou Richard.

-Duas coisas jamais voltam atrás, presidente, as balas de sua arma e as palavras de sua boca.

-Não compare uma coisa com a outra, - respondeu Richard, agastado. – um moleque como você não seria capaz de me dar lições.

-As balas da Segunda Guerra só foram disparadas após as palavras de seus antecessores governantes. No teu caso, senhor, creio que palavras valham muito mais do que balas, pois são capazes de evita-las.

Richard se calou diante das palavras do jovem. John abriu um sorriso e continuou:

-As coisas nunca funcionam como pensamos. Eu também não me imaginava disparando contra alguém, até que “o alguém” atirou em mim.

-Me impressiona como você consegue tratar uma questão tão complexa e aterradora que é tirar a vida de alguém, com tanta simplicidade... – disse Richard, fitando-o. - É como resumir uma equação impossível a uma simples operação matemática. Isto não é algo tão trivial quanto uma simples briga de bar, onde os dois podem sair dali e refletir seus erros quando estiverem sóbrios. Isto se trata de morte... É algo irreversível.

Mesmo sofrendo com o forte cansaço, John mantinha seu sorriso sarcástico no rosto enquanto

caminhavam e conversavam. Peter apenas assistia e Cathelin não tinha a menor coragem de se intrometer num assunto tão difícil e com alguém tão importante. John respondeu ao presidente:

-Acho que a culpa não percorre grandes distâncias, não é? Te assusta disparar contra alguém, mesmo quando diariamente toma decisões que podem matar em tantos lugares diferentes...

Richard bufou diante da confiada afirmação daquele rapaz intrometido. Respondeu:

-São decisões necessárias, rapaz. Você não questionaria optar por elas se estivesse em meu lugar.

-Creio que este realmente seja o xis da questão. Tão simples quanto minha relação com a morte. Tirar a vida de alguém não me dá nenhum prazer, mas com certeza eu prefiro me manter vivo.

Peter Morrison se mantinha estudando o jovem durante o curioso diálogo que ele sustentava ao seu lado. Analisava sua proficiência no manuseio de armas e como ele, sendo ainda novo, já havia formado uma filosofia tão assaz para questões tão complexas. Arriscou:

-Pela sua lógica, creio que você já passou por situações suficientes para ter desenvolvido um pensamento assim...

Alguns passos depois, John respondeu:

-Não sou muito bom em morrer...

John virou-se para Cathelin e lhe ofereceu a arma sobressalente, segurando-a pelo cano e virando a coronha para ela.

-Amor, não! Não vou pegar isto...! – disse ela, assustada, acenando negativamente.

-Por favor, pegue, não estamos em condições de ficar indefesos.

-Mas eu não sei...

-Te ensino. Apenas destrave aqui e atire apertando este gatilho. – disse ele, mostrando a ela como fazer. – Use as duas mãos e estique os braços como se fosse dirigir, para que o tranco do disparo não traga a arma para trás e acerte você.

Cathelin gaguejava muito, nervosa e com medo. Alguém que estava acostumada a lidar com livros, tendo que lidar justamente com o que seus livros mais procuravam combater.

-Não terei condições de usar isto, não sou esse tipo de pessoa... – retrucou ela, insistentemente.

-Olhe, apenas leve contigo. Se não puder, não use, mas se não houver opções, você estará com

ela. – disse ele, fitando-a com calma.

Encurralada pela justificativa de seu esposo, Cathelin pegou a pistola.

-Estamos esperando o quê? – disse Peter Morrison, com seu jeito rude. – Estes túneis não vão nos levar a lugar nenhum se não andarmos. – Virou-se para os três seguranças algemados e disse: - Vamos leva-los até a estação e os deixaremos lá, em segurança. Não ousem fazer nada ou irão se arrepender...

Levando consigo os homens algemados à frente, o grupo seguiu, caminhando pelos túneis. No meio iam Peter Morrison e Richard, logo após estava John e, por último, Cathelin o seguia.

Tudo o que queriam era sair daquele inferno.

Capítulo 39

Conflito

O caminho pelos túneis escuros era dificultoso, a luz das lanternas apenas permitia vislumbrar o que havia à frente, e não se sabia o que ou quem poderiam encontrar adiante. Enquanto andavam, Richard tomou a palavra:

-Senhor Morrison, precisamos saber qual o próximo passo a seguir.

Peter Morrison demonstrava já não mais resistir ao cansaço, seu olhar pesava ainda mais a face ornada por arranhões que desvaneciam o vermelho do sangue no suor que escorria de sua testa. Mas tamanho era seu senso de dever, que mesmo naquele estado limite, mantinha-se absorto em sua concentração. Ainda hesitante, respondeu:

-Creio que no momento nossa preocupação primária seja a tua segurança, senhor.

-Segurança? – indagou Richard, claramente irritadiço. - Eu estava protegido pelo cerco dos melhores agentes da segurança nacional, supridos pelos melhores equipamentos de tecnologia defensiva e coberto por toda uma equipe de assessoria altamente treinada, quando um desconhecido consegue postergar todo esse sistema, lançar um ataque que até o momento não fazemos ideia do que seja e quase me matar, usando minha própria equipe como arma. Me diga, Sr. Morrison, de que maneira o senhor pode garantir minha segurança?

-Não estou entendendo onde o senhor quer chegar. – respondeu, constrangido, o Inspetor Geral do FBI.

Todos ouviam a conversa calados e John, vendo a situação díspar em que o inspetor se encontrava, foi capaz de, pela primeira vez, compadecer-se dele. Richard continuou:

-Estou dizendo que nós, toda aquela equipe, o meu governo, fomos subjugados de todas as formas! E nós estamos apenas fugindo, como cães covardes... Precisamos contra-atacar urgentemente!

-Sim, senhor, - respondeu Peter, humilhado. - estou tentando encontrar esta estratégia, mas até o momento não há nada palpável...

-Me surpreende como a Democracia sabe escolher seus representantes... graças a ela não é o senhor que está em meu lugar. Está claro que estes ataques são em resposta à política que venho exercendo externamente. Recuar o processo seria assumir a derrota para esses infelizes. Esses malditos! Creio que nossa melhor saída seja dar prosseguimento aos nossos objetivos decididos na última reunião...

-Então o senhor quer dizer...

-Sim. Este é o melhor momento para conseguir o apoio internacional, eu não vou deixar passar esta oportunidade.

John tentava compreender o que os dois falavam, mas nada sabia a respeito, senão os acontecimentos estranhos que havia presenciado nas últimas horas.

Enquanto conversavam, ambos perceberam um choro fino, bem baixo, como de alguém que chora por dentro, um soar de agonia que se torna voz e não cabe mais na garganta. Pela voz feminina que desenhava as nuances da melodia triste, perceberam que o choro vinha de Cathelin.

Enquanto Peter e Richard se viravam para vê-la, ouviu-se um clique. Ao olharem, viram-na com a arma em punhos, apontada para o presidente, tremulando copiosamente no nervosismo que tomava suas mãos. John, ao ver sua esposa naquele estado, muito se entristeceu. O que sucederia aquele descontrole? Ainda contido, tentou acalmá-la, dizendo:

-Cat, o que houve? Abaixei isto e deixe-me te ajudar...

Os outros olhavam, atônitos, a estranha reviravolta. Peter, que até então ouvia duras repreensões, pôs-se à frente de Richard, entre ele e Cathelin, para protegê-lo.

Não mais resistindo ao conflito residente em sua mente, Cathelin soltou um choro mais alto e agudo, lágrimas desceram pelo seu rosto que desenhava a expressão de um coração estarecido. Suas mãos trêmulas pareciam sofrer com o peso da arma que carregavam, não o peso de segurá-la, mas do que poderiam fazer com ela. Com o pouco de forças que lhe restavam para soltar sua voz rouca, ela balbuciou um apelo:

-Jonny, me ajude!

-Apenas abaixe-a e eu vou poder te ajudar. – respondeu ele, cuidadoso, pois não entendia o que estava acontecendo. Não queria machucá-la e temia o risco de agir precipitadamente e causar mais problemas do que já teriam.

Peter Morrison sacou sua arma agilmente e apontou para a moça. Disse então:

-Isto é efeito daquele ataque! Ela retardou o colateral até agora...

-É possível ser isto realmente... – respondeu Richard. – Faça algo, Sr. Morrison!

Peter Morrison tentava entender como aquilo aconteceu. Os agentes que os acompanhavam também passaram por aquele processo de retardo, mas ela havia resistido muito mais tempo. Pensava: Pode ter sido disparado quando ela recebeu a arma...

-Não consigo baixar os braços, Jay! – disse Cathelin, soluçando, ávida pelo socorro de seu

esposo.

-Respire fundo, Cat, se acalme e nada vai acontecer... – John aproximava uma das mãos até a arma que ela segurava.

-Sr. Peter! O que está esperando? – gritou Richard.

Peter hesitava ferir a moça, sabia que ela não tinha propósito naquilo, mas por outro lado, havia o risco de ela sucumbir aos efeitos de sua mente e apertar o gatilho. Era a segurança do presidente que estava em questão... Sabia também que se algo acontecesse a ela, teria de enfrentar seu esposo enfurecido e isto não terminaria bem. Destravou a sua arma e preparou-se para o pior. John ouviu o som do destrave atrás dele.

-Sr. Morrison, é a minha segurança que o senhor quer?! – gritou Richard, pressionando-o. – Haja logo, ou...

Antes que Richard terminasse a frase, deu de cara com o cano da pistola de John e, atravessando o metal frio da arma, do outro lado da mira, o olhar de ódio do jovem:

-Se algo acontecer a ela, o teu governo termina aqui.

-John, por favor...! – clamou ela, nervosa. O tenso desenrolar da situação acentuava suas emoções e ela já se via perdendo o controle.

John percebeu que a única saída era tentar por ele mesmo, apenas acalma-la não daria certo. Olhou-a nos olhos, depois observou Peter Morrison e tentou avisá-lo do que iria fazer. Como estava próximo a Cathelin, de supetão, empurrou suas mãos para o alto, levando para cima a sua pontaria. Como seu dedo estava no gatilho, acabou disparando, mas o tiro foi para o teto do túnel. Rapidamente ele tomou a arma de suas mãos e a abraçou. Ela chorava como criança.

-Me desculpe, fui eu que te forcei a isso... – ele sussurrou em seus ouvidos.

Peter Morrison respirou aliviado. O problema estava, em parte, solucionado. Richard sentiu-se indignado com a insubmissão de seu principal agente de segurança. Irado, exclamou:

-É isto que você chama de segurança?! É este o homem que está à frente da segurança nacional? Você não consegue tomar uma decisão como esta, como servirá ao seu país?

-Ô Pacino, - gritou John, ainda segurando Cathelin em seus braços, ao ver Richard esbravejar com Morrison. – ela já está desarmada!

Richard Voight não conseguia desprender-se da ideia de que num outro momento Cathelin voltaria a praticar algum ato contra ele, já que havia demonstrado ter sucumbido aos efeitos de sua própria mente. Nervoso, como qualquer pessoa normal ficaria diante de uma ínfima possibilidade de morrer, indagou:

-Como você garante que isso não voltará a acontecer? Como saberemos que ela está de volta ao normal?

-Não posso garantir isso. – John redarguiu, com olhar fixo no presidente.

Richard se calou. Os três guardas observavam tudo, boquiabertos.

John guardou a arma em seu cinto, beijou levemente sua esposa no rosto, enquanto retirava-lhe os braços. Voltou-se para Richard e caminhou até ele. Fitou-o soturno e ameaçador, e sussurrou num monocórdio venenoso:

-Te garanto uma coisa: nunca esquecerei do que você acabou de fazer. Faça alguma coisa a ela e eu serei teu maior problema.

Peter Morrison interrompeu, tentando atenuar a situação:

-Acho melhor voltarmos a andar, o ar já está ficando pesado aqui.

Após trocas de olhares e abrandamento das emoções, voltaram a caminhar pelos túneis escuros do metrô. John caminhava com dificuldades, graças ao ferimento que tinha aberto no abdômen, mas mesmo assim dava apoio à sua frágil esposa emocionalmente sôfrega. Após longos minutos de caminhada, encontraram as luzes da próxima estação. Peter Morrison adiantou-se, com arma em punhos, cauto e metuculoso, conferindo se tudo estava seguro, até confirmar que já não havia ninguém ali.

Subiram para a plataforma e seguiram até as escadas, teriam de arrumar um veículo para partir dali em segurança. Decidiram que os quatro subiriam até a superfície juntos, pois John não confiaria deixar Cathelin sozinha com os dois. Somente quando avistaram a rua, puderam perceber que a noite já estabelecia sua escuridão sobre a cidade.

Partiram na direção que consideraram mais apropriada, deixando os guardas para trás, algemados. Um deles gritou:

-Vão nos deixar assim, algemados?

Peter puxou uma chave do bolso, que era das suas algemas, e jogou próximo aos seus pés. Antes de partir, comentou:

-Não levem a mal, era questão de segurança...

O reduzido grupo caminhou à procura de um carro que pudesse arrombar. Uma quadra adiante, depararam-se com um modelo antigo, talvez esquecido no momento de desespero que a cidade viveu. Com a habilidade aprendida ao longo dos anos confusos de sua vida, John abriu uma porta e, usando seu truque com os fios, pôde ligar o carro de passeio e dar a partida. Sentia-se em um daqueles filmes de ação que tanto gostava, arrombando carros, imerso em tiroteios e situações cinematográficas, mas não havia ali nenhum prazer, nenhuma diversão, apenas a

realidade que precisava enfrentar para proteger a única pessoa que lhe importava na vida.

Ao acelerar o carro, não só ele, mas todos ficaram chocados quando observaram a cena à sua frente, uma avenida importante de Nova York, praticamente desértica, abandonada, sombria. Uma forte sensação de impotência tomou seus corações, diante de tamanha catástrofe e ainda maior falta de compreensão sobre o que tudo aquilo significava. Os maiores problemas, quando ainda no âmbito de nosso entendimento, são pequenos diante do menor fato inexplicável, pensava Richard, pálido diante daquela visão.

Permanecer em silêncio era um alívio para cada um. Ninguém perguntava para onde iriam, dava sugestões ou tecia comentários, apenas silêncio. John dirigia quieto, prófugo e ladino, observando cada esquina antes de ultrapassá-la, mas só havia um lugar em sua mente, sua casa.

Capítulo 40

Homem de ferro

Havia uma densa neblina à sua volta naquela rua. Glenn Marshall corria, cansado, tropeçando sobre seus próprios pés, em meio ao nevoeiro. Ele fugia de algo, olhava para trás sempre que podia, para tentar descobrir se estava sendo seguido, mas nem ao menos conseguia saber o que ou quem o seguia. Tal circunstância era sobremaneira desesperadora, lhe provocava uma agonia terrível à medida que percebia sua incapacidade.

Mantinha-se porém a correr, pois também perseguia algo. Isso sim, era o que mais lhe intrigava, sabia que precisava descobrir de que se tratava o quanto antes, ou seria alcançado por aquilo de que fugia, e seria tarde demais... Fugia de algo que não conhecia e perseguia algo que não sabia, e a misteriosa neblina o impedia de ver o que havia adiante e atrás. Aflito, continuava seguindo em frente, ofegante, mesmo que só enxergasse o asfalto que estava sob seus pés.

Numa certa altura de sua carreira, ouviu repentino um ruído bem próximo, o que o fez parar, temeroso. De prelúdio abafado e muito baixo, o som não era inteligível, Glenn não conseguia identifica-lo, mas o barulho foi crescendo e tomando tom, tornando-se mais alto e nítido. Ele ouviu como se algo despedaçasse à frente e de todos os lados. E continuava a zunir, como muitos pedaços de vidro espatifando-se no chão.

Obstinado muito mais do que qualquer temor poderia lhe amedrontar, começou a correr em direção aonde cria ser a origem de tudo. O seu esforço era tamanho, que lhe faltava ar nos pulmões.

A situação desesperadora durou alguns segundos e o som, que semelhava ao tilintar de estilhaços de vidro, já não era tão distante, nem tão agudo, já não era tão cortante, tomava forma de um ressoar, como uma sirene, sim, uma sirene, e já era perfeitamente audível.

Com um forte suspiro, Glenn abriu os olhos. Quando suas córneas puderam retomar o trabalho e identificar o que estava à sua frente, viu-se por sobre o painel de seu carro, em meio aos cacos do que restava de seu para-brisas. Muitas luzes brancas e vermelhas, e também azuis, piscavam e transformavam o ambiente dantes sótno e sombrio, em algo volumoso e iluminado.

O jovem agente percebeu-se imóvel por entre os destroços do carro batido. Sangue escorria por sua testa e pingava à frente de sua vista, caindo sobre o painel e deslizando para encontrar a poça que se formara sobre o tapete, vinda de seu ferimento na barriga.

Ahhrg! Sentiu então como doía sua barriga.

Tudo ficou escuro novamente. Não havia mais nevoeiro, apenas breu, e vozes longínquas e graves, nervosas, apressadas e apreensivas. Ele mal podia entender o que falavam, só as ouvia. Seus ouvidos pareciam sofrer uma pressão, como a de um mergulho num mar profundo. Seu devaneio o fez acreditar que aquela escuridão era de um oceano, mas após algum tempo, tudo novamente clareou, e ele ainda estava ali, no carro.

Com as poucas forças que lhe restavam, virou a cabeça para o lado direito, pois um barulho lhe despertou. Era uma pessoa tentando arrancar a porta do carro. Um paramédico. Foi quando ele notou a ambulância e as viaturas policiais à volta, cercando o perímetro.

-Ele está acordado! – gritou o paramédico.

-Rápido! Puxem isto! – respondeu outro, que procurava livrá-lo dos destroços o mais rápido possível.

Glenn se deu conta do estado em que seu carro estava. Muito destruído. Talvez até perda total. Ah, o seguro que iria fazer... Devia realmente estar em alta velocidade no momento da fuga. Fuga! O que será que houve com aquele Joseph Hawkes? Tinha certeza de que o vira caindo de face no chão pelo retrovisor. E o seu parceiro? O notebook!

Procurou com o olhar por sobre o banco do carona e o chão do carro, até que viu o aparelho, todo destruído, e o pendrive repartido e torto ao lado dele.

Com os olhos absortos em cansaço e as pálpebras pesando sobre sua visão, ainda teve tempo de vislumbrar um pouco acima e ver seu bonequinho do homem de ferro, ali, pendurado, balançando sob o retrovisor, provavelmente a única coisa que ainda estava inteira naquele carro.

Glenn relaxou os músculos e deixou a cabeça recostar sobre o volante. Mesmo com o soar da buzina, dormiu.

Capítulo 41

Quem procura, acha

Reese havia passado uma tarde difícil. Após despedir-se do jovem John, saiu à procura de seu escudado, Mason, sem saber para onde fora levado pelo capanga ao qual imputou essa missão.

Após o terrível incidente da Quinta Avenida, tudo parou de funcionar em Nova York, comércio, transporte, serviços públicos dos mais básicos não se viam ao alcance, e redes de transmissão e celulares não serviam mais para comunicar. Era o inferno para o cidadão do mundo globalizado. Para que a telefonia não funcionasse, era provável terem desligado as torres de comunicação, deduziu. O problema era que ele estava incomunicável, o que dificultava grandemente sua procura pelo chefe. Teria de improvisar.

O mais natural na família, por todos aqueles anos, era cuidar de seus feridos em lugares escusos. Médicos especialistas recebiam bons salários para manterem-se disponíveis a atender a qualquer emergência em qualquer lugar que não fosse público. Com esse esquema, baleados em tiroteios ou sofrendores de quaisquer outros revezes não teriam de enfrentar investigações policiais após receberem o atendimento necessário. Reese muito desejou que o capanga a quem confiara tivesse procurado os médicos do jogo para retirar Mason do hospital, mas já não tinha esperanças de que isso tivesse acontecido.

Mesmo assim, antes de sair pela cidade em busca de Mason nos agora lotados hospitais, resolveu ir à sua casa e usar o telefone residencial para contatar quem soubesse de seu paradeiro. Passou parte da tarde fazendo ligações e mais ligações, mas nada conseguiu, senão deixar o tempo tomar a dianteira.

Após a frustração de seu intento e ira pela incompetência do subjugado, saiu à procura de seu chefe aonde quer que pudesse estar. Visitou os principais centros de atendimento médico da cidade e via a tarde dar lugar à noite quando finalmente pôde ouvir o nome de Mason ser dito pelos lábios de uma recepcionista, em um hospital médio nova-iorquino.

-Então ele está aqui? – indagava com entusiasmo.

-Segundo andar, ala B, leito 5. – respondeu a recepcionista, fria e fatigada.

O velho seguiu ávido ao ponto indicado pela recepcionista, sem ao menos lembrar-se de agradecer. O estado caótico em que se encontrava o hospital dava-lhe oportunidade de entrar ali armado sem ser percebido. Subiu as escadas como se fosse jovem e logo encontrou o leito onde descansava seu chefe. Ao entrar, quase lhe sumiram as esperanças de poder cumprir a promessa feita a Elias.

Mason não parecia nada bem. Amortecido sobre aquela cama, respirava com ajuda de aparelhos e deixava Reese em uma terrível dúvida se estava em coma ou apenas dormente. Os curativos eram grandes e demonstravam que houve ali um procedimento demorado à procura de estilhaços. Os sinais vitais eram tão fracos que as máquinas tornavam-se ainda mais tediosas à sua volta.

Michael Reese caminhou até à beira da cama e se pôs a olhar para o moribundo. Tinha consciência de que seu remorso por falhar em sua promessa era muito mais forte que a própria compaixão que sentia pelo traste que seu chefe havia se tornado, mas o juramento de lealdade e cuidado insistia em ecoar em sua mente cansada, sem fim.

-Ah! Então você nos encontrou. – Reese ouviu alguém dizer por detrás dele. Ao virar-se, viu o capanga ao qual competiu a missão.

-Você é louco?! – exclamou ele, tentando manter a voz baixa. – Trazer ele para cá??? E agora, como será com o depoimento?

-Hey, hey! – respondeu o homem, pondo suas mãos à frente, na defensiva. – Não tive opção! Além de ele já estar sendo atendido pelos paramédicos, o que não me dava muitas opções, o telefone não funcionava mais e eu não podia chamar ninguém pra busca-lo!

-Sempre há um jeito! Sempre! – insistiu, decepcionado.

-Talvez houvesse, se você não tivesse fugido... – redarguiu o homem, com ar condenador.

Reese franziu a testa, bufou um pouco de sua raiva, mas não poderia justificar sua saída para aquele homem, ele não compreenderia.

-Não teria saído se não houvesse algo muito sério para resolver...

-Sei, sei... – disse o homem, desprezando-o, já aparentando delírios de reconhecimento pela família, devido ao salvamento. Por um instante Reese desejou dizer-lhe como estaria enganado se pensasse que o que fizera nada lhe garantiria, mas resistiu.

Sob o clima de acusação do malicioso capanga, permaneceu ali, acompanhando o estado de Mason. Não queria deixa-lo por mais nenhum momento, e somente quando a abstinência da nicotina tornava-se insuportável, ele seguia até uma máquina de café e trazia um cappuccino em mãos, que tomava em frente à porta do leito de Mason, olhando a rua pela parede de vidro do corredor. Se houvesse alguma reação por parte do ferido, ele estaria ali para auxiliar e culpar-se menos por seu fracasso.

Horas passaram-se e a idade mostrava bem como era capaz de lhe enfraquecer as pernas, obrigando-o a buscar assento. Encontrou uma cadeira de plástico no canto do leito, na qual pôde aliviar as dores nos ossos enquanto descansava. Recostou-se, acariciando de forma doentia os bolsos onde estavam o maço e o isqueiro, em seu paletó. Levou a mão direita ao rosto, percebendo num afago a barba crescente em sua pele envelhecida.

O tédio é um veneno...

Em meio à inércia obrigatória que viveu naquelas horas, observava Mason, pálido e pouco vivo, seu respirador, o intravenoso que sustentava seus níveis metabólicos e os aparelhos que auxiliavam o monitoramento de seu estado decrépito. Era culpa sua, ele pensava. Cada ponto cirúrgico que fechava as feridas de seu chefe era um sinal de sua falha ao protegê-lo, mas no fundo, doía-lhe apenas a promessa de anos atrás. Ao ver Mason naquele estado, seus pensamentos só eram capazes de trazer-lhe Elias.

Foi em um momento de total abstração forçada que Michael Reese percebeu algo diferente. Um sinal que apitava baixinho num aparelho qualquer mudou de ritmo, e quando olhou para o paciente, percebeu que sua respiração não estava como antes. Em seu rosto não muito corado, viu um leve movimento por baixo de suas pálpebras, quando se aproximou. Ele estava reagindo! Reese olhava aquela cena sem saber mito bem o que fazer, pensou em chamar o capanga que comia algo no refeitório, mas como não gostava dele, decidiu aguardar sozinho.

Mason abriu os olhos.

-Oh, garoto! - exclamou ele, esperançoso, bem baixinho.

Mason forçava o olhar, tentando recobrar a visão provavelmente embaçada pela treva que vivera nas últimas horas. Apontava os olhos para todos os lados, até deparar-se com o rosto do velho Reese, sobre ele, tampando o forte clarão da lâmpada mais acima, sorrindo e dizendo:

-Acalme-se, garoto, você precisa descansar!

Ainda afoito após acordar, um pouco ofegante e ansioso, Mason fechou novamente os olhos e deixou-se vencer novamente pelo cansaço. Dormiu.

Algumas horas e dois cappuccinos depois, o velho insistia manter-se acordado, mesmo abalado ao sono pelo leve piscar da lâmpada fluorescente. Havia cochilado certa vez, mas após acordado pelo próprio ronco, não mais dormira. Deu falta do capanga, o homem devia ter saído, por não mais resistir ao tédio daquela vigília.

São essas coisas que ele não sabe, nem vai aprender... Resmungava consigo mesmo, amargo pela má companhia, quando percebeu Mason fitando-o, de canto de olho, deitado em seu leito.

-Oi, Mason. – disse baixo, cuidando para que nenhuma enfermeira ouvisse e o repreendesse do corredor.

O gangster apenas fitava-o, respirando com certa dificuldade.

-Você me preocupou, garoto. Pensei que não mais te veria de olhos abertos... – continuou o velho. – Tudo aconteceu muito rápido na Quinta Avenida, você não faz ideia do caos que...

-Chega... – Mason o interrompeu, com sua voz fraca, quase inaudível, abafada pelo inalador.

Reese pausou sua fala, atônito pelo esforço de seu chefe em falar-lhe, e intrigado pela breve interrupção.

-Chega... – Mason repetia, com um tom exigente em sua quase rouquidão. – Inúteis! Eu... eu não posso mesmo confiar...

-Refere-se a quem? – Michael Reese sabia que devia aconselha-lo a não mais falar, devido ao seu estado péssimo, mesmo assim não ousou repreendê-lo, mais pela curiosidade que lhe incomodava, precisava saber do que ele falava.

Mason priorizou respirar por alguns instantes, tinha muita dificuldade em fazer qualquer esforço, mas logo que sentiu-se apto, retomou como pôde:

-Você é o primeiro culpado! Uma vida inteira comigo, e por confiar em você eu acabo nesse leito, assim...

-Por que acha que eu...?

-Eu quero ele morto, Michael! – Mason exclamou mais forte que antes. Reese pôde ver uma mancha vermelha crescendo sob o lençol que cobria o jovem, na altura do abdômen. Seu esforço de fala estava abrindo-lhe as feridas. Mesmo vendo o sério estado de seu jovem chefe, Michael já não sentia-se importar como antes, algo parecia ter amortecido dentro de si.

-Ward está morto, Mason. – Deu-lhe a notícia, satisfeito.

-John...

Ao ouvir o nome de quem Mason referia-se, cerrou os dentes, com as sobrancelhas rijas, sentindo a quentura do sangue que lhe preenchia as veias como não acontecia há muito.

-John? – indagou, incrédulo.

-Ele me abandonou... – Mason lhe respondeu. – E isso foi graças a você, Michael. Você o trouxe a mim, me fez confiar nele, me disse que ele era como você. Mas não é, não passa de um covarde... Um idiota, cego por causa de uma mulher qualquer. Também quero aquela puta morta! Foi por causa dela que ele me deixou só. Queria voltar para busca-la...

Ao ouvir aquilo, Michael finalmente encontrou a certeza que precisava. John realmente estava certo. Quanto a Mason... ele ainda precisava decidir até que ponto poderia suportá-lo.

-Então ele queria salvar a própria esposa? – indagou ao moribundo.

-Me abandonou por causa de uma vadia qualquer! Ele não serve para a família, Michael, e você mesmo irá extirpa-lo do nosso grupo. Não vou aceitar esse tipo de traição! Ele poderia arrumar uma mulher em qualquer canto da cidade por vinte dólares a hora... Me trocou por uma mulher! Ele é um traidor... Enquanto você já não me passa de um velho que mal sabe discernir entre covardes e traidores. Me pergunto para que você ainda está me servindo...

Michael Reese pensou que aquilo fosse feri-lo, pensou que sentiria alguma dor quando aquelas palavras lhe alcançaram os ouvidos, mas seu coração nada mais lhe ensinava senão a indiferença. Sentia dentro de si a promessa feita a Elias ruir como correntes enferrujadas e lhe soltar de todo e qualquer sentimento que nutria pelo homem que criara como filho desde pequeno, e hoje nada mais lembrava o pai.

Incrível como às vezes mesmo o tempo muda significados... Sussurrou.

-Disse algo? – indagou Mason. Seu lençol verde água brilhava em escarlate.

-Algo sobre o tempo... apenas.

Mason estreitou as sobrancelhas, com um olhar inquisidor. Os músculos em seu pescoço retorciam de uma raiva que o corpo não conseguia demonstrar, pela fraqueza.

-Tempo? O que quer dizer? Que o tempo já passou pra você?

Michael Reese olhou de soslaio, grave e oblíquo. Levantou-se da cadeira e iniciou seus passos em direção à porta:

-Na verdade, que o tempo nos ensina a mandar à merda.

Saiu do quarto, parou no corredor e vislumbrou a noite alta pelas vidraças. Apalpou os bolsos e apertou o maço de cigarros que o esperavam saudosos. Teria de sair do prédio se quisesse fumar sem ter problemas.

Acho que não aguento mais um cappuccino...

Permaneceu ali, pensativo, digerindo as palavras que ouvira no quarto. O tempo pode mudar significados... Quando deu por si, estava retornando ao quarto, ávido por um assento. A velhice pesava-lhe os ossos, os músculos, sôfregos pelo passar do tempo, já não ofereciam tanta resistência. Precisava descansar...

Os hospitais estavam lotados dos feridos do ataque vespertino, mas ao cair da noite, tudo parecia ter entrado num marasmo total. Com as ruas vazias e a cidade em estado de alerta, os acidentes e atendimentos emergenciais quase não mais ocorriam, para alívio dos poucos médicos que sobraram, que terminavam seus plantões em demasia exaustos. Mas no meio daquela noite, enquanto Reese estava combatendo sua abstinência de nicotina com novas

doses de cafeína, uma maca atravessou o corredor, trazendo um jovem, loiro, muito ferido sobre ela. O rapaz tinha faixas em muitas partes do corpo e o rosto muito inchado e machucado. Algumas faixas estavam muito úmidas de vermelho, sinal de que seu estado não era nada bom.

Aquilo chamou a atenção de Reese, pois em meio a todo aquele nada, um jovem havia sofrido um sério acidente. Certamente não seria por causa do ataque daquele dia, pois se fosse desde então, pelo seu estado, após tanto tempo passado já teria morrido.

A maca entrou no leito ao lado e, após alguns minutos, as enfermeiras o deixaram só.

Curioso sem saber exatamente pelo quê, o velho caminhou até à porta e observou o rapaz sofrido.

-O que será que você aprontou, garoto? – dizia retoricamente.

O jovem estava tão mal quanto Mason, mas visivelmente mais ferido. Dava pena, por não saber o que o deixara nesse estado. Após entediar-se de olhar o exânime, voltou ao leito de seu chefe e ali ficou, preparado para passar o resto da madrugada.

Pouco mais de uma hora havia passado e o malcriado capanga ainda não havia retornado, o que lhe fazia desconfiar que tivesse ido para casa, para dormir em seu conforto, enquanto ele estava ali, fazendo o trabalho difícil sozinho. No fundo, Michael sabia que não podia exigir que outros fossem como ele.

Matutava sobre o maldito novato, quando viu dois homens passarem pela fresta porta meio aberta. Nada de anormal, não fosse ambos vestirem ternos pretos muito parecidos. Silenciosamente, esticou-se até sua porta para matar a curiosidade e viu que os estranhos entraram no leito vizinho, do jovem recém-chegado.

Deve ser alguém importante esse garoto... Pensou, pela aparência dos seus visitantes.

O silêncio da madrugada que chegava permitia ouvir muitas coisas e Reese não gostou do tom estranho que os homens falavam ao lado, embora não pudesse entender muito bem seus murmúrios. Abriu a porta com cautela e foi para o corredor, parando na beira da porta vizinha, que estava entreaberta.

-Apenas feche ali. – ouviu um deles cochichar. – Isso vai causar uma parada...

Eles estão mexendo nos aparelhos? Perguntou-se. Isto seria sabotagem, assassinio!

Esgueirou-se até o pequeno vidro que havia no centro da porta para ver melhor e lá estava, um dos homens, usando uma luva branca de médico, manuseando um aparelho que sustentava a condição do jovem morto. O aferidor começava a apitar um aviso estranho.

Sem hesitação, puxou sua arma do coldre mal escondido sob a roupa e empurrou a porta,

mirando em direção à cabeça do homem que estava mais próximo.

-Eu não sei o que vocês fizeram aí, mas tratem de consertar agora! – disse ele, surpreendendo os dois estranhos.

Os homens olharam-no assustados e se entreolharam após. Um deles teve o reflexo de procurar a sua arma, mas desistiu e acabou levantando as mãos, acompanhando o parceiro. Michael Reese via o aviso da máquina tornar-se mais intenso e os dois homens permaneciam parados, olhando para ele de forma pernóstica.

-Faça o que estou mandando. Agora! – disse Reese, mais alto e ofensivo.

Os dois novamente se entreolharam, mas não reagiram. Reese insistiu:

-Juro por Deus que não terei o menor motivo para deixá-los vivos após a morte deste rapaz! – ao falar isto, encostou o frio cano de seu revólver na nuca do assassino e destravou-o, para deixar sua ameaça mais dramática.

Sem opções, o outro cedeu às suas ordens e mexeu novamente no aparelho. O aviso, aos poucos, reduziu, até que a situação do rapaz tornou-se estável e a máquina não mais apitava.

Reese pensava no que fazer para sair daquela situação impossível e deixar o ferido a salvo, mas nada lhe visitava a mente que não passasse pela opção de matar os dois homens estranhos. Certamente eles o matariam se houvesse chance... Lembrou-se de quando saiu pelo meio de um restaurante com a arma nas costas de um homem e ninguém percebeu, ou pelo menos nada fizeram. Mas ali era diferente, ele estava diante de dois adversários provavelmente muito bem treinados, nenhuma tática tradicional funcionaria, talvez nada funcionaria para ele ali.

Um dos homens, o que estava de frente para ele, do outro lado do quarto, levantou as sobancelhas, como se dissesse: E aí? Mas ele não soube o que responder. O que um velho faria para vencer dois homens em um leito de hospital sem chamar atenção e acabar em problemas maiores?

-Me deem suas armas! – disse ele.

Os dois lhe entregaram duas pistolas que portavam.

-Tirem as roupas! – continuou.

Os dois se espantaram. Mas Reese manteve a expressão tensa e séria que fazia e também sua ordem:

-Já mandei! Tirem as roupas!

Sem opções, os dois homens, até então bem vestidos, começaram a tirar suas peças,

claramente aborrecidos, mas sem dizer uma única palavra a respeito. Em seus olhares já se via o espírito de vingança, que certamente seria alimentado até que pudessem retribuir algo pior ao velho. A ideia lhe veio como uma solução rápida. Além de não precisar revistar dois agentes treinados, evitava um confronto mais sério, e ainda os deixava, de certa forma, constrangidos com tudo.

Ambos terminaram de tirar suas roupas e jogaram-nas para Reese, que catou tudo e segurou consigo, sempre mirando para um deles o seu revólver.

-Agora se abracem. – disse ele, pegando duas algemas que encontrou entre suas roupas.

Os dois homens, muito aborrecidos e nus, abraçaram-se, passando sempre um braço por cima e outro por baixo dos braços que os envolviam, como um laço. Reese assim os algemou, despidos e presos um ao outro, sem opções e muito menos dignidade para reagir.

-Agora deitem no chão!

Com muita dificuldade, conseguiram deitar-se e sentiram como o chão era frio naquele hospital.

-Nunca pensaram que fossem sofrer isto nas mãos de um velho tarado, não é? – disse Reese, rindo de si mesmo naquela situação. – Fiquem quietos enquanto decido o que fazer, ou terei de mata-los assim como estão. Isto renderia alguma medalha de honra?! – debochou dos dois homens, que já nem tentavam disfarçar como estavam enfurecidos.

Michael Reese observou o jovem na cama. Levantou o lençol e olhou seus ferimentos, tentando descobrir o que poderia fazer para protege-lo, se poderia leva-lo dali. No prontuário estava escrito que sofrera lacerações no abdômen e demais partes do corpo, mas não havia nenhum órgão vital afetado. Estava sob leve medicação de anestésicos, o que explicava a forma que os homens iam mata-lo, com excesso da droga, provocando uma parada cardíaca. Retira-lo dali talvez não fosse uma péssima ideia, embora pudesse lhe causar sofrimento.

Bem, melhor sofrer um pouco e ficar vivo...

Pegou parte das roupas e pôs sobre a cama onde estava o rapaz, o resto levou consigo. Disse aos dois assassinos: “Mexam-se e meto uma bala em cada um.” Após isso, saiu do leito onde estava e seguiu pelo corredor.

Enquanto caminhava, se viu num breve estado de divagação, onde acabou se perguntando por que estava fazendo aquilo tudo. Por que não ignorava, apenas, como fizera tantas vezes ao longo de seus anos na máfia? Ele mesmo já havia matado tantos... O que havia de diferente naquele rapaz que chamava tanto sua atenção? Bem, já não havia mais como voltar atrás, devolver as roupas aos assassinos e dizer “terminem seu trabalho e boa noite” não traria as coisas novamente a seu curso original.

Caminhou até à máquina de café, que ficava próxima à cantina. Olhou bem para ver se alguém

o veria, mas o lugar estava vazio no momento, a maioria das pessoas estava na emergência ou nos leitos, auxiliando o trabalho. Andou até a lixeira que ficava ao lado da máquina e jogou as roupas ali. Puxou dois ou três cigarros de seu maço e procurou pelo isqueiro em algum bolso. Por que nunca guardo isso junto? Ao encontrar, acendeu os cigarros e jogou ali no meio, onde havia alguns papéis. Retornou para o quarto onde o jovem descansava.

Capítulo 42

Corra, Michael, corra!

Chegou ao leito do rapaz com cuidado para não ser visto por ninguém. Sentiu-se muito aliviado ao ver os dois assassinos ainda ali, algemados e deitados no chão frio, onde ele ordenara. Talvez tivessem realmente temido o que lhes poderia acontecer, caso ousassem sair dali. Um leve sorriso de canto foi o que Reese ousou demonstrar por seu alívio.

-É bom que fiquem aí. – disse, satisfeito.

Pensou se realmente seria prudente sair dali com o rapaz, mas ao observar os olhares frios dos dois inimigos, compreendeu que o jovem não teria outra chance como aquela.

Preciso tira-lo daqui...!

Pegou as peças de roupa que deixara sobre a cama e aproximou-se do rosto do acamado, para certificar-se de que estava lúcido. Forçou alguns empurrões em seu queixo, afim de acordá-lo. O ritmo de sua respiração mudou ante ao incômodo, custou, mas acabou abrindo os olhos.

-Ah! Bom! – exclamou Reese com um sorriso plácido. – Não está em coma! Eu não saberia o que fazer...

O paciente olhou através de seus olhos embaçados de sono, e este foi todo o esforço que conseguiu fazer.

-O que você fez para quererem te matar assim, garoto? – indagou, pensativo.

O jovem apenas fechou novamente os olhos e continuou seu descanso profundo.

Reese retirou o lençol e tentou vestir-lhe alguma coisa, usando as peças que reservara consigo, dos assassinos. Não conseguiu, atrapalhado e constrangido com a nudez do estranho. Por fim, enrolou as roupas e cobriu-o novamente, repousando-as sobre a cama.

Já era possível ouvir burburinhos vindos dos corredores, o que o apressou a seguir com seu plano. Puxou a maca que estava no canto do quarto e, com certo esforço, deitou o ferido nela, cobrindo-o e arrumando as roupas no canto, ao lado de seus pés. Concluiu que o plano inicial de fazê-lo andar como alguém são seria terrivelmente perigoso, graças às suas feridas.

Com uma breve olhada no prontuário, verificou o que havia esquecido, o nome do paciente. Glenn Marshall era o batismo do jovem que ainda nem beirava os trinta anos e já abraçava a morte de tantas formas diferentes. Viu também, numa mesa próxima, um envelope onde estava escrito “pertences”, já entreaberto, o que dava a entender que os dois assassinos poderiam ter

mexido nele. Olhou seu conteúdo e viu a carteira, chaves e alguns poucos papéis do rapaz, dentre outras coisas. Surpreendeu-se ao ver as credenciais do FBI, o que muito lhe intrigou. Um agente do FBI sendo alvo de assassinio em um leito de hospital? Por fim, pegou tudo e pôs junto às peças roupas roubadas que levaria. Os dois homens também tinham perfil de agentes, mas não traziam consigo nenhuma credencial ou identificação pessoal, o que lhe soou como curioso.

O alarme tocou. O seu intento na lixeira havia-se tornado um incêndio. Olhou pela porta e viu enfermeiros e médicos andando espavoridos de um lado a outro. Não hesitou, soltou os cabos da aparelhagem que monitorava o estado do agente e levou apenas o soro, preso à lateral, encarou os dois assassinos com desprezo e puxou a maca para fora do leito, seguindo em direção ao elevador de carga. Alguém passou por ele apressado e, vendo-o empurrando a maca com o paciente, deu-lhe uma olhada estranha, suspeita, mas ele permaneceu agindo naturalmente e manteve-se em seus passos.

Desceu pelo elevador, mas não para o térreo. Foi direto ao subterrâneo, onde era o estacionamento. Ao abrir-se a porta do elevador, olhou bem à volta antes de sair com a maca e viu dois enfermeiros que caminhavam em sua direção.

Merda!

Pôs um assovio alegre na boca e saiu calmamente. Os dois enfermeiros, ao vê-lo saindo, vestido de camisa e calça sociais, com forte aparência de quem passou um longo dia de trabalho e ainda empurrando a maca com um paciente desacordado, logo se assustaram.

-Ei! Quem é você? O que está fazendo com o paciente aqui no estacionamento? – perguntou um deles, com um tenso olhar sob a testa franzida.

Reese respirou fundo e pensou rápido.

Pense, Michael, pense! Então respondeu:

-As coisas estão meio tensas lá em cima rapazes. Parece que houve incêndio e tudo.

Eles pararam para dar atenção e puderam ouvir o alarme ressoando ao fundo.

-Este não é o paciente que deu entrada agora à noite? – indagou o outro.

-Sim, é ele. Mas..., mas será transferido para outro hospital. Como está tudo uma loucura, me disseram para traze-lo aqui e alguém saberia o que fazer...

-E onde está o prontuário? – perguntou o primeiro.

-É verdade, o prontuário... Deve ter ficado na quarto.

-Mas que merda! – exclamou um deles, indignado. – Não estou te dizendo, Craig, isto aqui

está impossível de se trabalhar!

-Acho que vou pedir transferência mesmo, - respondeu o outro. – vou pro interior, aquela cidadezinha onde vive a família da minha mulher. Ver se eu me livro desse estresse todo daqui...

-Pelo menos se lá não for diferente, você vai poder pescar entre um plantão e outro! – disse o primeiro, caminhando em direção ao elevador. – Vou subir para buscar tudo e você leva ele para o pessoal da ambulância.

Reese assistia à conversa pensando no que faria para livrar-se do enfermeiro que ficara com ele.

-Vamos, - disse o enfermeiro. – vamos levar nosso garoto à ambulância.

Deram alguns passos, mas antes que pudessem seguir ao local correto, Reese deu uma olhadela de volta ao elevador e viu que já havia subido com o enfermeiro, ninguém mais estava ali naquele momento. O homem que o acompanhava começou a resmungar problemas de seu trabalho no hospital, mas Michael Reese mal compreendia o que dizia, ao que respondeu:

-Me desculpe, amigo.

-Desculpar pelo quê? – perguntou o homem, enquanto empurrava.

-Por isto.

O homem mal teve tempo de ver o que o atingira. Reese acertou-lhe a nuca com a coronha do revólver e tentou apara-lo quando caiu no chão. Puxou-o para o canto e depois correu, empurrando a maca com o rapaz amortecido até onde estava seu carro.

Com pressa, deitou o jovem Glenn no banco de trás e largou a maca em qualquer lugar, dando a partida o mais rápido que podia. As câmeras poderiam vê-lo, se não estivessem voltadas à emergência do incêndio, onde também o veriam, tempos mais tarde na investigação, deixando os cigarros acesos nas gravações. A leve penumbra do estacionamento ainda não era suficiente para camuflar o rapaz vestido de azul claro caído no assento, mas já ajudava em algo. Seguiu então até a saída, disfarçando o nervosismo que sentia com o mesmo assovio do elevador.

Passou pela segurança cauteloso, mas este abriu caminho para ele. Porém, quando o carro passou pela cancela, o homem viu o vulto que estava deitado no carro e mandou que parasse, para conferir. Reese acelerou e partiu, o mais veloz que conseguia com seu carro velho, para longe dali. Ao sair, via-o pelo retrovisor, gritando nervoso no rádio, chamando ajuda, já sem tempo para alcançá-lo.

Correu o mais rápido que podia pelas ruas de Nova York, mas não foi até sua casa, antes,

seguir até um dos lugares que mantinha para emergências. Era uma garagem alugada, onde havia um outro carro seu.

Após longos anos de experiência na vida de mafioso, Reese aprendera certos escapes que poderiam salvar sua vida. Um deles era manter carros guardados estrategicamente para possíveis fugas. Mantinha um no centro e alguns em divisas estaduais, cada um guardava armamento na mala e documentos feitos com identidades falsas, mas isto não seria necessário no momento, ele apenas queria disfarçar o carro e ir para casa mais seguro.

Deitou Glenn no banco traseiro do novo carro e guardou o anterior na garagem. A viagem agora seria mais tranquila até sua casa, onde pensaria melhor no tamanho da fria em que estava metido e por que havia feito isso.

Tantos anos, Michael, e você ainda senta sobre as próprias bolas...

Capítulo 43

Oásis em Nova York

O silêncio permaneceu companheiro até chegarem em casa. Nenhum dos quatro tinha condições de debater qualquer assunto naquela viagem. Tinham abatidos seus corpos e seus ânimos, porém, ao ver o carro entrar na garagem da casa, sentiram que finalmente poderiam descansar.

Todos adentraram, Peter Morrison permaneceu próximo à porta, olhando pela fresta do vidro que a circundava para a rua, enquanto os demais cruzavam o vestibulo. Ninguém havia por perto para vê-los e identificar os visitantes, pois tudo estava deserto.

-Com licença. – disse Richard, ao cruzar a sala, permanecendo de pé no centro.

John levou Cathelin e a fez sentar-se no sofá, mexendo nos panos que cobriam seu braço ferido. Nenhum deles tinha coragem para ir ao hospital naquele momento de loucura em que a cidade estava. Sair novamente às ruas era sua última opção.

-Vamos ver como está tudo isto... – disse ele.

-Não, amor, deixe pra depois, vamos ver o teu primeiro! Além do mais, temos de receber os dois e acomoda-los... – respondeu ela, esforçando-se em ser boa anfitriã aos convidados importantes que visitavam sua casa.

-Por favor, - disse Richard, educadamente, mas mantendo-se distante o suficiente para evitar ver qualquer coisa. – cuidem de seus ferimentos primeiro. Certamente são urgentes... Não se preocupe com cerimônias, minha jovem, o que vocês passaram conosco neste dia ultrapassa qualquer limite que protocolos sociais possam exigir. Já estou aliviado apenas por estar em segurança.

O braço de Cathelin havia sido perfurado por um metal, não estava nada bom, embora fosse mais razoável que o sério ferimento que John levava em seu lado. Ele limpou como pôde e usou alguns medicamentos que havia ali, mas nada substituiria uma ida ao hospital mais próximo. Cathelin reparou que ele mantinha uma expressão carregada de sofrimento e suava bastante. Ao vê-lo tentando ajeitar as ataduras em seu braço, disse-lhe:

-Amor, eu estou bem, amanhã iremos cuidar melhor disso no hospital, se as coisas melhorarem lá fora. Vamos ver logo como você está.

Em uma situação trivial, John jamais concordaria sem que ela muito insistisse. Primeiro resistiria bastante e rebateria suas tentativas de cuidado, como sempre fazia ao chegar com

algun ferimento em casa. Mas isso não aconteceu. Para ela, significava que realmente ele já não mais suportava a ferida.

-Vamos ver como isto está. – disse ela, levando-o para o quarto e deitando-o sobre a cama.

Arrancou sua camisa imunda e observou a gravidade do corte ao seu lado. Ainda sangrava, embora não mais como no momento em que ele desmaiou nos túneis.

-Como está sua dor? – perguntou ela.

-Uma maravilha. – respondeu de motejo.

-Sério, preciso saber! – irritou-se.

-Dói do lado, muito forte.

-Sente alguma dor por dentro?

-Não, é mais do lado mesmo...

-Isso me deixa aliviada, pelo sangramento mais fraco e o que você diz doer, creio que não atingiu nenhum órgão. – disse Cathelin, suspirando de alívio após o fraco diagnóstico.

-Como você sabe? – perguntou, curioso.

-Pela altura do ferimento, provavelmente teria atingido o intestino. Além de ser bem problemático, te causaria uma das piores dores possíveis! – respondeu ela, acariciando a ferida com gases e espirrando antissépticos.

-Então dá pra entender como o Mr. Orange se sen-ti-aaa...! – disse ele, remexendo-se de dor enquanto recebia os cuidados de sua esposa.

Enquanto o casal se cuidava no quarto, Richard Voight e Peter Morrison aguardavam pacientemente na sala. O inspetor geral do FBI manteve-se por um longo período vigilante pelos vidros da porta e das janelas, com os olhos fitos na rua, pronto para o surgimento de quem quer que fosse embosca-los.

-Que final decrépito para uma estratégia tão bem montada, não acha? – perguntou Richard, sentado no sofá, enquanto assistia a vigilância de Morrison.

Peter Morrison desembarçou-se das cortinas e caminhou para perto do presidente. Logo, em voz baixa, deu progresso à conversa:

-O que vamos fazer, agora que isso tudo aconteceu?

-Não sei, meu caro, ainda não sei... Realmente a astúcia deste homem me surpreendeu...

-Nos deixaram de mãos vazias...

Richard manteve-se pensativo por algum momento, até que resolveu retomar o assunto:

-Embora tudo pareça uma situação catastrófica pela surpresa que tivemos na tarde passada, creio que devemos manter os mesmos planos.

Peter Morrison levantou as sobrancelhas, atônito:

-Por que pensa isto?

-Esta é uma onda que não muda o curso do barco. Na verdade, se passarmos a crista, podemos aproveitar o embalo na descida e seguir mais à frente.

-Explique-me. – respondeu o inspetor, curioso.

-Veja bem, a queda das torres gêmeas deveriam derrubar a credibilidade de Bush, mas apenas fortaleceram sua campanha. Bin Laden não foi nada mais que um cabo eleitoral para Obama. Podemos contornar esta situação até que se torne a nosso favor.

-O velho maniqueísmo político... – disse Peter Morrison, cruzando os braços. - Se precisávamos de um inimigo a combater, ele está diante de nós.

-Exato. Para o mundo agora nós somos a vítima, Sr. Morrison, e na opinião pública, a vítima é sempre mais forte que o opressor!

Os dois conversaram cautelosamente, até serem surpreendidos pela figura da jovem, que surgiu, vinda do quarto, em sua direção. Estava com o braço não muito bem enfaixado, mas já com outra aparência após banhar-se e cuidar dos ferimentos.

-Com licença. – disse ela. – Me perdoem, darei mais atenção aos senhores a partir de agora.

-Como vocês estão? – indagou Richard.

-Eu estou melhor, amanhã cuidarei disto no hospital. John está de repouso, mas já tratei seu ferimento com o que podia. Creio que ficará bem após receber cuidado médico.

-É uma boa notícia. – Peter tentava demonstrar-se interessado.

-Vou buscar toalhas de banho e peças de roupa que possam trocar...

-Não, não precisa. – disse Richard, talvez preocupado com que tipo de roupa teria de vestir. – Partiremos ao amanhecer.

-Eu vou buscar algo para comerem, devem estar famintos. – disse ela, esforçando-se por uma boa recepção.

-Obrigado. – Peter Morrison respondeu.

Cathelin virou-se e foi buscar algo para servir.

-Precisamos definir nosso rumo para as próximas horas. – disse Peter, dando continuidade à conversa interrompida.

Richard pôs-se mais à beira do assento, apoiando-se sobre os joelhos, enquanto matutava algo com o olhar baixo. Respondeu:

-Mais do que nunca eu preciso conseguir o apoio dos aliados para iniciar o cerco. Mas precisamos avaliar o que acontecerá aqui no país, saber até onde este louco realmente está disposto a nos confrontar... – Uma desenfreada raiva subiu ao seu ego, ao que bateu sobre o próprio joelho, exclamando: Não consigo acreditar! Merda! Justo quando estava prestes a dar o passo mais importante!

Peter Morrison surpreendeu-se, nunca vira o presidente exaltar-se a ponto de mudar seu palavreado. Tentou abrandar seu ânimo:

-Acalme-se, senhor presidente! Não deixe que a situação faça-o perder o controle! Vamos seguir rumo ao objetivo que traçou e estou certo que sairemos vitoriosos.

Richard respirou fundo e recostou-se novamente no sofá. Mantinha, no entanto, seus olhos baixos:

-Não podemos perder mais tempo, senhor Morrison, neste duelo vencerá o mais rápido.

Um terceiro intrometeu-se na conversa:

-Não vão mesmo perder tempo.

Quando os dois olharam, viram John Moore, vindo do quarto, cambaleando um pouco arqueado e apoiando-se na parede. Seus curativos estavam úmidos de sangue, o que deixou Richard um tanto mareado.

-O que quer dizer com isso? – indagou Peter Morrison, inexato sobre o que ouvira.

-Não vão demorar aqui, é o que eu quero dizer. Vocês partirão o mais rápido possível.

-Permito-lhe dizer estas sandices apenas por considerar o que passou conosco como uma dívida. Mas acho melhor recompor teus pensamentos, meu jovem. – respondeu Peter, fustigado.

-Não demoraremos. – disse Richard, também incomodado com a rudeza do rapaz.

-Há um exército atrás de vocês por aí, estou certo? Não quero que minha casa e minha esposa

sejam alvo novamente dessas maluquices políticas. – disse John, aproximando-se dos dois e sentando-se na poltrona, com dificuldade por causa da dor.

-Estamos numa guerra, filho. – respondeu-lhe Richard, tentando argumentar. – Uma guerra em que...

-Sim, estamos numa guerra. – disse John. – Uma guerra que vocês têm sustentado, uma guerra que já levou milhares de milhares pra baixo da terra.

-Não seja infantil, seu moleque! – exclamou Peter Morrison. – Você quer nos acusar de culpados por estarmos defendendo vocês mesmos!

John ajeitou-se na poltrona, pois ainda sentia forte dor do lado. Pôs os pés sobre a mesa de centro e pegou o controle da TV. Continuou:

-Quem faz a guerra não vai para a guerra. Sempre foi assim, não me venha tentar enganar. Meu pai foi para a Guerra do Golfo e nunca mais voltou, foi um dos mortos em batalha. Deixou minha mãe doente cuidando de mim sozinha pelos dois anos seguintes, até morrer, por causa do tumor.

Richard e Peter Morrison calaram-se mediante sua narrativa. Ele continuou:

-Cresci sozinho, pois não tinha família aqui. Fui para o orfanato. Agora me diga: quem foi o herói dessa guerra? Qual o nome que está no centro de todas as notícias, textos e livros sobre ela? Meu pai não tinha Bush no sobrenome. E não, jamais diria que meu pai foi um herói. Não o vejo assim. Eu o vejo como uma vítima, um bom homem que caiu nas garras de negociações mal resolvidas. Os verdadeiros causadores do conflito sentaram-se em suas mesas cada dia e comeram suas refeições, deitaram-se em suas camas e dormiram confortáveis, até que um lado caísse.

Richard resolveu arriscar um fato:

-Então me diga, bom rapaz, o que você viu acontecer neste dia?

-Com você? – respondeu o jovem, enquanto zapeava os canais de sua tevê a cabo.

-Sim, o que viu?

John abriu um sorriso sarcástico, elevando o olhar à tela plana onde brilhava a logomarca de um canal de notícias.

-Este é o ponto mais irônico de tudo! – respondeu, com seu jeito ácido. – Vi o presidente ser vítima daquilo que ele mais prometeu destruir. Reconheço, algo inédito...

Peter Morrison tentou encerrar o assunto, mas John o interrompeu outra vez e disse:

-É por isso que peço para se apressarem. Desde que perdi minha família, resolvi que jamais me importaria com esse país, e realmente não me importo. Mas agora tenho outra família e vocês estão aqui. Não quero que ela seja novamente destruída por uma guerra de outros. Enquanto vocês estiverem aqui eu temerei por Cathelin.

-Não temerá também por você? – perguntou Richard, um pouco irritado.

-Ela me mantém vivo, pode ter certeza.

Richard e Peter Morrison eram sábios a ponto de não mais desafia-lo com discussões, não por acharem-se incapazes. Richard, por exemplo, poderia discorrer por horas sobre qualquer assunto e divagar inúmeras justificativas que o permitissem vencer o debate, como fizera ao longo dos anos com seus adversários. Retórica e filosofia, eloquência e ousadia, domínios que desenvolvera desde cedo, mas que decidira não mais usar contra aquele jovem que havia se tornado alguém tão importante em sua vida, durante aquele dia terrível. Os dois mantinham-se inertes um tanto que por respeito à situação do rapaz e à sua recepção dentro de seu lar.

Richard respondeu, finalizando o debate:

-Partiremos assim que estivermos prontos. Tem minha palavra.

John olhou para ele, meneando a cabeça em confirmação. Após isso, aumentou o volume da TV e pôs-se atento ao que se dizia:

-A data de hoje ficará marcada na história do Estado de Nova York. Um misterioso atentado trouxe novamente terror à população de várias cidades durante a tarde. O ataque tecnológico causou efeitos de retardamento e descontrole em dezenas de pessoas que participavam do evento na Quinta Avenida, com o presidente Richard Voight e diversos políticos da região. Pela televisão, o efeito se estendeu por todo o Estado, aumentando o número de vítimas em milhares. Todos os serviços públicos de transporte estão cancelados até que o controle seja reestabelecido e a recomendação do governo é que ninguém saia de casa até novas notícias. O presidente Richard passa bem, mas declarou estado emergência após o atentado.

John olhou de soslaio para o presidente e seu inspetor, após ouvir as notícias. Peter Morrison franziu a testa, com o olhar grave e respondeu:

-Controle de massas. Notícias a respeito de um presidente só podem ser dadas quando não mais houver dúvidas. O país entraria em pânico...

-Mentiras necessárias, não é...? – John resfolegou um pouco de sua decepção.

Cathelin chegou com sua refeição improvisada e serviu à mesa. Todos participaram.

Capítulo 44

O bom samaritano

Reese já estava perto de casa. Nas ruas escuras pela noite, mas vazias pela primeira vez, guiava seu carro reserva enquanto tentava usar o telefone. Ainda não havia sinal.

Ao chegar em casa, deitou o rapaz que dormia profundamente em sua cama e logo seguiu para o telefone residencial. Fez algumas ligações, tentando convencer os médicos especiais de Mason a atendê-lo em sua residência. Após duras recusas, resolveu mudar o seu tom para algo mais “convincente”. A conversa não pôde ser do tipo “faça-me este favor”, ninguém viria por isto. O método ideal e usado foi o do “faça ou vai se arrepender”. Após certa resistência e um “vê se não vai me ferrar!”, o doutor atendeu ao seu chamado.

-Onde está o ferido? – perguntou o doutor Robinson, ao ver Reese abrindo a porta.

-Está no quarto. – respondeu o velho, com seu cigarro na boca.

-Não sei qual o estado dele, mas se quer que ele melhore, é bom não fumar aqui. Aliás, esta casa parece ser feita de nicotina...

-Você não imagina quanto tempo esperei pra poder dar esse trago. – respondeu Reese, com um sorriso jocoso.

-Vamos vê-lo logo. – insistiu o médico mal-humorado.

O médico deixou sua mala sobre uma poltrona que ficava ao lado da cama de Reese, onde ele gostava de passar o tempo lendo seus jornais ou acompanhando esportes na televisão do quarto. Com certa aspereza, o doutor examinou o corpo de Glenn e observou bem seus ferimentos.

-O que dizia no prontuário? – indagou o médico.

-Bem, não sei, só olhei o básico, não tive tempo de ver melhor. – respondeu Reese.

Declaradamente irritado por estar ali, após um grunhido, ele respondeu:

-Pelo que estou vendo, ele sofreu várias concussões e lacerações, mas nada extremamente grave. Provavelmente um acidente de carro, eu diria. Na barriga está o pior, algo entrou aqui, está vendo? Pelos curativos feitos, eu diria que foi um pouco além do epidérmico, mas não atingiu nenhum órgão. Ele vai viver.

-Bem, é o que espero...

-Ele estava sob efeito de algum medicamento?

-Estava com uma espécie de soro.

Dr. Robinson pegou uma bolsa de soro dentre as coisas que trouxe consigo e aplicou no ferido, com uma droga.

-Isto aqui é um anestésico, vai aliviar seu estado. Os ferimentos já foram corretamente tratados, mas se precisar, use isto. – e deu um spray e alguns comprimidos nas mãos de Reese. Enquanto organizava seus instrumentos em sua maleta de estimação, Dr. Robinson perguntou-lhe, embora num tom desinteressado. – O que o fez mudar assim?

-Eu, mudar? – indagou Reese, soltando uma risada murcha. – Sobre o que você está falando?

-Você nunca se importou com ninguém além de Mason, se visse um desses caído no chão ainda lhe pisaria as bolas.

-Eu não mudei, - Michael respondeu contrariado. - apenas tropecei nisso tudo. Assim que ele puder andar, o mandarei embora.

-As pessoas mudam, Michael, e você mudou. E o que torna isto um fato é eu estar aqui, agora, em tua casa, cuidando de um estranho. – dizendo isto, fechou a mala, já arrumada.

-Vaso de barro, depois que seca só resta quebrar. – respondeu Reese, em monocórdio, indo até a porta para abri-la.

- Passar bem. – disse o médico, despedindo-se.

-Fique atento, doutor. – disse Reese. – Posso acabar te ligando novamente.

Franzindo a testa, o médico foi embora.

Michael Reese trouxe outro cigarro à boca, punha-se bastante curioso sobre o que ouvira. Ele, mudado? Um velho como ele no mínimo já estaria petrificado pelas histórias da própria vida. À beira do descanso após tanto enfado, por que desejar mudanças?

Foi até a pequena cozinha que dividia espaço com a sala não muito maior, pegou uma garrafa de um vinho barato e sentou-se no sofá. Alternava entre os goles do vinho e os tragos do cigarro, enquanto esperava que o rapaz desse algum sinal de vida.

Mudado, eu?

Capítulo 45

Persuasão

Os quatro terminaram a refeição feita às pressas por Cathelin, sem grandes observações ou pausas para degustações. Antes que o silêncio pudesse criar eco, a moça resolveu puxar assunto:

-Estão satisfeitos? – perguntou com certo carisma.

-Certamente, estava muito boa. – Richard fazia bom grado da jovem.

-Sim, sim, obrigado. – respondeu Peter Morrison, socialmente.

-Espero que tudo dê certo... – Cathelin buscava ser atenciosa.

Richard ficou surpreso ao ver, mesmo após tantos problemas, a jovem ainda procurando agrada-los. Sentiu pena, depois um pouco de satisfação. Respondeu:

-Você tem fé que dará, minha jovem?

-É o que espero. – respondeu ela, ruborizada.

-Se tivermos pessoas como vocês na Casa Branca, com certeza tudo dará certo! – disse Richard, animador. John apenas fitava-lhe, com um olhar nada amistoso.

-Pessoas como nós? – indagou Cathelin. – Nós somos apenas pessoas comuns... Eu, eu sou apenas uma bibliotecária, mexo com livros.

-Minha cara, - disse Richard, com brandura. – todos têm seu próprio poder de mudar algo. Um bibliotecário dedicado pode construir pensamentos e guiar vidas através de suas escolhas.

-Não discordo, - respondeu ela, reflexiva. - mas não é como ser... bem, um presidente. Alguém que tem o poder sobre toda uma nação, ou até sobre os vieses do mundo...

Richard soltou uma risada simpática e recostou-se em seu assento, uniu as pontas dos dedos enquanto apoiava os braços sobre a mesa.

-Sim, sem dúvidas, mas este mesmo presidente pode seguir uma ideologia construída pelos livros do bibliotecário. Compreende?

Cathelin recuou, acanhada. Peter Morrison limitava-se a observar a conversa e imaginar onde Richard queria chegar com aquilo.

-Veja por este lado. – continuou Richard. – Você e teu esposo foram essenciais para que nós escapássemos das situações deste dia que passou. Quem imaginaria?

-Vamos ao que interessa. – John interrompeu a conversa. – A que horas vocês vão partir?

-Não compreendo... – respondeu Richard.

-Quero saber em quanto tempo verei minha família e minha casa fora de perigo.

-Não podemos sair agora! – exclamou Peter Morrison, em tom nervoso.

-Acalmem-se! Não precisamos nos exaltar. – disse Richard. – Você sabe bem o que aconteceu conosco hoje, não sabe?

-Todos nós sabemos. – respondeu John, passivo.

-Sabe o que acontece se eu for exposto às pessoas, não sabe?

-Lembro bem como foi.

-Me perdoe por citar o caso, mas sua esposa quase...

-Deixe a Cathelin fora disso! – John exclamou, irritado.

-Ok, só quero lhe mostrar a realidade. Na verdade, nem ao menos sei como você não sofreu os mesmos vitupérios...

-Talvez seja porque eu não me importo. – John deu sua última garfada e soltou os talheres sobre o prato.

-Isso explica muita coisa... – Richard respondeu, com dose de sarcasmo.

-Seja direto, então.

Richard Voight soltou um leve suspiro enquanto preparava-se para a explicação.

-Precisamos de uma estratégia, um plano para que eu possa viajar até a Casa Branca em segurança. Não posso sair pelas ruas e dar a cara a tapas. Nem ao menos sei o que sucederá quando chegar lá! Como saberemos que nada vai acontecer? Como sei que ninguém lá foi afetado? Até as redes de transmissão foram invadidas!

-Presumo que tenha pensado em algo... – disse John, mexendo em seu ferimento, que lhe incomodava um pouco após ter-se remexido com descuido.

-Ainda não tenho uma solução plausível. O ideal, creio eu, seria fazer uma viagem direta para lá e sem nenhum soldado estranho armado no caminho, para não haver conflitos.

-E como você conseguiria isto? – indagou John.

-Primeiro, temos que conseguir algum contato com a central, mas até agora estamos sem rede telefônica.

-A propósito, - disse Peter Morrison. – vocês possuem telefone residencial?

-Ah, sim, sim. – disse Cathelin, levantando-se e mostrando-lhe onde ficava.

Peter levantou e foi até o telefone.

-Conseguindo contato, em quanto tempo teríamos alguém te buscando aqui? – perguntou John.

-Não demoraria muito. Mas precisaremos de proteção... – respondeu o presidente.

-Que tipo? – indagava John, afoito.

-Não podemos nos defender de ataques se não houver uma segurança armada conosco, alguém em quem eu possa confiar que não sucumbirá enquanto viajamos.

-Mandem vir alguém de lá!

-Seria arriscado. Precisamos ter alguém que saibamos não estar sob os efeitos deste ataque que sofremos. – disse Richard, apoiando os cotovelos sobre a mesa, com as mãos segurando uma à outra.

Finalmente John fitou-o, soturno, com um olhar que denotava compreensão. Recostou-se na cadeira e respondeu:

-Estou vendo onde você quer chegar...

Richard nada mais falou. Olhou à volta até ver Peter Morrison, que estava no telefone, tentando contato com alguém. Via John pensativo, mexendo os olhos de um lado para o outro de cabeça baixa, como se procurasse a resposta no chão.

-Do que estão falando? – perguntou Cathelin, ao sentar-se novamente à mesa.

-Eu vou. – disse John, olhando para Richard, como se ignorasse a chegada de sua esposa.

Richard deu um pequeno sorriso de canto. Cathelin não entendia:

-Você vai o quê? O que houve?

-Seria essencial. – respondeu Richard, fitando o jovem, desafiador, mas triunfante.

-Já disse que vou. Se isso vai adiantar as coisas e retirar Cathelin do perigo, é o melhor a fazer.

-Você vai o quê? – perguntava Cathelin. – Vai com ele? Você não pode ir neste estado!

-Cat. – disse John, olhando em seus olhos. – Apenas me ouça. Eu vou ficar bem. O pior já passou, mas ainda é necessário leva-lo em segurança à Casa Branca. Logo retornarei. Está bem?

-Não, Jonny! Você não está em condições! Veja isto na tua barriga!

John segurou em suas mãos, tentando acalma-la:

-Já passei por muitas coisas, Cat, mas não conseguiria ver algo acontecer com você. Apenas me deixe fazer o que é melhor pra nós.

Cathelin detestava quando ele bancava o maioral, falando com ela como se fosse seu guarda, mas percebeu uma seriedade incomum no que ouvira. Tentou uma última palavra:

-Desde quando você sabe o que é melhor para nós?

John não se esforçou em convence-la, não apenas desnecessário, seria impossível. Cathelin sempre foi a razão dos dois, mesmo sendo um tanto emotiva. Em todos os momentos de complicações, ela demais se empenhava em trazer as coisas aos eixos. Ele sabia disso, mas tinha uma missão: proteger quem o havia salvo da própria vida.

-Está certo. – disse ele, olhando para Richard.

-Muito bem. – respondeu o presidente. – Fará um enorme favor ao teu país.

-Adoro clichês... – respondeu o jovem, em seu velho sarcasmo.

Dito isto, puderam ouvir a conversa de Peter Morrison no telefone, quando ele dizia:

-Estas são as coordenadas, eu quero só o piloto no helicóptero, entendeu? Somente com o piloto! Estaremos aqui.

A escuridão da madrugada era naquela hora um tanto enganosa, pois, em pouco tempo amanheceria. Não puderam ao menos descansar, e já partiriam para outra missão.

Capítulo 46

Susto

Michael Reese raramente deixava-se embriagar. Era o perfeito tipo durão em tudo, e isso também dizia respeito à sua resistência a efeitos colaterais. Coisa de sangue, genética, sempre dizia que via sua mãe e tias acabarem com uma garrafa de uísque ou vodca enquanto ainda cozinhavam os jantares de família, quando era menino. Dizia que não via mudança alguma nos semblantes de suas parentes, que continuavam a bebedeira mesmo após comerem.

Este era o momento que ele conseguia contrariar todo o seu histórico. A espera pela melhora do rapaz, naquela degustação solitária de vinho, rendia-lhe efeitos não experimentados desde quando Sharon o abandonou. O estômago vazio de quase um dia, unido à garrafa inteira de vinho que agora se encontrava sem o seu conteúdo, despertava-lhe veias espessas em seus olhos vermelhos e desconcentrados e fazia-lhe ver a sua volta como se estivesse num barco em meio a um mar de ondas fortes. Mas soluços a parte, ainda assim mantinha-se forte como poucos.

O relógio mostrava o passar de algumas horas, mas sua mente havia percorrido anos de pensamentos sobre sua vida. Desde lembranças bucólicas e sutis de sua tenra infância até os momentos amargos da guerra e do abandono amoroso que sofrera, vários episódios visitavam sua mente, mostrando uma perigosa emotividade insurgente naquele sempre duro coração.

Se esse infeliz não acordar vou jogá-lo na rua! Resmungava sozinho, tentando retomar o foco.

Ligou a TV. Nada além de notícias e plantões era transmitido naquela madrugada. Diziam de tudo, desde um ataque terrorista na Quinta Avenida até uma pane nos sistemas públicos que atrapalhava transporte e comunicação. O presidente passava bem, mas ainda não havia se declarado sobre o assunto. Michael notou uma brusca diferença nas narrativas dos acontecimentos do dia, muitos fatos e proporções não casavam com o que ele havia presenciado.

Bando de mentirosos! O que estão escondendo?!

Começou a pensar se o rapaz que salvara não tinha a ver com toda aquela história.

Levantou-se e caminhou sobre o chão que girava à sua volta, até conseguir chegar ao quarto. A escada para o andar de cima foi a parte mais difícil. Avistou o dormiente sobre a cama e parou de pé à sua frente, apoiando as mãos sobre os joelhos e encarando-o, com seus olhos vermelhos e fartos.

Vai acordar ou não, moleque?!

Equilibrando-se em sua ebriedade, resmungava reclamações sem sentido com o ferido. Mas embora falasse próximo aos ouvidos dele, foi o hálito alcoólico que causou incômodo ao jovem.

Glenn acordou.

-Ahn?

O jovem, num suspiro repentino, abriu os olhos e arregalou-os, tentando adaptar-se à luz sobre si. Logo enxergou o bêbado que se punha fitando-o e assustou-se muito, por não conhecer também o lugar onde estava.

-Quem é você? – indagou Glenn, assustado.

-Eu? Eu é que te pergunto, oras... – dizia Reese, resmungando como só um bêbado é capaz. – Quem é você, Glenn?

-Por que eu estou aqui? Como eu vim pra cá?

-Quem é você pra me dar esse trabalho todo...? – dizia o velho, com seu tropeçar silábico.

-Como assim? Que papo é esse? Ahrg! – sentiu fortes dores ao remexer-se na cama, tentando desvencilhar-se do velho bêbado que esticava até ele suas mãos trêmulas.

Reese pôs-se em posição ereta, embora não muito, e falou:

-Aqueles safados, eles queriam te matar...

-Quem?

-Aqueles dois! Lá no hospital!

Glenn lembrou-se de como estava quando dormiu. Lembrou-se do golpe que recebera do agente e do acidente com o carro. Mas quem eram “os dois” do hospital?

-O que houve? Que dois no hospital?

-Eles foram para pegar você, - disse o velho, sob soluços, sentando-se no sofá ao lado para recuperar o equilíbrio. – mas eu te salvei, sim, na hora certa... Você nem acreditaria como.

-Onde eu estou? Na tua casa?

-Isso mesmo! Eu te tirei de lá, botei fogo em tudo, te trouxe pra cá!

Glenn assustou-se com a narrativa do estranho. Havia incendiado o hospital? Foi então que lembrou-se de seus pertences:

-Onde estão? Onde? – procurava à sua volta por objetos conhecidos.

-O quê? – indagou o velho.

-Minhas coisas! Minhas coisas!

-Ahh... estão aqui. – e pegou o envelope entreaberto, que trouxera do hospital.

Glenn quase arrancou-lhe das mãos. Abriu rapidamente e jogou as coisas sobre si mesmo, apressado. Livrou-se da carteira, chaves, celular, papéis... até encontrar o que desejava, um pequeno boneco, no formato de uma figura cartunesca que representava o homem de ferro. Quando os paramédicos o encontraram no carro, estava agarrado à figura, como lembrou-se, por isso resolveram guardar no envelope.

-O que é isto? – perguntou Reese.

-Isto é o que mais importa pra mim no momento. – disse, receoso, mas extremamente aliviado por ter encontrado o objeto.

-Bem, não entendo, mas se você diz...

-Você tem um computador?

-Computador? Eu? – e riu-se. – Não me dou bem com essas coisas, rapaz!

Reese abriu uma gaveta da cômoda ao seu lado e puxou um revólver, prontamente carregado:

-Isso aqui sim, é comigo!

Glenn tomou um grande susto, temeu por um instante que corresse perigo nas mãos daquele estranho, mas depois percebeu que nada lhe faria o velho bêbado que dizia tê-lo salvo de ser morto. Disse:

-Eu preciso muito de um computador, você me ajudaria?

-Não sei onde poderia conseguir um... Tem na casa do meu chefe, mas aquela merda é toda protegida contra tudo...

Glenn queria muito saber se o seu pendrive reserva estava inteiro, tudo estava ali, e o outro certamente fora destruído com o notebook no carro. Como não tinha nenhum computador em mãos, resolveu ligar para Bob:

-O senhor tem telefone aqui?

Reese se ofendeu:

-Senhor? Quer um favor e me chama de velho? – então balançou a garrafa que estava em sua

mão, apontando-lhe o gargalo e disse, ameaçador: Esse velho aqui ainda pode te dar uma surra se quiser!

-Me perdoe... não quis...

-Eu tenho sim. Está no andar de baixo, na sala. O celular não está funcionando, não que me faça tanta falta... – resmungava.

Michael Reese ajudou Glenn a descer a escada. Mesmo velho e ainda bêbado, era um homem forte. Com cuidado por causa de seus ferimentos, ele desceu e chegou ao telefone. Discou para o número de seu companheiro, mas uma voz de mulher atendeu:

-Alô? – disse a mulher, com a voz um tanto fraca e plangente.

-Oi, é a Carol? Aqui é o Glenn, eu...

-Glenn?! Onde você andou? Ele, ele... – no fundo podia-se ouvir seu choro.

-O que houve, Carol?

-O Bob se foi...!

A notícia veio com grande pesar. Glenn mal conseguia pensar no que dizer.

-Carol, onde você está? Como foi que aconteceu? Eu vou praí...

-Achei que você estava morto! Não, não venha! – disse em prantos. – Mataram ele, Glenn! Mataram ele!

-Eu vou praí!

-Mataram também um outro agente, com nome Jennings, Walton Jennings! Alguém está atrás de vocês! Eu ouvi dizerem isso aqui, quando vieram ver o Bob. Mataram ele aqui em casa!

Glenn sentiu doer o coração mais que seu corpo doía das feridas. Se o que o velho havia dito era verdade, tentaram mata-lo no hospital. Agora Bob e Walton estavam mortos, e pela união dos fatos, era tudo sua culpa.

Após falar com Carol, a esposa de Bob, desistiu de ligar para Anna e decidiu não contatar mais ninguém, uma simples conversa poderia colocar outras pessoas em risco! A situação era mais grave do que ele pensava, se ele estava no caminho certo da investigação, isso significava que o inimigo havia descoberto seus passos. E estava limpando a sujeira...

-Droga! Droga! Droga! – gritava Glenn, alvoroçado com a situação. Reese observava o rapaz e percebeu que a notícia não era nada boa.

-O que aconteceu, garoto?

Glenn contorcia-se de raiva por ter conduzido as coisas daquela forma. Por ter envolvido seu amigo Bob e usar as instalações de Walton. Respondeu-lhe:

-Alguém te viu me trazendo aqui? Alguém sabe de mim?

-Não, não...

-Não é seguro que eu fique aqui.

-Você está falando isso por mim? – redarguiu o velho. – Acho que não me conhece...

-Estou sendo procurado, querem me matar!

Reese sorriu, com olhar de satisfação, e respondeu-lhe:

-Sim, e os dois que tentaram ficaram agarrados peladinhos lá no hospital!

Glenn não entendeu muito o que ele queria dizer com aquilo, mas vendo-o ébrio daquele jeito, julgou ser pelo seu estado. Gritava consigo mesmo, em pensamento: Pense, Glenn, pense! Mas nada vinha à mente, senão tentar desvendar aquilo tudo antes que fosse morto sem saber por quem. Se o pegassem, pelo menos teria valido a pena...

Ir à sua casa seria perigoso, se houvesse alguém vigiando-a. Precisava de um computador, mas onde conseguir um sem se arriscar? Aliás, isto lembrava-lhe do Mahoney. Será que ele estava bem? O homem era uma águia, mas nada podia garantir que sim...

Pegou o celular. Estava bem danificado após o acidente com o carro, mas ainda funcionava.

Esses finlandeses...!

Ligou o aparelho enquanto pensava o que fazer. Realmente não havia sinal bom, ia e vinha, instável demais para conseguir ligar, praticamente nenhum sistema funcionava direito. Mesmo assim, lá estavam, dezenas de chamadas perdidas. Bob, Anna, Bob, mamãe..., Anna, e muitas outras depois, Mahoney!

Por que ele teria ligado? Será que estava metido em problemas? Contata-lo não era a solução mais sábia, mas ele precisava conferir...

Pegou novamente o aparelho telefônico de seu anfitrião e discou para um número que talvez funcionasse. Mahoney atendeu:

-Hey, man! Pensei que já tinham detonado você também!

-Diria o mesmo sobre você. – respondeu Glenn, aliviado por falar com o homem.

-Estão fazendo a limpa, meu amigo, ninguém está escapando... Todo mundo que mexeu com o caso que você investigava está aparecendo morto. Mas como eu não durmo de toca, consegui

me antecipar à caçada.

-Dois dos meus se foram...

-Não foram só eles, muita gente boa se deu mal, meu amigo, está todo mundo louco na Agência, gente daqui também sumiu do mapa.

-Não podia imaginar que tudo ficaria assim... – disse Glenn, num breve desabafo.

-Não dá pra saber, man. – respondeu Mahoney, tentando ajuda-lo. - A gente só mede a realidade da crise pelo aperto no esfíncter. E digo mais, pelo curso dos fatos, a coisa vai ficar pior... e pode ter certeza que não é por tua causa.

Glenn ainda tentava entender o que ele dizia. Mahoney continuou:

-Vamos deixar de papo. O negócio é o seguinte, lembra daquele jogo? Vou te mandar uma dica, ok?

-Sim, mande... – respondeu ele, sem compreender a ideia.

Mahoney desligou. Glenn e Reese se entreolharam, confusos sobre o que fariam, mas antes que os minutos passassem, o celular avisou a chegada de uma mensagem. O jovem agente conferiu, já desconfiando que Mahoney tivesse enviado. Viu o seguinte texto:

A2E5C5C3B3D5A5D2E51960 gg!

Reese exclamou:

-Mas o que é isto?

-É um código. – respondeu Glenn, absorto na a decifragem daquilo. – Me dê um papel, por favor.

No papel que recebeu de Michael Reese, desenhou o diagrama de letras e números que havia aprendido. Ao decifrar o código, obteve o seguinte: “Second Ave 1960 gg!”. O gg! deveria significar “go go!”, uma ordem para deslocar-se urgentemente.

-Então é um endereço! – exclamou.

-E você certamente vai querer ir pra lá sem saber se é seguro, não...? – redarguiu Reese, grave.

-Tenho outra opção?

-Não sei dizer. – respondeu o velho, pensativo.

-Preciso me vestir.

Parte 5

Pandora

Mais um dia de sucesso para o FBI, especialmente para o Bureau de Nova York. Mas para a carreira do agente Glenn Marshall, fora um dia marcante. Em poucos minutos, ele passou de um agente que seria detido por desrespeitar uma autoridade máxima para um agente que seria condecorado por heroísmo e sagacidade.

Havia semanas que o Bureau vinha investigando uma suspeita de armação terrorista na cidade, e tudo se confirmou quando foi descoberto em um quarto de hotel resíduos de material plástico e gás sarin, provando que algo estava em jogo, e seria naquele dia! Uma corrida contra o tempo iniciou-se, não só para descobrir quem estava por detrás daquilo tudo, como também onde seria o ataque.

As evidências apontavam para o Aeroporto Internacional Kennedy, pois naquele dia seria a chegada de um importante senador americano na cidade, um nome que incomodava as principais famílias terroristas. A NSA interceptou conversas que citavam o nome do senador e falavam sobre ele estar na cidade, o que fortalecia ainda mais a teoria dos diretores do FBI, e também do inspetor geral. Porém, durante a análise dos dados, Glenn Marshall acabou voltando sua atenção para um fato curioso: um cupom fiscal que estava abandonado no meio de outros papéis no quarto do hotel. No cupom, estava registrada a compra de uma jaqueta, um boné e uma camisa.

Intrigado, pesquisou onde era a loja e, com a data e hora da compra em mãos, contatou o Centro de Informações de Comando da Polícia, solicitando as câmeras de segurança do local naquele horário. Antes que o policial do Centro pudesse marcar a hora da entrega, ela já estava lá. Sabendo a hora da compra, foi direto ao ponto nas gravações, e lá estava, um homem com feições sauditas, saindo da loja com duas bolsas de compra. Estava certo de uma coisa: ele queria vestir-se como americano.

Com a fotografia do rosto do indivíduo e sabendo sua indumentária provável, retornou às câmeras do hotel e descobriu a hora que havia saído de lá, exatamente como havia previsto. Uma coisa o incomodava: se o seu destino fosse um aeroporto internacional, disfarçar-se como americano não seria algo tão necessário, deveria existir outro objetivo, suspeitou.

Toda a equipe do FBI estava a caminho do aeroporto, mas Glenn insistia em sua teoria, não seria lá o atentado. Após algumas investigações, descobriu que a família do senador já estava na cidade, haviam chegado antes dele, pois não o seguiram para um compromisso político em outro estado. Através de um contato, conseguiu rastrear o telefone da esposa do político e descobriu o que precisava: estavam em um shopping center.

As ordens o Bureau eram claras: todos participariam da operação no aeroporto. Glenn, porém, sob ameaças de prisão, feitas pelo diretor, desobedeceu e mudou o rumo. Entre o seu instinto e a inteligência do Bureau, preferiu confiar no que conhecia a mais tempo. No shopping, enquanto ouvia repetidas ameaças de seu supervisor pelo comunicador, procurava não só pela família do senador, mas principalmente pelas vestimentas que guardara em sua mente. Tudo se conectou quando chegou à praça de alimentação.

Assentados em uma mesa, a mulher e seus dois filhos saboreavam o seu belo lanche industrial lotado de gorduras trans. e conservantes, comprado em um fast food típico americano. Glenn começou a olhar à volta, até que vislumbrou a jaqueta e logo após, o boné. Sem barba, o homem estava bem diferente, mas seu nariz era indiscutivelmente o mesmo. Era ele!

Correu em direção ao suspeito, já com a arma em mãos, assustando as pessoas a volta, mas resignado de sua tarefa a ser cumprida. Quando se viu próximo o suficiente, gritou, sentindo-se em um filme policial: Mãos ao alto!

O homem, ao ouvi-lo, assustou-se e procurou algo que estava em seu bolso. Ao ver o dispositivo na mão do estranho, Glenn não hesitou, disparou um tiro certeiro em sua cabeça. O homem caiu.

Minutos depois, após o fim da euforia e desespero que tomaram conta do local, seguranças e outros agentes que chegavam revistavam o corpo e retiravam o material que estava preso ao redor, por dentro da jaqueta. O jovem agente que seria detido tornara-se um herói.

Capítulo 47

Try more deep

Faltava pouco para o amanhecer quando os dois partiram ao encontro de Brad Mahoney.

Glenn sentia-se como um velho, trajando as roupas pouco modernas e cheirando naftalina que aquele senhor lhe dera. Nada reclamou, não estava em posição de recusar qualquer ajuda, e sentia uma presteza sincera daquele estranho enquanto recebia ajuda. Confiando no empenho do jovem, Reese também emprestou-lhe um dos revólveres de sua coleção. Não era o tipo de arma que ele preferia, mas serviria naquele momento de emergências.

-Sabe usar? – perguntou Reese, zombando do jovem, enquanto entregava-lhe a arma.

O jovem agente não estava habituado ao tom jocoso que o velho usou, exceto pela convivência com seu amigo Bob. Sem identificar a piada, respondeu naturalmente:

-Não sou exatamente um exímio atirador, mas sei usar os principais tipos de armas que temos acesso.

-Péssimo senso de humor...! – resmungou Reese, resfolegando desânimo.

-Este revólver parece ser bem antigo... – disse Glenn, manejando a arma.

-Bah! Idade não quer dizer nada! Está funcionando perfeitamente e possui munição! É isso que importa! – respondeu o velho, irritado.

-Não quis ofende-lo, fiz apenas uma observação... Normalmente, após certo tempo de uso, costumamos trocar nossas armas, lá no Bureau.

-Vocês não sabem da nada. – reclamou Reese, ainda contrariado. – Vou te ensinar uma coisa, garoto. Armas são como mulheres. – e começou a manusear o revólver que segurava, limpando-o com um pano próprio para o fim. - Você tem que trata-las direito, com carinho, e elas ficarão sempre ao seu lado. Se não fizer isto, acabam emperrando, travam e acabam traindo você.

Glenn apenas observava a filosofia do “estranho que acabara de conhecer”. Achava curioso o jeito do velho. Lembrava-lhe o pensamento de certos criminosos siberianos que conhecera num caso antigo. Os homens tratavam o crime com religiosidade e as armas como família. Sua lembrança foi interrompida pela falta de café, como se sofresse uma abstinência. Então falou-lhe:

-Me diga, você tem café?

-Cozinha não é o meu forte, garoto. Melhor que não tenha de me experimentar nisso. Sempre visito um café aqui perto, mas pelo jeito deve estar fechado, como tudo nessa cidade...

Ante a questão gustativa não resolvida, finalmente partiram em direção ao endereço citado na mensagem. Ao sair à rua, Glenn teve certeza de que somente um café bem quente e forte o faria bem naquela hora. O frio que visitava a cidade era quase sólido quando ventava. As ruas pareciam travestir-se de um clima soturno nunca antes visto por ali, graças à solidão em que tudo se encontrava após o incidente da Quinta Avenida e o estado de alerta emitido pelo governo. Somente ao fechar todos os vidros do carro a sensação térmica tornava-se aceitável à pele ferida do jovem. Seus ferimentos pareciam gritar na dor aguda que o frio fazia latejar, quando qualquer movimento, dos mais leves, podiam tornar-se uma dolorosa agonia.

Atravessaram parte da cidade, rumo ao ponto marcado. Ao chegarem, levaram um certo tempo para encontrar o número correto, pois não havia número 1960. Havia o número 1958 e o 1964, e entre eles, um pequeno portão, coberto por um toldo redondo, que em outros lugares poderia ser a entrada de um prostíbulo.

Após hesitar por um tempo, pois temiam o que poderia acontecer lá dentro, os dois resolveram entrar, posto que permanecer exposto numa via pública enquanto caçado por forças desconhecidas seria ainda mais perigoso.

Os raios de sol já surgiam no horizonte, cruzando o céu de Nova York e iluminando fracamente a cidade. A manhã já era chegada.

A porta de madeira rústica não estava trancada, com um leve empurrão, se abriu. O proprietário certamente a deixara destrancada para sua chegada. Quando entraram, viram-se num corredor um pouco apertado e escuro, meio sujo, que mostrava ser um lugar não muito visitado. Algumas goteiras pelos cantos e limo na parede davam um ar sombrio que ninguém poderia imaginar ao ver a porta fechada lá na rua. Mesmo assim, ambos seguiram o caminho.

A passos vagarosos, pois Reese equilibrava-se em sua ebriedade e Glenn via-se extremamente debilitado, adentraram numa saleta cheia de bagulhos, bastante escura e úmida, que tinha uma porta de ferro no fundo. Esta estava trancada.

Na escuridão do local, um rápido e pequeno reflexo de luz chamou a atenção do jovem, no alto da parede, pouco acima da porta trancada. Glenn pôde ver uma câmera posta no canto perto do teto, mexendo-se em sua direção. Após alguns segundos, passos aproximavam-se da porta e alguém abriu a tranca, com um barulho percussivo. Era Mahoney:

-Rápido, entrem!

Glenn obedeceu sem hesitar e Reese o seguiu sem pensar, adentro o escuro após a porta. Por fim, ao virem-se todos em segurança, Glenn iniciou a conversa:

-Que lugar é esse, Brad?

-Ah! Isto aqui era de meu pai. Ele estocava vinhos para sua adega nesse depósito velho. Está meio abandonado...

-Entendo.

-Quem é este? – perguntou, vendo Reese, que respondeu por si mesmo:

-Sou Michael Reese, e você?

-Agente? – perguntou Mahoney, um pouco desconfiado, um pouco amigável.

-Ele é um amigo. – Glenn respondeu.

-Hum... Sou Brad Mahoney. – disse com um sorriso, para Reese. – Também estão atrás de você?

-Bem... não, não sei do que se trata. – respondeu Reese, meio confuso.

-Brad, - disse Glenn, pegando o pendrive no bolso. – você assistiu ao vídeo que me entregou? Espero que este pendrive ainda esteja bom...

-Não pude, meu amigo, tinha muita gente atenta lá e só houve tempo de copiar o teu. Mas vamos ver, me dê aqui.

Mahoney havia montado uma aparelhagem naquele lugar sombrio. Pôs a mídia no computador e começou a assistir ao material, com seu olhar enigmático, de olhos arregalados e hiperativos, que voavam sobre todos os cantos da tela. Glenn fez questão de ver tudo novamente e Reese tentava entender o que era aquilo. Assim, viram novamente as terríveis cenas das pessoas que foram cobaias daquele monstruoso experimento sonoro.

-Acho que já podemos ter uma ideia do porquê de haver um neurocientista na equipe, não é? – disse Brad, com um sorriso estranho no canto da boca.

-É a mesma coisa que vimos acontecer ontem, na Quinta Avenida. – Glenn acrescentou.

-Sem dúvida... – respondeu, com a mão no queixo, pensativo. – Vamos assistir outro.

Mahoney abriu um outro vídeo que continha na pasta e começou a assistir. Era semelhante ao primeiro, experiências parecidas e sob o mesmo método, mas a qualidade da imagem era muito melhor, bem como as instalações eram diferentes. Não havia áudio, assim como antes.

No local, uma sala revestida de forro acústico e bem iluminada, vista também por detrás de um vidro, havia duas cadeiras no centro, e uma mesa encostada no canto, com uma beretta em cima, provavelmente carregada. Logo, uma ficha de papel surgiu na frente da tela, com dados a respeito do experimento, similares aos do primeiro vídeo. Dentre as informações, uma chamou a atenção de Glenn: teste número mil duzentos e treze. A desumanidade perseverara

naquele lugar por muito tempo, pensou. Após a saída da ficha, entraram dois homens, com roupas iguais, brancas, parecendo presidiários, e sentaram-se em cada cadeira. Pouco tempo depois, ambos pareciam ouvir o sinal sonoro, como em todos os outros experimentos gravados, e se incomodavam bastante, por um período de meio minuto. Logo, um deles levantou-se e o outro saltou por detrás dele, iniciando uma severa disputa corporal, na tentativa de conseguir a arma. A luta durou um pouco mais de um minuto, até que um deles alcançou-a e atingiu o outro, fatalmente. Após isto, ele se sentou novamente na cadeira e aguardou, demonstrando um comportamento um tanto estranho, cheio de maneirismos e trejeitos doentios, diferente de quando chegara ali. Um curto período passou e novamente o incômodo pareceu atingi-lo. Ele tentava tapar os ouvidos e parecia gritar em desespero, até que parou. Ficou inerte por alguns segundos, como se houvesse entrado em um estado de transe e paz, sentado ali, olhando para frente, sem direção. Ergueu a arma, apontou para a própria cabeça e atirou.

Os três assistiam àquela atrocidade em grande aflição, não podiam crer que era real. O experimento era algo muito poderoso.

-Ora, mas que merda...! – Michael Reese exclamou para si mesmo, ao ver o disparo suicida.

-Como pode alguém ser capaz de fazer isto? – indagava Glenn, abismado.

-A minha pergunta é: aonde isto foi parar? – disse Mahoney.

Reese assistia tudo, tanto o vídeo quanto a conversa estranha dos dois, calado, parado de pé quase como um da guarda britânica. Neste momento, porém, resolveu quebrar o silêncio:

-O que significa aquilo?

-Do que você está falando? – perguntou Glenn.

-Bem... aquilo escrito ali, no canto da ficha... – respondeu, atrapalhado.

Mahoney retrocedeu ao ponto que Reese dissera, uma das vezes que aparecia a folha com os dados da cena, como uma legenda.

-Vejam aquilo ali, bem no canto! – disse Reese, apontando para a tela.

Olharam para as informações contidas na folha, onde havia escrito o número do teste, alguns outros dados e, bem abaixo, já no fim do papel, o nome: Pandora Exp.

Mahoney arregalou ainda mais o seu olhar e Glenn questionava-se como ainda não havia visto aquilo e condenava-se por sua desatenção.

-Então, o que acham que seja? – indagou Michael Reese.

-Não sei, man, não sei! – respondeu Mahoney, excitadíssimo com a descoberta. Ele era

daqueles tipos loucos que reagem sempre empolgadíssimos com pesquisas e descobertas, não importando se são boas, ruins ou catastróficas. O simples fato de obter sucesso era a droga que o satisfazia.

-O que está fazendo, Mahoney? – perguntou Glenn, ao vê-lo abrindo outro programa no computador.

-O que você faz quando mergulha e a luz da superfície te atrapalha a ver o que tem no mar? – perguntou Mahoney, com certa presunção.

-Não sei... - respondeu Glenn, confuso.

-Você vai aonde a luz não chega e deixa seus olhos se adaptarem. Vai mais fundo! A internet é um oceano, meu amigo! É um oceano!

-E você acha que essas informações estão aí, soltas assim?

Mahoney virou apenas a cabeça para Glenn, olhando-o com certo desprezo, e lhe respondeu:

-A internet foi desenvolvida pelos militares, onde você acha que eles estão?! Web, Deep Web, Darknet, tudo está conectado de alguma forma, basta saber encontrar! - e começou a falar coisas sem sentido consigo mesmo, enquanto executava operações no computador. - Esta máscara aqui... o IP escondido... isto, uma criptografia...

Mahoney tinha sua própria teoria. Se havia algum tipo de conexão de comunicação, esta seria, de alguma forma, acessível a quem soubesse encontrá-la. Glenn preocupava-se com a segurança deles e temia que pudessem ser encontrados através da pesquisa que Brad fazia. Comentou:

-Dois dos meus já morreram porque procurei o que não devia. Não acha perigoso fazermos isso?

Brad Mahoney parou de digitar, repousando os dedos sobre o teclado maleável onde digitava e mantendo os olhos fixos na tela, como se o que ouvira fosse algo terrível.

-O que acha que eu sou? – indagou, irritadíssimo. – Algum tipo de Script Kiddie? Não me recrutaram na Agência por acaso, meu amigo!

E tornou a teclar avidamente códigos e termos que Glenn e seu novo amigo Michael jamais compreenderiam.

Glenn calou-se, não iria discutir com ele sobre algo que não entendia. Embora utilizasse grandemente a internet em seus trabalhos, era apenas um analista do Bureau. Todos aqueles códigos e técnicas que seu amigo usava eram um imenso mistério para ele. Sentou-se num caixote próximo e aguardou, Reese fez o mesmo. Permaneceram por alguns minutos naquele clima tedioso, observando Mahoney teclar vorazmente códigos e termos de pesquisa, soltando

resmungos e grunhidos, até que ouviram uma exclamação repentina:

-Incrível!

-O que você encontrou? – indagou Glenn, afoito, num salto de seu assento.

-Este vídeo não é da época que pensávamos! Não é do projeto Elisa, como imaginamos, mas de um outro experimento, de nome Pandora, como está escrito na legenda do mesmo. – respondeu o hacker.

-De que época?

-Descobri que esse material estava nos registros da DARPA, então resolvi entrar no seu banco de dados e pesquisar sobre os integrantes do projeto Elisa. E lá estava o Dr. Robert Parker! – disse Mahoney, com expressão de satisfação.

-Então você está sugerindo que o Dr. Parker saiu do falido projeto Elisa e foi recrutado pela DARPA?

-Faz todo sentido! O Elisa foi finalizado por “insucesso”, não? Anos depois, chamaram o doutor e reiniciaram a pesquisa, com novo nome, para disfarçar, talvez...

-É verdade. – concluiu Glenn, impressionado com as novidades. – Por que não seria isso?

-Respondendo à sua pergunta, - continuou Mahoney. - o doutor passa a constar nos registros da DARPA a partir de 1958, o que nos leva a pensar que foi a data de retomada desse experimento e esse vídeo provavelmente é posterior a isto.

-Certamente... – concluiu Glenn, pensativo. – Agora tudo está conectado. O projeto Elisa não obteve sucesso, mas foi continuado anos depois, e pelo que presenciamos ontem, creio que foi muito bem sucedido.

-Pode crer, man! Mas pelo jeito, o tiro do governo saiu pela culatra...

Reese saiu de sua inércia:

-Gostaria de saber por que o nome Pandora...

Glenn pôs-se a refletir por um instante e disse:

-A caixa de Pandora. Um presente de Zeus que, quando aberta, trouxe todos os males para a humanidade, restando dentro dela somente a esperança.

-Você acha que seja isso? O que seria a caixa?

-Não sei, talvez a mente...

-Ah! – exclamou Mahoney. – Chega de divagação! Vamos ao que interessa! Encontrei mais alguns documentos aqui.

Os três observaram o material. O achado de Mahoney era um arquivo com documentos digitalizados da época do projeto. Havia inúmeros desenhos técnicos, com descrições de peças e dispositivos modernos e bem complicados.

-O que seria isso? – perguntou Michael Reese.

-Parece ser um dispositivo militar. – respondeu Glenn.

-Parece não, é. – disse Brad Mahoney. – Estudei um pouco desse tipo de coisa. Pelo formato e a construção disto, parece ser uma bomba. Mas não faz sentido nenhum...

-Uma bomba? É, realmente não tem muita relação com um projeto experimental de neurociência...

-Isso tem muito mais a ver com o Manhattan... – resmungou Mahoney, desanimado.

-Espere! – disse Glenn. – O Elisa foi um braço do Projeto Manhattan, correto? Um projeto que pesquisava a construção de dispositivos de destruição em massa. Agora vemos plantas e desenhos de peças para a construção de uma bomba estranha sob a gestão da DARPA, uma agência de defesa. Então por que não seria também uma espécie de bomba?

-O que você quer dizer com isso?

-Veja o que aconteceu na Quinta Avenida! Pessoas foram totalmente destruídas apenas por ouvir aquele som maldito! Mataram-se, perderam a sanidade, morreram sem que o coração deixasse de bater! Não temos nem ao menos notícias do que sucedeu ao presidente!

-O presidente está bem. – respondeu Reese. – Assisti a notícia enquanto você dormia...

-Isso é mentira! – Glenn exclamou. – Eu estava trabalhando com ele e sua equipe, quando tudo aconteceu. Ele recebeu ameaças antes daquilo tudo, e foi pego de alguma forma. Estão camuflando a situação. Mas não consigo imaginar por quê...

Glenn via uma nebulosa barreira envolvendo tantos fatos escondidos e notícias falsas escancaradas. Sentia-se diante de um imenso teatro, mas não sabia como encontrar a saída daquele espetáculo.

-Uma bomba sonora... – disse Mahoney, estarrecido. – Por que nunca pensei nisso...?

-Pense no potencial de um dispositivo desse! – disse Glenn, fora de si. – Atacar e dizimar exércitos inimigos sem causar nenhuma destruição física! Estamos diante de um novo parâmetro de ataque militar! Apenas meça: ataques explosivos são limitados de certa forma, custam caro e causam demasiada destruição. Ataques biológicos demoram para se propagar,

podem ser contidos e geram revezes terríveis. Mas e o som? Um ataque sonoro poderia atingir o alvo em segundos e não permitir nenhum tipo de defesa! Uma arma sem custo de reprodução e altamente eficaz!

-Quem detivesse isso em mãos seria temido em qualquer lugar... – acrescentou Michael Reese.

-Onde será que está o Dr. Parker? – perguntou Glenn. – Precisamos saber o que aconteceu!

-Este é o problema. – respondeu Mahoney. – Os registros que encontrei aqui só conferem até 1982. Não há conclusão do projeto, localização e nenhuma informação sobre o paradeiro do doutor.

-O governo não desistiria de uma arma tão poderosa por nada... E além do mais, estamos vendo-a em ação pela primeira vez. Mas não foi pelas mãos do governo, o que significa... Maldito! Ele roubou a pesquisa!

-Bem, o terrorista que realizou o ataque ontem pode ser ele... – concluiu Mahoney.

-Eu estava lá. – disse Reese, sob os olhares curiosos dos dois. – O maior inferno que já vi. E estive em muitos. Ninguém escapou ileso daquele ato. Mesmo nós que restamos ainda sãos, tenho certeza que carregaremos as marcas. Aquele terrorista não era qualquer um. Ele não era um cão adestrado por um doutrinador maior, um facínora qualquer que mata por uma causa que não compreende. O que ele disse ao presidente significava muito mais do que eu pude compreender, estou certo disso.

-O que você quer dizer com isto? – indagou Glenn.

-Se o Dr. Parker está por detrás disso tudo, e se ele realmente roubou a pesquisa, então há uma causa maior nos bastidores dessa história toda. Acredite em mim ou não, mas aquele homem que falou com o presidente sabe de alguma coisa que não sabemos. E isso é muito diferente de apenas crer numa causa...

Capítulo 48

De um ponto a outro

O sol cruzava o limiar do dia, fazendo romper a aurora sobre Nova York, quando as hélices do helicóptero Sea King cortavam o ar frio da manhã gelada em direção ao local marcado para o resgate. Rasgava os céus meio nublados da cidade, acima do tão cinzento aglomerado de prédios de variadas alturas e formatos.

Peter Morrison aguardava ansioso sua chegada, olhando como um infante por entre as cortinas das janelas vezes quantas pudesse. Richard Voight buscava permanecer parcimonioso quanto à espera, mas terminava por demonstrar certa tensão pelo que viria.

John observava-o calado, imaginando seu temor a respeito do que encontraria na Casa Branca quando lá chegasse. Com Cathelin em seus braços, refugiava-se de sua tensão inalando o suave cheiro de seu perfume. Ela, por sua vez, reconfortava-se nos braços do esposo, que o apertava como poucas vezes antes em seu abraço.

-Parece uma despedida de adeus. – ela sussurrou, sob a leve pressão de seu abraço apertado.

-Perdoe, não entendi. – respondeu John, interrompendo sua divagação.

-Esse abraço, parece que é uma despedida. Um adeus. – observou novamente.

-Nem toda despedida é um adeus. – retrucou o jovem, afrouxando os braços de sobre ela.

-Mas nem todos que vão se despedem... Mas só disse que parecia, só isso. – disse Cathelin, aborrecida por sua partida.

-Já disse que volto logo, não disse? Eu só quero ver esse problema longe de nós o mais rápido possível. Não quero ver você em perigo de novo...

-Você vive se justificando que faz as coisas por mim! – irritou-se. – Disse a mesma coisa quando aceitou trabalhar com o Michael! E eu nem sei o que vocês fazem lá! Como pode ser por mim, se estamos cada vez mais distantes? Agora você está indo pra longe...

John abraçou-a novamente, tão forte quanto antes.

-Está chegando. – exclamou Peter Morrison, após uma olhadela pela janela. John saiu para a frente da casa, Cathelin foi com ele.

Via a aeronave aproximar-se no alto do céu nublado, o destino incógnito que voava em sua direção. Cheirou o cabelo de sua esposa, que recostava o rosto em seu peito, puxou o lobo de

sua orelha numa forma de carinho e falou baixinho em seu ouvido: me perdoe. Pôde sentir os cílios dela roçando em sua camisa quando arregalou os olhos ao ouvi-lo dizer aquilo. O vento frio fez gelar o úmido das lágrimas que ela derramara em sua camisa, quando levantou a cabeça e olhou para outro lado, disfarçando inutilmente.

O helicóptero levantou o nariz e nivelou, entrando em voo estacionário no meio da rua vazia, frente à casa dos dois jovens. O forte vento que as hélices empurravam gelava ainda mais seus rostos de expressões frígidas e dolorosas. Era chegada a hora de partir.

Peter Morrison seguiu primeiro, para conferir se havia alguém além do piloto. A rua vazia, com poucos olhares por entre as janelas e frestas das portas, não ofereceria perigo, não mais do que quem estive dentro do “pássaro”. Da porta lateral ele acenou, confirmando não haver ninguém ali além do piloto. Era seguro entrar.

Richard olhou para John, na expectativa de que ele o ladeasse até entrar na aeronave. Ao olhar, encontrou-o despedindo-se de Cathelin com um leve empurrão, pois ela custava a solta-lo. Pela primeira vez em todos aqueles momentos de crise que viveram, ele a viu conter as lágrimas que tanto visitavam seus olhos.

-Vamos. – disse John, passando pelo seu lado, resignado.

Richard o seguiu.

Cathelin olhava da porta o helicóptero partir para longe, reduzindo devagar, até tornar-se pequeno demais para enxergar. Sozinha.

O voo iniciou-se silencioso. Nenhuma comunicação era feita além da que o piloto mantinha no rádio. Todos ali imaginavam que tipo de segurança encontrariam ao chegar na Casa Branca, mesmo sob os traços do plano regido por Peter Morrison. Será que as pessoas estariam bem? O que enfrentariam? O silêncio foi quebrado por Richard, que se mantinha extremamente curioso a respeito do jovem desde o início da jornada que enfrentavam.

-Como está o ferimento? – perguntou, cauteloso.

John fitou-o com certa relutância em responder, coisa que lhe causava imenso espanto. Ao longo de toda sua carreira política sempre recebera olhares curiosos, submissos, interesseiros, falsos e também de real admiração, mas nunca de um desprezo tão severo, ainda mais de um cidadão americano aparentemente comum. Como alguém conseguia lidar com o presidente com tamanha indiferença? Isso o causava por demais interesse.

-Não está muito diferente de antes. – respondeu John, voltando o olhar para a janela.

-Vejo em você um homem forte.

-As pessoas veem muitas coisas em mim.

-Mas estou certo ou não? – Richard insistia.

-Não sei se isso importa.

-Senhor presidente, isto é tempo perdido. – disse Peter Morrison, em sua regular implicância com o jovem, quando voltou da cabine, após conversar com o piloto. – Precisamos definir coisas mais urgentes.

-Gostaria de conhece-lo melhor. – disse o presidente.

John tornou a olhar, respondendo:

-Que diferença isso faria? Estamos à beira de nossa despedida, logo chegaremos lá e vocês irão para os seus problemas, eu retornarei para minha vida normal.

Richard desejava muito ter a guarda do jovem por mais tempo. Procurava um meio de convence-lo a permanecer, mas com a defensiva do rapaz, tentar cativa-lo já não era mais uma possibilidade para o convencimento. Resolveu ser um pouco mais franco, mas ainda assim, dramático:

-Se não formos muito bem sucedidos nas próximas horas, ou dias, - a última palavra fez o jovem erguer as sobrancelhas, com desconfiança. - talvez nenhum de nós possa voltar às nossas vidas normais. – observou, num tom de preocupação.

Após um suspiro, John se calou novamente. Peter Morrison interrompeu:

-Senhor, temos pouco tempo para resolver muitos assuntos.

Com um olhar de reprovação, Richard encarou Peter Morrison, fazendo-o calar-se. Deu sua última cartada:

-Você ama aquela mulher verdadeiramente, não é? Pude perceber isso desde o início. Parece que ela é a única coisa que te importa...

John franziu a testa, olhou sem direção pela janela do helicóptero, mas para satisfação de Richard, acabou respondendo:

-Não tenho mais nada com que me importar.

-Você deixou isto bem claro nas últimas vinte e quatro horas. Diga-me, não tem mais ninguém?

-Não sou de muitos amigos, se ainda não percebeu...

-Não imagina como eu compreendo bem o que quer dizer... As pessoas não percebem, mas há muitas formas de ser solitário. Quando cheguei à posição que hoje eu ocupo, ter amigos tornou-se uma utopia. Você perde os que conquistou, e os que chegam, bem, são apenas

amigos do presidente...

-Se você diz... – o jovem era dono de uma forte indiferença.

-Mas são preços que pagamos ao longo da vida. – Richard ainda pensava em como convencê-lo a ficar. – Preços que só valem ser pagos quando olhamos para frente e buscamos construir o futuro.

John esticou as pernas, cruzando pé sobre pé, e ajeitou-se em seu assento, olhando novamente para a janela. Disse-lhe:

-Muitas pessoas vivem tentando construir um futuro, outras tentam reconstruir o passado...

A breve observação do rapaz soou para o presidente como uma brecha importante.

-Qual delas é você? – perguntou, obsequioso.

-Eu? – John falava com certo desprezo a si próprio. - Sou do tipo que desistiu dos dois.

-Mesmo estando com ela?

-Desde que ela me encontrou, decidi construir o futuro dela.

Richard finalmente conseguiu gerar algum sentimento sobre aquele estranho à sua frente. Ele não o desprezava por iniciativa própria, mas sua áspera indiferença era antes a si mesmo. Não parecia apegado a própria vida, não no sentido de aceitar perdê-la, mas por não ter onde se agarrar. Definitivamente, a jovem que deixara em Nova York era o único laço real que desenvolvera com a vida, suspeitou.

-Entendo... – disse Richard, atento à expressão que John mantinha em seu olhar. – Pense no futuro del...

-Vamos parar com esse papinho e resolver logo isso de uma vez! – interrompeu o jovem. – Já percebi que minha ida não é somente para levá-lo em segurança. Estou certo? Não precisa se dar ao trabalho de me convencer a ajudá-lo, não teria outra alternativa, de qualquer forma. Afinal, você é o presidente.

Richard sorriu.

Capítulo 49

O lado oculto

Reese contava-lhes sobre os momentos que passou durante o ataque na Quinta Avenida. Tentava lembrar da conversa entre o presidente Richard e seu adversário, mas sua mente cansada não lhe permitia muito sucesso. Mahoney, não muito contido em apenas ouvir, insistia em procurar por mais informações, invadindo sites governamentais e suas organizações. Até que muito se assustou:

-What?

Glenn Marshall e Michael Reese voltaram sua atenção ao nerd imperativo.

-O que houve? Descobriu algo? – indagou Glenn.

-Um acesso. Uma invasão, eu acho... – disse Brad, profundamente surpreso, mais ainda decepcionado.

Um dos programas que executava por segurança mostrava um aviso importante na tela de seu notebook. Ele continuou:

-Este é um aplicativo que desenvolvi, que monitora minha conexão e detecta qualquer tipo de atividade remota na rede. Alguém tentou descobrir quem eu sou...

-E conseguiu? – perguntou Glenn. Reese permanecia quieto, por nada entender sobre o assunto.

-Creio que não.- respondeu Mahoney.

-Então não há motivo para pânico, não é?

-Como não?! Ele me achou! E isso já é um grande problema! Quando você está se valendo de três protocolos diferentes de segurança e alguém ultrapassa isto, certamente é preocupante! Uso duas conexões que, basicamente, baixam apenas metade da informação cada uma e a terceira monitora e une o conteúdo no estágio final, tudo mascarado!

-E o que isso significa?

-Me transformo num fantasma! Praticamente nenhum sistema conseguiria ao menos detectar minha presença enquanto acesso todo conteúdo! O sonho de todo adolescente tarado!

Glenn não compreendia muito além do velho Reese sobre o que seu companheiro quase insano

falava. Brad Mahoney digitava códigos e informações enlouquecidamente na tela, tentando descobrir de onde viera o acesso, mas, rindo, comentou:

-Ele pode ter conseguido me encontrar, mas não conseguirá ultrapassar minha própria versão do 3DES! Eu chamo de 3DESM, com chaves de 384 bits e Mahoney no final. Lento, mas eficaz!

Mahoney destrinchava aqueles dígitos enlouquecido e os dois observavam aquilo com certo horror, até que ele exclamou:

-Achei o safado! Pensou que eu não te encontraria, é?

Glenn pôs-se perto do computador, para ver o que ele havia feito.

-Vamos ver, vamos ver... – dizia Mahoney, acessando a máquina que havia feito a invasão ao seu computador. – O cara é um noob, há muito tempo não faço uma invasão tão fácil! Humm... Já entendi o que ele fez...

-O que ele fez? Me diga!

-Isto parece ser um local público... Ele acessou de um local público! Quer tirar onda comigo? Seu filho da...!

-Me diga, o que tem aí?

-Bem, não há muita coisa, - disse ele, investigando o local. – espere! Este arquivo tem o teu nome!

Um arquivo no local de rede estava com o nome Glenn Marshall. Brad Mahoney hesitou por um instante, pensava na possibilidade de ser uma armadilha, mas, impressionado com a “coincidência” de haver o nome de seu companheiro ali, não resistiu e abriu o documento. Um texto apareceu:

Não há outra chance. Java Street final à esquerda. Sozinho, pois só você sairá vivo.

Mahoney, que antes pensava ser um trabalho mal feito de alguém pouco capaz, agora estava pasmo com a situação:

-Então isto quer dizer que ele não queria invadir minha máquina, ele queria...

-...queria apenas enviar um recado... – completou Glenn.

-Incrível. – Disse Brad, após um assovio de admiração.

-Mas por que tanto trabalho? – indagou Reese.

-Não sei, talvez para não ser encontrado por outros... – Glenn disse, em monocórdio.

-Faz algum sentido. – Mahoney concordou.

-E você, acha que vale a pena ir? – perguntou Michael Reese.

Glenn passou a mão no cabelo, pensativo, com uma expressão jovial. Então respondeu:

-Na ausência de opções, resta essa para ser a melhor...

Seus amigos não mostraram aprovação de sua decisão arriscada. Glenn continuou:

-Pelo decorrer dos fatos, não tenho muitas chances de sair vivo de qualquer forma. Se for para morrer, não quero sentar e esperar por isso.

Uma hora depois, após avaliar todos os reveses possíveis, lá estava Glenn, sozinho, com a arma emprestada por Michael Reese enfiada no coldre encardido preso em seu lado, dando os primeiros passos na rua descrita pela mensagem.

Poucas vezes em sua carreira experimentou um temor tão real, tão imediato e imprevisível. Um analista da Divisão de Investigação Criminal que passara a maior parte do tempo realizando investigações após as ocorrências, ou buscando dados e informações que pudessem prever possíveis consumações criminais, não tivera a chance de enfrentar muitas situações onde poderia encarar face a face o perigo de morte.

O único motivo que lhe dava razão para seguir em frente nesse encontro enigmático era o perfil da mensagem recebida, a qual ajustava-se com o possível informante que antes lhe enviara outros dados. Glenn chegava a crer que o fato de o sujeito ter-se dado ao trabalho de realizar tamanha manobra para deixar o recado era muito mais para mostrar sua identidade – como alguém extremamente capaz – do que causar qualquer outro tipo de impressão. Aquilo não poderia ser uma armadilha, não seria sensato algo assim, se fosse um assassino ou qualquer pessoa do gênero, bastava encontra-los onde estavam naquele momento para matar a todos, o que ser-lhe-ia certamente mais interessante. Havia um motivo para fazer tal convite, e isso ele iria descobrir dentro em breve...

A parte final da Java Street era um tanto peculiar, o tipo de rua que se adequaria perfeitamente para uma cena de um filme policial noir. Descoberta de asfalto, a via era formada por paralelepípedos, o que lhe dava uma identidade própria diante das tantas ruas iguais de Nova York. Envoltas por prédios industriais e totalmente deserta naqueles dias de terror, devido ao colapso em que o país encontrava-se, não era nada convidativa para um encontro, ou, naquele caso, perfeita para tal.

O vento gélido vindo do East River corria sem nenhum impedimento por entre as paredes de tijolos vermelhos sujos e envelhecidos da rua vazia, e tocava-lhe a pele do rosto, num beijo cortante e flagelado. Seus olhos ardiam e lacrimejavam, num esforço de proteção ao toque do ar seco que agredia tudo o que tocava. Glenn apenas continuava, um passo após o outro, seguindo em frente naquela rua morta sob o céu nublado de uma manhã sombria. Sem saber o lugar exato, ele apenas caminhava, à espera de que alguém o chamasse e convidasse a entrar, ou a morrer.

Todas as portas e corrediças estavam devidamente fechadas, assim como as janelas de cada prédio ou galpão. A cidade parecia abandonada, deserta, como ele nunca antes havia visto. Andou até o final e virou à esquerda, como fora dito na mensagem, pela marquise à beira do rio, até que finalmente encontrou uma porta, de ferro sólido, entreaberta.

Empurrou a porta coberta de pichações e marcas do tempo e adentrou o galpão escuro que percebeu à frente. Ainda dava o primeiro passo imerso na escuridão quando ouviu dizer-lhe:

-Por favor, feche a porta.

O susto, já precedido pelo nervosismo que sentia, foi tamanho que ele não pôde segurar o espasmo vocal e a inspiração repentina, soltando um uivo breve e acometido pelo medo, como uma criança assustada. Não era do tipo que se envolvia em grandes enfrentamentos, definitivamente não o era. Pela voz, deduziu que era um homem de idade certamente avançada. Seu jeito de falar parecia enfadado por muitos anos vividos.

-Obrigado. – disse o homem, ao vê-lo fechar a porta como havia pedido. – Peço desculpas pela péssima escolha do local. Não parece nada convidativo, assumo. Mas não me encontro com muitas opções ultimamente.

Glenn empunhou o revólver na altura do olhar e seguiu, dificilmente, por causa de seus ainda recentes ferimentos, andando em sua direção, para que pudesse ver aquele que lhe falava.

A única iluminação que havia no lugar vinha das telhas transparentes que havia no alto, mas que era fraca, devido à manhã soturna de céu fortemente nublado e tempestuoso daquele dia. Suas córneas faziam um imenso esforço em adaptá-lo à visão naquele lugar obscuro. Ao aproximar-se, Glenn pôde então ver melhor quem era o misterioso homem. Sentado em uma das cadeiras que havia naquele ambiente fabril, ele viu um senhor, de idade já avançada, mas de aparência muito lúcida, mesmo com seus ralos cabelos e barba embranquecidos por total. Olhava-o chegar-se como se o conhecesse muito bem e soubesse que jamais teria coragem de atirar a sangue frio, como se mesmo por apontar aquela arma, Glenn não oferecesse perigo algum.

-Cheguei a cogitar que não viesse. – disse o velho.

-Quem é você? – perguntou Glenn, ainda muito inquieto.

-Você ainda não sabe? – e riu-se.

-Então você é o doutor Parker?

O velho deu uma modesta risada de satisfação e disse-lhe:

-Você é bom, dedicado. Por este motivo o escolhi, embora me arrependa por isso.

-O que quer dizer? O que quer de mim? – disse Glenn, já de frente para o velho, e ainda apontando sua arma para ele. – Há mais alguém aqui?

-Uma pergunta de cada vez, - disse o doutor. – já sou um velho cansado... Acalme-se, garoto, não vou lhe fazer mal, se é isso que teme! – e riu-se.

Glenn abaixou sua arma e perguntou:

-Há mais alguém aqui?

-Não, nós evitamos andar juntos. Certamente estou sozinho, mas não posso lhe garantir nada.

O homem falava de forma estranha, com declarações lúcidas em meio a outras tão contraditórias, parecia querer confundi-lo, deixa-lo perdido em meio ao diálogo. Típico de quem quer manipular um diálogo.

-Não estou aqui para piadas. - Disse Glenn, tentando demonstrar certa postura. – Foi o senhor... você... que me enviou aquelas informações de antes?

-Digamos que foi tudo a meu pedido. – disse o velho, entre tosse e outra. – Manusear esses computadores novos, sistemas e tantas outras coisas complicadas de hoje não são algo pelo qual eu esboce algum interesse. Não sou exatamente um amante de códigos e criptografias... Sente-se aí, por favor.

-Me diga, - prosseguiu Glenn, sentando-se cauteloso em uma outra cadeira próxima. – o que quis dizer com me escolher? Do que se arrependeu?

Robert Parker afagou a espessa barba branca e remexeu-se em seu assento, com uma calma que Glenn não era capaz de compreender.

-Te escolhi porque precisava de alguém como você. Nós somos poucos e cada um proporciona um auxílio específico, importante. Não podemos nos dar ao luxo de perder ninguém, não em um momento tão crítico... Por isso trabalhamos ocultos, solitários, imersos no desconhecido. Você seria o nosso agente de campo, meu jovem, aquele que iria chegar mais perto, o que aperta o botão da bomba, se me compreende bem. – deu uma breve pausa, forçando um pigarro em sua garganta e retomou o ar para continuar. - Me perdoe a sinceridade, mas você seria o risco inócuo, o agente descartável, a peça que podemos arriscar sem que o jogo seja comprometido. Eu precisava encontrar alguém que fosse sagaz o

suficiente para entender os meus recados, decifrar os enigmas e unir as peças do quebra-cabeças. Encontrei você, uma inteligência incomum em meio a esses preguiçosos de hoje em dia... Peço que entenda isto como um elogio. Porém, foi nesse quesito que me arrependi. Tudo precisa ter uma medida certa, e você era esperto demais, investigou além do que deveria, buscou informações sobre o que não necessitava. E com isso, acabou revelando a eles as migalhas de minha trilha. Justo aquele que serviria para me ocultar nas sombras foi o que acabou revelando meus passos ao inimigo. Irônico, não?

-Me desculpe, - disse Glenn, confuso e constrangido. – mas o que você quer me dizer com isso tudo? Quem são vocês? Quem são esses de quem você foge? Para que precisava de mim?

-Quatro perguntas de uma vez... - disse o velho, pigarreando demasiado. – pensa que sou o quê? Uma máquina? – e continuou. – Há muitas forças atuando neste mundo, meu jovem. Os verdadeiros atores ainda estão nos bastidores. Forças absolutamente contrárias que permeiam os vieses da história, alterando seu curso de acordo com seus interesses. É por isso que tudo está essa merda!

Glenn permanecia calado, tentando interpretar o que o velho lhe dizia. Perguntava-se se tudo aquilo era fruto de lucidez ou cansaço da idade avançada que aquele homem à sua frente aparentava ter alcançado. Robert Parker continuou:

-Me perdoe pelo meu deslize coloquial, mas não havia melhor definição em minha mente fraca no momento. Nós não temos nome e também não podemos dizê-lo para você. Apenas pense em nós como uma resistência, um ponto de equilíbrio nesse mar de loucura que está a nossa volta. Sobre a tua segunda pergunta, há muitos braços no mundo, muitos agentes inimigos entre si. Alguns nós perseguimos, de outros precisamos fugir. Somos frágeis demais para enfrentar a Ordem. Isto nos leva para a terceira pergunta...

-Ordem?! Que Ordem?! – indagou Glenn, afoito por compreensão.

-Sim, a Ordem.. – Robert respondeu com uma lentidão angustiadora. – Eles são os que mandam. Estão em todos os lugares e em todos os níveis de poder. Ocupam posições importantes em governos, presidem muitos países e dominam aquele teatro que chamamos de ONU. Comandam grandes conglomerados que sustentam a economia mundial, são os maiores fabricantes de armas, tecnologia e medicamentos, enfim, são o grupo que venceu, aqueles que governam a tudo e a todos com seu braço invisível.

-Um grupo que governa a todos... – Glenn falou baixo, em tom de desprezo.

-Não crê, não é? – Robert o provocou.

-É difícil acreditar em uma conspiração dessas, me perdoe.

-Essa é a melhor arma que eles possuem!

-A minha descrença? – Glenn indagou, ainda desacreditado.

-Diga-me, como você vai reagir a algo que nem ao menos acredita? Como vai combater algo que não sabe que existe? É a melhor estratégia, meu jovem. O que você pensa que é a globalização? Um simples fenômeno da era da informação? Países e culturas totalmente diferentes sendo cada vez mais difundidas entre si, sem perceberem a destruição das identidades. Motivações idênticas surgindo em povos outrora totalmente divergentes. Pessoas vivendo cada vez mais dentro de um mesmo molde, consumindo e desejando os mesmos produtos e sendo estimuladas a buscar as mesmas vidas, os mesmos valores. Pense bem, jovem, qual é a melhor forma de controle?

Glenn se via imerso em uma torrente de novos questionamentos. Traduzir toda aquela loucura em sentido era algo difícil para ele. A que ponto aquele velho estranho queria chegar? Apenas permanecia calado, fitando-o. Robert Parker, percebendo sua inércia ante à pergunta, continuou:

-Liberdade, pequeno Glenn, liberdade! A melhor forma de controle é a sensação de liberdade! Crie necessidades, vista-as de liberdade e venda-as em forma de libertação, e assim você terá o controle das pessoas, o domínio de seus pensamentos e o amor de seus corações. A Ordem é o grande responsável por isso, o grande motor do último século. É a força que precisa ser freada, antes que não haja mais escapatória...

Robert foi tomado por um surto de fortes tosses, sofrendo para retomar o falar.

-Voltando às perguntas anteriores, e por favor, não as faça assim, muitas de uma vez! Sobre precisar de você... Bem, eu precisava, e se considerar a cadeia dos fatos, ainda preciso de você para resolver o nosso problema mais urgente: Richard Voight.

Nesse momento Glenn sentiu seu coração palpitar dentro do peito. O presidente? Justo aquele que ele jurara e procurava proteger? Ouvir aquela afirmação significava que ele estava falando naquele momento com o maior inimigo do país. Aquele velho senil, sentado à sua frente em meio a tosses e pigarros era a ameaça que tanto afligira a nação nos últimos dias! Com um sobressalto para trás, Glenn levantou-se da cadeira, mirando novamente em direção ao Dr. Robert e procurando com o olhar à sua volta por possíveis inimigos imersos na escuridão.

-Que história é esta?! – gritou Glenn, afoito com a nova que recebera.

-Sente-se aí e me ouça de uma vez, seu moleque! – redarguiu o velho, em total desprezo à arma que apontava para si. – Não tenho todo tempo do mundo para perder com explicações! Provavelmente devem estar próximos, os que nos procuram!

-Próximos? Quem?

Robert Parker apontou-lhe um dedo com seu braço cansado e disse:

-Aquele teu amigo acha que é esperto, que ninguém é capaz de supera-lo, mas há outros bons no mundo, melhores que ele, inclusive. Assim como eu os encontrei, outros podem tê-los

encontrado. E se eu não enviasse aquela mensagem e os fizesse sair daquele lugar logo, é provável que já estivessem mortos...

-Fale de uma vez! – gritou Glenn, ainda de pé, mantendo a mira em sua direção. – O que quer do presidente?!

O velho baixou a mão e segurou uma bengala que estava encostada em seu lado, batendo-a levemente no chão.

-O presidente nunca foi nosso alvo, nem ao menos um inimigo. Estaríamos do mesmo lado, se não fosse o seu maldito plano. Idiota! Um imaturo, que sente em si o cheiro do poder e acha que pode resolver tudo com as próprias mãos! Tudo corria bem, até que ele criou seu maldito plano de contingência que acabou tornando-se um problema para nós! Patético...

-Foi você o responsável pelos ocorridos na Quinta Avenida?! – gritava Glenn, odioso.

-Nós precisamos fazer aquilo que você deveria ter feito para nós! – disse o velho em voz alta.

-Centenas de pessoas morreram ali! Seus assassinos! – Glenn continuava aos gritos.

-Não tivemos opção! – respondeu o velho já na mesma altura.

-Vocês não têm escrúpulos?!

-Isto não é nem uma amostra dos que morrerão se Richard puser o seu plano em ação! – Robert berrou, batendo forte com a bengala no chão, de tal forma que Glenn acabou se calando.

Robert Parker começou a tossir descontroladamente, após forçar muito a sua voz. Não tinha mais idade para excessos e sentiu o pesar do esforço. Glenn observava a cena, tentando absorver o que aquele homem falava.

-Escrúpulos... – disse Robert, recompondo-se. – O que isto significa? Perfeição? Será que tomamos decisões tão errôneas? O Deus dos cristãos sacrificou o seu filho para salvar os homens e tantos falam disso nas ruas como uma linda história. Nós sacrificamos algumas centenas para salvar muitos milhares. Mas, por Deus! Nós somos apenas humanos!

-Quem vai morrer? – perguntava, ainda sob imensa ira. Seu dedo tremia de nervosismo junto ao gatilho do revólver.

-Muitos, meu caro, muitos! Mas estes muitos que morrerão são de povos onde já se morre todos os dias. Centenas de muçulmanos morrem diariamente em suas casas, em suas escolas, em suas velhices e suas juventudes. Enviamos por muito tempo nossos soldados, agora nossos drones e mísseis para matar e destruir, sob a aprovação ideológica de combater o mal nos lugares distantes, e nos tornamos tão hipócritas, e igualmente assassinos quanto aqueles que matam em nome de seus deuses. Nos países invadidos por nós, todos os dias são onze de

setembro...

-Não vim aqui para discursos humanitários. – disse Glenn, com seus olhos arregalados e envoltos pelas fortes olheiras. Seus ferimentos no abdômen sangravam por entre as gazes e faixas que o envolviam.

-Richard sabe quem são alguns de nossos inimigos, ele conhece parte deles, mas não os mais fortes. Acha que pode conte-los, se conseguir aprovação pública e apoio mundial, mas não entende que o mundo já é deles... Sua intenção não é acabar com terrorismo algum, ele bem sabe que o terrorismo é praticamente uma criação americana. O que ele quer é enfraquecer o inimigo. Cercar as regiões de interesse, enchendo-as de soldados americanos e aliados, e tomar o controle das produções de petróleo, deixando-os sem recursos a médio prazo. O que seria, inclusive, positivo para a economia do país. Mas ele é um inocente se pensa que isso ocorrerá como planeja. Se Richard tiver êxito em seu plano, o mundo cobrirá totalmente os seus olhos para isto. Todos os lados vão aceitar o jogo sujo. Não haverá mais limites para a arrogância dos poderosos, tudo o que nós temos feito secretamente nas últimas décadas, todo nosso esforço para manter o equilíbrio mundial, tudo será em vão. E por causa de apenas um homem, com um pouco de poder nas mãos.

-Não é apenas um homem que será capaz de fazer o mundo todo aceitar isto que você está dizendo. – respondeu Glenn, intrigado, mas ainda muito resistente ao que Parker dizia.

-Você é um tolo se pensa que o que diz é verdade! – redarguiu o velho. – Lembra-se do que aconteceu na Quinta Avenida?! O artifício que usei ali é um protótipo de uma arma de guerra! Um dispositivo que eu desenvolvi para o governo deste país durante meio século. Uma arma capaz de derrubar inimigos sem derramar uma única gota de sangue. Capaz de transformar pessoas em animais, em zumbis, ou em máquinas de matar. Sem riscos para quem a detém nas mãos, sem escapatória para quem é o alvo. Pouquíssimas pessoas resistem aos seus efeitos, poucas mentes que saem do padrão de normalidade e podem reagir de formas diferentes. Imagine o governo com uma arma desse tipo em suas mãos? Poder destruir nações inteiras sem nenhum prejuízo geográfico, sem nenhuma destruição física. E tudo isso por causa de apenas um homem: este velho assaz cansado que fala hoje contigo. Se eu tivesse entregue esta arma ao governo duas décadas atrás, o mundo hoje seria totalmente diferente, garoto. Uma decisão infernal que tive me corroendo por anos, e que tomei há duas décadas. O mundo poderia ter seu destino traçado pelas mãos de um único homem, e se você pensar filosoficamente, eu tomei uma decisão.

-Richard não tem essa arma em mãos... – Glenn gaguejava, tentando convence-lo.

-Você não entende o potencial humano, rapaz. Não compreende a ironia da humanidade! Não compreende como um homem sozinho pode ser imensamente poderoso e uma massa inteira de pessoas, tão incapaz... Como um curto período de vida de uma pessoa pode permanecer influente ao longo de tantas outras gerações que o seguirem...

O velho abanou a cabeça, voltou o olhar para o chão e procurou algo nos bolsos. De um deles,

trouxe uma caixa de fósforos e retirou um palito de dentro dela. Riscou-o até que acendesse. Ergueu o pequeno palito em chama à vista de Glenn e disse-lhe:

- Observe este fósforo. Tão pequeno, frágil e, diante de toda a grandeza à sua volta, logo se apagará. Mas neste curto período de tempo em que mantém sua chama acesa, o seu pequeno brilho de fogo é capaz de alastrar e incendiar uma floresta inteira. Isto é o que eu chamo de potencial humano.

-E o que isto tudo significa? – indagou Glenn.

-Richard é uma chama que eu preciso apagar antes que possa incendiar outras nações.

-Você está louco! – Glenn exclamou, mediante a afirmação do velho sobre o presidente. – Não sabe o que diz!

Robert Parker soltou o fósforo no chão gelado e, mesmo sentado, pisou sobre ele, apagando o que lhe restava de calor. Respondeu-lhe:

-Será que você não compreende?! Já esqueceu-se do jovem Behruz? Dos atentados? Não lembra do vídeo que te enviei? Quem foi que causou as explosões?! Quem estava por detrás disso tudo?!

Glenn arregalou os olhos. Lembrou-se do vídeo onde os dois homens de terno cruzavam com o menino antes da explosão. Não tinha palavras para falar mediante os fatos que ligava. Parker continuou:

-Acaso não lembra dos nomes dos dois agentes que fizeram aquilo? Eram agentes sob comando de nosso presidente! O pequeno garoto iraniano apenas queria estudar e se tornar um médico. Nunca houve atentado, senão o do próprio presidente enganando todo o país! Jane Johnston? Aquela que usamos para implantar as escutas na Casa Branca? Vou lhe dizer uma coisa, ainda esta manhã ela sofreu um acidente de carro, enquanto voltava para sua casa, após passar as últimas quarenta e oito horas atendendo a uma urgência de seu trabalho. Estranho, não? Diga-me, como é de repente saber de tantas verdades?

Glenn estava estupefato.

-Vou lhe dizer uma coisa, garoto, você está procurando um cão preto à noite, quando ele já está com os dentes em seu calcanhar! – tossiu enquanto guardava a pequena caixa de fósforos em seu bolso. – As pessoas são capazes de aceitar qualquer coisa. Aqueles que combatem a violência são capazes de aceitar a morte de um assassino. Basta que os apresente um culpado. E é isto que Richard está fazendo desde o início! Culpe-os do que você faz, e não haverá argumentos para combatê-lo!

Glenn abaixou sua arma mais uma vez. Não podia crer que aquilo pudesse ser tão real. Não podia crer que por tanto tempo trabalhara em prol daqueles que eram os maiores culpados. O senhor continuou suas palavras:

-E é para isto que eu te chamei! Para ir aonde não alcanço, para fazer aquilo que não posso arriscar. Nos ajude a combater-lo, Glenn, de todas as opções que você possa ter, esta é a única que representa uma escolha verdadeira. De todas as coisas que você possa fazer, esta é a única que vai de encontro ao sistema.

-Vocês possuem aquela tecnologia sem igual, o projeto Pandora. Por que nunca usaram isto para tomar o controle de tudo? Por que não se revelam de uma vez por todas e mostram seu poder?

Robert Parker soltou um sorriso e fitou-o calmamente. Ao que respondeu:

-É um poder incrível, não?! O DSN, ou projeto Pandora, a caixa de todas as coisas... Um Disparador Sônico Neural capaz de transmitir comandos inquestionáveis a qualquer pessoa. Uma arma com poder incalculável que não me permiti deixar o governo pôr as mãos e utilizar ao seu bel-prazer... Décadas de pesquisa e toda minha vida gasta neste trabalho. Já me perguntei sobre o que eu faria se não estivesse envolvido nisto tudo. Mas desde que obtive os primeiros resultados deste experimento, venho me fazendo a mesma pergunta que você acabou de fazer: por que não usar isto para tomar o controle e pôr tudo nos eixos? Cada dia que passou eu repeti este mesmo questionamento a mim mesmo. Para lhe responder, faço uso então de outra questão. Se eu o fizesse, se assumisse o controle de tudo, subjugasse as nações e governos a um sistema de temor, o que eu me tornaria?

-Dê ao homem poder e conhecerá quem ele realmente é... – disse Glenn, divagante.

-Há também outro fator importante. Somos muito poucos para pôr um plano deste em prática. A Ordem não permitiria, eles sim, têm imenso poder e o usam com primazia.

-Me fale sobre eles! – disse Glenn, ansioso por mais informações.

-Já perdemos muito tempo aqui! – respondeu-lhe o velho. – E além do mais, eles estão atrás de mim, desde que você iniciou suas investigações a meu respeito. Seu amigo hacker também mexeu em coisas demais que não devia... Agora que creio tê-lo convencido de nossa situação, tenho que saber se fará a tua parte.

-Diga-me o que é. – respondeu Glenn, curioso.

-Não podemos deixar que Richard consiga o apoio legal para as incursões muçulmanas. Ele está reunindo forças para tomar o controle dos principais pontos de exploração petrolífera mundial. Uma vez com isto sob o seu jugo, teria a hegemonia econômica necessária para comandar qualquer tipo de negociação internacional, seja ela para desarmamento, diplomacia, ideologia ou até o desmantelamento da soberania das principais nações. Negue algo a ele e os campos serão destruídos. Esta é sua visão, mas não representa a realidade. O que aconteceria quando sua farsa fosse descoberta? Quando descobrirem que todo o plano de combate ao terrorismo era somente uma fachada para a ocupação de locais estrategicamente selecionados? Os governos mundiais não aceitariam este tipo de chantagem, nunca! A Ordem não aceitaria. O que ele conseguirá fazer será iniciar a Terceira Grande Guerra, se não houver um habilidoso

viés diplomático. E não haverá.

-Onde conseguiu estas informações? – perguntou Glenn, sentando-se em sua cadeira.

-Já lhe disse, somos poucos, mas somos os melhores! Mas isto não importa, o que nos importa aqui, meu caro, é que possuo reunidos os principais documentos que provam que os ataques terroristas foram a mando do próprio presidente Richard. Consiga levar isto a julgamento antes do envio das tropas e impediremos que ele aconteça!

-Por que ainda não puseram isto nos meios? Na internet, talvez?

-Você é inteligente demais para ser tão inocente! Realmente crê que isto seria bem sucedido? As coisas não funcionam assim no meio que estamos lidando...

De repente, ouviu-se um som de helicópteros sobre o prédio, deixando os dois em alerta. Robert Parker levantou-se às pressas e virou-se para a escuridão.

-Venha! – gritou para Glenn, acenando uma direção.

Glenn seguiu-o afoito, com seu revólver em mãos, lembrando-se das palavras de Reese: Revólveres têm seis balas. Só seis balas! Quando corriam pelo galpão cheio de máquinas imersas na escuridão, pôde-se ouvir os estrondos das vidraças quebrando sobre eles. Ao olhar para cima, o jovem viu os facho de luz se projetando, revelando a chuva de estilhaços de vidro que agentes pendurados por cordas traziam consigo ao invadir o local.

Ao fundo, se ouvia uma voz, dizendo: “Parker fica vivo! O velho fica vivo!

Glenn olhou novamente para frente e viu Robert, que tentava a todo custo manter o ritmo de sua corrida, puxando de uma bolsa que trazia consigo um objeto redondo, semelhante a uma granada. A escuridão ainda maior no lugar não permitia enxergar muitos detalhes, também porque ambos seguiam apressados. O velho rolou a aparente granada para o centro do prédio e tornou a correr em sua direção. Disse-lhe:

-Me perdoe, não estava exatamente preparado para isto!

Dito isto, puxou da bolsa um tipo especial de fone de ouvido, mais especificamente, um protetor que Glenn nunca antes havia visto, e encaixou em sua cabeça. Acenando para que o seguisse.

-Sobreviva a isso, garoto! Te darei os próximos passos logo!

Os dois correram para uma saída que os levou a um beco entre dois galpões. Virando a esquina do beco, havia um grupo de homens uniformizados como militares, mas com uma vestimenta própria, toda preta. Robert puxou-o por entre os containers de lixo para o fim do beco, onde havia uma outra porta que dava no galpão seguinte.

Glenn sentia o sangue escorrendo em sua barriga e o movimento brusco da corrida causava-lhe forte dor, mas a eminência da fuga era maior que o perigo de qualquer ferimento em seu corpo.

Enquanto entravam no outro prédio, um forte pulso sonoro foi disparado onde se havia largado a bomba. Glenn sentiu o impacto em sua cabeça, proveniente do som que se dispersava naquele raio inteiro. Suas pernas se enfraqueceram e o equilíbrio se foi. O cenário à sua frente, que já era obscuro, foi se apagando da mesma forma que acontecera no carro após o acidente. A última coisa que viu enquanto caía no chão foi Robert Parker, protegido por seu dispositivo pessoal, correndo pelo corredor, dizendo-lhe: Me desculpe, filho! Sobreviva!

Tudo se foi.

Capítulo 50

Mente brilhante

1946, Stanford, Califórnia.

Um imenso aglomerado de pessoas lotava as dependências do maior auditório da Universidade de Stanford, num evento muito falado naqueles dias na comunidade científica. Todos, fossem docentes, pesquisadores, cientistas, imprensa ou apenas curiosos, reuniam-se naquele local para ouvir uma única voz, de um jovem, um garoto de apenas dezesseis anos, com sardas e espinhas ainda nascentes, que mostravam sua pouca vivência no mundo, em contraste ao seu notável e incrível desenvolvimento intelectual.

Em meio àquele mundo de pessoas importantes, surgia a figura do garoto Robert Parker, o palestrante da noite, para explanar publicamente sobre suas teorias e descobertas. Sobre o gérmen do que prometia tornar-se uma revolução nas ciências médicas e humanas. Sob a chuva de flashes dos muitos diários e semanários locais, nacionais e internacionais, o garoto franzino caminhou até o palco e pousou atrás do microfone que subia mais alto que sua estatura poderia alcançar. Com certa inabilidade, ajeitou-o para que defrontasse seu queixo e pudesse receber corretamente sua voz durante a palestra. Todos aguardavam atentos o início de sua dissertação, e, após um pigarro e um gole d'água não muito gelada, tiveram suas expectativas atendidas, finalmente.

-Boa noite a todos. – o jovem iniciou, com sua voz nervosa. - Devo agradecer por sua presença e a demonstração de interesse em meus estudos. Mesmo dizendo meus, na verdade, não me sinto dono de conhecimento algum. Acredito que desde que o homem se tornou pensante, o conhecer é sua principal dádiva, e ele não deve ser negado a ninguém que o deseje. E por falar em ser pensante, desde que o homem se viu como tal, e percebeu a grande marca que o tornava diferente dos outros animais, se viu na necessidade de conhecer aquilo que era o ocasionador de seus privilégios, a mente. E é nesse ensejo que elaboro minha proposta de estudo. Desde quando era novo, tive interesse em compreender como funcionavam nossas mentes, - dito isto, a plateia se deu a risadas, por ver um garoto referir-se à sua juventude de forma pretérita. Robert sorriu, um pouco mais calmo. – bem, eu observava e me punha curioso por demais sobre o assunto. Mas não encontrei, até hoje, um norte que possa guiar esse conhecimento de forma mais científica, como um verdadeiro campo de saber, um desenvolvimento multidisciplinar, capaz de elevá-lo de um nível de curiosidades a um nível de certezas. Esta é minha primeira proposta, tornar o estudo da mente um campo de ciência como ele merece. Afinal, se é a mente que nos faz saber, ela precisa ser sabida. – algumas pessoas mais empolgadas já o aplaudiam obsequiosa e solitariamente, por partilharem da mesma visão, causando até um certo constrangimento ao rapaz e aos demais ouvintes. - Para quem desejar, possuo um artigo explicando detalhadamente cada passo a ser dado, cada

divisão, cadeira e união dos saberes que cooperarão para este importante salto que daremos nos próximos anos, rumo à ciência.

O jovem gênio pausou o discurso para umedecer seus lábios secos do nervosismo inicial e tornar a falar com maior facilidade. Após repousar com cuidado o copo, temendo derrubá-lo e à água, prosseguiu sua oração:

-Mas não desejo ater meu discurso a esta proposta nesta noite. Principalmente pelo fato de que este assunto diz respeito a poucos interessados e sei que a maioria aqui presente está desejosa de saber a respeito de meu trabalho hipotético. Eu gostaria de instigá-los a pensar em algo novo, um conceito ainda não desenvolvido, um olhar para algo ainda não explorado. Hoje, desejo falar-lhes sobre minha tese, cuja apresentação foi feita oficialmente há algumas horas e rendeu-me algum sucesso após tão laborioso processo. Passei os últimos três anos de minha vida imerso nesta pesquisa, o período mais longo que tive de me dedicar a um projeto. Através dela, levanto a hipótese da existência de uma inteligência padrão, um código mestre da mente humana, e talvez residente em todo animal deste planeta. Deixo claro que esta hipótese diz respeito a todas as coisas, mas me limito a descrever somente o que interessa à minha área: a mente humana. Filosoficamente, se podemos chamar a existência de criação, presumindo alguém, ou uma força maior por detrás de todas as coisas, ou se essa mesma existência na verdade é uma insurgência ao domínio do nada, em nada muda para o que venho propor. Ambos os casos – um criador inteligente ou uma construção involuntária – assumem que há um padrão de existência, uma lei a ser seguida, um código fonte, onde tudo que há precisa basear seu funcionamento. Cerceando agora esta ideia ao campo da mente humana, há então, um padrão psíquico anterior a qualquer construção do saber, do pensar, do ser. Um universo de significados que precede a linguagem, a imagem e qualquer relação do homem com o mundo, seja natural, social ou ideológica. Ora, se o homem bebe água, ou se diz que é dia ou noite, ele o faz carregado de um enorme envoltório de construção social, ideológica, científica ou qualquer que seja, pelo simples fato de se enxergar como indivíduo diante de tais fatos. Mas o mecanismo que faz a sua mente entender que necessita de água, ou que é dia ou noite, é par ao que faz um leopardo numa savana africana ter a mesma compreensão. É a engrenagem do pensamento, o ponto de encontro entre o cérebro – carne, massa cinzenta, um agregado de reações químicas - e a mente – o que muitos chamariam de espírito. Esse mecanismo é o mesmo para o americano trabalhando em um escritório de contabilidade, o muçulmano seguidor de uma jihad e um aborígene deslocado de qualquer relação com o tempo de nossa sociedade. Em outras palavras, interfaces totalmente diferentes, mas que possuem a mesma base de construção, a mesma lei de funcionamento. Diante da enormidade que alcança este tema, creio que meu estado atual de conhecimento a respeito ainda é epidérmico, posto que apenas deduzo sua existência.

-Mas como você poderia deduzir o funcionamento deste mecanismo? – alguém interrompeu-o no auditório.

Robert deu mais um gole no copo d'água e virou algumas folhas que havia repousado sobre o enorme púlpito de madeira, que quase o engolia naquele palco ainda mais extenso.

-É uma boa pergunta. Bem, como já disse, ainda parto de pressupostos, nada foi comprovado ou ao menos minimamente testado. Nem conheço tecnologia que nos permita fazê-lo neste momento, mas tenho uma construção hipotética espessa o suficiente para iniciar os estudos. Dou-lhe um exemplo: - e apontou para o homem que havia proferido a pergunta. – Por favor, o senhor poderia levantar-se?

O homem fitou-o desconfiado e surpreso, mas, sob o olhar de todos no recinto, pôs-se de pé.

-Muito obrigado. – Robert lhe disse. – Pode tomar o teu assento novamente.

A multidão acompanhava a cena, confusa. O homem olhava-o irritado e sentindo-se como feito de bobo.

-Refleta, meu caro, quando lhe fiz o pedido para levantar-se, a tua mente elaborou um certo número de análises para que, finalmente, você atendesse à minha solicitação, o que poderia não ter acontecido. Primeiramente, o teu cérebro recebeu os dados sonoros enviados pelos tímpanos, e traduziu-os em palavras de nossa linguagem. A tua mente organizou estas palavras de acordo com o que você aprendeu ao longo da vida. Lembre-se que, se fosse um aborígene falador de outro idioma, não teria compreendido minha oração e não teria condições de atender ao meu pedido. Organizando as palavras, a tua mente buscou os signos, as imagens acústicas que dão significado a essas palavras, para só então construir sentido através delas e compreender que meu pedido significava levantar-se de seu assento. Após compreender a sentença, a tua consciência analisou uma série de fatores até decidir se valia a pena ou não atendê-la, e a tua ação agora dependia não só de sua compreensão, mas de tua decisão. Decidindo dar-me a graça de ser atendido, a tua mente traduziu o significado em ordens para o cérebro, que, por sua vez, traduziu-as em impulsos para que o teu corpo atendesse ao que fosse necessário, movendo-se até estar de pé. Resumindo, a minha fala foi recebida pelo teu sentido, visitou a tua consciência e conseguiu passagem à tua mente em seu estado mais essencial, o que terminou com a tua ação de levantar-se. É este ponto, quando a mente encontra o significado primordial, aquele que será passado para o físico, que pretendo estudar.

-E qual seria o uso dessa ciência? – indagou um repórter, que procurava anotar todas as palavras do jovem.

Robert pensou por um instante, observou o repórter, talvez tentando entender suas intenções com a pergunta, e respondeu:

-Eu diria que a compreensão e, talvez um uso para tal, ainda estão longe de serem alcançados. No entanto, faço já certas suposições ante ao uso desse conhecimento. Pacientes sofrendores de tetraplegia ou paraplegia poderão reaver as esperanças de um dia tornar a dar ordens aos seus membros paralisados, através de outras formas de comunicação, professores talvez possam fazer uso de métodos que permitam seus alunos aprenderem mais rapidamente, ou até policiais possam tirar proveito desta ciência para controlar criminosos em situações arriscadas...

-Controlar criminosos? – indagou o repórter. Muitos se viam de olhos arregalados diante de sua afirmação. – Você está dizendo um ato involuntário?

-Creio que sim. Se formos capazes de atingir este nível onde se ultrapassa o questionamento, a consciência, e dermos as ordens diretamente para último nível, um criminoso não seria capaz de desobedecer uma ordem.

O auditório foi tomado por um intenso rumor. O plenário agitava-se ante a afirmação polêmica do jovem e levantava, entre si, diversos questionamentos acalorados. Alguns chegavam a levantar-se de seus assentos, afoitos e ruborizados, falando muito e atrapalhando a continuação da palestra.

-Você está falando de controlar a mente? – indagou outra pessoa.

-Haveria essa possibilidade, - Robert respondeu calmamente. - dar ordens inegáveis e inquestionáveis, mas isto é muito latente. Principalmente no nível em que estamos atualmente, onde existe apenas uma hipótese. Arrisco dizer que há muitas barreiras para se alcançar o estágio final da mente, e que cada pessoa, de acordo com seu grau de construção mental, poderá apresentar uma reação diferente a um mesmo estímulo. Devo lembrá-los que tudo o que estamos falando é ainda ilusório, pouco palpável. Não posso afirmar que será possível um dia ordenar a um bandido que ele pare, ou a um soldado que ele cumpra uma ordem sem que ao menos pense, ou mesmo que se possa dizer a um filho que não seja desobediente, mas o mundo já foi quadrado e a eletricidade já foi algo inalcançável, um dia. Somos milhões de pessoas totalmente diferentes, vivendo suas próprias vidas e seus próprios pensamentos. No entanto, posso firmar a ideia com certa segurança: todas as mentes são essencialmente iguais. Hoje fazemos grandes proezas, a ponto de se falar em bombas atômicas, então, por que não podemos crer que desvendaremos e controlaremos a mente humana?

Dito isto, as pessoas se viram loucas naquele auditório. As vozes se exaltaram e muitos chegavam a praguejar sobre o jovem, tratando-o como genitor de um grande mal, alguém sem escrúpulos. Robert não compreendia o porquê de tanta agitação, pensava com tanto carinho nas possibilidades que seu estudo abriria para a humanidade. Por que estavam tão decepcionados?

Em meio à confusão, surgiu um homem, militar, trajando sua farda, que caminhou até o púlpito e tomou lugar ao microfone, dando suas ordens:

-Acalmem-se, senhores! A palestra acabou. Podem seguir às suas casas neste momento. Boa noite.

Robert não sabia por que um militar havia interrompido a sua palestra. Ainda faltava tanto a falar... Estava confuso. As pessoas começavam a retirar-se, algumas indignadas, outras confusas, outras pensativas. O homem virou-se para ele e disse:

-Garoto, siga-me por favor.

Ele acenou que sim, com a cabeça, embora temesse o que lhe sucederia. Ambos retiraram-se do auditório e seguiram por alguns corredores até chegar a uma sala mais reservada do prédio. Ao entrar, o jovem viu o reitor da universidade, com semblante pouco sereno, um de seus professores e alguns outros homens de farda, provavelmente do exército, e um deles se destacava entre os militares.

-Robert, este é o general Leslie R. Groves. – o professor introduziu-o ao homem de destaque.

Robert Parker fitou-o tenso e absorto em toda aquela situação incompreensível. Por que o exército estaria ali? Quanto mais a presença do próprio general! O homem de alta patente estendeu a mão em sinal de cumprimento e Robert apertou-a em resposta.

-Ele tem algumas palavras para falar-lhe. Você gostaria de ouvi-lo? – o professor perguntou, embora todos estivessem cientes de que havia somente uma resposta.

-Sim, sim, estou aqui... – respondeu o garoto.

O homem imponente, com sua farda cheia de condecorações e olhar satisfeito, sorriu para ele e lhe fez o discurso que jamais pensaria ouvir:

-Dr. Parker, você sabe por que as pessoas não te entendem? É porque você não está no nível delas. Está acima, muito além do que podem compreender. Não adianta tentar fazer com que entendam, há coisas que são reservadas a poucos. Mesmo que pensar seja uma dádiva de todos, compreender é um exercício de alguns. E é por isso que estou aqui, porque você faz parte deste grupo seleto. E nós queremos pessoas como você. Então eu te faço esta pergunta: você deseja fazer parte deste grupo?

Capítulo 51

Expectativa

O céu nublado tornou-se em gotas e, minutos depois, chovia fortemente. Do helicóptero Sea King já se podia ter uma visão aérea do prédio mais importante do país, a Casa Branca.

Um silêncio terrível se instaurou na aeronave, mediante a chegada ao lugar. Se ouvia apenas o som de seu motor, unido ao ruído dos pingos de chuva que atingiam a lataria. Peter Morrison levantou-se de onde estava e foi até o piloto, ao perceber a preparação para o pouso.

-Cerifique-se que não haja ninguém no perímetro, queremos descer sozinhos e entrar no prédio. Só estacione se tudo estiver limpo. – disse ele ao homem.

-Sim, senhor. – respondeu o piloto, concentrado.

O vento forte atrapalhava as manobras, mas perspicaz, o piloto fez um bom pouso no gramado norte, bem próximo à porta de entrada da Casa Branca. O helicóptero cor verde musgo, com teto branco e a bandeira americana pintada nas laterais estava finalmente no chão.

John estava incrivelmente centrado no momento do pouso. Sem que houvesse qualquer comunicação, por própria iniciativa, assim que a porta lateral se abriu e a escada desceu ao chão, foi ele quem desceu, sob a vigorosa torrente pluvial, para avaliar a situação do perímetro.

O vento fortíssimo, reforçado pelo giro das hélices que ainda mantinham velocidade acima dele, era capaz de derruba-lo no chão, se não resistisse com todas as forças contra seu ímpeto. O frio gelava suas feridas, aumentando a dor do seu lado e causava-lhe também grande incômodo nos olhos, forçando-o a fechá-los repetidamente. Era difícil enxergar muito à frente, graças a tempestade, mas John buscou averiguar o máximo possível o seu redor, até certificar-se de que não havia perigo.

Correu até a entrada do prédio e não havia ninguém, como fora pedido pelo Inspetor Geral do FBI, Peter Morrison. Com um aceno, confirmou a situação para os que aguardavam no helicóptero. Agora era a vez deles virem.

Peter Morrison saiu na frente, e logo em seguida veio o presidente Richard, bem atrás dele, tentando proteger-se da chuva. O mais rápido que podiam, cruzaram as portas do hall de entrada do prédio. Como esperavam por aquele momento...

-Ainda não estamos seguros! – gritou Peter Morrison veemente, que também acenava para o piloto permanecer com a aeronave pronta para qualquer evasão. – Precisamos averiguar se

não teremos problemas aqui.

Era impossível prever o que aconteceria na chegada do presidente. Ninguém poderia saber se haveria alguma reação ao vê-lo, como aconteceu na Quinta Avenida, ou se as pessoas ali estivessem livres do problema. Havia ainda a possibilidade de um golpe, uma emboscada estar aguardando-os, e isto era ainda mais provável, como calculava Peter Morrison, e mais difícil de prever. Mesmo que as pessoas não estivessem afetadas pelo ataque sinistro, ainda assim poderiam ser traidores. Eles estavam definitivamente nas mãos da sorte, e esta não fora muito amiga nos últimos dias.

Logo à frente deles, na recepção, havia um par de armas e munição, já à sua espera, e também um comunicador via radiofrequência, como Peter Morrison havia ordenado. Muitas outras armas estavam sobre uma mesa no centro. Já de posse do armamento ali disposto, ele pegou o comunicador e contatou a equipe que aguardava do outro lado do prédio:

-Estamos no prédio! Podem enviar o primeiro!

John e ele mantiveram-se com as armas em punhos, aguardando a chegada do primeiro agente de segurança, que estava a caminho. Richard permanecia afastado da dupla.

No final do corredor apareceu um homem, vestindo o terno padrão dos agentes de segurança presidencial e com seu fone de ouvido, conectado ao comunicador de cada outro da equipe. Não trazia nenhuma arma e estava sob a mira dos dois que o aguardavam.

-Sem movimentos bruscos! – gritava Peter Morrison, estressadíssimo. – Mantenha as mãos aonde eu possa ver!

O agente chegou até eles e foi conduzido sob sua mira até um lugar onde pudesse ver o presidente. Esperava-se que, se o indivíduo estivesse condenado por algum tipo de lavagem cerebral, reagiria ao vê-lo. John e Peter olhavam-no atentamente, tentando descobrir se sofria de alguma coisa, mas nada identificavam.

-Você foi submetido ao ataque da Quinta Avenida? – perguntou Morrison.

-Não, senhor. – respondeu o homem.

-OuvIU ruídos semelhantes em algum outro lugar? Rádio, televisão, aparelho musical?

-Não, senhor.

-Diga o nome do presidente.

-Presidente Richard M. Voight.

John olhava desconfiado o estranho interrogatório, mas sabia que Peter Morrison era competente o bastante para ter seus próprios métodos de análise.

-Você se considera apto a proteger o presidente Richard neste momento? – continuou Morrison.

-Sim, estou apto. – respondeu o agente.

-Olhe para ele! – o homem olhou nos olhos de Richard. Peter continuou. – Repita o nome do presidente!

-Richard M. Voight, senhor. – respondeu o homem, nervoso pelo interrogatório incompreensível.

Sem mais o que fazer, Peter Morrison encarou o homem, observando seus olhos e expressão. Depois virou-se para o presidente e perguntou:

-Creio que não há mazelas, está de acordo em libera-lo?

Richard estava mui temeroso, mas não tinha melhor opção. Respondeu-lhe que sim. Após o aceno de Peter Morrison, o homem pegou uma das armas que estava sobre a mesa e os auxiliou na segurança. Peter chamou outro dos que aguardavam e o procedimento se repetiu.

John entendeu que ele forçava-os a olhar fixamente para o presidente e a repetir seu nome quantas vezes fosse possível, numa tentativa de trazer à tona qualquer tipo de reação ao ataque. Após reunir um grupo maior, decidiram fazer a escolta do presidente aos seus aposentos e retomar o procedimento padrão de segurança da Casa Branca. Todos os alarmes foram ativados, todas as câmeras estavam alertas, cada canto do edifício passou a ser vigiado como nunca fora antes.

Finalmente Richard Voight estava seguro novamente.

Capítulo 52

Desperta tu que dormes

Em meio à negridão, de repente um clarão insurgente. No silêncio, um lapso sonoro obtuso, alto. De repente novo incômodo, impertinente. E mais um. Até que Glenn abriu os olhos.

Sentia o rosto molhado e um fecho de luz bem fraco lhe incomodava a visão embaçada. Um pingo acertou-lhe a testa. Era uma rachadura no telhado do galpão, bem de longe, que gotejava uma água fria por demais. Desperto então de seu sono, Glenn percebeu a tempestade que caía lá fora.

Sentou-se no chão com certo esforço, ainda sentia-se nauseado e sem equilíbrio, tudo girava ao seu redor. Tocou a barriga e sua mão voltou ensanguentada. Podia sentir o cheiro do sangue que escorria de sua ferida, aquilo não estava nada bom. Lembrou-se da urgência em que se encontrava antes do desmaio, estava em plena fuga! Nem se deu ao trabalho de questionar o abandono de Robert Parker, ele não teria forças para arrastá-lo por aí. E isto só chamaria mais atenção.

Temeroso por ser encontrado, procurou levantar-se o mais rápido que conseguia. Por sorte, o som alto da chuva abafava os barulhos que ele fez quando derrubou um instrumento da bancada onde se apoiou para pôr-se de pé. Curioso, andou até a porta onde havia entrado e olhou para a saída do beco, o grupo de uniformizados que o perseguia estava lá, desmaiado sob as águas torrenciais. Era irônico perceber que fora acordado por um gotejar incômodo, enquanto via-os ali, mergulhados em um descer de águas, sem que despertassem. Como alguém que dorme assistindo televisão, mas acorda quando ela desliga. Mais irônico ainda era ter sido salvo por uma gota d'água, tendo a oportunidade de despertar antes de seus inimigos.

Com um suspiro de alívio, retomou a direção que seguia antes, procurando por uma saída. Não podia se dar ao luxo de permanecer ali. Atravessou o galpão cheio de máquinas e instrumentos industriais, até chegar a um conjunto de saletas cheio de corredores e portas. Por sorte, Robert Parker deixou abertas as que havia passado, facilitando a descoberta do caminho. Tremendo de frio, Glenn temia o que passaria lá fora, sob chuva e ventos litorâneos, mas precisava seguir em frente, ou seria pego pelos soldados que despertassem de seu sono.

O caminho o levou à última porta, que dava num outro beco, este mais próximo à saída para a rua principal. Finalmente! Exclamou. Porém, antes que pudesse encharcar-se na chuva, ouviu passos bem próximos, alguém estava chegando bem ali!

Desesperado, procurou seu revólver, mas não encontrou, havia deixado caído no chão onde desmaiara. O que fazer? Não havia onde se esconder e a silhueta negra apareceu bem na sua frente!

-Oh! Merda! Quase atirei em você! – Reese exclamou, com a Colt apontando bem no seu peito.

Glenn tomou um grande susto, suspirou de alívio e respondeu:

-Esses becos são perigosos, não?

-Vimos um helicóptero descer por aqui e você demorava muito. Depois ouvimos um som alto que nos fez apagar. Ao acordar, pensamos que algo tivesse acontecido, então resolvi vir aqui para procura-lo.

-Vamos sair logo daqui, - ele respondeu, afagando seus ferimentos. – depois eu te explico.

Os dois tomaram o caminho de fuga. Reese ia com seu revólver em mãos, atento a qualquer indivíduo que aparecesse. Como já estavam próximos, rapidamente encontraram Brad Mahoney, no carro, pronto para sair dali imediatamente.

-Vamos! Saia! – exclamou Glenn, ao entrar no carro.

-O que houve, man? – perguntou Mahoney.

-Ainda estou digerindo, meu caro! Nem eu mesmo sei dizer! – respondeu Glenn.

-Encontrei esse garoto num beco, chorando como uma menininha! – disse Reese, zombando dele. – A propósito, onde está o revólver que te dei?

-Deixei lá atrás... – respondeu Glenn.

-Será que você não consegue ficar com nenhuma arma?! – reclamava Reese, pela perda de sua peça.

-Me desculpe não ter ido atrás de você, man, - disse Mahoney, acelerando o máximo que podia. – não sou do tipo que atira, nem nada dessas coisas... Sou mais o cara que fica no carro mesmo, entende?

-Sem problemas. – respondeu Glenn, indiferente ao que ele dissera. – Temos que saber o que fazer agora, as coisas são mais complicadas do que pensávamos...

Capítulo 53

Iguais

Pela primeira vez em muito tempo John experimentou tão grande alívio. Após um bom banho quente numa das requintadas suítes da Casa Branca, recebia cuidados de uma enfermeira, que lhe aplicava os curativos corretos para seus ferimentos mais graves, por ordens diretas do presidente. Mas o que lhe proporcionava a real sensação de leveza não era aquele simples cuidado físico. Sua mente divagava por todos os problemas que havia vencido nos últimos dois dias, Cathelin estava segura em casa, o drama do presidente estava de certa forma resolvido e, não menos importante, John finalmente podia se ver livre do rumo que havia tomado com a máfia, após a morte de Mason.

Antes do banho, a primeira coisa que fez foi tentar uma oportunidade de falar com sua esposa, usando o telefone que havia naquele quarto:

-Residência de Cathelin e John Moore, - dizia a secretária eletrônica, com a voz de Cathelin. John detestava esses aparatos. – não estamos, ou não podemos atender. Se desejar, por favor, deixe o seu recado.

-Oi Cat, - disse John, na intenção de deixar algo para aliviar seus temores. – sou eu. Chegamos bem e...

-John?! – perguntou ela, pegando o telefone no gancho.

-Oi Cat.

Ela soltou um forte suspiro de alívio que ele pôde ouvir do outro lado.

-Não aguentava mais ficar sem saber o que havia acontecido, você não imagina! – disse ela, indecisa se punha-se comovida ou irritada.

-Bem, agora você já sabe...

-Não seja grosso! E quando você volta? Como estão seus ferimentos?

-Eu estou bem.

-Diga, quando você volta?

John pensou por um instante e respondeu, sem opções:

-Não sei, amor. Estou à mercê das decisões daqui...

-Não acredito! - respondeu ela, decepcionada. Resfolegou lentamente do outro lado da linha, fazendo-o sentir seu pesar. - Não era mesmo para eu acreditar, não é?

-Vou tentar retornar o mais rápido possível, Cat.

-Ele já tem tantos para sua segurança, por que você precisa ficar aí? Por que tantas coisas que não posso saber, John? Você sabe de algo que eu não sei?

-Bem, farei tudo o que eu posso para voltar logo, amor. Eu prometo.

-Sinceramente, - disse ela, grave. – nunca pude saber muitas coisas, né? Já não tenho tanta certeza se te conheço de verdade...

John calou-se.

-Faça o que você achar melhor. – disse ela, triste. – Espero que fique bem...

Após despedirem-se, ela desligou.

Enquanto a enfermeira fazia seu trabalho, John lembrava-se da conversa. Tudo aquilo que estava passando, todas as reflexões que fizera durante a grande enxurrada de problemas que quase os havia afogado, tudo serviu para ele perceber uma coisa: os laços com sua amada estavam perdendo-se, como lágrimas naquela chuva de erros e péssimas surpresas. Estava decidido, não mais viveria aquela vida! Não mais manteria hábitos que o separassem da única pessoa que lhe dava motivos para viver. Quando retornasse, tudo seria de uma forma diferente, ele seria diferente.

-Está bom, Sr. Moore? – perguntou a enfermeira, sobre o curativo.

-Err... sim, sim. – respondeu, após ter seus pensamentos interrompidos.

-Não está fazendo pressão demais?

-Não, está confortável.

-Ok, então o deixarei descansar. – ela abriu um sorriso simpático. - Não hesite em chamar, caso precise de algum cuidado. – disse ela, obsequiosa.

-Obrigado. – respondeu, meio sem jeito.

A enfermeira saiu do quarto, mas John não se deixou entregar ao forte cansaço que sentia, levantou-se da cama e seguiu até a porta. Observava o corredor cheio de pessoas passando, recostado no umbral, quando uma mulher, muito bem vestida em estilo social, parou e falou com ele:

-Senhor Moore? – disse, sorrindo.

-Sim, sou eu.

-O almoço será servido dentro de vinte minutos. O presidente Richard faz questão de tê-lo consigo.

John gaguejou alguma coisa, atrapalhado, mas ela continuou:

-Suas vestes estão separadas ao lado da cama. Eu o aguardarei aqui mesmo para conduzi-lo à sala onde o senhor será servido.

Sem nada a dizer, John fechou a porta e procurou pelas roupas que haviam deixado para ele. Um conjunto completo de terno e gravata, com belos sapatos brilhantes estava devidamente pendurado em um móvel apropriado, pronto para John vestir-se. Uma vez preparado, abriu a porta da suíte e lá estava a mulher, aguardando-o solicitamente. Tudo naquele lugar dava-lhe uma impressão de superioridade, pessoas sempre bem dispostas, organização excessiva, dizeres educados e elegantes, coisa que ele nunca se acostumaria, talvez.

-Ah! Com licença! – disse ela, ajeitando o nó da gravata e corrigindo o fechamento dos botões do paletó. – Agora podemos ir. E iniciou seus passos naquele carpete tão perfeitamente limpo.

John foi levado a uma sala no mesmo andar. Ao entrar, não pôde deixar de se embasbacar com todo o requinte do lugar, a arrumação e até o cheiro do ambiente onde o presidente fazia suas refeições diariamente.

Deve ter sido horrível para ele jantar lá em casa... Pensou.

Conduzido pela mulher que o trouxera, sentou-se em uma das vagas da enorme mesa rústica brilhante, com o símbolo da Casa Branca entalhado na madeira, e aguardou, passando o olhar por cada canto do curioso salão. Tudo era belo e requintado, tudo inspirava um ar nunca antes experimentado pelo jovem.

Completados os exatos vinte minutos ditos antes, a porta se abriu e o presidente Richard Voight entrou, seguido pelo inspetor Peter Morrison e um outro senhor, e deixando uma multidão de assessores e outros funcionários do lado de fora. Sem muita cerimônia, Richard sentou-se em seu lugar e Peter também o fez. O terceiro homem permaneceu de pé, dando continuidade à conversa que mantinha desde os corredores:

-Como eu dizia, estamos empregando todo o pessoal do quadro de contratados. A segurança da Casa Branca nunca esteve tão forte, senhor.

-Excelente, Sr. Tyrese, - respondeu Richard, seriamente. - em nossa próxima conversa, trataremos do caso da funcionária que implantou as escutas. Quero total reforço da fiscalização e relatórios sobre as contratações do último mandato. Creio que o senhor possa dar conta disto, estou certo?

-Sim, senhor. – disse o homem, virando-se para a saída. – Com licença.

John pela primeira vez sentia algum temor por estar diante do presidente. Talvez todo aquele clima de reverência estivesse gerando dentro dele algum respeito sincero por Richard. Peter Morrison iniciou outra conversa:

-Sobre o caso das escutas, ainda hoje terei uma equipe cuidando de sua investigação. A mulher, Jane Johnston, está sob custódia e respondeu a vários inquéritos. Deixei o agente Marshall responsável por dar continuidade ao trabalho, mas infelizmente fomos surpreendidos por todo este revés. Preciso me informar do andamento do caso.

-Isto é aceitável, Sr. Morrison, – Richard respondeu. – todos nós fomos surpreendidos por este ocorrido. Ainda não sei o que pensar sobre a opinião pública a meu respeito... Mas falemos sobre assuntos mais relevantes para o momento.

Enquanto Richard falava, pessoas serviam os pratos aos três. Artes culinárias que o jovem nunca tinha visto, uma amálgama de cheiros deliciosos e cores tão belas que só faziam despertar-lhe o apetite de uma forma única, mesmo não sabendo o que era aquilo tudo. Definitivamente, um menu especialíssimo para John.

Richard lembrou-se do jovem sentado à mesa:

-A propósito, obrigado por aceitar almoçar conosco, meu caro! – dizia Richard, não alegre, mas receptivo. – Gostaria de lhe agradecer pelo apoio dado a nós nestes dois dias de agonia que passamos.

-Não há de quê... – respondeu John, arrependendo-se profundamente por não ter conseguido pensar numa resposta menos robótica e caipira.

Richard achou estranho o jeito do rapaz responder, mas entendeu as circunstâncias em que ele se encontrava. Prosseguiu seu assunto:

-Tenho uma oferta para lhe fazer, rapaz. – John permanecia calado, apenas ouvindo-o. – Como você provavelmente observou, passo por uma crise com relação ao pessoal que cuida de minha segurança. Preciso de novas pessoas, e essas pessoas precisam ser capazes de enfrentar certas provações, muitas das quais você já se mostrou capaz. Quero lhe fazer este convite: seja meu guarda-costas.

John engoliu seco, muito assustado com o que ouvira. Peter Morrison não pôde esconder o seu olhar de questionamento ao presidente. Richard desejava tê-lo como segurança?

-Peço que considere. – disse Richard. – Um bom salário, garantias para você e sua esposa, aqui em Washington. Muitos se esforçam para preencher esta vaga, meu filho, passam por testes terríveis para agarrá-la. E você já passou pelos teus.

-Não sei se seria o mais indicado para o cargo... – respondeu John, resistente e nervoso.

-Enquanto pensa sobre o caso, - disse Richard, ignorando a resposta recebida. – gostaria de

ter sua guarda na reunião que acontecerá amanhã, na Suíça. Após ela, estará livre para decidir o que achar melhor.

Após dar um longo gole na taça de água que estava à sua frente, John respondeu:

-Sim, senhor.

Richard voltou o olhar para Peter Morrison, que, por sua vez, disse:

-Como pretende apresentar a proposta ao conselho, amanhã, senhor?

-Creio que não precisarei de grande esforço. Os acontecimentos de ontem serão suficientes para convencê-los. – respondeu Richard, enquanto iniciava seu almoço.

-Não discordo. Mas a ONU é contra qualquer tipo de conflito armado. E se apresentarmos argumentos eficazes sobre necessidades militares, é provável que insista-se no envio dos boinas azuis. Precisamos prever que tipo de interpretação eles darão ao seu discurso.

-Manterei o foco no social, certamente. O discurso já está preparado e penso em acrescentar algumas poucas palavras. Lhes darei o ponto de vista que precisam ter para me apoiar. Nenhum líder quer ver seu país ser vítima de ataques tão severos quanto os que sofremos nos últimos dias. É uma questão de segurança internacional, e eu usarei isto ao máximo.

-Se eles interpretarem assim, realmente não será algo difícil.

-Tenho fé que não haverá dificuldades. Com o apoio da ONU, estaremos a poucos passos de iniciar a operação. Se não houver acordo, conclamarei o Artigo Quinto da OTAN. Eles não terão escolha.

Os dois conversavam sob a visão de John, quando as portas se abriram e um número de pessoas entrou, dentre eles, seguranças, assessores e o senhor Tyrese, extremamente aflito:

-Senhor, temos uma emergência!

-O que houve? – indagou Richard, pausando sua refeição.

-Por favor, peço que atenda à ligação... – disse ele, trêmulo e gaguejante.

Richard tomou o telefone das mãos do Sr. Tyrese Mann e olhou sério para Peter Morrison. Este, mexeu a cabeça em aceno de apoio ao momento, acordando que ele atendesse. Pondo o aparelho no modo de auto falante, atendeu à ligação:

-Aqui é o Presidente Richard Voight.

-Ouça bem, - disse a voz no telefone. A mesma voz que o confrontara na Quinta Avenida. Ao ouvi-la, Richard sentiu um forte calafrio, mas manteve a compostura. – esta é a última chance.

As peças já estão se movendo para o fim do jogo, e os fatos estão contra ti.

Todos na sala se exaltaram. Punham-se muitíssimo agitados e nervosos. John sentia seu corpo doer e o coração acelerar, lembrando-se do que aconteceu em Nova York e tudo o que passou após ter ouvido aquela mesma voz na Avenida. Peter Morrison levantou-se de seu assento, tão frenético estava, e aproximou-se de Richard, para ouvir melhor a conversa. Richard não sabia exatamente como reagir, então resolveu pensar como os negociadores ensinavam: mostrar dureza, atacar o criminoso, ser impassível.

-Chega dessas ameaças! Chega de discursos altruístas e cheios de moral contra mim! Você é um facínora, um maldito terrorista que apenas destilou o seu mal na tarde passada. Você não sabe o erro que cometeu, não faz ideia do que está enfrentando! E eu vou mostrar a verdade a todos!

O homem riu, embora demonstrasse um tom de voz um pouco nervoso. Após sua breve hilaridade, respondeu-lhe:

-Verdade? O que você quer dizer quando usa esta palavra? Acredita que ela exista? A tua verdade? A verdade é uma trilha demasiadamente estreita de nossas interpretações dos fatos. Estes sim são reais. E você os ignora como um doente ignora a cura. Acaba criando suas próprias mentiras dizendo somente a tua verdade. Mas fique atendo ao que vou dizer, pois esta é a minha verdade: Desista de seguir com este plano, ou esta será a última decisão da tua vida!

-Isto é inaceitável! – gritou Richard. – Receber ameaças de um assassino inescrupuloso como você. Pessoas morreram ontem! Cidadãos americanos estão mortos pelas suas mãos e você quer utilizar-se de um discurso falacioso como este! Como acha que vai me impedir? Vai manipular a todos com esse som maldito que usou na Quinta Avenida?

Após alguns segundos de silêncio, todos na sala puderam ouvir um breve riso do terrorista, que respondeu-lhe:

-Por que ainda me enfrenta como um tolo? Não compreendeu minha última jogada? Ainda não entende o que eu quis dizer? Aquilo foi apenas um aviso, um lembrete de quem eu sou e o que sou capaz. Vou dizer-lhe mais uma verdade, senhor presidente: nós somos iguais, Richard, ambos controlamos as pessoas pelos ouvidos!

Richard silenciou-se, temeroso por continuar aquela conversa. Peter Morrison exalava ira em seu olhar, ao presenciar aquele enfrentamento. Antes que alguém pudesse dizer algo, o terrorista retomou a palavra:

-Lembre-se muito bem disto, senhor presidente, esta é a tua última chance. Deitar o rei pode ser muito mais honroso.

Dito isto, a ligação foi finalizada, deixando todos ali em pleno fulgor de nervosismo. Richard recostou-se em sua cadeira, mui desanimado. Peter Morrison suava copiosamente e cerrava os

punhos com força tal que o fazia tremer. John mantinha-se sentado, observando tudo aquilo, faminto, mas sem coragem para continuar sua refeição.

-Chega! – gritou Richard, levantando-se e andando em direção à porta. Os que estavam à frente saíam do caminho e os que estavam atrás o seguiam. – Não posso admitir esta situação de mãos atadas! Não serei derrotado por um louco desconhecido! Não quando tudo está tão avançado! Amanhã, assim que a decisão for tomada pelo Conselho, e ela será, quero todas as tropas já preparadas para embarque e ocupação! Quero a NSA a todo vapor na vigilância desses malditos. Quero que encontrem eles e acabem com isso de uma vez!!!

John apenas observava o presidente saindo da sala seguido por todas aquelas pessoas, atônito, indeciso se continuaria sua refeição. Mesmo com toda aquela organização, aquele poder emanado que ele sentia na Casa Branca, via como os mais perfeitos sistemas podem passar por momentos de fragilidade e riscos imediatos.

Ante àquela situação constrangedora, perguntava-se sobre a proposta do presidente. Seria aquele convite recebido de alguém tão importante uma real oportunidade de vida para ele e sua esposa?

Capítulo 54

Mensagens subliminares

-Para onde vamos? – perguntou Mahoney, enquanto acelerava o máximo que podia.

Glenn pensava, quieto, tocando a zona de seus ferimentos. O frio intensificava as dores, e a água gelada da chuva umedecia os curativos, piorando a situação.

-Podemos retornar para minha casa. – disse Michael Reese, secando o revólver molhado.

-Não seria má ideia... – disse Mahoney.

-Vamos para a minha casa. – disse Glenn, sério.

-Para a tua? – indagou Mahoney. – Você está sendo procurado por não sei quem e quer ir para tua casa!? Isso é loucura! Pense nos teus amigos que já estão debaixo da terra agora!

-Todos nós estamos na mesma situação. – respondeu Glenn, resignado. – Nossos lares certamente foram postos sob vigia, então qualquer um seria arriscado. Mas em minha casa tenho armas, munição e uma pequena quantia em dinheiro guardada, que pode nos ajudar. Além do mais, se alguma sentinela estava lá, já deve ter desistido, pois não visito minha casa há dias!

Reese resfolegou sua recente desilusão. Percebeu que agora estava também envolvido naquela trama sinistra, quando salvou o rapaz no hospital e o levou para sua casa, deixando-o ainda usar seu telefone. Não havia volta. Glenn continuou:

-Podemos entrar pelos fundos, há uma maneira de nos desviarmos de qualquer vigilância.

Brad Mahoney assentiu sua decisão e seguiu na direção apontada por Glenn, rumo à sua casa. Tempo depois, chegaram ao bairro onde o agente Marshall residia.

-Até que o garoto vive bem! – exclamou Reese, ao ver o bairro no qual estavam. Glenn olhou de soslaio.

O lugar era um bairro onde residiam pessoas de posses. Lindas casas, com gramados verdes e jardins bem cuidados estampavam uma bela composição, digna de apreciação dos menos apossados. O jovem agente apontava para o motorista a direção a tomar, conduzindo-o pelas ruas limpas do local. Ao chegar num determinado ponto, Glenn mandou estacionar.

-Aqui, é melhor parar por aqui. – disse ele.

-Onde é a tua casa? – perguntou Reese.

-Na rua ao lado. Melhor deixarmos o carro aqui e cruzarmos o quarteirão.

A chuva ainda caía, embora um pouco menos agressiva. O frio indômito, porém, era um incômodo quase insuportável, principalmente para os dois que já estavam encharcados.

O grupo entrou em um quintal daquela rua, passando pela lateral de uma casa de desconhecidos. Com cautela, atravessaram ao lado da piscina e chegaram até a mureta, envolta por arbustos. Mahoney observou um senhor olhando, irado, pela janela da casa, enquanto pulavam a cerca viva.

Do outro lado, Glenn acenou para que todos seguissem abaixados. Esgueiraram-se pelo pequeno gramado crescido até a varanda dos fundos. Até o momento, não havia sinal de presença inimiga na casa. O mais provável, se houvesse vigilância, era de o assassino estar a postos em algum veículo na rua de sua residência.

Silenciosamente, Glenn pegou seu molho de chaves e destrancou a porta. Abriu-a mui vagaroso, olhando pela fresta que descerrava, à procura de sinais de presença alheia. Nada encontrando, adentrou a casa. Os dois o seguiram.

Reese foi à frente, com seu revólver de prontidão, verificando cada cômodo da residência, até o andar superior. Glenn Marshall e Brad Mahoney olhavam pelas cortinas das janelas frontais para a rua, verificando se havia carros parados.

-Bem ali. – disse Glenn. – A não ser que meu vizinho tenha comprado aquele Pontiac, aquilo é vigia.

-Bela charanga, man! – disse Mahoney. – Tô de olho na malícia!

-Nenhum rastro na casa. – disse Reese, retornando das escadas.

-Certo. – respondeu Glenn, subindo para o quarto.

Em poucos minutos, o jovem retornou com peças de roupas em mãos e uma mochila.

-Isto aqui é para você se vestir. – disse ele, para Reese. – Talvez assim alivie esse teu cheiro de nicotina e colônia...

-Não banque o babaca, garoto! – respondeu o velho, ofendido. – Não queira ser melhor que eu, assim, cheirando a talco!

-O que tem aí? – perguntou Mahoney.

Glenn abriu a mochila e puxou de dentro dela duas pistolas, cartuchos com munição e alguns maços de dólares.

-Oh, man! – disse Brad, surpreso. – Muito roots! Quem guarda dinheiro em casa assim?

-Vi isso em alguns filmes. – disse o jovem. - Nunca pensei que precisaria, mas acabou acontecendo.

Enquanto os dois trocavam suas roupas por outras secas, Glenn foi até a cozinha procurar algo que pudessem levar para comer. Passou pelo vestibulo da casa e resolveu dar uma nova olhada pelo vidro da janela, para ver se notava alguma mudança na rua. Porém, ao aproximar-se, notou um papel no chão, bem perto da fresta debaixo da porta frontal da casa. Na verdade, era um envelope, como os de cartas. Alguém havia empurrado para dentro antes de chegarem.

Pegou o documento e observou-o bem antes que decidisse abri-lo. A essa altura, não duvidaria que pudesse ser alguma armadilha, como ataques biológicos e outros. Vendo-o contra a luz, notou que dentro dele havia um outro papel, provavelmente uma folha simples, dobrada ao meio ou em três partes. O que seria?

Do outro lado, havia algo escrito que o arrepiou.

-O que é isso? – indagou Mahoney, vendo-o congelado com o envelope em mãos.

Após alguns segundos, ele respondeu:

-Estava aqui, ao pé da porta.

-Você costuma receber cartas?

-Não mais...

-Tem remetente?

Glenn leu novamente o nome do remetente que estava escrito no canto do envelope: Jessica.

-Sim. – respondeu ao amigo.

Mahoney olhou o nome escrito e disse:

-Hum! Jessica! Alguma namorada?

-Sim, sim... – Glenn respondeu, constrangido, mas entristecido.

-Ok, man, respeito a tua privacidade, mas isto não é ho...

-Ela morreu há quatro anos.

Mahoney arregalou os olhos grandes que tinha. Que história estranha... Glenn continuou:

-Estávamos a caminho da casa dela, após comemorarmos aniversário de namoro. Eu a levei a

um restaurante caro, onde havia reservado uma mesa para nós. Comemos e bebemos do melhor! Na volta, perdi o controle e bati com o carro.

Mahoney não sabia o que falar. O que diria diante de uma história trágica como aquela?

-Depois de alguns dias no hospital, ela não resistiu. – continuou Glenn. - Desde então, decidi me dedicar inteiramente ao Bureau.

-Oh, man. Minhas condolências... Mas por que esta carta chegando agora?

-Não sei, meu amigo. Não sei...

-É melhor abrir logo então. – disse Reese, chegando da cozinha, mastigando algo que encontrara por lá.

Glenn sentou-se no sofá e abriu a carta, com cuidado, ainda temendo ser alguma armadilha. Nada havia além do papel dobrado, para seu alívio. Leu então o seguinte texto:

As coisas ficaram muito ruins para nós, por isso não liguei mais. Ainda lembro de nossos momentos, em minha casa. Ainda penso e ouço nossa música, que nunca mais tive coragem de tocar. Não consigo mais dedilhar nossas notas em meu piano. Às vezes penso por que te escolhi, por que insisti tanto, para acabar me arrependendo...

Nesse momento, Glenn teve uma epifania. Olhou para frente, assustado, e disse:

-Espere! Há algo de errado nisto aqui!

-Cara, se você recebeu uma carta quatro anos depois, há algo bem errado, não? – disse Mahoney, também mastigando algo que Reese trouxera da cozinha.

-Este texto, acho que tem uma mensagem.

Glenn lembrava-se das palavras de Robert Parker, quando lhe disse: “Por este motivo o escolhi, embora me arrependa por isso.” Continuou a leitura:

...para acabar me arrependendo tanto. Bem, ainda queria te dar uma chance. Ter uma resposta, sabe? Fico pensando nos nossos problemas, nossas brigas, nossas alegrias. Acho que talvez tudo se resolvesse em minha casa, quando sempre encontrávamos as respostas que precisávamos. Prove-me que você não foi um erro. Por favor! Eu apenas precisava disto...

Glenn fechou o papel e fitou Mahoney e Reese.

-Já sei onde devemos ir!

Capítulo 55

Melodias dissonantes

-Do que você está falando? – indagou Mahoney.

-Isto aqui é uma mensagem! – Glenn respondeu, animado.

-Explique. – Reese mastigava batatas fritas num saco.

-No caminho eu explico. – disse Glenn, pegando suas coisas e seguindo em direção à saída dos fundos.

Os três fizeram o mesmo percurso, rumo à rua onde o carro estava estacionado. No caminho do endereço indicado pelo jovem, ele explicou:

-Uma das coisas que comemoramos naquele dia foi a compra de nossa casa. A Jessica morava nesse endereço, mas não era a dona, então nos unimos e negociamos sua compra, para morarmos juntos. Tudo estava dando certo, até que aconteceu o acidente. Quando tudo terminou, eu não consegui morar lá, mas mantive tudo como estava até que tivesse condições de lidar com as lembranças.

-Mas você tem a casa até hoje? – perguntou Mahoney, em tom de reprovação.

-Bem... – respondeu-lhe, pensativo. – O Bureau acabou me consumindo, não consegui mais pensar em outras coisas...

-Faz sentido... – disse Mahoney, esforçando-se para compreendê-lo.

-Mas vamos voltar ao assunto. – interrompeu Reese, que detestava conversas sobre lembranças e problemas amorosos. Glenn retomou os fatos:

-Creio que o homem com quem me encontrei mais cedo foi o responsável por isto, pelo ataque à Quinta Avenida. Ele quer que eu vá à esta casa por algum motivo. Creio que haja alguma resposta lá.

-Mas porque ele não enviou uma mensagem ou algo assim pra você? – indagou Michael Reese.

-Graças à nossa investigação, ele foi descoberto e agora está sendo perseguido. Qualquer mensagem ou contato eletrônico poderia ser interceptado, o que tornaria tudo muito arriscado. Além do mais, ele disse algo sobre me dar as provas de que o presidente está por detrás disto tudo.

Ao ouvir isto, Brad e Michael ficaram atônitos. O presidente? Glenn teve de explicar tudo o que conversou com Parker, para que eles aceitassem a ideia de que Richard pudesse ser o responsável por algo macabro. Ainda resistentes sobre a suposição, não tinham outra opção a não ser a que estavam seguindo: ir até o referido endereço.

A tempestade já havia aliviado e pessoas apareciam nas ruas. Aos poucos, como um organismo vivo que se cura de uma ferida, Nova York parecia estar voltando ao normal.

Após um tempo de viagem, chegaram à casa. Uma construção simples num bairro médio nova-iorquino. Glenn não se deu ao trabalho de buscar por possíveis vigilantes ao redor da casa, era improvável que alguém pudesse ter ido tão longe no cerco aos alvos de morte. Mesmo assim, perguntava-se a que nível iria aquela conspiração...

Após hesitar por alguns minutos, parado em frente à casa, encarando seu passado mais perto do que desejava, o rapaz teve coragem de entrar. Com a chave que guardava escondida numa gaveta em sua casa atual, abriu a porta e entrou, seguido por Mahoney e Michael Reese.

Tudo estava em seu devido lugar, até mesmo os quadros com fotografias dos dois e suas famílias estavam nas paredes. O lugar deveria estar excessivamente empoeirado, mas periodicamente Glenn contratava alguém para limpar tudo, embora não costumasse visitar o local.

Os três começaram a vasculhar cada canto da casa, em busca de algo que pudesse destoar do ambiente. Móveis, gavetas, tapetes, onde houvesse a menor possibilidade de guardar algo, algum deles revirou. Passaram um certo tempo ali, até cansarem-se de procurar por algo que nem ao menos sabiam do que se tratava. Glenn começava a questionar-se se sua suposição estava correta.

Andou até um cômodo que era ligado à sala de estar, uma espécie de sala de leitura, onde ficavam as estantes de livros, com muitas fotos e quadros, também sua coleção de vinis e o piano, que Jessica adorava tocar durante as tardes.

Glenn parou diante daquelas lembranças que repousavam sobre os objetos e se absteve de tocar em qualquer coisa. A saudade batia forte no peito, como se doesse de verdade. Quase podia se ver mexendo naqueles vinis, mandando ela escolher que artista seria o próximo a preencher o ambiente da casa, enquanto tomavam chocolate quente no inverno. Também a via arrumando os livros, resmungando do trabalho que dava manter aquilo tudo limpo. Por fim, lá estava ela, sentada no banco, tocando seus arpejos, acordes e valsas com o carinho que sustentava tão docilmente pela música. Ele mesmo chegou a aprender um capricho ou uma valsa, mas nunca tocou a música que ela dizia ser dos dois. Sempre falava para ela tocar, pois ele preferia ouvi-la e apreciar.

Foi então que lembrou-se da carta.

“... Não consigo mais dedilhar nossas notas em meu piano...”

O piano! Por que era citado com tanta diligência? Seria apenas um floreio do texto?

Aproximou-se do empoeirado piano de cauda e pôs-se a olhar o instrumento. O que tem aqui? Sua tampa estava entreaberta, e nada se via que pudesse estar escondido dentro dele. O que seria?

Olhou as partituras que ainda estavam sobre o atril e nada viu, senão um pequeno texto que dizia:

O som é a nossa mais profunda fonte de comunicação com o mundo, quando a alma entra em contato com o material e se tornam um só. Não é gelado ou quente, mas uma bela música pode nos fazer sentir frio e calor. Simples vibrações que podem nos tornar tristes ou felizes, ou podem nos inspirar, mas, por mais tristes possam soar, nunca hão de nos desanimar. Beethoven sofreu da perda de audição, mas, mesmo impossibilitado de usar os ouvidos, ainda assim conseguia exercer sua carreira e alimentar sua paixão, compondo de igual modo seus belos trabalhos. Usava uma baqueta de madeira entre os dentes e a pressionava sobre a caixa de ressonância do piano para sentir as vibrações das cordas e ouvir a música, mesmo que não pelos ouvidos. Nunca desanimou, nunca desistiu, e por isso, nunca se arrependeu.

Glenn se pôs um tanto intrigado com o texto, mas não percebeu nenhuma mensagem naquilo. Talvez fosse um pequeno texto de auto ajuda para musicistas como Jessica fora um dia.

Sem nenhuma suposição, sentou-se no banco do piano, soprou as teclas empoeiradas e tocou algumas notas sem nenhuma pretensão de sair-se bem. Tentava lembrar-se de alguma música, mas estava certo que não saberia mais executar. Apenas ficou ali, deslizando os dedos sobre as teclas, tocando uma melodia dissonante e sem sentido, só para tentar pensar. Chegou a ouvir Mahoney fazendo alguma piada com sua “música”, lá da sala.

O clima nostálgico permaneceu até que ele passou por algumas teclas e percebeu algo diferente. Duas delas soavam um pouco abafadas e sem sustento do som. A princípio ele achou normal, pois o instrumento não era submetido a manutenção havia muitos anos. Então tocou novamente a mesma sequência. As mesmas duas teclas soaram daquela forma.

Aquilo lhe incomodou sobremaneira. O que teria causado aquilo? Será que algo estava prendendo as cordas? Espere! Será que há algo prendendo suas cordas?!

Afoito, abriu bem a tampa do piano, olhando as cordas daquelas teclas que soavam mal. A princípio nada viu, mas, após uma observação mais exímia, percebeu uma linha amarrada a elas. Então deitou-se sob o piano e ali estava! Um rolo de papéis, devidamente amarrado por uma linha e pendurado nas cordas do piano! Era aquilo! Só podia ser! Então tudo se conectava, Parker era mesmo um homem muito inteligente, e ele, um investigador muito intuitivo!

Puxou os documentos e desamarrou-os. Ao levantar-se, abriu-os sobre a tampa do piano. Brad Mahoney e Michael Reese vieram ver o que ele havia encontrado.

Havia muitos papéis com documentos fotocopiados e também um pendrive. Entre os papéis, via-se planos de ocupação de vários países, análises da produção de petróleo de cada um deles, contingente militar e sua concentração em cada área, assim como tecnologias bélicas de cada nação. Um verdadeiro dossiê de todos os planos feitos pelo presidente mais de um ano atrás, segundo as datas de alguns documentos.

-Incrível! – exclamou Mahoney, excitadíssimo.

-Então a coisa muda de lado... – disse Michael Reese, pensativo.

-Ou somos nós que mudamos de lado agora. – respondeu Glenn.

-Temos que levar isso às autoridades! – disse Reese.

-Às autoridades? – interrompeu Mahoney. – Que autoridade poderia ir contra este réu?! Antes mesmo que pudéssemos entregar essa papelada a alguém capaz de causar estrago, já estaríamos mortos.

-Não sabemos quem está envolvido, não até o momento. – disse Glenn, coçando o queixo de barba mal feita.

-O que poderíamos fazer então? – indagou Reese, exaltado.

-Ainda não sei... – disse Glenn.

-Mas sem dúvida, não podemos explicar isto de qualquer forma. – acrescentou Brad Mahoney. – Agora sei porque tanta agitação na NSA, e porque até nós mesmos estávamos sob vigilância. Alguém de lá, possivelmente o diretor, está envolvido com isto e descobriu a existência desses documentos. Estão fazendo de tudo para encontra-los!

-É possível. – disse Glenn. – E por isso o Dr. Parker não quis enviar de outra forma. Ele precisava usar os métodos antigos.

-Eu sempre digo, as coisas velhas ainda são as melhores! – exclamou Reese, humorado.

De repente, um som de vidro quebrando os assustou. Quando viram, uma granada de fumaça estava quicando na sala, enevoando todo o ambiente.

-Rápido! Vamos sair daqui! – gritou Glenn.

Para fugir, eles precisavam atravessar um trecho da sala e alcançar a cozinha, para usar a saída dos fundos. O caminho, porém, já estava quase todo acinzentado.

Os três chegaram a dar alguns passos para a fuga, mas uma chuva de balas começou a atravessar as paredes de madeira da casa, destruindo tudo o que estava ao alcance. Estilhaços de vidro e de madeira voavam por todos os lados. Caídos no chão, eles só podiam observar o

que acontecia, nada lhes era possível fazer.

Ao fundo, era possível ouvir o som dos gritos de quem estava na rua. Os seus adversários já nem se preocupavam com a descrição, tudo estava sendo feito às claras, à frente de todos.

Por fim, quando o poderoso ataque cessou, Reese começou a se esgueirar rumo à sala, e gritou:

-Venham! Vou cobrir vocês! – Dizendo isto, pôs-se de joelhos por detrás de um sofá e começou a disparar contra a direção que cria ser a origem do ataque.

Glenn rapidamente o seguiu, passando por ele em meio à fumaça, abaixado. Mahoney hesitava, não tinha sangue frio o suficiente para aquele tipo de situação, embora sentisse a adrenalina correndo em suas veias, sua mente era mais forte e o prendia ao temor de morrer.

-Venha logo, seu louco! – gritou Glenn, quase invisível na fumaça.

Mahoney tentou tomar coragem, dizendo para si mesmo: você é bom demais pra morrer assim!!! Num surto de avidez, saltou para a frente e começou a se esgueirar na direção do que o chamava. As balas do inimigo agora respondiam às de Michael Reese, voando por sobre eles e atingindo o que ainda restava de inteiro na casa. Mahoney gritava desesperadamente ao ouvir o som dos impactos e sentir cacos caindo sobre si. Mas não parou.

Com o rolo de documentos e o pendrive em uma das mãos, Glenn chegou à cozinha e tentou abrir a porta, mas não encontrava a chave, pois a havia deixado em algum lugar da sala. Punha-se profundamente arrependido por não ter sido mais cauteloso ao chegar no lugar, por não ter buscado uma entrada alternativa. Realmente, ele havia subestimado seu adversário. Certamente eles eram como Robert avisara, terrivelmente organizados, numerosos e temíveis.

Não conseguia abrir a porta e temia pôr-se de pé para tentar arromba-la. Ainda deitado, puxou sua arma e começou a atirar em volta da maçaneta, destruindo a madeira em vários pontos, para enfraquece-la. Não só os estilhaços da porta, mas os que vinham de outros lados atingiam seu rosto e braços, deixando muitos arranhões e cortes. Seu ferimento na barriga sangrava demasiado, devido aos bruscos movimentos que fizera, e ele sentia suas forças esvaírem-se, tinha que ser rápido.

Após os tiros na porta e a madeira enfraquecida à volta da maçaneta, começou a desferir golpes fortes contra ela, com os pés, deitado no chão sob o tiroteio. Após alguns deles, a porta cedeu e abriu-se, quebrando sua madeira de vez. O caminho estava livre, mas Glenn não sabia se teria forças para seguir adiante.

Mahoney o alcançou e saiu, engatinhando, para os fundos da casa. Ao vê-lo caído, puxou-o para fora, com muito esforço e gemidos de desespero.

Michael Reese permanecia indômito em seu enfrentamento ao adversário desconhecido, embora tão desprotegido atrás do sofá. Aos poucos, ia-se esgueirando para a direção que seus

companheiros haviam seguido e procurando ar que pudesse respirar em meio àquela fumaça maldita. Seu fôlego era muito ruim, devido ao fumo, e naquela situação ele já se sentia desfalecer. Num momento, porém, enquanto disparava as poucas balas que restavam em seu cartucho na direção da rua, viu uma sombra aparecer ao seu lado, na nuvem de fumaça que ainda enchia o lugar.

Com o ótimo reflexo que tinha mesmo após tantos anos, virou-se e disparou contra ela, acertando-a em cheio no peito. O inimigo, porém, portava consigo uma arma semiautomática, e, enquanto caía, soltou uma rajada de balas em sua direção, acertando-lhe o braço esquerdo em dois lugares. Michael caiu de costas no chão, no susto que teve com a aparição e na tentativa de desviar-se dos tiros.

Sem muitas opções, com um braço ferido e pouquíssimas balas restantes, não pensou em continuar o enfrentamento, tentou fugir o mais rápido que podia, antes que outros pudessem aparecer. Ao chegar na porta da cozinha, levantou-se e inspirou fortemente, sentindo-se quase ressuscitar da falta de ar.

À sua frente estava Mahoney tentando carregar Glenn, que se encontrava em péssimo estado, envolto em seu sangue. Um situação impossível.

-Merda! – exclamou.

Ajudou-o a carregar o jovem agente em direção à mureta dos fundos, que era feita de arbustos. Com certo esforço, alcançaram o outro lado dela e puxaram-no pelo quintal do vizinho, até chegar à rua do outro lado. Os assassinos já alcançavam a porta da cozinha, atrás deles.

Reese logo avistou um carro que vinha pela rua e parou em sua frente. O motorista, assustado por vê-lo com um revólver na mão acabou parando, temeroso, pensando ser um assalto. Mahoney e ele puxaram Glenn para o banco de trás do carro e ambos entraram onde foi possível, para fugir.

-Vai, vai, vai! – gritou Reese, enfurecido.

Dois homens armados apareciam já próximos à calçada, disparando em sua direção. Com uma brusca aceleração, o pobre motorista saiu em disparada com o carro, na direção que podia tomar, fazendo um caminho curvilíneo na rua.

Mesmo sem forças, Glenn permanecia com o rolo de papéis firmemente em sua mão. Aqueles documentos valiam as vidas de seu amigo e de tantos outros, assim como a despedida de seu passado que o aprisionou por tantos anos. Solta-los, significaria para ele, ter vivido tudo aquilo em vão.

Capítulo 56

Ligações perdidas

John olhava aquele prato que nunca vira antes, bem à sua frente, com um aroma delicioso e deveras incrivelmente apetitoso. Não podia acreditar que o deixaria ali, intacto, por causa dos acontecimentos que presenciara. Após ver toda aquela multidão deixar a enorme sala acompanhando o presidente em estado de temor, viu-se tentado a continuar sua refeição.

Bem, não posso fazer nada pra ajudar mesmo...

Olhou bem à volta, para saber se nenhum chef o observava. Talvez nunca mais provaria daquele menu... Escolheu aleatoriamente um dos vários talheres perfeitamente organizados à sua frente na mesa e voltou a comer aquele prato ainda desconhecido. Ao saboreá-lo, qualquer ideia de hesitação ou arrependimento lhe deixou a mente, aquilo estava mesmo delicioso...

Minutos depois, foi para o seu quarto, precisava descansar e pensar no que faria com tantas coisas em mente. Pegou o seu telefone celular e viu que estava novamente com sinal, finalmente a conexão estava normalizada. Resolveu novamente tentar retomar a conversa com Cathelin. Ligou e deixou chamar, mas ninguém atendia. Quando entrou na secretária eletrônica, embora detestasse aquilo, ele resolveu deixar um recado:

-Hei, Cat! Bem, eu... estava querendo falar um pouco... As coisas estão tranquilas aqui, eu acho... Na verdade, não sei direito o que está acontecendo. Eu tenho algumas coisas pra falar, uma coisa que estou pensando... talvez, eu... – John pensava em como lhe daria a notícia da proposta que recebera. – Bem, posso voltar com novidades. Quando puder, me liga. Eu... eu te amo. – e desligou.

Entediado, batia os dedos sobre a mesa de cabeceira de forma ritmada, como se o móvel fosse um instrumento musical, até que resolveu ligar para o velho Reese. Discou e aguardou chamar. Ninguém atendia suas ligações. Tentou outra vez, mas não teve resposta.

Bem, deve estar ocupado. O enterro de Mason deve estar dando trabalho... Pensou, tentando crer que tudo estivesse bem entre eles.

Sem mais nada a fazer, ligou a enorme televisão de tela plana presa na parede e ficou procurando algo interessante para distrair-se.

Capítulo 57

Médico e monstro

O carro seguia pelas ruas da Nova York a toda velocidade. Nenhum deles sabia como era o inimigo que enfrentavam e qual o seu verdadeiro poder. Embora cressem que haviam despistado os homens que os cercaram, não desejavam arriscar serem alcançados, qualquer encontro naquele momento seria fatal.

-Temos que achar um médico! – gritava Mahoney, no banco traseiro do carro, apoiando a cabeça de Glenn sobre suas pernas.

-Eu sei disso! - Respondeu Reese, no banco do carona, retomando ainda o fôlego. – Já sei onde encontra-lo...

-Não sei quanto tempo ele vai resistir... – Mahoney insistia em apressa-lo.

Michael Reese virou-se para o motorista e gritou num tom intimidador:

-Ei, você! Siga pra onde eu te mandar, está entendendo?!

O pobre homem tremia com as mãos no volante, ofegante pelo nervosismo. Apenas balançava a cabeça em sinal positivo e evitava olhar para os lados, fugindo de qualquer contato visual com os seus passageiros. Michael Reese, por sua vez, estava tão atordoado tentando conter o sangramento em seu braço que nem percebeu o celular chamando no bolso de sua jaqueta.

-Eles te atingiram? – perguntou Mahoney, ao vê-lo coberto de sangue, fazendo pressão sobre o lado esquerdo.

-Droga! – respondeu, sem olhar para trás. – Era meu segundo braço preferido!

-Está muito grave?

-Dá para aguentar. O garoto aí é prioridade agora!

Glenn Marshall parecia estar inconsciente, perdera muito sangue. Mahoney tomou de suas mãos o rolo de documentos e guardou consigo para que não caísse no carro do estranho. Tentava reanima-lo, gritando: Ei, bro! Acorde! Dava-lhe pequenos tapinhas no rosto e verificava constantemente se havia pulsação.

O grupo seguiu pelas ruas até chegar ao endereço indicado por Reese, um casarão numa zona rica da cidade. A morada não alcançava o status de uma mansão, mas demonstrava ser posse de uma pessoa com alto poder aquisitivo.

Enquanto chegavam, Reese puxou o telefone do bolso e viu a chamada perdida de John, seu jovem aprendiz. John não é de ligar... O que será que aconteceu? Perguntou-se ao ver o registro. Apressado, ignorou a informação e ligou para o residente da casa para onde iam. Dr. Robinson atendeu:

-O que houve dessa vez? Precisa de algum medicamento ou pôs vodca demais no soro do garoto?

-Abra o portão. – respondeu Reese, grave.

-Não estou em cas...

-Abra o portão ou vou derruba-lo! – gritou o velho, extremamente ofensivo.

-O que você quer arrumar para mim? Quer que eu seja preso? Ou morto!?

-Faça o que eu estou dizendo ou eu mesmo o matarei!

Após a incisiva persuasão, o doutor acionou o comando num controle próximo ao interfone e o portão se abriu, levantando-se através de engrenagens. O carro estava chegando quando o maquinário subia a estrutura de madeira negra. Entraram direto.

O veículo parou no meio do jardim, próximo à porta frontal da casa. Dr. Robinson apareceu, abrindo-a e acenando para que entrassem logo com o ferido. Um jardineiro observava a chegada desesperada e a faxineira fechava as cortinas da sala de estar, apressada. Michael Reese, Brad Mahoney e o motorista levaram o ferido para dentro rapidamente.

-Dessa vez você passou de todos os limites, Michael. – disse Robinson, fitando-o com um olhar sóbrio.

-Quem dita os limites aqui sou eu. – respondeu o velho, banhado em sangue e com seu revólver pronto para uma negociação mais brusca. – Fique falando asneiras e tratarei de acabar com seu “contrato”.

O grupo se dirigiu a um dos quartos do casarão, onde havia uma cama de solteiro, propriamente arrumada para receber o jovem, e o deitou sobre ela. Robinson permaneceu de pé, parado, ora olhando o rapaz inconsciente, ora encarando Reese.

-O que está esperando?! – vociferou o velho mafioso. – Qual o teu problema? É dinheiro?

Dito isto, pegou a mochila de Glenn e puxou um maço de notas, jogando com violência sobre o médico corrupto. O homem pegou o maço no chão, sujo nas beiras pelo sangue que escorria por entre os dedos do velho, e olhou para as notas, deu um suspiro e o pôs sobre uma mesa de canto que havia no lugar. Voltou seu olhar para Reese e disse, grave:

-Isto só paga o tratamento do rapaz.

-Isto vai pagar o teu enterro se ele morrer. – respondeu Michael. Os outros apenas observavam, sôfregos, a situação.

-Qual o tipo de sangue dele? – perguntou Robinson.

-Ah, é tipo “O”. Positivo. – disse Mahoney, que já havia conferido em seus documentos.

O doutor foi até um compartimento do quarto e abriu uma espécie de refrigerador, onde havia inúmeras bolsas de sangue, o que dava a impressão de que aquele lugar já estava preparado para as emergências de Mason desde sempre.

-Isto aqui deve servir. – disse o médico, iniciando os procedimentos.

Glenn Marshall já estava pálido, cadavérico, devido à falta de sangue e seu estado era crítico.

O coitado do homem, dono do carro que o grupo sequestrou para a fuga, tentou sair sem ser percebido, a passos silenciosos, mas Reese o viu. O velho pegou a mochila e jogou para Mahoney, dizendo:

-Resolva o problema com o rapaz aí. Eu vou ficar e tentar tirar estas navalhas do braço enquanto o Jekyll aqui cuida de manter o garoto vivo.

Mahoney assentiu e acompanhou o homem até a saída. Chegando no carro com o estranho, pegou um outro maço de notas e puxou metade delas, entregando-as a ele, que hesitava recebê-las. O homem tremia graças ao nervosismo que ainda sentia. Fitava-o com um olhar de grande temor e gaguejava em cada sílaba que lhe saía da boca.

-Isto aqui deve dar para a limpeza do carro e para comprar os calmantes pelo susto. Creio que ainda sobre um pouco para te ajudar a não lembrar de nada que viu aqui. Estou certo? – indagou, olhando para o coitado com expressão de cobrança.

Com os olhos arregalados, o homem concordou e entrou no veículo.

-Não se preocupe, man, nós somos os mocinhos... –Mahoney tentava explicar-se para o estranho.

O homem assentiu e deu a partida. Brad percebeu a sujeira que haviam feito no carro do infeliz. Vendo o carro ligado, um dos empregados de Robinson abriu o portão novamente e o triste homem partiu dali.

Com um alicate cirúrgico do médico, Reese tentava puxar os estilhaços das balas em seu braço coberto de sangue e morfina.

Malditas balas dundum!

Robinson, por sua vez, já terminava os procedimentos básicos com Glenn, aplicando-lhe

sedativos e estabilizando sua condição, quando Mahoney retornou.

-Esse aí está com a sorte bem fraca. – disse Mahoney, sobre Glenn.

-Estou parecendo sua babá... – resmungou Reese, entre gemidos e esforços para procurar pelos estilhaços em sua própria carne.

Dr. Robinson ajeitava alguns curativos na barriga de Glenn e disse-lhes:

-Acho que é o suficiente. Os ferimentos pioraram um pouco desde quando o vi, mas nada que seja fatal, o problema foi a grande perda de sangue mesmo. Ele deve se recuperar. Assim que isso acontecer, vocês o levarão daqui.

Parte 6

Decisões

Datava-se o ano de 1982 e o já velho Dr. Robert Parker caminhava pelos corredores de um dos blocos do complexo de pesquisas da DARPA, na última noite que passaria naquele lugar, embora somente ele soubesse disso. Poucos além do pessoal da segurança estariam nas instalações naquela madrugada de sábado, ele sabia bem disso, somente os mais aficionados ou escravizados pelo trabalho permaneciam fins de semana no lugar, se não houvesse alguma ameaça tecnológica eminente que os obrigasse a fazê-lo.

Seguia para uma sala de controle, onde se acessava o sistema de comunicação do complexo, usado para dar avisos e fazer convocações de pessoal através de autofalantes. Em seu bolso havia um disco rígido, com um único arquivo, que executaria para dar início ao seu plano.

Sua estratégia era simples: invadiria a sala, protegeria os ouvidos com um dispositivo de alta vedação de som por ele mesmo criado, e executaria a pequena faixa em arquivo de alta qualidade sonora, com duração de apenas vinte segundos. Qualquer um que ouvisse aquele som, se não houvesse efeitos colaterais inesperados, estaria psiquicamente inapto durante as próximas cinco horas, aproximadamente. Até o amanhecer, toda aquela instalação seria povoada por zumbis e dormentes profundos.

Após a execução do plano, uma pequena e seleta equipe já aguardaria seu aviso a alguns quilômetros dali, na floresta, para entrar no local e levar com ele todo o material de décadas de pesquisa. Documentos, gravações e dispositivos seriam retirados dali, sem que nada ficasse para trás.

O método de pesquisa adotado pelo departamento era inigualável, pois cada trabalho era desenvolvido de forma desmembrada, e cada especialista ou pesquisador só tinha acesso à sua parte restrita das informações, evitando, assim, vazamentos que fossem capazes de revelar projetos como um todo a espiões e agências inimigas. Somente Robert tinha acesso ao todo, sendo o coordenador de toda a pesquisa e o único criador vivo após tantos anos. Para o governo, porém, a estratégia se tornaria um tiro no pé, uma vez que a mente por detrás de tudo estava lhe dando uma rasteira poderosa. O país nunca mais teria acesso àquela tecnologia tão terrível.

Enquanto andava pelo longo corredor que levaria à sala, um assistente seu, novato, apareceu de uma porta qualquer, dando-lhe um susto:

-Senhor Parker? Não sabia que ainda estava aqui!

Robert lutou para disfarçar a decepção de encontra-lo numa hora tão infeliz. Respondeu com cuidado:

-Thomas! Vejo que está indo até mais tarde hoje...

-Não queria preencher o relatório sem que tivesse conseguido um resultado satisfatório antes. Terminei neste momento, na segunda estará em tua mesa. – respondeu o jovem, com satisfação.

-Excelente! – tentou demonstrar interesse. – Você é um bom exemplo, rapaz, terá um futuro conosco, certamente. Mas, diga-me, já está indo embora?

-Sim, sim, estou. E o senhor, o que faz aqui a esta hora?

Robert pensou com cautela e lhe respondeu:

-Ah! Não há hora melhor que esta para decisões importantes, filho. Quando há poucas pessoas à volta e tudo está mais calmo em nosso entorno. Sabe, Thomas, você pode não acreditar, mas eu estou mudando o futuro do mundo...

Capítulo 58

Coincidências

Richard passou um dia cheio na Casa Branca. O país estava alvoroçado com os acontecimentos recentes. Quando os meios de comunicação foram reestabelecidos, começando pela televisão, telefonia, rádio e terminando com a internet, uma forte movimentação se iniciou em busca da verdade.

Nos jornais, as coisas eram um tanto controladas, as linhas editoriais respeitavam, até certo ponto, a versão autorizada pelo governo. Os noticiários narravam como o país sofrera um intenso ataque terrorista biológico, que havia matado dezenas de pessoas durante o evento da Quinta Avenida e, ao mesmo tempo, uma crise nas comunicações havia prejudicado todo o sistema nacional. Confuso com os fatos, o povo acabou aderindo ainda mais à proposta do presidente, apoiando o famigerado programa chamado “Cerco ao Terrorismo”. Os telejornais recebiam milhares de ligações e e-mails acordando ao Cerco proposto por ele. Movimentos eram marcados para favorecer e apoiar a posição de Richard, várias passeatas aconteceriam nos próximos dias a seu favor.

Na internet, porém, as coisas melindravam.

Inúmeras versões eram discutidas em redes sociais e blogs conspiratórios, fotos e gravações eram divulgadas – por pouco tempo, até serem apagadas – mostrando ocorridos bem diferentes dos narrados nos jornais. Grande parte dos sites responsáveis por isso acabavam fora do ar após algumas horas, mesmo assim, informações conspiratórias continuavam a surgir e proliferar-se por todo lado. Os blogueiros e agitadores diziam que o ataque não fora biológico, mas algo extremamente tecnológico e avançado. Com isso, questionavam por que o governo insistiria em esconder isso. A partir deste ponto, discussões se acaloravam na rede, gerando vertentes cada vez mais fantasiosas. Por conter tantas ideias diferentes e tão pouco plausíveis, a discussão da internet acabava por perder sua credibilidade em relação à história tão factível contada na tv.

Controlar todo esse movimento, assim como resolver questões de segurança, infraestrutura e ainda terminar o planejamento de seu projeto com as Nações Unidas eram tarefas enfadonhas para o presidente, embora ele estivesse conseguindo êxito em cada uma delas.

John, por outro lado, passou o resto da tarde imerso em tédio. A recuperação de seu ferimento o impedia de fazer muito esforço e a Casa Branca não era um lugar qualquer para um cidadão comum ficar andando e bisbilhotando por todos os cantos. Já havia recebido as informações. O avião partiria de madrugada para a conferência que ocorreria bem cedo na outra manhã, em Paris. Ele seria parte da escolta do presidente, devido à resistência que havia demonstrado aos ataques sonoros, um diferencial imensurável antes os demais agentes.

Lembrava-se de Cathelin, perguntando a si mesmo por que havia tomado tantas decisões ruins. Por que ela estava com ele, mesmo sabendo de tudo? Não podia mais decepcioná-la, o tempo de imaturidade havia passado.

Por que ela não liga de volta?

Antes que pudesse pensar em ligar para ela, seu telefone tocou. Era Michael Reese.

-Está bem, coroa? – perguntou John, ao atender.

-Estou velho. Isso te responde? – respondeu Reese, jocoso.

-Não sei até que ponto o teu senso de humor seria uma resposta...

-Você não costuma ligar pra mim. O que aconteceu?

-Digamos que falar com você é um pouco menos tedioso que assistir essa merda toda na televisão...

Com risos, o velho respondeu:

-Não seja tão desprezível! Você me adora! Só falta me chamar de pai! A Cathelin está bem?

-Creio que sim. A deixei em casa.

-Não está com ela? Os dias estão meio estranhos para deixá-la só.

-Estou em Washington D.C. – disse o jovem, com certo enfado.

Reese ficou pasmo com a notícia:

-D.C.? O que você foi fazer aí, moleque?

-Ah... É uma longa história... – respondeu ele, com um suspiro.

-Te chamaram pra algum emprego por acaso? – tentou brincar.

-Estou na Casa Branca.

John podia ouvir o gemido de agonia e surpresa do velho pelo telefone.

-Que raios você está fazendo aí, garoto?

-Foi tudo no tumulto da Quinta Avenida. Me deparei com o presidente e acabei ajudando-o a fugir de lá. Agora estou aqui, e é isso...

Reese olhava para Glenn, sobre a cama, e Mahoney, que estava ao seu lado. Estranha

coincidência o seu jovem aprendiz estar tão próximo daquele sobre quem eles estavam agora investigando.

-Como você está? – perguntou John, num falar taciturno.

-Passei alguns bocados por aqui também, mas nada que se compare a encontrar um presidente por aí. – respondeu o velho, confuso.

-Digo, a respeito de Mason...

Reese, com um tapa na testa, percebeu que John não sabia a respeito do mafioso. John continuou:

-Houve enterro?

-Não, não! – respondeu Reese, tentando não aclarar muito as coisas para Mahoney ouvir. – Ele não está morto. Eu o deixei num hospital, sob cuidados de um outro dos nossos.

John ficou surpreso com a notícia. Não sabia, porém, o que sucederia com ele quando retornasse, uma vez que o chefe estaria vivo. Pôs-se muito preocupado.

-Então... ele está bem, não é?

-Sim, está. Deveria ter mesmo morrido, aquele canalha... – Michael Reese resfolegou em rancor. John surpreendeu-se pela resposta de seu mentor.

-Por que está dizendo isso?

O velho demorou uns instantes para responder, punha-se incomumente pensativo.

-Coisas que acontecem... coisas que mudam...

Nesse momento, Reese e Mahoney puderam ouvir alguns gemidos. Era Glenn! Ele estava acordando!

-Filho, - disse Reese, meio nervoso. – bom saber que você está bem! Infelizmente, tenho que dar atenção a algo aqui com certa urgência. Voltaremos a nos falar! Está bem?

-Sim, sim... – respondeu o jovem, surpreendido pela mudança na conversa.

-Certamente nos falaremos!

E desligou.

Capítulo 59

Mãos vazias

Já era fim de tarde, quando Glenn Marshall finalmente recobrou a consciência. Ainda enfraquecido e sôfrego de muitas dores e ferimentos, não tinha condições de levantar-se. Os estilhaços do enfrentamento de horas atrás lhe haviam provocado muitos cortes e pequenas feridas no rosto e nos braços, mas o ferimento na barriga ainda era o mais grave. Apenas olhava para Michael Reese e Brad Mahoney, deitado na cama daquele quarto estranho.

-Esse é mesmo duro de matar! – disse Mahoney, bem humorado.

-Creio mais é que ele tem bons amigos... – disse Michael Reese, com sua voz rouca, também brincando.

Glenn tentava falar, mas algo parecia estar lhe impedindo. Seus lábios rachados e doloridos moviam-se, mas não lhe saía voz. Os dois companheiros tentavam ler o que falava, mas não compreendiam seus lábios, confusos na tentativa de traduzir seus dizeres. Após inúmeras tentativas, ele finalmente conseguiu proferir algum ruído:

-Água...

Mahoney arrumou um pouco d'água para ele, que bebeu vagarosamente, pausando para respirar.

-Não o deixe beber muito, - Dr. Robinson interrompeu-os, ao ver que ele havia acordado. – o anestésico que usei causa fortes enjoos. Não quero mais sujeira por aqui...

-Não se esforce muito, garoto. – disse Reese, observando-o.

-Eu... – Glenn tentava com esforço falar – eu... estou pronto... pronto para outra!

-Se continuar desse jeito, na próxima vamos ter que ressuscitar você, man! – disse Mahoney.

Os três passaram alguns minutos quietos, enquanto Glenn recuperava as forças e bebia água aos poucos. Após certo tempo, já sentindo-se mais capaz, perguntou aos companheiros:

-Onde estão os papéis?

-Fique tranquilo, está tudo aqui. –Mahoney respondeu.

-Ao menos por um momento, deixe de pensar nisso. – disse-lhe Michael Reese.

-Temos pouco tempo. – insistiu o jovem agente, ainda dificultosamente. – Se não impedirmos o presidente, poderá ser tarde demais. Se ele iniciar as ocupações no estrangeiro, será impossível voltar atrás sem problemas diplomáticos.

-Não posso discordar. – acrescentou Brad Mahoney, grave. – E também não sabemos quanto tempo vamos durar como fugitivos. Cada minuto a mais é um minuto a menos.

-Adoro frases clichês... – comentou Michael Reese, olhando-o de soslaio. Mahoney franziu a testa, pois falava sério.

-Ele está certo. – disse Glenn. – Ainda temos um problema maior: a quem podemos levar isto?

A questão era urgente. Sem grandes opções, os três puseram-se a pensar, mas não havia solução que visitasse suas mentes. Qual seria o caminho? Quem seria confiável? Seria o vice-presidente uma escolha sábia? Havia tantos poderes adversários, que era difícil imaginar qual seria o caminho correto.

Glenn pegou seu telefone, já avariado após tantos momentos difíceis, mas ainda funcionando. Pensou em ligar para Peter Morrison, debater com ele sobre suas descobertas, mas então lembrou-se de sua relação com o presidente Richard Voight. Em todo o tempo, lembrou-se, o inspetor geral do FBI acompanhou o presidente de forma muito propínqua. Passo a passo, decisão a decisão. Lembrou-se também de como ele insistiu que a investigação mantivesse o foco em apenas uma linha: descobrir quem havia efetuado os ataques eletrônicos. Ignorava veementemente os incidentes iniciais, relacionados aos muçulmanos, preocupando-se somente com aquele que, como viriam a descobrir, era o verdadeiro calo no pé do presidente. As pistas eram claras, Peter Morrison sabia do que estava acontecendo, conhecia os planos do presidente, mas fora, juntamente com ele, surpreendido pelo novo inimigo que surgira.

Por outro lado, haveria a possibilidade de Peter estar também investigando os planos do presidente, de perto, aguardando o momento certo para encurralá-lo. A segunda teoria, porém, tinha uma falha: se o inspetor estava trabalhando contra o presidente, já havia deixado as coisas irem longe demais.

Tais cogitações agitavam sobremaneira a mente do jovem agente. Deveria arriscar revelar suas descobertas ao seu superior? Certamente, esta seria uma decisão arriscada demais, e eles já estavam muito próximos do fim para cometer um erro tão comprometedor. O que poderiam, então, fazer para impedir o envio das tropas?

Seus pensamentos foram interrompidos por uma suposição de Brad Mahoney.

-Poderíamos tentar algum tipo de intimidação...

-Você está falando de intimidar o presidente? – indagou Reese, contrário à ideia.

-Só pensei alto... – desculpou-se o hacker, enquanto digitava inúmeros códigos em seu notebook.

-Se não houver outra opção... – disse Glenn Marshall, tossindo.

-Vocês estão loucos?! – gritou Michael Reese, levantando-se de seu assento, gesticulando, nervoso. – Querem fazer uma chantagem ao presidente dos Estados Unidos?!

-Diríamos que temos provas de suas intenções e estamos dispostos a torná-las conhecidas. – respondeu-lhe Glenn, ainda de acordo com a louca ideia de seu amigo. – Informações como estas causariam grande impacto se caíssem em mãos adversárias...

-Humpf! – resmungou Reese. – Então isso quer dizer que se já estamos mortos, você ainda quer girar a faca?! Se há não sei quantos metros atrás de nós, quando fizermos isto, ainda teremos o governo do país deliberadamente em nosso encalço!

-É verdade... – disse Mahoney, pensativo. – Isto poderia ser inútil, e só complicaria nossa situação...

-Mas não temos opções! – exclamou Glenn, decidido.

O silêncio tornou a imperar naquele quarto. Nada a dizer, somente a pensar. Permaneceram assim, até que a inação foi rompida por Reese:

-Creio que tenhamos uma...

Glenn e Mahoney olharam-no, curiosos embora descrentes, esperando ouvir a solução.

-Não sei no que poderia ajudar... – disse o velho. – mas... há um jovem. John. Meu companheiro de trabalho... Bem, eu era seu mentor lá na empresa. Ele está na Casa Branca.

Mahoney pôde ver o olhar de Glenn crescendo diante da notícia.

-Esta pode ser nossa solução! – disse Glenn Marshall, afoito.

-Não sei o que ele poderia fazer por nós, - disse Reese. - mas...

-Ele poderia nos pôr em contato com o presidente! – disse Glenn, Mahoney assentiu.

-Não sei... – resistiu o velho.

-Se há um caminho, não pode ser outro além deste! – insistiu o agente do FBI.

Após conversarem o suficiente para traçarem seu plano, já chegando o anoitecer, ligaram para o número do jovem John Moore, que atendeu:

-Ei, Reese! Saudades?

-Oi, John, precisamos conversar...

Capítulo 60

Nada agora

-Isso é uma loucura! – John gritava pelo telefone, após ouvir a história contada por Michael Reese. – Você só pode estar me pregando uma peça! É impossível!

-Nunca falei tão sério, garoto. – respondeu Michael, já irritado.

-Você, trabalhando com um agente do FBI? Só pode ser brincadeira...

Michael Reese esbravejou no telefone:

-Chega de chocarrice, moleque! Não temos tempo para perder com isso! É melhor me escutar!

Glenn Marshall esticava o braço pedindo-lhe o telefone. Indignado, Reese lhe entregou:

-Você deve ser John Moore, - disse ele, ao pegar o aparelho. - ouvi falar algumas coisas a teu respeito...

John não reconheceu a voz. De fato, era alguém diferente dos capangas com quem o velho costumava trabalhar. Cheio de sarcasmo, perguntou ao novo falante:

-E você é o tal cara do FBI, que ele está dizendo...?

-Agente Glenn Marshall, Divisão de Investigação Criminal de Nova York.

John soltou propositalmente uma audível gargalhada, pois não cria naquela baboseira toda. Respondeu-lhe:

-Você acha que vou cair nessa?! FBI? No máximo você deve ter sido enviado pela família para vir atrás de mim, creio eu...

Glenn não entendeu o que ele quis dizer. Família? Ir atrás dele? Que tipo de pessoa seria esse rapaz abusado? Insistiu em convencê-lo:

-É melhor crer, pois o momento não nos permite perder minuto algum com coisas inúteis.

Nesse instante, Mahoney surgiu, trazendo-lhe o seu notebook, com informações pertinentes à mostra na tela. Enquanto a conversa ocorria, havia investigado o histórico do jovem John, uma tarefa trivial, se comparada com às pertencentes ao seu dia-a-dia na Agência. Leia isto! Disse ele, entregando o computador ao agente Marshall.

Glenn leu algumas informações pelo telefone:

-John W. Moore, vinte e nove anos, casado com Cathelin White, de vinte e seis. Reside na sexagésima quinta, número três oito quatro.

John não se surpreendeu com as informações, era provável que Reese tivesse dito aquilo a ele, para convence-lo. Lembrou-se também que a família costumava investigar profundamente presente e passado de todos que eram aceitos em seu importante rol de membros. Era provável que Michael Reese possuísse tais dados. O agente Marshall, porém, continuou:

-Você não conheceu os teus pais. Foi criado no antigo orfanato Wilkinson, e após a maioridade vivia sozinho até conhecer tua esposa. Ela é filha de Margareth e James White, que vivem hoje no Colorado... – durante alguns minutos, Glenn leu uma lista de dados que se estendia desde tipo sanguíneo do jovem e sua esposa, a números de documentos e últimas pesquisas feitas na web. Quando chegou ao fim das informações obtidas na rápida pesquisa feita por Mahoney, mas, para aumentar o apelo dramático, disse-lhe algo de certo efeito. - Preciso dizer mais alguma coisa?

John ouvia tudo aquilo com os olhos arregalados do outro lado da linha. Aquelas informações nunca haviam chegado até o velho Reese, como ele sabia daquilo? Certamente a família não contava com investigadores tão astuciosos e habilidosos. Seria então este homem algum agente real? Certamente sua capacidade investigativa era admirável.

-É melhor não dizer mais nada. – respondeu atarantado.

-Então ouça o que eu tenho a dizer: - Glenn prosseguiu em sua persuasão. – Estamos diante de um momento decisivo para nossas vidas, um caminho que pode não ter volta. O presidente Richard está prestes a tomar uma decisão que poderá incitar uma nova guerra, sobre tudo e todos! Algo que ele escondeu até mesmo de nós. Temos aqui documentos que provam suas verdadeiras intenções, e queremos usa-los para impedi-lo antes que seja tarde...

-E o que querem que eu faça, o convença de parar? – indagou o jovem.

-Não temos opções, John. – disse Glenn, grave. – Talvez você seja nossa única chance...

-Me desculpe, mas eu não sei como o faria...

-Nos ponha em contato com ele! – gritou Glenn, ansioso, sangue brotou por entre os seus curativos. – Temos que fazer isso, e precisa ser antes que as tropas desembarquem em seus destinos! Se ele conseguir o apoio das outras nações, já não teremos mais oportunidade!

-Realmente eu nada posso fazer...

Alguém bateu na porta da suíte, interrompendo John em sua recusa. Sabendo que sua estadia era na Casa Branca, qualquer assunto poderia ser importante, então resolveu não ignorar e não

provocar espera.

-Desculpe, tenho que desligar. – disse para Glenn, já desligando o telefone. O agente Marshall ficou estático, ouvindo o bipe final da ligação, com expressão decepcionada.

John andou até a porta o mais rápido que pôde e abriu, solícito. Era novamente a mesma mulher que o levara até o salão para o almoço.

-Boa noite. – disse ela, sempre obsequiosa.

-Sim, sim, boa noite. – respondeu, curioso.

-Preciso avisá-lo que o voo sairá no fim da madrugada. Serviremos o jantar em alguns minutos, aqui mesmo, para que o senhor possa ter um bom descanso até a partida. Precisa de algo?

-Err, não, obrigado.

-Logo chegará um chef para servi-lo. Tenha uma boa noite!

Poucos minutos após a saída da mulher, um cozinheiro chegou, com um carrinho pronto para servir um jantar completo.

Seguindo cada protocolo de educação existente, o homem arrumou a mesa que havia numa área destacada da suíte para que John pudesse jantar, semelhante a um serviço de quarto de um hotel cinco estrelas, e retirou-se, deixando-o à vontade. Terminada a refeição, ele ficou ali, deitado sozinho naquela enorme cama, como não ficava havia muitos anos, pensando em sua esposa. A saudade já era maior que a preocupação que o afligira nos últimos dois dias, a respeito de Cathelin. Sentia falta de seu calor entre os cobertores, de cochilar abraçado, mesmo que minutos depois os dois se separassem para dormirem seus próprios sonhos, seu perfume...

Quando já era capaz de vê-la ao seu lado, a conversa que tivera no telefone interrompeu seus singelos devaneios.

O que seria aquela história de guerra e tudo mais?

Capítulo 61

Eu sei

O sono veio e já só ele existia. Quando estava em seu auge de pesar, foi, no entanto, interrompido de forma deseducada.

-Sr. Moore!

John ouvia na escuridão.

-Sr. Moore! Não há mais tempo!

De repente, deu-se conta de onde estava e abriu os olhos. Da escuridão vieram facho de luz embaçados que, aos poucos, tornaram-se a figura de um homem de terno, acima dele, de pé à frente da cama, sob a iluminação do enorme lustre que centrava a suíte.

-Sr. Moore, teve um bom descanso? – perguntou o homem estranho, com um olhar desprezível e um tom de voz duvidoso.

-Bem... – tentou falar algo com a voz embargada.

-Devo encaminha-lo ao embarque. Levante-se por favor, o senhor tem dez minutos para preparar-se.

Ainda estonteado de sono, levantou-se e seguiu ao banheiro. Com um jato frio de água, banhou-se até se sentir desperto. No canto já havia uma vestimenta pendurada, terno, gravata e sapatos muito bem lustrados. Vestindo a indumentária e após os últimos retoques no cabelo e nos dentes, preocupando-se com sua apresentação diante dos estadistas, encontrou-se com o homem que o aguardava próximo à porta. Partiram dali.

O sol ainda não mostrava seus raios de luz e o horizonte se resumia a uma imensa escuridão para todos os lados, quando o helicóptero levantou voo. A comitiva seguiu ao aeroporto, do qual partiria para Genebra, na Suíça, onde, em poucas horas, ocorreria no prédio da Organização das Nações Unidas a reunião extraordinária com os principais líderes mundiais acerca da situação de terror vivida pelos americanos e o plano criado pelo presidente Richard para reverter o quadro.

Não houve, por parte de nenhum representante global, a ideia de realizar o encontro na sede nova-iorquina. O estado atual da segurança nacional tornava impossível a presença dos principais líderes mundiais em seu território, algo que Richard muito bem compreendia. Na verdade, este era um trunfo que usaria em sua argumentação, um peso em seu discurso, uma

prova da forte ameaça que sobreviria a todos, caso nada fosse feito.

Já no avião, o presidente aparentava estar demasiado ansioso. Por muito tempo aguardou aquele momento. John era capaz de ver, assentado distante, o seu olhar inquieto, procurando à volta coisas que pudessem distraí-lo e acalmar os momentos precedentes da importante reunião. Peter Morrison conversava com o presidente de forma confidencial, concentrado como sempre, com seus gestos e olhar sub-reptício, vigilante. Após todas as situações que enfrentaram nos dois dias passados, tal vigilância dentro do avião poderia ser apenas um cuidado excessivo, vindo de um profissional sagaz que o Sr. Morrison demonstrara ser. Assim John cogitava. Mesmo ele, que pouco tinha a ver com todas aquelas histórias, sentia-se impelido a vigiar a tudo e a todos, temeroso por presenciar acontecimentos como os dantes experimentados.

Poucos seguranças os acompanhavam. John observava cada um deles, sempre com sua mão próxima à arma, previamente carregada e perigosamente destravada. Ele tinha de ser rápido, se algo acontecesse.

Os primeiros raios de luz alumiarão o mundo à volta da aeronave, mostrando que já alcançavam território europeu. As belas paisagens urbanas, pinceladas entre o moderno e o antigo e coloridas com cinza e verde impressionavam o jovem, mesmo vistas de tão alto. Pensou em sua esposa, ela sempre dizia querer visitar a Suíça. Poderia trazê-la aqui, fazer uma viagem... Certamente, quando a vida voltasse ao normal, conheceriam aquele tão belo lugar.

Após um pouso tranquilo, o grupo seguiu, escoltado por uma enorme comitiva de segurança que somou-se a eles no aeroporto, ao destino previamente tratado: o Palácio das Nações.

John mantinha-se surpreendido em todo o percurso, tamanha suntuosidade do lugar. Desde os jardins até a entrada do prédio, passando pelo primeiro controle de segurança, ao qual todos foram submetidos, exceto o presidente, chegando também aos corredores e salões que passavam, tudo era terrivelmente novo para o rapaz acostumado com os subúrbios americanos. Antes de toda esta experiência, o maior luxo que provara foi conhecer parte da mansão de Mason, seu antigo chefe.

No segundo controle de segurança, após passarem pelo detector de metais e uma verificação de raio-x, como nos aeroportos. Antes que pudesse reaver a pistola que fora entregue aos seguranças, um deles lhe pôs a mão no peito, fazendo-o parar, com um francês próprio:

-Cet homme est un agent? Este homem é um agente? – disse, iniciando uma minuciosa revista em John, que mantinha-se calado, sem entender o que dizia.

-Est avec nous. – respondeu-lhe um dos agentes americanos.

-Lettres de créance. Credenciais. – pediu o suíço, extremamente sério.

Richard percebeu o que acontecia após ele e voltou-se, dirigindo-se ao agente sueco:

-Ne vous inquiétez pas, il me regarde! Não se preocupe, ele está me acompanhando.

Com certa resistência, o homem saiu do caminho, permitindo que John prosseguisse. As regras eram extremamente rígidas ali. Um lugar que reunia dezenas de chefes de Estado não podia falhar em nenhum quesito.

John não sabia o que fazer, muito menos por que realmente estava ali. Nem ao menos sabia falar outra língua além do inglês. Também não possuía postura de um agente de segurança, fato que o destacava entre os demais, motivo também pelo qual o suíço o havia confrontado. O fato era que Richard havia percebido nele uma resistência que ninguém mais demonstrara durante os ataques que sofreram na Quinta Avenida e, por isso, decidiu quebrar o protocolo e mantê-lo próximo, para possíveis ameaças que pudessem surgir.

Um dos americanos, enquanto caminhava ao seu lado no corredor, disse baixo:

-Você não fala francês, não é?

-Não, não, sir. – respondeu John, constrangido.

-Sir? – o homem ria. – Este termo não serve para mim! Todos aqui falam os seis idiomas oficiais, mas os europeus insistem em suas línguas pátrias. Nacionalistas excessivos...

-Bem, nós também, não acha? – respondeu John, enquanto o seguia pelos corredores cheios de trabalhos de arte, símbolos sociais e câmeras de vigilância.

Balançando a cabeça, o homem concordou. Todos continuaram andando, sob escolta.

Após mais dois controles de segurança, finalmente chegaram a uma sala destacada, onde aguardariam o horário de início da sessão. Pouco tempo restava de espera.

Richard sentou-se em um sofá no centro da sala, resfolegando em ansiedade pela plenária, mas aliviado por chegar ali em segurança.

-Finalmente estamos próximos de acabar com isso! – olhou para Peter Morrison, que estava ao seu lado.

Peter Morrison dirigiu-se a uma mesa, onde havia chá, café e outras coisas.

-Deseja chá, senhor presidente?

-Ah, sim, por favor! Preciso me manter calmo e pacífico para o debate.

Os seguranças permaneciam de pé, nos cantos, vigilantes em constância. John tentava imitá-los, de pé em um canto da sala. Peter Morrison serviu-lhe a xicara e tomou a sua em mãos, sentando-se próximo, enquanto conversavam.

-Diga-me, Sr. Morrison, não tive notícias de seu analista sobre a investigação em curso. – e tomou um gole do chá.

-Fala do agente Glenn Marshall. – Respondeu Peter Morrison. Ao ouvir isto, John se contorceu onde estava. Esse era o nome dado por seu amigo para o suposto agente que lhe falava ao telefone! De repente, toda a sua atenção estava voltada para a conversa. – Confesso que após a retomada do funcionamento dos meios, não tive contato com ele. Afinal, - tentou desculpar-se por sua distração. – voltamos toda nossa atenção a este momento.

-Sabes bem que não podemos fechar os olhos até que tudo tenha provado sucesso. Enquanto não concluir cada etapa do processo, não posso permitir que percamos algo de vista. – redarguiu o presidente.

-Sim, senhor. O agente Marshall certamente está trabalhando no caso com propriedade. Seu histórico é muito bem sucedido.

-Quero uma resposta sobre o status da investigação, inspetor.

-Teremos esta resposta logo após a reunião, senhor presidente.

John sentia-se intrigado com o que ouvira na conversa. Então o tal agente com quem Reese estava acomodado tinha ligação real com o presidente? Que tipo de investigação estaria fazendo? E o pior, seria toda aquela história sobre os planos secretos de Richard verdadeira? Não sabia mais o que pensar, precisava falar outra vez com eles, para esclarecer melhor as coisas. Enquanto pensava, sentiu o vibrar de seu celular. Puxou-o de seu bolso com discrição e olhou o que era. Havia recebido uma mensagem de texto, de Michael Reese.

“Ainda está aí? Não temos muito tempo!”

Por alguns instantes, pensou o que poderia fazer, até que virou-se para um agente de segurança que estava ao seu lado e disse:

-Preciso sair um instante. Algum problema?

O homem levantou os ombros, em sinal de indiferença. Talvez a figura de John naquele grupo tão bem treinado significasse apenas um intruso, alguém que estava ali para atrapalhar, somente. E era isso que ele percebia cada vez que os demais olhavam-no de soslaio.

Procurando não ser notado pelo presidente e o inspetor, que conversavam, andou a passos leves até a saída, deixando a sala. No corredor, ligou para seu amigo, que atendeu:

-John? Está podendo falar?!

-Sim, mas não tenho muito tempo. – respondeu, extremamente nervoso.

-Que bom que nos...

-Michael, ponha o agente no telefone.

Reese calou-se e passou o telefone para Glenn, que atendeu:

-John?

-Você está investigando algo para o inspetor geral?

-Sim, e foi nessa investigação que acabei descobrindo tudo.

-E como você pode explicar todas essas coisas? – indagou John, tentando disfarçar a conversa diante dos seguranças que transitavam os corredores. – Que provas você tem?

-Há muitos fatos para explicar de uma vez, mas tenho em minha posse um dossiê completo sobre as operações secretas do presidente. Os falsos ataques terroristas, as verdadeiras intenções do plano de combate ao terrorismo, as vítimas que fizera... Enfim, toda a construção e projeto para reeleição estão nesses documentos. Mas me diga, onde você está?

-Estamos em Genebra.

-Genebra?! Não pode ser! A sessão já começou?

-Estão aguardando a hora de início.

-Não acredito! Não temos mais tempo! Mesmo que quiséssemos divulgar o material que temos, até chegar nas autoridades já seria tarde.

-O que você quer fazer? – indagou John, ainda sob muitas dúvidas.

-John, o que o presidente quer fazer é um golpe! Inédito em toda a história! Se isso acontecer, poderemos ter uma nova grande guerra!

-Mas como você pode ter certeza de que ele conseguirá enganar todos que estão aqui?

-Porque ele já enganou! Todos acreditam nos ataques terroristas que sofremos! Todos estão a favor de sua política intervencionista! Uma vez aprovado, em vinte e quatro horas teremos tropas americanas e coligadas em diversos países do Oriente Médio!

John se pôs pensativo, não compreendia nada sobre esses assuntos. Todo seu conhecimento diplomático se resumia ao romantismo dos filmes de guerra dos anos oitenta. Nunca fora alguém com interesse político. Alegrava-se pela não obrigatoriedade do voto e jamais esboçara qualquer conversa ou debate sobre o assunto com quem quer que fosse. Era um total ignorante sendo obrigado a tomar uma decisão imensurável. De repente se via, como alguém que mergulha num mar de águas geladas, envolvido com forças em nada conhecidas por ele. O agente Marshall lhe apontava bons motivos para juntar-se à causa, mas por outro lado, o presidente era um homem de muito conhecimento. Não estaria ele correto em seus planos?

Não haveria uma estratégia muito maior a favor do país? O que John poderia fazer? Respondeu-lhe:

-O presidente perguntou ao inspetor sobre a tua investigação. Mas somente após a sessão o inspetor deve lhe procurar.

Glenn pensou, seria tarde demais aguardar a conclusão da pauta, a decisão já estaria tomada. Disse então:

-Não temos outra opção, leve este telefone até ele!

-Não sei se deveria... – respondeu John, tentando evitar expor-se.

-Não temos tempo, John! Leve-o até ele!

John entrou na sala novamente, imperativo. Não se deu ao luxo de hesitar e pensar no pedido arbitrário e egoísta que o agente Marshall, lhe fizera, ignorando os riscos que ele correria ao levar o problema até o presidente. Richard ainda conversava com o inspetor geral sobre seus assuntos importantes. Ao ver o estadista em seu pleito, respirou fundo, olhou cada agente da segurança que permanecia de pé, armado, em cada canto. Não tinha mais como evitar, era preciso, Glenn aguardava do outro lado da linha, e talvez toda a sua nação, do outro lado do oceano.

-Senhor, - disse ele, olhando para o presidente. – o agente Glenn Marshall está na linha.

Ambos, Peter e Richard, surpreenderam-se com a ligação entre John Moore e o tão falado agente. Como eles se conheciam? Os seguranças ameaçaram algum gesto de represália ao ver o jovem incauto interromper o presidente, mas foram contidos ao ouvir sua indagação:

-O agente Glenn Marshall?

-Sim, ele está aguardando para falar-lhe algo. Devo permitir? – indagou John, estudando diligentemente cada palavra a dizer, temeroso.

Peter Morrison esboçou uma reação:

-Por que ele entraria em contato dessa forma?

-Creio que seja importante. – respondeu o presidente. - De qualquer forma, desejo saber do que se trata. Qualquer boa notícia seria bem-vinda antes da sessão. Por favor, dê-me o aparelho.

John andou até o presidente para entregar-lhe, mas Peter Morrison avançou e segurou o telefone, dizendo:

-Por segurança, senhor, não pegue este aparelho, deixe-me ativar o viva-voz.

Sob concordância de Richard, o inspetor geral ativou o recurso e pôs o aparelho sobre a mesa de centro.

-Diga-me, agente Marshall, há algo importante a falar-me?

Glenn respirou fundo do outro lado da linha, mas não podia demorar, então respondeu:

-Senhor presidente, Inspetor Geral. Era preciso contatar-lhes com antecipação à reunião do conselho, não podia deixar que esse evento acontecesse sem antes falar-lhes.

-Seja direto. – disse Peter Morrison. – Estamos prestes a ser chamados.

-Sim, senhor. Fiz muitas descobertas em minha investigação e é importante que ouçam o que tenho a dizer. Não deem prosseguimento à proposta do cerco nesta manhã.

Peter Morrison quase saltou do sofá ao ouvir aquele ultraje. Richard se pôs assentado à frente, apoiando os braços sobre os joelhos, surpreso.

-E por que não deveria, agente Marshall? – perguntou Richard, demonstrando uma falsa calma.

-Porque eu tenho todas as provas de seus verdadeiros planos em minhas mãos.

Capítulo 62

Grandes e Pequenos

-Não seja insolente! Você está desafiando o presidente dos Estados Unidos?! – gritou Peter Morrison, enfurecido.

Enquanto o inspetor vociferava contra o agente petulante, Richard pensava até que ponto aquela ameaça era verdadeira. Embora fosse um incômodo ouvir o que o agente tinha a dizer, era preciso certificar-se da seriedade de suas acusações e o que ele estava disposto a fazer para incriminá-lo. Não seria possível que alguém fosse ameaçar o presidente àquela altura, sem que tivesse uma poderosa carta na manga. Mantendo a voz calma, para passar segurança a todos, falou-lhe:

-Gostaria de saber de que o senhor está me acusando, senhor Marshall, e que provas são essas.

Glenn Marshall sentia a pressão sanguínea vertendo por todo seu corpo. Seus ferimentos ardiam e latejavam a cada pulsação, fazendo-o debater-se de dor, enquanto trocava perigosas palavras com o presidente de seu país. Nenhuma situação antes vivida se comparava àquela. Mas não podia deixar-se esmorecer, precisava ser sagaz como nunca.

-O senhor é responsável pelos dois ataques terroristas de Nova York, bem como pela montagem de uma rede de conspiração contra a soberania de diversos países participantes desta cúpula. Tenho documentos assinados, ordens estratégicas e gravações diversas que provam suas intenções reais sobre os territórios estrangeiros. Se não abandonar este projeto, me verei obrigado a revelar o dossiê nos principais meios de comunicação do mundo. Deixo minha pergunta: Está preparado para as represálias, senhor presidente?

-Você não seria capaz. – respondeu Richard, frígido. Seu coração, porém, disparava em aflição.

-Tenho nesse momento apenas alguns contatos, como o do Washington Post, New York Times, Wall Street Journal, Le Fígaro, Le Monde, Nikkei Shimbun, Neue Zürcher Zeitung... Quem sabe Die Welt?

-Você não sabe o que está fazendo...! – exclamou Peter Morrison, irado.

Richard mantinha a postura de forma incrível, embora fosse perceptível seu descontentamento com o que ouvira do agente que outrora trabalhava a seu favor. Não conseguia compreender como aquele que fora chamado para protegê-lo havia tornado-se agora seu principal acusador. Com um tom de voz apreensivo, tomou a palavra:

-Senhor Marshall, creio que uma ilustração teria melhor proveito em ajuda-lo a entender os fatos. Diga-me, o senhor conhece sobre a salamandra do Arizona? – levantou-se e começou a andar em volta da mesa de centro onde estava o celular. - Deixe-me explicar-lhe um conceito importante sobre sobrevivência. Essas salamandras são anfíbias que passam periodicamente terríveis provas de resistência. Enquanto os lagos estão cheios, há fartura de comida e conforto, elas se reproduzem avidamente, multiplicando-se em número suficiente para gerar grandes populações, formadas por dois tipos diferentes da mesma espécie, um, menor e mais frágil, e outro, maior e com enorme poder de ataque. No entanto, quando vêm os períodos de baixa nos rios e lagos, a população de insetos torna-se escassa e as águas em muitos lugares secam quase por completo, deixando essas incríveis salamandras sem opção alguma de sobrevivência. Sem alimento e sem locais acolhedores, elas passam a ter como objetivo simples a sobrevivência da espécie e é neste momento que a diferença entre os dois espécimes mostra sua importância. As maiores começam a caçar as menores, alimentando-se das de sua própria espécie. Não o fazem por prazer, mas porque será preciso resistir ao longo período de escassez e sua própria população tornou-se a única fonte de alimento. No fim, restam apenas os espécimes maiores, que sobreviveram devorando os demais, mas garantindo então, que a espécie não fosse dizimada pela necessidade de seu mundo. As menores alimentam as maiores, e essas, garantem a próxima reprodução e a sobrevivência de todas.

-E de que vale esta metáfora, senhor presidente? – perguntou Glenn, cauteloso.

-Nós não somos diferentes destas salamandras, Glenn, - respondeu Richard, com toda sua psicologia vencedora de tantos debates. – o mundo está passando por um período de seca, de escassez, meu jovem. Um período que não é revelado a ninguém, até que os menores percebam que estão sendo devorados pelos maiores. Nós estamos dando um passo à frente, antes que outros tentem fazê-lo. Compreende?

-Você está louco! – gritou Glenn. – Não faz ideia do erro que está cometendo!

Glenn se preparava para continuar o seu sermão, quando foi interrompido por Richard, num forte rompante, que a todos surpreendeu:

-Você é quem não sabe o que está nos bastidores, rapaz insolente! Acha que estou onde estou por simples força do destino?! Acha que não sei medir as consequências?! Você é quem está louco, por me desafiar! Não faz ideia das forças que operam neste mundo! Nenhum cidadão normal como você aguentaria saber a verdade! Já estamos numa guerra, moleque! Uma guerra que perdura séculos! Uma guerra que não depende de armas, não depende de leis, não depende de moral! Diga-me, senhor Marshall, quem é o verdadeiro inimigo?! Diga!

Glenn calou-se. Tentava interpretar o que o presidente queria dizer-lhe. Estaria ele realmente combatendo algo maior? Ou toda aquela estratégia era unicamente em prol de um domínio econômico? Richard continuou:

-Você nunca se perguntou por que há países onde a população está morrendo de fome enquanto os poderosos estão discutindo conforto na terceira idade? Já se perguntou por que países estão

sendo dizimados por doenças cuja prevenção e cura são conhecidas? Por que um único marketing de comportamento surge ao mesmo tempo tão forte no mundo todo? Já se perguntou por que tanto ataque aos religiosos, se os verdadeiros perseguidores são líderes políticos? Vou dizer-lhe uma verdade! A humanidade caminha de holocausto a holocausto! Os fortes já estão devorando os pequenos, o tempo de seca está iniciando! O mundo já está sob domínio de uma mentalidade ensinada, criada por pessoas que possuem poder além da autoridade de um simples governo. Um poder que vai muito além de um território, algo que já se alastrou por todo o planeta! Os Estados Unidos são a nação mais poderosa do mundo, belicamente, mas estamos há algumas décadas sofrendo uma enorme derrota cultural. Quando assumi o governo, era muito confiante de nosso poder, de nossa influência no mundo, até que me dei conta de que as cartas já estavam na mesa, e nós estávamos perdendo o jogo. Estou sim, iniciando uma batalha, mas não a guerra. Eu sou nesta cúpula como um cordeiro num covil de lobos, jamais os venceria pelo puro debate. E o tempo de seca está se iniciando. Quanto a você, ao me enfrentar, você mesmo assinou tua sentença, agente Marshall! Agora suporte as consequências. Não tenho mais tempo a perder, minha decisão já foi tomada há muito tempo atrás, e não é agora que irei muda-la. Chega de interrupções e ameaças! Se tem algo a fazer, então o faça!

Dito isto, Richard agarrou o telefone e desligou a chamada, atirando-o violentamente contra a parede, onde o mesmo se espatifou e caiu ao chão. John assistia à cena estatelado, inerte diante de tantas palavras que ele ainda tentava dar significado. Uma pessoa já estava à porta, avisando sobre a chamada para a reunião, também assustada com a cena. O presidente virou-se para John e apontou, dizendo:

-Quem é você, afinal? Eu pensei que pudesse confiar, mas foi uma péssima decisão, pelo que percebo. Que ligação tem com este agente?

Logo vieram dois outros agentes e o seguraram pelos braços, e Richard continuou:

-Prendam-no. Ele será julgado juntamente com este insolente que foi capaz de me ameaçar! Estou farto destas coisas! – acenou para Peter Morrison. - Vamos de uma vez, vamos acabar com isto de uma vez por todas!

Richard saiu, seguido por Peter Morrison e uma dupla de agentes, que o acompanhariam até o Salão de Conferências. John ficou ali, segurado por dois outros agentes que tentavam prendê-lo, sentado em uma cadeira de mogno da sala.

Cathelin, me perdoe...

Capítulo 63

Desculpas inaudíveis

John sentia os dois agentes forçarem seus braços contra a cadeira de madeira sólida e podia ouvir o tilintar metálico das algemas. Estava sendo preso, e não era em uma situação comum. Mesmo que pudesse provar não ter relação com as ameaças feitas ao presidente, acabou sabendo demais, e tornara-se um alvo do Estado, uma ameaça a ser extirpada, não havia escapatória, não mais.

Ele sabia que, mesmo nos governos que não se apresentam como autoritários, uma ameaça encontrada à sua estabilidade era algo a ser eliminado.

O sistema existe para proteger o sistema, pensou.

Não se movia, não piscava e não parecia respirar, tudo estava em câmera lenta à sua frente. Talvez fosse um daqueles momentos em que o herói tem finalmente a sua epifania e descobre a solução para a história ser concluída. Herói? Ele não era um herói, nunca o fora. Na verdade, era o antagonista de sua própria história de vida. Olhar para trás era ver uma carreira de escolhas ruins e erros repetidos a esmo, e nos últimos meses estava destruindo a única coisa boa e real que experimentara, seu relacionamento com Cathelin. E tudo por não saber distinguir entre o certo e o errado, simples assim.

Envolvera-se com o crime, pois desejava dar uma vida melhor para ela, mas se via cada vez mais distante de seu amor, justo por causa de sua decisão imatura. Como Cathelin estava? Como ela ficaria? Não havia mais tempo para decidir voltar atrás, ele seria preso, julgado e condenado sem mesmo entrar em um tribunal, e Cathelin não mais o veria. O que aconteceria após isso? Que resultado teria o plano de Richard? Glenn estaria certo sobre os acontecimentos futuros? Se estivesse, se toda aquela ameaça fosse real, como seria a vida de Cathelin? Ele não podia deixar aquilo acontecer, ela não merecia ter de viver um tempo tão ameaçador.

Me desculpe, Cat...

Ele estava sendo preso. Um agente à sua direita, segurando seu ombro, com tanta força que seus dedos pareciam querer entrar na carne, e o outro à esquerda, prendendo-lhe as algemas. Ele não era um herói, e não precisava ser. Talvez todas as lembranças de sua vida servissem naquele momento para dizer-lhe que ele estava preparado para aquele fim. Nada que fizesse iria torna-lo melhor, mas também não o tornaria pior do que já havia se tornado. E só haviam duas opções, desistir e entregar-se ao fim que levaria nas mãos daqueles homens sem escrúpulos, ou arriscar o inesperado... Cathelin tinha-lhe salvo de sua própria vida, e agora ele entendia para quê.

Cat, você jamais entenderia...

Jogou o corpo para a esquerda, atrapalhando o encaixe das algemas e fazendo com que o agente à sua direita se aproximasse para segura-lo. Ao vê-lo vindo em sua direção, voltou rapidamente, acertando-lhe com a testa no rosto. O homem caiu no chão. John soltou seu braço direito das mãos do agente que lhe tentava prender e levantou para a esquerda, com um giro obtuso, levando a mão à cintura do homem, à procura de sua arma. Encontrou-a. Já via o outro agente levantar-se, quando conseguiu puxar a pistola nove milímetros e apontar para ele. Acertou dois tiros em seu peito e o homem caiu.

John já sentia as mãos do agente que estava ao seu lado alcançarem seu pescoço, a fim de estrangulá-lo. Sem tempo para reagir, ele apenas apontou a arma para baixo e disparou repetidamente, até perceber que lhe havia acertado o joelho esquerdo. O homem caiu no chão, grunhindo de dor.

-Me desculpe, parceiro. – disse John, de joelhos, acertando-lhe a cabeça com a coroa da arma.

O primeiro agente já estava desacordado, sem ar por causa dos impactos que recebera no peito, mas salvo pelo resistente colete à prova de balas nível A3. O outro desmaiou graças à coronhada que recebeu, mas, embora estivesse perdendo sangue pelo ferimento no joelho, não corria riscos, o que era lucro para John. Sem mortes ali.

Com a arma em mãos, ele correu até o corredor e procurou pelo grupo que partira com Richard. No fim, cerca de cinquenta metros à esquerda, estavam a representante da ONU, Peter Morrison, Richard, e os agentes que os guardavam, caminhando rumo aos elevadores. Sem perda de tempo, rumou em direção ao grupo, precisava alcançá-los antes que entrassem e as portas fechassem, e o presidente desaparecesse naquele prédio desconhecido.

A distância entre eles diminuía conforme John acelerava seus passos. Ele ainda não sabia o que iria fazer, mas precisava impedir que o presidente prosseguisse com o seu plano, tinha que ser efetivo. Trinta metros. Vinte metros. Estava alcançando-os, quando ouviu um grito:

-Ei você, pare agora!

Era a voz de algum agente ou segurança do palácio, vinda de trás, provavelmente por ter percebido sua intenção ou ter visto o acontecido na sala. Era incerto pensar que o agente dispararia em sua direção, pondo em risco o presidente e a comitiva que iam logo após ele. Um tiro errado e poria tudo em perigo. Porém, com o grito apavorado do homem, os agentes que guardavam Richard perceberam que havia perigo e viravam-se para vê-lo, pondo seu plano em xeque. Um tiroteio naquele corredor aberto significaria certeza de morte, mas John já não se importava com isso, sabia pela primeira vez o motivo de estar ali, e sabia que seu destino já estava traçado pelas ordens do presidente. A situação adversa lhe retirou quaisquer opções que pudesse ter para resolver o problema, só lhe restava uma em sua mente, e era a pior. Não tinha dúvidas que falharia, àquela distância ele era perfeitamente capaz de cumprir

seu último objetivo na vida. E não precisava ser o herói...

Me perdoe, Cathelin!

As armas já se voltavam para ele, antes mesmo que os olhos pudessem fitá-lo. Não havia mais tempo para passos. O carpete logo seria manchado por seu sangue. Mas ele sabia que conseguiria.

Só precisava de uma bala no tambor e apenas mais um minuto de vida.

Capítulo 64

Inesperado

Cathelin estava enrolada nos cobertores, só, fugindo do frio que alcançara a cidade naqueles dias de resquíio de inverno. Já era madrugada, passava de três da manhã e ela não conseguia dormir. Sua mente divagava todos os tipos de pensamento que a levassem a John. Com a televisão ligada à sua frente, tentava descobrir o que havia acontecido e por que John não atendia o telefone desde o almoço do dia anterior. O noticiário retornava de um intervalo, após um longo período comentando sobre a segurança nacional e os protestos da população em relação ao marasmo do presidente, e logo falaria sobre sua reunião com o conselho de segurança da ONU.

Entediada, mexia nos livros acumulados na mesa de cabeceira que se instalava ao seu lado da cama e puxou um, que estava torto, em desacordo com sua arrumação metódica e simétrica. Razão e Sensibilidade era um título que desejava reler havia tempos, mas não conseguia. Abriu o livro e começou a folheá-lo, até perceber que um pequeno pedaço de papel caiu de suas folhas, sobre seu cobertor. Pegou-o antes que voasse e, curiosa, notou que a grafia de seus escritos era semelhante aos garranchos de John, mas com um pouco mais de cuidado durante a escrita. John? Perguntava para si mesma, surpresa. Antes de ler o pequeno texto, porém, foi surpreendida pelo início da notícia sobre a reunião de cúpula. Os âncoras do telejornal estavam pasmos, branqueados e com dificuldade de dar a notícia. O homem começou a falar:

“Hoje se inicia um dia negro para a história dos Estados Unidos. – dizia ele, tentando não gaguejar. – Um triste episódio que se repete em nossa história. Hoje, às três horas e quinze minutos, nove horas da manhã em Genebra, o presidente Richard Voight seguia para a reunião de cúpula das Nações Unidas, quando foi alvejado por um terrorista disfarçado e foi atingido por um tiro no peito. – Cathelin arregalou os olhos para a televisão, inapta a crer no que ouvia naquele instante. E John? O que houve com ele?! O jornalista prosseguiu. - Infelizmente, não houve tempo de receber tratamento médico e o presidente não resistiu. Outras mortes já foram confirmadas, logo teremos os nomes corretos para informa-los.”

Antes mesmo que a notícia terminasse e ela pudesse descobrir mais detalhes, lágrimas já lhe desciam os olhos. Não era pessimismo, mas ela sabia que logo ouviria o nome de seu esposo sendo citado nas próximas notícias. Ele era um dos outros agentes que se tornaram vítimas.

Na cobertura televisiva, a foto do presidente Richard era exibida, com a bandeira nacional no fundo, numa homenagem rápida e bem produzida. Notícias de sua vida e obras presidenciais eram narradas, mas ela, em estado de choque, já não mais prestava atenção ao que era dito. Somente segurava, trêmula, o pequeno recorte de papel com as letras de seu amado.

Quando sentiu-se capaz, tentou ler. No canto do papel havia um rabisco, tal como se faz quando se testa a carga da caneta. As primeiras letras estavam falhadas, talvez por ele ter escrito o trecho antes de rabiscar bem, com a tinta seca. O texto era o seguinte:

“Oi Cat. Não sei quando você vai ler. Eu só queria te dizer o quanto te amo, mas sem te acordar. Sei que estamos meio distantes, mas vou mudar isso. Não quero que minhas decisões ruins atrapalhem nossas vidas, então estou disposto a largar tudo e recomeçar. Me perdoe por isto. Tudo que eu quero é te ver bem. Com carinho, John. :)”

A leitura foi seguida por soluços e copiosas lágrimas. A raiva que sentiu por lembrar que ele havia decidido ir já havia passado e tudo apenas tornara-se uma forte saudade, mista com outras emoções que dançavam entre si dentro de seu peito. Era duro ter tanta certeza de que o havia perdido, mas seu coração parecia querer prepara-la para não ter esperanças.

Nada seria como antes. Nada seria mais.

Capítulo 65

Consequências

Glenn Marshall se via em um momento desesperador, não sabia quais seriam os resultados de sua tentativa aparentemente frustrada. Ele havia estreitado seu próprio caminho até se ver sem opções, e agora compreendia porque Robert Parker evitava se expor.

Não podia deixar de se sentir usado por Robert e seu grupo desconhecido, resumido a um mero instrumento de ação para protege-los, mas no fundo sabia que, quando trabalhava para o governo, ele significava a mesma coisa. Era apenas um instrumento descartável para fazer o trabalho sujo enquanto pensava estar ajudando o país. O que aconteceria na reunião? Que fim levaria John, por ter aceito revelar o contato?

-Fique calmo, garoto. – Reese descansou a mão sobre seu ombro, tentando confortá-lo. – Você fez o que deveria...

Mahoney estava calado, digitando indefinidamente em seu notebook, concentrado em algo que para ele era um mistério, enquanto a televisão, ligada no canto daquele quarto e sintonizada na CNN como Glenn sempre deixava, mostrava o noticiário da madrugada.

-Se cometi algum erro, sei que sofreremos as consequências, - disse Glenn, aborrecido. – mas o que mais me aflige é não ter mais caminho algum. Não saber o que fazer a partir deste ponto!

-Consequências nós sofreremos que qualquer forma a partir daqui. – Reese respondeu, com um olhar conformado. – Quanto à sua aflição, já passei por isto algumas vezes, filho. Às vezes as nossas melhores decisões estão escondidas nos lugares onde nenhuma outra estaria. Você vai encontrar uma saída.

Enquanto conversavam, na televisão, algo foi dito sobre uma ocorrência no Palácio das Nações, em Genebra. Glenn e Michael voltaram suas atenções ao televisor.

“O dia de hoje ficará marcado para a história americana. – dizia o jornalista, apreensivo. – Poucos momentos antes da conferência com o Conselho de Segurança das Nações Unidas, já nas instalações do palácio, o presidente Richard Voight foi morto com um tiro no peito. Há indícios de que sua morte foi resultado de uma operação terrorista. Outros dois agentes foram mortos durante o confronto, além do cidadão americano John W. Moore, que é apontado como o responsável pelo ataque. Foram iniciadas as investigações para averiguar se há ligação do assassino com a célula terrorista responsável pelos ataques ocorridos em Nova York este mês.”

-John...! – exclamou Reese, atônito.

Glenn nada dizia, diante da notícia inesperada. Ali estava a vitória para aquela batalha, mas ele não sentia alegria por ela. Aquele jovem havia morrido por causa de seu plano frustrado. Morrera para dar ao problema a solução que ele não havia encontrado a tempo.

Recostou a cabeça no travesseiro, calado, olhando para o teto, enquanto media os pesos de tudo que havia feito, tentando encontrar a resposta de seus atos. Em tudo o que fizera nos últimos dias, estaria certo ou errado?

Reese permanecia embasbacado com a morte de seu aprendiz querido, o mais próximo que tivera de um filho. Cobriu a testa franzida com as mãos e apoiou-se com os braços sobre os joelhos, olhando para o chão.

De repente, num estalo, Mahoney parou de digitar e exclamou:

-Finalmente!

Os dois fitaram-lhe com certa indiferença. Ele não havia ouvido nada do que acontecera?

-Finalmente! – disse ele. – Fiz um pequeno trabalho sujo aqui! Acho que conseguiremos alguma atenção para o caso! Invadi os sites de alguns jornais do mundo e publiquei anonimamente as gravações do presidente sobre os planos de ocupação militar em suas homepages! Também fiz o upload dos arquivos em alguns servidores públicos e publiquei os links de download em alguns sites conhecidos, do tipo do wikileaks. A essa altura, segundo as recomendações que fiz, as gravações já estão também na rede peer to peer e em algumas darknets! Acho que faremos barulho, men!

-O presidente está morto. – disse Glenn. Brad Mahoney tomou um susto com a notícia.

Na televisão, outra notícia era veiculada:

“Os sites dos principais jornais mundiais foram derrubados há poucos minutos. Suspeita-se de um ataque de cyber-terrorismo coordenado. Ainda não há teorias sobre a ligação dos ataques com a morte do presidente e o atentado ao conselho das Nações Unidas.”

-Não acredito! – exclamou Mahoney, conferindo no notebook. – Todos os sites onde publiquei foram derrubados! Até os mais escondidos! Ou há alguém muito bom trabalhando nisso, ou estão acompanhando meus passos!

Enquanto ele dizia isto, a tela do notebook se apagou e o aparelho começou a fazer um ruído estranho, superaquecendo. Mahoney deu um salto para trás, derrubando a cadeira onde estava sentado, tendo tempo apenas para ver o computador queimando cada componente até ficar totalmente destruído.

-Merda! – gritou Mahoney, frustrado.

-Não adianta usar o sistema para quebrar o sistema, meu amigo. Ele tem anticorpos. – disse

Glenn, grave. – Demorei a entender as palavras do Sr. Parker, mas agora compreendo. Estamos lutando contra algo muito maior que isso. Muito mais antigo. Muito mais forte...

Glenn finalmente havia percebido a dimensão do que Robert Parker lhe falara. De fato, John fora capaz de tomar a única decisão efetiva para impedir os passos errados de Richard, o que lhe custou a vida.

Os dois agentes do FBI e da CIA, mesmo unidos ao velho capanga mafioso carregado de mazelas, eram ainda crianças diante da enormidade do inimigo que teriam de enfrentar. Mas o jovem agente Marshall enfim estava aprendendo o *modus operandi* do verdadeiro mundo real, dos bastidores, da selva por detrás da cidade. Não havia piedade. Ao ver o computador queimado, virou-se para Michael Reese e disse:

-Vamos! Me ajudem a levantar!

-Você precisa se recuperar, garoto! – disse Michael.

-Vamos, Reese! Não há tempo! Temos que sair daqui agora ou nos encontrarão!

A utopia de um fim

Após deixar grande parte das economias de Glenn nas mãos do Dr. Robinson, os três partiram dali, apressados, em um de seus carros de passeio. Mahoney dirigia, embora o cansaço lhe pesasse os olhos, e Reese estava no banco do carona, para deixar Glenn com mais espaço atrás. Não tinham ainda um destino certo, mas precisavam fugir, apressar os passos, manter-se à frente. Eram agora nômades da insegurança. Tinham o sinal de Caim em suas testas, mas com a palavra morte resplandecente em si.

Enquanto via as poucas luzes dos postes passando sobre si pelas ruas mal iluminadas da cidade, Glenn indagava-se sobre aquele novo mundo em que se encontrava. Sociedades que aparentavam evoluir cada vez mais, mas que não percebiam estar subjugadas a um poder maior, como animais em um curral. Grandes e pequenos, com seus próprios valores e objetivos, mas que no fundo, apenas permaneciam inertes, sendo levados pelas tantas forças que operavam acima deles. Certamente ele sabia que a morte de Richard não representava o fim.

Na verdade, representava a morte de alguém que estava do mesmo lado, lutando a mesma batalha, mas com as armas erradas. Richard significava agora, muito mais uma perda do que uma vitória. Mas o primeiro passo fora dado. A primeira questão fora resolvida e, como uma forte ventania sobre a poeira, havia apenas levantado muitas outras questões. Afinal, quem eram os corretos naquilo tudo? Quem eram os donos daquele imenso espetáculo teatral? Ele

não possuía nenhuma dessas respostas, mas havia feito uma importante descoberta: a saída para os bastidores.

Apêndice

Diário de Robert Parker

Stanford, Califórnia – 1946

Eu, Robert Bryce Parker, nascido em 15 de abril de 1930, decidi iniciar estes registros para formalizar meus estudos e sua evolução, e auxiliar pesquisadores que se apoiem em minhas teorias na posteridade.

Hoje foi um dia pleno, para mim e, creio, para a ciência. Posso traçar nesta data em paralelo dois marcos de mesma importância, mesmo que em proporções diferentes:

Primeiramente, concluo hoje minha tese de doutorado como um dos mais jovens da Califórnia, aos dezesseis anos. Passei os últimos três anos de minha vida imerso nesta pesquisa, o período mais longo que tive de me dedicar a um projeto. Na apresentação, recebi a aprovação com unanimidade e no mesmo momento, um convite da própria Universidade para iniciar um projeto de pesquisas na área, inédito em toda a história, do qual eu estarei a frente. Na proporção da vida de um indivíduo, este sendo eu, o relato que fiz, considero um marco para um novo patamar de evolução. Sobre a minha pesquisa, levanto a hipótese da existência de uma inteligência padrão, um código mestre da mente humana, e talvez residente em todo animal deste planeta. Deixo claro que esta teoria diz respeito a todas as coisas, mas me limito a descrever somente o que interessa à minha área: a mente humana.

Filosoficamente, se podemos chamar a existência de criação, presumindo alguém, ou uma força maior por detrás de todas as coisas, ou se essa mesma existência na verdade é uma insurgência ao domínio do nada, em nada muda para o que venho propor. Ambos os casos – um criador inteligente ou uma construção involuntária – assumem que há um padrão de existência, uma lei a ser seguida, um código fonte, onde tudo que há precisa se basear. Cerceando agora esta ideia ao campo da mente humana, há então, um padrão psíquico anterior a qualquer construção do saber, do pensar, do ser. Um universo de significados que precede a linguagem, a imagem e qualquer relação do homem com o mundo. Ora, se o homem bebe água, ou se diz que é dia ou noite, ele o faz carregado de um enorme envoltório de construção social, ideológica, científica ou qualquer que seja, pelo simples fato de se enxergar como indivíduo diante de tais fatos. Mas o mecanismo que faz a sua mente entender que necessita de água, ou que é dia ou noite, é par ao que faz um leopardo na savana ter a mesma compreensão. É a engrenagem do pensamento, o ponto de encontro entre o cérebro – carne, massa cinzenta, um agregado de reações químicas - e a mente – o que muitos chamariam de espírito. Esse mecanismo é o mesmo para o americano trabalhando em um escritório de contabilidade, o muçulmano seguidor de uma jihad e um aborígene deslocado de qualquer relação com o tempo de nossa sociedade. Em outras palavras, interfaces totalmente diferentes, mas que possuem a mesma base de construção, a mesma lei de funcionamento. Diante da enormidade que alcança este tema, creio que meu estado atual de conhecimento a respeito ainda é epidérmico, posto apenas deduzo sua existência. A compreensão e, talvez um uso para tal, ainda estão longe de serem alcançados. No entanto, posso firmar a ideia com certa segurança: todas as mentes são

essencialmente iguais.

O outro marco do qual eu falo diz respeito à ciência. Este me veio com grande surpresa. Notei que, dentre os que assistiam à minha apresentação final, alguns indivíduos se destacavam em aparência, e eram para mim desconhecidos. Ao fim de todo procedimento, e após meu sucesso e aprovação, tais homens vieram falar-me e fizeram-me um convite. Disseram-me que minhas pesquisas serão cruciais para o avanço de projetos importantes para a soberania do país e nosso estabelecimento como nação. Uma vez aceito o convite, eu terei, porém, de recusar qualquer outro intento que não seja este e terei de abandonar os meus círculos sociais, por questões de segurança. Me pus em grande aflição pela decisão repentina que hei de tomar, ainda não sei ao certo qual será o melhor caminho para a ciência. Penso, no entanto, que haja um enorme proveito em atrelar-me ao governo e suas pesquisas, talvez este seja o caminho a ser seguido.

Deixo então, minha primeira impressão neste futuro compêndio de relatos. Que haja esclarecimento tanto quanto crescimento.

Dr. Robert Bryce Parker, 15 de novembro de 1946

Estados Unidos, 1946

Há cinco dias tomei minha decisão. No momento em que escrevo, já estou devidamente instalado e iniciando a pesquisa. Tudo foi extremamente rápido, mal pude me despedir de meus familiares. Utilizando o pretexto de uma viagem urgente para pesquisas no Canadá sobre um fenômeno inexplicável ocorrido com alces, parti sem saber para onde realmente iria. Creio que ainda estou nos Estados Unidos da América, pela observação do cenário e condições climáticas, mas não tive revelação do endereço exato, por questões de segurança. O grupo de pesquisadores é ínfimo, apenas dois especialistas, eu e mais alguns homens sob nosso comando, mas as instalações são generosamente grandes e temos todo recurso que necessitamos.

O doutor Alfred Monroe comanda o projeto. É um físico de extrema sagacidade, nunca conheci outro igual. Como a maioria deles, é um tanto excêntrico, mas é boa pessoa. Disse-me que estava prestes a provar a origem do universo quando foi convocado para a pesquisa, após isso, acabou perdendo seus documentos. Ainda não sei se era verdade, gozação ou simples loucura de sua parte, mas não duvidaria que pudesse ter ocorrido, após observar sua imensa capacidade intelectual.

O doutor Harold Moshower é um homem incrível, sobremaneira culto e dominador de várias áreas da ciência, assim como física e pitadas de conhecimento sobre a mente humana, da qual compartilha comigo o seu saber. Muito lúcido por sinal. Há muitos anos faz suas pesquisas para o governo. Disse-me que já esteve à beira do inferno uma vez, em um experimento com um destróier, do qual ele somava-se à equipe. Após o ocorrido, sua fé na ciência ficou

abalada e passou a dizer que ela não funciona sem Deus. Não compreendo bem as palavras que ele insiste em dizer-me todos os dias, mas creio que ele chama de deus alguma equação suprema, uma cabala científica. Deve ser isso...

Até o momento, descobri apenas o que temos que fazer, não nos dizem qual o propósito real desta pesquisa. Nosso objetivo é descobrir como funciona esta linguagem original da mente e como acessa-la de forma artificial. Simples, direto, e aparentemente impossível para os mais sensatos.

Originalmente, após muito debate e reflexão, deduzimos duas formas do cérebro registrar os comandos para esta linguagem, a visual e a auditiva. Teoricamente, os sinais recebidos pelos dois sentidos – quando se lê ou se ouve algo – é traduzido para esta língua original do cérebro, para só então tomar significado em nossa mente e a mensagem funcionar. Um homem que lê ou ouve em inglês e outro em alemão, no fim teriam de traduzir suas línguas natais para a mesma linguagem mental primordial, e só depois compreenderiam o que lhes foi dito. Este é o princípio que tomamos como ponto de partida.

Como nosso conhecimento teórico é risível até o momento, fizemos uma escolha pelo método que cremos ser mais fácil de chegar ao objetivo. Após muito discutirmos, acabamos por crer que o método auditivo será o mais acessível para alcançarmos os resultados.

Estou com grandes expectativas, mas ainda assim, me sinto como um primata tentando descobrir a cura para o câncer. O caminho a ser trilhado é demasiado longo e não temos tecnologia suficiente para isto em nosso estágio atual de evolução científica. Eu que me limitaria a pesquisas teóricas em minha carreira, fui jogado nu em meio à esta selva de projetos e práticas com um fim que desconheço. De qualquer forma, aceitei prosseguir.

O Dr. Monroe e o Dr. Moshower já pesquisavam algo similar antes de minha chegada, mas quando tiveram conhecimento de minhas pesquisas em Stanford, resolveram reformular o projeto desde o início, crendo ser o melhor caminho. Basicamente, Harold pesquisava os artificios neurais para chegar a um comando efetivo da mente e Alfred tratava de desenvolver mecanismos físicos para a emissão dos sinais. Minha chegada foi um reforço às pesquisas do doutor Harold Moshower.

Achei muito humilde a atitude dos doutores em aceitar descartar toda sua pesquisa anterior e regredir talvez anos de trabalho para voltarem-se ao meu método especulativo. Isto significará os próximos anos somente em pesquisa especulativa. Torço para que nós, reles primatas ante à Ciência, possamos alcançar aquilo a que nos dispomos e não seja necessária, para isto, outra geração.

Dr. Robert Bryce Parker, 21 de novembro de 1946

Estados Unidos, 1952

Finalmente retorno a estes relatos. Já havia me esquecido de cunhá-los, tamanha concentração a minha ao longo desses anos. Percebi que começo a me esquecer dos meus familiares. Hoje me peguei lembrando do rosto de minha mãe. Na verdade, sei que ele já não é como minha lembrança. Não sei o que eles pensam sobre mim após tanto tempo. Infelizmente estamos incomunicáveis, devido à extrema confidencialidade deste projeto.

As pesquisas evoluíram incrivelmente bem. Nossos testes para comprovar a hipótese têm sido muito bem sucedidos. Ao longo desses anos, analisamos cérebros de oitenta espécies diferentes de animais, incluindo o cérebro humano, para confirmar a existência de um padrão comunicacional. Em alguns de nossos testes, todos corresponderam de forma idêntica a estímulos básicos. Após este reforço prático, sinto que estamos solidificando minha hipótese da linguagem universal. Através destes testes, ao separar os sucessos dos insucessos, também tivemos um prenúncio do caminho a ser seguido para efetuar qualquer comunicação. Nosso próximo passo é aprofundar este escopo e nos concentrar agora, no cérebro humano.

Devo acrescentar que após a conclusão desta primeira fase de testes com sucesso, algo entusiasmante aconteceu, o próprio presidente Truman veio nos visitar e conhecer as instalações. Realmente creio que seja algo de suma importância para o governo, analisando o discurso que ele nos fez ao chegar. Me senti estimulado.

O general Groves tem nos visitado regularmente para inspecionar o progresso. Oficialmente ele já não está mais em serviço, tudo tem sido feito com o máximo de cuidado para que ninguém descubra sobre esta pesquisa. Deve ser algo realmente muito importante.

Porém, ainda me pergunto qual será a finalidade de todo esse projeto, uma vez que ele se concentra em humanos de forma apressada, e não na mente animal como um todo. Que tipo de comunicação precisaria de todo este artifício, uma vez que nós já temos a linguagem?

Dr. Robert Bryce Parker, 17 de julho de 1952

Virgínia, 1957

Hoje eu descobri a localização de nossas instalações, um centro de estudos imerso no verde dos bosques da Virgínia, construído especialmente para nós. Creio que minha descoberta se deva muito mais à confiança que eles depositam hoje em mim do que à minha perspicácia investigativa.

Iniciamos a segunda fase das pesquisas, agora exclusivamente em humanos. Confesso que estou extremamente incomodado com a ética de nosso estado atual. Um número médio de homens, talvez uns vinte deles, condenados à cadeira elétrica ou câmara de gás - isto segundo relatório do governo - foram trazidos para nossos testes. Ainda desconfio deste método de seleção. Estes pobres homens serão “cobaias” de nossos testes mais sérios, do atual e próximos estágios. Não temos certeza se haverá efeitos colaterais, posto que nossos testes são

sonoros, mas ainda considero algo perigoso e arriscado para o momento. Procurei saber as causas de suas condenações, na esperança de encontrar alento ante ao que vamos fazer, mas nada consta nos relatórios. A ausência de uma culpa que recaia sobre aqueles indivíduos não me permite deixar de enxergá-los como vítimas das nossas mãos.

Ainda estamos compreendendo o limiar da mente, não sabemos que efeitos os estímulos causarão naqueles homens. O general, porém, assim como os outros doutores, não cansa de repetir “mártires pelo bem de todos”. O Dr. Monroe, na verdade, não me convence o suficiente, quando ele repete essas palavras em forma de mantra, não vejo uma preocupação real em seu olhar quanto a isso.

Robert Parker, 29 de agosto de 1957

Mais uma vez Virgínia, 1961

Finalmente entendo os objetivos reais por detrás disto tudo. Agora posso relacionar o porquê dos experimentos em humanos e o trabalho do Dr. Monroe com física e propagação de som.

Em nosso estágio atual, conseguimos dados suficientes para levantar a hipótese de arbitrariedade da mente. Segundo desconfiamos, a pessoa passa por três estágios mentais na comunicação:

Primeiro, recebe o sinal ou estímulo, através da audição, visão ou seja qual for o sentido.

Após isto, ela traduzirá aquele dado em informação, transformando o que recebeu em significado. Neste estágio, seu consciente vai analisar a informação e valida-la ou não. A exemplo, se receber uma ordem, vai analisar seu entremeio e decidir se cumprirá ou desobedecerá. Se sente sede, vai decidir se bebe água ou não.

No último estágio, ela traduzirá a informação para a língua original, o código fonte de que tratei em minha pesquisa, e a enviará para o cérebro (órgão) de forma arbitrária, fazendo seu corpo obedecer à ordem final, dada pela mente.

Segundo esta hipótese que estamos tratando, a língua original é a base e o meio entre o raciocínio e a ação. Foi quando me dei conta da união dos fatos, que compreendi as intenções do governo com este projeto. Seu objetivo é desenvolver uma ferramenta que atinja o cerne da mensagem nesta língua original, ultrapassando qualquer fase de consciência e raciocínio do indivíduo e indo direto ao comando prático dado ao corpo. Uma ordem irrecusável, independente de ideologias, subordinação ou qualquer opção que a pessoa possa ter de análise. Um comando que transforma o indivíduo biológico em uma máquina perfeita para executar qualquer ordem.

É nisto que estamos trabalhando em todos estes testes. Esta descoberta tem me incomodado

terrivelmente, já não consigo deitar a cabeça no travesseiro em paz desde que me dei conta da realidade... Não sei o que fazer quanto a isso, estou envolvido nesta arapuca, sem meios para escapar.

De acordo com os estímulos que damos às cobaias às pessoas, analisamos suas reações e tentamos compreender como funciona esta língua primordial. Infelizmente, é como tatear às cegas, não há qualquer método que possa auxiliar durante este estágio. Mesmo assim, percebemos algum avanço nos primeiros testes. As primeiras cobaias responderam a alguns estímulos simples, esboçando reações que queríamos, mesmo sem usarmos palavras para isto, apenas sons que acreditamos ser parte desta linguagem.

Creio que estejamos prontos para aprofundar o nível dos testes.

Robert Parker, 2 de janeiro de 1961

Inferno, Virgínia

Realizamos os testes mais afundo. Confesso que o resultado foi decepcionante quando saímos da fase de estímulos leves, como piscar um olho ou abrir e fechar a boca. Nessa nova fase, as cobaias demonstraram reações totalmente distorcidas.

De acordo com nossos estudos, presumimos um sinal que efetuasse a simples ordem de pegar algo em cima de uma mesa. Expusemos as primeiras cobaias ao sinal, em nossa câmara de testes vedada ao som, para nossa proteção. As primeiras cobaias sofreram sangramentos nasais e algumas desmaiavam, entrando em estado de lobotomia total. Outras perderam a consciência e já não respondiam a nada que disséssemos. Perdemos muitas cobaias nesta fase, sem nenhum avanço teórico ou prático. Temo que não haja tempo hábil para que chegue um novo grupo e possamos continuar os testes, causando um grande atraso nas pesquisas.

A parte mais tediosa do trabalho é fazer estes relatórios, dizendo sempre a mesma coisa sobre cada cobaia e explicando o porquê da falha.

O Dr. Moshower ameaçou abandonar o projeto, após uma discussão acalorada com Dr. Monroe, devido às experiências. Não sei como será o andamento daqui em diante. Estou trabalhando arduamente para tentar refinar a qualidade de nossos sinais e compreender melhor esta língua primordial da natureza.

Robert Parker, 8 de janeiro de 1963

Inferno que me aprisiona, 1965.

Confirmamos os primeiros acertos. Eu já não suportava mais a mesma repetição de erros. O novo carregamento de cobaias já chegou, com sessenta novos indivíduos. Segundo ouvi, mais outros sessenta estão a caminho. Eu não imaginava que tínhamos tantas celas neste lugar medonho.

Trouxeram alguns loucos dentre as cobaias. Eles podem tornar-se uma parte interessante dos experimentos. Se a linguagem funciona realmente, eles também demonstrarão os mesmos resultados nos testes, provando que a linguagem está além da consciência. Creio que ela funcione.

Dentre os testes que projetamos, escolhemos um para iniciar esta nova fase. Pusemos cinco peças de xadrez sobre a mesa, os dois reis, uma dama branca, um cavalo preto e um bispo preto. A ordem era pegar o cavalo. As primeiras cobaias não corresponderam como queríamos, nos obrigando a modificar gradualmente o sinal transmitido. Duas semanas depois, a cobaia de número vinte e oito pegou finalmente o cavalo após transmitirmos o sinal com a ordem. Após isto, teve de ser descartada, pois não respondia mais a nenhuma ordem que déssemos. A cobaia de número trinta e um também conseguiu pegar o cavalo corretamente, confirmando que a primeira não era apenas coincidência. Isto nos deu novo fôlego para continuar. Vamos prosseguir, agora refinando ainda mais o sinal e acrescentando itens às ordens dadas.

Me sinto um prisioneiro neste lugar. Não saímos do complexo para nada, não há permissão. Dezenas de soldados cercam todas as saídas do prédio, parece que somos nós os criminosos. Vejo a luz do sol somente quando visito o pátio nos horários de almoço. Há uma semana que mal vejo a luz do dia, devido às fortes chuvas que tornam inconvenientes possíveis saídas após o almoço. Isto não seria trabalho escravo? Não sei até que ponto poderia traduzir esta opressão como segurança. Meu maior desejo é terminar este projeto para ser liberto de tudo isto.

O general Groves já sabe de nossas insatisfações, mas creio que não haja opções por parte dele.

Parker, 17 de janeiro de 1965

Hades, Inferno, 1969

Evoluímos. Aos poucos sinto aproximar-me de minha liberdade. Hoje tivemos um progresso importante nos experimentos. A cobaia de número cento e vinte e um correspondeu de forma perfeita às ordens dadas pelo sinal. Era uma mulher, jovem. Pegou uma caneta na mesa e andou até o espelho. Um tempo depois, foi capaz de escrever o que queríamos: sucesso. Foram horas de comemoração em nosso espaço. Fizemos uma espécie de festa naquele dia, vergonhosamente vazia, pois éramos poucos nas instalações, mas sinceramente alegre. Litros de uísque de primeira surgiram de algum lugar hediondo para a comemoração. Dr. Monroe

dançou como um velho louco, após alguns copos e goles dados nos gargalos. Não sei até que ponto a sua loucura era proveniente do álcool, ou inerente a ele mesmo...

Agora eu vejo uma possibilidade de encerrar esta clausura.

O Dr. Monroe também está tendo sucesso em seus dispositivos de expansão sonora. Com falantes cada vez menores, vem conseguindo excelentes resultados em propagação de som. Não sei o que ele tem feito para chegar a isto, mas não sou grande teórico em física e acústica.

Tenho pensado o que o governo vai fazer com esta tecnologia. Juntando o dispositivo de Alfred com nossa pesquisa para dar ordens arbitrárias a seres humanos, o país terá uma arma com grande potencial. É intenção militar, com certeza, só pode ser.

De qualquer forma, ainda há uma grande variação entre as cobaias, e uma mínima taxa de acertos, embora já tenhamos evoluído consideravelmente. O Dr. Moshower tem dúvidas a respeito de esta linguagem primordial ser um padrão de verdade, por causa dessas variações. Eu arrisco dizer que o problema está em nosso método, nossa tecnologia atual. Talvez seja uma falha na intensidade, ou no próprio sinal, pois, mesmo com aquelas variações, no geral as cobaias têm correspondido de forma parecida. E não podemos ignorar que em todos os testes não houve hesitação ou qualquer demonstração de raciocínio por parte delas, o que ratifica nossa teoria inicial sobre a arbitrariedade da ordem sobre o nível da consciência.

No entanto, ouvimos hoje boatos sobre uma possível mudança no projeto e saída destas instalações. Não sei o que pretendem fazer a partir de agora. Dr. Monroe crê que tudo será descontinuado, devido ao perigo de ser exposto a outras nações. Após a nossa experiência com o projeto Manhattan e os Rosenberg, o governo aprendeu duras lições que hoje insiste pôr em prática. Se o mundo souber destes experimentos, o país entrará numa crise terrível de relações diplomáticas.

Parker, 22 de setembro de 1969

Virgínia, 1974

Reinício meus registros.

Os ventos são outros. Passei as últimas décadas naquela prisão maldita, pensava que fosse enlouquecer naquele lugar infernal. As pesquisas se congelaram e não conseguíamos mais continuar o trabalho como devíamos, creio que pelo nosso estado de degradação mental. Mas após a morte do Dr. Moshower, as coisas mudaram.

Fomos trazidos para novas instalações, aqui mesmo, na Virgínia, e temos agora um contrato de liberdade, podendo sair com certa periodicidade, visitar centros urbanos, tudo com altíssima vigilância, claro. Temos uma nova política de segurança, graças ao presidente Nixon.

Disfarçar é melhor que esconder, em sua opinião. Vamos trabalhar como pesquisadores comuns, no que parecerá um departamento conhecido ao público, dentro da DARPA. Esta camuflagem nos dará maior liberdade para existir.

Com esse renovo, creio que conseguiremos novamente progredir em nossas pesquisas. Não sei mais até que ponto isto me deixa feliz, não sei até que ponto minha humanidade resiste dentro de mim, após tantos experimentos. Sou egoísta por desejar terminar logo isto tudo e me libertar?

Me dei conta que não sinto mais culpa ao fazer os testes. Há muito tempo não sofria mais com preocupações, o costume é um forte solvente de princípios... Porém, o fato de eu me dar conta disso pode ser um bom sinal, eu creio. Talvez não tenha perdido mesmo esse senso de humanidade dentro de mim, talvez. Mas será que esta percepção me veio tardiamente?

Parker, 30 de março de 1974

Novas instalações da Virgínia, 1978

Me dei conta de que minha vida está passando. Minha família se resumiu a algumas lembranças. Sinto saudades dos meus tempos de colégio, da universidade.

Hoje recebemos o anúncio de que faremos testes em campo no próximo mês. Estes testes poderão ser definitivos para o projeto, um salto importante, como ouvimos do próprio presidente. Seremos levados ao território afegão, numa região onde se descobriu a localização de um grupo terrorista minoritário, sem muita importância nos jornais.

Este será o primeiro teste real utilizando o dispositivo desenvolvido pelo Dr. Alfred Monroe.

Uma vez comprovada a eficácia do experimento, estudaremos as formas de aplicação, de acordo com os interesses do governo. Vejo finalmente uma porta de saída deste inferno que eu mesmo aceitei entrar.

Os questionamentos que faço a respeito da ética que abandonei no início desta caminhada têm batalhado contra mim numa luta dialética contra o desejo de chegar ao fim desse projeto o quanto antes. O que sucederá quando terminarmos isto? O que o país fará com esta tecnologia? Sinto que perderei novamente o sono com esses novos pensamentos. Mesmo assim, não vejo outro caminho, senão acatar a vontade do presidente. Não se diz não ao governo dos Estados Unidos da América.

Parker, 18 de abril de 1978

Islamabad, Paquistão, 1978

Os testes em campo finalmente foram feitos. Sob a supervisão do comandante Gibson e sua companhia, especialmente treinados para esta missão, rumamos ao Afeganistão, para a localização marcada. O objetivo da missão era realizar os testes na prática, em um grupo que estivesse em seu próprio habitat, vivendo a vida comum, ou o que se considera uma rotina. Decidimos por realizar os testes em um grupo de interesse militar, neste caso, terroristas, o que nos livraria de qualquer acusação ética, ou pelo menos serviria como um álibi.

Viajamos para o Paquistão, para uma base americana situada em Islamabad, que serviria de ponte para o alojamento de uma célula terrorista próxima dali, recém descoberta em uma zona de cavernas. A geografia do local nos daria ainda um novo item de avaliação de interesse militar, pois teríamos a oportunidade de ratificar se as projeções de alcance do dispositivo sonoro para zonas de difícil acesso estavam corretas. Em outras palavras, se a arma devastaria mesmo os que estivessem dentro das cavernas, poupando nossos soldados a exposições de risco durante invasões futuras.

Passamos os primeiros três dias na base, estudando o perímetro do alojamento e planejando a operação da forma mais segura. No quarto dia, seguimos ao local para a realização do teste. A operação se resumia, basicamente, a cercar o perímetro com soldados e lançar a bomba no centro, onde ficava a entrada das cavernas, observando de longe o que sucederia ali. O dispositivo estava programado com uma gravação que nós acreditávamos, iria ordenar aqueles homens a eliminarem a si mesmos, sem necessidade de nenhuma ação dos nossos soldados. Eu já havia testado exaustivamente o caso em laboratório, mas somente com dois ou quatro indivíduos, executando informações sonoras que teoricamente lhes provocariam uma necessidade irrecusável de matar uns aos outros. Desta vez seria em toda uma comunidade.

Confesso que estava ansioso por fazer aquele teste, por mais que eu percebesse o quão maligno pudesse ser, aquilo havia se tornado a minha vida, o único motivo pelo qual vivi todos aqueles anos solitários. O que aconteceu lá, porém, trouxe-me outra compreensão a respeito do que fiz. A realidade é sempre pior do que nós imaginamos.

Não tive opção a não ser relatar a experiência de forma mais interiorizada. Tenho esperanças de convencer a quem quer que leia isto de que minhas decisões foram pelo bem de todos.

O experimento havia sido um sucesso. Eu caminhava logo após o comandante Gibson até o local da operação, passando por entre os cadáveres dos aproximadamente cinquenta homens que trabalhavam desde o início do vale até a entrada da caverna, espalhados em volta do dispositivo, em direção ao único que restara vivo após a carnificina. Tanto eu quanto o comandante empunhávamos rifles de assalto prontos para atirar no mártir enlouquecido caso ele reagisse. Eu não tinha experiência com armas, mas precisava de uma naquele momento, qualquer coisa poderia acontecer.

Antes mesmo de chegar até ele, pude ter uma noção do estado em que o homem se encontrava. O experimento funcionara assustadoramente bem, nenhum resquício de sanidade havia

permanecido em seu comportamento. Ele virava-se de um lado para o outro aleatoriamente, desesperado, e mantinha uma postura arqueada, num estado quase bestial. Seus olhos esbugalhados pareciam enxergar coisas terríveis, tamanho medo que sentia, e não aparentava ao menos ter percebido que a perna direita havia sido alvejada por balas de alto calibre e sangrava copiosamente. Pude ver também seu dedo trêmulo apertar incessantemente o gatilho de sua AK-47 que já não tinha mais balas. O homem foi reduzido a um verme. Boquiaberto, ele não demonstrava vestígios de raciocínio e babava sobre sua vestimenta desértica. Foi ali, naquele instante, que o medo me encontrou.

A poucos metros do último sobrevivente, acabei percebendo algo estranho e preocupante. Enquanto caminhava, senti uma leve fraqueza em meus braços, baixando a arma de repente, um lampejo de escuridão tomou minha visão por um segundo. Parei de andar, meu equilíbrio oscilava. O comandante percebeu e, olhando para mim, perguntou:

-Algo errado Dr. Parker?

-Creio que não...

-Tome cuidado, o cheiro de sangue pode dar tonteiras.

Eu nunca tive problemas com isso, já havia passado por situações parecidas e estava acostumado com o odor sanguíneo, mas um novo lampejo aconteceu, quase tropecei num dos mortos. Tentei manter o passo para Gibson não perceber, mas ao terceiro apagão minha confiança desmoronou sobre minha sanidade. Ao abrir os olhos, vivi o pior momento que poderia imaginar em minha vida. Pude ver, sobre cada homem caído ao chão, uma figura sombria, de pé, com enormes olhos brilhantes, e todas pareciam olhar para mim. Os seres eram tão negros que pareciam sugar a luz do sol e não tinham massa corpórea, mas seus corpos se mostravam instáveis, sem solidez, como a areia que o vento leva. Todos os vultos tinham uma postura arqueada parecida com a do homem que ainda estava de pé e, como leões que cercam sua presa, acompanhavam com o rosto cada passo que eu dava.

Isso era muito assustador, por mais que eu desconfiasse não ser real. Eu estava cercado por seres demoníacos, e o cenário cooperava com a situação, pois estávamos em frente a uma grande e escura caverna afegã, um esconderijo de uma célula pequena de extremistas assassinos, dos quais apenas um restava vivo. À nossa volta, em um perímetro com raio de quatrocentos metros, havia inúmeros soldados posicionados, atiradores de elite, prontos para disparar a qualquer sinal de descontrole dos terroristas, e eu sabia disso, mas naquele momento pareciam ser somente eu, Gibson e o afegão.

Maldita proteção de ouvidos.... pensei, quando lembrei-me que o protetor do lado esquerdo havia deslizado um pouco para o lado no momento da execução do teste e eu lutei durante certo tempo para fixa-lo novamente, sendo exposto a boa parte do ruído, ainda que em bem pouco volume.

Tentei, juro, continuar andando, mas de repente, após um piscar de olhos, me deparei com um

daqueles vultos, cara a cara, podia sentir sua respiração e ouvir os grunhidos de sua alma aprisionada e sofrida. A fera lentamente abriu sua boca, e eu olhava, atônito, aquele ser de escuridão vindo em minha direção e me engolindo. Nunca estive em tamanha escuridão. Quando percebi, estava caído ao chão, cara a cara com um cadáver afegão que terrivelmente parecia me olhar, com a boca aberta em desespero. A poeira já misturada ao sangue grudava em minha roupa e eu não esbocei reação alguma, a não ser virar para o outro lado e ver Gibson vindo em minha direção, dizendo:

-Pelo jeito você não aguentou o sangue! – rindo. – Cambaleou por uns cinco metros até cair...

O homem-fera ouviu o barulho de minha queda, parou de andar em círculos e, como um suricate, levantou-se de sua postura curva, olhando em nossa direção. Tive a impressão de que ele nem ao menos conseguia nos enxergar, tamanha era sua imersão no mundo infernal em que o colocamos...

A situação me deu uma nova interpretação sobre os resultados do experimento e a fase em que nos encontrávamos. O afegão parecia ter seus sentidos desativados e estar sendo guiado somente pela audição, o que fazia sentido, pois era isso que o dispositivo fazia, usar o som para acessar o mais profundo da mente humana. Aquele homem foi exposto a todo o procedimento quando a bomba se ativou e executou a chave sonora.

Pode parecer uma tremenda ironia do destino, mas eu, o criador de todo o projeto, após décadas de estudo e desenvolvimento, me tornei vítima de meu próprio mal apenas por uma falha simples: não tapei totalmente os ouvidos. Idiota! Dizia eu para mim mesmo...

Comecei a imaginar o tamanho da aflição em que aquela vítima se encontrava, se eu, que fui exposto a ouvir poucos segundos de minha própria criação, pois logo tratei de encaixar melhor a borracha no ouvido, já sofria tamanha alienação e ilusões, quanto mais ele, que experimentava o terror completo. Isso explicava porque sua perna quase destruída não fazia diferença para ele, ou também porque ainda não nos tinha visto, a tão poucos metros de distância. Por um instante, por mais que eu soubesse de toda a culpa e a ausência de escrúpulos de seus corações ao matar inocentes por uma causa egoísta, tive pena daqueles homens.

Gibson me levantou do chão.

-Que ironia Sr. Parker, - disse ele ao me puxar. – não aguenta ao menos sentir o cheiro da morte que o senhor mesmo lhes causou?

Sim, eu havia provocado aquilo tudo. Ele estava certo...

-Dado o efeito que causamos em suas mentes, sou levado a crer que para eles, matarem-se devem ter sido a sua melhor solução... – desabafei.

Gibson não entendeu o que eu quis dizer, mas eu também não imaginava tamanha malignidade de meu experimento até provar eu mesmo de seu sabor. Eu não apenas matei assassinos, mas

dei-lhes um terrível castigo que talvez somente tenha sido aliviado pela morte. Minha intenção era controlar suas decisões e fazê-los responder às ordens gravadas no dispositivo, naquele caso, matarem uns aos outros. E foi o que eles fizeram, mas somente agora eu sabia o porquê, e era bem pior do que pretendia ser...

-Senhor, - disse Gibson, no rádio, ao general que acompanhava de Washington, eu apenas ouvia. – a operação foi um sucesso, senhor. Finalmente o resultado foi perfeito, zero por cento de erro!

-Alguma baixa americana? – perguntava o general.

-Nenhuma, senhor. E nenhuma bala disparada por nossos soldados!

-Perfeito.

-Há um sobrevivente, ele também foi afetado, levaremos para que o Dr. Robert Parker estude os efeitos posteriores ao ataque.

-Traga-o, mas isso será confidencial.

-Entendido, senhor.

Quando eles terminaram a conversa, caminhamos até o louco. Ele ainda tentava nos localizar pelos nossos passos. Seus olhos reviravam-se e olhavam sem direção, realmente não nos via, não devia mais enxergar nada, mas quando teve certeza de onde estávamos, ofegante e grunhindo como uma fera, tentava atirar em nós sem sucesso, pois não tinha mais balas em sua arma enferrujada.

Gibson parou em sua frente e bateu de leve com a coronha da arma em sua testa, rindo. O homem não sentiu, não aparentava ter tato. Eu me angustiava cada vez mais, ainda podia ver os demônios negros como o breu com seus olhos brilhantes a nossa volta e ouvia seus grunhidos, mas diferente daquele afegão, ainda possuía minha sanidade e meus sentidos ativos. Tentava imaginar o que aquele homem estava passando naquele momento, sabendo que seu estado era muito pior que o meu.

-Vamos leva-lo para o seu laboratório, assim o senhor poderá estudar os efeitos dessa nova fase do projeto. – disse Gibson, acenando para os soldados virem buscar o homem.

Eu precisava tomar minha decisão naquele momento, não suportaria consentir em manter aquele homem em tal estado por mais tempo. Quantos dias ou semanas ele viveria até que morresse de fome ou fosse morto por nós? Julguei a mim mesmo. Ainda há ética em você, Parker? O projeto inicial não era toda aquela atrocidade, era algo benéfico, algo que seria capaz de terminar uma guerra sem baixas, capaz de imobilizar um exército sem um único disparo, somente através de uma bomba sonora. Mas chegamos a tal ponto...

Empunhei minha arma e mirei naquele homem. O que seria pior, morrer ou viver naquele

inferno? Fiz minha escolha, descarreguei metade de um pente, até ter certeza de tê-lo matado.

-Por Deus! – gritou Gibson. – O que foi isso, doutor?

-Não precisamos dele, já pude entender os efeitos.

-Não me assuste assim! Por um instante pensei que o senhor estivesse como ele!

-Eticamente, Gibson, creio que não estamos muito longe. – resfoleguei sem disfarçar nada.

-Pensei que ele fosse útil... – era claro como ele estava confuso com o que fiz.

-Há certas coisas na ciência que se limitam à observação, comandante, sobrepor seus limites pode nos fazer perder nossa própria humanidade.

-Bem... – disse ele sem me compreender. – se o senhor está satisfeito, precisamos agora fazer o relatório do experimento. A propósito, qual o nome escolhido para esta nova fase do projeto Elisa?

Eu pensei por um instante, lembrei-me dos nomes que havia cogitado anteriormente, nenhum deles serviria mais. Só havia um, antes impensado, mas agora perfeito, após tudo isso que vi:

-Pandora, creio eu.

-É um bom nome, “Experimento Pandora”. Mas qual o significado para essa escolha?

-É como a própria história, se você não sabe o que está lá dentro, nem queira descobrir...

Robert Parker, 25 de maio de 1978

Virgínia, DARPA, 1978

Tenho me deparado ante um cáldo sentimento de culpa nos últimos dias. Já havia me esquecido de seu significado. Sinceramente, não lembro-me quando deixei de ser humano... Somente quando provei, foi que pude sentir o quão amargo era o meu próprio veneno. Não sei o que pensar a respeito.

Tive meus aposentos revistados ontem. Suspeitaram da enorme quantidade de medicamentos que me apropriei na enfermaria e resolveram intrometer-se em minha privacidade. Pensam que eu quero me matar. Eu devia ter sido mais rápido com isso... Mas as hesitações são comuns à mente humana, não? No fim, vejo então que de alguma forma ainda sou humano. Agora todo medicamento será administrado unicamente pela enfermaria, não tenho mais acesso a grandes quantidades e, na maior parte do tempo, sou agora vigiado.

Estou desconfiado se os testes estão realmente indo no caminho certo. Sinto-me como um pai que descobre os segredos infelizes de seu filho. Pela primeira vez pude ver minha experiência pelo ângulo do outro, pela voz que era sempre silenciada. De certa forma, a experiência foi positiva, pois me permitiu reavaliar os métodos pelo que estava escondido detrás dos resultados. Quando lembro-me do evento de Islamabad, me pergunto: eles se mataram por causa do comando que demos, ou por causa do inferno a que os submetemos? Creio que a resposta não seja a que desejo ter. Preciso descobrir onde está esta falha, o ponto exato onde perdi a linha tênue de efeito entre a obediência e o medo.

Por outro lado, a pressão do governo está aumentando. O presidente Carter não quer envolver-se com o projeto, mas optou por não desliga-lo, acabando com minhas esperanças... Por outro lado, diversos personagens da cúpula são conhecedores dos resultados e insistem que o projeto já está suficientemente apto a maiores testes, o que tem feito crescer a pressão sobre nós.

Eu vejo de outra forma, o sucesso de meu experimento consiste em outro extremo. Sob o ângulo que agora enxergo, insisto em refletir sobre a essência que tudo tomou. Tendo em vistas o sofrimento a que fui submetido após tão breve exposição à influência sonora, não seria esta arma, um instrumento de tortura? De que maneira eu poderia diferencia-la de ações que constituem crimes de guerra? Não conseguirei conviver muito tempo com esses questionamentos, caso o projeto seja colocado em prática no atual estágio. Preciso encontrar uma forma de convence-los a dar-me mais tempo...

Robert Bryce Parker, 18 de junho de 1978

Virgínia, DARPA, 1981

Os últimos três anos foram de grandes discussões com meus superiores. Estou em um beco sem saída, o novo presidente está por demais interessado neste projeto e o governo deseja de uma vez por todas apossar-se desta arma para fins que eu não compreendo, senão de uma forma um tanto incômoda.

É certo que tive grandes avanços em minha pesquisa após o falecimento do Dr. Alfred Monroe. Quando assumi o comando do projeto em seu lugar, livre-me de sua metodologia um pouco arcaica e o trabalho finalmente levantou voo. Não posso negar que a tecnologia que temos acesso hoje com o alto investimento do governo facilitou muito o crescimento teórico e prático. Temos todo tipo de aparelhos de ponta para trabalhar.

Esses avanços me permitiram corrigir uma quase infinidade de erros no dispositivo, que, creio eu, não causarão mais aquele terror do qual eu mesmo experimentei. As ordens dadas ao cérebro são mais claras e funcionam melhor. A taxa de sucesso é o único problema real que enfrento; mesmo após tantas pesquisas, nenhum resultado foi tão certo quando o de Islamabad, sempre algo em torno de um dízimo das cobaias não corresponde às ordens dadas.

Mesmo assim, para uma operação militar, o dispositivo Pandora seria algo revolucionário.

Cri por algum tempo que o sucesso em corrigir os erros do projeto pudesse me trazer paz quanto ao seu uso, mas estive errado. Não consigo me convencer que entregar isto nas mãos de homens poderosos e sem alguma reflexão possa ser algo positivo... O que eles farão com isto? Quantos vão sofrer?

Ter assumido o comando do projeto me trouxe uma possibilidade. Com a morte de meus dois companheiros pesquisadores, sou o único agora que conhece todo o trabalho, meus comandados são apenas designados a partes do projeto, não teriam condições de continuar nada sem mim. Por muitas vezes, na verdade, todos os dias, me pego pensando em acabar com tudo isto, destruir cada nota, cada escrito sobre minha criação. Esta seria uma solução interessante, mas assim que esfria o furor inicial de tomar uma atitude impulsiva, penso em tudo o que abri mão por este projeto. Vivi minha vida aqui, dedicado somente a isto... Quando este infeliz pensamento me visita, perco as forças de fazer algo. É como um pai que recebe a ordem de matar seu filho. Como eu poderia? E se ele tornar-se algo bom? Se puder ajudar a outros? Estou diante de uma decisão que mudará o futuro da humanidade, mas eu não sei para que fim. Há alguém no mundo com um questionamento tão doloroso?

Robert Parker, 3 de abril de 1981

DARPA, 1981

Eu diria que alguém olha por mim em algum lugar do universo, se possuísse alguma fé! Pensava que não teria saída, mas acho que ela mesma me encontrou. Durante um pequeno recesso que tive, com permissão para tentar viver como um civil, desses que tinha uma vez por mês, deparei-me com uma situação inusitada ao fazer compras num pequeno mercado do bairro.

Eu pegava alguns produtos nas prateleiras quando um jovem disputou uma caixa de sucrilhos comigo. Instantaneamente me pus irritado, mas quando fitei-o, ele abriu um pequeno sorriso no canto da boca e deixou a caixa em minhas mãos. Quando vi, havia um bilhete, que peguei e guardei em um bolso, antes que um dos meus vigias pudesse ver.

Na primeira oportunidade, li o recado e reescrevo aqui.

O que farão quando você entregar tudo? Os poderosos só querem mais poder. Você viveu para este projeto e morrerá por ele. Entregue-o a eles e só confirmará o que você já sabe. Por que dedicou-se a desenvolvê-lo? Só há duas opções: destrua-o ou use-o contra eles...

Há noites que não durmo por causa deste pequeno pedaço de papel...

O que isto significa? Mesmo sem saber, creio que é aqui que encontro a solução para este meu

infortúnio...

Robert Parker, 29 de abril de 1981.

DARPA, 1982

Até então, minha maior decisão era ter aceito este projeto. Hoje é o que farei com ele. Destruí-lo? Jamais teria forças para destruir o objeto motor de minha vida. Reconheço minhas fraquezas... Se o destruísse, eu morreria juntamente com ele.

O que farei esta noite poderá resultar em minha morte, mas se o for, morrerei com a consciência tranquila por ter tomado as melhores decisões possíveis. É o que penso.

Meu projeto é terrível demais para estar nas mãos do governo, e maravilhoso demais para ser destruído... Se eu o criei, sou eu o mais digno a ocupar o posto de dar a ele a utilidade certa. E assim o farei, não aqui, não neste momento. Ainda preciso lapidar esta pedra até que tenha o brilho certo, mas quando estiver pronta, será para tornar o mundo melhor, e não para subjuga-lo a uma única fonte de poder.

O que farei nesta única noite é tão importante quanto o que fiz em minha vida inteira, é o destino o que justifica a criação, minha possível redenção após tantos pecados. O que farei em algumas horas, nisto estou convencido, é o estopim do que mudará o futuro do mundo.

Considerações do autor

Primeiramente, obrigado pela leitura!

Meu objetivo principal é alcançar e agradar você. Escrever e ser lido. Sei, e reconheço, que há um longo caminho de crescimento e evolução à minha frente, e que cada obra que vier deve ser tratada como um novo desafio a ser vencido. Estou certo que posso aprimorar o meu trabalho, mas para que isso seja possível, conto com a tua opinião, com a tua crítica. Ficarei feliz em receber respostas, observações e ideias daqueles que lerem minhas obras. Fique à vontade para me contatar no endereço de e-mail *diegoandradeabreu@gmail.com* e enviar o teu feedback. E se você leu e gostou, indique para seus amigos, serei também grato por isso!

Sinceramente, Diego Andrade.